O CÉU, AS SUAS MARAVILHAS E O INFERNO

O Mundo Espiritual e a Vida depois da Morte



Autor: Emanuel Swedenborg

Edição e Preparação Digital: Gullan Greyl

Edição original: De Coelo et ejus Mirabilibus et de Inferno, ex Auditis et Visis, 1758.

Edição portuguesa concluída em 16-11-2026

Livroteca Gullan Greyl

Sinopse

O que permanece de nós quando a vida do corpo termina? Neste primeiro volume, Emanuel Swedenborg conduz o leitor por um mundo espiritual que afirma ter conhecido através do convívio com anjos e espíritos. O céu, o mundo dos espíritos e o inferno revelam-se, no seu relato, intimamente ligados àquilo que cada pessoa ama e à vida que escolhe levar.

Ao longo deste percurso, a morte dá lugar a um despertar. A memória e os afetos acompanham o ser humano, enquanto as aparências exteriores cedem perante a sua disposição mais profunda. As comunidades angélicas, a linguagem espiritual e as correspondências entre os dois mundos compõem uma visão na qual o destino da alma se relaciona com a liberdade e com os atos da existência quotidiana.

A Interação da Alma e do Corpo aprofunda a relação entre essa realidade espiritual e a experiência humana. Ao expor a doutrina do influxo, Swedenborg procura esclarecer como a vida se comunica à alma e, por intermédio dela, à mente e ao corpo. As duas obras convidam a interrogar o sentido de viver e a continuidade que o autor reconhece entre o visível e o invisível.

Esta tradução foi depurada segundo o princípio:
“Afinar o Instrumento sem Alterar a Melodia”
com apoio de Inteligência Artificial enquanto sistema de amplificação,
organização e clarificação cognitiva.
O objetivo não foi apenas traduzir, mas tornar o texto mais claro, coerente,
imersivo e diretamente experienciável, sem alterar a sua essência.

Gullan Greyl

Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor

EMANUEL SWEDENBORG

(1688-1772)

O MAPA DA REALIDADE

Obras Fundamentais em 18 Volumes





Gravura de Estocolmo, de '*Suecia Antiqua et Hodierna*', por Erik Dahlberg e Willem Swidde, 1693 — Swedenborg nasceu em Estocolmo em 1688.



Panorama de Estocolmo, visto de um balão de ar quente, c. 1868



Bispo Jesper Swedberg, pai de Emanuel Swedenborg, gravura de 1700

Índice

PARTE UM 14
O Céu 14
Prefácio acerca do Céu e do Inferno 1
CAPÍTULO 1 3
O Deus do Céu é o Senhor 3
CAPÍTULO 2 7
É o Divino do Senhor que Constitui o Céu 7
CAPÍTULO 3 11
No Céu, o Divino do Senhor é o Amor a Ele e a Caridade para com o Próximo 11
CAPÍTULO 4 17
O Céu Divide-se em Dois Reinos 17
CAPÍTULO 5 21
Há Três Céus 21
CAPÍTULO 6 29
Os Céus são Constituídos por Inúmeras Sociedades 29
CAPÍTULO 7 34
Cada Sociedade é Um Céu numa Forma Menor, e Cada Anjo na Forma Mais Pequena 34
CAPÍTULO 8 40
O Céu Inteiro, No Seu Conjunto, Reflete Um Só Homem 40
CAPÍTULO 9 46
Cada Sociedade no Céu Reflete Um Só Homem 46
CAPÍTULO 10 49
Por Conseguinte, Cada Anjo Tem Uma Forma Humana Completa 49
CAPÍTULO 11 54
É a Partir do Humano Divino do Senhor que o Céu, no Todo e nas Partes, Reflete o Homem 54
CAPÍTULO 12 71
Há Uma Correspondência entre Todas as Coisas do Céu e Todas as Coisas do Homem 71
CAPÍTULO 13 80
Há Uma Correspondência do Céu com Todas as Coisas da Terra 80
CAPÍTULO 14 91
O Sol no Céu 91
CAPÍTULO 15 99

A luz e o calor no céu 99
CAPÍTULO 16 111
Os Quatro Quadrantes no Céu 111
CAPÍTULO 17 120
As Mudanças de Estado dos Anjos no Céu 120
CAPÍTULO 18 125
O Tempo no Céu 125
CAPÍTULO 19 130
As Representações e as Aparências no Céu 130
CAPÍTULO 20 134
As Vestes Com Que Os Anjos Aparecem Vestidos 134
CAPÍTULO 21 139
Os Lugares de Residência e as Habitações dos Anjos 139
CAPÍTULO 22 144
O Espaço no Céu 144
CAPÍTULO 23 150
A Forma do Céu que Determina as Associações e as Comunicações entre os Seus Habitantes . 150
CAPÍTULO 24 160
Os Governos no Céu 160
CAPÍTULO 25 166
O Culto Divino no Céu 166
CAPÍTULO 26 170
O Poder dos Anjos do Céu 170
CAPÍTULO 27 175
A Linguagem dos Anjos 175
CAPÍTULO 28 184
A Comunicação dos Anjos com o Homem 184
CAPÍTULO 29 194
Os Escritos no Céu 194
CAPÍTULO 30 199
A Sabedoria Dos Anjos Do Céu 199
CAPÍTULO 31 212
O Estado de Inocência dos Anjos no Céu 212

CAPÍTULO 32 221
O Estado de Paz no Céu 221
CAPÍTULO 33 228
A Conjunção do Céu com o Género Humano 228
CAPÍTULO 34 237
A Conjunção do Céu com o Homem por Meio da Palavra 237
CAPÍTULO 35 247
O Céu e o Inferno Provêm do Género Humano 247
CAPÍTULO 36 255
Os Gentios ou Povos Exteriores à Igreja no Céu 255
CAPÍTULO 37 266
As Crianças no Céu 266
CAPÍTULO 38 279
Os Sábios e os Simples no Céu 279
CAPÍTULO 39 302
Os Ricos e os Pobres no Céu 302
CAPÍTULO 40 314
Os Casamentos no Céu 314
CAPÍTULO 41 331
As Ocupações dos Anjos no Céu 331
CAPÍTULO 42 337
A Alegria e a Felicidade Celestes 337
CAPÍTULO 43 356
A Imensidão do Céu 356
PARTE DOIS 363
O Mundo dos Espíritos 363
CAPÍTULO 44 364
O Que É o Mundo dos Espíritos? 364
CAPÍTULO 45 372
Quanto aos Seus Interiores, Todo o Homem é Um Espírito 372
CAPÍTULO 46 380
A Ressurreição do Homem de Entre os Mortos e a Sua Entrada na Vida Eterna 380
CAPÍTULO 47 387

Depois da Morte, o Homem Possui Uma Forma Humana Completa.....387
CAPÍTULO 48.....396
Depois da Morte, o Homem Conserva Todos os Sentidos e Toda a Memória, o Pensamento e a Afeição que Tinha no Mundo, Deixando Apenas o Corpo Terreno 396
CAPÍTULO 49.....413
Depois da Morte, o Homem É Tal Como Foi a Sua Vida no Mundo 413
CAPÍTULO 50.....432
Os Prazeres da Vida de Cada Um Transformam-Se, Depois da Morte, Em Coisas Correspondentes 432
CAPÍTULO 51.....443
O Primeiro Estado do Homem Depois da Morte 443
CAPÍTULO 52.....449
O Segundo Estado do Homem Depois da Morte 449
CAPÍTULO 53.....464
O Terceiro Estado do Homem Depois da Morte: A Instrução dos Que Entram no Céu 464
CAPÍTULO 54.....474
Ninguém Entra no Céu Por Uma Misericórdia Que Dispense os Meios 474
CAPÍTULO 55.....482
Viver a Vida Que Conduz ao Céu Não É Tão Difícil Como Se Julga.....482
PARTE TRÊS..... 496
O Inferno..... 496
CAPÍTULO 56.....497
O Senhor Governa os Infernos 497
CAPÍTULO 57.....503
O Senhor não Lança Ninguém no Inferno: É o Espírito Que Nele Se Precipita.....503
CAPÍTULO 58.....509
Todos os Que Estão nos Infernos Estão nos Males e nas Falsidades deles Provenientes, Derivados do Amor de Si e do Amor do Mundo 509
CAPÍTULO 59.....524
O Que É o Fogo do Inferno e o Que É o Ranger de Dentes.....524
CAPÍTULO 60.....535
A Malícia e os Artifícios Atrozes dos Espíritos Infernais 535
CAPÍTULO 61.....542
A Aparência, a Localização e o Número dos Infernos.....542

CAPÍTULO 62 551
O Equilíbrio entre o Céu e o Inferno 551
CAPÍTULO 63 559
Pelo Equilíbrio entre o Céu e o Inferno, O Homem Está Em Liberdade 559
1. Excertos dos Arcanos Celestes Acerca da Liberdade do Homem, do Influxo e dos Espíritos Pelos Quais Se Efetuam as Comunicações 564
A Interação da Alma e do Corpo 573
1. As Três Hipóteses acerca da Interação da Alma e do Corpo 574
2. O Influxo Espiritual e a Ordem da Sua Exposição 575
I. Há Dois Mundos: O Mundo Espiritual, Onde Estão os Espíritos e os Anjos, e o Mundo Natural, Onde Estão os Homens 579
II. O Mundo Espiritual Surgiu e Subsiste a Partir do Seu Próprio Sol, e o Mundo Natural a Partir do Seu Sol 580
III. O Sol do Mundo Espiritual É Puro Amor Proveniente de Jeová Deus, Que Está no Seu Centro 582
IV. Desse Sol Procedem Calor e Luz; o Calor Que Dele Procede É, aa Sua Essência, Amor, e a Luz É, na Sua Essência, Sabedoria 584
V. Tanto Esse Calor Como Essa Luz Influem no Homem: O Calor na Sua Vontade, Onde Produz o Bem do Amor, e a Luz no Seu Entendimento, Onde Produz a Verdade da Sabedoria 586
VI. Estes Dois, Calor e Luz, ou Amor e Sabedoria, Influem Conjuntamente de Deus na Alma do Homem e, através dela, na Sua Mente, nas Suas Afeições e Pensamentos, e, a Partir Destes, nos Sentidos, na Fala e nas Ações do Corpo 587
VII. O Sol do Mundo Natural é Puro Fogo e, Por Meio Desse Sol, o Mundo da Natureza Surgiu e Subsiste 590
VIII. Por Isso, Tudo O Que Procede Desse Sol, Considerado Em Si Mesmo, Está Morto 592
IX. O Espiritual Reveste-Se do Natural, como O Homem Se Reveste de Uma Veste 594
X. As Coisas Espirituais assim Revestidas no Homem Permitem-Lhe Viver como Homem Racional e Moral, isto é, Como Homem Espiritualmente Natural 597
XI. A Receção desse Influxo Depende do Estado de Amor e Sabedoria no Homem 600
XII. O Entendimento do Homem Pode Ser Elevado à Luz, isto é, à Sabedoria em Que Estão os Anjos do Céu, Segundo o Cultivo da Sua Razão; e a Sua Vontade Pode Ser Igualmente Elevada ao Calor, isto é, ao Amor, Segundo as Ações da Sua Vida. Mas o Amor da Vontade Só É Elevado na Medida em Que O Homem Quer e Faz Aquilo Que a Sabedoria do Entendimento Ensina 602
XIII. Com os Animais, Passa-Se de Maneira Inteiramente Diferente 606
XIV. Há Três Graus no Mundo Espiritual e Três Graus no Mundo Natural, Segundo os Quais Se Realiza Todo o Influxo 609

XV. Os Fins Estão no Primeiro Grau, as Causas no Segundo e os Efeitos no Terceiro 612
XVI. Por Estas Coisas Se Torna Evidente Qual É a Natureza do Influxo Espiritual, desde a Sua Origem até aos Seus Efeitos 614
3. O Debate entre Aristotélicos, Cartesianos e Leibnizianos 616
4. De Filósofo a Teólogo: O Pescador Espiritual.....619
Notas 623

O CÉU, AS SUAS MARAVILHAS E O INFERNO

O Mundo Espiritual e a Vida depois da Morte

Emanuel Swedenborg

Volume 1

PARTE UM

O Céu

Prefácio acerca do Céu e do Inferno

1. O Senhor, falando na presença dos Seus discípulos acerca da consumação da era, que é o período final da Igreja,[1] diz, perto do fim das Suas predições sobre os estados sucessivos da Igreja quanto ao amor e à fé:[2]

> **Imediatamente depois da tribulação daqueles dias, o Sol escurecerá, a Lua não dará a sua luz, as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todas as tribos da Terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vir sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E Ele enviará os Seus anjos com uma trombeta e um grande clamor, e eles reunirão os Seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade dos céus à outra (Mateus 24:29–31).**

Os que entendem estas palavras segundo o sentido da letra não creem senão que, durante esse último período, chamado Juízo Final, todas estas coisas acontecerão exatamente como são descritas no sentido literal: que o Sol e a Lua escurecerão e as estrelas cairão do céu, que o sinal do Senhor aparecerá no céu e que Ele próprio será visto nas nuvens, acompanhado por anjos com trombetas; e ainda, como se prediz noutros lugares, que todo o universo visível será destruído e que, depois, surgirá um novo céu com uma nova terra. Tal é a opinião da maioria dos homens da Igreja nos nossos dias. Mas os que assim creem ignoram os arcanos que se ocultam em cada particular da Palavra. Pois em cada particular da Palavra existe um sentido interno que trata de coisas espirituais e celestes, não de coisas naturais e mundanas, como aquelas de que trata o sentido da letra. E isto não se aplica apenas ao significado de conjuntos de palavras, mas a cada palavra em particular.[3] A Palavra foi, com efeito, escrita unicamente por correspondências,[4] para que houvesse um sentido interno em cada um dos seus mais ínfimos particulares. O que é esse sentido pode ver-se em tudo quanto acerca dele foi dito e demonstrado nos *Arcanos Celestes*, assim como nas passagens extraídas dessa obra e reunidas na explicação de *O Cavalo Branco*, de que se fala no Apocalipse.

É segundo esse sentido que se deve entender o que o Senhor diz, na passagem acima citada, acerca da Sua vinda nas nuvens do céu. O «Sol» que aí deve escurecer significa o

Senhor quanto ao amor;[5] a «Lua», o Senhor quanto à fé;[6] as «estrelas», os conhecimentos do bem e da verdade, ou do amor e da fé;[7] o «sinal do Filho do Homem no céu», a manifestação da verdade divina; as «tribos da Terra» que se lamentarão, todas as coisas relativas à verdade e ao bem, ou à fé e ao amor;[8] a «vinda do Senhor nas nuvens do céu com poder e glória», a Sua presença na Palavra e a revelação,[9] significando as «nuvens» o sentido da letra da Palavra,[10] e a «glória», o sentido interno da Palavra;[11] os «anjos com uma trombeta e uma grande voz» significam o céu como fonte da verdade divina.[12]

Tudo isto torna claro que estas palavras do Senhor significam que, no fim da Igreja, quando já não houver amor e, por conseguinte, fé, o Senhor abrirá o sentido interno da Palavra e revelará os arcanos do céu. Os arcanos revelados nas páginas que se seguem dizem respeito ao céu e ao inferno, e também à vida do homem depois da morte. O homem da Igreja, nos nossos dias, quase nada sabe acerca do céu e do inferno ou da sua vida depois da morte, embora todas estas coisas sejam expostas e descritas na Palavra; e, no entanto, muitos dos que nasceram no seio da Igreja recusam-se a acreditar nelas, dizendo no íntimo: «Quem veio desse mundo e no-lo contou?» Para que, portanto, semelhante espírito de negação, que prevalece sobretudo entre os que possuem muita sabedoria mundana, não viesse também a contaminar e corromper os simples de coração e os simples na fé, foi-me concedido conviver com os anjos e falar com eles como um homem fala com outro, assim como ver o que existe nos céus e o que existe nos infernos, e isto durante treze anos. Foi-me, pois, agora concedido descrevê-los a partir do que vi e ouvi, na esperança de que assim a ignorância seja esclarecida e a incredulidade dissipada. Esta revelação imediata é concedida nos nossos dias porque é isto que se entende pela Vinda do Senhor.

CAPÍTULO 1

O Deus do Céu é o Senhor

2. Antes de mais, é necessário saber quem é o Deus do céu, pois disso dependem todas as outras coisas. Em todo o céu, nenhum outro senão o Senhor é reconhecido como o Deus do céu. Ali se diz, como Ele próprio ensinou:

> **Que Ele é um com o Pai; que o Pai está n'Ele e Ele no Pai; que aquele que O vê, vê o Pai; e que tudo o que é santo procede d'Ele (João 10:30, 35; 14:9–11; 16:13–15).**

Tenho falado muitas vezes com os anjos sobre este assunto, e eles têm declarado invariavelmente que, no céu, não podem dividir o Divino em três, porque sabem e percebem que o Divino é Um e que esse Um está no Senhor. Disseram também que os membros da Igreja que chegam deste mundo com a ideia de três seres divinos não podem ser admitidos no céu, pois o seu pensamento vagueia de um ser divino para outro; e ali não é permitido pensar três e dizer um.[1] Porque, no céu, todos falam a partir do seu pensamento, já que ali a palavra é o produto imediato do pensamento, ou o próprio pensamento a falar. Por conseguinte, aqueles que, neste mundo, dividiram o Divino em três, formaram uma ideia diferente de cada um e não unificaram essa ideia nem a centraram no Senhor

não podem ser recebidos no céu, porque no céu há uma partilha de todos os pensamentos; por isso, se alguém ali entrasse pensando três e dizendo um, seria imediatamente descoberto e rejeitado. Mas saiba-se que todos os que não separaram o verdadeiro do bom, ou a fé do amor, aceitam na outra vida, depois de instruídos, a ideia celeste do Senhor: que Ele é o Deus do universo. Diferente é o caso dos que separaram a fé da vida, isto é, dos que não viveram segundo os preceitos da verdadeira fé.

3. Os que, no seio da Igreja, negaram o Senhor e reconheceram apenas o Pai, e se confirmaram nessa crença, não estão no céu; e, como não podem receber influxo algum do céu, onde só o Senhor é adorado, perdem gradualmente a capacidade de pensar o que é verdadeiro acerca de qualquer assunto; por fim, ficam como que mudos, ou falam de maneira insensata, e vagueiam com os braços pendentes e a balançar, como se tivessem as articulações enfraquecidas. Também aqueles que, à semelhança dos socinianos, negaram a Divindade do Senhor e reconheceram apenas a Sua Humanidade estão igualmente fora do céu; são conduzidos um pouco para a direita e descidos às profundezas, ficando assim inteiramente separados dos restantes que vêm do mundo cristão. Finalmente, os que professam crer num Divino invisível, a que chamam alma do universo [Ens universi], do qual todas as coisas teriam tido origem, e rejeitam toda a crença no Senhor, descobrem que não creem em Deus algum; pois esse Divino invisível é, para eles, uma propriedade da natureza nos seus primeiros princípios, que não pode ser objeto de fé e de amor, porque não é objeto de pensamento.[2] A sua sorte é entre os que são chamados

naturalistas. Diferente é o caso dos que nasceram fora da Igreja, chamados gentios; deles se tratará mais adiante.

4. As crianças de tenra idade, que constituem a terça parte do céu, são todas iniciadas no reconhecimento e na crença de que o Senhor é o seu Pai, e depois de que Ele é o Senhor de todos, portanto o Deus do céu e da terra. Que as crianças crescem no céu e são aperfeiçoadas por meio dos conhecimentos, até atingirem a inteligência e a sabedoria angélicas, ver-se-á nas páginas seguintes.

5. Os que pertencem à Igreja não podem duvidar de que o Senhor é o Deus do céu, pois Ele próprio ensinou:

> **Que todas as coisas do Pai são Suas (Mateus 11:27; João 16:15; 17:2).**
>
> **E que Ele tem todo o poder no céu e na terra (Mateus 28:18).**

Diz «no céu e na terra» porque Aquele que governa o céu governa também a terra, pois um depende do outro.[3] «Governar o céu e a terra» significa receber do Senhor todo o bem que pertence ao amor e toda a verdade que pertence à fé, portanto toda a inteligência e sabedoria e, por conseguinte, toda a felicidade: numa palavra, a vida eterna. Também isto o Senhor ensinou quando disse:

> **Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida (João 3:36).**

E ainda:

> **Eu sou a ressurreição e a vida; aquele que crê em Mim, ainda que morra, viverá; e todo aquele que vive e crê em Mim nunca morrerá (João 11:26, 26).**

E também:

> **Eu sou o caminho, a verdade e a vida (João 14:6).**

6. Havia certos espíritos que, enquanto viviam no mundo, tinham professado crer no Pai; mas do Senhor tinham a mesma ideia que de qualquer outro homem e, por isso, não acreditavam que Ele fosse o Deus do céu. Por essa razão, foi-lhes permitido andar por onde quisessem e perguntar se existia algum outro céu além do céu do Senhor. Procuraram durante vários dias, mas em parte alguma o encontraram. Eram dos que colocam a felicidade do céu na glória e no domínio; e, como não conseguiam obter o que desejavam e lhes foi dito que o céu não consiste em tais coisas, indignaram-se e desejaram um céu onde pudessem dominar os outros e distinguir-se pela glória, como no mundo.

CAPÍTULO 2

É o Divino do Senhor que Constitui o Céu

7. Aos anjos considerados coletivamente chama-se céu, pois eles constituem o céu; e, contudo, o que constitui o céu em geral e em particular é o Divino que procede do Senhor, flui para os anjos e é recebido por eles. E, como o Divino que procede do Senhor é o bem do amor e a verdade da fé, os anjos são anjos e são o céu na medida em que recebem do Senhor o bem e a verdade.

8. Todos nos céus sabem, creem e até percebem que nada de bom querem ou fazem por si mesmos, e que nada de verdadeiro pensam ou creem por si mesmos, mas unicamente a partir do Divino, portanto do Senhor; e também que o bem proveniente de si mesmos não é bem, e a verdade proveniente de si mesmos não é verdade, porque não têm em si vida alguma proveniente do Divino. Além disso, os anjos do céu mais íntimo percebem e sentem claramente o influxo, e quanto mais o recebem, mais lhes parece estarem no céu, porque tanto mais estão no amor e na fé, na luz da inteligência e da sabedoria e na alegria celeste daí resultante; e, como todas estas coisas procedem do Divino do Senhor, e nelas os anjos têm o seu céu, é evidente que é o Divino do Senhor, e não os

anjos por algo que lhes seja próprio, que constitui o céu.[1] É por isso que, na Palavra, o céu é chamado «morada» do Senhor e «Seu trono», e se diz que os que ali estão, estão no Senhor.[2] Mas de que maneira o Divino procede do Senhor e enche o céu será dito adiante.

9. Os anjos, na sua sabedoria, vão ainda mais longe. Dizem que não só tudo o que é bom e verdadeiro provém do Senhor, mas também tudo o que pertence à vida. Confirmam-no com o facto de nada poder surgir de si mesmo, mas apenas de algo anterior a si; por isso, todas as coisas surgem de um Primeiro, a que chamam o próprio Ser [Esse] da vida de todas as coisas. E da mesma maneira todas as coisas continuam a existir, pois a existência contínua é um surgir incessante, e tudo o que não for continuamente mantido, por intermédios, em ligação com o Primeiro dispersa-se instantaneamente e dissipa-se por completo. Dizem também que existe uma única Fonte de vida, e que a vida do homem é um regato que dela procede e que, se não continuasse incessantemente a partir da sua fonte, logo se escoaria.

(2) Dizem ainda que dessa única Fonte de vida, que é o Senhor, nada procede senão o bem divino e a verdade divina, e que cada um é afetado por eles segundo a forma como os recebe: os que os recebem na fé e na vida encontram neles o céu, ao passo que os que os rejeitam ou sufocam os transformam em inferno; pois transformam o bem em mal e a verdade em falsidade, portanto a vida em morte. Confirmam ainda que tudo o que pertence à vida provém do Senhor pelo

facto de todas as coisas no universo se relacionarem com o bem e com a verdade: a vida da vontade do homem, que é a vida do seu amor, com o bem; e a vida do seu entendimento, que é a vida da sua fé, com a verdade. E, visto que tudo o que é bom e verdadeiro vem do alto, segue-se que tudo o que pertence à vida tem de vir do alto.

(3) Sendo esta a crença dos anjos, recusam todo o agradecimento pelo bem que fazem, e desagradam-se e retiram-se se alguém lhes atribui esse bem. Admiram-se de que alguém possa crer que é sábio por si mesmo ou que faz algum bem por si mesmo. Ao bem feito por interesse próprio não chamam bem, porque é feito a partir de si mesmo. Mas ao bem feito por amor do bem chamam bem proveniente do Divino; e dizem que este é o bem que constitui o céu, porque este bem é o Senhor.[3]

10. Os espíritos que, durante a sua vida no mundo, se confirmaram na crença de que o bem que fazem e a verdade em que creem provêm de si mesmos, ou lhes são apropriados como sendo seus — crença de todos os que põem mérito nas boas ações e atribuem a si próprios a justiça — não são recebidos no céu. Os anjos evitam-nos. Consideram-nos insensatos e ladrões: insensatos porque têm continuamente em vista a si mesmos e não o Divino; e ladrões porque roubam ao Senhor o que Lhe pertence. São contrários à crença do céu de que é o Divino do Senhor nos anjos que constitui o céu.

11. O Senhor ensina que os que estão no céu e na Igreja estão no Senhor e que o Senhor está neles, quando diz:

> **Permanecei em Mim, e Eu em vós. Assim como o ramo não pode dar fruto por si mesmo se não permanecer na videira, também vós não o podeis dar se não permanecerdes em Mim. Eu sou a Videira, vós sois os ramos. Aquele que permanece em Mim, e Eu nele, dá muito fruto; pois, sem Mim, nada podeis fazer (João 15:4, 5).**

12. De tudo isto pode agora ver-se que o Senhor habita nos anjos do céu naquilo que é Seu, e que, assim, o Senhor é tudo em todas as coisas do céu; e isto porque o bem proveniente do Senhor é o Senhor nos anjos, pois o que procede do Senhor é o Senhor. Por conseguinte, o céu, para os anjos, é o bem proveniente do Senhor, e não algo que lhes seja próprio.

CAPÍTULO 3

No Céu, o Divino do Senhor é o Amor a Ele e a Caridade para com o Próximo

13. Ao Divino que procede do Senhor chama-se no céu verdade divina, por uma razão que em breve se tornará evidente. Esta verdade divina flui do Senhor para o céu a partir do Seu amor divino. O amor divino e a verdade divina que dele procede relacionam-se entre si como o fogo do Sol e a luz que dele procede no mundo: o amor assemelha-se ao fogo do Sol, e a verdade que dele procede, à luz do Sol. Além disso, por correspondência, o fogo significa o amor, e a luz, a verdade que procede do amor.[1] Daqui se torna claro o que é a verdade divina que procede do amor divino do Senhor: na sua essência, é o bem divino unido à verdade divina, e, estando assim unidos, vivifica todas as coisas do céu; tal como, no mundo, o calor do Sol, quando se une à luz, torna fecundas todas as coisas da terra, o que acontece na primavera e no verão. Diferente é o que sucede quando o calor não está unido à luz, isto é, quando a luz é fria: então todas as coisas ficam entorpecidas e jazem mortas. Nos anjos, este bem divino, que se compara ao calor, é o bem do amor; e a verdade divina, que se compara à luz, é aquilo por meio do qual e a partir do qual vem o bem do amor.

14. O Divino no céu, que constitui o céu, é o amor, porque o amor é conjunção espiritual. Une os anjos ao Senhor e une-os uns aos outros, unindo-os de tal modo que, aos olhos do Senhor, todos são como um só. Além disso, o amor é o próprio ser [esse] da vida de cada um; por conseguinte, é do amor que tanto os anjos como os homens têm vida. Quem refletir pode saber que a vitalidade mais íntima do homem provém do amor, pois ele aquece na presença do amor e arrefece na sua ausência, e, quando dele é privado, morre.[2] Mas deve recordar-se que é a qualidade do amor de cada um que determina a qualidade da sua vida.

15. No céu existem dois amores distintos: o amor ao Senhor e o amor para com o próximo. No céu mais íntimo, ou terceiro céu, existe o amor ao Senhor; no segundo céu, ou céu intermédio, o amor para com o próximo. Ambos procedem do Senhor e ambos constituem o céu. Como estes dois amores se distinguem e como se unem vê-se no céu em plena luz, mas no mundo apenas obscuramente. No céu, amar o Senhor não significa amá-Lo quanto à Sua pessoa, mas amar o bem que provém d'Ele; e amar o bem é querer e fazer o bem por amor. Amar o próximo não significa amar um semelhante quanto à sua pessoa, mas amar a verdade que provém da Palavra; e amar a verdade é querê-la e praticá-la. Isto torna claro que estes dois amores se distinguem como se distinguem o bem e a verdade, e se unem como o bem se une à verdade.[3] Mas os homens dificilmente poderão compreender isto se não souberem o que é o amor, o que é o bem e o que é o próximo.[4]

16. Tenho falado repetidamente com os anjos sobre este assunto. Disseram admirar-se de que os homens da Igreja não saibam que amar o Senhor e amar o próximo é amar o que é bom e verdadeiro e fazê-lo a partir da vontade, quando deveriam saber que alguém manifesta o seu amor ao querer e fazer o que o outro deseja, e que é isto que produz o amor recíproco e a conjunção, e não amar o outro sem fazer o que ele deseja, o que, em si mesmo, não é amar. Deveriam igualmente saber que o bem que procede do Senhor é uma semelhança Sua, visto que Ele está nele; e que os que fazem do bem e da verdade parte da sua vida, querendo-os e praticando-os, se tornam semelhanças do Senhor e se unem a Ele. Querer é amar fazer. Que assim é, ensina-o o Senhor na Palavra, dizendo:

> **Aquele que tem os Meus mandamentos e os cumpre é quem Me ama; e Eu o amarei e farei nele a Minha morada (João 14:21, 23).**

E ainda:

> **Se cumprirdes os Meus mandamentos, permanecereis no Meu amor (João 15:10).**

17. Toda a experiência no céu atesta que o Divino que procede do Senhor, afeta os anjos e constitui o céu é o amor; pois todos os que estão no céu são formas de amor e de caridade, e aparecem numa beleza inefável, resplandecendo o amor nos seus rostos, nas suas palavras e em cada particular da sua vida.[5] Além disso, existem esferas espirituais de vida que emanam de cada anjo e de

cada espírito e os envolvem, pelas quais se conhece a sua qualidade quanto às afeições do seu amor, por vezes a grande distância. Pois, em cada um, estas esferas emanam da vida da sua afeição e do pensamento que dela resulta, ou da vida do seu amor e da fé que dele resulta. As esferas que emanam dos anjos estão tão cheias de amor que afetam o mais íntimo da vida dos que estão com eles. Tenho-as percebido repetidamente e tenho sido assim afetado por elas.[6]

Que é do amor que os anjos têm a sua vida é ainda evidente pelo facto de, na outra vida, cada um se voltar de acordo com o seu amor: os que estão no amor ao Senhor e no amor para com o próximo voltam-se sempre para o Senhor, ao passo que os que estão no amor de si mesmos se afastam sempre do Senhor. É assim, seja qual for a direção em que os seus corpos se voltem, pois, nos que estão na outra vida, os espaços conformam-se aos estados dos seus interiores; o mesmo acontece com os quadrantes, que não são constantes, como neste mundo, mas se determinam de acordo com a direção dos seus rostos. E, no entanto, não são os anjos que se voltam para o Senhor; é o Senhor que volta para Si aqueles que amam fazer as coisas que provêm d'Ele.[7] Mas acerca deste assunto dir-se-á mais adiante, quando se tratar dos quadrantes na outra vida.

18. O Divino do Senhor no céu é o amor porque o amor é recetivo a todas as coisas do céu, tais como a paz, a inteligência, a sabedoria e a felicidade. Pois o amor é recetivo a cada uma e a todas as coisas que estão em harmonia com ele; anseia por elas, procura-as e

absorve-as como que espontaneamente, pois deseja incessantemente ser por elas enriquecido e aperfeiçoado.[8] Também o homem o sabe bem, pois, nele, o amor como que perscruta os depósitos da memória e deles retira tudo o que está de acordo consigo, reunindo-o e dispondo-o em si e sob si: em si, para que lhe pertença, e sob si, para que o sirva; mas descarta e expulsa as outras coisas que não estão de acordo consigo.

Que no amor existe toda a capacidade de receber as verdades que estão em harmonia consigo, e o anseio de as unir a si, tornou-se também claro pelo facto de alguns que eram simples de espírito no mundo terem sido elevados ao céu e, quando se encontraram com os anjos, terem entrado na sabedoria angélica e na bem-aventurança celeste. E isto porque tinham amado o que é bom e verdadeiro por si mesmo, o tinham implantado na sua vida e se tinham assim tornado capacidades de receber o céu com tudo o que nele é inefável. Mas os que estão no amor de si mesmos e do mundo não têm capacidade para receber o que é bom e verdadeiro; abominam-no e rejeitam-no e, ao primeiro contato e à primeira entrada, fogem e associam-se aos que, no inferno, estão em amores semelhantes aos seus.

Havia espíritos que duvidavam de que existissem tais capacidades no amor celeste e que desejavam saber se isso era verdade; foram então introduzidos num estado de amor celeste, sendo temporariamente removido tudo o que se lhe opunha, e conduzidos a alguma distância, onde havia um céu angélico. Dali falaram comigo, dizendo que sentiam uma felicidade mais interior

do que poderiam alguma vez exprimir por palavras, e lamentavam profundamente ter de regressar ao seu estado anterior. Outros foram igualmente elevados ao céu; e, quanto mais alto ou mais interiormente eram elevados, tanto mais eram admitidos na inteligência e na sabedoria, de modo que conseguiam perceber o que antes lhes era incompreensível. Daqui se torna claro que o amor que procede do Senhor é recetivo ao céu e a tudo o que nele existe.

19. Que o amor ao Senhor e o amor para com o próximo incluem em si todas as verdades divinas é manifesto pelo que o próprio Senhor disse acerca destes dois amores:

> **Amarás o teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem a lei e os profetas (Mateus 22:37–40).**

«A lei e os profetas» são toda a Palavra, portanto toda a verdade divina.

CAPÍTULO 4

O Céu Divide-se em Dois Reinos

20. Como no céu existe uma variedade infinita, e nenhuma sociedade nem nenhum anjo é exatamente igual a outro,[1] existem no céu divisões gerais, específicas e particulares. A divisão geral é em dois reinos; a específica, em três céus; e a particular, em inúmeras sociedades. De cada uma delas se tratará adiante. Diz-se que a divisão geral é em reinos porque o céu é chamado «reino de Deus».

21. Há anjos que recebem mais interiormente o Divino que procede do Senhor, e outros que o recebem menos interiormente; os primeiros são chamados anjos celestiais, e os segundos, anjos espirituais. Devido a esta diferença, o céu divide-se em dois reinos, um chamado Reino Celestial e o outro Reino Espiritual.[2]

22. Como os anjos que constituem o reino celestial recebem mais interiormente o Divino do Senhor, são chamados anjos interiores e também superiores; e, pela mesma razão, os céus que constituem são chamados céus interiores e superiores.[3] São chamados

superiores e inferiores porque estes termos designam o que é interior e o que é exterior.[4]

23. O amor em que se encontram os que estão no reino celestial é chamado amor celestial, e o amor em que se encontram os que estão no reino espiritual é chamado amor espiritual. O amor celestial é o amor ao Senhor, e o amor espiritual é o amor para com o próximo. E, como todo o bem pertence ao amor — pois, para cada um, o bem é aquilo que ama —, também o bem de um reino é chamado celestial e o bem do outro, espiritual. É evidente, portanto, que os dois reinos se distinguem entre si da mesma maneira que o bem do amor ao Senhor se distingue do bem do amor para com o próximo.[5] E, como o bem do amor ao Senhor é um bem interior, e esse amor é um amor interior, os anjos celestiais são anjos interiores e são chamados anjos superiores.

24. O reino celestial é também chamado reino sacerdotal do Senhor e, na Palavra, «Sua morada»; ao passo que o reino espiritual é chamado Seu reino régio e, na Palavra, «Seu trono». E, pelo Divino celestial, o Senhor no mundo foi chamado «Jesus», ao passo que, pelo Divino espiritual, foi chamado «Cristo».

25. Os anjos do reino celestial do Senhor, por receberem mais interiormente o Divino do Senhor, excedem muito em sabedoria e glória os anjos do Seu reino espiritual; pois estão no amor ao Senhor e, por conseguinte, estão mais próximos d'Ele e mais estreitamente unidos a Ele.[6] Estes anjos são assim porque

receberam e continuam a receber as verdades divinas imediatamente na sua vida, e não primeiro na memória e no pensamento, como fazem os anjos espirituais. Por conseguinte, têm as verdades divinas escritas no coração e percebem-nas e como que as veem em si mesmos; nem alguma vez raciocinam sobre se são verdadeiras ou não.[7] São como aqueles que se descrevem em Jeremias:

> **Porei a Minha lei na sua mente e escrevê-la-ei no seu coração. Já não ensinarão cada um ao seu amigo nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhecei Jeová. Todos Me conhecerão, desde o menor até ao maior (31:33, 34).**

E em Isaías são chamados:

> **Ensinados por Jeová (54:13).**

Que os «ensinados por Jeová» são os que são ensinados pelo Senhor, Ele próprio o ensina em João (6:45, 46).

26. Foi dito que estes anjos têm sabedoria e glória superiores às dos outros porque receberam e continuam a receber as verdades divinas imediatamente na sua vida. Pois, assim que ouvem as verdades divinas, querem-nas e praticam-nas, em vez de as acumularem na memória e depois considerarem se são verdadeiras. Sabem imediatamente, pelo influxo do Senhor, se a verdade que ouvem é verdadeira; pois o Senhor flui diretamente para o querer do homem e, mediatamente, através do seu querer, para o seu

pensar. Ou, o que é o mesmo, o Senhor flui diretamente para o bem e, mediatamente, através do bem, para a verdade.[8] Chama-se bem ao que pertence à vontade e à ação que dela resulta, ao passo que se chama verdade ao que pertence à memória e ao pensamento que dela resulta. Além disso, toda a verdade se transforma em bem e se implanta no amor assim que entra na vontade; mas, enquanto permanece na memória e no pensamento que dela resulta, não se torna bem, nem vive, nem é apropriada ao homem, pois o homem é homem a partir da sua vontade e do entendimento que dela procede, e não do seu entendimento separado da vontade.[9]

27. Devido a esta diferença entre os anjos do reino celestial e os anjos do reino espiritual, não estão juntos nem têm interação uns com os outros. Só podem comunicar por intermédio de sociedades angélicas intermédias, chamadas celestiais-espirituais. Por meio delas, o reino celestial flui para o espiritual;[10] e daí resulta que, embora o céu se divida em dois reinos, constitui, contudo, uma unidade. O Senhor provê sempre tais anjos intermédios, por meio dos quais há comunicação e conjunção.

28. Como os anjos destes dois reinos serão tratados amplamente adiante, omitem-se aqui os particulares.

CAPÍTULO 5

Há Três Céus

29. Há três céus, inteiramente distintos entre si: o mais íntimo ou terceiro, o intermédio ou segundo e o mais exterior ou primeiro. A ordem e a relação entre eles são semelhantes às que existem entre a parte superior do homem, ou cabeça, a parte intermédia, ou corpo, e a parte inferior, ou pés; ou entre os pisos superior, intermédio e inferior de uma casa. É também esta a ordem do Divino que procede e desce do Senhor; por conseguinte, por uma necessidade da ordem, o céu é tríplice.

30. Os interiores do homem, que pertencem à sua mente e à sua disposição, seguem igualmente esta ordem. Há nele uma parte mais íntima, uma intermédia e uma mais exterior; pois, quando o homem foi criado, todas as coisas da ordem divina foram reunidas nele, de modo que se tornou a ordem divina em forma e, consequentemente, um céu em miniatura.[1] Também por esta razão, quanto aos seus interiores, o homem comunica com os céus e, depois da morte, passa a viver entre os anjos, quer os do céu mais íntimo, quer os do intermédio, quer os do mais exterior,

segundo o modo como recebeu do Senhor o bem e a verdade divinos durante a sua vida no mundo.

31. O Divino que influi do Senhor e é recebido no terceiro céu, ou céu mais íntimo, chama-se celestial; por isso, os anjos desse céu chamam-se anjos celestiais. O Divino que influi do Senhor e é recebido no segundo céu, ou céu intermédio, chama-se espiritual; por isso, os anjos desse céu chamam-se anjos espirituais. Por sua vez, o Divino que influi do Senhor e é recebido no céu mais exterior, ou primeiro céu, chama-se natural. Contudo, como o natural desse céu não é semelhante ao natural do mundo, mas contém em si o espiritual e o celestial, esse céu chama-se espiritual-natural e celestial-natural, e os seus anjos chamam-se, por conseguinte, espirituais-naturais e celestiais-naturais.[2] Os que recebem o influxo do céu intermédio ou segundo, que é o céu espiritual, chamam-se espirituais-naturais; e os que recebem o influxo do terceiro céu ou mais íntimo, que é o céu celestial, chamam-se celestiais-naturais. Os anjos espirituais-naturais e os anjos celestiais-naturais são distintos entre si; constituem, no entanto, um só céu, porque se encontram num mesmo grau.

32. Em cada céu há um interno e um externo. Os que estão no interno chamam-se aí anjos internos, e os que estão no externo, anjos externos. O interno e o externo nos céus, ou em cada céu, mantêm entre si a mesma relação que, no homem, o que pertence à vontade e o que pertence ao entendimento: o interno corresponde à vontade, e o externo ao entendimento. Tudo o que pertence à vontade tem o seu correspondente no entendimento; um não pode

existir sem o outro. O que pertence à vontade pode comparar-se a uma chama, e o que pertence ao entendimento, à luz que dela procede.

33. Importa compreender claramente que são os interiores dos anjos que determinam a sua presença num ou noutro céu; pois, quanto mais os seus interiores estão abertos ao Senhor, mais interior é o céu em que se encontram. Há três graus de interiores em cada anjo e espírito, bem como no homem. Aqueles em quem o terceiro grau está aberto encontram-se no céu mais íntimo. Aqueles em quem está aberto o segundo grau, ou apenas o primeiro, encontram-se no céu intermédio ou no mais exterior. Os interiores abrem-se pela receção do bem divino e da verdade divina. Aqueles que são movidos pela afeição pelas verdades divinas e as admitem imediatamente na vida, portanto na vontade e na ação que dela procede, encontram-se no céu mais íntimo ou terceiro, e ocupam aí o seu lugar segundo a sua receção do bem a partir da afeição pela verdade. Aqueles que não admitem imediatamente as verdades na vontade, mas na memória e, a partir desta, no entendimento, e que, a partir do entendimento, as querem e praticam, encontram-se no céu intermédio ou segundo. Porém, aqueles que vivem moralmente, creem no Divino e pouco se interessam por ser instruídos encontram-se no céu mais exterior ou primeiro.[3] Daqui se vê que são os estados dos interiores que constituem o céu, e que o céu está dentro de cada um, e não fora dele, como o Senhor ensina ao dizer:

> **O reino de Deus não vem de modo que se possa observar; nem dirão: Ei-lo aqui, ou ei-lo ali; pois eis que o reino de Deus está dentro de vós (Lucas 17:20, 21).**

34. Além disso, toda a perfeição aumenta em direção aos interiores e diminui em direção aos exteriores, porque os interiores estão mais próximos do Divino e são, em si mesmos, puros, enquanto os exteriores estão mais afastados do Divino e são, em si mesmos, mais grosseiros.[4] A inteligência, a sabedoria, o amor, tudo o que é bom e a felicidade que daí resulta constituem a perfeição angélica; não a constitui, porém, a felicidade separada destas coisas, pois tal felicidade é externa, e não interna. Como os interiores dos anjos do céu mais íntimo estão abertos no terceiro grau, a sua perfeição supera incomensuravelmente a dos anjos do céu intermédio, cujos interiores estão abertos no segundo grau. Do mesmo modo, a perfeição destes anjos excede a dos anjos do céu mais exterior.

35. Em virtude desta distinção, um anjo de um céu não pode ir para junto dos anjos de outro céu; isto é, ninguém pode subir de um céu inferior nem descer de um céu superior. Quem sobe de um céu inferior é tomado por uma aflição que chega à angústia e não consegue ver os que aí se encontram, muito menos falar com eles; quem desce de um céu superior fica privado da sua sabedoria, balbucia ao falar e cai no desespero. Havia alguns anjos do céu mais exterior a quem ainda não tinha sido ensinado que são os interiores dos anjos que constituem o céu, e que acreditavam poder alcançar uma felicidade celeste superior simplesmente por conseguirem

entrar num céu onde se encontram anjos superiores. Foi-lhes permitido entrar para junto desses anjos. Porém, uma vez aí, por mais que procurassem, não conseguiam ver ninguém, embora estivesse presente uma grande multidão; pois, como os interiores dos recém-chegados não estavam abertos no mesmo grau que os dos anjos desse céu, também a sua visão não estava aberta nesse grau. Pouco depois, foram tomados por tamanha angústia de coração que mal sabiam se estavam vivos ou não. Regressaram, por isso, apressadamente ao céu de onde tinham vindo, felizes por se encontrarem de novo entre os seus semelhantes, e comprometeram-se a não voltar a desejar coisas superiores às que estavam de acordo com a sua vida. Vi também alguns serem conduzidos de um céu superior para um inferior; estes ficaram privados da sua sabedoria, a ponto de já não saberem como era o seu próprio céu. É diferente quando, como acontece frequentemente, os anjos são elevados pelo Senhor de um céu inferior a um superior para contemplarem a sua glória; pois, nesse caso, são preparados de antemão e rodeados por anjos intermédios, por meio dos quais comunicam com aqueles para junto de quem são levados. Por tudo isto se torna evidente que os três céus são inteiramente distintos entre si.

36. Contudo, os que estão num mesmo céu podem associar-se a quaisquer outros que nele se encontrem; mas os deleites dessa associação são proporcionais às afinidades de bem que alcançaram, assunto de que se falará mais nos capítulos seguintes.

37. Mas, embora os céus sejam tão distintos que os anjos de um céu não possam conviver com os de outro, o Senhor une todos os céus por um influxo tanto direto como mediato: direto, de Si mesmo para todos os céus; e mediato, de um céu para outro.[5] Faz assim com que os três céus sejam um só, e com que todas as coisas estejam ligadas, desde o Primeiro até ao Último, de tal modo que nada desligado possa existir. Tudo o que não está ligado ao Primeiro por intermédios não pode subsistir, mas dissipa-se e reduz-se a nada.[6]

38. Só quem conhece a relação dos graus com a ordem divina pode compreender como os céus são distintos, ou sequer o que se entende por homem interno e homem externo. A maior parte dos homens no mundo não tem outra ideia do que é interior e exterior, ou do que é superior e inferior, senão a de algo contínuo, ou ligado por continuidade, do mais puro ao mais grosseiro. Porém, a relação entre o interior e o exterior é discreta, e não contínua. Há duas espécies de graus: os contínuos e os não contínuos.

(1) Os graus contínuos relacionam-se como os graus de diminuição de uma luz, desde o seu brilho intenso até à escuridão; ou como os graus de diminuição da visão, desde os objetos iluminados até aos que estão na sombra; ou como os graus de pureza da atmosfera, de baixo para cima. Estes graus são determinados pela distância.

(2) Por outro lado, os graus que não são contínuos, mas discretos, distinguem-se como o anterior e o posterior, como a causa e o efeito, e como aquilo que produz e aquilo que é produzido. Quem examinar o assunto verá que, em cada coisa e em todas as coisas do mundo inteiro, sejam elas quais forem, existem tais graus de produção e de composição: de uma coisa procede uma segunda, desta uma terceira, e assim sucessivamente.

Enquanto não adquirir uma perceção destes graus, ninguém poderá compreender as diferenças entre os céus, nem entre as faculdades interiores e exteriores do homem, nem entre o mundo espiritual e o mundo natural, nem entre o espírito do homem e o seu corpo. Também não poderá, portanto, compreender a natureza e a origem das correspondências e das representações, nem a natureza do influxo. Os homens sensuais não apreendem estas diferenças, pois consideram contínuos o aumento e a diminuição, mesmo segundo estes graus, e são, por isso, incapazes de conceber o espiritual senão como um natural mais puro. Em consequência, permanecem fora da inteligência e muito afastados dela.[7]

39. Por fim, pode revelar-se um certo arcano respeitante aos anjos dos três céus, que até agora não ocorreu a ninguém, porque os graus não têm sido compreendidos. Em cada anjo, e também em cada homem, há um grau mais íntimo ou supremo, ou algo mais íntimo ou supremo, no qual o Divino do Senhor influi primariamente ou de modo mais imediato, e a partir do qual dispõe os outros interiores que nele se sucedem segundo os graus da ordem. Este

grau mais íntimo ou supremo pode chamar-se a entrada do Senhor no anjo ou no homem, e a Sua própria morada neles. É em virtude deste mais íntimo ou supremo que o homem é homem e se distingue dos animais irracionais, pois estes não o possuem. É por isso que o homem, ao contrário dos animais, pode, quanto a todos os seus interiores que pertencem à mente e à disposição, ser elevado pelo Senhor até Si, crer no Senhor, ser movido pelo amor ao Senhor e, assim, contemplá-Lo, receber inteligência e sabedoria e falar segundo a razão. É também em virtude disto que vive eternamente. Mas o que o Senhor ordena e providencia neste mais íntimo não chega de modo distinto à perceção de nenhum anjo, porque está acima do seu pensamento e transcende a sua sabedoria.

40. Estas são, pois, as verdades gerais respeitantes aos três céus; no que se segue, cada céu será tratado em particular.

CAPÍTULO 6

Os Céus são Constituídos por Inúmeras Sociedades

41. Os anjos de cada céu não estão reunidos num único lugar, mas distribuem-se por sociedades maiores e menores, segundo as diferenças do bem do amor e da fé em que se encontram; aqueles que estão num bem semelhante formam uma só sociedade. Os bens nos céus apresentam uma variedade infinita, e cada anjo é, por assim dizer, o seu próprio bem.[1]

42. Além disso, a distância entre as sociedades angélicas nos céus corresponde às diferenças entre os seus bens, tanto no geral como no particular. Pois, no mundo espiritual, a distância tem por único fundamento a diferença de estado dos interiores; nos céus, portanto, a diferença dos estados de amor. Os que diferem muito estão muito afastados; os que diferem pouco estão pouco afastados; e a semelhança faz com que estejam juntos.[2]

43. Todos os que pertencem à mesma sociedade estão dispostos de modo semelhante uns em relação aos outros. Os mais perfeitos, isto é, os que se distinguem no bem e, portanto, no amor, na sabedoria e na inteligência, encontram-se no centro; os menos

eminentes dispõem-se em redor, a uma distância correspondente à diminuição da sua perfeição. Esta disposição é semelhante à de uma luz que diminui do centro para a circunferência: os que estão no centro encontram-se na luz mais intensa, e os que se aproximam da circunferência, numa luz cada vez menor.

44. Os semelhantes são atraídos, como que espontaneamente, para os seus semelhantes; pois, com eles, sentem-se entre os seus e em casa, ao passo que, com os outros, se sentem entre estranhos e em terra alheia. Além disso, quando estão com os seus semelhantes, encontram-se na sua liberdade e, consequentemente, em todos os deleites da vida.

45. Tudo isto mostra que, nos céus, todos se associam pelo bem e se distinguem segundo a qualidade desse bem. Não são, contudo, os próprios anjos que assim se associam, mas o Senhor, de quem procede o bem. O Senhor condu-los, une-os e separa-os, e conserva-os numa liberdade proporcional ao seu bem. Mantém assim cada um na vida do seu amor e da sua fé, da sua inteligência e da sua sabedoria, e na felicidade que delas resulta.[3]

46. Além disso, todos os que estão num bem semelhante se conhecem, ainda que nunca antes se tenham visto, tal como, no mundo, os homens conhecem os seus familiares, parentes próximos e amigos. Isto acontece porque, na outra vida, só há afinidades, parentescos e amizades espirituais, isto é, os que procedem do amor e da fé.[4] Foi-me por vezes concedido vê-lo quando me

encontrava em espírito, portanto afastado do corpo e na companhia dos anjos. Alguns dos que então via pareciam-me conhecidos desde a infância; outros, inteiramente desconhecidos. Aqueles que me parecia conhecer desde a infância encontravam-se num estado semelhante ao do meu espírito; os que me pareciam desconhecidos estavam num estado diferente.

47. Todos os que formam uma mesma sociedade angélica se assemelham, em geral, no rosto, mas não nos seus pormenores. A relação destas semelhanças gerais com as diferenças particulares pode compreender-se, até certo ponto, por coisas semelhantes no mundo. É sabido que, em cada raça, há uma certa semelhança geral do rosto e dos olhos, pela qual se reconhece e se distingue de todas as outras. Isto é ainda mais evidente nas diferentes famílias. Nos céus, verifica-se de modo muito mais pleno, porque aí todas as afeições interiores aparecem no rosto e dele irradiam: o rosto é a forma externa e representativa dessas afeições. Ninguém pode aí ter outro rosto que não o da sua própria afeição. Foi-me também mostrado como esta semelhança geral varia nos seus pormenores entre os indivíduos de uma mesma sociedade. Apareceu-me um rosto semelhante ao de um anjo, que se ia modificando segundo as afeições pelo bem e pela verdade existentes nos membros de uma só sociedade. Estas mudanças prosseguiram durante muito tempo, e reparei que o mesmo rosto geral se mantinha como base, sendo tudo o resto derivado e produzido a partir dele. Por meio desse rosto foram assim apresentadas as afeições de toda a sociedade, pelas quais os rostos dos seus membros se diferenciam. Pois, como se

disse acima, os rostos dos anjos são as formas dos seus interiores, portanto das afeições que pertencem ao seu amor e à sua fé.

48. Daqui resulta também que um anjo que se distingue pela sabedoria reconhece instantaneamente, pelo rosto, a qualidade de outro. No céu, ninguém pode ocultar os seus interiores pela expressão do rosto, nem fingir, nem verdadeiramente enganar e induzir em erro pela astúcia ou pela hipocrisia. Há hipócritas peritos em dissimular os seus interiores e em dar aos seus exteriores a forma do bem em que se encontram os membros de uma sociedade, fazendo-se assim passar por anjos de luz. Por vezes, conseguem insinuar-se numa sociedade, mas não podem permanecer nela por muito tempo: começam a sentir dor e tormento interiores, o rosto torna-se lívido e ficam como que sem vida. Estas mudanças resultam da oposição entre a sua vida e a vida que neles influi e os afeta. Por isso, precipitam-se rapidamente no inferno, onde estão os seus semelhantes, e já não querem voltar a subir. São estes os representados pelo homem que, entre os convidados para o banquete, foi encontrado sem veste nupcial e lançado nas trevas exteriores (Mateus 22:11 e seguintes).

49. Todas as sociedades do céu comunicam entre si, embora não por um convívio direto; pois poucos saem da sua sociedade para outra, uma vez que sair da própria sociedade é como afastar-se de si mesmo ou da sua própria vida e passar para outra vida menos afim. Todas as sociedades comunicam, porém, pela extensão da esfera que procede da vida de cada uma. Esta esfera de vida é a esfera das afeições do amor e da fé. Estende-se amplamente às

sociedades circundantes, e tanto mais longe e mais amplamente quanto mais interiores e perfeitas são as afeições.[5] A inteligência e a sabedoria dos anjos são proporcionais a essa extensão. Os que estão no céu mais íntimo, e no seu centro, têm uma extensão que abrange todos os céus; há, assim, uma partilha de todos no céu com cada um e de cada um com todos.[6] Mas esta extensão será considerada mais plenamente adiante, quando se tratar da forma do céu segundo a qual as sociedades angélicas estão dispostas, bem como da sabedoria e da inteligência dos anjos, pois toda a extensão das afeições e dos pensamentos se efetua segundo essa forma.

50. Disse-se acima que há, nos céus, sociedades maiores e menores. As maiores são constituídas por miríades de anjos; as menores, por alguns milhares; e as mais pequenas, por algumas centenas. Há também alguns que habitam separadamente, por assim dizer, casa a casa e família a família. Embora vivam assim dispersos, estão dispostos em ordem, tal como os que vivem em sociedades: os mais sábios no centro e os mais simples nos limites. Estes encontram-se mais diretamente sob os auspícios divinos do Senhor e são os melhores dos anjos.

CAPÍTULO 7

Cada Sociedade é Um Céu numa Forma Menor, e Cada Anjo na Forma Mais Pequena

51. Cada sociedade é um céu numa forma menor, e cada anjo na forma mais pequena, porque é o bem do amor e da fé que constitui o céu, e este bem está em cada sociedade do céu e em cada anjo de uma sociedade. Não importa que esse bem seja diferente e varie por toda a parte: continua a ser o bem do céu; a única diferença é que o céu tem aqui uma qualidade e ali outra. Assim, quando alguém é elevado a uma sociedade do céu, diz-se que entra no céu; e dos que aí se encontram diz-se que estão no céu, cada um no seu. Isto é conhecido de todos na outra vida; por conseguinte, os que estão fora do céu ou abaixo dele, quando veem ao longe grupos de anjos, dizem que o céu se encontra neste ou naquele lugar. Pode comparar-se aos funcionários civis, oficiais militares e servidores de um palácio ou castelo real: embora habitem separadamente nos seus aposentos ou dependências, nos pisos superiores ou inferiores, encontram-se no mesmo palácio ou castelo, cada qual na sua posição ao serviço do rei. Torna-se assim evidente o sentido das palavras do Senhor:

> Na casa de Seu Pai há muitas moradas (João 14:2).

Também se compreende o que os profetas entendem pelas moradas do céu e pelos céus dos céus.

52. Que cada sociedade é um céu numa forma menor pode ver-se também pelo facto de cada sociedade ter uma forma celeste semelhante à do céu no seu conjunto. Na totalidade dos céus, os que são superiores aos restantes encontram-se no centro, e os menos excelentes dispõem-se em redor, numa ordem decrescente até aos limites, como se disse num capítulo anterior (n.º 43). Pode ver-se igualmente pelo facto de o Senhor dirigir todos os que estão no céu inteiro como se fossem um só anjo; o mesmo sucede com todos os membros de cada sociedade. Em consequência, uma sociedade angélica inteira aparece por vezes numa forma angélica, como um único anjo, o que o Senhor me permitiu ver. Além disso, quando o Senhor aparece no meio dos anjos, não aparece como alguém rodeado por muitos: o que aparece é uma unidade, numa forma angélica. É por isso que o Senhor é chamado «anjo» na Palavra, e que uma sociedade inteira recebe a mesma designação. «Miguel», «Gabriel» e «Rafael» não são senão sociedades angélicas assim denominadas segundo a sua função.[1]

53. Assim como uma sociedade inteira é um céu numa forma menor, também um anjo é um céu na forma mais pequena. Pois o céu não está fora do anjo, mas dentro dele, uma vez que as coisas interiores que pertencem à sua mente estão dispostas segundo a forma do céu, portanto para receberem todas as coisas do céu que

estão fora dele. Estas, por sua vez, são recebidas segundo a qualidade do bem que nele procede do Senhor. É por isso que um anjo é um céu.

54. De modo algum se pode dizer que o céu esteja fora de alguém: está dentro dele. Pois é segundo o céu que tem dentro de si que cada anjo recebe o céu que está fora de si. Isto mostra quanto se engana quem acredita que entrar no céu consiste simplesmente em ser levado para junto dos anjos, independentemente da sua vida interior; portanto, que o céu é concedido a cada um por misericórdia sem recurso a meios.[2] Na realidade, se o céu não estiver dentro de alguém, nada do céu exterior poderá nele influir e ser recebido. Há muitos espíritos que têm essa ideia. Por causa desta crença, foram elevados ao céu; mas, ao chegarem, como a sua vida interior era contrária à vida angélica, as suas faculdades intelectuais começaram a obscurecer-se, até ficarem como insensatos, e as faculdades da sua vontade começaram a ser atormentadas, até ficarem como loucos. Numa palavra, se aqueles que viveram no mal entram no céu, ficam a arfar e contorcem-se, como peixes fora de água, expostos ao ar, ou como animais no éter de uma bomba pneumática depois de o ar ter sido retirado. Daqui se vê que o céu não está fora do homem, mas dentro dele.[3]

55. Assim como cada um recebe o céu exterior segundo a qualidade do céu que tem dentro de si, também recebe o Senhor desse mesmo modo, pois é o Divino do Senhor que constitui o céu. Por esta razão, quando o Senhor se torna manifestamente presente

numa sociedade, a Sua aparência corresponde à qualidade do bem em que essa sociedade se encontra; não é, portanto, a mesma numa sociedade e noutra. Esta diversidade não está no Senhor, mas nos anjos, que O contemplam a partir do seu próprio bem e, por conseguinte, segundo esse bem. A Sua aparição toca-os também segundo a qualidade do seu amor: os que O amam mais intimamente são tocados mais intimamente, e os que O amam menos são menos tocados; ao passo que os maus, que estão fora do céu, são atormentados pela Sua presença. Quando o Senhor é visto numa sociedade, é visto como um anjo, mas distingue-Se dos outros pelo Divino que n'Ele resplandece.

56. Além disso, o céu está onde o Senhor é reconhecido, onde se crê n'Ele e onde Ele é amado. A variedade no culto do Senhor, decorrente da variedade do bem nas diferentes sociedades, não é prejudicial, mas benéfica, pois dela procede a perfeição do céu. Dificilmente se pode tornar isto compreensível sem recorrer a termos correntes no mundo erudito e mostrar, por meio deles, como a unidade, para ser perfeita, tem de se formar a partir da variedade. Todo o conjunto existe a partir de partes diversas, pois um todo sem elementos constitutivos nada é: não tem forma e, por isso, não tem qualidade. Porém, quando um todo existe a partir de partes diversas, e estas se encontram numa forma perfeita, em que cada uma se liga à seguinte como um amigo afim, então a sua qualidade é perfeita. Assim, o céu é um todo formado por partes diversas dispostas na forma mais perfeita, pois a forma celeste é a mais perfeita de todas as formas. Que este é o fundamento de toda a perfeição torna-se evidente pela natureza de toda a beleza,

agrado e deleite que afetam os sentidos e a mente; pois estas qualidades não nascem nem procedem de outra fonte senão do acordo e da harmonia de muitas partes concordantes e afins, quer coexistam em ordem, quer se sucedam em ordem, e nunca de um todo sem muitas partes. Daqui vem o dizer-se que a variedade dá deleite; e, como se sabe, é a natureza da variedade que determina o deleite. Por tudo isto pode ver-se, como num espelho, de que modo a perfeição procede da variedade também no céu. Pois, nas coisas que existem no mundo natural, podem ver-se as do mundo espiritual como num espelho.[4]

57. O que se disse do céu pode dizer-se também da Igreja, pois a Igreja é o céu do Senhor na terra. Há igualmente muitas igrejas, cada uma das quais se chama igreja e é igreja na medida em que nela reina o bem do amor e da fé. Também aqui o Senhor forma uma unidade a partir de partes diversas, isto é, uma só Igreja a partir de muitas igrejas.[5] E o que se diz da Igreja em geral pode dizer-se, de igual modo, do homem da Igreja em particular: a Igreja está dentro do homem, e não fora dele; e todo o homem em quem o Senhor está presente no bem do amor e da fé é uma igreja.[6] Além disso, do homem que tem a Igreja em si pode dizer-se o mesmo que do anjo que tem o céu em si: é uma igreja na forma mais pequena, tal como um anjo é um céu na forma mais pequena. E o homem que tem a Igreja em si é também um céu, tal como o anjo. Pois o homem foi criado para entrar no céu e tornar-se anjo; consequentemente, aquele que tem o bem proveniente do Senhor é um homem-anjo.[7] Pode indicar-se o que o homem tem em comum com o anjo e o que o distingue dele. Ao homem, tal como ao anjo,

é concedido ter os seus interiores conformados à imagem do céu e tornar-se, na medida em que está no bem do amor e da fé, uma imagem do céu. Mas ao homem, e não aos anjos, é concedido ter os seus exteriores conformados à imagem do mundo e, na medida em que está no bem, ter o mundo em si subordinado ao céu e posto ao seu serviço.[8] Então, o Senhor está presente nele tanto no mundo como no céu, tal como se ele estivesse no seu céu. Pois o Senhor está na Sua ordem divina em ambos os mundos, uma vez que Deus é a ordem.[9]

58. Por fim, deve dizer-se que quem tem o céu em si o tem não apenas nas coisas maiores ou mais gerais que lhe pertencem, mas também em cada coisa mínima ou particular, e que estas coisas mínimas reproduzem, em imagem, as maiores. Isto resulta de cada um ser o seu próprio amor e ser tal como é o seu amor dominante. Aquilo que reina influi nos particulares, ordena-os e imprime por toda a parte uma semelhança de si mesmo.[10] Nos céus, o amor ao Senhor é o amor dominante, pois aí o Senhor é amado acima de todas as coisas. Por isso, o Senhor é aí tudo em todos: influi em todos e em cada um, ordena-os, reveste-os de uma semelhança de Si mesmo e faz com que haja céu onde quer que esteja. É isto que faz de um anjo um céu na forma mais pequena, de uma sociedade um céu numa forma maior e de todas as sociedades em conjunto um céu na maior forma. Que o Divino do Senhor é o que constitui o céu, e que Ele é tudo em todos, pode ver-se acima (n^{os} 7–12).

CAPÍTULO 8

O Céu Inteiro, No Seu Conjunto, Reflete Um Só Homem

59. Que o céu, na sua totalidade, reflete um só homem é um arcano até agora desconhecido no mundo, mas plenamente reconhecido nos céus. Conhecer isto, bem como as coisas específicas e particulares que lhe dizem respeito, é o principal na inteligência dos anjos. Disso dependem muitas coisas que, sem este princípio geral, não entrariam de modo distinto e claro nas ideias das suas mentes. Sabendo que todos os céus, com as suas sociedades, refletem um só homem, chamam ao céu o Homem Máximo e o Homem Divino;[1] divino, porque é o Divino do Senhor que constitui o céu (ver acima, nos 7–12).

60. Que as coisas celestiais e espirituais estejam dispostas e unidas numa tal forma e imagem não pode ser compreendido por quem não tenha uma ideia correta das coisas espirituais e celestes. Essas pessoas pensam que são as coisas terrenas e materiais de que se compõe a natureza mais exterior do homem que fazem dele um homem, e que, sem elas, o homem não é homem. Saibam, porém, que não é por elas que o homem é homem, mas pela sua

capacidade de compreender o que é verdadeiro e de querer o que é bom. Esse compreender e esse querer são as coisas espirituais e celestiais de que o homem é constituído. Além disso, sabe-se que a qualidade de cada um é determinada pela qualidade do seu entendimento e da sua vontade; e pode também saber-se que o seu corpo terreno foi formado para servir o entendimento e a vontade no mundo e para realizar habilmente os seus usos na esfera mais exterior da natureza. Por esta razão, o corpo, por si mesmo, nada pode fazer: move-se sempre em inteira obediência ao que o entendimento e a vontade determinam. Assim, tudo o que o homem pensa exprime-o com a língua e os lábios, e tudo o que quer executa-o com o corpo e os membros. São, portanto, o entendimento e a vontade que agem; o corpo, por si mesmo, nada faz. É, pois, evidente que são as coisas do entendimento e da vontade que constituem o homem; e, como estas atuam nos mais ínfimos pormenores do corpo, como o interno atua no externo, têm de apresentar uma forma semelhante. Por isso, o homem é chamado homem interno ou espiritual. O céu é um tal homem na sua forma maior e mais perfeita.

61. Sendo esta a ideia angélica do homem, os anjos não atendem ao que o homem faz com o corpo, mas apenas à vontade a partir da qual o corpo age. A esta chamam o próprio homem; e ao entendimento chamam homem na medida em que atua em união com a vontade.[2]

62. É verdade que os anjos não veem o céu inteiro na forma humana, pois o céu, no seu conjunto, não cabe na visão de nenhum

anjo. Mas veem por vezes sociedades distantes, compostas por muitos milhares de anjos, como uma unidade em forma humana; e, a partir de uma sociedade, como a partir de uma parte, tiram a sua conclusão acerca do todo, que é o céu. Pois, na forma mais perfeita, o todo é semelhante às partes, e as partes ao todo, havendo apenas a diferença que existe entre coisas semelhantes de maior ou menor grandeza. Por isso, os anjos dizem que, visto o Divino ver todas as coisas a partir do mais íntimo ou supremo, o céu inteiro tem de apresentar a forma humana à vista do Senhor.

63. Sendo assim o céu, é governado pelo Senhor como se governa um só homem, portanto como uma unidade. Pois, embora o homem, como sabemos, seja constituído por uma variedade inumerável de partes, não apenas no conjunto, mas também em cada parte — no conjunto, por membros, órgãos e vísceras; e em cada parte, por séries de fibras, nervos e vasos sanguíneos, portanto por membros dentro de membros e partes dentro de partes —, quando age, age como um só homem. O mesmo sucede com o céu sob os auspícios e a direção do Senhor.

64. Tantas coisas diferentes no homem atuam como uma unidade porque nada há nele, por mais pequeno que seja, que não contribua para o bem do todo e não desempenhe algum uso. O todo desempenha um uso para as suas partes, e as partes para o todo; pois o todo é composto pelas partes, e as partes constituem o todo. Por isso, providenciam umas pelas outras, atendem umas às outras e estão ligadas numa forma tal que cada coisa e todas as coisas se

referem ao todo e ao seu bem. É assim que atuam como uma unidade.

(2) Nos céus há associações semelhantes. Os que aí se encontram estão unidos segundo os usos, numa forma semelhante; por conseguinte, os que não desempenham usos para o bem comum são expulsos do céu como algo heterogéneo. Desempenhar um uso é querer o bem dos outros por causa do bem comum; mas querer o bem dos outros, não por causa do bem comum, mas por causa de si próprio, não é desempenhar um uso. Estes últimos amam-se a si mesmos acima de tudo, enquanto os primeiros amam o Senhor acima de tudo. É por isso que os que estão no céu atuam como uma unidade; e fazem-no a partir do Senhor, e não de si mesmos, pois voltam-se para Ele como o Único, a fonte de todas as coisas, e consideram o Seu reino como o todo cujo bem deve ser procurado. É isto que se entende pelas palavras do Senhor:

> **Procurai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça, e todas as coisas vos serão acrescentadas (Mateus 6:33).**

«Procurar a Sua justiça» significa procurar o Seu bem.[3]

(3) Aqueles que, no mundo, amam o bem da sua pátria mais do que o seu próprio bem, e o bem do próximo como o seu, são os que, na outra vida, amam e procuram o reino do Senhor; pois aí o reino do Senhor ocupa o lugar da pátria. E aqueles que amam fazer o bem aos outros, não tendo a si

mesmos por fim, mas o bem, amam o próximo, pois, no céu, o bem é o próximo.[4] Todos eles se encontram no Homem Máximo, isto é, no céu.

65. Como o céu inteiro reflete um só homem e é um homem divino espiritual na maior forma, mesmo quanto à figura, também o céu, à semelhança do homem, se encontra disposto em membros e partes, que recebem designações semelhantes. Além disso, os anjos sabem em que membro se encontra esta ou aquela sociedade. Dizem que esta sociedade está numa determinada parte ou região da cabeça; aquela, numa determinada parte ou região do peito; outra, numa determinada parte ou região dos lombos; e assim sucessivamente. Em geral, o céu supremo ou terceiro forma a cabeça até ao pescoço; o céu intermédio ou segundo forma o peito até aos lombos e aos joelhos; e o céu inferior ou primeiro forma os pés até às plantas, bem como os braços até aos dedos. Pois os braços e as mãos pertencem às partes inferiores do homem, embora se encontrem aos lados. Torna-se assim, uma vez mais, evidente a razão de haver três céus.

66. Os espíritos que estão abaixo do céu ficam muito admirados quando ouvem dizer que o céu não está apenas acima, mas também abaixo; pois têm uma crença e uma opinião semelhantes às dos homens no mundo: o céu só pode estar acima. Não sabem que a disposição dos céus é semelhante à dos membros, órgãos e vísceras no homem, alguns dos quais estão acima e outros abaixo; ou à das partes de cada membro, órgão e víscera, algumas interiores e outras exteriores. Daí as suas noções confusas acerca do céu.

67. Estas coisas acerca do céu como Homem Máximo são expostas porque o que se segue a respeito do céu não pode ser compreendido sem que elas sejam conhecidas. Também não se poderá ter uma ideia clara da forma do céu, da conjunção do Senhor com o céu, da conjunção do céu com o homem, do influxo do mundo espiritual no natural, nem qualquer ideia da correspondência: assuntos que serão tratados, pela sua ordem, no que se segue. Foi, portanto, para lançar alguma luz sobre estes assuntos que se expôs previamente o que antecede.

CAPÍTULO 9

Cada Sociedade no Céu Reflete Um Só Homem

68. Foi-me frequentemente permitido ver que cada sociedade do céu reflete um só homem e apresenta a semelhança de um homem. Havia uma sociedade na qual se tinham insinuado vários que sabiam fazer-se passar por anjos de luz. Eram hipócritas. Enquanto eram separados dos anjos, vi que a sociedade inteira aparecia, primeiro, como um único corpo indistinto; depois, gradualmente, numa forma humana, ainda indistinta; e, por fim, claramente como um homem. Aqueles que estavam nesse homem e o constituíam eram os que se encontravam no bem dessa sociedade; os outros, que não estavam no homem nem o constituíam, eram hipócritas. Estes foram expulsos e os primeiros permaneceram; assim se efetuou a separação. Os hipócritas são aqueles que falam bem e também praticam o bem, mas em tudo têm em vista a si próprios. Falam como os anjos acerca do Senhor, do céu, do amor e da vida celeste, e também agem corretamente, para parecerem ser aquilo que professam. Mas o seu pensamento é diferente: não creem em nada e só desejam o bem a si mesmos. Fazem o bem por causa de si próprios; ou, se o fazem por causa dos outros, é apenas para manter as aparências e, portanto, continua a ser por causa de si próprios.

69. Foi-me também permitido ver que uma sociedade angélica inteira, na qual o Senhor está visivelmente presente, aparece como uma unidade em forma humana. No alto, a oriente, apareceu algo semelhante a uma nuvem, que passava de um branco resplandecente a vermelho, com pequenas estrelas em redor, e que descia. À medida que descia, tornava-se mais luminosa, até aparecer, por fim, numa forma humana perfeita. As pequenas estrelas em redor da nuvem eram anjos, que assim apareciam em virtude da luz proveniente do Senhor.

70. Deve compreender-se que, embora todos os membros de uma sociedade celeste, vistos em conjunto como uma unidade, apareçam à semelhança de um homem, nenhuma sociedade é um homem exatamente igual ao de outra. As sociedades diferem entre si como os rostos de diferentes indivíduos de uma mesma família, pela razão apresentada acima (n.º 47): diferem segundo as variedades do bem em que se encontram, as quais determinam a sua forma. As sociedades do céu mais íntimo ou supremo, situadas no seu centro, são as que aparecem na forma humana mais perfeita e mais bela.

71. É digno de nota que, quanto maior é o número de membros de uma sociedade no céu, e quanto mais estes formam uma unidade, mais perfeita é a sua forma humana; pois é a variedade disposta numa forma celeste que constitui a perfeição, como se mostrou acima (n.º 56), e o número proporciona variedade. Além disso, todas as sociedades do céu aumentam diariamente em número e, à medida que aumentam, tornam-se mais perfeitas.

Assim, não só a sociedade se torna mais perfeita, mas também o céu em geral, porque é constituído por sociedades. Como o céu ganha em perfeição com o aumento do número, torna-se evidente quanto se enganam aqueles que acreditam que o céu pode fechar-se por ficar cheio. O contrário é que é verdadeiro: nunca se fechará, mas aperfeiçoa-se por uma plenitude cada vez maior. Por isso, os anjos nada desejam tanto como receber novos hóspedes angélicos.

72. Cada sociedade, quando aparece como um todo, tem a forma de um homem, porque o céu inteiro tem essa forma, como se mostrou no capítulo anterior. Além disso, na forma mais perfeita, como é a do céu, há uma semelhança das partes com o todo e das formas menores com a maior. As formas menores e as partes do céu são as sociedades que o constituem, as quais são também céus numa forma menor (ver n^{os} 51–58). Esta semelhança é permanente, porque, nos céus, os bens de todos procedem de um único amor, portanto de uma única origem. O único amor que é a origem do bem de todos no céu é o amor ao Senhor que procede do Senhor. É por isso que o céu inteiro em geral, cada sociedade num âmbito menos geral e cada anjo em particular são uma semelhança do Senhor, como se mostrou acima (n.º 58).

CAPÍTULO 10

Por Conseguinte, Cada Anjo Tem Uma Forma Humana Completa

73. Nos dois capítulos anteriores mostrou-se que o céu, na sua totalidade, e igualmente cada sociedade no céu, refletem um só homem. Da sequência das razões aí expostas resulta que o mesmo se verifica em cada anjo. Assim como o céu é um homem na maior forma, e uma sociedade do céu numa forma menor, também um anjo o é na forma mais pequena. Pois, na forma mais perfeita, como é a do céu, há uma semelhança do todo na parte e da parte no todo. Isto sucede porque o céu é uma partilha comum: partilha tudo o que tem com cada um, e cada um recebe dessa partilha tudo o que tem. Por ser assim um recetáculo, o anjo é um céu na forma mais pequena, como se mostrou acima no capítulo respetivo; e também o homem, na medida em que recebe o céu, é um recetáculo, um céu e um anjo (ver acima, n.º 57). Isto é descrito do seguinte modo no Apocalipse:

> **Mediu a muralha da santa Jerusalém: cento e quarenta e quatro côvados, medida de homem, que é a de anjo (21:17).**

«Jerusalém» significa aqui a Igreja do Senhor e, num sentido mais eminente, o céu;[1] a «muralha» significa a verdade, que defende contra o ataque das falsidades e dos males;[2] «cento e quarenta e quatro» significa todos os bens e todas as verdades no seu conjunto;[3] a «medida» significa a qualidade de uma coisa;[4] e o «homem» significa aquele em quem se encontram os bens e as verdades em geral e em particular, portanto aquele em quem está o céu. E, como é por isso que um anjo é homem, diz-se «medida de homem, que é a de anjo». Este é o sentido espiritual destas palavras. Sem esse sentido, como se poderia compreender que «a muralha da santa Jerusalém» é «medida de homem, que é a de anjo»?[5]

74. Voltemo-nos agora para a experiência. Vi mil vezes que os anjos são formas humanas, ou homens. Falei com eles como um homem fala com outro, por vezes com um só, por vezes com muitos em conjunto; e nada vi na sua forma que diferisse da forma humana, tendo-me por vezes surpreendido por os encontrar assim. E, para que não se pudesse dizer que se tratava de uma ilusão ou de uma visão da fantasia, foi-me permitido ver anjos plenamente desperto, na posse de todos os meus sentidos corporais e num estado de perceção clara. Disse-lhes muitas vezes que os homens do mundo cristão se encontram numa ignorância tão cega acerca dos anjos e dos espíritos que os julgam mentes sem forma, ou mesmo puros pensamentos, dos quais não fazem outra ideia senão a de algo etéreo dotado de alguma vitalidade. E, como assim nada atribuem de humano aos anjos, além da faculdade de pensar,

acreditam que, não tendo olhos, não veem; não tendo ouvidos, não ouvem; e, não tendo boca nem língua, não falam.

(2) A isto responderam os anjos que sabem ser esta a crença de muitos no mundo, predominando entre os eruditos e, para sua surpresa, até entre o clero. A razão, disseram, é que os eruditos, que eram os guias e que primeiro conceberam tal ideia dos anjos e dos espíritos, os conceberam a partir das noções sensoriais do homem externo. Aqueles que pensam a partir destas, e não da luz interior e da ideia geral implantada em cada um, têm necessariamente de fabricar tais noções, pois as conceções sensoriais do homem externo abrangem apenas o que pertence à natureza, e nada do que está acima dela; portanto, nada do mundo espiritual.[6] A partir desses guias, esta falsa ideia dos anjos estendeu-se a outros, que não pensavam por si mesmos, mas adotavam os pensamentos dos seus orientadores. E aqueles que começam por receber os pensamentos de outros e fazer deles a sua crença, examinando-os depois com o próprio entendimento, dificilmente conseguem abandoná-los; por isso, na maioria dos casos, contentam-se em confirmá-los.

(3) Os anjos disseram ainda que os simples de fé e de coração não têm tal ideia dos anjos, mas pensam neles como nos homens do céu, porque não extinguiram, pelo saber erudito, aquilo que neles foi implantado a partir do céu, e não concebem coisa alguma desprovida de forma. É por isso que, nas igrejas, os anjos, quer esculpidos, quer pintados, são

sempre representados como homens. Acerca desta perceção proveniente do céu, disseram que é o Divino que influi naqueles que estão no bem da fé e da vida.

75. Por toda a minha experiência, que conta já muitos anos, posso dizer e afirmar que os anjos são inteiramente homens quanto à forma: têm rosto, olhos, ouvidos, corpo, braços, mãos e pés; veem-se e ouvem-se uns aos outros, conversam entre si e, numa palavra, nada lhes falta do que pertence aos homens, exceto que não estão revestidos de corpos materiais. Vi-os na sua própria luz, que excede em muitos graus a luz do meio-dia no mundo; e, nessa luz, todos os seus traços podiam ver-se mais distinta e claramente do que os rostos dos homens na terra. Foi-me também concedido ver um anjo do céu mais íntimo. Tinha um rosto mais radiante e resplandecente do que o dos anjos dos céus inferiores. Observei-o atentamente, e possuía uma forma humana em toda a sua completude.

76. Deve, porém, recordar-se que o homem não pode ver os anjos com os olhos do corpo, mas apenas com os olhos do espírito que nele existe,[7] porque o seu espírito está no mundo espiritual, enquanto todas as coisas do corpo estão no mundo natural. O semelhante vê o semelhante por lhe ser semelhante. Além disso, como todos sabem, o órgão corporal da visão, o olho, é demasiado grosseiro para ver até as coisas mais pequenas da natureza, a não ser através de lentes de aumento; muito menos poderá ver o que está acima da esfera da natureza, como estão todas as coisas do mundo espiritual. Estas coisas podem, contudo, ser vistas pelo

homem quando é afastado da visão do corpo e se abre a visão do seu espírito. Isto pode acontecer instantaneamente, sempre que seja do agrado do Senhor que o homem as veja; e, nesse caso, o homem julga vê-las com os olhos do corpo. Foi assim que os anjos foram vistos por Abraão, Lot, Manoá e os profetas; assim também o Senhor foi visto pelos discípulos depois da ressurreição; e do mesmo modo os anjos têm sido vistos por mim. Porque os profetas viam desta maneira, eram chamados «videntes», e dizia-se que tinham «os olhos abertos» (1 Samuel 9:8; Números 24:3). Permitir-lhes ver assim chamava-se «abrir-lhes os olhos», como aconteceu ao servo de Eliseu, de quem lemos:

> **Eliseu orou e disse: Jeová, peço-Te que lhe abras os olhos para que veja. E Jeová abriu os olhos do jovem, e ele viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo em redor de Eliseu (2 Reis 6:17).**

77. Os bons espíritos com quem falei deste assunto ficaram profundamente entristecidos por haver na Igreja tal ignorância acerca da condição do céu, dos espíritos e dos anjos; e, no seu desagrado, incumbiram-me de declarar com firmeza que não são mentes sem forma nem sopros etéreos, mas homens na sua própria forma, que veem, ouvem e sentem tal como os que estão neste mundo.[8]

CAPÍTULO 11

É a Partir do Humano Divino do Senhor que o Céu, no Todo e nas Partes, Reflete o Homem

78. Que é a partir do Humano Divino do Senhor que o céu, no todo e nas partes, reflete o homem é uma conclusão que decorre de tudo o que se afirmou e mostrou nos capítulos anteriores, a saber:

(i) o Deus do céu é o Senhor;

(ii) é o Divino do Senhor que constitui o céu;

(iii) o céu é constituído por inúmeras sociedades, sendo cada sociedade um céu numa forma menor e cada anjo um céu na forma mais pequena;

(iv) o céu inteiro, no seu conjunto, reflete um só homem;

(v) cada sociedade nos céus reflete um só homem;

(vi) por conseguinte, cada anjo tem uma forma humana completa.

Tudo isto conduz à conclusão de que, sendo o Divino que constitui o céu, o céu tem necessariamente uma forma humana. Que este Divino é o Humano Divino do Senhor pode ver-se ainda mais claramente, por estar apresentado de forma compendiada, nos excertos recolhidos, reunidos e confrontados dos *Arcanos Celestes*, que se encontram como suplemento no fim deste capítulo. Que o Humano do Senhor é Divino, e que não é verdade que o Seu Humano não seja Divino, como acreditam os que estão dentro da Igreja, pode também ver-se nesses mesmos excertos, bem como no capítulo acerca do Senhor, no fim de *A Nova Jerusalém e a Sua Doutrina Celeste*.

79. A verdade disto foi-me comprovada por muita experiência, da qual direi agora alguma coisa. Nenhum anjo nos céus percebe o Divino sob outra forma que não seja a humana; e, o que é notável, os que estão nos céus superiores são incapazes de pensar no Divino de outro modo. A necessidade de pensar assim provém do próprio Divino que neles influi, bem como da forma do céu, em harmonia com a qual os seus pensamentos se estendem. Pois todo o pensamento de um anjo se estende pelo céu, e os anjos têm inteligência e sabedoria na medida dessa extensão. É por isso que todos no céu reconhecem o Senhor, pois só n'Ele existe o Humano Divino. Tudo isto não só me foi dito pelos anjos, como também me foi dado percebê-lo quando fui elevado à esfera interior do céu. Torna-se assim evidente que, quanto mais sábios são os anjos, mais

claramente percebem esta verdade; e é por isso que o Senhor é visto por eles. Pois o Senhor é visto numa forma divina angélica, que é a forma humana, por aqueles que reconhecem um Ser Divino visível e creem n'Ele, mas não pelos que creem num Divino invisível. Os primeiros podem ver o seu Ser Divino; os últimos, não.

80. Como os anjos não têm perceção de um Divino invisível, a que chamam um Divino sem forma, mas apenas de um Divino visível em forma humana, costumam dizer que só o Senhor é homem, que é a partir d'Ele que eles são homens e que cada um é homem na medida em que recebe o Senhor. Por receber o Senhor entendem receber o bem e a verdade que d'Ele procedem, pois, o Senhor está no Seu bem e na Sua verdade; a isto chamam sabedoria e inteligência. Todos sabem, dizem eles, que são a inteligência e a sabedoria que fazem o homem, e não um rosto sem elas. A verdade disto torna-se manifesta na aparência dos anjos dos céus interiores: por estarem no bem e na verdade provenientes do Senhor, e na sabedoria e inteligência daí resultantes, apresentam uma forma humana de suma beleza e perfeição; ao passo que os anjos dos céus inferiores apresentam uma forma humana menos perfeita e menos bela. Pelo contrário, os que estão no inferno, vistos à luz do céu, mal parecem homens, assemelhando-se antes a monstros, porque não estão no bem e na verdade, mas no mal e na falsidade e, consequentemente, no oposto da sabedoria e da inteligência. Por esta razão, a sua vida não se chama vida, mas morte espiritual.

81. Como o céu, no todo e nas partes, reflete um homem a partir do Humano Divino do Senhor, os anjos dizem que estão no Senhor; e alguns dizem que estão no Seu corpo, querendo com isto dizer que estão no bem do Seu amor. É o que o próprio Senhor ensina, ao dizer:

> **Permanecei em Mim, e Eu em vós. Assim como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, também vós não o podeis dar, se não permanecerdes em Mim. Sem Mim nada podeis fazer. Permanecei no Meu amor. Se guardardes os Meus mandamentos, permanecereis no Meu amor (João 15:4–10).**

82. Porque existe nos céus esta perceção do Divino, pensar em Deus sob uma forma humana está implantado em todo o homem que recebe algum influxo do céu. Assim pensavam os antigos acerca d'Ele; e assim pensam os homens de hoje, tanto fora como dentro da Igreja. Os simples veem-n'O em pensamento como o Ancião numa luz resplandecente. Mas esta perceção foi extinta em todos os que, pela inteligência própria e por uma vida de mal, rejeitaram o influxo do céu. Os que a extinguiram pela inteligência própria preferem um Deus invisível; os que a extinguiram por uma vida de mal preferem que não haja Deus. Nem uns nem outros sabem que tal perceção existe, porque não a possuem; e, contudo, é o próprio Divino celeste que, em primeiro lugar, influi no homem a partir do céu, pois o homem nasce para o céu, e ninguém pode entrar nele sem uma conceção do Divino.

83. Por esta razão, quem não tem uma conceção do céu, isto é, uma conceção do Divino de que o céu procede, não pode ser

elevado sequer ao primeiro limiar do céu. Logo que alguém assim se aproxima do céu, sente-se uma resistência e uma forte repulsão; isto acontece porque os seus interiores, que deveriam ser recetivos ao céu, estão fechados, por não se encontrarem na forma do céu, e fecham-se tanto mais firmemente quanto mais dele se aproxima. Tal é a sorte dos que, dentro da Igreja, negam o Senhor, e dos que, como os socinianos, negam a Sua Divindade. Mas a sorte daqueles que nascem fora da Igreja e ignoram o Senhor porque não possuem a Palavra será descrita adiante.

84. Que os homens dos tempos antigos tinham uma ideia do Divino como humano é evidente pelas manifestações do Divino a Abraão, Lot, Josué, Gedeão, Manoá e a sua mulher, e a outros. Viram Deus como um homem, mas, apesar disso, adoraram-n'O como o Deus do universo, chamando-Lhe o Deus do céu e da terra e Jeová. Que foi o Senhor quem Abraão viu, Ele próprio o ensina em João (8:56); e que foi Ele quem os restantes viram é evidente pelas Suas palavras:

> **Ninguém viu o Pai, nem ouviu a Sua voz, nem viu a Sua forma (João 1:18; 5:37).**

85. Mas que Deus seja homem dificilmente pode ser compreendido pelos que julgam todas as coisas a partir das conceções sensoriais do homem externo; pois o homem sensual tem necessariamente de pensar no Divino a partir do mundo e das coisas que nele existem, e, portanto, num homem divino e espiritual do mesmo modo que num homem corpóreo e natural. Daqui conclui

que, se Deus fosse homem, seria tão grande como o universo; e que, se governasse o céu e a terra, o faria por intermédio de muitos outros, à maneira dos reis no mundo. Se lhe dissessem que, no céu, não há extensão espacial como no mundo, nada compreenderia. Pois quem pensa apenas a partir da natureza e da sua luz tem necessariamente de pensar segundo a extensão que se apresenta aos seus olhos. Mas pensar assim acerca do céu é um erro enorme. A extensão aí não é como a extensão no mundo. No mundo, a extensão é determinada e, por isso, mensurável; no céu, não é determinada e, por isso, não é mensurável. A extensão no céu será, porém, tratada mais adiante, a propósito do espaço e do tempo no mundo espiritual. Além disso, todos sabem até onde se estende a visão dos olhos: até ao Sol e às estrelas, que estão tão distantes; e quem reflete profundamente sabe que a visão interna, a do pensamento, tem uma extensão ainda maior, e que uma visão ainda mais interior terá de se estender mais amplamente. Que se dirá, então, da visão divina, que é a mais íntima e a mais elevada de todas? Por terem os pensamentos tal extensão, todas as coisas do céu são partilhadas com cada um dos que aí se encontram, e assim também todas as coisas do Divino que constitui e preenche o céu, como se mostrou nos capítulos anteriores.

86. Os que estão no céu admiram-se de que os homens possam julgar-se inteligentes quando, ao pensarem em Deus, pensam em algo invisível, isto é, inconcebível sob qualquer forma; e de que possam chamar pouco inteligentes e simples aos que pensam de outro modo, quando a verdade é precisamente o contrário. Acrescentam:

> **«Examinem-se aqueles que assim se julgam inteligentes, para verem se não consideram a natureza como Deus, uns a natureza que têm diante dos olhos, outros o lado invisível da natureza; e se não estão tão cegos que não sabem o que é Deus, o que é um anjo, o que é um espírito, o que é a sua alma que há de viver depois da morte, o que é a vida do céu no homem, e muitas outras coisas que constituem a inteligência. No entanto, aqueles a quem chamam simples conhecem todas estas coisas à sua maneira: têm do seu Deus a ideia de que é o Divino numa forma humana; de um anjo, a de que é um homem celeste; da sua alma, que há de viver depois da morte, a de que é semelhante a um anjo; e da vida do céu no homem, a de que é viver de acordo com os mandamentos divinos.»**

A estes, os anjos chamam inteligentes e aptos para o céu; aos outros, pelo contrário, chamam pouco inteligentes.

Excertos dos Arcanos Celestes Relativos ao Senhor e ao Seu Humano Divino

(2) O Divino estava no Senhor desde a própria conceção (nos 4641, 4963, 5041, 5157, 6716, 10125).

Só o Senhor teve uma semente divina (n.º 1438).

A Sua alma era Jeová (nos 1999, 2004, 2005, 2018, 2025).

Assim, o mais íntimo do Senhor era o próprio Divino, enquanto o revestimento provinha da mãe (n.º 5041).

O próprio Divino era o ser [esse] da vida do Senhor, e deste procedeu depois o Humano, que se tornou o existir [existere] desse ser [esse] (nos 3194, 3210, 10269, 10738).

(3) Dentro da Igreja, onde existe a Palavra e por ela o Senhor é conhecido, não se deve negar o Divino do Senhor nem o Santo que d'Ele procede (n.º 2359).

Os que estão dentro da Igreja e não reconhecem o Senhor não têm conjunção com o Divino; mas com os que estão fora da Igreja sucede de outro modo (n.º 10205).

O essencial da Igreja é reconhecer o Divino do Senhor e a Sua união com o Pai (nos 10083, 10112, 10370, 10730, 10738, 10816–10820).

(4) A glorificação do Senhor é tratada em muitas passagens da Palavra (n.º 10828).

E, no sentido interno da Palavra, por toda a parte (nos 2249, 2523, 3245).

O Senhor glorificou o Seu Humano, mas não o Divino, pois este era glorificado em Si mesmo (n.º 10057).

O Senhor veio ao mundo para glorificar o Seu Humano (nos 3637, 4287, 9315).

O Senhor glorificou o Seu Humano por meio do amor divino que n'Ele existia desde a conceção (n.º 4727).

A vida do Senhor no mundo era o Seu amor por todo o género humano (n.º 2253).

O amor do Senhor transcende todo o entendimento humano (n.º 2077).

O Senhor salvou o género humano ao glorificar o Seu Humano (nos 4180, 10019; 10152, 10655, 10659, 10828).

De outro modo, todo o género humano teria perecido na morte eterna (n.º 1676).

O estado de glorificação e de humilhação do Senhor (nos 1785, 1999, 2159, 6866).

A glorificação, no que respeita ao Senhor, é a união do Seu Humano com o Divino; e glorificar é tornar divino (nos 1603, 10053, 10828).

Quando o Senhor glorificou o Seu Humano, despojou-Se de tudo o que era humano e provinha da mãe, até que, por fim, deixou de ser seu filho (nos 2159, 2574, 2649, 3036, 10830).

(5) O Filho de Deus desde a eternidade era a verdade divina no céu (nos 2628, 2798, 2803, 3195, 3704).

Quando o Senhor estava no mundo, fez do Seu Humano a verdade divina a partir do bem divino que n'Ele existia (nos 2803, 3194, 3195, 3210, 6716, 6864, 7014, 7499, 8127, 8724, 9199).

O Senhor dispôs então todas as coisas em Si numa forma celeste, que está de acordo com a verdade divina (nos 1928, 3633).

Por esta razão, o Senhor foi chamado a Palavra, que é a verdade divina (nos 2533, 2813, 2859, 2894, 3393, 3712).

Só o Senhor tinha perceção e pensamento a partir de Si mesmo, acima de toda a perceção e de todo o pensamento angélicos (nos 1904, 1914, 1919).

O Senhor uniu a verdade divina, que era Ele próprio, ao bem divino que estava n'Ele (nos 10047, 10052, 10076). A união era recíproca (nos 2004, 10067).

(6) Ao sair do mundo, o Senhor fez também do Seu Humano o bem divino (nos 3194, 3210, 6864, 7499, 8724, 9199, 10076).

É isto que se entende por ter saído do Pai e regressado ao Pai (nos 3194, 3210). Tornou-Se assim um com o Pai (nos 2751, 3704, 4766).

Desde essa união, a verdade divina procede do Senhor (nos 3704, 3712, 3969, 4577, 5704, 7499, 8127, 8241, 9199, 9398). Ilustração do modo como a verdade divina procede (nos 7270, 9407).

Foi pelo Seu próprio poder que o Senhor uniu o Humano ao Divino (nos 1616, 1749, 1752, 1813, 1921, 2025, 2026, 2523, 3141, 5005, 5045, 6716).

Daqui se torna claro que o Humano do Senhor não era semelhante ao de qualquer outro homem, por ter sido concebido a partir do próprio Divino (nos 10125, 10825, 10826).

A Sua união com o Pai, de quem provinha a Sua alma, não era como a união entre duas pessoas, mas como a união entre a alma e o corpo (nos 3737, 10824).

> (7) Os antiquíssimos não podiam adorar o ser divino [esse], mas apenas o existir divino [existere], que é o Humano Divino; por isso, o Senhor veio ao mundo para Se tornar o existir divino [existere] a partir do ser divino [esse] (nos 4687, 5321).

Os antigos reconheciam o Divino porque Ele lhes aparecia numa forma humana, e esta era o Humano Divino (nos 5110, 5663, 6845, 10737).

O ser infinito [esse] só podia influir no céu, junto dos anjos e dos homens, por meio do Humano Divino (nos 1676, 1990, 2016, 2034).

No céu, não se percebe outro Divino senão o Humano Divino (nos 6475, 9303, 10067, 10267).

O Humano Divino desde a eternidade era a verdade divina no céu e o Divino que atravessava o céu; era, portanto, o existir divino [existere], que depois, no Senhor, se tornou o ser divino [esse] em Si mesmo, do qual procede o existir divino [existere] no céu (nos 3061, 6280, 6880, 10579).

Qual era o estado do céu antes da vinda do Senhor (nos 6371–6373).

O Divino só era percetível quando atravessava o céu (nos 6982, 6996, 7004).

> (8) Os habitantes de toda a terra adoram o Divino sob uma forma humana, isto é, o Senhor (nos 6700, 8541–8547, 10736–10738).

Regozijam-se quando ouvem dizer que Deus Se tornou realmente homem (n.º 9361).

Todos os que estão no bem e adoram o Divino sob a forma humana são recebidos pelo Senhor (n.º 9359).

Não se pode pensar em Deus senão sob uma forma humana; e o que é incompreensível não pode entrar em nenhuma ideia nem, portanto, na crença (nos 9359, 9972).

O homem pode adorar aquilo de que tem alguma ideia, mas não aquilo de que não tem ideia alguma (nos 4733, 5110, 5663, 7211, 9356, 10067, 10267).

Por isso, a maioria dos habitantes de todo o globo adora o Divino sob uma forma humana, e isto é efeito do influxo do céu (n.º 10159).

Todos os que estão no bem quanto à sua vida, quando pensam no Senhor, pensam no Humano Divino, e não no Humano separado do Divino; com os que não estão no bem quanto à sua vida sucede de outro modo (nos 2326, 4724, 4731, 4766, 8878, 9193, 9198).

Na Igreja dos nossos dias, os que estão no mal quanto à sua vida e os que estão na fé separada da caridade pensam no Humano do Senhor separado do Divino, e nem sequer compreendem o que é o Humano Divino; razões por que não o compreendem (nos 3212, 3241, 4689, 4692, 4724, 4731, 5321, 6872, 8878, 9193, 9198).

O Humano do Senhor é Divino porque procede do ser [esse] do Pai, e este era a Sua alma; isto é ilustrado pela semelhança de um pai nos filhos (nos 10269, 10372, 10823).

Também porque procedia do amor divino, que era o próprio ser [esse] da Sua vida desde a conceção (n.º 6872).

Todo o homem é tal como é o seu amor, e é o seu amor (nos 6872, 10177, 10284). O Senhor tornou divino todo o Seu Humano, tanto o interno como o externo (nos 1603, 1815, 1902, 1926, 2083, 2093).

Por isso, diferentemente de qualquer homem, ressuscitou com todo o Seu corpo (nos 1729, 2083, 5078, 10825).

(9) Que o Humano do Senhor é Divino reconhece-se pela Sua omnipresença na Santa Ceia (nos 2343, 2359).

Também pela Sua transfiguração diante dos Seus três discípulos (n.º 3212).

Também pela Palavra do Antigo Testamento, onde é chamado Deus (n.º 10154) e Jeová (nos 1603, 1736, 1815, 1902, 2921, 3035, 5110, 6281, 6303, 8864, 9194, 9315).

No sentido da letra, faz-se uma distinção entre o Pai e o Filho, isto é, entre Jeová e o Senhor, mas não no sentido interno da Palavra, em que se encontram os anjos do céu (n.º 3035).

No mundo cristão, declarou-se que o Humano do Senhor não é Divino; isto foi feito num concílio por causa do papa, para que ele pudesse ser reconhecido como vigário do Senhor (n.º 4738).

(10) Na outra vida, foram examinados cristãos quanto à sua ideia de um só Deus, e verificou-se que tinham uma ideia de três deuses (n nos 2329, 5256, 10736–10738, 10821).

É concebível uma Trindade ou tríade divina numa só pessoa, constituindo um só Deus, mas não em três pessoas (nos 10738, 10821, 10824).

No céu, reconhece-se uma tríade divina no Senhor (nos 14, 15, 1729, 2004, 5256, 9303).

A tríade no Senhor é o próprio Divino, chamado Pai, o Humano Divino, chamado Filho, e o Divino procedente, chamado Espírito Santo; e esta tríade divina é uma unidade (nos 2149, 2156, 2288, 2319, 2329, 2447, 3704, 6993, 7182, 10738, 10822, 10823).

O próprio Senhor ensina que o Pai e Ele são um (nos 1729, 2004, 2005, 2018, 2025, 2751, 3704, 3736, 4766); e também que o Santo Divino procede d'Ele e Lhe pertence (nos 3969, 4673, 6788, 6993, 7499, 8127, 8302, 9199, 9228, 9229, 9264, 9407, 9818, 9820, 10330).

(11) O Humano Divino influi no céu e constitui o céu (n.º 3038). O Senhor é tudo no céu e é a vida do céu (nos 7211, 9128). Nos anjos, o Senhor habita naquilo que Lhe pertence (nos 9338, 10125, 10151, 10157). Por conseguinte, os que estão no céu estão no Senhor (nos 3637, 3638).

A conjunção do Senhor com os anjos é medida pela sua receção do bem do amor e da caridade proveniente d'Ele (nos 904, 4198, 4205, 4211, 4220, 6280, 6832, 7042, 8819, 9680, 9682, 9683, 10106, 10810).

O céu inteiro refere-se ao Senhor (nos 551, 552). O Senhor é o centro comum do céu (nos 3633, 3641).

Todos no céu se voltam para o Senhor, que está acima dos céus (nos 9828, 10130, 10189).

Contudo, não são os anjos que se voltam para o Senhor: é o Senhor que os volta para Si (n.º 10189).

Não se trata da presença dos anjos junto do Senhor, mas da presença do Senhor junto dos anjos (n.º 9415).

No céu, não há conjunção com o próprio Divino, mas conjunção com o Humano Divino (nos 4211, 4724, 5663).

(12) O céu corresponde ao Humano Divino do Senhor; por conseguinte, o céu em geral é como um só homem, e por esta razão é chamado Homem Máximo (nos 2996, 2998, 3624–3649, 3741–3745, 4625).

O Senhor é o único homem, e só são homens aqueles que recebem d'Ele o Divino (n.º 1894).

Na medida em que o recebem, são homens e imagens d'Ele (n.º 8547).

Por isso, os anjos são formas do amor e da caridade em forma humana, e isto provém do Senhor (nos 3804, 4735, 4797, 4985, 5199, 5530, 9879, 10177).

(13) O céu inteiro pertence ao Senhor (nos 2751, 7086).

Ele tem todo o poder nos céus e na terra (nos 1607, 10089, 10827).

Como o Senhor governa o céu inteiro, governa também tudo o que dele depende, portanto, todas as coisas no mundo (nos 2025, 2026, 4523, 4524).

Só o Senhor tem o poder de afastar os infernos, de preservar dos males e de manter no bem, portanto de salvar (n.º 10019).

CAPÍTULO 12

Há Uma Correspondência entre Todas as Coisas do Céu e Todas as Coisas do Homem

87. Hoje não se sabe o que é a correspondência, por várias razões, sendo a principal o facto de o homem se ter afastado do céu pelo amor de si e pelo amor do mundo. Pois quem ama a si próprio e ao mundo acima de todas as coisas só atende às coisas mundanas, porque estas se dirigem aos sentidos externos e satisfazem os desejos naturais; não atende às coisas espirituais, porque estas se dirigem aos sentidos internos e satisfazem a mente, e por isso põe-nas de lado, dizendo que são demasiado elevadas para a sua compreensão. Não sucedia assim com os antigos. Para eles, o conhecimento das correspondências era o principal dos conhecimentos. Por seu intermédio adquiriam inteligência e sabedoria, e por seu intermédio os que pertenciam à Igreja comunicavam com o céu; pois o conhecimento das correspondências é um conhecimento angélico. Os antiquíssimos, que eram homens celestiais, pensavam a partir da própria correspondência, como os anjos. Por isso, falavam com os anjos, o Senhor aparecia-lhes frequentemente e eram instruídos por Ele.

Mas hoje esse conhecimento perdeu-se tão completamente que ninguém sabe o que é a correspondência.[1]

88. Ora, sem uma perceção do que é a correspondência, não pode haver um conhecimento claro do mundo espiritual e do seu influxo no mundo natural, nem do espiritual na sua relação com o natural; também não pode haver um conhecimento claro do espírito do homem, chamado alma, e da sua ação no corpo, nem do estado do homem depois da morte. É, por isso, necessário explicar o que é a correspondência e qual a sua natureza. Isto preparará o caminho para o que se segue.

89. Em primeiro lugar, o que é a correspondência. Todo o mundo natural corresponde ao mundo espiritual, e não apenas o mundo natural em geral, mas também cada um dos seus particulares; por conseguinte, tudo o que, no mundo natural, procede do mundo espiritual se chama um correspondente. Deve compreender-se que o mundo natural procede do mundo espiritual e por ele subsiste, exatamente como um efeito procede da sua causa eficiente. Chama-se mundo natural a tudo o que se estende sob o Sol e dele recebe calor e luz; e pertencem a esse mundo todas as coisas que daí retiram a sua subsistência. Mas o mundo espiritual é o céu, e todas as coisas que estão nos céus pertencem a esse mundo.

90. Como o homem é simultaneamente um céu e um mundo na forma mais pequena, à imagem dos maiores (ver acima, n.º 57), há nele um mundo espiritual e um mundo natural. As coisas

interiores que pertencem à sua mente e dizem respeito ao entendimento e à vontade constituem o seu mundo espiritual; as coisas exteriores que pertencem ao seu corpo e dizem respeito aos seus sentidos e atividades constituem o seu mundo natural. Por conseguinte, tudo o que, no seu mundo natural — isto é, no seu corpo, nos seus sentidos e nas suas atividades —, tem a sua existência a partir do seu mundo espiritual — isto é, da sua mente, do seu entendimento e da sua vontade — se chama um correspondente.

91. Pelo rosto humano pode ver-se o que é a correspondência. Num rosto que não aprendeu a dissimular, todas as afeições da mente se apresentam à vista numa forma natural, como na sua expressão figurada. É por isso que o rosto é chamado o índice da mente: é o mundo espiritual do homem apresentado no seu mundo natural. Do mesmo modo, o que pertence ao entendimento apresenta-se na fala, e o que pertence à vontade apresenta-se nos movimentos do corpo. Assim, todos os efeitos produzidos no corpo, quer no rosto, quer na fala, quer nos movimentos corporais, se chamam correspondências.

92. Tudo isto mostra também o que é o homem interno e o que é o externo: o interno é o que se chama homem espiritual, e o externo o que se chama homem natural. Mostra igualmente que um é distinto do outro como o céu é distinto do mundo; e que todas as coisas que acontecem e surgem no homem externo ou natural acontecem e surgem a partir do homem interno ou espiritual.

93. Até aqui falou-se da correspondência do interno ou espiritual do homem com o seu externo ou natural; tratar-se-á agora da correspondência do céu inteiro com tudo o que pertence ao homem.

94. Mostrou-se que o céu inteiro reflete um só homem, que é um homem em imagem e que, por isso, se chama Homem Máximo. Mostrou-se também que, por essa razão, as sociedades angélicas que constituem o céu estão dispostas como os membros, órgãos e vísceras no homem: umas estão na cabeça, outras no peito, outras nos braços, e outras em cada um dos seus particulares (ver acima, n^{os} 59–72). Por conseguinte, as sociedades que se encontram num determinado membro correspondem ao membro semelhante no homem: as que estão na cabeça correspondem à cabeça no homem; as que estão no peito, ao peito; as que estão nos braços, aos braços; e assim com todas as restantes. É por esta correspondência que o homem subsiste, pois é unicamente a partir do céu que o homem tem subsistência.

95. Que o céu está dividido em dois reinos, um chamado reino celestial e o outro reino espiritual, pode ver-se acima no capítulo respetivo. O reino celestial corresponde, em geral, ao coração e a tudo o que pertence ao coração no corpo inteiro; e o reino espiritual, aos pulmões e a tudo o que pertence aos pulmões no corpo inteiro. Também no homem o coração e os pulmões formam dois reinos: o coração governa por meio das artérias e das veias, e os pulmões por meio das fibras tendinosas e motoras, ambos conjuntamente em cada esforço e movimento. Assim também, em cada homem, no seu mundo espiritual, chamado homem espiritual, há dois

reinos: um da vontade e outro do entendimento. A vontade governa por meio das afeições pelo bem, e o entendimento por meio das afeições pela verdade; estes reinos correspondem aos reinos do coração e dos pulmões no corpo. O mesmo sucede nos céus: o reino celestial é a parte do céu que pertence à vontade, e nele reina o bem do amor; o reino espiritual é a parte do céu que pertence ao entendimento, e nele reina a verdade. São estes que correspondem às funções do coração e dos pulmões no homem. É por causa desta correspondência que, na Palavra, o «coração» significa a vontade e também o bem do amor, e o «sopro» dos pulmões significa o entendimento e a verdade da fé. Pela mesma razão, as afeições são atribuídas ao coração, embora não estejam nele nem dele procedam.[2]

96. A correspondência dos dois reinos do céu com o coração e os pulmões é a correspondência geral do céu com o homem. Há uma correspondência menos geral com cada um dos seus membros, órgãos e vísceras, que também será explicada. No Homem Máximo, que é o céu, os que estão na cabeça excedem todos os outros em todo o bem, encontrando-se no amor, na paz, na inocência, na sabedoria, na inteligência e na alegria e felicidade daí resultantes. Estes influem na cabeça do homem e nas coisas que lhe pertencem e que lhes correspondem. No Homem Máximo, ou céu, os que estão no peito encontram-se no bem da caridade e da fé; influem no peito do homem e correspondem-lhe. No Homem Máximo, ou céu, os que estão nos lombos e nos órgãos destinados à geração encontram-se no amor conjugal. Os que estão nos pés encontram-se no bem mais inferior do céu, chamado bem espiritual-natural. Os que estão nos

braços e nas mãos encontram-se no poder da verdade a partir do bem. Os que estão nos olhos encontram-se no entendimento; os que estão nos ouvidos, na atenção e na obediência; os que estão nas narinas, na perceção; os que estão na boca e na língua, na capacidade de conversar a partir do entendimento e da perceção; os que estão nos rins, nas verdades que examinam, separam e corrigem; os que estão no fígado, no pâncreas e no baço, nas diversas purificações do bem e da verdade; e assim com os restantes. Todos estes influem nas coisas semelhantes do homem e correspondem-lhes. Este influxo do céu dirige-se às funções e aos usos dos membros corporais; e os usos, por procederem do mundo espiritual, revestem-se de uma forma por meio das coisas que estão no mundo natural, apresentando-se assim como efeitos. Daqui resulta a correspondência.

97. Pela mesma razão, estes membros, órgãos e vísceras têm uma significação semelhante na Palavra, pois tudo nela tem um sentido segundo a correspondência. Assim, a «cabeça» significa a inteligência e a sabedoria; o «peito», a caridade; os «lombos», o amor conjugal; os «braços e as mãos», o poder da verdade; os «pés», o natural; os «olhos», o entendimento; as «narinas», a perceção; os «ouvidos», a obediência; os «rins», o exame da verdade; e assim sucessivamente.[3] Também na linguagem comum dos homens se diz de alguém inteligente e sábio que tem boa cabeça; de alguém caridoso, que é um amigo do peito; de alguém de perceção clara, que tem faro apurado; de alguém inteligente, que tem vista perspicaz; de alguém poderoso, que tem mãos de longo alcance; e de quem exerce a vontade por amor, que o faz de

coração. Estas e muitas outras expressões da linguagem humana procedem da correspondência, pois provêm do mundo espiritual, embora o homem o ignore.

98. Que existe tal correspondência entre todas as coisas do céu e todas as coisas do homem tornou-se-me claro por muita experiência, tanta que estou tão convencido disso como de qualquer facto evidente que não admite dúvida. Mas não é necessário descrever aqui toda essa experiência, nem a sua abundância o permitiria. Pode encontrar-se exposta nos *Arcanos Celestes*, onde se trata das correspondências, das representações, do influxo do mundo espiritual no mundo natural e da interação entre a alma e o corpo.[4]

99. Mas, embora todas as coisas do corpo do homem correspondam a todas as coisas do céu, não é quanto à sua forma externa que o homem é uma imagem do céu, mas quanto à sua forma interna. Pois são os interiores do homem que recebem o céu, enquanto os seus exteriores recebem o mundo. Na medida, portanto, em que os seus interiores recebem o céu, o homem é, quanto a eles, um céu na forma mais pequena, à imagem do maior. Mas, na medida em que os seus interiores não recebem o céu, não é um céu nem uma imagem do maior, embora os seus exteriores, que recebem o mundo, possam apresentar uma forma conforme à ordem do mundo e, assim, ser belos de diversas maneiras. Pois a beleza exterior, que pertence ao corpo, tem a sua origem nos pais e na formação no ventre materno, sendo depois conservada pelo influxo geral do mundo. Por esta razão, a forma do homem natural

difere muito da forma do seu homem espiritual. Foi-me por vezes mostrado qual é a forma do espírito de um homem; e, em alguns que eram belos e encantadores na aparência, o espírito revelou-se tão disforme, negro e monstruoso que poderia chamar-se uma imagem do inferno, e não do céu. Em outros, que não eram belos, havia um espírito de bela forma, puro e angélico. Além disso, depois da morte, o espírito do homem aparece tal como era no corpo, enquanto nele vivia no mundo.

100. A correspondência, porém, estende-se muito para além do homem, pois há uma correspondência dos céus entre si. Ao terceiro céu, ou mais íntimo, corresponde o segundo, ou intermédio; e a este corresponde o primeiro, ou mais exterior, que, por sua vez, corresponde às formas corporais no homem chamadas membros, órgãos e vísceras. É, portanto, na parte corporal do homem que o céu encontra o seu termo último, e é nela que assenta como sobre a sua base. Mas este arcano será desenvolvido mais plenamente noutro lugar.

101. Deve compreender-se, sobretudo, que toda a correspondência com o céu é com o Humano Divino do Senhor, porque o céu procede d'Ele e Ele é o céu, como se mostrou nos capítulos anteriores. Pois, se o Humano Divino não influísse em todas as coisas do céu e, segundo as correspondências, em todas as coisas do mundo, nenhum anjo nem homem poderia existir. Daqui se torna novamente evidente por que razão o Senhor Se fez homem e revestiu o Seu Divino, do primeiro ao último, com um Humano. Foi porque o Humano Divino, a partir do qual o céu existia

antes da vinda do Senhor, já não era suficiente para sustentar todas as coisas, uma vez que o homem, que é o fundamento dos céus, tinha subvertido e destruído a ordem. O que era o Humano Divino antes da vinda do Senhor e qual era então a condição do céu pode ver-se nos excertos anexos ao capítulo anterior.

102. Os anjos admiram-se quando ouvem dizer que há homens que atribuem todas as coisas à natureza e nada ao Divino, e que acreditam também que o seu corpo, no qual se reúnem tantas maravilhas do céu, é um produto da natureza. Admiram-se ainda mais de que se julgue que a parte racional do homem procede da natureza, quando os homens, se elevarem um pouco a mente, podem ver que tais efeitos não procedem da natureza, mas do Divino, e que a natureza foi criada apenas para revestir o espiritual e o apresentar numa forma correspondente no último grau da ordem. Comparam esses homens a corujas, que veem na escuridão, mas nada veem na luz.

CAPÍTULO 13

Há Uma Correspondência do Céu com Todas as Coisas da Terra

103. No capítulo anterior explicou-se o que é a correspondência e mostrou-se que cada coisa e todas as coisas do corpo animal são correspondências. Cumpre agora mostrar que todas as coisas da terra e, em geral, todas as coisas do universo são correspondências.

104. Todas as coisas da terra se distinguem em três classes, chamadas reinos: o reino animal, o reino vegetal e o reino mineral. As coisas do reino animal são correspondências no primeiro grau, porque vivem; as do reino vegetal são correspondências no segundo grau, porque apenas crescem; e as do reino mineral são correspondências no terceiro grau, porque nem vivem nem crescem. As correspondências no reino animal são os seres vivos de diversas espécies, tanto os que andam e rastejam no solo como os que voam no ar; não é necessário nomeá-los em particular, pois são bem conhecidos. As correspondências no reino vegetal são todas as coisas que crescem e abundam nos jardins, nas florestas, nos campos e nos prados; também estas não precisam de ser nomeadas, porque são bem conhecidas. As correspondências no

reino mineral são os metais mais e menos nobres, as pedras preciosas e não preciosas, as terras de várias espécies e também as águas. Além destas, são correspondências as coisas que a atividade humana prepara a partir delas para algum uso, como os alimentos de todas as espécies, o vestuário, as habitações e outros edifícios, e muitas outras coisas.

105. Também as coisas que estão acima da terra, como o Sol, a Lua e as estrelas, e as que se encontram na atmosfera, como as nuvens, as névoas, a chuva, os relâmpagos e os trovões, são correspondências. As coisas que resultam da presença e da ausência do Sol, como a luz e a sombra, o calor e o frio, são igualmente correspondências, assim como as que daí se sucedem: as estações do ano — primavera, verão, outono e inverno — e os períodos do dia — manhã, meio-dia, tarde e noite.

106. Numa palavra, todas as coisas que existem na natureza, desde a mais pequena até à maior, são correspondências.[1] São correspondências porque o mundo natural, com tudo o que nele existe, procede e subsiste a partir do mundo espiritual, e ambos os mundos a partir do Divino. Diz-se também que subsistem porque tudo subsiste a partir daquilo de que procede, sendo a subsistência um proceder permanente; e ainda porque nada pode subsistir por si mesmo, mas apenas a partir de algo anterior a si, portanto a partir de um Primeiro, do qual, se fosse separado, pereceria e desapareceria inteiramente.

107. Tudo o que, na natureza, procede e subsiste segundo a ordem divina é uma correspondência. A ordem divina é produzida pelo bem divino que procede do Senhor. Começa n'Ele, procede d'Ele através dos céus, sucessivamente, até ao mundo, e termina aí nos últimos; e tudo o que aí está de acordo com a ordem é uma correspondência. Está de acordo com a ordem tudo o que é bom e perfeito para algum uso, porque tudo o que é bom é bom na medida do seu uso; a sua forma, por sua vez, refere-se à verdade, sendo a verdade a forma do bem. Por esta razão, tudo o que, no mundo inteiro e na sua natureza, se encontra na ordem divina se refere ao bem e à verdade.[2]

108. Que todas as coisas no mundo procedem do Divino e se revestem, na natureza, daquilo que lhes permite aí existir e desempenhar um uso, e assim corresponder, é claramente evidente pelas diversas coisas que se observam nos reinos animal e vegetal. Em ambos há coisas que qualquer pessoa que pense interiormente pode reconhecer como provenientes do céu. Para o ilustrar, podem mencionar-se algumas entre inúmeras, começando pelo reino animal. Muitos sabem que conhecimento está, por assim dizer, enxertado em cada animal. As abelhas sabem recolher o mel das flores, construir alvéolos de cera onde o armazenam e, assim, providenciar alimento para si e para as suas famílias, mesmo para o inverno que se aproxima. Para que nasça uma nova geração, a rainha põe ovos, e as restantes cuidam deles e cobrem-nos. Vivem sob uma espécie de governo que todas conhecem por instinto. Preservam as abelhas obreiras e expulsam os zangãos, privando-os das asas; além de outras coisas maravilhosas que nelas foram

implantadas a partir do céu por causa do seu uso, servindo a sua cera, por toda a parte, ao género humano para fazer velas, e o seu mel para adoçar os alimentos.

(2) E que maravilhas vemos nas lagartas, os seres mais humildes do reino animal! Sabem alimentar-se do suco das folhas que lhes convêm e, depois, no tempo determinado, envolver-se num revestimento e entrar como que num ventre, dando assim origem a descendentes da sua própria espécie. Algumas transformam-se primeiro em ninfas e crisálidas, tecendo fios em seu redor; terminado este trabalho, saem revestidas de um corpo diferente, providas de asas com que voam no ar como no seu céu, celebram núpcias, põem ovos e asseguram a sua descendência.

(3) Além destes exemplos particulares, todos os seres que voam no ar conhecem, em geral, o alimento adequado à sua nutrição, não apenas qual é, mas também onde o encontrar; sabem construir ninhos, cada espécie à sua maneira; sabem pôr os ovos nos ninhos, chocá-los, fazer nascer as crias e alimentá-las, e afastá-las do ninho quando já conseguem valer-se por si. Conhecem também os inimigos que devem evitar e os amigos com quem podem associar-se, e isto desde muito novos; para não falar das maravilhas dos próprios ovos, nos quais todas as coisas se encontram preparadas na sua ordem para a formação e a nutrição das crias, além de inúmeras outras coisas.

(4) Quem pensar com alguma sabedoria da razão dirá alguma vez que estes instintos têm outra origem que não o mundo espiritual, ao qual o natural serve, revestindo de um corpo o que dele procede ou apresentando no efeito aquilo que é espiritual na causa? Os animais da terra e as aves do ar nascem com todo este conhecimento, mas o homem, que lhes é muito superior, não. A razão é que os animais se encontram na ordem da sua vida e não puderam destruir o que neles procede do mundo espiritual, porque não possuem faculdade racional. O homem, pelo contrário, cujo pensamento procede do mundo espiritual, tendo pervertido o que nele provém desse mundo por uma vida contrária à ordem, favorecida pela sua faculdade racional, tem necessariamente de nascer na pura ignorância e de ser depois reconduzido, por meios divinos, à ordem do céu.

109. O modo como as coisas do reino vegetal correspondem pode ver-se em muitos exemplos: pequenas sementes crescem até se tornarem árvores, lançam folhas, produzem flores e depois frutos, nos quais voltam a depositar sementes. Estas coisas sucedem-se e coexistem numa ordem tão maravilhosa que não pode descrever-se em poucas palavras. Poderiam encher-se volumes, e ainda restariam arcanos mais profundos, mais intimamente relacionados com os seus usos, que a ciência não conseguiria esgotar. Como também estas coisas procedem do mundo espiritual, isto é, do céu, que tem a forma humana, conforme se mostrou acima no capítulo respetivo, todos os particulares deste reino têm uma certa relação com as coisas que

existem no homem, como alguns no mundo erudito sabem. Que todas as coisas deste reino são também correspondências tornou-se-me claro por muita experiência. Muitas vezes, quando me encontrava em jardins e contemplava as árvores, os frutos, as flores e as plantas, reconheci as suas correspondências no céu, falei com aqueles em quem elas se encontravam e fui instruído acerca da sua origem e da sua natureza.

110. Mas hoje ninguém pode conhecer, a não ser a partir do céu, as coisas espirituais nele existentes às quais correspondem as coisas naturais do mundo, porque o conhecimento das correspondências está inteiramente perdido. Terei, porém, gosto em ilustrar, com alguns exemplos, a natureza da correspondência das coisas espirituais com as naturais. Os animais da terra correspondem, em geral, à afeição: os mansos e úteis, às boas afeições; os ferozes e inúteis, às más afeições. Em particular, o gado bovino e as suas crias correspondem às afeições da mente natural; as ovelhas e os cordeiros, às afeições da mente espiritual; e as aves, segundo as suas espécies, às coisas intelectuais da mente natural ou espiritual.[3] Por esta razão, diversos animais, como o gado bovino e as suas crias, carneiros, ovelhas, bodes e cabras, cordeiros e cordeiras, bem como pombos e rolas, foram consagrados a um uso sagrado na Igreja israelita, que era uma Igreja representativa, e eram oferecidos em sacrifícios e holocaustos. Pois, nesse uso, correspondem a coisas espirituais, que no céu eram entendidas segundo as correspondências. Além disso, os animais, segundo os seus géneros e espécies, são afeições, porque têm vida; e a vida de cada um procede unicamente

da afeição e é conforme a ela. Por conseguinte, cada animal possui um conhecimento inato conforme à afeição da sua vida. O homem é semelhante a um animal quanto ao seu homem natural e, por isso, é comparado aos animais na linguagem comum: por exemplo, se é manso, chama-se-lhe ovelha ou cordeiro; se é feroz, urso ou lobo; se é astuto, raposa ou serpente; e assim sucessivamente.

111. Há uma correspondência semelhante com as coisas do reino vegetal. Em geral, um jardim corresponde à inteligência e à sabedoria do céu; por esta razão, o céu é chamado Jardim de Deus e Paraíso,[4] e os homens chamam-lhe paraíso celeste. As árvores, segundo as suas espécies, correspondem às perceções e aos conhecimentos do bem e da verdade que são a fonte da inteligência e da sabedoria. Por isso, os antigos, que conheciam as correspondências, celebravam o seu culto sagrado em bosques;[5] e, pela mesma razão, as árvores são mencionadas tantas vezes na Palavra, sendo o céu, a Igreja e o homem comparados a elas, como à videira, à oliveira, ao cedro e a outras, e as boas obras dos homens comparadas aos frutos. Também os alimentos provenientes das árvores e, mais especialmente, das colheitas de cereais dos campos correspondem às afeições pelo bem e pela verdade, porque estas afeições alimentam a vida espiritual, como os alimentos da terra alimentam a vida natural.[6] O pão feito de cereais, num sentido geral, por ser o alimento que especialmente sustenta a vida e por representar todos os alimentos, corresponde à afeição por todo o bem. É por causa desta correspondência que o Senhor Se chama a Si mesmo o pão da vida; e que os pães tinham um uso sagrado na Igreja israelita, sendo colocados sobre a mesa no tabernáculo e

chamados «pães das faces». Também o culto divino celebrado por sacrifícios e holocaustos era chamado «pão». Além disso, por causa desta correspondência, o ato mais santo do culto na Igreja cristã é a Santa Ceia, na qual se dão pão e vinho.[7] Por estes poucos exemplos pode ver-se a natureza da correspondência.

112. Dir-se-á também, em poucas palavras, como a conjunção do céu com o mundo se realiza por meio das correspondências. O reino do Senhor é um reino de fins, que são usos; ou, o que é o mesmo, um reino de usos, que são fins. Por esta razão, o universo foi criado e formado pelo Divino de modo que os usos pudessem revestir-se por toda a parte de formas que os apresentassem em ato, ou em efeito, primeiro no céu e depois no mundo, portanto por graus e sucessivamente, até às coisas mais exteriores da natureza. É, pois, evidente que a correspondência das coisas naturais com as espirituais, ou do mundo com o céu, se realiza por meio dos usos, e que são os usos que unem. As formas de que os usos se revestem são correspondências e constituem conjunções precisamente na medida em que são formas de usos. Na natureza do mundo, no seu tríplice reino, todas as coisas que existem segundo a ordem são formas de usos, ou efeitos formados a partir do uso e para o uso; é por isso que as coisas da natureza são correspondências. Quanto ao homem, na medida em que está de acordo com a ordem divina, isto é, na medida em que está no amor ao Senhor e na caridade para com o próximo, os seus atos são usos em forma e correspondências, e por eles se une ao céu. Amar o Senhor e o próximo significa, em geral, desempenhar usos.[8] Deve ainda compreender-se que o homem é o meio pelo qual o mundo natural

e o mundo espiritual se unem, isto é, o homem é o intermediário da conjunção, porque nele há um mundo natural e um mundo espiritual (ver acima, n.º 57). Consequentemente, na medida em que é espiritual, é intermediário da conjunção; mas, na medida em que é natural e não espiritual, não o é. Contudo, independentemente desta mediação do homem, continua a haver um influxo divino no mundo e nas coisas do homem que pertencem ao mundo, mas não na sua faculdade racional.

113. Assim como todas as coisas que estão de acordo com a ordem divina correspondem ao céu, também todas as coisas contrárias à ordem divina correspondem ao inferno. Todas as coisas que correspondem ao céu se referem ao bem e à verdade; as que correspondem ao inferno referem-se ao mal e à falsidade.

114. Dir-se-á agora alguma coisa acerca do conhecimento das correspondências e do seu uso. Foi dito acima que o mundo espiritual, que é o céu, está unido ao mundo natural por meio das correspondências; por conseguinte, é por meio delas que se concede ao homem a comunicação com o céu. Pois os anjos do céu não pensam a partir das coisas naturais, como o homem; mas, quando o homem adquire um conhecimento das correspondências, pode, quanto aos pensamentos da sua mente, associar-se aos anjos e, assim, quanto ao seu homem espiritual ou interno, unir-se a eles. Para que houvesse tal conjunção do céu com o homem, a Palavra foi inteiramente escrita por correspondências, sendo correspondente cada coisa e todas as coisas que nela existem.[9] Se o homem tivesse, portanto, um conhecimento das

correspondências, compreenderia o sentido espiritual da Palavra e, a partir dele, ser-lhe-ia dado conhecer arcanos dos quais nada vê no sentido da letra. Pois há na Palavra um sentido literal e um sentido espiritual: o literal é constituído por coisas que existem no mundo, e o espiritual por coisas que existem no céu. Uma Palavra assim, em que tudo, até ao mais pequeno traço, é uma correspondência, foi dada aos homens porque a conjunção do céu com o mundo se realiza por meio das correspondências.[10]

115. Fui ensinado a partir do céu que os antiquíssimos homens da nossa terra, que eram homens celestiais, pensavam a partir das próprias correspondências, servindo-lhes as coisas naturais do mundo que tinham diante dos olhos como meios para pensar assim. Por pensarem deste modo, podiam conviver com os anjos e falar com eles, e assim, por seu intermédio, o céu estava unido ao mundo. Por esta razão, esse período foi chamado Idade do Ouro, da qual os escritores antigos dizem que os habitantes do céu viviam com os homens e com eles se relacionavam como amigos com amigos. Depois seguiu-se um período em que os homens pensavam, não a partir das próprias correspondências, mas do conhecimento das correspondências; também então havia uma conjunção do céu com o homem, mas menos íntima. Este período foi chamado Idade da Prata. Seguiram-se homens que possuíam o conhecimento das correspondências, mas não pensavam a partir dele, porque estavam no bem natural, e não, como os seus predecessores, no bem espiritual. Este período foi chamado Idade do Cobre. Depois, o homem tornou-se gradualmente externo e, por fim, corpóreo; então perdeu-se inteiramente o conhecimento das

correspondências e, com ele, o conhecimento do céu e de muitas coisas que lhe pertencem. Foi por correspondência que estas idades receberam os nomes de ouro, prata e cobre;[11] pois, por correspondência, o ouro significa o bem celestial em que se encontravam os antiquíssimos, a prata o bem espiritual em que se encontravam os antigos que lhes sucederam, e o cobre o bem natural em que se encontravam as gerações seguintes; ao passo que o ferro, de que a última idade recebe o nome, significa a verdade dura, separada do bem.

CAPÍTULO 14

O Sol no Céu

116. No céu não se vê o Sol do mundo, nem coisa alguma proveniente desse Sol, porque ele é inteiramente natural. Pois a natureza tem o seu princípio nesse Sol, e tudo o que é produzido por seu intermédio se chama natural. Mas o espiritual, ao qual o céu pertence, está acima da natureza e é inteiramente distinto do natural; e não há comunicação entre ambos senão por correspondências. A distinção entre eles pode compreender-se pelo que já se disse acerca dos graus (n.º 38), e a comunicação pelo que se disse, nos dois capítulos anteriores, acerca das correspondências.

117. Embora no céu não se veja o Sol do mundo, nem coisa alguma proveniente desse Sol, há, contudo, aí um Sol, luz e calor, e todas as coisas que existem no mundo, com inúmeras outras, mas não com uma origem semelhante; pois as coisas do céu são espirituais, e as do mundo são naturais. O Sol do céu é o Senhor; a luz aí é a verdade divina, e o calor o bem divino, que procedem do Senhor como Sol. Desta origem provêm todas as coisas que surgem e são vistas nos céus. Esta luz, este calor e as coisas que

deles existem no céu serão tratados nos capítulos seguintes; neste capítulo falar-se-á apenas do Sol que aí existe. No céu, o Senhor é visto como Sol porque é o amor divino, a partir do qual todas as coisas espirituais, e, por meio do Sol do mundo, todas as coisas naturais, têm existência. É esse amor que resplandece como Sol.

118. Que o Senhor é realmente visto no céu como Sol não só me foi dito pelos anjos, como também me foi concedido vê-lo por vezes; por isso, terei gosto em relatar em poucas palavras o que ouvi e vi acerca do Senhor como Sol. O Senhor é visto como Sol, não no céu, mas muito acima dos céus; e não diretamente por cima da cabeça, ou no zénite, mas diante dos rostos dos anjos, a uma altura intermédia. É visto a considerável distância, em dois lugares: um diante do olho direito, e outro diante do esquerdo. Diante do olho direito, é visto exatamente como um Sol, com um fulgor e uma grandeza semelhantes aos do Sol do mundo. Mas, diante do olho esquerdo, não é visto como Sol, mas como Lua, de um branco resplandecente semelhante ao da Lua da nossa terra e de igual grandeza, porém mais brilhante, e rodeado, por assim dizer, de muitas pequenas luas, cada uma de semelhante brancura e esplendor. O Senhor é visto de maneiras tão diferentes em dois lugares porque cada um O vê segundo a qualidade da sua receção do Senhor; assim, é visto de uma maneira pelos que O recebem com o bem do amor, e de outra pelos que O recebem com o bem da fé. Os que O recebem com o bem do amor veem-n'O como Sol, ígneo e flamejante, segundo a sua receção d'Ele; estes encontram-se no Seu reino celestial. Os que O recebem com o bem da fé veem-n'O como Lua, branca e brilhante, segundo a sua receção d'Ele;

estes encontram-se no Seu reino espiritual.[1] Isto sucede porque o bem do amor corresponde ao fogo, razão por que, no sentido espiritual, o fogo é o amor; e o bem da fé corresponde à luz, sendo a luz, no sentido espiritual, a fé.[2] O Senhor aparece diante dos olhos porque os interiores, que pertencem à mente, veem através dos olhos: a partir do bem do amor, através do olho direito; e a partir do bem da fé, através do olho esquerdo.[3] Pois, nos anjos e também nos homens, todas as coisas à direita correspondem ao bem de que a verdade deriva, e todas as coisas à esquerda à verdade que procede do bem.[4] O bem da fé é, na sua essência, a verdade proveniente do bem.

119. É por isso que, na Palavra, o Senhor é comparado ao Sol quanto ao amor e à Lua quanto à fé; e que o «Sol» significa o amor proveniente do Senhor e dirigido ao Senhor, e a «Lua» a fé proveniente do Senhor e depositada no Senhor, como nas seguintes passagens:

> A luz da Lua será como a luz do Sol, e a luz do Sol será sete vezes maior, como a luz de sete dias (Isaías 30:26).
>
> Quando Eu te extinguir, cobrirei os céus e escurecerei as suas estrelas; cobrirei o Sol com uma nuvem, e a Lua não fará brilhar a sua luz. Escurecerei sobre ti todos os luminares de luz nos céus e porei trevas sobre a tua terra (Ezequiel 32:7, 8).
>
> Escurecerei o Sol ao nascer, e a Lua não fará brilhar a sua luz (Isaías 13:10).
>
> O Sol e a Lua escurecerão, e as estrelas retirarão o seu resplendor. O Sol converter-se-á em trevas, e a Lua em sangue (Joel 2:2, 10, 31; 3:16).

> O Sol tornou-se negro como um saco de pêlo, e a Lua tornou-se como sangue, e as estrelas caíram sobre a terra (Apocalipse 6:12, 13).
>
> Imediatamente depois da aflição daqueles dias, o Sol escurecerá, a Lua não dará a sua luz e as estrelas cairão do céu (Mateus 24:29).

E noutros lugares. Nestas passagens, o «Sol» significa o amor, a «Lua» a fé e as «estrelas» os conhecimentos do bem e da verdade.[5] Diz-se que escurecem, perdem a sua luz e caem do céu quando deixam de existir. Que o Senhor é visto como Sol no céu é também evidente pela Sua aparição quando Se transfigurou diante de Pedro, Tiago e João:

> O Seu rosto resplandeceu como o Sol (Mateus 17:2).

Estes discípulos viram assim o Senhor quando foram afastados do corpo e se encontravam na luz do céu. Foi por causa desta correspondência que os antigos, entre os quais existia uma Igreja representativa, voltavam o rosto para o Sol a oriente quando celebravam o culto divino; e, pela mesma razão, davam aos seus templos uma orientação para leste.

120. A grandeza e a natureza do amor divino podem compreender-se por comparação com o Sol do mundo: é ardentíssimo e, se quiserdes crê-lo, muito mais ardente do que esse Sol. Por esta razão, o Senhor, como Sol, não influi nos céus sem intermediários; o ardor do Seu amor é gradualmente temperado no percurso. Estas moderações aparecem como faixas radiantes em

redor do Sol; além disso, os anjos são envolvidos por uma ténue nuvem que os adapta ao influxo, impedindo que este lhes cause dano.[6] Por esta razão, os céus estão mais ou menos próximos segundo a receção. Como os céus superiores estão no bem do amor, são os mais próximos do Senhor como Sol; e, como os céus inferiores estão no bem da fé, encontram-se mais afastados d'Ele. Mas aqueles que não estão em bem algum, como os que estão no inferno, são os mais afastados, a distâncias diferentes segundo a sua oposição ao bem.[7]

121. Contudo, quando o Senhor aparece no céu, o que acontece frequentemente, não aparece envolvido por um Sol, mas sob a forma de um anjo, distinguindo-Se, porém, dos anjos pelo Divino que resplandece através do Seu rosto. Pois não está aí em pessoa — em pessoa, o Senhor está constantemente envolvido pelo Sol — , mas está presente pelo olhar. É frequente, no céu, as pessoas parecerem presentes num lugar onde o seu olhar se fixa ou termina, mesmo quando esse lugar está muito distante daquele onde realmente se encontram. Esta presença chama-se presença da visão interna, da qual se tratará adiante. Vi também o Senhor fora do Sol, numa forma angélica, a uma altura um pouco abaixo do Sol; vi-O igualmente perto, numa forma semelhante, com o rosto resplandecente; e, uma vez, no meio dos anjos, como uma radiância semelhante a uma chama.

122. Aos anjos, o Sol do mundo aparece como uma densa escuridão em posição oposta ao Sol do céu, e a Lua como uma escuridão em posição oposta à Lua do céu, e isto constantemente.

A razão é que o ardor do mundo corresponde ao amor de si, e a luz que dele procede corresponde à falsidade proveniente desse amor; o amor de si é diretamente oposto ao amor divino, e a falsidade que dele procede é diretamente oposta à verdade divina. Ora, o oposto do amor divino e da verdade divina é, para os anjos, uma espessa escuridão. Por isso, na Palavra, adorar o Sol e a Lua deste mundo e inclinar-se diante deles significa amar a si próprio e as falsidades que procedem do amor de si, e diz-se que os que assim procedem serão eliminados (Deuteronómio 4:19; 16:3–5; Jeremias 8:1, 2; Ezequiel 8:15, 16, 18; Apocalipse 16:8; Mateus 13:6).[8]

123. Como é a partir do amor divino que está n'Ele e procede d'Ele que o Senhor aparece no céu como Sol, todos nos céus estão constantemente voltados para Ele: os do reino celestial, para Ele como Sol; os do reino espiritual, para Ele como Lua. Mas os que estão no inferno voltam-se para a escuridão e para a densa escuridão opostas, isto é, voltam as costas ao Senhor; pois todos nos infernos estão no amor de si e do mundo e, portanto, em oposição ao Senhor. Os que se voltam para a densa escuridão que está no lugar do Sol deste mundo encontram-se nos infernos situados atrás e chamam-se génios; os que se voltam para a escuridão que está no lugar da Lua encontram-se nos infernos mais à frente e chamam-se espíritos. É por isso que se diz que os que estão nos infernos se encontram nas trevas, e os que estão nos céus na luz, significando as «trevas» a falsidade proveniente do mal, e a «luz» a verdade proveniente do bem. Voltam-se assim porque, na outra vida, todos olham para aquilo que reina nos seus interiores, portanto para os seus amores; nos anjos e nos espíritos,

os interiores determinam o rosto, e, no mundo espiritual, os quadrantes não são fixos como no mundo natural, mas são determinados pelo rosto. Quanto ao seu espírito, o homem volta-se do mesmo modo que um espírito: afasta o rosto do Senhor se está no amor de si e do mundo, e volta-se para o Senhor se está no amor ao Senhor e ao próximo. Mas o homem ignora isto, porque se encontra no mundo natural, onde os quadrantes são determinados pelo nascer e pelo pôr do Sol. Como os homens não podem compreender facilmente este assunto, ele será esclarecido adiante, quando se tratar dos quadrantes, do espaço e do tempo no céu.

124. Porque o Senhor é o Sol do céu e tudo o que d'Ele procede se volta para Ele, é também o centro comum, a origem de toda a direção e determinação.[9] Assim, todas as coisas que estão abaixo se encontram na Sua presença e sob os Seus auspícios, tanto nos céus como nas terras.

125. Por tudo isto pode agora ver-se com maior clareza o que se disse e mostrou nos capítulos anteriores acerca do Senhor, a saber:

Que Ele é o Deus do céu (nos 2–6).

Que é o Seu Divino que constitui o céu (nos 7–12).

Que o Divino do Senhor no céu é o amor a Ele e a caridade para com o próximo (nos 13–19).

Que há uma correspondência de todas as coisas do mundo com o céu e, através do céu, com o Senhor (nos 87–115).

E que o Sol e a Lua do mundo são correspondências (n.º 105).

CAPÍTULO 15

A luz e o calor no céu

126. Os que pensam apenas a partir da natureza não podem compreender que haja luz nos céus; e, contudo, a luz aí é tal que excede em muitos graus a luz do meio-dia no mundo. Vi muitas vezes essa luz, mesmo ao anoitecer e durante a noite. Ao princípio, admirava-me quando ouvia os anjos dizerem que a luz deste mundo é pouco mais do que uma sombra em comparação com a luz do céu; mas, tendo-a visto, posso testemunhar que assim é. O brilho e o esplendor da luz do céu são indescritíveis. Todas as coisas que vi nos céus foram vistas nessa luz, portanto mais clara e distintamente do que as coisas deste mundo.

127. A luz do céu não é uma luz natural, como a luz do mundo, mas uma luz espiritual, porque procede do Senhor como Sol, e esse Sol é o amor divino, como se mostrou no capítulo anterior. Aquilo que procede do Senhor como Sol chama-se, nos céus, verdade divina, mas, na sua essência, é o bem divino unido à verdade divina. Daqui recebem os anjos a luz e o calor: a luz, da verdade divina; e o calor, do bem divino. Como a luz do céu, e também o calor, têm tal origem, é evidente que são espirituais, e não naturais.[1]

128. A verdade divina é luz para os anjos porque os anjos são espirituais, e não naturais. Os seres espirituais veem a partir do seu Sol, e os seres naturais a partir do seu. É da verdade divina que os anjos recebem o entendimento, e o seu entendimento é a sua visão interior, que influi na visão exterior e a produz; por isso, no céu, tudo o que é visto a partir do Senhor como Sol é visto na luz.[2] Sendo esta a origem da luz no céu, a luz varia aí segundo a receção da verdade divina proveniente do Senhor; ou, o que é o mesmo, segundo a inteligência e a sabedoria em que os anjos se encontram. É, portanto, diferente no reino celestial e no reino espiritual, e diferente em cada sociedade. No reino celestial, a luz aparece flamejante, porque os anjos aí recebem a luz do Senhor como Sol; mas, no reino espiritual, a luz é de um branco resplandecente, porque os anjos aí recebem a luz do Senhor como Lua (ver acima, n.º 118). A luz difere igualmente entre as sociedades e, dentro de cada sociedade, os que estão no centro encontram-se numa luz maior, e os da circunferência numa luz menor (ver n.º 43). Numa palavra, os anjos têm luz no mesmo grau em que recebem a verdade divina, isto é, em que estão na inteligência e na sabedoria provenientes do Senhor;[3] é por isso que os anjos do céu se chamam anjos de luz.

129. Como o Senhor nos céus é a verdade divina, e a verdade divina aí é luz, na Palavra Ele é chamado Luz, sendo também d'Ele que procede toda a verdade, como nas seguintes passagens:

> **Jesus disse: Eu sou a luz do mundo; quem Me segue não andará nas trevas, mas terá a luz da vida (João 8:12).**

> Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo (João 9:5).
>
> Jesus disse: Ainda por pouco tempo a luz está convosco. Caminhai enquanto tendes a luz, para que as trevas não vos alcancem. Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz. Eu vim ao mundo como luz, para que todo aquele que crê em Mim não permaneça nas trevas (João 12:35, 36, 46).
>
> A luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz (João 3:19).

João diz acerca do Senhor:

> Esta é a verdadeira luz, que ilumina todo o homem (João 1:9).
>
> O povo que estava sentado nas trevas viu uma grande luz; e, para os que estavam sentados na sombra da morte, nasceu a luz (Mateus 4:16).
>
> Dar-Te-ei como aliança do povo, como luz dos gentios (Isaías 13:6).
>
> Estabeleci-Te como luz dos gentios, para que sejas a Minha salvação até aos confins da terra (Isaías 19:6).
>
> As nações dos que forem salvos caminharão na Sua luz (Apocalipse 21:24).
>
> Envia a Tua luz e a Tua verdade; que elas me guiem (Salmo 43:3).

Nestas e noutras passagens, o Senhor é chamado luz por causa da verdade divina que d'Ele procede; e a própria verdade é igualmente chamada luz. Como a luz nos céus procede do Senhor como Sol, quando Ele Se transfigurou diante de Pedro, Tiago e João:

> O Seu rosto resplandeceu como o Sol, e as Suas vestes tornaram-se brancas como a luz (Mateus 17:2).

> **E as Suas vestes tornaram-se resplandecentes, extremamente brancas como a neve, como nenhum lavadeiro na terra as poderia branquear (Marcos 9:3; Mateus 17:2).**

As vestes do Senhor tinham esta aparência porque representavam a verdade divina que d'Ele procede nos céus; na Palavra, as «vestes» significam também verdades.[4] Por conseguinte, diz-se em David:

> **Ó Jeová, Tu cobres-Te de luz como de uma veste (Salmo 104:2).**

130. Que a luz nos céus é espiritual e que essa luz é a verdade divina pode inferir-se também do facto de os homens, tal como os anjos, possuírem luz espiritual e receberem dela iluminação na medida em que estão na inteligência e na sabedoria provenientes da verdade divina. A luz espiritual do homem é a luz do seu entendimento, e os objetos dessa luz são as verdades, que ele ordena analiticamente em grupos, com as quais forma a razão e das quais tira conclusões em sequência.[5] O homem natural não sabe que a luz pela qual o entendimento vê estas coisas é uma luz real, pois não a vê com os olhos nem a percebe pelo pensamento. Há, contudo, muitos que reconhecem essa luz e a distinguem da luz natural em que se encontram os que pensam naturalmente, e não espiritualmente. Pensam naturalmente os que apenas atendem ao mundo e atribuem todas as coisas à natureza; pensam espiritualmente os que atendem ao céu e atribuem todas as coisas ao Divino. Foi-me muitas vezes concedido perceber e também ver que há uma luz verdadeira que ilumina a mente, inteiramente

distinta daquela a que se chama luz natural [lumen]. Fui elevado interiormente, por graus, a essa luz; e, à medida que era elevado, o meu entendimento tornava-se tão iluminado que conseguia perceber o que antes não percebia, e, por fim, coisas que nem sequer podia compreender pelo pensamento a partir da luz natural. Por vezes, sentia indignação por não conseguir compreender essas coisas, quando eram tão clara e manifestamente percebidas na luz do céu.[6] Porque há uma luz própria do entendimento, diz-se dele o mesmo que dos olhos: que vê e está na luz quando percebe, e que está na obscuridade e na sombra quando não percebe, e assim por diante.

131. Como a luz do céu é a verdade divina, essa luz é também sabedoria e inteligência divinas; por isso, ser elevado à luz do céu significa o mesmo que ser elevado à inteligência e à sabedoria e ser iluminado. Por esta razão, os anjos têm luz exatamente no mesmo grau em que têm inteligência e sabedoria. Porque a luz do céu é sabedoria divina, nela se reconhece a qualidade de cada um. Os interiores de cada um ficam expostos à vista no seu rosto tal como são, sem que a mais pequena coisa permaneça oculta. E os anjos interiores gostam de que tudo o que lhes pertence fique exposto, pois nada querem senão o bem. Sucede de outro modo com os que estão abaixo do céu, que não querem o bem e, por isso, receiam muito ser vistos à luz do céu. E, coisa admirável de se dizer, embora os que estão no inferno apareçam uns aos outros como homens, à luz do céu aparecem como monstros, com rosto e corpo horríveis, a forma exata do seu próprio mal.[7] Quanto ao seu espírito, o homem, quando é visto pelos anjos, aparece de modo semelhante:

se é bom, como um homem, belo segundo o seu bem; se é mau, como um monstro, feio segundo o seu mal. Daqui se torna claro que, à luz do céu, todas as coisas se manifestam, porque a luz do céu é a verdade divina.

132. Como a verdade divina é luz nos céus, todas as verdades, onde quer que estejam — dentro ou fora de um anjo, dentro ou fora dos céus —, emitem luz. Contudo, as verdades fora dos céus não brilham como as que estão dentro deles. As verdades fora dos céus brilham friamente, como algo de neve, sem calor, porque não retiram a sua essência do bem, como as verdades dentro dos céus. Por isso, essa luz fria desaparece logo que a luz do céu incide sobre ela; e, se houver mal por baixo, transforma-se em escuridão. Vi isto por vezes, juntamente com muitas outras coisas dignas de nota acerca do resplendor da verdade, que aqui têm de ser omitidas.

133. Dir-se-á agora alguma coisa acerca do calor do céu. Esse calor, na sua essência, é amor. Procede do Senhor como Sol, que é o amor divino no Senhor e proveniente do Senhor, como se mostrou no capítulo anterior. É, portanto, evidente que o calor do céu, tal como a luz do céu, é espiritual, porque procede da mesma origem.[8] Há duas coisas que procedem do Senhor como Sol: a verdade divina e o bem divino. A verdade divina manifesta-se nos céus como luz, e o bem divino como calor; e, contudo, a verdade divina e o bem divino estão tão unidos que não são dois, mas um. Nos anjos, porém, encontram-se separados, pois há anjos que recebem mais do bem divino do que da verdade divina, e outros que recebem mais da verdade divina do que do bem divino. Os que recebem mais do

bem divino estão no reino celestial do Senhor, e os que recebem mais da verdade divina estão no Seu reino espiritual. Os que recebem ambos em igual grau são os anjos mais perfeitos.

134. O calor do céu, tal como a sua luz, difere por toda a parte. É diferente no reino celestial e no reino espiritual, e diferente em cada sociedade desses reinos. Difere tanto em grau como em qualidade. É mais intenso e mais puro no reino celestial do Senhor, porque os anjos aí recebem mais do bem divino; e menos intenso e puro no Seu reino espiritual, porque os anjos aí recebem mais da verdade divina. Também em cada sociedade o calor difere segundo a receção. Há calor nos infernos, mas é um calor impuro.[9] O calor no céu é o que se entende por fogo santo e celeste, e o calor do inferno por fogo profano e infernal. Ambos significam amor: o fogo celeste significa o amor ao Senhor e ao próximo, e toda a afeição desses amores; o fogo infernal significa o amor de si e do mundo, e toda a cobiça desses amores. Que o amor é calor de origem espiritual mostra-se pelo facto de alguém se aquecer com o amor: segundo a força e a natureza do seu amor, o homem inflama-se e aquece; e o calor do seu amor manifesta-se quando este é contrariado. Daí também ser habitual falar de inflamar-se, aquecer, arder, ferver e estar em fogo, tanto a propósito das afeições do amor do bem como das cobiças do amor do mal.

135. O amor que procede do Senhor como Sol é sentido no céu como calor porque os interiores dos anjos estão num estado de amor a partir do bem divino proveniente do Senhor; em consequência, os seus exteriores, que daí recebem calor,

encontram-se num estado de calor. Por esta razão, o calor e o amor correspondem-se de tal modo no céu que cada um aí se encontra num calor conforme ao seu amor, segundo o que acaba de se dizer. O calor deste mundo não entra de modo algum no céu, porque é demasiado grosseiro, natural e não espiritual. Com os homens sucede de outro modo, porque estão simultaneamente no mundo espiritual e no mundo natural. Quanto aos seus espíritos, aquecem exatamente segundo os seus amores; quanto ao corpo, aquecem tanto pelo calor do seu espírito como pelo calor do mundo. O primeiro influi no segundo, porque se correspondem. A natureza da correspondência entre estas duas espécies de calor pode ver-se na vida animal: o amor dos animais, cujo principal é o de gerar descendentes da sua espécie, irrompe e torna-se ativo segundo a presença e a influência do calor do Sol do mundo, que é o calor da primavera e do verão. Enganam-se muito os que acreditam que o calor do mundo influi e desperta esses amores, pois não pode haver influxo do natural no espiritual, mas apenas do espiritual no natural. Este influxo pertence à ordem divina; o outro seria contrário à ordem divina.[10]

136. Os anjos, tal como os homens, têm entendimento e vontade. A luz do céu constitui a vida do seu entendimento, porque essa luz é a verdade divina e a sabedoria divina que dela procede; e o calor do céu constitui a vida da sua vontade, porque esse calor é o bem divino e o amor divino que dele procede. A própria vida dos anjos provém do calor, e da luz apenas na medida em que o calor está nela. Que a vida provém do calor mostra-se pelo facto de, retirado o calor, a vida perecer. O mesmo se passa com a fé sem

amor ou com a verdade sem bem, pois a verdade que se chama verdade da fé é luz, e o bem que se chama bem do amor é calor.[11] Isto vê-se mais claramente no calor e na luz do mundo, aos quais correspondem o calor e a luz do céu. Pelo calor do mundo unido à luz, como na primavera e no verão, todas as coisas na terra se vivificam e crescem; mas, pela luz separada do calor, nada se vivifica nem cresce: tudo fica entorpecido e morre. No inverno, não estão unidos, pois o calor está ausente, embora a luz permaneça. Por esta correspondência, o céu chama-se paraíso, uma vez que aí a verdade está unida ao bem, ou a fé ao amor, como a luz ao calor na primavera sobre a terra. Tudo isto torna mais clara a verdade exposta no capítulo respetivo (nos 13–19): que o Divino do Senhor no céu é o amor a Ele e a caridade para com o próximo.

137. Diz-se em João:

> **No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e Deus era a Palavra. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez. N'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. Estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele. E a Palavra fez-se carne e habitou entre nós, e contemplámos a Sua glória (1:1–14).**

É evidente que, aqui, por «Palavra» se entende o Senhor, pois se diz que «a Palavra fez-se carne». Mas o que se entende especificamente por «Palavra» não é conhecido e será, por isso, explicado. Aqui, a «Palavra» significa a verdade divina que está no Senhor e procede do Senhor;[12] é por isso que também se chama «Luz», que é a verdade divina, como já se mostrou neste capítulo.

Explicar-se-á agora que foi por meio da verdade divina que todas as coisas foram criadas e feitas.

(2) No céu, a verdade divina tem todo o poder, e fora dela não há poder algum.[13] Por causa da verdade divina, os anjos são chamados potestades, e são potestades na medida em que a recebem ou são seus recetáculos. Por meio dela prevalecem sobre os infernos e sobre todos os que se lhes opõem. Mil inimigos aí não podem resistir a um único raio da luz do céu, que é a verdade divina. Como os anjos são anjos pela receção da verdade divina, segue-se que o céu inteiro não tem outra origem, pois o céu é constituído por anjos.

(3) Os que não têm outra ideia da verdade senão a de que é pensamento ou fala, sem poder em si a não ser quando outros a executam por obediência, não podem acreditar que exista tal poder na verdade divina. Mas a verdade divina tem poder em si mesma, e um poder tal que, por meio dela, foram criados o céu e o mundo com tudo o que nele existe. Que há tal poder na verdade divina pode mostrar-se por duas comparações: pelo poder da verdade e do bem no homem e pelo poder da luz e do calor do Sol no mundo. Pelo poder do bem e da verdade no homem: tudo o que o homem faz, fá-lo a partir do seu entendimento e da sua vontade — da vontade por meio do bem, e do entendimento por meio da verdade —, pois todas as coisas na vontade se referem ao bem, e todas as coisas no entendimento à verdade.[14] É, portanto, a partir do bem e da verdade que o homem move todo o seu corpo, e milhares de

coisas nele se apressam, em uníssono, a cumprir a vontade e o agrado daqueles. Torna-se assim claro que o corpo inteiro foi formado para servir o bem e a verdade e que, consequentemente, foi formado pelo bem e pela verdade.

(4) Pelo poder do calor e da luz do Sol no mundo: todas as coisas que crescem no mundo, como árvores, cereais, flores, ervas, frutos e sementes, vêm a existir inteiramente por meio do calor e da luz do Sol, o que mostra o poder de produção que neles existe. Qual não será, então, o poder da luz divina, que é a verdade divina, e do calor divino, que é o bem divino? Como o céu tem a sua existência a partir deles, também o mundo dela provém, pois, o mundo existe por meio do céu, como já se mostrou. Por tudo isto pode compreender-se o sentido destas palavras: «Todas as coisas foram feitas pela Palavra, e sem a Palavra nada do que foi feito se fez»; e também: «O mundo foi feito por Ele», isto é, pela verdade divina proveniente do Senhor.[15] Pela mesma razão, no Livro da Criação, fala-se primeiro da luz e depois das coisas que procedem da luz (Génesis 1:3, 4). Por esta razão, também, todas as coisas no universo, tanto no céu como no mundo, se referem ao bem e à verdade e à sua conjunção, para serem alguma coisa.

139.[16] Deve compreender-se que o bem divino e a verdade divina que procedem do Senhor como Sol nos céus não estão no Senhor, mas procedem do Senhor. No Senhor há apenas o amor divino, que é o ser [esse] de que o bem divino e a verdade divina

nascem. Por proceder [procedere] entende-se o existir [existere] a partir do ser [esse]. Isto também pode esclarecer-se por comparação com o Sol do mundo. O calor e a luz que estão no mundo não estão no Sol, mas procedem do Sol. No Sol há apenas fogo, e é deste que o calor e a luz nascem e procedem.

140. Como o Senhor, enquanto Sol, é o amor divino, e o amor divino é o próprio bem divino, o Divino que procede do Senhor, que é o Seu Divino no céu, chama-se, para efeito de distinção, verdade divina, embora seja, de facto, o bem divino unido à verdade divina. Esta verdade divina é o que se chama o Santo que d'Ele procede.

CAPÍTULO 16

Os Quatro Quadrantes no Céu

141. Tanto no céu como no mundo há quatro quadrantes — oriente, sul, ocidente e norte —, determinados em cada mundo pelo seu próprio Sol: no céu, pelo Sol do céu, que é o Senhor; no mundo, pelo Sol do mundo. Há, contudo, grandes diferenças entre eles. Em primeiro lugar, no mundo chama-se sul ao lugar onde o Sol atinge a sua maior altura acima da terra; norte, ao lugar oposto, sob a terra; oriente, ao lugar onde nasce num equinócio; e ocidente, ao lugar onde então se põe. Assim, no mundo, todos os quadrantes são determinados a partir do sul. Mas, no céu, chama-se oriente ao lugar onde o Senhor é visto como Sol; em frente, na direção oposta, está o ocidente; à direita está o sul do céu; e à esquerda, o norte. E isto verifica-se qualquer que seja a direção para a qual o rosto e o corpo se voltem. Assim, no céu, todos os quadrantes são determinados a partir do oriente. Chama-se oriente [oriens] ao lugar onde o Senhor é visto como Sol porque toda a origem [origo] da vida procede d'Ele como Sol; além disso, na medida em que os anjos recebem do Senhor o calor e a luz, ou o amor e a inteligência, diz-se que Ele nasce [exoriri] sobre eles. Pela mesma razão, o Senhor é chamado Oriente [Oriens] na Palavra.[1]

142. Outra diferença é que, para os anjos, o oriente está sempre diante do rosto, o ocidente atrás, o sul à direita e o norte à esquerda. Como isto não pode ser facilmente compreendido no mundo, porque os homens voltam o rosto para todos os quadrantes, será explicado. O céu inteiro volta-se para o Senhor como para o seu centro comum; para esse centro se voltam todos os anjos. Também na terra, como é bem conhecido, há uma orientação de todas as coisas para um centro comum; mas existe esta diferença entre a orientação no mundo e a do céu: no céu, são as partes anteriores que se voltam para o centro comum; no mundo, são as partes inferiores do corpo. No mundo, esta orientação chama-se força centrípeta e também gravitação. Os interiores dos anjos estão realmente voltados para a frente; e, como os interiores se manifestam no rosto, é o rosto que determina os quadrantes.[2]

143. É ainda mais difícil compreender no mundo que, em todas as voltas do rosto e do corpo, os anjos tenham o oriente diante do rosto, pois o homem, conforme se volta, tem cada um dos quadrantes diante de si. Também isto será explicado. Embora os anjos, tal como os homens, voltem e dirijam o rosto e o corpo em todas as direções, têm sempre o oriente diante dos olhos. Mas as voltas dos anjos são diferentes das dos homens, porque têm uma origem diferente. Parecem iguais, mas não são. A origem dessas voltas é o seu amor dominante, e a partir dele são determinadas todas as direções nos anjos e nos espíritos. Pois, como acaba de se dizer, os seus interiores estão realmente voltados para o seu centro comum, que no céu é o Senhor como Sol; consequentemente, o seu

amor dominante está sempre diante do rosto, porque o seu amor está sempre diante dos seus interiores, e o rosto existe a partir dos interiores, sendo a sua forma exterior. Nos céus, esse amor é o Senhor como Sol, porque é d'Ele que recebem o seu amor.[3] E, como o próprio Senhor está nos anjos no Seu amor, é o Senhor que faz com que olhem para Ele, para onde quer que se voltem. Não é possível desenvolver mais esta explicação por agora; tornar-se-á, porém, mais clara nos capítulos seguintes, sobretudo quando se tratar das representações e aparências e do tempo e do espaço no céu. Foi-me concedido saber e também perceber, por muita experiência, que os anjos têm constantemente o Senhor diante do rosto. Sempre que estive na companhia dos anjos, notei a presença do Senhor diante do meu rosto, não propriamente vista, mas percetível numa luz; e os anjos testemunharam muitas vezes que assim é. Como o Senhor está constantemente diante dos rostos dos anjos, diz-se no mundo, dos que creem no Senhor e O amam, que têm Deus diante dos olhos e do rosto, que olham para Deus e que veem Deus. Estas expressões têm origem no mundo espiritual, de onde procedem muitas coisas da linguagem humana, embora os homens desconheçam a sua fonte.

144. Esta orientação para o Senhor é uma das maravilhas do céu. Podem estar muitos reunidos num mesmo lugar, uns com o rosto e o corpo voltados para um lado, outros para outro; e, contudo, todos veem o Senhor diante de si, tendo cada um o sul à direita, o norte à esquerda e o ocidente atrás. Outra maravilha é que, embora os anjos olhem apenas para oriente, têm também uma visão dirigida aos outros três quadrantes; mas esta visão provém

da sua vista interior, que pertence ao pensamento. E outra maravilha ainda é que, no céu, nunca se permite a ninguém ficar atrás de outro e olhar-lhe para a nuca, pois isso perturbaria o influxo do bem e da verdade proveniente do Senhor.

145. O Senhor é visto pelos anjos de uma maneira, e os anjos são vistos pelo Senhor de outra. Os anjos veem o Senhor através dos olhos; mas o Senhor vê os anjos na fronte, porque a fronte corresponde ao amor, e é por meio do amor que o Senhor influi na sua vontade, ao passo que é por meio do entendimento, ao qual os olhos correspondem, que Ele Se dá a ver.[4]

146. Os quadrantes nos céus que constituem o reino celestial do Senhor diferem dos quadrantes nos céus que constituem o Seu reino espiritual, porque Ele é visto pelos anjos do Seu reino celestial como Sol, e pelos do Seu reino espiritual como Lua; e onde o Senhor é visto está o oriente. A distância entre a posição do Sol e a da Lua é aí de trinta graus, havendo uma diferença semelhante na posição dos quadrantes. Que o céu está dividido em dois reinos, chamados reino celestial e reino espiritual, pode ver-se no capítulo respetivo (n^{os} 20–28); e que o Senhor é visto no reino celestial como Sol e no reino espiritual como Lua, no n.º 118. Não se segue, porém, que os quadrantes do céu se confundam por causa disso, pois nem os anjos espirituais podem subir para junto dos anjos celestiais, nem os celestiais descer para junto dos espirituais, como pode ver-se acima (n.º 35).

147. Isto esclarece a natureza da presença do Senhor nos céus: Ele está por toda a parte e junto de cada um no bem e na verdade que d'Ele procedem; consequentemente, está nos anjos naquilo que Lhe pertence, como se disse acima (n.º 12). A perceção da presença do Senhor encontra-se nos seus interiores; é a partir destes que os seus olhos veem, e é por esta continuidade que veem o Senhor fora de si. Isto mostra o que se entende por o Senhor estar neles e eles n'Ele, segundo as Suas próprias palavras:

> **Permanecei em Mim, e Eu em vós (João 15:4).**
>
> **Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim, e Eu nele (João 6:56).**

A «carne do Senhor» significa o bem divino, e o «Seu sangue», a verdade divina.[5]

148. Todos nos céus têm os seus lugares de habitação segundo os quadrantes. Os que estão no bem do amor habitam a oriente e a ocidente: os que têm uma perceção clara desse bem, a oriente; e os que têm uma perceção obscura, a ocidente. Os que estão na sabedoria proveniente do bem do amor habitam a sul e a norte: os que estão na luz clara da sabedoria, a sul; e os que estão na sua luz obscura, a norte. Os anjos do reino espiritual do Senhor e os do Seu reino celestial habitam numa ordem semelhante, mas com diferenças segundo o seu bem do amor e a luz da verdade proveniente do bem. Pois, no reino celestial, o amor é o amor ao Senhor, e a luz da verdade que dele procede é sabedoria; no reino espiritual, há o amor ao próximo, chamado caridade, e a luz da

verdade que dele procede é inteligência, também chamada fé (ver acima, n.º 23). Os quadrantes diferem igualmente nos dois reinos em trinta graus, como acaba de se dizer (n.º 146).

149. Numa ordem semelhante, os anjos de cada sociedade no céu habitam uns em relação aos outros: a oriente, os que estão num maior grau de amor e de caridade; a ocidente, os que estão num grau menor; a sul, os que estão numa luz maior de sabedoria e de inteligência; e a norte, os que estão numa luz menor. Esta disposição prevalece porque cada sociedade representa o céu e é um céu numa forma menor (ver acima, n^{os} 51–58). A mesma disposição prevalece nas suas assembleias. São colocados nesta ordem em virtude da forma do céu, pela qual cada um conhece o seu lugar. O Senhor providencia também que em cada sociedade haja pessoas de todas estas condições, porque, quanto à forma, o céu é semelhante a si mesmo por toda a parte. Contudo, a disposição do céu inteiro difere da de uma sociedade como o geral difere das suas partes, pois as sociedades a oriente excedem as de ocidente, e as de sul excedem as de norte.

150. Por esta razão, os quadrantes nos céus significam as coisas que pertencem aos que neles habitam: o oriente significa o amor e o seu bem claramente percebidos; o ocidente, os mesmos obscuramente percebidos; o sul, a sabedoria e a inteligência numa luz clara; e o norte, as mesmas numa luz obscura. E, por causa desta significação dos quadrantes no céu, eles têm uma significação semelhante no sentido interno ou espiritual da Palavra,[6] pois esse

sentido da Palavra está inteiramente de acordo com o que existe no céu.

151. Com os que estão nos infernos sucede o contrário. Os que aí se encontram não olham para o Senhor como Sol nem como Lua, mas voltam-Lhe as costas e olham para a densa escuridão que está no lugar do Sol do mundo e para a escuridão que está no lugar da Lua da terra. Os que se chamam génios olham para a densa escuridão no lugar do Sol do mundo; e os que se chamam espíritos olham para a escuridão no lugar da Lua da terra.[7] Mostrou-se acima (n.º 122) que o Sol do mundo e a Lua da terra não são vistos no mundo espiritual: no lugar desse Sol há uma densa escuridão, em posição oposta ao Sol do céu, e no lugar dessa Lua há uma escuridão, em posição oposta à Lua do céu. Por esta razão, os quadrantes dos que estão nos infernos são opostos aos quadrantes do céu. Para eles, o oriente está onde se encontram essa densa escuridão e essa escuridão; o ocidente, onde está o Sol do céu; o sul, à sua direita; e o norte, à sua esquerda, também em todas as voltas dos seus corpos. Nem podem orientar o rosto de outra maneira, porque toda a inclinação e consequente direção dos seus interiores tende e se esforça nesse sentido. Mostrou-se acima (n.º 143) que a inclinação e a consequente orientação efetiva dos interiores de todos na outra vida estão em harmonia com o seu amor. O amor dos que estão nos infernos é o amor de si e do mundo, e são estes amores que o Sol do mundo e a Lua da terra significam (ver n.º 122); estes amores são opostos ao amor ao Senhor e ao amor ao próximo.[8] É esta a razão de voltarem as costas ao Senhor e se dirigirem para aquela densa escuridão. Além disso,

os que estão nos infernos habitam igualmente segundo os seus quadrantes: os que estão no mal proveniente do amor de si habitam do seu oriente ao seu ocidente; os que estão nas falsidades do mal, do seu sul ao seu norte. Mas dir-se-á mais acerca disto adiante, quando se tratar dos infernos.

152. Quando um espírito mau entra no meio de bons espíritos, os quadrantes ficam geralmente tão confundidos que os bons mal sabem onde está o seu oriente. Vi isto acontecer por vezes e ouvi-o também de espíritos que disso se queixavam.

153. Os espíritos maus são por vezes vistos voltados para os quadrantes do céu; têm então inteligência e perceção da verdade, mas nenhuma afeição pelo bem. Porém, logo que voltam aos seus próprios quadrantes, deixam de ter inteligência e perceção da verdade; declaram então que as verdades que ouviram e perceberam são falsidades, e não verdades, e querem que as falsidades sejam verdades. A respeito desta mudança de orientação, foi-me dito que, nos maus, a parte intelectual da mente pode ser assim voltada, mas não a parte da vontade; e que isto é providenciado pelo Senhor para que cada um possa ver e reconhecer as verdades. Ninguém, porém, pode receber as verdades se não estiver no bem, pois é o bem, e nunca o mal, que as recebe. Foi-me dito também que o homem possui uma capacidade semelhante, para poder tornar-se melhor por meio das verdades. Contudo, só se torna melhor na medida em que está no bem; por conseguinte, um homem pode voltar-se de modo semelhante para o Senhor, mas, se a sua vida é má, volta

imediatamente para trás e confirma em si as falsidades do seu mal, contrárias às verdades que tinha compreendido e visto. Isto acontece quando pensa em si mesmo a partir dos seus estados interiores.

CAPÍTULO 17

As Mudanças de Estado dos Anjos no Céu

154. Por mudanças de estado dos anjos entendem-se as suas mudanças quanto ao amor e à fé, e à sabedoria e inteligência que deles procedem, portanto, as suas mudanças quanto aos estados de vida. Os estados atribuem-se à vida e ao que lhe pertence; e, como a vida angélica é uma vida de amor e de fé, e da sabedoria e inteligência que deles procedem, os estados atribuem-se a estas coisas e chamam-se estados de amor e de fé, e estados de sabedoria e de inteligência. Dir-se-á agora como estes estados mudam nos anjos.

155. Os anjos não estão constantemente no mesmo estado quanto ao amor e, consequentemente, quanto à sabedoria; pois toda a sua sabedoria procede do seu amor e é conforme a ele. Por vezes encontram-se num estado de amor intenso; outras vezes, num estado de amor menos intenso. O estado diminui gradualmente do seu grau máximo até ao mínimo. Quando estão no maior grau de amor, encontram-se na luz e no calor da sua vida, ou num estado claro e deleitoso; mas, no seu grau mínimo, estão na sombra e no frio, ou num estado obscuro e sem deleite. Deste

último estado regressam ao primeiro, e assim sucessivamente, seguindo-se estas alternâncias umas às outras com variedade. Há uma sucessão destes estados semelhante à dos diversos estados de luz e sombra, ou de calor e frio, ou à da manhã, do meio-dia, da tarde e da noite, dia após dia no mundo, com incessante variedade ao longo do ano. Há também uma correspondência: a manhã corresponde ao estado do seu amor na sua clareza; o meio-dia, ao estado da sua sabedoria na sua clareza; a tarde, ao estado da sua sabedoria na sua obscuridade; e a noite, a um estado sem amor nem sabedoria. Deve, porém, compreender-se que a noite não tem correspondência com os estados de vida dos que estão no céu, embora haja o que corresponde à aurora que precede a manhã; o que corresponde à noite encontra-se nos que estão no inferno.[1] Por esta correspondência, «dia» e «ano» significam, na Palavra, estados de vida em geral; «calor» e «luz» significam amor e sabedoria; «manhã», o primeiro e mais elevado grau de amor; «meio-dia», a sabedoria na sua luz; «tarde», a sabedoria na sua sombra; «aurora», a obscuridade que precede a manhã; e «noite», a ausência de amor e de sabedoria.[2]

156. Juntamente com o estado dos interiores dos anjos, que dizem respeito ao seu amor e à sua sabedoria, mudam os estados de várias coisas exteriores a eles, que veem com os olhos; pois as coisas exteriores assumem uma aparência conforme às que estão dentro deles. Quais são essas coisas e como são será dito em breve, no capítulo sobre as representações e aparências no céu.

157. Cada anjo sofre e atravessa estas mudanças de estado, e também cada sociedade em geral; contudo, cada um de maneira diferente, porque diferem no amor e na sabedoria. Os que estão no centro encontram-se num estado mais perfeito do que os que os rodeiam, até à circunferência (ver acima, n^{os} 43, 128). Mas seria enfadonho especificar as diferenças, pois as mudanças por que cada um passa estão de acordo com a qualidade do seu amor e da sua fé. Assim acontece que um pode estar na clareza e no deleite, enquanto outro está na obscuridade e na ausência de deleite, e isto ao mesmo tempo e dentro da mesma sociedade. O estado difere também entre as sociedades, sendo diferente nas sociedades do reino celestial e nas do reino espiritual. Estas diferenças nas mudanças de estado são, em geral, semelhantes às variações dos estados dos dias nos diferentes climas da terra: para uns é manhã quando para outros é tarde, e para uns faz calor quando para outros faz frio.

158. Fui ensinado a partir do céu acerca das razões por que aí existem estas mudanças de estado. Os anjos disseram que há muitas razões. A primeira é que o deleite da vida e do céu, que recebem do amor e da sabedoria provenientes do Senhor, perderia gradualmente o seu valor se nele permanecessem continuamente, como sucede aos que vivem entre atrativos e prazeres sem variedade. A segunda razão é que os anjos, tal como os homens, têm o seu próprio [proprium], que consiste em amar a si mesmos; e todos os que estão no céu são afastados do seu próprio. Na medida em que o Senhor os afasta dele, estão no amor e na sabedoria; mas, na medida em que não são afastados, estão no

amor de si. E, porque cada um ama o seu próprio e é atraído por ele,[3] têm mudanças de estado, ou alternâncias sucessivas. A terceira razão é que, deste modo, são aperfeiçoados: habituam-se a ser mantidos no amor ao Senhor e afastados do amor de si; além disso, pelas alternâncias entre o deleite e a sua ausência, a perceção e o sentido do bem tornam-se mais apurados.[4] Os anjos acrescentaram que as suas mudanças de estado não são causadas pelo Senhor, pois o Senhor, como Sol, influi incessantemente com calor e luz, isto é, com amor e sabedoria. A causa está neles próprios, por amarem o seu próprio, que continuamente os afasta. Isto foi ilustrado por comparação com o Sol do mundo: a causa das mudanças de estado de calor e frio e de luz e sombra, ano após ano e dia após dia, não está nesse Sol, que permanece inalterado, mas na terra.

159. Foi-me mostrado como o Senhor, enquanto Sol, aparece aos anjos do reino celestial no seu primeiro, segundo e terceiro estados. Vi o Senhor como Sol, primeiro ardente e brilhante, com um esplendor indescritível; e foi-me dito que tal é a aparência do Senhor como Sol para os anjos no seu primeiro estado. Depois apareceu uma grande faixa obscura em redor do Sol, e, por efeito dela, o seu fulgor e brilho iniciais, que lhe davam tamanho esplendor, começaram a esbater-se; foi-me dito que tal é a aparência do Sol para eles no seu segundo estado. A faixa pareceu então tornar-se gradualmente mais escura, e o Sol menos ardente, até que, por fim, assumiu uma brancura resplandecente; foi-me dito que tal é a aparência do Sol para eles no seu terceiro estado. Depois disso, viu-se essa brancura resplandecente deslocar-se para

a esquerda, em direção à Lua do céu, e juntar-se à sua luz, fazendo com que a Lua brilhasse com um esplendor invulgar. Foi-me dito que tal é o quarto estado dos que estão no reino celestial e o primeiro dos que estão no reino espiritual, e que as mudanças de estado em ambos os reinos têm estas alternâncias; não, porém, no reino inteiro ao mesmo tempo, mas numa sociedade após outra. Foi-me ainda dito que estas alternâncias não são fixas, mas lhes sobrevêm mais cedo ou mais tarde, sem que saibam quando. Acrescentou-se que o Sol, em si mesmo, não muda nem se move deste modo, mas assume esta aparência segundo as progressões sucessivas dos seus estados, pois o Senhor aparece a cada um segundo o seu estado: ardente quando alguém está num amor intenso, menos ardente e, por fim, de um branco resplandecente à medida que o amor diminui. A qualidade do estado de cada um era representada pela faixa obscura que produzia no Sol estas variações aparentes do seu fulgor e da sua luz.

160. Quando os anjos estão no último destes estados, isto é, quando estão no seu próprio, começam a entristecer-se. Falei com eles nesse estado e vi a sua tristeza; mas disseram que esperavam regressar em breve ao estado anterior e, assim, como que entrar novamente no céu, pois, para eles, estar afastados do seu próprio é o céu.

161. Também há mudanças de estado nos infernos, mas serão descritas mais adiante, quando se tratar do inferno.

CAPÍTULO 18

O Tempo no Céu

162. Embora haja no céu uma sucessão e uma progressão de todas as coisas, como no mundo, os anjos não têm qualquer noção ou ideia de tempo e de espaço; e isto a tal ponto que nem sequer sabem o que são o tempo e o espaço. Tratar-se-á aqui do tempo no céu, e do espaço no capítulo respetivo.

163. Os anjos não sabem o que é o tempo, embora entre eles haja uma progressão sucessiva de todas as coisas, tal como no mundo, de modo tão completo que não há diferença alguma. A razão é que, no céu, em vez de anos e dias, há mudanças de estado; onde há anos e dias, há tempos, mas onde há mudanças de estado, há estados.

164. No mundo há tempos porque o Sol do mundo avança aparentemente, em sucessão, de um grau para outro, produzindo os tempos chamados estações do ano; além disso, gira em redor da terra, produzindo os tempos chamados períodos do dia, ambos por alternâncias fixas. Com o Sol do céu sucede de outro modo. Não marca anos e dias por progressões e revoluções sucessivas, mas,

na sua aparência, marca mudanças de estado; e isto, como se mostrou no capítulo anterior, não se realiza por alternâncias fixas. Por conseguinte, nenhuma ideia de tempo é possível aos anjos; em seu lugar, têm uma ideia de estado (ver acima, n.º 154).

165. Como os anjos não têm uma ideia derivada do tempo, tal como os homens no mundo, também não têm qualquer ideia do tempo nem do que lhe pertence. Nem sequer sabem o que significam os termos temporais, como ano, mês, semana, dia, hora, hoje, amanhã e ontem. Quando os anjos ouvem estes termos usados pelo homem — pois o Senhor associa sempre anjos ao homem —, percebem, em vez deles, estados e o que pertence aos estados. Assim, o pensamento natural do homem converte-se em pensamento espiritual nos anjos. É por isso que os tempos na Palavra significam estados, e os termos temporais, como os acima enumerados, significam coisas espirituais correspondentes.[1]

166. O mesmo se verifica com todas as coisas que existem a partir do tempo, como as quatro estações do ano, chamadas primavera, verão, outono e inverno; os quatro períodos do dia, manhã, meio-dia, tarde e noite; as quatro idades do homem, infância, juventude, idade adulta e velhice; e todas as outras coisas que existem a partir do tempo ou se sucedem segundo o tempo. Ao pensar nelas, o homem pensa a partir do tempo, mas o anjo a partir do estado; por conseguinte, o que nelas pertence ao tempo para o homem converte-se, nos anjos, numa ideia de estado. A primavera e a manhã convertem-se numa ideia do estado do amor e da sabedoria tal como se encontram nos anjos no seu primeiro estado;

o verão e o meio-dia, numa ideia do amor e da sabedoria tal como se encontram no segundo estado; o outono e a tarde, no terceiro; e a noite e o inverno, numa ideia do estado que existe no inferno. É por isso que estes períodos têm uma significação semelhante na Palavra (ver acima, n.º 155). Isto esclarece como as coisas naturais no pensamento do homem se tornam espirituais nos anjos que estão com ele.

167. Como os anjos não têm noção de tempo, têm uma ideia de eternidade diferente da dos homens na terra. Para os anjos, a eternidade significa um estado infinito, e não um tempo infinito.[2] Certa vez, pensava na eternidade e conseguia, com a ideia de tempo, perceber o que significa «por toda a eternidade», isto é, sem fim, mas não o que significa «desde a eternidade»; portanto, não conseguia perceber o que Deus fizera desde a eternidade antes da criação. Quando isto começou a inquietar a minha mente, fui elevado à esfera do céu e, assim, à perceção dos anjos acerca da eternidade. Tornou-se-me então claro que se deve pensar na eternidade, não a partir do tempo, mas do estado, e que assim se pode compreender o sentido de «desde a eternidade». Foi o que então me aconteceu.

168. Quando os anjos falam com os homens, nunca se exprimem nas ideias naturais próprias do homem, que procedem todas do tempo, do espaço, da matéria e de coisas análogas, mas em ideias espirituais, que procedem todas dos estados e das suas diversas mudanças, dentro e fora dos anjos. Contudo, quando estas ideias angélicas, que são espirituais, influem nos homens, convertem-se

num instante, por si mesmas, em ideias naturais próprias do homem, perfeitamente correspondentes às ideias espirituais. Nem os anjos nem os homens sabem que isto acontece; mas tal é todo o influxo do céu no homem. Foi permitido a certos anjos entrarem mais intimamente nos meus pensamentos, até nos pensamentos naturais em que havia muitas coisas de tempo e de espaço; mas, como então nada compreenderam, retiraram-se subitamente. Depois de se retirarem, ouvi-os conversar e dizer que tinham estado nas trevas.

(2) Foi-me concedido conhecer, pela experiência, até que ponto os anjos desconhecem o tempo. Havia alguém do céu que conseguia entrar em ideias naturais, como as do homem; depois de o ter feito, falei com ele como um homem com outro. Ao princípio, não sabia o que era aquilo a que eu chamava tempo, e tive, por isso, de lhe explicar tudo a esse respeito: como o Sol parece deslocar-se em redor da nossa terra e produzir anos e dias; como, por esse meio, os anos se dividem em quatro estações, e também em meses e semanas, e os dias em vinte e quatro horas; como estes tempos regressam por alternâncias fixas; e como esta é a origem dos tempos. Ao ouvir isto, ficou admirado e disse que nada sabia dessas coisas, mas apenas o que eram estados.

(3) Ao falar com ele, acrescentei que isto é conhecido no mundo, pois os homens falam como se soubessem que não há tempo no céu, dizendo dos que morrem que «deixam as coisas do tempo» e que «saem do tempo», querendo com isto dizer

> que saem do mundo. Disse também que alguns sabem que os tempos, na sua origem, são estados, pois sabem que os tempos estão em exata concordância com os estados das suas afeições: são curtos para os que estão em estados agradáveis e alegres, longos para os que estão em estados desagradáveis e tristes, e variáveis num estado de esperança e expetativa. Isto leva os eruditos a investigar o que são o tempo e o espaço, e alguns sabem que o tempo pertence ao homem natural.

169. O homem natural poderá pensar que ficaria privado de todo o pensamento se lhe fossem retiradas as ideias de tempo, de espaço e de coisas materiais, pois sobre estas assenta todo o pensamento do homem.[3] Saiba, porém, que, na medida em que os pensamentos participam do tempo, do espaço e da matéria, são limitados e circunscritos; mas, na medida em que não participam destas coisas, são ilimitados e ampliados, pois a mente é, nessa medida, elevada acima das coisas corporais e mundanas. É esta a fonte da sabedoria dos anjos, uma sabedoria que se chama incompreensível porque não cabe em ideias inteiramente constituídas pelo que é material.

CAPÍTULO 19

As Representações e as Aparências no Céu

170. O homem que pensa apenas a partir da luz natural é incapaz de compreender que haja no céu alguma coisa semelhante ao que existe no mundo. A razão é que, a partir da luz natural, pensou previamente e se confirmou na ideia de que os anjos não são senão mentes, e de que as mentes são como sopros etéreos, sem sentidos semelhantes aos dos homens; portanto, sem olhos e, não havendo olhos, sem objetos de visão. Contudo, os anjos possuem todos os sentidos do homem, e sentidos muito mais apurados; e a luz pela qual veem é muito mais brilhante do que aquela pela qual o homem vê. Que os anjos são homens na forma mais completa e possuem todos os sentidos pode ver-se acima (n^{os} 73–77); e que a luz no céu é muito mais brilhante do que a luz no mundo, nos n^{os} 126–132.

171. A natureza dos objetos visíveis aos anjos no céu não pode descrever-se em poucas palavras. Na sua maior parte, são semelhantes às coisas da terra, mas de forma muito mais perfeita e em número mais abundante. Que tais coisas existem nos céus é evidente pelas coisas vistas pelos profetas: por Ezequiel, a respeito

do novo templo e da nova terra, conforme se descreve nos capítulos 40 a 48; por Daniel, nos capítulos 7 a 12; por João, desde o primeiro até ao último capítulo do Apocalipse; e por outros, conforme se descreve tanto na parte histórica como na parte profética da Palavra. Viram estas coisas quando o céu lhes foi aberto; e diz-se que o céu se abre quando se abre a visão interior, que é a visão do espírito do homem. Pois as coisas dos céus não podem ser vistas pelos olhos do corpo do homem, mas pelos olhos do seu espírito; e, quando é do agrado do Senhor, estes abrem-se. O homem é então afastado da luz natural em que se encontra pelos sentidos corporais e elevado à luz espiritual em que se encontra pelo seu espírito. Foi nessa luz que vi as coisas do céu.

172. Mas, embora as coisas vistas no céu sejam em grande parte semelhantes às da terra, na essência são diferentes; pois as coisas do céu procedem do Sol do céu, e as da terra do Sol do mundo. As coisas que procedem do Sol do céu chamam-se espirituais; as que procedem do Sol do mundo chamam-se naturais.

173. As coisas que surgem no céu não surgem da mesma maneira que as da terra. Todas as coisas no céu procedem do Senhor em correspondência com os interiores dos anjos. Pois os anjos têm interiores e exteriores. Todas as coisas nos seus interiores se referem ao amor e à fé, portanto à vontade e ao entendimento, porque a vontade e o entendimento são os seus recetáculos; os seus exteriores, por sua vez, correspondem aos seus interiores. Que as coisas exteriores correspondem às interiores pode ver-se acima (n^{os} 87–115). Isto é ilustrado pelo que se disse

acerca do calor e da luz do céu: os anjos têm calor segundo a qualidade do seu amor e luz segundo a qualidade da sua sabedoria (nos 128–134). O mesmo se passa com todas as outras coisas que se apresentam aos sentidos dos anjos.

174. Quando me foi permitido estar na companhia dos anjos, as coisas aí apareciam exatamente como as do mundo, e com tal nitidez que eu não teria sabido que não estava no mundo e num palácio de um rei. Também falava com os anjos como um homem com outro.

175. Como todas as coisas que correspondem aos interiores também os representam, chamam-se representações; e, como diferem em cada caso segundo o estado dos interiores, chamam-se aparências. Contudo, as coisas que aparecem diante dos olhos dos anjos no céu e são percebidas pelos seus sentidos apresentam-se aos seus olhos e sentidos tão plenamente vivas como as coisas da terra se apresentam ao homem, e até com muito maior clareza, distinção e percetibilidade. As aparências que têm esta origem no céu chamam-se aparências reais, porque têm existência real. Há também aparências que não são reais: coisas que se tornam visíveis, mas não correspondem aos interiores.[1] Destas se tratará adiante.

176. Para mostrar quais são as coisas que aparecem aos anjos segundo as correspondências, mencionarei aqui apenas um exemplo. Os que são inteligentes veem jardins e parques cheios de

árvores e flores de todas as espécies. As árvores estão plantadas numa ordem belíssima, combinadas de modo a formar caramanchões com acessos em arco e caminhos em redor, tudo mais belo do que as palavras podem descrever. Aí passeiam os inteligentes, colhem flores e tecem grinaldas com que adornam as crianças pequenas. Além disso, há espécies de árvores e flores que nunca se veem nem podem existir na terra. As árvores dão frutos conformes ao bem do amor em que os inteligentes se encontram. Estas coisas são vistas por eles porque um jardim ou parque, as árvores de fruto e as flores correspondem à inteligência e à sabedoria.[2] Que há tais coisas no céu também é conhecido na terra, mas apenas pelos que estão no bem e não extinguiram em si a luz do céu por meio da luz natural e das suas falácias; pois, quando pensam no céu, pensam e dizem que aí há coisas que o ouvido não ouviu e o olho não viu.

CAPÍTULO 20

As Vestes Com Que Os Anjos Aparecem Vestidos

177. Como os anjos são homens e vivem entre si como os homens na terra, têm vestes, habitações e outras coisas semelhantes; com a diferença, porém, de que, por se encontrarem num estado mais perfeito, tudo entre eles possui maior perfeição. Pois, assim como a sabedoria angélica ultrapassa a sabedoria humana a ponto de ser chamada inefável, o mesmo sucede com todas as coisas que os anjos percebem e veem, uma vez que todas elas correspondem à sua sabedoria (ver acima, n.º 173).

178. As vestes com que os anjos se vestem, tal como todas as outras coisas que lhes pertencem, correspondem; e, porque correspondem, têm existência real (ver acima, n.º 175). As suas vestes correspondem à sua inteligência; por isso, todos nos céus aparecem vestidos segundo a sua inteligência, e, conforme um é mais inteligente do que outro, assim as suas vestes excedem as do outro. Os mais inteligentes têm vestes que ardem como chamas; outros têm vestes que cintilam como luz; os menos inteligentes têm vestes de um branco resplandecente ou brancas sem fulgor; e os

ainda menos inteligentes têm vestes de várias cores. Mas os anjos do céu mais íntimo não estão vestidos.

179. Como as vestes dos anjos correspondem à sua inteligência, correspondem também à verdade, pois toda a inteligência procede da verdade divina. Por conseguinte, é o mesmo dizer que os anjos se vestem segundo a inteligência ou segundo a verdade divina. As vestes de uns ardem como chamas, e as de outros cintilam como luz, porque a chama corresponde ao bem, e a luz à verdade proveniente do bem.[1] Uns têm vestes de um branco resplandecente ou brancas sem fulgor, e outros vestes de várias cores, porque, nos menos inteligentes, o bem divino e a verdade divina resplandecem menos e são também recebidos de modos diversos,[2] correspondendo o branco resplandecente e o branco à verdade,[3] e as cores às suas variedades.[4] Os que estão no céu mais íntimo não estão vestidos porque estão na inocência, e a inocência corresponde à nudez.[5]

180. Assim como no céu os anjos estão vestidos, também, quando foram vistos no mundo, apareceram vestidos, como os que foram vistos pelos profetas e os que foram vistos no sepulcro do Senhor:

> Cuja aparência era como um relâmpago, e as suas vestes resplandecentes e brancas (Mateus 28:3; Marcos 16:5; Lucas 24:4; João 20:12, 13).

E os que foram vistos no céu por João:

> Que tinham vestes de linho fino e brancas (Apocalipse 4:4; 19:14).

E, porque a inteligência procede da verdade divina:

> As vestes do Senhor, quando Se transfigurou, eram radiantes e de um branco resplandecente como a luz (Mateus 17:2; Marcos 9:3; Lucas 9:29).

Como a luz é a verdade divina que procede do Senhor (ver acima, n.º 129), na Palavra as vestes significam verdades e a inteligência proveniente das verdades, como no Apocalipse:

> Os que não mancharam as suas vestes caminharão comigo de branco, porque são dignos. Quem vencer será vestido de vestes brancas (3:4, 5).
>
> Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes (16:15).

E de Jerusalém, que significa uma Igreja que está na verdade,[6] está escrito em Isaías:

> Desperta, reveste-te da tua força, ó Sião; veste as tuas vestes de beleza, ó Jerusalém (52:1).

E em Ezequiel:

> Jerusalém, cingi-te de linho fino e cobri-te de seda. As tuas vestes eram de linho fino e seda (16:10, 13).

Além de muitas outras passagens. Mas, de quem não está nas verdades, diz-se que «não está vestido com uma veste nupcial», como em Mateus:

> **Quando o rei entrou, viu um homem que não trazia veste nupcial e disse-lhe: Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? Por isso, foi lançado nas trevas exteriores (22:11–13).**

A casa do banquete nupcial significa o céu e a Igreja, por causa da conjunção do Senhor com o céu e a Igreja por meio da Sua verdade divina. Por esta razão, o Senhor é chamado, na Palavra, Noivo e Esposo; e o céu, com a Igreja, é chamado noiva e esposa.

181. Que as vestes dos anjos não se limitam a parecer vestes, mas são vestes reais, é evidente pelo facto de os anjos as verem e sentirem, de possuírem muitas vestes, de as despirem e vestirem, de cuidarem daquelas que não estão a usar e de voltarem a vesti-las quando delas precisam. Vi mil vezes que se vestem com uma variedade de vestes. Quando lhes perguntei de onde as recebiam, disseram que do Senhor, que as recebem como dádivas e que, por vezes, ficam vestidos com elas sem se aperceberem. Disseram também que as suas vestes mudam segundo as suas mudanças de estado: no primeiro e no segundo estados, são brilhantes e de um branco resplandecente; no terceiro e no quarto, um pouco menos luminosas. Isto também se deve à correspondência, porque as suas mudanças de estado dizem respeito à inteligência e à sabedoria (ver acima, n^{os} 154, 161).

182. Como cada um no mundo espiritual tem vestes segundo a sua inteligência, isto é, segundo as verdades que são a origem da inteligência, também os que estão nos infernos aparecem vestidos; mas, por não possuírem verdades, as suas vestes são esfarrapadas, imundas e sujas, cada um segundo a sua loucura, e não podem vestir outras. O Senhor concede-lhes que estejam vestidos, para que não sejam vistos nus.

CAPÍTULO 21

Os Lugares de Residência e as Habitações dos Anjos

183. Como há sociedades no céu e os anjos vivem como homens, têm também lugares de residência, que diferem segundo o estado de vida de cada um. São magníficos para os que se encontram numa dignidade mais elevada e menos magníficos para os que estão numa condição inferior. Falei frequentemente com os anjos acerca dos lugares de residência no céu, dizendo-lhes que hoje quase ninguém acreditará que têm lugares de residência e habitações: uns porque não os veem; outros porque não sabem que os anjos são homens; e outros porque acreditam que o céu angélico é o céu que veem com os olhos em seu redor. Como este parece vazio, e supõem que os anjos são formas etéreas, concluem que vivem no éter. Além disso, não compreendem como pode haver no mundo espiritual coisas semelhantes às do mundo natural, porque nada sabem acerca do espiritual.

(2) Os anjos responderam que sabem que esta ignorância prevalece hoje no mundo e, para seu espanto, sobretudo dentro da Igreja, e mais entre os inteligentes do que entre aqueles a quem chamam simples. Disseram também que se

poderia saber, pela Palavra, que os anjos são homens, pois os que foram vistos foram vistos como homens; e o Senhor, que levou consigo todo o Seu Humano, apareceu de modo semelhante. Poder-se-ia saber igualmente que, sendo os anjos homens, têm habitações e lugares de residência, e não voam pelo ar, como alguns pensam na sua ignorância, a que os anjos chamam loucura; e que, embora se chamem espíritos, não são ventos. Disseram que isto se poderia compreender se os homens pensassem independentemente das noções adquiridas acerca dos anjos e dos espíritos, como fazem quando não põem diretamente em questão nem submetem ao exame do pensamento se assim é. Pois cada um tem uma ideia geral de que os anjos têm a forma humana e possuem casas, chamadas mansões do céu, cuja magnificência excede a das habitações terrenas. Mas esta ideia geral, que influi a partir do céu, desfaz-se logo que é submetida a um exame direto e à interrogação sobre se assim é, como sucede sobretudo com os eruditos, que, pela sua própria inteligência, fecharam para si o céu e a entrada da luz celeste.

(3) O mesmo se passa com a crença na vida do homem depois da morte. Quando alguém fala dela sem pensar, ao mesmo tempo, na alma à luz da erudição mundana ou da doutrina da sua reunião com o corpo, acredita que, depois da morte, viverá como homem, entre os anjos se tiver vivido bem, e que então verá coisas magníficas e sentirá alegrias. Mas, logo que volta o pensamento para a doutrina da reunião com o corpo ou para a sua teoria acerca da alma, e surge a questão de saber se a

alma é assim e, portanto, se isto pode ser verdade, a sua ideia anterior dissipa-se.

184. É melhor, porém, apresentar o testemunho da experiência. Sempre que falei com os anjos face a face, estive com eles nas suas moradas. Estas moradas são exatamente como as da terra a que chamamos casas, mas mais belas. Têm numerosos aposentos, salas e quartos de dormir; têm também pátios e, em redor, jardins, canteiros de flores e relvados. Onde vivem em conjunto, as suas casas estão próximas, dispostas umas ao lado das outras sob a forma de uma cidade, com avenidas, ruas e praças públicas, exatamente como as cidades da terra. Foi-me permitido percorrê-las, olhando em todas as direções e entrando por vezes nas casas. Isto aconteceu quando a minha visão interior estava aberta e eu me encontrava plenamente desperto.[1]

185. Vi no céu palácios de uma magnificência indescritível. Na parte superior cintilavam como se fossem de ouro puro; na inferior, como se fossem de pedras preciosas, uns mais esplêndidos do que outros. O mesmo sucedia no interior. Nem as palavras nem o conhecimento bastam para descrever os ornamentos que adornavam as salas. Do lado voltado a sul havia parques onde tudo também resplandecia: em alguns lugares, as folhas cintilavam como se fossem de prata, e os frutos como se fossem de ouro; as flores, nos seus canteiros, formavam arco-íris com as suas cores. Para lá dos limites, onde a vista terminava, viam-se outros palácios. Tal é a arquitetura do céu que se diria que aí a arte se encontra no seu próprio elemento; e não é de admirar, pois a própria arte

procede do céu. Os anjos disseram que estas coisas, e inúmeras outras ainda mais perfeitas, são apresentadas diante dos seus olhos pelo Senhor; contudo, agradam mais às suas mentes do que aos seus olhos, porque em cada uma veem uma correspondência e, através das correspondências, o Divino.

186. Acerca destas correspondências, foi-me também dito que não apenas os palácios e as casas, mas todas as coisas e cada coisa, tanto dentro como fora deles, correspondem às coisas interiores que recebem do Senhor. A própria casa, em geral, corresponde ao seu bem; as coisas particulares dentro da casa, às diversas coisas de que o seu bem se compõe;[2] e as coisas exteriores, às verdades derivadas do bem, bem como às suas perceções e conhecimentos.[3] E, como estas coisas correspondem aos bens e às verdades que recebem do Senhor, correspondem ao seu amor e à sabedoria e inteligência provenientes do amor, pois o amor pertence ao bem, a sabedoria ao bem e à verdade conjuntamente, e a inteligência à verdade proveniente do bem. São estas coisas que os anjos percebem quando contemplam o que os rodeia; assim, as suas mentes são mais deleitadas e tocadas por elas do que os seus olhos.

187. Isto esclarece por que razão o Senhor chamou a Si mesmo o templo de Jerusalém (João 2:19, 21):[4] porque o templo representava o Seu Humano Divino. Esclarece também por que razão a Nova Jerusalém foi vista como sendo de ouro puro, com portas de pérolas e fundamentos de pedras preciosas (Apocalipse 21): porque a Nova Jerusalém significa a Igreja que viria depois a ser estabelecida, as doze portas as suas verdades que conduzem

ao bem, e os fundamentos as verdades sobre as quais a Igreja assenta.[5]

188. Os anjos que constituem o reino celestial do Senhor habitam, na sua maior parte, em lugares elevados que aparecem como montanhas de terra; os anjos que constituem o Seu reino espiritual habitam em lugares menos elevados, que aparecem como colinas; e os anjos das partes mais baixas do céu habitam em lugares que aparecem como plataformas de rocha. Estas coisas procedem da correspondência, pois as coisas interiores correspondem às mais altas, e as exteriores às mais baixas;[6] é por isso que, na Palavra, as «montanhas» significam o amor celestial, as «colinas» o amor espiritual, e as «rochas» a fé.[7]

189. Há também anjos que não vivem associados, mas separados, casa a casa. Habitam no centro do céu, pois são os melhores dos anjos.

190. As casas em que os anjos habitam não são construídas como as casas no mundo, mas são-lhes dadas gratuitamente pelo Senhor, a cada um segundo a sua receção do bem e da verdade. Mudam também um pouco segundo as mudanças de estado dos interiores dos anjos, de que se falou acima (nos 154–160). Tudo o que os anjos possuem, sem exceção, consideram recebido do Senhor; e tudo aquilo de que precisam lhes é dado.

CAPÍTULO 22

O Espaço no Céu

191. Todas as coisas no céu parecem, tal como no mundo, estar num lugar e num espaço; contudo, os anjos não têm qualquer noção ou ideia de lugar e de espaço. Como isto há de parecer um paradoxo, procurarei esclarecer o assunto, pois é de grande importância.

192. Todas as mudanças de lugar no mundo espiritual realizam-se por mudanças de estado dos interiores, o que significa que a mudança de lugar não é senão uma mudança de estado.[1] Foi deste modo que fui levado pelo Senhor aos céus e também às terras do universo; era o meu espírito que assim viajava, enquanto o meu corpo permanecia no mesmo lugar.[2] Tais são todos os movimentos dos anjos; por conseguinte, não têm distâncias e, não tendo distâncias, não têm espaços, mas, em lugar dos espaços, têm estados e as suas mudanças.

193. Como as mudanças de lugar se realizam assim, é evidente que as aproximações são semelhanças de estado dos interiores, e os afastamentos são diferenças. Por esta razão, estão próximos uns

dos outros os que se encontram em estados semelhantes, e afastados os que estão em estados diferentes; os espaços no céu são simplesmente as condições externas correspondentes aos estados internos. Pela mesma razão, os céus são distintos entre si, assim como as sociedades de cada céu e os indivíduos de cada sociedade; e é também por isso que os infernos estão inteiramente separados dos céus, porque se encontram num estado contrário.

194. Ainda pela mesma razão, quem, no mundo espiritual, deseja intensamente a presença de outra pessoa chega à sua presença, pois, desse modo, vê-a em pensamento e coloca-se no seu estado. Inversamente, alguém se separa de outro na medida em que sente aversão por ele. E, como toda a aversão procede da oposição das afeições e da discordância dos pensamentos, sempre que vários se encontram reunidos num mesmo lugar nesse mundo, são visíveis uns aos outros enquanto concordam, mas desaparecem logo que discordam.

195. Além disso, quando alguém vai de um lugar para outro, quer na sua própria cidade, quer em pátios ou jardins, quer para junto de outros fora da sua sociedade, chega mais depressa quando o deseja vivamente e menos depressa quando não o deseja. O próprio caminho alonga-se ou encurta-se segundo o desejo, embora permaneça o mesmo. Vi isto muitas vezes, com surpresa. Tudo isto mostra novamente como as distâncias e, consequentemente, os espaços estão inteiramente de acordo com os estados dos interiores dos anjos;[3] sendo assim, nenhuma noção ou ideia de espaço pode

entrar no seu pensamento, embora entre eles haja espaços tal como no mundo.

196. Isto pode ilustrar-se pelos pensamentos do homem, pois o espaço não pertence ao pensamento: tudo aquilo em que se pensa intensamente coloca-se diante de nós como presente. Além disso, quem refletir sobre o assunto sabe que a sua visão só reconhece o espaço por meio dos objetos intermédios na terra que são vistos ao mesmo tempo, ou pela recordação do que já sabe acerca da distância. Isto acontece por causa da continuidade; e, no que é contínuo, não há aparência de distância senão a partir de coisas não contínuas. Isto é ainda mais verdadeiro nos anjos, porque a sua visão atua em unidade com o seu pensamento, e o seu pensamento em unidade com a sua afeição; as coisas aparecem próximas ou remotas, e também variadas, segundo os estados dos seus interiores, como se disse acima.

197. Daqui se segue que, na Palavra, os lugares e os espaços, e tudo o que de algum modo se relaciona com o espaço, significam coisas relativas a estados: as distâncias, o próximo e o longínquo, os caminhos, as viagens, as permanências, as milhas e os estádios, as planícies, os campos, os jardins, as cidades e as ruas, os movimentos, as diversas medidas, o comprido, o largo, o alto e o profundo, e inúmeras outras coisas. Pois a maior parte das coisas que o homem pensa a partir do mundo recebe algo do espaço e do tempo.

(2) Mencionarei aqui apenas o que significam, na Palavra, o comprimento, a largura e a altura. Neste mundo, chama-se comprido ou largo ao que é comprido ou largo em relação ao espaço; o mesmo se passa com a altura. Mas, no céu, onde não se pensa a partir do espaço, o comprimento significa um estado de bem, a largura um estado de verdade, e a altura a distinção entre eles segundo os graus (ver n.º 38). É este o sentido destas três dimensões porque, no céu, o comprimento vai de oriente a ocidente, e os que aí habitam estão no bem do amor; a largura vai de sul a norte, e os que aí habitam estão na verdade proveniente do bem (ver n.º 148); e a altura aplica-se a ambos quanto aos graus. É por isso que o comprimento, a largura e a altura têm estas significações na Palavra, como em Ezequiel, dos capítulos 40 a 48, onde o novo templo e a nova terra, com os pátios, aposentos, portais, portas, janelas e arredores, são descritos por medidas de comprimento, largura e altura, pelas quais se significam uma nova Igreja e os bens e verdades que nela existem. De outro modo, para que serviriam todas essas medidas?

(3) Do mesmo modo, a Nova Jerusalém é descrita no Apocalipse com estas palavras:

> **A cidade é quadrangular, e o seu comprimento é igual à largura; e mediu a cidade com a cana: doze mil estádios; o comprimento, a largura e a altura são iguais (21:16).**

Como a «Nova Jerusalém» significa aqui uma nova Igreja, estas medidas significam as coisas da Igreja: o «comprimento», o seu bem do amor; a «largura», a verdade proveniente desse bem; a «altura», o bem e a verdade quanto aos graus; e «doze mil estádios», todo o bem e toda a verdade no seu conjunto. De outro modo, como se poderia dizer que a altura é de doze mil estádios, igual ao comprimento e à largura? Que a «largura», na Palavra, significa a verdade é evidente em David:

> **Jeová, não me encerraste nas mãos do inimigo; fizeste os meus pés permanecer num lugar espaçoso (Salmo 31:8).**
>
> **Na estreiteza invoquei Jah; Ele responde-me num lugar espaçoso (Salmo 118:5).**

Além de outras passagens, como em Isaías 8:8 e Habacuque 1:6. E assim em todos os restantes casos.

198. Por tudo isto pode ver-se que, embora haja espaços no céu como no mundo, nada aí é avaliado segundo os espaços, mas segundo os estados. Por conseguinte, os espaços aí não podem ser medidos como no mundo, mas apenas vistos a partir do estado dos interiores e segundo esse estado.[4]

199. A causa primeira e essencial disto é que o Senhor está presente junto de cada um na medida do seu amor e da sua fé,[5] e que é segundo a presença do Senhor que todas as coisas aparecem próximas ou distantes, pois é a partir dela que tudo nos céus é determinado. É também por meio dela que os anjos têm sabedoria,

pois dela recebem a extensão do pensamento e a partilha de todas as coisas nos céus. Numa palavra, é por meio dela que pensam espiritualmente, e não naturalmente como os homens.

CAPÍTULO 23

A Forma do Céu que Determina as Associações e as Comunicações entre os Seus Habitantes

200. O que é a forma do céu pode compreender-se, até certo ponto, pelo que se mostrou nos capítulos anteriores: que o céu é semelhante a si mesmo tanto nas suas maiores como nas suas menores divisões (n.º 72); que, por conseguinte, cada sociedade é um céu numa forma menor, e cada anjo na forma mais pequena (nos 51–58); que, assim como o céu inteiro reflete um só homem, também cada sociedade do céu reflete um homem numa forma menor, e cada anjo na forma mais pequena (nos 59–77); que os mais sábios estão no centro, e os menos sábios em redor, até aos limites, sucedendo o mesmo em cada sociedade (n.º 43); e que os que estão no bem do amor habitam de oriente a ocidente no céu, e os que estão nas verdades provenientes do bem, de sul a norte, sucedendo o mesmo em cada sociedade (nos 148, 149). Tudo isto está de acordo com a forma do céu; por conseguinte, pode concluir-se daqui qual é essa forma em geral.[1]

201. É importante saber o que é a forma do céu, porque não apenas todas as associações aí se realizam segundo ela, mas

também toda a comunicação recíproca e, por consequência, toda a extensão dos pensamentos e das afeições, e, portanto, toda a inteligência e sabedoria dos anjos. Daqui se segue que cada um é sábio precisamente na medida em que está na forma do céu e é, assim, uma forma do céu. É indiferente dizer «na forma do céu» ou «na ordem do céu», pois a forma de qualquer coisa procede da sua ordem e está de acordo com ela.[2]

202. Consideremos primeiro o que significa estar na forma do céu. O homem foi criado tanto à imagem do céu como à imagem do mundo: o seu interno à imagem do céu, e o seu externo à imagem do mundo (ver acima, n.º 57); e «à imagem» significa o mesmo que «segundo a forma». Mas, como o homem, pelos males da sua vontade e pelas falsidades do pensamento daí resultantes, destruiu em si a imagem do céu, isto é, a forma do céu, e introduziu em seu lugar a imagem e a forma do inferno, o seu interno está fechado desde o nascimento. É por isso que o homem nasce na pura ignorância, ao contrário dos animais de todas as espécies. Para que a imagem ou forma do céu lhe seja restituída, tem de ser instruído nas coisas que pertencem à ordem, pois a forma, como se disse, está de acordo com a ordem. A Palavra contém todas as leis da ordem divina, porque os seus preceitos são as leis dessa ordem; por isso, na medida em que o homem os conhece e vive segundo eles, o seu interno abre-se e a ordem ou imagem do céu forma-se nele de novo. Isto esclarece o que significa estar na forma do céu: viver de acordo com as coisas que estão na Palavra.[3]

203. Na medida em que alguém está na forma do céu, está no céu e é, de facto, um céu na forma mais pequena (n.º 57); consequentemente, está na mesma medida na inteligência e na sabedoria. Pois, como se disse acima, todo o pensamento do seu entendimento e toda a afeição da sua vontade se estendem em todas as direções pelo céu, segundo a sua forma, e comunicam maravilhosamente com as sociedades que aí existem, as quais, por sua vez, comunicam com ele.[4]

(2) Há quem não acredite que os pensamentos e as afeições se estendam realmente em seu redor, julgando que estão dentro de si, porque tudo o que pensa o vê interiormente, e não à distância; mas essas pessoas enganam-se muito. Pois, assim como a visão dos olhos se estende até objetos remotos e é afetada segundo a ordem das coisas vistas nessa extensão, também a visão interior, que pertence ao entendimento, tem uma extensão semelhante no mundo espiritual, embora o homem não a perceba, pela razão dada acima (n.º 196). A única diferença é que a visão dos olhos é afetada de modo natural, porque é afetada pelas coisas do mundo natural, enquanto a visão do entendimento é afetada de modo espiritual, pelas coisas do mundo espiritual, que se referem todas ao bem e à verdade. O homem ignora isto porque não sabe que existe uma luz que ilumina o entendimento; e, contudo, sem essa luz, o homem não poderia pensar de modo algum. Acerca dessa luz, ver acima, nos 126–132.

(3) Havia um espírito que acreditava que o seu pensamento procedia de si mesmo, portanto sem qualquer extensão para fora de si e sem comunicação, por esse meio, com sociedades exteriores. Para que aprendesse que isso não era verdade, foi-lhe cortada a comunicação com as sociedades vizinhas. Em consequência, não só ficou privado de pensamento como caiu como se estivesse sem vida, embora agitasse os braços como uma criança recém-nascida. Passado algum tempo, a comunicação foi-lhe restituída e, à medida que era gradualmente restabelecida, regressou ao estado do seu pensamento.

(4) Quando outros espíritos viram isto, reconheceram que todo o pensamento e toda a afeição e, por consequência, tudo o que pertence à vida influem segundo a comunicação, pois toda a vida do homem consiste na sua capacidade de pensar e de ser movido pela afeição, ou, o que é o mesmo, na sua capacidade de compreender e de querer.[5]

204. Deve, porém, compreender-se que a inteligência e a sabedoria de cada um variam segundo esta comunicação. Aqueles cuja inteligência e sabedoria se formam a partir de verdades e bens genuínos comunicam com as sociedades segundo a forma do céu; os que não as formam a partir de verdades e bens genuínos, mas ainda assim a partir do que está de acordo com eles, têm uma comunicação descontínua e diversamente articulada, porque não se realiza com sociedades dispostas numa série em que exista a forma do céu. Por outro lado, os que não estão na inteligência nem na

sabedoria, por se encontrarem nas falsidades provenientes do mal, comunicam com sociedades no inferno, sendo a sua extensão determinada pelo grau da sua confirmação. Saiba-se também que esta comunicação com as sociedades não é uma comunicação claramente percetível pelos que aí estão, mas uma comunicação com aquilo que realmente são, que está neles e deles procede.[6]

205. Há uma associação de todos no céu segundo os parentescos espirituais, isto é, os parentescos do bem e da verdade na sua ordem. Assim acontece no céu inteiro, em cada sociedade e em cada casa. Por isso, os anjos que estão num bem e numa verdade semelhantes reconhecem-se, como os parentes de sangue e por casamento na terra, exatamente como se se conhecessem desde a infância. O bem e a verdade em cada anjo, que constituem a sua sabedoria e a sua inteligência, associam-se de modo semelhante; reconhecem-se do mesmo modo e, ao reconhecerem-se, unem-se.[7] Em consequência, aqueles em quem as verdades e os bens estão assim unidos segundo a forma do céu veem as coisas sucederem-se em série e como se ligam amplamente em redor; mas os que não têm os bens e as verdades unidos segundo a forma do céu não o veem.

206. Em cada céu existe tal forma, e é segundo ela que os anjos têm comunicação e extensão dos pensamentos e das afeições, e, portanto, inteligência e sabedoria. Mas a comunicação de um céu com outro é diferente: a do terceiro ou mais íntimo com o segundo ou intermédio, e a deste com o primeiro ou mais exterior. Porém, a comunicação entre os céus não deve chamar-se comunicação, mas

influxo. Dir-se-á agora alguma coisa a esse respeito. Que há três céus distintos entre si pode ver-se acima, no capítulo respetivo (nos 29–40).

207. Que entre um céu e outro há influxo, e não comunicação, pode ver-se pela sua posição relativa. O terceiro céu, ou mais íntimo, está acima; o segundo, ou intermédio, está abaixo; e o primeiro, ou mais exterior, está ainda mais abaixo. Há uma disposição semelhante em todas as sociedades de cada céu. Por exemplo, alguns habitam em lugares elevados que aparecem como montanhas (n.º 188), em cujo cimo habitam os do céu mais íntimo; abaixo destes estão as sociedades do segundo céu; e, mais abaixo, as sociedades do céu mais exterior. O mesmo sucede por toda a parte, tanto nos lugares elevados como nos que não o são. Uma sociedade de um céu superior não comunica com uma sociedade de um céu inferior senão por correspondências (ver acima, n.º 100); e é à comunicação por correspondências que se chama influxo.

208. Um céu é unido a outro, ou uma sociedade de um céu à sociedade de outro, unicamente pelo Senhor, tanto por influxo direto como por influxo mediato: diretamente a partir de Si mesmo, e mediatamente através dos céus superiores, por ordem, até aos inferiores.[8] Como a conjunção dos céus por este influxo procede unicamente do Senhor, toma-se a mais cuidadosa precaução para que nenhum anjo de um céu superior olhe para baixo, para uma sociedade de um céu inferior, e fale com alguém aí; pois, desse modo, o anjo fica imediatamente privado da sua inteligência e sabedoria. Também a razão disto será explicada. Assim como há

três graus do céu, cada anjo tem três graus de vida. Os que estão no céu mais íntimo têm aberto o terceiro grau, ou mais íntimo, enquanto o segundo e o primeiro estão fechados; os do céu intermédio têm aberto o segundo grau, estando o primeiro e o terceiro fechados; e os do céu inferior têm aberto o primeiro grau, estando o segundo e o terceiro fechados. Por conseguinte, logo que um anjo do terceiro céu olha para baixo, para uma sociedade do segundo céu, e fala com alguém aí, o seu terceiro grau fecha-se imediatamente. Como a sua sabedoria reside nesse grau, ao fechar-se fica privado da sua sabedoria, pois não a tem no segundo nem no primeiro grau. É isto que significam as palavras do Senhor em Mateus:

> **Quem estiver no telhado não desça para levar o que está em sua casa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua veste (24:17, 18).**

E em Lucas:

> **Naquele dia, quem estiver no telhado e tiver os seus bens em casa não desça para os levar; e quem estiver no campo não volte atrás. Lembrai-vos da mulher de Lot (17:31, 32).**

209. Não é possível haver influxo dos céus inferiores nos superiores, porque isso é contrário à ordem; mas há influxo dos céus superiores nos inferiores. Além disso, a sabedoria dos anjos de um céu superior excede a dos anjos de um céu inferior como uma miríade excede uma unidade; esta é outra razão por que os anjos de um céu inferior não podem conversar com os de um céu

superior. Na verdade, quando olham para eles, não os veem, aparecendo o céu superior como algo nebuloso acima das suas cabeças. Mas os anjos de um céu superior podem ver os de um céu inferior, embora, se lhes fosse permitido falar com eles, perdessem a sua sabedoria, como se disse acima.

210. Os pensamentos e as afeições, bem como a fala dos anjos do céu mais íntimo, nunca são percebidos no céu intermédio, porque transcendem muito o que aí existe. Mas, quando é do agrado do Senhor, vê-se nos céus inferiores algo semelhante a uma chama proveniente dessa origem; e, a partir dos pensamentos e das afeições no céu intermédio, vê-se no céu mais exterior algo luminoso e, por vezes, uma nuvem de brancura resplandecente e variegada. Pela nuvem, pela sua subida, descida e forma, conhece-se até certo ponto o que aí se diz.

211. Por tudo isto pode ver-se qual é a forma do céu: no céu mais íntimo, é a mais perfeita de todas; no céu intermédio, também é perfeita, mas num grau inferior; e, no céu mais exterior, num grau ainda inferior. Pode ver-se igualmente que a forma de um céu subsiste a partir de outro por meio do influxo proveniente do Senhor. Mas o que é a comunicação por influxo não pode compreender-se sem se saber o que são os graus de altura e como diferem dos graus de comprimento e de largura. O que são estes diferentes graus pode ver-se acima (n.º 38).

212. Quanto aos particulares da forma do céu e ao modo como ela procede e flui, nem sequer os anjos os podem compreender. Pode adquirir-se alguma conceção disso a partir da forma de todas as coisas no corpo humano, quando esta é examinada e investigada por alguém perspicaz e sábio; pois mostrou-se acima, nos capítulos respetivos, que o céu inteiro reflete um só homem (ver nos 59–72) e que todas as coisas no homem correspondem aos céus (nos 87–102). Quão incompreensível e inexplicável é essa forma torna-se evidente, apenas de modo geral, pelas fibras nervosas, por meio das quais cada parte e todas as partes do corpo se entretecem. O que são essas fibras e como seguem o seu curso no cérebro, os olhos não podem de modo algum perceber; pois aí se entrelaçam inúmeras fibras, de tal maneira que, tomadas em conjunto, parecem uma massa mole e contínua. Contudo, é segundo elas que cada coisa e todas as coisas da vontade e do entendimento fluem para os atos com a máxima distinção. O modo como, por sua vez, se entretecem no corpo é evidente pelos diversos plexos, como os do coração, do mesentério e outros, bem como pelos nós chamados gânglios, nos quais entram muitas fibras de todas as regiões, aí se misturam e, ligadas de diversas maneiras, saem para as suas funções, repetidamente; além de coisas semelhantes em cada víscera, membro, órgão e músculo. Quem examinar estas fibras e as suas muitas maravilhas com os olhos da sabedoria ficará inteiramente perplexo. E, contudo, as coisas vistas pelos olhos são poucas, e as que não se veem são ainda mais maravilhosas, porque pertencem a um domínio mais interior da natureza. É claramente evidente que esta forma corresponde à forma do céu, porque todas as operações do entendimento e da vontade se encontram nela e

se realizam segundo ela. Pois é segundo esta forma que tudo o que o homem quer passa espontaneamente ao ato, e tudo o que pensa se difunde pelas fibras desde os seus princípios até às suas terminações, dando origem às sensações; e, por ser a forma do pensamento e da vontade, é a forma da inteligência e da sabedoria. Tal é a forma que corresponde à forma do céu. Daqui pode saber-se que é segundo uma forma assim que cada afeição e cada pensamento dos anjos se estendem, e que, na medida em que os anjos estão nessa forma, estão na inteligência e na sabedoria. Que esta forma do céu procede do Humano Divino do Senhor pode ver-se acima (n^{os} 78–86). Tudo isto foi dito para esclarecer também que a forma celeste é tal que, mesmo nos seus aspetos gerais, nunca pode ser inteiramente conhecida, sendo, portanto, incompreensível até para os anjos, como se disse acima.

CAPÍTULO 24

Os Governos no Céu

213. Como o céu está dividido em sociedades, e as sociedades maiores são constituídas por algumas centenas de milhares de anjos (n.º 50), e todos os que pertencem a uma sociedade, embora estejam num bem semelhante, não possuem uma sabedoria semelhante (n.º 43), segue-se necessariamente que aí existem governos, pois a ordem tem de ser observada e tudo o que lhe pertence tem de ser preservado. Mas os governos nos céus diferem: são de um género nas sociedades que constituem o reino celestial do Senhor e de outro nas sociedades que constituem o Seu reino espiritual; diferem também segundo as funções das diversas sociedades. Contudo, nos céus não é possível outro governo senão o do amor mútuo, e o governo do amor mútuo é o governo celeste.

214. O governo no reino celestial do Senhor chama-se justiça, porque todos nesse reino estão no bem do amor ao Senhor que procede do Senhor, e tudo o que procede desse bem se chama justo. Aí, o governo pertence exclusivamente ao Senhor. É Ele quem os conduz e instrui nas questões da vida. As verdades a que se chama verdades do juízo estão inscritas nos seus corações: cada

um as conhece, percebe e vê;[1] por conseguinte, aí nunca se discutem questões de juízo, mas apenas questões de justiça, que pertencem à vida. Acerca destas, os menos sábios consultam os mais sábios, e estes consultam o Senhor e recebem respostas. O seu céu, isto é, a sua alegria mais íntima, consiste em viver retamente a partir do Senhor.

215. No reino espiritual do Senhor, o governo chama-se juízo, porque os que estão nesse reino se encontram no bem espiritual, que é o bem da caridade para com o próximo, e esse bem, na sua essência, é verdade;[2] e a verdade pertence ao juízo, assim como o bem pertence à justiça.[3] Também estes são conduzidos pelo Senhor, mas de modo mediato (n.º 208); por conseguinte, têm governantes, poucos ou muitos, conforme as necessidades da sociedade em que se encontram. Têm igualmente leis segundo as quais vivem em conjunto. Os governantes administram tudo de acordo com essas leis, que compreendem porque são sábios; e, nas questões duvidosas, são esclarecidos pelo Senhor.

216. Como o governo a partir do bem, que é o governo existente no reino celestial do Senhor, se chama justiça, e o governo a partir da verdade, que é o governo existente no Seu reino espiritual, se chama juízo, os termos «justiça e juízo» são usados na Palavra quando se trata do céu e da Igreja. «Justiça» significa o bem celestial, e «juízo» o bem espiritual, o qual, como se disse acima, é verdade na sua essência, como nas passagens seguintes:

> Não haverá fim para a paz sobre o trono de David e sobre o Seu reino, para o estabelecer e sustentar pelo juízo e pela justiça, desde agora e para toda a eternidade (Isaías 9:7).

Por «David» entende-se aqui o Senhor;[4] e pelo «Seu reino», o céu, como se torna evidente na passagem seguinte:

> Farei surgir para David um Renovo justo; Ele reinará como Rei, agirá com inteligência e exercerá o juízo e a justiça na terra (Jeremias 23:5).
>
> Jeová é exaltado, porque habita nas alturas; encheu Sião de juízo e de justiça (Isaías 33:5).

«Sião» também significa o céu e a Igreja.[5]

> Eu, Jeová, exerço o juízo e a justiça na terra, pois nestas coisas Me deleito (Jeremias 9:24).
>
> Desposar-te-ei para sempre; desposar-te-ei em justiça e em juízo (Oseias 2:19).
>
> Ó Jeová, nos céus a Tua justiça é como as montanhas de Deus, e os Teus juízos como o grande abismo (Salmos 36:5, 6).
>
> Pedem-Me os juízos da justiça, anseiam por se aproximar de Deus (Isaías 58:2).

E assim noutras passagens.

217. No reino espiritual do Senhor existem diversas formas de governo, que variam de sociedade para sociedade. Essa diversidade está de acordo com as funções desempenhadas pelas sociedades,

e estas funções correspondem às funções de todas as coisas no homem às quais aquelas correspondem. É bem sabido que essas funções são diversas: o coração tem uma função, os pulmões outra, o fígado outra, o pâncreas e o baço outra, e cada órgão dos sentidos outra. Assim como, no corpo, estes órgãos prestam diferentes serviços, também há diferentes serviços que pertencem às sociedades no Homem Máximo, que é o céu, pois as sociedades que aí existem correspondem a esses órgãos. Que há uma correspondência entre todas as coisas do céu e todas as coisas do homem pode ver-se no capítulo respetivo, acima (nos 87–102). Mas todas estas formas de governo concordam num ponto: têm por finalidade o bem público e, nesse bem, o bem de cada indivíduo.[6] Assim é porque todos, em todo o céu, estão sob a proteção do Senhor, que ama a todos e, pelo amor divino, determina que haja um bem comum, do qual cada indivíduo receba o seu próprio bem. Além disso, cada um recebe o bem na medida em que ama o bem comum; pois, na medida em que ama o bem comum, ama a todos e a cada um. E, como esse amor é o amor ao Senhor, nessa mesma medida é amado pelo Senhor e recebe o bem.

218. Por tudo isto se pode compreender quem são aí os governantes: são os que mais se distinguem no amor e na sabedoria, desejando, por isso, o bem de todos e sabendo, pela sua sabedoria, providenciar para que esse bem se realize. Tais governantes não dominam nem impõem a sua vontade, mas ministram e servem; servir significa fazer o bem aos outros por amor ao bem, e ministrar significa providenciar para que esse bem seja feito. Também não se consideram superiores aos outros, mas

inferiores, pois colocam em primeiro lugar o bem da sociedade e do próximo, e em último o seu próprio bem; e aquilo que está em primeiro lugar é maior, enquanto aquilo que está em último é menor. Não obstante, os governantes têm honra e glória: habitam no centro da sociedade, num lugar mais elevado do que os restantes, e também em magníficos palácios. Aceitam, porém, essa glória e essa honra não por causa de si mesmos, mas por causa da obediência; pois todos aí sabem que recebem essa honra e essa glória do Senhor, e que, por essa razão, devem ser obedecidos. É isto que significam as palavras do Senhor aos Seus discípulos:

> **Quem quiser tornar-se grande entre vós, seja vosso ministro; e quem quiser ser o primeiro entre vós, seja vosso servo; assim como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir (Mateus 20:27, 28).**
>
> **O maior entre vós seja como o menor, e aquele que governa como aquele que serve (Lucas 22:26).**

219. Também em cada casa existe um governo semelhante, numa forma menor. Em todas as casas há um senhor e há servos; o senhor ama os servos e os servos amam o senhor, pelo que se servem mutuamente por amor. O senhor ensina-lhes como devem viver e diz-lhes o que é preciso fazer; os servos obedecem e cumprem os seus deveres. Desempenhar um uso é o deleite da vida de cada um. Isto mostra que o reino do Senhor é um reino de usos.

220. Também nos infernos há governos, pois, sem eles, os seus habitantes não poderiam ser contidos. Mas os governos que aí existem são opostos aos dos céus: são governos do amor de si.

Todos aí desejam impor a sua vontade aos outros e estar acima deles. Odeiam os que não os favorecem e fazem deles o alvo da sua vingança e do seu furor, pois tal é a natureza do amor de si. Por isso, os mais malignos são colocados sobre eles como governantes, e a estes obedecem por medo.[7] Mas falaremos disto adiante, quando tratarmos dos infernos.

CAPÍTULO 25

O Culto Divino no Céu

221. O culto divino nos céus não difere, no seu aspeto externo, do culto divino na terra, mas é diferente no seu aspeto interno. Nos céus, como na terra, há doutrinas, pregações e edifícios de culto. No essencial, as doutrinas são aí as mesmas em toda a parte; mas, nos céus superiores, contêm uma sabedoria mais interior do que nos inferiores. As pregações estão em harmonia com as doutrinas; e, assim como têm casas e palácios (nos 183–190), também têm edifícios de culto, nos quais se prega. Estas coisas existem no céu porque os anjos estão continuamente a ser aperfeiçoados na sabedoria e no amor. Pois, tal como os homens, possuem entendimento e vontade; e tanto o seu entendimento como a sua vontade podem ser continuamente aperfeiçoados: o entendimento por meio das verdades da inteligência, e a vontade por meio dos bens do amor.[1]

222. Mas o essencial do culto divino nos céus não consiste em ir à igreja e ouvir a pregação, mas numa vida de amor, caridade e fé, de acordo com a doutrina; as pregações nas igrejas servem unicamente como meios de instrução nas questões da vida. Falei

com os anjos sobre este assunto e disse-lhes que, no mundo, se acredita que o culto divino consiste apenas em frequentar a igreja, escutar a pregação, participar no sacramento da Ceia três ou quatro vezes por ano e realizar outros atos de culto segundo as prescrições da Igreja; e também em reservar momentos especiais para a oração, comportando-se então com devoção. Os anjos disseram que esses são atos exteriores que se devem praticar, mas que de nada servem se não houver um interno do qual procedam, e esse interno é uma vida de acordo com os preceitos ensinados pela doutrina.

223. Para que eu pudesse conhecer as suas reuniões nos lugares de culto, foi-me permitido, por vezes, assistir e ouvir a pregação. O pregador encontra-se num púlpito, a oriente. Diante dele sentam-se os que estão mais do que os outros na luz da sabedoria; à direita e à esquerda destes sentam-se os que estão numa luz menor. Os assentos estão dispostos em círculo, de modo que todos fiquem à vista do pregador, sem que ninguém, de um lado ou do outro, se sente fora do seu campo de visão. À entrada, que fica a oriente do edifício e à esquerda do púlpito, permanecem de pé os que estão a ser iniciados. Não é permitido a ninguém ficar atrás do púlpito; quando aí se encontra alguém, o pregador fica perturbado. O mesmo sucede se alguém na assembleia discordar; por essa razão, quem discorda tem de voltar o rosto para outro lado. A sabedoria das pregações é tal que não admite comparação com a das pregações deste mundo, pois os que estão nos céus encontram-se numa luz interior. Os edifícios de culto no reino espiritual parecem construídos de pedra, e os do reino celestial, de madeira; porque a

pedra corresponde à verdade, e os que estão no reino espiritual estão na verdade, enquanto a madeira corresponde ao bem, e os que estão no reino celestial estão no bem.[2] Neste último reino, os edifícios sagrados não se chamam igrejas, mas casas de Deus. Aí não têm magnificência; no reino espiritual, porém, são mais ou menos magníficos.

224. Falei também com um dos pregadores acerca do estado de santidade em que se encontram os que escutam a pregação nas igrejas. Disse-me que cada um é piedoso, devoto e santo de acordo com os seus interiores, que pertencem ao amor e à fé, pois a própria santidade está no amor e na fé, porque neles está o Divino do Senhor. Disse ainda que não sabia o que fosse uma santidade exterior separada do amor e da fé; e, ao refletir nisso, observou que talvez fosse algo que imitasse a santidade na aparência exterior, por convenção ou por hipocrisia, e que tal santidade era acesa e sustentada por um fogo espúrio proveniente do amor de si e do mundo.

225. Todos os pregadores são do reino espiritual do Senhor; nenhum é do reino celestial. São do reino espiritual porque os anjos aí estão nas verdades provenientes do bem, e toda a pregação tem de proceder de verdades. Não há pregadores do reino celestial porque os que aí estão se encontram no bem do amor, e veem e percebem as verdades a partir do bem, mas não falam acerca delas. Contudo, embora os anjos do reino celestial percebam e vejam as verdades, também aí há pregações, pois, por meio delas, são esclarecidos nas verdades que já conhecem e aperfeiçoados por

muitas verdades que antes desconheciam. Assim que ouvem verdades, reconhecem-nas e, desse modo, percebem-nas; amam as verdades que percebem e, vivendo de acordo com elas, tornam-nas parte da sua vida, afirmando que viver de acordo com as verdades é amar o Senhor.[3]

226. Todos os pregadores são designados pelo Senhor e recebem daí o dom de pregar. A mais ninguém é permitido pregar nas igrejas. Não se chamam sacerdotes, mas pregadores. Não se chamam sacerdotes porque o reino celestial é o sacerdócio do céu; pois o sacerdócio significa o bem do amor ao Senhor, e os que estão no reino celestial encontram-se nesse bem. O reino espiritual, por sua vez, é a realeza do céu, pois a realeza significa a verdade proveniente do bem, e os que estão no reino espiritual encontram-se nessa verdade (ver acima, n.º 24).[4]

227. As doutrinas com as quais as suas pregações estão de acordo têm todas a vida como finalidade, e nenhuma tem por finalidade a fé separada da vida. A doutrina do céu mais íntimo é mais rica em sabedoria do que a do céu intermédio, e esta é mais rica em inteligência do que a do céu mais exterior; pois, em cada céu, as doutrinas estão adaptadas às perceções dos anjos. O essencial de todas as doutrinas é reconhecer o Humano Divino do Senhor.

CAPÍTULO 26

O Poder dos Anjos do Céu

228. Que os anjos possuem poder é algo que não pode ser compreendido pelos que nada sabem acerca do mundo espiritual e do seu influxo no mundo natural. Estes pensam que os anjos não podem ter poder, porque são espirituais e até tão puros e destituídos de substância que nenhum olho os pode ver. Mas os que penetram mais interiormente nas causas das coisas têm outra perspetiva. Sabem que todo o poder que um homem possui procede do seu entendimento e da sua vontade, pois, sem estes, não tem poder para mover uma só partícula do corpo; e o seu entendimento e a sua vontade são o seu homem espiritual. É este que move o corpo e os seus membros como lhe apraz: tudo o que pensa, a boca e a língua exprimem; tudo o que quer, o corpo faz; e é ele que comunica a sua força a seu bel-prazer. Como a vontade e o entendimento do homem são governados pelo Senhor por intermédio de anjos e espíritos, também o são todas as coisas do seu corpo, porque estas procedem da vontade e do entendimento; e, se o quiseres crer, sem o influxo do céu o homem não pode sequer dar um passo. Que assim é foi-me mostrado por muita experiência. Foi permitido aos anjos dirigir os meus passos, os meus atos, a minha língua e a minha fala como lhes aprouvesse, mediante

um influxo na minha vontade e no meu pensamento; e aprendi assim que, por mim mesmo, nada podia fazer. Disseram-me depois que todos os homens são governados desta maneira e que podem sabê-lo pela doutrina da Igreja e pela Palavra, pois pedem em oração que Deus envie os Seus anjos para os conduzir, dirigir os seus passos, ensiná-los e inspirar-lhes o que pensar e o que dizer, e outras coisas semelhantes; embora digam e acreditem noutra coisa quando pensam por si, à margem da doutrina. Tudo isto foi dito para dar a conhecer o poder que os anjos têm junto do homem.

229. Mas o poder dos anjos no mundo espiritual é tão grande que, se eu desse a conhecer tudo o que testemunhei a esse respeito, ultrapassaria o que se pode crer. Qualquer obstáculo que aí deva ser removido por ser contrário à ordem divina, os anjos abatem-no ou derrubam-no apenas por um esforço da vontade e um olhar. Vi assim montanhas ocupadas pelos maus serem abatidas e derrubadas e, por vezes, sacudidas de uma extremidade à outra, como nos terramotos; vi também rochedos fendidos até à base e os maus que estavam sobre eles serem tragados. Vi ainda centenas de milhares de espíritos maus serem dispersos pelos anjos e precipitados no inferno. Contra eles, o número de nada vale; tampouco valem os artifícios, a astúcia ou as alianças, pois veem através de tudo isso e desfazem-no num instante. Mais pode ver-se sobre este assunto no relato *A Destruição de Babilónia*. Tal é o poder dos anjos no mundo espiritual. Pela Palavra é evidente que possuem semelhante poder também no mundo natural, quando lhes é permitido: por exemplo, entregaram exércitos inteiros à

destruição e provocaram uma peste da qual morreram setenta mil homens. Acerca desse anjo diz-se:

> **O anjo estendeu a mão contra Jerusalém para a destruir; mas Jeová arrependeu-Se do mal e disse ao anjo que destruía o povo: Basta, retira agora a tua mão. E David viu o anjo que feria o povo (2 Samuel 24:16, 17).**

Além de outras passagens. Porque os anjos possuem tal poder, são chamados potestades, como em David:

> **Bendizei Jeová, vós, Seus anjos, poderosos em força (Salmos 103:20).**

230. Deve, porém, compreender-se que os anjos não possuem poder algum por si mesmos: todo o seu poder procede do Senhor, e só são potestades na medida em que o reconhecem. Qualquer um deles que julgue possuir poder por si mesmo torna-se imediatamente tão fraco que não consegue resistir sequer a um único espírito mau. Por esta razão, os anjos não atribuem a si próprios mérito algum e rejeitam todo o louvor e toda a glória por qualquer coisa que façam, atribuindo todo o louvor e toda a glória ao Senhor.

231. É a verdade divina que procede do Senhor que possui todo o poder nos céus, pois o Senhor no céu é a verdade divina unida ao bem divino (ver n^{os} 126–140). Na medida em que os anjos são recetáculos dessa verdade, são potestades.[1] Além disso, cada um é a sua própria verdade e o seu próprio bem, porque cada um é tal

como são o seu entendimento e a sua vontade. O entendimento pertence à verdade, porque tudo nele procede de verdades, e a vontade pertence ao bem, porque tudo nela procede de bens; pois cada um chama verdade àquilo que compreende e bem àquilo que quer. É por isso que cada um é a sua própria verdade e o seu próprio bem.[2] Por conseguinte, na medida em que um anjo é verdade proveniente do Divino e bem proveniente do Divino, é uma potestade, porque nessa mesma medida o Senhor está nele. E, como o bem e a verdade de ninguém são inteiramente semelhantes ou iguais aos de outro, visto que no céu, como no mundo, há uma variedade infinita (n.º 20), também o poder de um anjo não é igual ao de outro. Os que constituem os braços no Homem Máximo, ou céu, possuem o maior poder, porque estão mais do que os outros nas verdades, e o bem influi nas suas verdades a partir de todo o céu. Além disso, o poder do homem inteiro passa para os braços e, por meio deles, todo o corpo exerce as suas forças. É por esta razão que, na Palavra, os «braços» e a «mão» significam poderes.[3] Por isso, por vezes vê-se no céu um braço descoberto, tão poderoso que é capaz de despedaçar tudo o que encontra, ainda que seja um grande rochedo na terra. Uma vez, esse braço moveu-se na minha direção, e percebi que era capaz de reduzir os meus ossos a átomos.

232. Mostrou-se acima (n.º 137) que a verdade divina procedente do Senhor possui todo o poder e que os anjos possuem poder na medida em que são recetáculos da verdade divina proveniente do Senhor. Mas os anjos são recetáculos da verdade divina na medida em que são recetáculos do bem divino, pois as verdades recebem todo o seu poder do bem e não possuem nenhum

separadas dele. Do mesmo modo, o bem possui todo o seu poder por meio das verdades e nenhum sem elas. O poder nasce da conjunção de ambos. O mesmo sucede com a fé e o amor; pois é indiferente dizer verdade ou fé, visto que tudo o que pertence à fé é verdade; e é igualmente indiferente dizer bem ou amor, visto que tudo o que pertence ao amor é bem.[4] O grande poder que os anjos possuem por meio das verdades provenientes do bem manifesta-se também nisto: basta que os anjos olhem para um espírito mau para que este desfaleça e deixe de ter aparência humana, permanecendo assim até o anjo desviar os olhos. O olhar dos anjos produz tal efeito porque a sua visão procede da luz do céu, e a luz do céu é a verdade divina (ver acima, nos 126–132). Além disso, os olhos correspondem às verdades provenientes do bem.[5]

233. Assim como as verdades provenientes do bem possuem todo o poder, as falsidades provenientes do mal não possuem poder algum;[6] e, como todos no inferno estão nas falsidades provenientes do mal, não têm poder contra a verdade e o bem. Mas o poder que possuem entre si, e o poder que os espíritos maus possuem antes de serem lançados no inferno, serão descritos adiante.

CAPÍTULO 27

A Linguagem dos Anjos

234. Os anjos conversam entre si tal como os homens no mundo, e sobre diversos assuntos: questões domésticas, questões da vida civil e da vida moral e espiritual. A única diferença é que a sua conversa é mais inteligente do que a dos homens, porque procede de um pensamento mais interior. Foi-me permitido conviver com eles frequentemente e falar-lhes como um amigo fala com outro amigo e, por vezes, como um desconhecido com outro desconhecido; e, como então me encontrava num estado semelhante ao deles, não tinha outra impressão senão a de estar a falar com homens na terra.

235. A linguagem angélica, como a humana, distingue-se em palavras; é também proferida e ouvida de modo audível, pois os anjos, tal como os homens, têm boca, língua e ouvidos, e uma atmosfera na qual se articula o som da sua fala, embora seja uma atmosfera espiritual adaptada aos anjos, que são espirituais. Nessa atmosfera, os anjos respiram e proferem palavras por meio da respiração, como os homens na sua atmosfera.[1]

236. Em todo o céu, todos têm a mesma língua e compreendem-se mutuamente, seja qual for a sociedade, próxima ou distante, a que pertençam. A língua aí não se aprende: é instintiva em cada um, pois flui da sua própria afeição e do seu pensamento. Os tons da fala correspondem às suas afeições, e as articulações vocais, que são as palavras, correspondem às ideias do pensamento que nascem dessas afeições. Devido a esta correspondência, a própria linguagem é espiritual, pois é a afeição a ressoar e o pensamento a falar.

(2) Qualquer pessoa que reflita nisso pode ver que todo o pensamento procede da afeição, que pertence ao amor, e que as ideias do pensamento são as diversas formas pelas quais se distribui a afeição geral; pois não é possível pensamento ou ideia algum sem afeição: a alma e a vida do pensamento procedem da afeição. Isto permite aos anjos conhecerem, apenas pela fala de outra pessoa, como ela é: pelo tom, qual é a sua afeição; pelas articulações vocais ou palavras, como é a sua mente. Os anjos mais sábios conhecem a afeição dominante a partir de uma única sequência de palavras, pois é a essa afeição que principalmente atendem.

(3) Sabe-se que cada indivíduo tem diversas afeições: uma quando está alegre, outra quando está triste, outra quando sente simpatia e compaixão, outra quando está na sinceridade e na verdade, outra quando está no amor e na caridade, outra quando está no zelo ou na cólera, outra quando está na simulação e no engano, outra quando procura a honra e a

glória, e assim por diante. Mas a afeição ou amor dominante está em todas elas; por isso, os anjos mais sábios, porque percebem esse amor, conhecem pela fala todo o estado de outra pessoa.

(4) Foi-me concedido saber isto por muita experiência. Ouvi anjos revelarem o caráter da vida de alguém apenas por o ouvirem falar. Disseram também que, a partir de quaisquer ideias do pensamento de alguém, podiam conhecer todas as coisas da sua vida, porque por essas ideias conheciam o seu amor dominante, no qual todas as coisas se encontram na sua ordem. Sabem ainda que o livro da vida do homem não é outra coisa.

237. A língua angélica nada tem em comum com as línguas humanas, exceto certas palavras que são os sons de uma afeição específica; contudo, isto não se aplica às próprias palavras, mas aos seus sons, assunto sobre o qual se dirá algo adiante. Que a língua angélica nada tem em comum com as línguas humanas torna-se evidente pelo facto de os anjos serem incapazes de proferir uma única palavra de uma língua humana. Fez-se a experiência, mas não conseguiram, porque só podem proferir o que está inteiramente de acordo com as suas afeições; tudo o que não está de acordo com elas repugna à sua própria vida, pois a vida pertence à afeição, e a sua fala procede da sua vida. Disseram-me que a primeira língua dos homens na nossa terra coincidia com a língua angélica, porque a tinham recebido do céu, e que a língua hebraica coincide com ela em alguns aspetos.

238. Como a fala dos anjos corresponde à sua afeição, e a sua afeição pertence ao seu amor, e como o amor do céu é o amor ao Senhor e o amor para com o próximo (ver acima, nos 13–19), é evidente quão primorosa e deleitosa deve ser a sua conversa, tocando não só os ouvidos, mas também os interiores da mente dos que a escutam. Havia um espírito de coração duro com quem um anjo falou. Por fim, ficou tão comovido com o que foi dito que derramou lágrimas, dizendo que nunca antes chorara, mas que não conseguia conter-se, porque era o amor que falava.

239. A linguagem dos anjos é igualmente cheia de sabedoria, porque procede dos seus pensamentos interiores, e o seu pensamento interior é sabedoria, tal como a sua afeição interior é amor; e, na sua fala, o amor e a sabedoria unem-se. Por esta razão, a sua linguagem é tão rica em sabedoria que podem exprimir numa única palavra o que o homem não consegue exprimir em mil. Além disso, as ideias do seu pensamento incluem coisas que ultrapassam a compreensão do homem e, ainda mais, a sua capacidade de expressão. É por isso que se diz que as coisas ouvidas e vistas no céu são inefáveis, tais que ouvido algum jamais ouviu e olho algum jamais viu.

> (2) Também me foi permitido aprender pela experiência que isto é verdade. Por vezes, entrei no estado em que se encontram os anjos e, nesse estado, falei com eles, compreendendo então tudo. Mas, quando fui reconduzido ao meu estado anterior, e, portanto, ao pensamento natural próprio do homem, e quis recordar o que ouvira, não consegui;

pois havia milhares de coisas que não se adaptavam às ideias do pensamento natural e que, por conseguinte, só podiam exprimir-se por variações da luz celeste, e de modo algum por palavras humanas.

(3) Além disso, as ideias do pensamento dos anjos, das quais nascem as suas palavras, são modificações da luz do céu; e as afeições, das quais nascem os tons das palavras, são variações do calor do céu. A luz do céu é a verdade divina ou sabedoria, e o calor do céu é o bem divino ou amor (ver acima, nos 126–140); e os anjos recebem a sua afeição do amor divino e o seu pensamento da sabedoria divina.[2]

240. Como a linguagem dos anjos procede diretamente da sua afeição, e as ideias do seu pensamento são as diversas formas pelas quais se distribui a sua afeição geral (ver acima, n.º 236), os anjos podem exprimir num instante o que um homem não consegue exprimir em meia hora; podem também expor em poucas palavras o que foi expresso por escrito em muitas páginas. Também isto me foi demonstrado por muita experiência.[3] Assim, as ideias do pensamento dos anjos e as palavras da sua fala formam uma unidade, como a causa eficiente e o efeito; pois aquilo que está nas ideias do pensamento como causa apresenta-se nas palavras como efeito, e é por isso que cada palavra compreende em si tantas coisas. Além disso, todas as particularidades do pensamento angélico, e, portanto, da linguagem angélica, quando se tornam visíveis, aparecem como uma onda ténue ou uma atmosfera que flui em redor, na qual há inúmeras coisas, dispostas na sua ordem,

derivadas da sabedoria angélica; e estas entram no pensamento de outro e afetam-no. As ideias do pensamento de cada um, seja anjo ou homem, tornam-se visíveis na luz do céu sempre que ao Senhor apraz.[4]

241. A linguagem dos anjos do reino celestial do Senhor assemelha-se à dos anjos do Seu reino espiritual, mas procede de um pensamento mais interior. Os anjos celestiais estão no bem do amor ao Senhor e, por isso, falam a partir da sabedoria; os anjos espirituais, por sua vez, estão no bem da caridade para com o próximo, que, na sua essência, é verdade (n.º 215), e, por isso, falam a partir da inteligência, pois a sabedoria procede do bem, e a inteligência da verdade. Por esta razão, a fala dos anjos celestiais é como uma corrente suave, branda e como que contínua; mas a dos anjos espirituais é ligeiramente vibrante e dividida. Na fala dos anjos celestiais predominam os tons das vogais *u* e *o*, enquanto na dos anjos espirituais predominam os de *e* e *i*;[5] pois as vogais exprimem o tom, e no tom está a afeição, correspondendo o tom da fala dos anjos à sua afeição, como se disse acima (n.º 236), enquanto as articulações vocais, que são as palavras, correspondem às ideias do pensamento que nascem da afeição. Como as vogais não são essenciais a uma língua, mas servem, por meio dos tons, para elevar as palavras às diversas afeições segundo o estado de cada um, na língua hebraica as vogais não se escrevem e são também pronunciadas de diferentes modos. Por isso, os anjos conhecem a qualidade de um homem quanto à sua afeição e ao seu amor. Na fala dos anjos celestiais também não há consoantes duras, e raramente se passa de uma consoante a outra sem a

interposição de uma palavra começada por vogal. É por isso que, na Palavra, a partícula «e» aparece interposta com tanta frequência, como podem verificar os que leem a Palavra em hebraico, língua em que essa partícula é suave, começando e terminando com um som vocálico. Além disso, na Palavra em hebraico, pode, em certa medida, reconhecer-se pelas palavras usadas se pertencem à classe celestial ou à espiritual, isto é, se envolvem o bem ou a verdade. As que envolvem o bem participam em grande parte dos sons de *u* e *o*, e também, em certa medida, de *a*; as que envolvem a verdade participam dos sons de *e* e *i*. Como é sobretudo nos tons que as afeições se exprimem, também na fala humana, quando se discutem assuntos elevados, como o céu [caelum] e Deus [Deus], se preferem as palavras que contêm as vogais *u* e *o*; e os tons musicais, sempre que se pretende exprimir tais temas, elevam-se à mesma plenitude, mas não quando se exprimem temas menos elevados. Por estes meios, a arte musical é capaz de exprimir afeições de diversas espécies.

242. Na linguagem angélica há uma espécie de sinfonia que não pode ser descrita;[6] provém do fluir e da difusão dos pensamentos e das afeições dos quais a fala procede, de acordo com a forma do céu; e toda a associação e toda a comunicação no céu se realizam segundo essa forma. Que os anjos se associam segundo a forma do céu, e que os seus pensamentos e afeições fluem segundo ela, pode ver-se acima (n^{os} 200–212).

243. Uma linguagem semelhante à do mundo espiritual é inerente a todo o homem na sua parte intelectual interior; mas o

homem não o sabe, porque nele essa linguagem não se traduz, como nos anjos, em palavras análogas à afeição. É, contudo, isto que faz com que o homem, ao entrar na outra vida, passe a usar a mesma linguagem dos espíritos e dos anjos e saiba, assim, falar sem ser ensinado.[7] Mas voltaremos a este assunto adiante.

244. No céu, como se disse acima, todos têm uma só língua; mas ela varia no seguinte: a linguagem dos sábios é mais interior e mais rica em variações de afeições e de ideias do pensamento, ao passo que a dos menos sábios é mais exterior e menos rica; e a dos simples é ainda mais exterior, consistindo em palavras cujo sentido tem de ser apreendido da mesma maneira que quando os homens conversam entre si. Há também uma linguagem pelo rosto, que termina em algo sonoro modificado pelas ideias. Há ainda uma linguagem em que as representações celestes se misturam com as ideias e passam destas para a visão. Há também uma linguagem por gestos que correspondem às afeições e representam coisas semelhantes às que se exprimem pelas palavras. Há uma linguagem por meio dos elementos gerais das afeições e dos elementos gerais dos pensamentos. Há uma linguagem semelhante ao trovão, além de outras espécies.

245. A linguagem dos espíritos maus e infernais é-lhes igualmente natural, porque procede de afeições; mas procede de afeições más e das ideias imundas que delas resultam, às quais os anjos têm completa aversão. Assim, os modos de falar no inferno são opostos aos do céu; por conseguinte, os espíritos maus não suportam a linguagem angélica, e os anjos não suportam a

linguagem infernal. Para os anjos, a linguagem infernal é como um mau odor que lhes atinge as narinas. A linguagem dos hipócritas, que são capazes de se fazer passar por anjos de luz, assemelha-se à dos anjos quanto às palavras, mas, quanto às afeições e às ideias do pensamento que delas resultam, é o seu exato oposto. Por isso, quando se percebe a natureza interior da sua linguagem, como a percebem os anjos sábios, ouve-se um ranger de dentes que causa horror.

CAPÍTULO 28

A Comunicação dos Anjos com o Homem

246. Os anjos que falam com o homem não falam na sua própria língua, nem numa língua desconhecida do homem, mas na língua do próprio homem ou noutra que ele conheça. Assim é porque, quando os anjos falam com o homem, voltam-se para ele e unem-se a ele; e esta conjunção do anjo com o homem faz com que ambos estejam num pensamento semelhante. Como o pensamento do homem está ligado à sua memória, da qual procede a sua fala, ambos têm a mesma língua. Além disso, quando um anjo ou um espírito se aproxima de um homem e, voltando-se para ele, se une a ele, entra de tal modo em toda a sua memória que quase não tem consciência de que não conhece, por si mesmo, tudo o que o homem conhece, incluindo as suas línguas.

(2) Falei com os anjos sobre isto e disse-lhes que talvez julgassem dirigir-se a mim na minha língua materna, pois assim era percebido; contudo, era eu, e não eles, quem falava. Isto é evidente pelo facto de os anjos não conseguirem proferir uma única palavra da linguagem humana (ver n.º 237); além disso, a linguagem humana é natural, e eles são espirituais, e

os seres espirituais não podem exprimir coisa alguma de modo natural. Responderam que tinham consciência de que a sua conjunção com o homem com quem falavam se fazia com o seu pensamento espiritual; mas, como o pensamento espiritual do homem influi no seu pensamento natural, e o pensamento natural está ligado à memória, a língua do homem e todos os seus conhecimentos pareciam-lhes ser seus. Disseram que assim era porque ao Senhor apraz que exista tal conjunção e uma espécie de inserção do homem no céu; mas que o estado atual do homem é tal que já não pode haver semelhante conjunção com os anjos, mas apenas com espíritos que não estão no céu.

(3) Quando falei sobre isto também com os espíritos, não quiseram acreditar que fosse o homem quem falava, insistindo que eram eles que falavam no homem, e que os conhecimentos do homem eram os seus conhecimentos, e não os do homem; consequentemente, tudo o que o homem sabia provinha deles. Procurei convencê-los, por muitas provas, de que isto não era verdade, mas em vão. Quem se entende por espíritos e quem se entende por anjos será explicado adiante, quando se tratar do mundo dos espíritos.

247. Há outra razão pela qual os anjos e os espíritos se unem tão estreitamente ao homem que julgam ser seu aquilo que pertence ao homem: no homem existe uma conjunção tal entre o mundo espiritual e o mundo natural que ambos parecem ser um só. Mas, como o homem se separou do céu, o Senhor providenciou para

que junto de cada indivíduo houvesse anjos e espíritos, e para que o homem fosse governado pelo Senhor por intermédio deles. Esta é a razão de uma conjunção tão estreita. Teria sido diferente se o homem não se tivesse separado; nesse caso, poderia ter sido governado pelo Senhor mediante o influxo geral do céu, sem que lhe fossem associados espíritos e anjos. Mas este assunto será considerado especialmente adiante, quando se tratar da conjunção do céu com o homem.

248. Quando um anjo ou um espírito fala com um homem, este ouve-o tão distintamente como ouve outro homem falar; contudo, só ele o ouve, e não os que estão próximos. A razão é que a fala de um anjo ou de um espírito influi primeiro no pensamento do homem e, por uma via interior, no seu órgão da audição, movendo-o assim a partir de dentro; ao passo que a fala de um homem com outro influi primeiro no ar e, por uma via exterior, no órgão da audição, movendo-o a partir de fora. É, pois, evidente que a fala de um anjo ou de um espírito com o homem é ouvida dentro dele; mas, como os órgãos da audição são igualmente movidos, a fala é igualmente audível. Que a fala de um anjo ou de um espírito desce do interior até ao ouvido tornou-se-me claro pelo facto de influir também na língua, provocando uma ligeira vibração, mas sem um movimento semelhante ao que ocorre quando o próprio homem, por meio da língua, forma o som da fala em palavras.

249. Porém, atualmente raramente é concedido falar com espíritos, porque é perigoso;[1] pois, nesse caso, os espíritos ficam a saber que estão junto do homem, coisa que de outro modo ignoram.

E os espíritos maus são tais que odeiam mortalmente o homem e nada desejam tanto como destruí-lo, tanto na alma como no corpo; é isso que fazem àqueles que de tal maneira se entregaram a fantasias que se afastaram dos deleites próprios do homem natural. Também algumas pessoas que levam uma vida solitária ouvem por vezes espíritos falar com elas, e sem perigo; mas, para que os espíritos que estão junto delas não saibam que estão junto de um homem, o Senhor afasta-os de tempos a tempos. Pois a maioria dos espíritos não sabe que existe outro mundo além daquele em que vive, ignorando, por conseguinte, que há homens noutro lugar; é por isso que ao homem não é permitido responder-lhes. Se o fizesse, eles ficariam a saber. Além disso, aqueles que meditam muito em assuntos religiosos e se concentram neles de tal modo que como que os veem interiormente em si próprios começam a ouvir espíritos falar-lhes; pois as persuasões religiosas, sejam elas quais forem, quando o homem nelas se detém isoladamente e não as aplica aos diversos usos no mundo, penetram nos interiores e aí permanecem, ocupando todo o espírito do homem, chegando mesmo a entrar no mundo espiritual e a agir sobre os espíritos que aí estão. Mas tais pessoas são visionárias e entusiastas; e, seja qual for o espírito que ouçam, acreditam que é o Espírito Santo, quando, na realidade, se trata de espíritos entusiastas. Estes veem falsidades como verdades e, vendo-as assim, levam não só a si mesmos, mas também aqueles em quem influem, a acreditar nelas. Tais espíritos, porém, foram gradualmente afastados, porque começaram a atrair outros para o mal e a dominá-los. Os espíritos entusiastas distinguem-se dos outros por acreditarem ser o Espírito Santo e por julgarem divino aquilo que dizem. Como o homem os

honra com culto divino, não procuram fazer-lhe mal. Por vezes falei com eles, e foram então reveladas as coisas perversas que infundiam nos seus adoradores. Habitam juntos, para a esquerda, num lugar deserto.

250. Mas falar com os anjos do céu só é concedido aos que estão nas verdades provenientes do bem, especialmente aos que reconhecem o Senhor e o Divino no Seu Humano, porque esta é a verdade em que os céus se encontram. Pois, como se mostrou acima, o Senhor é o Deus do céu (nos 2–6); é o Divino do Senhor que constitui o céu (nos 7–12); o Divino do Senhor no céu é o amor a Ele e a caridade para com o próximo que d'Ele procedem (nos 13–19); o céu inteiro, tomado no seu conjunto, reflete um só homem, assim como cada sociedade do céu; e cada anjo tem uma forma humana completa, proveniente do Humano Divino do Senhor (nos 59–86). Tudo isto torna evidente que só podem falar com os anjos do céu aqueles cujos interiores são abertos pelas verdades divinas até ao Senhor, pois é nessas verdades presentes no homem que o Senhor influi; e, quando o Senhor influi, também o céu influi. As verdades divinas abrem os interiores do homem porque este foi criado de tal modo que, quanto ao seu homem interno, é uma imagem do céu e, quanto ao seu externo, uma imagem do mundo (n.º 57); e o homem interno só é aberto por meio da verdade divina procedente do Senhor, porque ela é a luz do céu e a vida do céu (nos 126–140).

251. O influxo do próprio Senhor no homem faz-se na fronte e, a partir daí, em todo o rosto, porque a fronte do homem

corresponde ao amor, e o rosto a todos os seus interiores.[2] O influxo dos anjos espirituais no homem faz-se em toda a cabeça, desde a fronte e as têmporas até a toda a região que contém o cérebro, porque essa região da cabeça corresponde à inteligência; mas o influxo dos anjos celestiais faz-se na parte da cabeça que contém o cerebelo e que se chama occipício, desde as orelhas, em toda a volta, até ao pescoço, pois essa região corresponde à sabedoria. Toda a fala dos anjos com o homem entra no seu pensamento por estas vias; e foi por este meio que percebi que anjos eram os que falavam comigo.

252. Os que falam com os anjos do céu veem também as coisas que existem no céu, porque então veem na luz do céu, pois os seus interiores estão nessa luz; também os anjos veem, por intermédio deles, as coisas que estão na terra,[3] porque neles o céu se une ao mundo e o mundo ao céu. Pois, como se disse acima (n.º 246), quando os anjos se voltam para o homem, unem-se a ele de tal modo que ignoram inteiramente que aquilo que pertence ao homem não é seu — não apenas o que pertence à sua fala, mas também à sua visão e audição; por seu lado, o homem ignora inteiramente que as coisas que influem por intermédio dos anjos não são suas. Tal era a conjunção que existia entre os anjos do céu e os povos mais antigos desta terra, razão pela qual os seus tempos foram chamados Idade de Ouro. Como essa humanidade reconhecia o Divino sob forma humana, isto é, o Senhor, falava com os anjos do céu como com amigos, e os anjos do céu falavam com ela como com amigos; e, nela, o céu e o mundo formavam uma unidade. Mas, depois desses tempos, o homem separou-se gradualmente do

céu, amando-se mais a si mesmo do que ao Senhor, e ao mundo mais do que ao céu; por conseguinte, começou a sentir os deleites do amor de si e do mundo como separados dos deleites do céu, até acabar por não conhecer outro deleite. Então, os seus interiores, que tinham estado abertos para o céu, fecharam-se, enquanto os seus exteriores se abriram para o mundo; e, quando isto acontece, o homem está na luz quanto a todas as coisas do mundo, mas em densas trevas quanto a todas as coisas do céu.

253. Desde esses tempos, só raramente alguém falou com os anjos do céu; mas alguns falaram com espíritos que não estão no céu. Assim é porque as faculdades interiores e exteriores do homem são tais que se voltam ou para o Senhor, como seu centro comum (n.º 124), ou para si mesmo, isto é, de costas para o Senhor. As que se voltam para o Senhor voltam-se também para o céu; mas as que se voltam para si mesmas voltam-se também para o mundo. E elevá-las é difícil; contudo, o Senhor eleva-as tanto quanto possível, invertendo a direção do amor, o que se faz por meio das verdades da Palavra.

254. Foi-me explicado como o Senhor falou com os profetas por intermédio dos quais foi dada a Palavra. Não lhes falou como aos antigos, por um influxo nos seus interiores, mas por meio de espíritos que lhes eram enviados, aos quais enchia com o Seu olhar, inspirando-lhes assim as palavras que ditavam aos profetas; de modo que não se tratava de influxo, mas de ditado. E, como as palavras procediam diretamente do Senhor, cada uma delas estava repleta do Divino e contém em si um sentido interno, de tal

natureza que os anjos do céu compreendem as palavras num sentido celeste e espiritual, enquanto os homens as compreendem num sentido natural. Assim uniu o Senhor o céu e o mundo por meio da Palavra. Também se tornou claro como o Senhor enche os espíritos com o Divino pelo Seu olhar. Um espírito que foi cheio do Divino pelo Senhor julga ser o Senhor e julga que é o Divino que fala; e isto prossegue até terminar de falar. Depois, percebe e reconhece que é um espírito e que falou a partir do Senhor, e não de si mesmo. Como era este o estado dos espíritos que falavam com os profetas, diziam que era Jeová quem falava; os espíritos chamavam mesmo Jeová a si próprios, como se pode ver tanto nas partes proféticas como nas partes históricas da Palavra.

255. Para que se compreenda a natureza da conjunção dos anjos e dos espíritos com o homem, é-me permitido mencionar alguns factos notáveis que a esclarecem e confirmam. Quando os anjos e os espíritos se voltam para o homem, julgam que a língua do homem é a sua própria língua e que não possuem outra; isto porque estão então na língua do homem, e não na sua, que esqueceram. Mas, assim que se afastam do homem, regressam à sua própria língua angélica e espiritual e nada sabem da língua do homem. Tive uma experiência semelhante quando me encontrava na companhia dos anjos e num estado semelhante ao deles. Falava então com eles na sua língua e nada sabia da minha, que esquecera; mas, assim que deixava de estar com eles, regressava à minha própria língua.

(2) Outro facto notável é que, quando os anjos e os espíritos se voltam para um homem, podem falar com ele a qualquer distância; falaram comigo a uma distância considerável tão audivelmente como quando estavam próximos. Mas, quando se afastam do homem e falam entre si, o homem nada ouve do que dizem, mesmo que estejam junto do seu ouvido. Isto tornou claro que toda a conjunção no mundo espiritual é determinada pela direção em que se voltam.

(3) Outro facto notável é que muitos espíritos podem falar juntos com um homem, e o homem com eles; pois enviam um dos seus ao homem com quem desejam falar, e o espírito enviado volta-se para o homem, enquanto os restantes se voltam para esse espírito, concentrando assim os seus pensamentos, que o espírito exprime. O espírito julga então estar a falar por si mesmo, e os outros julgam ser eles a falar. Assim também a conjunção de muitos com um se realiza pelo ato de se voltarem.[4] Mas destes espíritos emissários, também chamados sujeitos, e da comunicação por seu intermédio, falar-se-á mais adiante.

256. A um anjo ou a um espírito não é permitido falar com um homem a partir da sua própria memória, mas apenas a partir da memória do homem; pois os anjos e os espíritos têm memória, tal como o homem. Se um espírito falasse com um homem a partir da sua própria memória, o homem julgaria que os pensamentos então presentes na sua mente eram seus, embora fossem os pensamentos do espírito. Seria como recordar algo que o homem

nunca ouvira nem vira. Que assim é foi-me dado conhecer pela experiência. Daqui provém a crença de alguns dos antigos de que, passados alguns milhares de anos, regressariam à sua vida anterior e a tudo o que tinham feito, e de que, na realidade, já tinham regressado. Concluíam-no porque, por vezes, lhes ocorria uma espécie de recordação de coisas que nunca tinham visto nem ouvido. Isto provinha de um influxo da memória dos espíritos nas ideias do seu pensamento.

257. Há também espíritos chamados naturais e corpóreos. Quando se aproximam de um homem, não se unem ao seu pensamento, como os outros espíritos, mas entram no seu corpo, ocupam todos os seus sentidos, falam pela sua boca e agem pelos seus membros, acreditando então que todas as coisas do homem lhes pertencem. São estes os espíritos que possuem o homem. Mas tais espíritos foram lançados no inferno pelo Senhor e, assim, inteiramente afastados; por conseguinte, semelhantes possessões já não são possíveis no tempo presente.[5]

CAPÍTULO 29

Os Escritos no Céu

258. Como os anjos têm linguagem, e a sua linguagem consiste em palavras, também têm escritos; e, tanto pela escrita como pela fala, exprimem o que está na sua mente. Por vezes, foram-me enviados papéis cobertos de palavras escritas, exatamente como os manuscritos no mundo, e outros semelhantes a folhas impressas; pude lê-los da mesma maneira, mas só me foi permitido colher deles uma ideia aqui e outra ali. A razão é que não está de acordo com a ordem divina que o homem seja ensinado por escritos vindos do céu; deve ser ensinado apenas por meio da Palavra, pois só por meio dela existe comunicação e conjunção do céu com o mundo, e, portanto, do Senhor com o homem. Que também os profetas viram papéis escritos no céu mostra-se em Ezequiel:

> **Quando olhei, eis que uma mão me era estendida por um espírito, e nela estava o rolo de um livro, que ele desenrolou diante dos meus olhos; estava escrito na frente e no verso (2:9, 10).**

E em João:

> **Vi na mão direita d'Aquele que estava sentado no trono um livro escrito por dentro e no verso, selado com sete selos (Apocalipse 5:1).**

259. A existência de escritos nos céus é uma disposição do Senhor em vista da Palavra; pois a Palavra, na sua essência, é a verdade divina, e dela procede toda a sabedoria celeste, tanto nos homens como nos anjos. A Palavra foi ditada pelo Senhor, e aquilo que é ditado pelo Senhor atravessa todos os céus pela sua ordem e termina no homem. Deste modo, adapta-se tanto à sabedoria dos anjos como à inteligência dos homens. Deste modo, também os anjos têm uma Palavra, leem-na como os homens na terra, extraem dela as suas doutrinas e a partir dela pregam (n.º 221). É a mesma Palavra; mas o seu sentido natural, que entre nós é o sentido da letra, não existe no céu: aí existe apenas o sentido espiritual, que é o seu sentido interno. O que é este sentido pode ver-se no pequeno tratado sobre *O Cavalo Branco* de que se fala no Apocalipse.

260. Certa vez, foi-me enviado do céu um pequeno papel no qual estavam escritas apenas algumas palavras em caracteres hebraicos; disseram-me que cada letra envolvia arcanos de sabedoria e que esses arcanos estavam contidos nas inflexões e curvaturas das letras e, assim, também nos sons. Isto tornou-me claro o que significam estas palavras do Senhor:

> **Em verdade vos digo: até que passem o céu e a terra, nem um iota nem um só traço passará da lei (Mateus 5:18).**

Na Igreja sabe-se que a Palavra é divina em cada um dos seus traços; mas até agora não se sabia onde se oculta o Divino em cada traço, pelo que isso será explicado. No céu mais íntimo, a escrita consiste em diversas formas infletidas e curvadas, e as inflexões e curvaturas estão de acordo com as formas do céu. Por meio delas, os anjos exprimem os arcanos da sua sabedoria e também muitas coisas que não conseguem exprimir por palavras faladas. E, coisa maravilhosa, os anjos conhecem esta escrita sem aprendizagem nem mestre: está implantada neles como a sua linguagem (ver n.º 236); por isso, esta escrita é uma escrita celeste. Está implantada neles porque toda a extensão dos pensamentos e das afeições e a consequente comunicação da inteligência e da sabedoria dos anjos se realizam segundo a forma do céu (n.º 201); pela mesma razão, a sua escrita flui para essa forma. Disseram-me que os povos mais antigos desta terra, antes da invenção das letras, possuíam tal escrita, e que ela foi transposta para as letras da língua hebraica; nos tempos antigos, todas essas letras eram curvadas, e nenhuma era delimitada por linhas retas, como atualmente. É assim que, na Palavra, as coisas divinas e os arcanos do céu estão contidos até nos seus iotas, pontos e traços.

261. Esta escrita em caracteres de forma celeste é usada no céu mais íntimo, cujos anjos ultrapassam todos os outros em sabedoria. Por meio destes caracteres, exprimem as afeições das quais os pensamentos fluem e se sucedem ordenadamente, de acordo com o assunto tratado. Por conseguinte, esses escritos, que também me foi permitido ver, envolvem arcanos que o pensamento não pode esgotar. Mas tais escritos não existem nos céus inferiores. Aí, os

escritos assemelham-se aos do mundo e têm caracteres semelhantes; contudo, não são inteligíveis para o homem, porque estão na língua angélica. Esta nada tem em comum com as línguas humanas (n.º 237), pois pelas vogais os anjos exprimem afeições, pelas consoantes as ideias do pensamento provenientes das afeições, e pelas palavras assim formadas o sentido do assunto (ver acima, nos 236, 241). Além disso, nesta escrita, que também vi, poucas palavras envolvem mais do que um homem consegue exprimir em várias páginas. É desta maneira que têm a Palavra escrita nos céus inferiores; mas, no céu mais íntimo, têm-na em caracteres celestes.

262. É um facto notável que os escritos nos céus fluam naturalmente dos próprios pensamentos dos anjos, e com tal facilidade que o pensamento, por assim dizer, se exterioriza, sem que a mão hesite na escolha de uma palavra; pois tanto as palavras que falam como as que escrevem correspondem às ideias do seu pensamento, e toda a correspondência é natural e espontânea. Há também escritos nos céus que existem sem o auxílio da mão, por mera correspondência com os pensamentos; mas estes não são permanentes.

263. Vi também escritos vindos do céu compostos apenas por números dispostos em ordem e em série, tal como nos escritos compostos por letras e palavras. Foi-me ensinado que esta escrita procede do céu mais íntimo e que a escrita celeste dos seus habitantes, de que se falou acima (nos 260, 261), quando o pensamento que dela provém desce, se apresenta aos anjos dos

céus inferiores sob a forma de números. Esta escrita numérica envolve igualmente arcanos, alguns dos quais não podem ser compreendidos pelo pensamento nem expressos por palavras. Pois todos os números têm correspondências e possuem um significado, tal como as palavras, de acordo com a correspondência;[1] com a diferença, porém, de que nos números estão envolvidas coisas gerais e, nas palavras, coisas particulares; e, como uma coisa geral envolve inúmeras particulares, a escrita numérica envolve mais arcanos do que a escrita literal. Daqui pude compreender que, na Palavra, tanto os números como as palavras significam coisas. O que significam os números simples, como 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, e os números compostos, como 20, 30, 50, 70, 100, 144, 1000, 10 000, 12 000 e outros, pode ver-se nos *Arcanos Celestes*, onde são tratados. Nesta escrita do céu, coloca-se sempre primeiro um número do qual os seguintes, dispostos em série, dependem como do seu assunto; pois esse número é como um índice da matéria tratada, e dele deriva a determinação dos números seguintes quanto ao ponto particular.

264. Os que nada sabem acerca do céu e não querem concebê-lo senão como algo puramente atmosférico, no qual os anjos voam como mentes intelectuais, sem audição nem visão, são incapazes de conceber que os anjos tenham linguagem e escrita; pois situam a existência de tudo o que é real no que é material. E, contudo, os escritos no céu têm uma existência tão real como os do mundo, e os anjos possuem aí tudo o que é útil à vida e à sabedoria.

CAPÍTULO 30

A Sabedoria Dos Anjos Do Céu

265. Dificilmente se pode compreender a natureza da sabedoria angélica, porque transcende de tal modo a sabedoria humana que ambas não podem ser comparadas; e aquilo que assim a transcende parece não ser coisa alguma. Além disso, algumas verdades que têm de entrar na sua descrição são ainda desconhecidas; enquanto não se tornam conhecidas, existem na mente como sombras e ocultam, assim, a coisa tal como é em si mesma. Contudo, essas verdades podem ser conhecidas e, uma vez conhecidas, compreendidas, desde que a mente se interesse por elas; pois o interesse traz consigo a luz, porque procede do amor. Sobre os que amam as coisas que pertencem à sabedoria divina e celeste, a luz resplandece do céu e dá esclarecimento.

266. Pode inferir-se o que é a sabedoria dos anjos pelo facto de estarem na luz do céu, e de a luz do céu ser, na sua essência, a verdade divina ou a sabedoria divina; esta luz ilumina ao mesmo tempo a sua visão interior, ou visão da mente, e a sua visão exterior, ou visão dos olhos. Que a luz do céu é a verdade divina ou a sabedoria divina pode ver-se acima (n^{os} 126–133). Os anjos estão

também no calor celeste, que, na sua essência, é o bem divino ou o amor divino, e daí recebem uma afeição e um desejo ardente de se tornarem sábios. Que o calor do céu é o bem divino ou o amor divino pode ver-se acima (nos 133–140). Que os anjos estão na sabedoria, ao ponto de poderem ser chamados sabedorias, decorre do facto de todos os seus pensamentos e afeições fluírem segundo a forma celeste, sendo esta a forma da sabedoria divina; e também de os seus interiores, que são recetáculos da sabedoria, estarem dispostos nessa forma. Que os pensamentos e as afeições dos anjos fluem segundo a forma do céu, e, por conseguinte, também a sua inteligência e sabedoria, pode ver-se acima (nos 201–212).

(2) Que os anjos possuem uma sabedoria superior mostra-se também pelo facto de a sua linguagem ser a linguagem da sabedoria, pois flui direta e espontaneamente do pensamento, e o pensamento da afeição; assim, a sua linguagem é o pensamento proveniente da afeição numa forma exterior. Consequentemente, nada há que os afaste do influxo divino, nem coisa alguma do exterior, como as que entram na fala do homem a partir de outros pensamentos. Que a linguagem dos anjos é a linguagem do seu pensamento e da sua afeição pode ver-se acima (nos 234–235). Que os anjos possuam tal sabedoria está de acordo com o facto de todas as coisas que contemplam com os olhos e percebem pelos sentidos concordarem com a sua sabedoria, pois são correspondências dela; assim, os objetos percebidos são formas representativas das coisas que constituem a sua sabedoria. Que todas as coisas vistas nos céus são correspondências dos interiores dos anjos

e representações da sua sabedoria pode ver-se acima (nos 170–182).

(3) Além disso, os pensamentos dos anjos não são limitados nem contraídos pelas ideias de espaço e de tempo, como os pensamentos humanos; pois os espaços e os tempos pertencem à natureza, e as coisas da natureza afastam a mente das coisas espirituais e privam a visão intelectual da amplitude que lhe é própria. Que as ideias dos anjos são independentes do tempo e do espaço e, por isso, menos limitadas do que as ideias humanas, pode ver-se acima (nos 162–169 e 191–199). Os pensamentos dos anjos também não são arrastados para coisas terrenas e materiais, nem interrompidos por preocupações com as necessidades da vida; assim, não são afastados por tais coisas dos deleites da sabedoria, como acontece com os pensamentos dos homens no mundo. Pois todas as coisas lhes vêm gratuitamente do Senhor: são vestidos gratuitamente, alimentados gratuitamente e alojados gratuitamente (nos 181–190); além disso, recebem deleites e prazeres na medida em que recebem sabedoria do Senhor. Estas coisas foram ditas para esclarecer por que razão os anjos possuem tão grande sabedoria.[1]

267. Os anjos são capazes de receber tal sabedoria porque os seus interiores estão abertos; e a sabedoria, como qualquer outra perfeição, aumenta em direção aos interiores, portanto na medida em que estes se abrem.[2] Em cada anjo há três graus de vida, correspondentes aos três céus (ver nos 29–40): aqueles em quem

foi aberto o primeiro grau estão no primeiro céu, ou céu mais exterior; aqueles em quem foi aberto o segundo grau estão no segundo céu, ou céu intermédio; aqueles em quem foi aberto o terceiro grau estão no terceiro céu, ou céu mais íntimo. A sabedoria dos anjos nos céus está de acordo com estes graus. Por isso, a sabedoria dos anjos do céu mais íntimo ultrapassa incomensuravelmente a dos anjos do céu intermédio, e a destes ultrapassa incomensuravelmente a dos anjos do céu mais exterior (ver acima, nos 209, 210; e, sobre o que são os graus, n.º 38). Existem tais diferenças porque as coisas que estão no grau superior são particulares, e as que estão no grau inferior são gerais; e as coisas gerais contêm as particulares. As coisas particulares, comparadas com as gerais, são como milhares ou miríades para uma só; e assim é a sabedoria dos anjos de um céu superior em comparação com a dos anjos de um céu inferior. Do mesmo modo, a sabedoria destes últimos ultrapassa a do homem, pois o homem encontra-se num estado corporal e nas coisas que pertencem aos sentidos corporais, e o sentido corporal do homem pertence ao grau mais baixo. Isto torna claro que espécie de sabedoria possuem os que pensam a partir das coisas dos sentidos, isto é, os que se chamam homens sensuais: não possuem sabedoria, mas apenas conhecimento.[3] Sucede de outro modo com os homens cujos pensamentos se elevam acima das coisas dos sentidos, especialmente com aqueles cujos interiores foram abertos até à luz do céu.

268. Pode ver-se quão grande é a sabedoria dos anjos pelo facto de nos céus haver uma comunicação de todas as coisas: a

inteligência e a sabedoria comunicam-se de uns aos outros, e o céu é uma partilha comum de todos os bens. A razão é que o amor celeste é tal que deseja que aquilo que é seu pertença a outro; por conseguinte, ninguém no céu percebe o seu próprio bem como bem se ele não estiver também noutro, e daqui provém a felicidade do céu. Os anjos recebem isto do Senhor, pois assim é o Seu amor divino. Foi-me permitido saber pela experiência que existe tal comunicação de todas as coisas nos céus. Certos espíritos simples foram, uma vez, elevados ao céu; aí entraram na sabedoria angélica, compreenderam coisas que nunca antes tinham conseguido compreender e disseram coisas que não eram capazes de proferir no seu estado anterior.

269. A sabedoria dos anjos não pode ser descrita por palavras; só pode ser ilustrada por algumas considerações gerais. Os anjos podem exprimir numa única palavra o que um homem não consegue exprimir em mil. Além disso, uma única palavra angélica contém inúmeras coisas que não podem ser expressas por palavras da linguagem humana; pois em cada uma das coisas proferidas pelos anjos há arcanos de sabedoria em conexão contínua, que os conhecimentos humanos nunca alcançam. Aquilo que os anjos não conseguem exprimir pelas palavras da sua fala completam-no pelo tom, no qual existe uma afeição pelas coisas na sua ordem; pois, como se disse acima (n^{os} 236, 241), os tons exprimem afeições, tal como as palavras exprimem as ideias do pensamento provenientes dessas afeições. É por esta razão que as coisas ouvidas no céu se dizem inefáveis. Os anjos podem também exprimir em poucas palavras cada um dos mais pequenos pormenores escritos num

volume inteiro e dar a cada palavra sentidos que elevam a mente à sabedoria interior; pois a sua fala está de acordo com as suas afeições, e cada palavra com as suas ideias, variando as palavras de infinitas maneiras segundo a série de coisas que, no seu conjunto, estão no pensamento.

(2) Além disso, os anjos interiores podem perceber, pelo tom e por algumas palavras, toda a vida de quem fala; pois, pelo tom modificado pelas ideias contidas nas palavras, percebem o seu amor dominante, no qual está como que inscrita cada particularidade da sua vida.[4] Tudo isto esclarece a natureza da sabedoria angélica. Comparada com a sabedoria humana, é como uma miríade para um, ou como as forças motrizes de todo o corpo, que são incontáveis, para as atividades que delas resultam e que aos sentidos humanos parecem uma só coisa; ou como os mil pormenores de um objeto visto através de um microscópio perfeito para a única coisa indistinta que se vê a olho nu.

(3) Ilustrarei o assunto com um exemplo. Um anjo, a partir da sua sabedoria, descrevia a regeneração e apresentava, pela sua ordem, algumas centenas de arcanos a ela relativos, preenchendo cada um com ideias nas quais havia arcanos interiores, e isto do princípio ao fim; pois explicava como o homem espiritual é concebido de novo, é como que levado no ventre, nasce, cresce e é gradualmente aperfeiçoado. Disse que o número de arcanos podia aumentar até aos milhares, e que os referidos diziam respeito apenas à regeneração do

homem externo, havendo incontáveis outros relativos à regeneração do homem interno. Por estas e outras coisas semelhantes que ouvi dos anjos, tornou-se-me claro quão grande é a sua sabedoria e quão grande é, em comparação, a ignorância do homem, que mal sabe o que é a regeneração e ignora cada um dos menores passos desse processo enquanto está a ser regenerado.

270. Descrever-se-á agora a sabedoria dos anjos do terceiro céu, ou céu mais íntimo, e em que medida ultrapassa a dos anjos do primeiro céu, ou céu mais exterior. A sabedoria dos anjos do terceiro céu, ou céu mais íntimo, é incompreensível mesmo para os que estão no céu mais exterior, porque os interiores dos anjos do terceiro céu foram abertos até ao terceiro grau, ao passo que os dos anjos do primeiro céu só foram abertos até ao primeiro grau; e toda a sabedoria aumenta em direção aos interiores e se aperfeiçoa à medida que estes se abrem (n^{os} 208, 267).

(2) Como os interiores dos anjos do terceiro céu, ou céu mais íntimo, foram abertos até ao terceiro grau, as verdades divinas estão como que inscritas neles; pois os interiores do terceiro grau estão mais na forma do céu do que os interiores do segundo e do primeiro graus, e a forma do céu procede da verdade divina, estando, portanto, de acordo com a sabedoria divina. É por isso que a verdade está como que inscrita nesses anjos, ou é neles como que instintiva ou inata. Por conseguinte, assim que esses anjos ouvem verdades divinas genuínas, reconhecem-nas e percebem-nas imediatamente, e

depois veem-nas como que interiormente em si mesmos. Como os anjos desse céu são assim, nunca raciocinam acerca das verdades divinas, muito menos discutem se uma verdade é ou não assim; tampouco sabem o que é crer ou ter fé. Dizem: «Que é a fé? Pois eu percebo e vejo que uma coisa é assim.» Ilustram-no por comparações: seria como se alguém, estando com um companheiro e vendo uma casa e as diversas coisas que há nela e em seu redor, dissesse ao companheiro que devia acreditar que essas coisas existem e são tal como as vê; ou como se, vendo um jardim e nele árvores e frutos, dissesse ao companheiro que devia ter fé em que existe um jardim com árvores e frutos, quando os está a ver claramente com os olhos. Por esta razão, esses anjos nunca mencionam a fé e não têm ideia do que seja; também não raciocinam acerca das verdades divinas, muito menos discutem se uma verdade é ou não assim.[5]

(3) Mas os anjos do primeiro céu, ou céu mais exterior, não têm as verdades divinas assim inscritas nos seus interiores, porque neles só está aberto o primeiro grau de vida; por isso, raciocinam acerca das verdades. E os que raciocinam quase nada veem além do facto sobre o qual raciocinam, ou não vão além do assunto senão para o confirmar por certas considerações; depois de o confirmarem, dizem que deve ser matéria de fé e que é preciso acreditar nele.

(4) Falei com os anjos sobre isto, e disseram que a diferença entre a sabedoria dos anjos do terceiro céu e a dos anjos do

primeiro céu é como a diferença entre o que é claro e o que é obscuro. Compararam a primeira a um magnífico palácio cheio de todas as coisas úteis, rodeado por parques de todos os lados, com magníficas coisas de muitas espécies em redor; e, como esses anjos estão nas verdades da sabedoria, podem entrar no palácio, contemplar todas as coisas, passear pelos parques em todas as direções e deleitar-se com tudo. Mas não sucede assim com os que raciocinam acerca das verdades, sobretudo com os que as discutem; pois estes não veem as verdades a partir da luz da verdade, mas aceitam-nas de outros ou do sentido da letra da Palavra, que não compreendem interiormente, declarando que é preciso acreditar nas verdades, ou ter fé, e não querendo admitir qualquer visão interior destas coisas. Os anjos disseram que tais pessoas não conseguem atingir o primeiro limiar do palácio da sabedoria, muito menos entrar nele e passear pelos seus terrenos, pois detêm-se no primeiro degrau. Não sucede assim com os que estão nas próprias verdades: nada os impede de avançar e progredir sem limite, pois as verdades que veem conduzem-nos por onde quer que vão e para campos vastos, uma vez que cada verdade tem uma extensão infinita e está em conjunção com muitas outras.

(5) Disseram ainda que a sabedoria dos anjos do céu mais íntimo consiste principalmente nisto: veem coisas divinas e celestes em cada objeto e coisas maravilhosas numa série de muitos objetos; pois tudo o que aparece diante dos seus olhos é uma correspondência. Assim, quando veem palácios e

jardins, a sua visão não se detém nas coisas que têm diante dos olhos, mas veem as coisas interiores das quais aquelas procedem, isto é, às quais correspondem, e isto com toda a variedade, segundo o aspeto dos objetos. Veem, assim, inúmeras coisas ao mesmo tempo, na sua ordem e conexão; e isto enche de tal modo as suas mentes de deleite que parecem ser arrebatados para fora de si mesmos. Que todas as coisas vistas nos céus correspondem às coisas divinas que os anjos recebem do Senhor pode ver-se acima (nos 170–176).

271. Os anjos do terceiro céu são assim porque estão no amor ao Senhor, e esse amor abre os interiores da mente até ao terceiro grau e é um recetáculo de todas as coisas da sabedoria. Deve compreender-se também que os anjos do céu mais íntimo continuam a ser incessantemente aperfeiçoados na sabedoria, mas de modo diferente dos anjos do céu mais exterior. Os anjos do céu mais íntimo não armazenam as verdades divinas na memória, formando assim uma espécie de ciência; assim que as ouvem, percebem-nas e aplicam-nas à vida. Por esta razão, as verdades divinas permanecem neles como se estivessem inscritas, pois aquilo que desta maneira se entrega à vida fica contido nela. Mas não sucede assim com os anjos do céu mais exterior. Estes armazenam primeiro as verdades divinas na memória e guardam-nas entre os seus conhecimentos; daí as retiram para, por meio delas, aperfeiçoarem o entendimento, e querem-nas e aplicam-nas à vida, mas sem uma perceção interior de que sejam verdades; por conseguinte, encontram-se numa obscuridade relativa. É um facto notável que os anjos do terceiro céu sejam aperfeiçoados na

sabedoria pela audição e não pela visão. Aquilo que ouvem nas pregações não entra na sua memória, mas diretamente na sua perceção e vontade, tornando-se matéria de vida; aquilo que veem com os olhos, porém, entra na memória, e acerca disso raciocinam e falam. Isto mostra que, para eles, a via da audição é a via da sabedoria. Também isto provém da correspondência, pois o ouvido corresponde à obediência, e a obediência pertence à vida; o olho, por sua vez, corresponde à inteligência, e a inteligência é matéria de doutrina.[6] O estado destes anjos é descrito em diversas passagens da Palavra, como em Jeremias:

> **Porei a Minha lei na sua mente e escrevê-la-ei no seu coração. Já ninguém ensinará o seu amigo nem o seu irmão, dizendo: Conhecei Jeová; pois todos Me conhecerão, desde o menor até ao maior (31:33, 34).**

E em Mateus:

> **Seja o vosso falar: Sim, sim; Não, não; o que vai além disto procede do mal (5:37).**

«O que vai além disto procede do mal», porque não procede do Senhor; e, como os anjos do terceiro céu estão no amor ao Senhor, as verdades que neles existem procedem do Senhor. Nesse céu, amar o Senhor é querer e praticar a verdade divina, pois a verdade divina é o Senhor no céu.

272. Há ainda outra razão, e no céu é a principal, pela qual os anjos podem receber tão grande sabedoria: estão livres do amor de

si; pois, na medida em que alguém está livre do amor de si, pode tornar-se sábio nas coisas divinas. É esse amor que fecha os interiores ao Senhor e ao céu, abre os exteriores e os volta para si mesmo; por conseguinte, todos aqueles em quem esse amor domina estão em densas trevas quanto às coisas do céu, por muita luz que possuam nos assuntos do mundo. Os anjos, pelo contrário, estão na luz da sabedoria porque estão livres do amor de si; pois os amores celestes em que se encontram, que são o amor ao Senhor e o amor para com o próximo, abrem os interiores, porque esses amores procedem do Senhor e o próprio Senhor está neles. Que estes amores constituem o céu em geral e formam o céu em cada um em particular pode ver-se acima (nos 13–19). Como os amores celestes abrem os interiores ao Senhor, todos os anjos voltam o rosto para o Senhor (n.º 142); pois, no mundo espiritual, o amor volta para si os interiores de cada um, e, para onde volta os interiores, volta também o rosto, uma vez que aí o rosto forma uma unidade com os interiores, sendo a sua forma exterior. Como o amor volta para si os interiores e o rosto, une-se também a eles — pois o amor é conjunção espiritual — e partilha com eles o que é seu. Dessa orientação e da consequente conjunção e partilha provém a sabedoria dos anjos. Que toda a conjunção e todo o ato de se voltar no mundo espiritual estão em acordo pode ver-se acima (n.º 255).

273. Embora os anjos sejam continuamente aperfeiçoados na sabedoria,[7] esta, mesmo por toda a eternidade, não pode tornar-se tão perfeita que exista alguma proporção entre ela e a sabedoria divina do Senhor; pois a sabedoria divina do Senhor é infinita, e a

dos anjos é finita, e entre o infinito e o finito não é possível proporção alguma.

274. Como é a sabedoria que torna os anjos perfeitos e constitui a sua vida, e como o céu, com os seus bens, influi em cada um segundo a sua sabedoria, todos no céu desejam a sabedoria e têm fome dela, tal como um homem faminto tem fome de alimento. Assim também o conhecimento, a inteligência e a sabedoria são alimento espiritual, como a comida é alimento natural; e um corresponde ao outro.

275. Os anjos do mesmo céu, ou da mesma sociedade do céu, não possuem todos a mesma sabedoria; a sua sabedoria difere. Os que estão no centro possuem a maior sabedoria, e os que estão em redor, até aos limites, possuem uma sabedoria menor. A diminuição da sabedoria segundo a distância ao centro é como a diminuição da luz à medida que se aproxima da sombra (ver n.º 43 e 128). A sua luz está no mesmo grau que a sua sabedoria, pois a luz do céu é a sabedoria divina, e cada um está na luz na medida em que recebe sabedoria. Acerca da luz do céu e das diversas formas de a receber, ver acima (n^{os} 126–132).

CAPÍTULO 31

O Estado de Inocência dos Anjos no Céu

276. Poucos no mundo sabem o que é a inocência e qual a sua natureza; os que estão no mal nada sabem a seu respeito. É, de facto, visível aos olhos, manifestando-se no rosto, na fala e nos movimentos, sobretudo das crianças; e, no entanto, desconhece-se o que é a inocência e, especialmente, que é nela que o céu está guardado no homem. Para o dar a conhecer, procedamos por ordem, considerando primeiro a inocência da infância, depois a inocência da sabedoria e, por último, o estado do céu quanto à inocência.

277. A inocência da infância, ou das crianças, não é a inocência genuína, pois não é inocência numa forma interna, mas apenas numa forma externa. Contudo, por ela pode aprender-se o que é a inocência, pois resplandece no rosto das crianças, em alguns dos seus movimentos e nas suas primeiras palavras, e toca os que as rodeiam. Pode ver-se que as crianças não têm pensamento interno, pois ainda não sabem o que é o bem e o mal, nem o que é verdadeiro e falso, coisas de que tal pensamento se constitui.

(2) Por conseguinte, não possuem prudência proveniente do que é seu, nem propósito ou deliberação, e, portanto, nenhuma finalidade voltada para o mal; tampouco possuem algo de próprio adquirido pelo amor de si e do mundo. Nada atribuem a si mesmas, considerando tudo o que têm como recebido dos pais; contentam-se com as poucas e pequenas coisas que lhes são oferecidas e nelas encontram deleite; não se preocupam com o alimento nem com o vestuário, nem com o futuro; não se voltam para o mundo cobiçando muitas coisas dele; amam os pais, as amas e os companheiros de infância com quem brincam inocentemente; deixam-se conduzir, prestam atenção e obedecem.

(3) Estando neste estado, recebem tudo como matéria de vida; por isso, sem saberem porquê, adquirem maneiras convenientes, aprendem a falar e recebem os primeiros rudimentos da memória e do pensamento. O seu estado de inocência serve de meio pelo qual estas coisas são recebidas e implantadas. Mas esta inocência, como se disse acima, é externa, porque pertence apenas ao corpo, e não à mente;[1] pois as suas mentes ainda não estão formadas, sendo a mente o entendimento e a vontade, e o pensamento e a afeição que deles procedem.

(4) Disseram-me do céu que as crianças estão especialmente sob a proteção do Senhor e recebem influxo do céu mais íntimo, onde existe um estado de inocência; que esse influxo passa pelos seus interiores e que, ao passar, os seus interiores

são afetados apenas pela inocência. Por esta razão, a inocência manifesta-se e torna-se visível nos seus rostos e em alguns dos seus movimentos; é esta inocência que toca os pais no mais íntimo e dá origem ao amor chamado *storge*.

278. A inocência da sabedoria é a inocência genuína, porque é interna: pertence à própria mente, isto é, à própria vontade e, a partir desta, ao entendimento. Quando há inocência neles, há também sabedoria, pois a sabedoria pertence à vontade e ao entendimento. É por isso que no céu se diz que a inocência tem a sua morada na sabedoria e que um anjo possui tanta inocência quanta sabedoria. Isto confirma-se pelo facto de os que estão num estado de inocência não atribuírem bem algum a si mesmos, mas considerarem todas as coisas como recebidas e as atribuírem ao Senhor; desejarem ser conduzidos por Ele, e não por si mesmos; amarem tudo o que é bom e encontrarem deleite em tudo o que é verdadeiro, porque sabem e percebem que amar o bem, isto é, querê-lo e praticá-lo, é amar o Senhor, e amar a verdade é amar o próximo. Vivem contentes com o que têm, seja pouco ou muito, porque sabem que recebem precisamente o que é bom para eles: pouco, aqueles a quem pouco é útil, e muito, aqueles a quem muito é útil. Sabem também que eles próprios não sabem o que é bom para si; só o Senhor o sabe, pois, em tudo o que providencia, olha para o que é eterno.

(2) Também não se inquietam com o futuro; chamam à inquietação com o futuro preocupação com o dia de amanhã, definindo-a como o pesar por perder ou não receber coisas que

não são necessárias aos usos da vida. Com os seus companheiros, nunca agem com uma finalidade má, mas a partir do que é bom, justo e sincero. Chamam astúcia a agir com uma finalidade má e evitam-na como o veneno de uma serpente, pois é inteiramente contrária à inocência. Como nada amam tanto como ser conduzidos pelo Senhor, atribuindo-Lhe tudo o que recebem, são mantidos afastados do que lhes é próprio [proprium]; e, na medida em que são mantidos afastados do que lhes é próprio, o Senhor influi neles. Por conseguinte, tudo o que ouvem do Senhor, seja pela Palavra, seja pela pregação, não o armazenam na memória, mas obedecem-lhe imediatamente, isto é, querem-no e praticam-no, sendo a sua própria vontade a sua memória. Na sua maioria, parecem simples exteriormente, mas interiormente são sábios e prudentes. É a estes que o Senhor Se refere nas palavras:

> **Sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas (Mateus 10:16).**

Tal é a inocência que se chama inocência da sabedoria.

(3) Como a inocência não atribui bem algum a si mesma, mas todo o bem ao Senhor, e como ama assim ser conduzida pelo Senhor e é a origem da receção de todo o bem e de toda a verdade, dos quais procede a sabedoria, o homem foi criado de tal modo que, durante a infância, esteja na inocência externa e, ao envelhecer, na inocência interna, a fim de que,

> pela primeira, chegue à segunda e, a partir da segunda, regresse à primeira. Pela mesma razão, quando envelhece, o homem diminui corporalmente e torna-se de novo semelhante a uma criança, mas a uma criança sábia, isto é, a um anjo; pois uma criança sábia é, num sentido eminente, um anjo. É por isso que, na Palavra, uma «criancinha» significa alguém inocente, e um «ancião» significa alguém sábio em quem há inocência.[2]

279. O mesmo sucede com todos os que estão a ser regenerados. A regeneração, quanto ao homem espiritual, é um novo nascimento. O homem é primeiro introduzido na inocência da infância, que consiste em saber que, por si mesmo, não conhece verdade alguma nem pode fazer bem algum, mas apenas a partir do Senhor; e em desejar e procurar a verdade apenas porque é verdade, e o bem apenas porque é bem. À medida que depois avança em idade, o Senhor dá-lhe o bem e a verdade. Primeiro, é conduzido ao conhecimento deles; depois, do conhecimento à inteligência; e, por fim, da inteligência à sabedoria. A inocência acompanha-o sempre, consistindo, como se disse, em saber que, por si mesmo, não conhece verdade alguma e não pode fazer bem algum, mas apenas a partir do Senhor. Sem esta crença e esta perceção dela, ninguém pode receber coisa alguma do céu. É principalmente nisto que consiste a inocência da sabedoria.

280. Como a inocência consiste em ser conduzido pelo Senhor e não por si mesmo, todos os que estão no céu estão na inocência; pois todos aí amam ser conduzidos pelo Senhor, sabendo que

conduzir-se a si mesmo é ser conduzido pelo que lhes é próprio, e que o próprio de cada um é amar-se a si mesmo; quem se ama a si mesmo não permite ser conduzido por outro. Por conseguinte, na medida em que um anjo está na inocência, está no céu; por outras palavras, está no bem divino e na verdade divina, pois estar neles é estar no céu. Consequentemente, os céus distinguem-se por graus de inocência: os que estão no céu mais exterior, ou primeiro céu, estão na inocência do primeiro grau, ou grau mais exterior; os que estão no céu intermédio, ou segundo céu, estão na inocência do segundo grau, ou grau intermédio; os que estão no céu mais íntimo, ou terceiro céu, estão na inocência do terceiro grau, ou grau mais íntimo, sendo, por isso, as próprias inocências do céu. Mais do que todos os outros, amam ser conduzidos pelo Senhor como as criancinhas pelo pai; e, pela mesma razão, acolhem diretamente na vontade a verdade divina que ouvem do Senhor, imediatamente ou mediatamente pela Palavra e pela pregação, e praticam-na, entregando-a assim à vida. É por isso que a sua sabedoria é tão superior à dos anjos dos céus inferiores (ver n^{os} 270, 271). Sendo assim, estes anjos do céu mais íntimo estão mais próximos do Senhor, de quem recebem a inocência, e tão separados do que lhes é próprio que vivem como que no Senhor. Exteriormente, parecem simples e, aos olhos dos anjos dos céus inferiores, parecem crianças, isto é, muito pequenos e pouco sábios, embora sejam os mais sábios dos anjos do céu; pois sabem que não possuem sabedoria alguma por si mesmos e que reconhecer isto é ser sábio. Sabem também que o que conhecem é como nada em comparação com o que desconhecem; e dizem que saber, reconhecer e perceber

isto é o primeiro passo para a sabedoria. Estes anjos não usam vestuário, porque a nudez corresponde à inocência.[3]

281. Falei muito com os anjos acerca da inocência, e disseram-me que a inocência é o ser [esse] de todo o bem; que, por isso, o bem é bem na medida em que contém inocência, e, consequentemente, a sabedoria é sabedoria na medida em que participa da inocência; o mesmo vale para o amor, a caridade e a fé.[4] Por isso, ninguém pode entrar no céu se não possuir inocência; é isto que o Senhor ensina quando diz:

> **Deixai vir a Mim as criancinhas e não as impeçais, pois delas é o reino dos céus. Em verdade vos digo: quem não receber o reino dos céus como uma criancinha não entrará nele (Marcos 10:14, 16; Lucas 18:16, 17).**

Aqui, como noutras passagens da Palavra, as «criancinhas» significam os que são inocentes. O Senhor descreve também um estado de inocência em Mateus (6:25–34), mas apenas por correspondências. O bem é bem na medida em que contém inocência, porque todo o bem procede do Senhor, e a inocência é a disposição para ser conduzido pelo Senhor. Disseram-me também que a verdade só pode unir-se ao bem, e o bem à verdade, por meio da inocência, e que, por isso, um anjo não é um anjo do céu se não tiver inocência em si; pois o céu não está em ninguém antes de nele o bem se unir à verdade. É por isso que a conjunção da verdade e do bem se chama casamento celeste, e o casamento celeste é o céu. Disseram-me ainda que o verdadeiro amor conjugal

recebe a sua existência da inocência, porque a recebe da conjunção do bem e da verdade, e as duas mentes, do marido e da mulher, estão nessa conjunção; quando esta desce, apresenta a aparência do amor conjugal, pois os cônjuges estão no amor mútuo, como as suas mentes. É por isso que no amor conjugal há uma disposição para brincar semelhante à da infância e à da inocência.[5]

282. Como a inocência nos anjos do céu é o próprio ser [esse] do bem, é evidente que o bem divino procedente do Senhor é a própria inocência; pois é esse bem que influi nos anjos, toca os seus íntimos e os dispõe e prepara para receber todo o bem do céu. O mesmo sucede com as crianças, cujos interiores não só são formados pela inocência que flui através deles a partir do Senhor, mas também são continuamente preparados e dispostos para receber o bem do amor celeste, pois o bem da inocência age a partir do mais íntimo; esse bem, como se disse, é o ser [esse] de todo o bem. Por tudo isto pode ver-se que toda a inocência procede do Senhor. Por esta razão, o Senhor é chamado «cordeiro» na Palavra, significando o cordeiro a inocência.[6] Como a inocência é o mais íntimo de todo o bem do céu, toca de tal modo as mentes que, quando alguém a sente — por exemplo, quando se aproxima um anjo do céu mais íntimo —, parece deixar de ser senhor de si e é comovido e como que arrebatado por um deleite tão grande que nenhum deleite do mundo parece ser coisa alguma em comparação. Digo-o por o ter percebido.

283. Todos os que estão no bem da inocência são tocados pela inocência, e são-no na medida em que estão nesse bem; mas os

que não estão no bem da inocência não são tocados por ela. Por esta razão, todos os que estão no inferno são inteiramente contrários à inocência; não sabem o que ela é, e a sua hostilidade é tal que, quanto mais inocente é alguém, mais ardem em desejo de lhe fazer mal. Por isso, não suportam ver criancinhas e, assim que as veem, inflamam-se num desejo cruel de as prejudicar. Daqui se torna claro que o próprio do homem, e, portanto, o amor de si, é contrário à inocência; pois todos os que estão no inferno estão no que lhes é próprio e, consequentemente, no amor de si.[7]

CAPÍTULO 32

O Estado de Paz no Céu

284. Só os que experimentaram a paz do céu podem ter alguma perceção da paz em que os anjos se encontram. Como o homem, enquanto está no corpo, é incapaz de receber a paz do céu, também não pode ter perceção dela, pois a sua perceção está limitada ao natural. Para a perceber, tem de poder ser elevado e afastado do corpo quanto ao pensamento, mantido no espírito e, ao mesmo tempo, estar com os anjos. Foi desta maneira que percebi a paz do céu; por isso, posso descrevê-la, mas não por palavras que a exprimam tal como é em si mesma, porque as palavras humanas são insuficientes: só posso descrevê-la por comparação com o repouso da mente de que desfrutam os que estão contentes em Deus.

285. Há duas coisas que são as mais íntimas do céu: a inocência e a paz. Chamam-se as mais íntimas porque procedem diretamente do Senhor. Da inocência provém todo o bem do céu, e da paz todo o deleite do bem. Todo o bem tem o seu deleite; tanto o bem como o deleite nascem do amor, pois tudo o que se ama é chamado bem e é também percebido como deleitoso. Segue-se daqui que estas

duas coisas mais íntimas, a inocência e a paz, procedem do amor divino do Senhor e movem os anjos a partir do mais íntimo. Que a inocência é o mais íntimo do bem pode ver-se no capítulo anterior, onde se descreve o estado de inocência dos anjos do céu. Explicar-se-á agora que a paz é o mais íntimo do deleite proveniente do bem da inocência.

286. Consideremos primeiro a origem da paz. A paz divina está no Senhor; nasce da união do Divino mesmo e do Humano Divino n'Ele. O Divino da paz no céu procede do Senhor, nascendo da Sua conjunção com os anjos do céu e, em particular, da conjunção do bem e da verdade em cada anjo. Estas são as origens da paz. Daqui pode ver-se que a paz nos céus é o Divino que, no mais íntimo, toca com bem-aventurança todo o bem que daí procede, e que dela provém toda a alegria do céu. É também, na sua essência, a alegria divina do amor divino do Senhor, resultante da Sua conjunção com o céu e com cada um dos que aí estão. Esta alegria, sentida pelo Senhor nos anjos e pelos anjos a partir do Senhor, é a paz. Dela derivam para os anjos toda a bem-aventurança, todo o deleite e toda a felicidade, ou aquilo a que se chama alegria celeste.[1]

287. Por serem estas as origens da paz, o Senhor é chamado «Príncipe da paz» e declara que d'Ele vem a paz e que n'Ele está a paz; os anjos são chamados anjos da paz, e o céu é chamado morada de paz, como nas passagens seguintes:

> **Um Menino nos nasceu, um Filho nos foi dado, e o governo estará sobre o Seu ombro; o Seu nome será Maravilhoso, Conselheiro,**

> Deus, Poderoso, Pai da eternidade, Príncipe da paz. O aumento do Seu governo e da paz não terá fim (Isaías 9:6, 7).
>
> Jesus disse: Deixo-vos a paz, dou-vos a Minha paz; não vo-la dou como o mundo a dá (João 14:27).
>
> Disse-vos estas coisas para que em Mim tenhais paz (João 16:33).
>
> Jeová levante sobre ti o Seu rosto e te dê a paz (Números 6:26).
>
> Os anjos da paz choram amargamente; os caminhos estão desolados (Isaías 33:7, 8).
>
> A obra da justiça será a paz; e o Meu povo habitará numa morada de paz (Isaías 32:17, 18).

(2) Que é a paz divina e celeste que se entende por «paz» na Palavra pode ver-se também noutras passagens em que ela é mencionada, como Isaías 52:7; 54:10; 59:8; Jeremias 16:5; 25:37; 29:11; Ageu 2:9; Zacarias 8:12; Salmos 37:37; e noutros lugares. Como a «paz» significa o Senhor e o céu, bem como a alegria celeste e o deleite do bem, «A paz esteja convosco» era uma antiga forma de saudação, ainda em uso; foi confirmada pelo Senhor ao dizer aos discípulos que enviava:

> Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: A paz esteja nesta casa; e, se aí houver um filho da paz, sobre ela repousará a vossa paz (Lucas 10:5, 6).

E, quando o próprio Senhor apareceu aos apóstolos, disse:

> A paz esteja convosco (João 20:19, 21, 26).

(3) Um estado de paz é também significado na Palavra quando se diz que:

> **Jeová sentiu um odor de repouso (como em Êxodo 29:18, 25, 41; Levítico 1:9, 13, 17; 2:2, 9; 6:8, 14; 23:12, 13, 18; Números 15:3, 7, 13; 28:6, 8, 13; 29:2, 6, 8, 13, 36).**

«Odor de repouso», no sentido celeste, significa uma perceção de paz.[2] Como a paz significa a união do Divino mesmo e do Humano Divino no Senhor, e também a conjunção do Senhor com o céu, com a Igreja, com todos os que estão no céu e com todos os que, na Igreja, O recebem, o sábado foi instituído como lembrança destas coisas. O seu nome significa repouso ou paz, e era o mais santo representativo da Igreja. Pela mesma razão, o Senhor chamou a Si próprio «Senhor do sábado» (Mateus 12:8; Marcos 2:27, 28; Lucas 6:5).[3]

288. Como a paz do céu é o Divino que toca com bem-aventurança, no mais íntimo, o próprio bem nos anjos, estes só podem percebê-la claramente no deleite dos seus corações quando estão no bem da sua vida, no prazer com que ouvem a verdade que concorda com o seu bem e na alegria da mente quando percebem a conjunção do bem e da verdade. A partir daí, ela influi em todos os atos e pensamentos da sua vida, apresentando-se neles como alegria, mesmo na aparência exterior.

(2) Mas a paz nos céus difere em qualidade e quantidade segundo a inocência dos que aí estão, pois a inocência e a paz

caminham de mãos dadas. Todo o bem do céu, como se disse acima, procede da inocência, e todo o deleite desse bem procede da paz. É, pois, evidente que o que se disse no capítulo anterior acerca do estado de inocência nos céus pode dizer-se aqui acerca do estado de paz, pois a inocência e a paz estão unidas como o bem e o seu deleite: o bem sente-se no seu deleite, e o deleite conhece-se pelo seu bem. Sendo assim, é evidente que os anjos do céu mais íntimo, ou terceiro céu, estão no terceiro grau de paz, ou grau mais íntimo, porque estão no terceiro grau de inocência, ou grau mais íntimo; e que os anjos dos céus inferiores estão num grau menor de paz, porque estão num grau menor de inocência (ver acima, n.º 280).

(3) Que a inocência e a paz caminham juntas, como o bem e o seu deleite, pode ver-se nas criancinhas, que estão na paz porque estão na inocência e, por estarem na paz, são naturalmente cheias de alegria e vontade de brincar. Contudo, a paz das criancinhas é uma paz externa; a paz interna, como a inocência interna, só é possível na sabedoria e, por isso, apenas na conjunção do bem e da verdade, pois a sabedoria procede dessa conjunção. A paz celeste ou angélica é também possível nos homens que estão na sabedoria proveniente da conjunção do bem e da verdade e que, por conseguinte, sentem contentamento em Deus. Contudo, enquanto vivem no mundo, esta paz permanece escondida nos seus interiores; revela-se quando deixam o corpo e entram no céu, pois então os seus interiores são abertos.

289. Como a paz divina nasce da conjunção do Senhor com o céu, e especialmente da conjunção do bem e da verdade em cada anjo, quando os anjos estão num estado de amor estão num estado de paz, pois então o bem e a verdade estão unidos neles. Que os estados dos anjos passam por mudanças sucessivas pode ver-se acima (nos 154–160). O mesmo sucede com o homem que está a ser regenerado. Assim que o bem e a verdade se unem nele, o que acontece especialmente depois das tentações, entra num estado de deleite proveniente da paz celeste.[4] Esta paz pode comparar-se à manhã ou à aurora na primavera, quando, passada a noite, todas as coisas da terra começam a viver de novo com o nascer do Sol, a fragrância da vegetação em crescimento se espalha com o orvalho que desce do céu, e a temperatura amena da primavera dá fertilidade ao solo e prazer às mentes dos homens. Isto porque a manhã ou a aurora na primavera corresponde ao estado de paz dos anjos no céu (ver n.º 155).[5]

290. Falei com os anjos acerca da paz, dizendo que no mundo se chama paz à cessação das guerras e hostilidades entre reinos e à cessação das inimizades ou hostilidades entre os homens; disse também que se julga que a paz interna consiste no repouso da mente quando as preocupações são afastadas, especialmente na tranquilidade e no prazer provenientes do êxito nos negócios. Mas os anjos disseram que o repouso da mente, a tranquilidade e o prazer resultantes da remoção das preocupações e do êxito nos negócios parecem constituir a paz, mas só a constituem nos que estão no bem celeste, pois só nesse bem a paz é possível. A paz influi do Senhor no mais íntimo desses homens e, a partir daí, desce

e flui para as faculdades inferiores, produzindo um sentimento de repouso na mente, tranquilidade de ânimo e a alegria daí resultante. Mas, para os que estão no mal, a paz é impossível.[6] Há uma aparência de repouso, tranquilidade e deleite quando as coisas correm de acordo com os seus desejos; mas é paz externa, e de modo algum interna, pois interiormente ardem em inimizade, ódio, vingança, crueldade e muitas cobiças más, para as quais o seu ânimo é arrastado sempre que veem alguém que lhes é desfavorável, e que irrompem quando não são refreadas pelo medo. Por conseguinte, o deleite dessas pessoas habita na insensatez, enquanto o deleite dos que estão no bem habita na sabedoria. A diferença é como a que existe entre o inferno e o céu.

CAPÍTULO 33

A Conjunção do Céu com o Género Humano

291. É bem sabido na Igreja que todo o bem procede de Deus e que nenhum bem procede do homem; por conseguinte, ninguém deve atribuir a si mesmo bem algum como se fosse seu. Também é bem sabido que o mal procede do diabo. Por isso, os que falam a partir da doutrina da Igreja dizem daqueles que se comportam bem e dos que falam e pregam piedosamente que são conduzidos por Deus; dizem o contrário dos que não se comportam bem e falam impiamente. Para que isto seja verdade, o homem tem de estar em conjunção com o céu e com o inferno, e essa conjunção tem de se fazer com a sua vontade e o seu entendimento; pois é a partir destes que o corpo age e a boca fala. Explicar-se-á agora em que consiste esta conjunção.

292. Junto de cada indivíduo há espíritos bons e espíritos maus. Por meio dos espíritos bons, o homem tem conjunção com o céu; por meio dos espíritos maus, com o inferno. Estes espíritos estão no mundo dos espíritos, situado entre o céu e o inferno. Este mundo será descrito em particular mais adiante. Quando esses espíritos se aproximam de um homem, entram em toda a sua memória e,

assim, em todo o seu pensamento: os espíritos maus entram nas coisas más da sua memória e do seu pensamento, e os bons nas coisas boas da sua memória e do seu pensamento. Esses espíritos ignoram inteiramente que estão junto do homem; mas, quando estão com ele, julgam que todas as coisas da sua memória e do seu pensamento são suas. Tampouco veem o homem, porque nada do que existe no nosso mundo solar é visível para eles.[1] O Senhor tem o maior cuidado em que os espíritos não saibam que estão junto do homem; pois, se o soubessem, falariam com ele, e, nesse caso, os espíritos maus destrui-lo-iam. Estando unidos ao inferno, os espíritos maus nada desejam tanto como destruir o homem, não apenas a sua alma, isto é, a sua fé e o seu amor, mas também o seu corpo. É diferente quando os espíritos não falam com o homem: nesse caso, não sabem que aquilo que pensam e dizem entre si provém do homem; pois, embora seja a partir do homem que conversam uns com os outros, julgam que o que pensam e dizem é seu, e cada um estima e ama o que é seu. Deste modo, os espíritos são levados a amar e estimar o homem, embora o ignorem. Que tal é a conjunção dos espíritos com o homem tornou-se-me tão conhecido por uma experiência contínua de muitos anos que nada me é mais conhecido.

293. A razão pela qual também são associados ao homem espíritos que comunicam com o inferno é que o homem nasce em males de toda a espécie, pelo que toda a sua vida procede inteiramente do mal; por isso, se não lhe fossem associados espíritos semelhantes a ele, não poderia viver, nem, de facto, ser retirado dos seus males e reformado. É, portanto, mantido na sua

própria vida por meio dos espíritos maus e afastado dela por meio dos espíritos bons; por ambos é mantido em equilíbrio. Estando em equilíbrio, está em liberdade e pode ser afastado dos males e voltado para o bem, podendo assim o bem ser implantado nele, o que de modo algum seria possível se não estivesse em liberdade. E a liberdade só é possível para o homem quando os espíritos do inferno agem de um lado e os espíritos do céu do outro, ficando o homem entre ambos. Mostrou-se ainda que, na medida em que a vida de um homem procede do que herdou e, portanto, de si mesmo, se não lhe fosse permitido estar no mal, não teria vida; que também não teria vida se não estivesse em liberdade; que não pode ser forçado ao bem, e que aquilo que é imposto não permanece; e que o bem que o homem recebe em liberdade é implantado na sua vontade e torna-se como que seu.[2] São estas as razões pelas quais o homem tem comunicação com o inferno e com o céu.

294. Explicar-se-á também como se realiza a comunicação do céu com os espíritos bons e a do inferno com os espíritos maus, e a consequente conjunção do céu e do inferno com o homem. Todos os espíritos que estão no mundo dos espíritos comunicam com o céu ou com o inferno: os maus com o inferno, e os bons com o céu. O céu está dividido em sociedades, e o inferno também. Cada espírito pertence a alguma sociedade e continua a existir pelo influxo que dela recebe, agindo, assim, em unidade com ela. Por conseguinte, assim como o homem está unido aos espíritos, está unido ao céu ou ao inferno, e até à sociedade a que está ligado pela sua afeição ou pelo seu amor; pois as sociedades do céu

distinguem-se todas umas das outras segundo as suas afeições pelo bem e pela verdade, e as sociedades do inferno segundo as suas afeições pelo mal e pela falsidade. Acerca das sociedades do céu, ver acima, nos 41–45 e também nos 148–151.

295. Os espíritos associados ao homem são tais como ele próprio quanto à sua afeição ou ao seu amor; mas o Senhor associa-lhe os espíritos bons, enquanto os espíritos maus são convidados pelo próprio homem. Contudo, os espíritos que estão junto do homem mudam segundo as mudanças das suas afeições; assim, uns estão com ele na primeira infância, outros na meninice, outros na juventude e na idade adulta, e outros na velhice. Na primeira infância, estão presentes espíritos que estão na inocência e que, por isso, comunicam com o céu da inocência, que é o céu mais íntimo, ou terceiro céu; na meninice, espíritos que estão na afeição de conhecer e que, por isso, comunicam com o céu mais exterior, ou primeiro céu; na juventude e na idade adulta, espíritos que estão na afeição pelo verdadeiro e pelo bem e na inteligência daí resultante, e que, por isso, comunicam com o segundo céu, ou céu intermédio; na velhice, espíritos que estão na sabedoria e na inocência, comunicando assim com o céu mais íntimo, ou terceiro céu. Mas o Senhor mantém esta associação com os que podem ser reformados e regenerados. Sucede de outro modo com os que não podem ser reformados nem regenerados. Embora também a estes sejam associados espíritos bons, para que, por seu intermédio, sejam afastados do mal tanto quanto possível, estão diretamente unidos a espíritos maus que comunicam com o inferno, tendo assim junto de si espíritos semelhantes a eles próprios. Se amam a si

mesmos, ao ganho, à vingança ou ao adultério, estão presentes espíritos semelhantes, que como que habitam nas suas más afeições; estes incitam o homem, exceto na medida em que os espíritos bons o conseguem afastar do mal, e agarram-se a ele, não se retirando enquanto a má afeição prevalece. É assim que um homem mau está unido ao inferno e um homem bom ao céu.

296. O homem é governado pelo Senhor por intermédio de espíritos porque não está na ordem do céu: nasce em males que pertencem ao inferno, portanto no completo oposto da ordem divina; por conseguinte, necessita de ser reconduzido à ordem, o que só pode fazer-se mediatamente, por meio de espíritos. Seria diferente se o homem nascesse no bem que está de acordo com a ordem do céu; nesse caso, seria governado pelo Senhor não por intermédio de espíritos, mas pela própria ordem, portanto pelo influxo geral. Por meio deste influxo, o homem é governado quanto a tudo o que passa do seu pensamento e da sua vontade ao ato, isto é, quanto à fala e aos atos; pois ambos se realizam em harmonia com a ordem natural, e, por isso, os espíritos associados ao homem não têm neles participação alguma. Os animais também são governados por este influxo geral do mundo espiritual, porque estão na ordem da sua vida; e não puderam perverter nem destruir essa ordem, porque não possuem faculdade racional.[3] Qual é a diferença entre o homem e os animais pode ver-se acima (n.º 39).

297. Quanto ao que mais diz respeito à conjunção do céu com o género humano, note-se que o próprio Senhor influi em cada homem, segundo a ordem do céu, tanto nos seus íntimos como nos

seus extremos, dispondo-o para receber o céu e governando os seus extremos a partir dos íntimos e, ao mesmo tempo, os íntimos a partir dos extremos; mantém assim em conexão todas e cada uma das coisas no homem. Este influxo do Senhor chama-se influxo imediato, enquanto o outro, que se realiza por intermédio de espíritos, se chama influxo mediato. O segundo é mantido por meio do primeiro. O influxo imediato, que é o do próprio Senhor, procede do Seu Humano Divino e entra na vontade do homem e, pela vontade, no entendimento; portanto, no seu bem e, pelo bem, na sua verdade, ou, o que é o mesmo, no seu amor e, pelo amor, na sua fé. Não se dá o inverso, e muito menos influi na fé separada do amor, na verdade separada do bem ou num entendimento que não proceda da vontade. Este influxo divino é incessante e, nos bons, é recebido no bem, mas não nos maus; pois nestes é rejeitado, sufocado ou pervertido, tendo eles, por conseguinte, uma vida má, que, no sentido espiritual, é a morte.[4]

298. Os espíritos que estão junto do homem, tanto os que estão unidos ao céu como os que estão unidos ao inferno, nunca influem nele a partir da sua própria memória e do pensamento que dela procede; pois, se influíssem a partir do seu próprio pensamento, tudo o que lhes pertence pareceria ao homem ser seu (ver acima, n.º 256). Contudo, por intermédio deles, influi no homem, a partir do céu, uma afeição pertencente ao amor do bem e da verdade, e, a partir do inferno, uma afeição pertencente ao amor do mal e da falsidade. Por isso, na medida em que a afeição do homem concorda com a afeição que influi, esta é recebida no seu pensamento, pois o pensamento interior do homem está inteiramente de acordo com

a sua afeição ou amor; mas, na medida em que a sua afeição não concorda com ela, não é recebida. É, pois, evidente que, não sendo introduzido no homem, por intermédio dos espíritos, o pensamento, mas apenas uma afeição pelo bem e uma afeição pelo mal, o homem tem escolha, porque possui liberdade; pode, assim, pelo seu pensamento, receber o bem e rejeitar o mal, pois sabe pela Palavra o que é bom e o que é mau. Além disso, tudo o que recebe pelo pensamento a partir da afeição é apropriado por ele; mas aquilo que não recebe pelo pensamento a partir da afeição não é apropriado por ele. Tudo isto torna evidente a natureza do influxo do bem proveniente do céu no homem e a do influxo do mal proveniente do inferno.

299. Foi-me também permitido conhecer a origem da ansiedade humana, do pesar da mente e da tristeza interior a que se chama melancolia. Há espíritos que ainda não estão em conjunção com o inferno, porque se encontram no seu primeiro estado; serão descritos adiante, quando se tratar do mundo dos espíritos. Tais espíritos amam coisas não digeridas e nocivas, como as que pertencem aos alimentos que se corrompem no estômago; por conseguinte, estão presentes junto do homem nessas coisas, porque nelas encontram deleite, e aí falam uns com os outros a partir da sua própria afeição má. A afeição presente na sua fala influi desta origem no homem; quando é oposta à afeição do homem, surgem nele tristeza e ansiedade melancólica; mas, quando concorda com ela, transforma-se nele em alegria e vivacidade. Esses espíritos aparecem perto do estômago, uns à esquerda, outros à direita, uns por baixo e outros por cima, mais

próximos ou mais afastados, variando assim segundo as suas afeições. Que esta é a origem da ansiedade da mente foi-me mostrado e demonstrado por muita experiência. Vi esses espíritos, ouvi-os, senti as ansiedades que deles provinham e falei com eles; quando eram afastados, a ansiedade cessava; quando regressavam, a ansiedade voltava; e observei o seu aumento e diminuição segundo a aproximação ou o afastamento deles. Daqui tornou-se-me claro por que razão alguns, que não sabem o que é a consciência porque não a possuem, atribuem as suas dores ao estômago.[5]

300. A conjunção do céu com o homem não é como a conjunção de um homem com outro, mas faz-se com os interiores da mente do homem, isto é, com o seu homem espiritual ou interno; embora haja uma conjunção com o seu homem natural ou externo por meio de correspondências, que será descrita no capítulo seguinte, ao tratar-se da conjunção do céu com o homem por meio da Palavra.

301. No capítulo seguinte mostrar-se-á também que a conjunção do céu com o género humano e do género humano com o céu é tal que um tem a sua existência permanente com o outro.

302. Falei com os anjos acerca da conjunção do céu com o género humano, dizendo que, embora o homem da Igreja declare que todo o bem procede de Deus e que os anjos estão junto do homem, poucos acreditam que os anjos estão unidos ao homem, e menos ainda que estão no seu pensamento e na sua afeição. Os

anjos responderam que sabiam que tal crença e tal modo de falar ainda existiam no mundo e, para sua surpresa, especialmente no seio da Igreja, onde a Palavra está presente para ensinar os homens acerca do céu e da sua conjunção com o homem. Contudo, existe uma conjunção tal que o homem não consegue pensar a mais pequena coisa se não lhe estiverem associados espíritos, e disso depende a sua vida espiritual. Disseram que a causa da ignorância neste assunto é a crença do homem de que vive por si mesmo e não tem ligação com o Primeiro Ser [Esse] da vida, juntamente com o desconhecimento de que essa ligação existe por meio dos céus; e, no entanto, se tal ligação fosse interrompida, o homem cairia morto imediatamente. Se o homem acreditasse, como é realmente verdade, que todo o bem procede do Senhor e todo o mal do inferno, não faria do bem em si motivo de mérito, nem o mal lhe seria imputado; pois, em todo o bem que pensa e faz, olharia então para o Senhor, e todo o mal que nele influísse seria lançado no inferno, de onde provém. Mas, como o homem não acredita que coisa alguma influa nele, seja do céu, seja do inferno, e supõe, por isso, que tudo o que pensa e quer está em si e procede de si, apropria-se do mal e mancha com o mérito o bem que nele influi.

CAPÍTULO 34

A Conjunção do Céu com o Homem por Meio da Palavra

303. Os que pensam a partir da razão interior podem ver que todas as coisas estão ligadas, por intermédios, ao Primeiro, e que aquilo que não está ligado se dissipa. Pois, ao refletirem, sabem que nada pode subsistir por si mesmo, mas apenas a partir do que lhe é anterior, e, portanto, todas as coisas a partir de um Primeiro; sabem também que a ligação com o que é anterior é como a ligação de um efeito à sua causa eficiente, pois, quando a causa eficiente é retirada do seu efeito, este dissolve-se e dispersa-se. Porque pensavam assim, os eruditos viram e disseram que a subsistência é um surgir perpétuo; portanto, todas as coisas subsistem a partir de um Primeiro e, assim como surgiram desse Primeiro, também dele surgem perpetuamente, isto é, dele subsistem. Mas não se pode explicar em poucas palavras a ligação de cada coisa com aquilo que lhe é anterior e, assim, com o Primeiro, origem de todas as coisas, porque essa ligação é variada e diversa. Só se pode dizer, em geral, que existe uma ligação do mundo natural com o mundo espiritual e que, por conseguinte, há uma correspondência entre todas as coisas do mundo natural e todas as coisas do espiritual

(ver nos 103–115); e também que existe uma ligação e, consequentemente, uma correspondência entre todas as coisas do homem e todas as coisas do céu (ver nos 87–102).

304. O homem foi criado para ter conjunção e ligação com o Senhor, mas apenas associação com os anjos do céu. O homem tem associação com os anjos, mas não conjunção, porque, quanto aos interiores da sua mente, é, pela criação, semelhante a um anjo, possuindo uma vontade e um entendimento semelhantes. Por conseguinte, se viveu de acordo com a ordem divina, depois da morte torna-se um anjo, com a mesma sabedoria de um anjo. Por isso, quando se fala da conjunção do homem com o céu, entende-se a sua conjunção com o Senhor e a sua associação com os anjos; pois o céu é céu pelo Divino do Senhor, e não pelo que é estritamente próprio dos anjos [proprium]. Que é o Divino do Senhor que constitui o céu pode ver-se acima (nos 7–12).

(2) Mas o homem tem algo além do que os anjos possuem: não está apenas no mundo espiritual quanto aos seus interiores, mas, ao mesmo tempo, no mundo natural quanto aos seus exteriores. Os seus exteriores que estão no mundo natural são todas as coisas da sua memória natural ou externa e do pensamento e da imaginação que dela procedem; em geral, os conhecimentos e as ciências, com os seus deleites e prazeres na medida em que participam do mundo, e também muitos prazeres dos sentidos corporais, juntamente com os próprios sentidos, a fala e os atos. Todos estes são os últimos em que termina o influxo divino do Senhor; pois esse influxo

não se detém a meio, mas prossegue até aos seus últimos. Tudo isto mostra que o último da ordem divina está no homem; e, sendo o último, é também a base e o fundamento.

(3) Como o influxo divino do Senhor não se detém a meio, mas prossegue até aos seus últimos, como se disse, e como esse meio por onde passa é o céu angélico, enquanto o último está no homem, e como nada pode existir sem ligação, segue-se que a ligação e a conjunção do céu com o género humano são tais que um subsiste a partir do outro. O género humano separado do céu seria como uma corrente sem gancho, e o céu sem o género humano seria como uma casa sem alicerces.[1]

305. Mas o homem cortou esta ligação com o céu, desviando os seus exteriores do céu e voltando-os para o mundo e para si mesmo pelo amor de si e do mundo; afastou-se assim de tal modo que deixou de servir de base e fundamento ao céu. Por isso, o Senhor providenciou um meio para ocupar o lugar dessa base e desse fundamento do céu, e também para a conjunção do céu com o homem. Esse meio é a Palavra. De que modo a Palavra serve de meio foi mostrado em muitas passagens dos *Arcanos Celestes*, todas reunidas no pequeno tratado sobre *O Cavalo Branco* mencionado no Apocalipse; também no apêndice de *A Nova Jerusalém e a Sua Doutrina Celeste*, do qual se juntam aqui algumas notas.[2]

306. Disseram-me do céu que os povos mais antigos, por terem os seus interiores voltados para o céu, recebiam revelação imediata, e que, por este meio, existia então uma conjunção do Senhor com o género humano. Depois dos seus tempos, porém, já não houve essa revelação imediata, mas uma revelação mediata por meio de correspondências, visto que todo o culto divino consistia então em correspondências; por esta razão, as Igrejas desse tempo eram chamadas Igrejas representativas. Sabia-se então o que era a correspondência e o que era a representação, e que todas as coisas na terra correspondem às coisas espirituais no céu e na Igreja, ou, o que é o mesmo, as representam. Por isso, as coisas naturais que constituíam os externos do seu culto serviam-lhes de meios para pensar espiritualmente, isto é, pensar com os anjos. Quando o conhecimento das correspondências e das representações se apagou da memória, foi escrita uma Palavra na qual todas as palavras e os seus significados são correspondências, contendo, assim, um sentido espiritual ou interno, no qual estão os anjos. Por conseguinte, quando um homem lê a Palavra e a percebe segundo o sentido da letra, ou sentido externo, os anjos percebem-na segundo o sentido interno, ou espiritual; pois todo o pensamento dos anjos é espiritual, enquanto o pensamento do homem é natural. Estes dois géneros de pensamento parecem diversos; contudo, formam uma unidade porque correspondem. Foi assim que, quando o homem se separou do céu e cortou o vínculo, o Senhor providenciou, por meio da Palavra, um meio de conjunção do céu com o homem.

307. Ilustrarei por algumas passagens da Palavra a maneira como o céu se une ao homem por seu intermédio. A «Nova Jerusalém» é descrita no Apocalipse nestes termos:

> **Vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado. E vi a cidade santa, a Nova Jerusalém, descer do céu, de junto de Deus. A cidade era quadrangular, e o seu comprimento era igual à sua largura; um anjo mediu a cidade com uma cana: doze mil estádios; o seu comprimento, a sua largura e a sua altura são iguais. Mediu também a sua muralha: cento e quarenta e quatro côvados, medida de homem, isto é, de anjo. A muralha era construída de jaspe, mas a própria cidade era de ouro puro, semelhante a vidro puro; e os alicerces da muralha estavam adornados com toda a espécie de pedras preciosas. As doze portas eram doze pérolas; e a rua da cidade era de ouro puro, como vidro transparente (21:1, 2, 16–19, 21).**

Quando o homem lê estas palavras, compreende-as apenas segundo o sentido da letra: que o céu visível e a terra hão de perecer, que surgirá um novo céu e que, sobre a nova terra, descerá a cidade santa de Jerusalém, com todas as dimensões aqui descritas. Mas os anjos que estão junto do homem compreendem estas coisas de um modo inteiramente diferente: tudo o que o homem compreende naturalmente, eles compreendem espiritualmente.

(2) Pelo «novo céu e nova terra», entendem uma nova Igreja; pela «cidade de Jerusalém que desce do céu, de junto de Deus», entendem a sua doutrina celeste revelada pelo Senhor; pelo «seu comprimento, largura e altura, que são iguais», e pelos «doze mil estádios», entendem todos os bens e verdades

dessa doutrina no seu conjunto; pela sua «muralha», entendem as verdades que a protegem; pela «medida da muralha, cento e quarenta e quatro côvados, que é medida de homem, isto é, de anjo», entendem todas essas verdades protetoras no seu conjunto e a sua qualidade; pelas «doze portas, que eram pérolas», entendem as verdades introdutórias, pois as «pérolas» significam tais verdades; pelos «alicerces da muralha, que eram de pedras preciosas», entendem os conhecimentos em que essa doutrina se funda; pelo «ouro semelhante a vidro puro», de que a cidade e a sua rua eram feitas, entendem o bem do amor, que torna transparentes a doutrina e as suas verdades. É assim que os anjos percebem todas estas coisas, e não como o homem as percebe. As ideias naturais do homem passam assim a ideias espirituais nos anjos, sem que estes saibam coisa alguma do sentido da letra da Palavra, isto é, de «um novo céu e uma nova terra», de «uma nova cidade de Jerusalém», da sua «muralha, dos alicerces da muralha e das suas dimensões». E, contudo, os pensamentos dos anjos formam uma unidade com os pensamentos do homem, porque correspondem; formam uma unidade quase da mesma maneira que as palavras de quem fala formam uma unidade com a compreensão de quem ouve e atende apenas ao sentido, não às palavras. Tudo isto mostra como o céu se une ao homem por meio da Palavra.

(3) Tomemos outro exemplo da Palavra:

> Naquele dia haverá um caminho do Egito para a Assíria; a Assíria virá ao Egito e o Egito à Assíria, e os egípcios servirão a Assíria. Naquele dia, Israel será o terceiro com o Egito e a Assíria, uma bênção no meio da terra, que Jeová dos exércitos abençoará, dizendo: Bendito seja o Meu povo, o egípcio, e o assírio, obra das Minhas mãos, e Israel, a Minha herança (Isaías 19:23–25).

O que o homem pensa ao ler estas palavras, e o que os anjos pensam, pode ver-se pelo sentido da letra da Palavra e pelo seu sentido interno. A partir do sentido da letra, o homem pensa que os egípcios e os assírios se converterão a Deus, serão aceites e se tornarão então um só com a nação israelita; mas os anjos, segundo o sentido interno, pensam no homem da Igreja espiritual, aqui descrito nesse sentido: o seu espiritual é «Israel», o seu natural é o «egípcio», e o seu racional, que é o intermédio, é o «assírio».[3] Contudo, estes dois sentidos formam uma unidade porque correspondem; por isso, quando os anjos pensam assim espiritualmente e o homem naturalmente, estão unidos quase como o corpo e a alma. Com efeito, o sentido interno da Palavra é a sua alma, e o sentido da letra é o seu corpo. Assim é a Palavra em toda a sua extensão. Isto mostra que ela é um meio de conjunção do céu com o homem e que o seu sentido literal serve de base e fundamento.

308. Por meio da Palavra, há também uma conjunção do céu com os que estão fora da Igreja, onde não existe a Palavra; pois a Igreja do Senhor é universal e está com todos os que reconhecem o Divino e vivem na caridade. Além disso, depois da morte, estes são ensinados pelos anjos e recebem as verdades divinas;[4] acerca

deste assunto, pode ver-se mais adiante, no capítulo sobre os gentios. Aos olhos do Senhor, a Igreja universal na terra assemelha-se a um só homem, tal como o céu (ver n^{os} 59–72); mas a Igreja onde existe a Palavra e onde por ela se conhece o Senhor é como o coração e os pulmões nesse homem. Sabe-se que todas as vísceras e membros do corpo inteiro recebem a sua vida do coração e dos pulmões por diversas derivações; e é assim que vivem os membros do género humano que estão fora da Igreja onde existe a Palavra e que constituem os membros desse homem. Além disso, a conjunção do céu, por meio da Palavra, com os que estão distantes pode comparar-se à luz que irradia de um centro em todas as direções. A luz divina está na Palavra, e aí o Senhor está presente com o céu; por essa presença, os que estão distantes encontram-se na luz. Seria diferente se não existisse a Palavra. Isto pode ver-se mais claramente pelo que acima se mostrou acerca da forma do céu, segundo a qual todos os que estão no céu se associam e comunicam. Mas, embora este arcano possa ser compreendido pelos que estão na luz espiritual, não pode sê-lo pelos que estão apenas na luz natural; pois os que estão na luz espiritual veem claramente inúmeras coisas que os que estão apenas na luz natural não veem, ou veem obscuramente como uma só coisa.

309. Se não tivesse sido dada nesta terra uma Palavra assim, o homem desta terra teria ficado separado do céu; separado do céu, teria deixado de ser racional, pois o racional humano existe por um influxo da luz do céu. Além disso, o homem desta terra é tal que não é capaz de receber revelação imediata e de, por ela, ser ensinado acerca das verdades divinas, como os habitantes de

outras terras, que foram especialmente descritos noutro pequeno tratado. Pois o homem desta terra está mais nas coisas mundanas, isto é, nos externos, do que os homens de outras terras; e são as coisas internas que recebem a revelação. Se esta fosse recebida nas coisas externas, a verdade não seria compreendida. Que o homem desta terra é assim torna-se claramente evidente pelo estado dos que estão dentro da Igreja: embora saibam pela Palavra acerca do céu, do inferno e da vida depois da morte, negam estas coisas no coração; e, entre eles, há alguns que adquiriram uma reputação eminente de erudição e que, por isso, se poderia supor serem mais sábios do que os outros.

310. Por vezes falei com os anjos acerca da Palavra, dizendo que alguns a desprezam devido à simplicidade do seu estilo e que nada se sabe acerca do seu sentido interno, razão pela qual não se acredita que nela esteja escondida tanta sabedoria. Os anjos disseram que, embora o estilo da Palavra pareça simples no sentido da letra, a sua excelência é tal que nada pode comparar-se-lhe, pois a sabedoria divina está oculta não apenas no sentido como um todo, mas também em cada palavra; e, no céu, essa sabedoria resplandece. Quiseram afirmar que essa sabedoria é a luz do céu, porque é a verdade divina, pois o que resplandece no céu é a verdade divina (ver n.º 132). Disseram ainda que, sem uma Palavra assim, não haveria luz do céu junto dos homens da nossa terra, nem conjunção do céu com eles; pois só há conjunção na medida em que a luz do céu está presente no homem, e essa luz só está presente na medida em que a verdade divina lhe é revelada por meio da Palavra. Esta conjunção, realizada pela correspondência do

sentido espiritual da Palavra com o seu sentido natural, é desconhecida do homem, porque o homem desta terra nada sabe acerca do pensamento e da linguagem espirituais dos anjos e da maneira como diferem do pensamento e da linguagem naturais dos homens; enquanto isto não for conhecido, não se poderá saber minimamente o que é o sentido interno e que tal conjunção é, por conseguinte, possível por meio desse sentido. Disseram, além disso, que, se o homem conhecesse esse sentido e, ao ler a Palavra, pensasse de acordo com algum conhecimento dele, entraria na sabedoria interior e ficaria ainda mais unido ao céu, pois, por esse meio, entraria em ideias semelhantes às dos anjos.

CAPÍTULO 35

O Céu e o Inferno Provêm do Género Humano

311. No mundo cristão ignora-se inteiramente que o céu e o inferno provêm do género humano, pois acredita-se que, no princípio, foram criados anjos e que assim se formou o céu; acredita-se também que o diabo, ou Satanás, era um anjo de luz, mas que, tendo-se rebelado, foi precipitado com os seus companheiros, formando-se assim o inferno. Os anjos não deixam de se admirar com tal crença no mundo cristão, e ainda mais com o facto de nada se saber realmente acerca do céu, quando este é, na verdade, o princípio primordial de toda a doutrina na Igreja. Mas, como tal ignorância prevalece, alegram-se de coração por ter agradado ao Senhor revelar agora ao género humano muitas coisas acerca do céu e do inferno, dissipando assim, tanto quanto possível, as trevas que têm aumentado diariamente porque a Igreja chegou ao seu fim.

(2) Por esta razão, desejam que eu declare, pelas suas próprias palavras, que em todo o céu não existe um único anjo que tenha sido criado como tal desde o princípio, nem no inferno qualquer diabo que tenha sido criado anjo de luz e depois

precipitado; todos, tanto no céu como no inferno, provêm do género humano. No céu estão os que viveram no mundo no amor e na fé celestes; no inferno, os que viveram no amor e na fé infernais. É também o inferno, tomado no seu conjunto, que se chama Diabo e Satanás: o nome Diabo é dado ao inferno situado atrás, onde estão os chamados génios maus, e o nome Satanás ao inferno situado à frente, onde estão os chamados espíritos maus.[1] A natureza destes infernos será descrita nas páginas seguintes.

(3) Os anjos disseram que o mundo cristão formou tal crença acerca dos habitantes do céu e do inferno a partir de algumas passagens da Palavra entendidas apenas segundo o sentido da letra, sem serem esclarecidas e explicadas pela doutrina genuína extraída da Palavra; embora o sentido da letra da Palavra, enquanto não é iluminado pela doutrina genuína, arraste a mente em diferentes direções, gerando ignorância, heresias e erros.[2]

312. O homem da Igreja deriva também esta crença da ideia de que ninguém entra no céu ou no inferno antes do Juízo Final; acerca deste, aceitou a opinião de que todas as coisas visíveis hão de perecer então e de que surgirão coisas novas, e de que a alma regressará ao corpo, voltando o homem, por essa união, a viver como homem. Esta crença envolve a outra, de que os anjos foram criados como tais desde o princípio; pois é impossível acreditar que o céu e o inferno provêm do género humano quando se acredita que nenhum homem pode entrar neles antes do fim do mundo.

(2) Mas, para que os homens pudessem convencer-se de que isto não é verdade, foi-me concedido estar na companhia dos anjos e também falar com os que estão no inferno, já há alguns anos, por vezes continuamente desde a manhã até à noite, e ser assim informado acerca do céu e do inferno. Isto foi permitido para que o homem da Igreja deixe de persistir na sua crença errónea acerca da ressurreição no tempo do juízo, do estado da alma, entretanto, e também dos anjos e do diabo. Como esta crença assenta no que é falso, envolve a mente em trevas; e, nos que pensam nestas coisas a partir da sua própria inteligência, suscita a dúvida e, por fim, a negação. Pois dizem no coração: «Como pode um céu tão vasto, com tantas constelações, com o Sol e a Lua, ser destruído e dissipado? Como podem as estrelas, que são maiores do que a terra, cair do céu sobre a terra? Poderão os corpos devorados pelos vermes, consumidos pela corrupção e dispersos por todos os ventos reunir-se de novo às suas almas? E onde está a alma, entretanto, e o que é ela quando privada dos sentidos que tinha no corpo?»

(3) E muitas outras coisas semelhantes, que, sendo incompreensíveis, não podem ser acreditadas e destroem em muitos a crença na vida da alma depois da morte e a crença no céu e no inferno e, com estas, noutras matérias da fé da Igreja. Que esta crença foi destruída torna-se evidente por se dizer: «Quem alguma vez veio do céu dizer-nos que existe um céu? O que é o inferno? Existe algum? Que é isso de o homem ser atormentado pelo fogo por toda a eternidade? O que é o

dia do juízo? Não tem sido esperado em vão durante séculos?» E outras coisas que envolvem a negação de tudo.

(4) Por isso, para que os que pensam desta maneira — como muitos dos que, pela sua sabedoria mundana, são considerados eruditos e instruídos — deixem de confundir e desviar os simples na fé e no coração e de introduzir trevas infernais acerca de Deus, do céu, da vida eterna e de tudo o que disso depende, os interiores do meu espírito foram abertos pelo Senhor. Foi-me assim permitido falar, depois da sua morte, com todos os que conhecera na vida do corpo: com alguns durante dias, com outros durante meses, com outros durante um ano; e também com tantos outros que não exageraria se dissesse cem mil, muitos dos quais estavam no céu e muitos no inferno. Falei também com alguns dois dias depois da sua morte e disse-lhes que estavam então a realizar-se as suas cerimónias fúnebres e exéquias, em preparação para o enterro. Responderam que era bom pôr de parte aquilo que lhes servira de corpo e para as funções corporais no mundo; e desejavam que eu dissesse que não estavam mortos, mas viviam como homens, tal como antes, tendo apenas passado de um mundo para o outro. Não sentiam ter perdido coisa alguma, pois tinham um corpo e os seus sentidos como antes, e também entendimento e vontade como antes, com pensamentos e afeições, sensações e desejos semelhantes aos que tinham no mundo.

(5) A maioria dos que tinham morrido recentemente, ao verem-se homens vivos como antes e num estado semelhante — pois, depois da morte, o estado de vida de cada um é inicialmente tal como era no mundo, mudando gradualmente em direção ao céu ou ao inferno —, era tomada por uma nova alegria por estar viva, dizendo que não acreditara que assim fosse. Admiravam-se, porém, muito por terem vivido em tamanha ignorância e cegueira acerca do estado da sua vida depois da morte; sobretudo, por o homem da Igreja se encontrar em tal ignorância e cegueira, quando, acima de todos os outros no mundo inteiro, poderia ser claramente esclarecido a este respeito.[3] Começavam então a ver a causa dessa cegueira e ignorância: as coisas externas, relativas ao mundo e ao corpo, tinham ocupado e preenchido de tal modo as suas mentes que estas não podiam ser elevadas à luz do céu e considerar as coisas da Igreja para além das suas formulações doutrinais. Pois, quando se amam as coisas relativas ao corpo e ao mundo, como sucede atualmente, só trevas influem na mente quando se vai além dessas doutrinas.

313. Muitíssimos eruditos do mundo cristão ficam espantados quando, depois da morte, se encontram num corpo, vestidos e em casas, como no mundo. Ao recordarem o que tinham pensado acerca da vida depois da morte, da alma, dos espíritos, do céu e do inferno, envergonham-se e confessam que tinham pensado insensatamente, e que os simples na fé pensavam com muito mais sabedoria do que eles. Quando foram examinadas as mentes de homens eruditos que se tinham confirmado nessas ideias e

atribuído todas as coisas à natureza, verificou-se que os seus interiores estavam inteiramente fechados e os exteriores abertos; olhavam para o mundo e, assim, para o inferno, não para o céu. Pois, na medida em que os interiores do homem estão abertos, ele olha para o céu; mas, na medida em que os seus interiores estão fechados e os exteriores abertos, olha para o inferno. Os interiores do homem foram formados para receber todas as coisas do céu, e os exteriores para receber todas as coisas do mundo; os que recebem o mundo sem receber também o céu recebem o inferno.[4]

314. Que o céu provém do género humano pode ver-se também pelo facto de as mentes angélicas e humanas serem semelhantes: ambas possuem a capacidade de compreender, perceber e querer, e ambas foram formadas para receber o céu. A mente humana é tão capaz de se tornar sábia como a angélica; se não alcança tal sabedoria no mundo, é porque se encontra num corpo terreno e, nesse corpo, a sua mente espiritual pensa naturalmente. Mas, quando a mente se liberta dos vínculos desse corpo, sucede de outro modo: já não pensa naturalmente, mas espiritualmente; e, quando pensa espiritualmente, os seus pensamentos são incompreensíveis e inefáveis para o homem natural. Torna-se, assim, sábia como um anjo. Tudo isto mostra que a parte interna do homem, chamada seu espírito, é, na sua essência, um anjo (ver acima, n.º 57);[5] e, quando se liberta do corpo terreno, tem, tal como o anjo, uma forma humana. Que um anjo tem uma forma humana completa pode ver-se acima (nos 73–77). Contudo, quando o interno do homem não está aberto para cima, mas apenas para baixo, continua, depois de se libertar do corpo, a ter uma forma

humana, mas uma forma horrível e diabólica, pois só pode olhar para baixo, em direção ao inferno, e não para cima, em direção ao céu.

315. Além disso, qualquer pessoa instruída acerca da ordem divina pode compreender que o homem foi criado para se tornar um anjo, porque nele está o último da ordem (n.º 304), no qual aquilo que pertence à sabedoria celeste e angélica pode adquirir forma, renovar-se e multiplicar-se. A ordem divina nunca se detém a meio para aí formar algo separado de um último, pois aí não está na sua plenitude e completude; prossegue até ao último. Quando está no seu último, adquire a sua forma e, pelos meios aí reunidos, renova-se e continua a produzir-se, o que se realiza pela procriação. Por isso, o viveiro do céu está no último.

316. O Senhor ressuscitou não apenas quanto ao Seu espírito, mas também quanto ao Seu corpo, porque, quando esteve no mundo, glorificou todo o Seu Humano, isto é, tornou-o Divino. A Sua alma, que recebera do Pai, era em si mesma o próprio Divino, enquanto o Seu corpo se tornou uma semelhança da alma, isto é, do Pai, sendo, portanto, também Divino. É por isso que Ele, diferentemente de qualquer homem, ressuscitou quanto a ambos;[6] e manifestou-o aos discípulos, que, ao vê-Lo, julgavam ver um espírito, dizendo:

> **Vede as Minhas mãos e os Meus pés: sou Eu mesmo; tocai-Me e vede, pois, um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho (Lucas 24:36–39).**

Indicava assim que era homem tanto quanto ao Seu espírito como quanto ao Seu corpo.

317. Para tornar claro que o homem vive depois da morte e entra, segundo a sua vida no mundo, no céu ou no inferno, foram-me reveladas muitas coisas acerca do estado do homem depois da morte. Serão apresentadas pela devida ordem nas páginas seguintes, onde se trata do mundo dos espíritos.

CAPÍTULO 36

Os Gentios ou Povos Exteriores à Igreja no Céu

318. Há uma opinião generalizada de que os que nasceram fora da Igreja, chamados nações ou gentios, não podem ser salvos, porque, não tendo a Palavra, nada sabem acerca do Senhor, e fora do Senhor não há salvação. Mas que também estes são salvos fica assegurado apenas por isto: a misericórdia do Senhor é universal, isto é, estende-se a cada indivíduo; estes, tal como os que estão dentro da Igreja, que em comparação são poucos, nascem homens; e a sua ignorância do Senhor não é culpa sua. Qualquer pessoa que pense a partir de uma razão esclarecida pode ver que nenhum homem nasce para o inferno, pois o Senhor é o próprio amor, e o Seu amor é querer a salvação de todos. Por isso, providenciou uma religião para cada um e, por meio dela, o reconhecimento do Divino e a vida interior; pois viver de acordo com a própria religião é viver interiormente, visto que então se olha para o Divino e, na medida em que se olha para o Divino, não se olha para o mundo, mas separa-se dele, isto é, da vida do mundo, que é a vida exterior.[1]

319. Que os gentios são salvos tal como os cristãos pode vê-lo qualquer pessoa que saiba o que constitui o céu no homem; pois o

céu está dentro do homem, e os que têm o céu dentro de si entram no céu. O céu no homem consiste em reconhecer o Divino e ser conduzido pelo Divino. A primeira e principal coisa de toda a religião é reconhecer o Divino. Uma religião que não reconhece o Divino não é religião. Os preceitos de toda a religião visam o culto, portanto a maneira como o Divino deve ser adorado para que o culto Lhe seja aceitável; e, quando isto fica estabelecido na mente de alguém, isto é, na medida em que o quer ou o ama, é conduzido pelo Senhor. Todos sabem que os gentios, tal como os cristãos, vivem uma vida moral, e muitos deles uma vida melhor do que a dos cristãos. A vida moral pode ser vivida por consideração pelo Divino ou por consideração pelos homens no mundo; uma vida moral vivida por consideração pelo Divino é uma vida espiritual. Na forma exterior, ambas parecem iguais, mas na forma interior são inteiramente diferentes: uma salva o homem, a outra não. Pois quem vive uma vida moral por consideração pelo Divino é conduzido pelo Divino; quem a vive por consideração pelos homens no mundo é conduzido por si mesmo.

(2) Isto pode ilustrar-se com um exemplo. Quem se abstém de fazer mal ao próximo porque isso é contrário à religião, isto é, ao Divino, abstém-se de fazer mal por um motivo espiritual; quem, porém, se abstém de fazer mal a outro apenas por medo da lei, de perder a reputação, a honra ou o ganho, isto é, por consideração por si e pelo mundo, abstém-se de fazer mal por um motivo natural e é conduzido por si mesmo. A vida deste é natural, e a do primeiro é espiritual. O homem cuja vida moral é espiritual tem o céu dentro de si; mas aquele cuja vida moral

é apenas natural não tem o céu dentro de si. A razão é que o céu influi de cima, abre os interiores do homem e, através deles, influi nos seus exteriores; o mundo, por seu lado, influi de baixo e abre os exteriores, mas não os interiores. Pois não pode haver influxo do mundo natural no espiritual, mas apenas do mundo espiritual no natural; por isso, se o céu não for também recebido, os interiores permanecem fechados. Tudo isto torna claro quem são os que recebem o céu dentro de si e quem são os que não o recebem.

(3) Contudo, o céu não é igual numa pessoa e noutra. Difere em cada um segundo a sua afeição pelo bem e pela verdade desse bem. Os que estão numa afeição pelo bem por consideração pelo Divino amam a verdade divina, pois o bem e a verdade amam-se e desejam unir-se.[2] Isto explica por que razão os gentios, embora não estejam nas verdades genuínas no mundo, recebem, por causa do seu amor, as verdades na outra vida.

320. Certo espírito de entre os gentios, que no mundo vivera no bem da caridade segundo a sua religião, ouviu espíritos cristãos raciocinarem acerca do que era necessário crer — pois os espíritos raciocinam entre si muito mais profundamente e com maior subtileza do que os homens, sobretudo acerca do bem e da verdade. Admirou-se com tais contendas e disse que não desejava escutá-las, porque raciocinavam a partir de aparências e falácias; e deu-lhes este ensinamento: «Se sou bom, posso conhecer, a partir

do próprio bem, o que é verdadeiro; e aquilo que não sei, posso recebê-lo.»

321. Foi-me ensinado de muitas maneiras que os gentios que levaram uma vida moral e viveram na obediência, na subordinação e na caridade mútua segundo a sua religião, recebendo assim algo de consciência, são aceites na outra vida e aí instruídos pelos anjos, com solícito cuidado, nos bens e nas verdades da fé. Ao serem ensinados, comportam-se com modéstia, inteligência e sabedoria, aceitando prontamente as verdades e adotando-as. Não elaboraram para si princípios de falsidade contrários às verdades da fé que precisem de ser afastados, muito menos objeções capciosas contra o Senhor, como muitos cristãos, que não têm d'Ele outra ideia senão a de um homem comum. Os gentios, pelo contrário, quando ouvem que Deus Se tornou Homem e assim Se manifestou no mundo, reconhecem-no imediatamente e adoram o Senhor, dizendo que, porque Deus é o Deus do céu e da terra, e porque o género humano Lhe pertence, Se revelou plenamente aos homens.[3] É uma verdade divina que fora do Senhor não há salvação; mas isto deve entender-se no sentido de que não há salvação senão a partir do Senhor. Há muitas terras no universo, todas cheias de habitantes, dos quais quase nenhum sabe que o Senhor assumiu o Humano na nossa terra. Contudo, porque adoram o Divino sob forma humana, são aceites e conduzidos pelo Senhor. Sobre este assunto pode ver-se mais no pequeno tratado *As Terras no Universo*.

322. Entre os gentios, como entre os cristãos, há sábios e simples. Para que eu pudesse conhecê-los, foi-me permitido falar com uns e outros, por vezes durante horas e dias. Mas já não existem agora sábios como nos tempos antigos, especialmente na Igreja Antiga, que se estendeu por grande parte do mundo asiático e da qual a religião se difundiu por muitas nações. Para que pudesse conhecê-los plenamente, foi-me permitido conversar familiarmente com alguns desses sábios. Esteve comigo alguém que fora um dos mais sábios do seu tempo e, por conseguinte, bem conhecido no mundo erudito, com quem conversei sobre diversos assuntos, tendo razões para acreditar que era Cícero. Sabendo que era um homem sábio, falei com ele acerca da sabedoria, da inteligência, da ordem, da Palavra e, por fim, do Senhor.

(2) Acerca da sabedoria, disse que não há outra sabedoria senão a da vida, e que a sabedoria não pode dizer-se de mais nada; acerca da inteligência, que procede da sabedoria; acerca da ordem, que procede do Deus Supremo, e que viver nessa ordem é ser sábio e inteligente. Quanto à Palavra, quando lhe li algo dos profetas, ficou profundamente deleitado, sobretudo por cada nome e cada palavra significarem coisas interiores; admirou-se muito de os eruditos de hoje não se deleitarem com semelhante estudo. Vi claramente que os interiores do seu pensamento, ou da sua mente, tinham sido abertos. Disse que não conseguia ouvir mais, pois percebia algo de mais santo do que podia suportar, sendo tocado tão interiormente.

(3) Por fim, falei-lhe do Senhor, dizendo que, embora tivesse nascido homem, fora concebido de Deus, e que Se despojara do humano materno e revestira do Humano Divino, e que é Ele quem governa o universo. Respondeu que sabia algumas coisas acerca do Senhor e percebia, à sua maneira, que, se o género humano havia de ser salvo, não poderia ter sido de outro modo. Entretanto, alguns maus cristãos introduziram diversas objeções capciosas; mas ele não lhes deu atenção, observando que isso não era estranho, pois, na vida do corpo, tinham absorvido ideias impróprias sobre o assunto e, enquanto não se libertassem delas, não poderiam admitir ideias que confirmassem a verdade, como conseguem os que a ignoram.

323. Foi-me também concedido falar com outros que viveram nos tempos antigos e foram então dos mais sábios. Primeiro apareceram à frente, à distância, e já então podiam perceber os interiores dos meus pensamentos, conhecendo assim muitas coisas plenamente. A partir de uma única ideia do pensamento, eram capazes de discernir toda a série e preenchê-la com coisas deleitosas de sabedoria, combinadas com encantadoras representações. Por isso, percebeu-se que estavam entre os mais sábios; disseram-me que eram alguns dos antigos. Quando se aproximaram, li-lhes algo da Palavra, e deleitaram-se sem medida. Percebi a essência do seu deleite e satisfação, que provinha sobretudo de todas e de cada uma das coisas que ouviam da Palavra representarem e significarem coisas celestes e espirituais. Disseram que, no seu tempo, quando viviam no mundo, a sua maneira de

pensar, falar e também escrever era desta natureza, e que assim procuravam a sabedoria.

324. Quanto aos gentios de hoje, não são tão sábios, mas a maioria é simples de coração. Contudo, os que viveram na caridade mútua recebem sabedoria na outra vida, e podem citar-se um ou dois exemplos. Quando li os capítulos dezassete e dezoito de Juízes, acerca de Micas e de como os filhos de Dan levaram a sua imagem esculpida, os seus terafins e o seu levita, estava presente um espírito gentio que, na vida do corpo, adorara uma imagem esculpida. Escutou atentamente o relato do que fizeram a Micas e do seu desgosto pela imagem que os danitas lhe levaram; foi tomado e comovido por um pesar tão grande que, devido à angústia interior, mal sabia o que pensar. Percebeu-se não apenas esse pesar, mas também a inocência que havia em todas as suas afeições. Os espíritos cristãos presentes observaram-no e admiraram-se de que num adorador de uma imagem esculpida se despertasse tão grande sentimento de compaixão e inocência. Depois, alguns espíritos bons falaram com ele, dizendo que não se deviam adorar imagens esculpidas e que, sendo homem, era capaz de o compreender; que devia pensar, independentemente de uma imagem esculpida, em Deus, Criador e Governador de todo o céu e de toda a terra, e que Deus é o Senhor. Quando isto foi dito, foi-me permitido perceber a natureza interior da sua adoração, que me foi comunicada; era muito mais santa do que a dos cristãos. Isto torna claro que, atualmente, os gentios entram no céu com menos dificuldade do que os cristãos, segundo as palavras do Senhor em Lucas:

> **Virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e sentar-se-ão à mesa no reino de Deus. E eis que há últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos (13:29, 30).**

Pois, no estado em que aquele espírito se encontrava, podia ser imbuído de todas as coisas da fé e recebê-las com afeição interior; havia nele a misericórdia do amor, e na sua ignorância havia inocência. Quando estas estão presentes, todas as coisas da fé são recebidas como que espontaneamente e com alegria. Foi depois recebido entre os anjos.

325. Certa manhã, ouviu-se à distância um coro; pelas representações desse coro, foi-me permitido saber que eram chineses, pois mostravam uma espécie de cabra lanosa, depois um bolo de milho-miúdo e uma colher de ébano, e também a ideia de uma cidade flutuante. Desejavam aproximar-se de mim e, quando se juntaram a mim, disseram que queriam estar a sós comigo para me revelarem os seus pensamentos. Mas disseram-lhes que não estavam sós e que alguns se desagradavam por quererem estar a sós, embora fossem hóspedes. Ao perceberem esse desagrado, começaram a pensar se teriam faltado para com o próximo e se teriam reclamado para si algo que pertencia a outros. Como na outra vida todo o pensamento se comunica, foi-me permitido perceber a agitação das suas mentes. Consistia no reconhecimento de que talvez tivessem prejudicado os que estavam descontentes, na vergonha por isso e noutras afeições dignas; soube-se assim que eram dotados de caridade. Pouco depois falei com eles e, por fim, acerca do Senhor. Quando Lhe chamei «Cristo», percebi neles certa

repugnância; a razão foi revelada: tinham-na trazido do mundo, por terem sabido que os cristãos viviam pior do que eles e eram destituídos de caridade. Mas, quando Lhe chamei simplesmente «Senhor», foram tocados interiormente. Depois, os anjos ensinaram-lhes que a doutrina cristã, mais do que qualquer outra no mundo, prescreve o amor e a caridade, mas que poucos vivem de acordo com ela. Há gentios que, enquanto viviam no mundo, souberam, tanto pelo convívio como por relatos, que os cristãos levam vidas más, entregando-se ao adultério, ao ódio, às contendas, à embriaguez e a coisas semelhantes, que eles próprios abominam por serem contrárias à sua religião. Na outra vida, estes hesitam mais do que os outros em aceitar as verdades da fé; mas os anjos ensinam-lhes que a doutrina cristã, assim como a própria fé, ensina uma vida muito diferente, embora a vida dos cristãos esteja menos de acordo com a sua doutrina do que a dos gentios. Ao reconhecerem isto, recebem as verdades da fé e adoram o Senhor, mas menos prontamente do que os outros.

326. É frequente que os gentios que adoraram algum deus sob uma imagem, estátua ou qualquer figura esculpida sejam, ao entrar na outra vida, apresentados a certos espíritos em lugar dos seus deuses ou ídolos, para se libertarem das suas fantasias. Depois de alguns dias com eles, essas fantasias são afastadas. Também os que adoraram homens são por vezes apresentados aos homens que adoraram, ou a outros em seu lugar — como muitos judeus a Abraão, Jacob, Moisés e David. Mas, ao verem que são humanos como os outros e que não lhes podem prestar auxílio, envergonham-se e são conduzidos aos seus próprios lugares,

segundo a sua vida. Entre os gentios no céu, os africanos são os mais amados, pois recebem os bens e as verdades do céu mais prontamente do que os outros. Desejam especialmente ser chamados obedientes, mas não fiéis. Dizem que, como os cristãos possuem a doutrina da fé, podem ser chamados fiéis; mas eles não, a menos que aceitem essa doutrina ou, como dizem, tenham a capacidade de a aceitar.

327. Falei com alguns que pertenceram à Igreja Antiga. Chama-se Igreja Antiga à que foi estabelecida depois do dilúvio e se estendeu por muitos reinos: Assíria, Mesopotâmia, Síria, Etiópia, Arábia, Líbia, Egito, Filístia até Tiro e Sídon, e pela terra de Canaã, de ambos os lados do Jordão.[4] Os homens dessa Igreja sabiam que o Senhor havia de vir e estavam imbuídos dos bens da fé; contudo, desviaram-se e tornaram-se idólatras. Esses espíritos estavam à frente, para a esquerda, num lugar escuro e num estado miserável. A sua fala era como o som de uma flauta de um só tom, quase sem pensamento racional. Disseram que estavam ali há muitos séculos e que, por vezes, eram retirados para servir outros em certos usos de ordem inferior. Isto levou-me a pensar em muitos cristãos, idólatras interiormente, embora não exteriormente, pois adoram a si mesmos e ao mundo e negam o Senhor no coração, e no destino que os espera na outra vida.

328. Que a Igreja do Senhor se estende por todo o globo, sendo, portanto, universal; que nela estão todos os que viveram no bem da caridade segundo a sua religião; e que a Igreja onde existe a Palavra e onde por ela se conhece o Senhor é, em relação aos que

estão fora dela, como o coração e os pulmões no homem, dos quais todas as vísceras e membros do corpo recebem a sua vida, de maneiras diversas segundo as suas formas, posições e conjunções, pode ver-se acima (n.º 308).

CAPÍTULO 37

As Crianças no Céu

329. Alguns acreditam que só vão para o céu as crianças nascidas dentro da Igreja, e não as que nascem fora dela, porque as crianças da Igreja são batizadas e, pelo batismo, iniciadas na fé da Igreja. Não sabem que ninguém recebe o céu ou a fé pelo batismo; pois o batismo é apenas um sinal e uma lembrança de que o homem deve ser regenerado e de que os que nasceram dentro da Igreja podem ser regenerados, porque aí existe a Palavra, e na Palavra estão as verdades divinas por meio das quais se realiza a regeneração; aí é também conhecido o Senhor, que regenera.[1] Saibam, portanto, que toda a criança, onde quer que nasça, dentro ou fora da Igreja, de pais piedosos ou ímpios, ao morrer é recebida pelo Senhor, educada no céu e ensinada segundo a ordem divina, sendo imbuída de afeições pelo bem e, por meio delas, de conhecimentos da verdade. Depois, à medida que é aperfeiçoada na inteligência e na sabedoria, é introduzida no céu e torna-se um anjo. Qualquer pessoa que pense racionalmente pode ter a certeza de que todos nascem para o céu e ninguém para o inferno; se o homem entra no inferno, ele próprio é culpado, mas as criancinhas não podem ser consideradas culpadas.

330. Quando as crianças morrem, continuam a ser crianças na outra vida, com uma mente igualmente infantil, uma igual inocência na ignorância e uma igual ternura em todas as coisas. Encontram-se apenas nos rudimentos da capacidade de se tornarem anjos, pois as crianças não são anjos: tornam-se anjos. Todos os que saem deste mundo entram no outro no mesmo estado de vida: uma criancinha no estado de criancinha, um menino no estado de menino, um jovem, um adulto ou um velho no estado de jovem, adulto ou velho; mas depois o estado de cada um muda. O estado das criancinhas é superior ao de todos os outros porque estão na inocência e o mal ainda não criou raízes nelas pela vida efetivamente vivida; e, na inocência, podem ser implantadas todas as coisas do céu, pois ela é um recetáculo da verdade da fé e do bem do amor.

331. O estado das crianças na outra vida ultrapassa muito o seu estado no mundo, pois não estão revestidas de um corpo terreno, mas de um corpo semelhante ao dos anjos. O corpo terreno é, em si mesmo, grosseiro e recebe as suas primeiras sensações e os seus primeiros movimentos não do mundo interior ou espiritual, mas do mundo exterior ou natural; por conseguinte, neste mundo, as crianças têm de aprender a andar, a dirigir os seus movimentos e a falar; até os seus sentidos, como a visão e a audição, têm de ser abertos pelo uso. Não sucede assim com as crianças na outra vida. Como são espíritos, agem imediatamente de acordo com os seus interiores, andando sem treino e também falando, embora primeiro a partir de afeições gerais ainda não distinguidas em ideias do pensamento. Mas são rapidamente iniciadas também nestas,

porque os seus exteriores são homogéneos com os seus interiores. A fala dos anjos, como pode ver-se acima (n^{os} 234–245), flui da afeição modificada pelas ideias do pensamento de tal modo que se conforma inteiramente aos seus pensamentos provenientes da afeição.

332. Assim que as criancinhas são ressuscitadas, o que acontece imediatamente depois da morte, são levadas para o céu e confiadas a mulheres angélicas que, na vida do corpo, amaram ternamente as crianças e, ao mesmo tempo, amaram Deus. Como, durante a sua vida no mundo, amaram todas as crianças com uma espécie de ternura maternal, recebem-nas como suas; as crianças, por um instinto nelas implantado, amam-nas como às suas próprias mães. Cada uma tem ao seu cuidado tantas crianças quantas deseja a partir de uma afeição parental espiritual. Este céu aparece à frente, diante da fronte, diretamente na linha ou raio em que os anjos olham para o Senhor. Situa-se assim porque todas as criancinhas estão sob a proteção imediata do Senhor; e nelas influi o céu da inocência, que é o terceiro céu.

333. As criancinhas têm diferentes disposições: algumas a dos anjos espirituais, outras a dos anjos celestiais. As de disposição celestial são vistas nesse céu à direita, e as de disposição espiritual à esquerda. Todas as crianças, no Homem Máximo, que é o céu, estão na região dos olhos: as de disposição espiritual na região do olho esquerdo, e as de disposição celestial na região do olho direito. Assim é porque os anjos do reino espiritual veem o Senhor diante do olho esquerdo, e os do reino celestial diante do olho direito (ver

acima, n.º 118). O facto de, no Homem Máximo ou céu, as crianças estarem na região dos olhos prova que estão sob a vista e a proteção imediatas do Senhor.

334. Explicar-se-á também brevemente como as crianças são ensinadas no céu. Aprendem a falar com as suas amas. A sua primeira fala é simplesmente um som de afeição; torna-se gradualmente mais distinta à medida que nela entram ideias do pensamento, pois as ideias do pensamento provenientes das afeições constituem toda a linguagem angélica, como pode ver-se no capítulo respetivo (n^{os} 234–245). Nas suas afeições, que procedem todas da inocência, são primeiro infundidas as coisas que lhes aparecem diante dos olhos e lhes causam deleite; como estas coisas têm origem espiritual, as coisas do céu influem imediatamente nelas e, por meio dessas coisas celestes, os seus interiores são abertos, sendo assim aperfeiçoadas diariamente. Mas, quando esta primeira idade termina, são transferidas para outro céu, onde são ensinadas por mestres; e assim sucessivamente.

335. As crianças são ensinadas sobretudo por representações adequadas à sua capacidade. Estas são belas e interiormente cheias de sabedoria, para além do que se pode acreditar. Deste modo, é-lhes gradualmente infundida uma inteligência cuja alma procede do bem. Descreverei aqui duas representações que me foi permitido ver, das quais se pode inferir a natureza das restantes. Primeiro, houve uma representação da ressurreição do Senhor do sepulcro e, ao mesmo tempo, da união do Seu Humano com o Divino. Isto

realizou-se de uma maneira tão sábia que ultrapassava toda a sabedoria humana e, ao mesmo tempo, de modo inocente e infantil. Apresentou-se a ideia de um sepulcro e, com ela, a ideia do Senhor, mas de forma tão remota que mal se percebia ser o Senhor, exceto como que ao longe; a razão é que na ideia de sepulcro há algo de fúnebre, e isso era assim afastado. Depois, introduziram cautelosamente no sepulcro algo atmosférico, com aparência de vapor ténue, pelo qual, com a devida distância, significavam a vida espiritual no batismo. Vi depois uma representação, feita pelos anjos, da descida do Senhor aos que estão «presos» e da Sua ascensão com eles ao céu, com incomparável prudência e suavidade. Adaptando-se à mente infantil, fizeram descer cordéis quase invisíveis, muito macios e delicados, com os quais facilitavam a ascensão do Senhor, sempre com um santo cuidado de que nada na representação se aproximasse de algo que não contivesse o espiritual e o celeste. Há aí outras representações pelas quais, como por jogos adaptados às mentes infantis, as crianças são conduzidas aos conhecimentos da verdade e às afeições pelo bem.

336. Foi-me também mostrada a delicadeza do seu entendimento. Quando eu rezava o Pai-Nosso, e elas influíam a partir do seu entendimento nas ideias do meu pensamento, o seu influxo era percebido como tão terno e suave que quase só se sentia a afeição; ao mesmo tempo, observou-se que o seu entendimento estava aberto a partir do próprio Senhor, pois aquilo que delas fluía era como se simplesmente passasse através delas. Além disso, o Senhor influi nas ideias das criancinhas sobretudo a partir dos íntimos, porque nelas não há, como nos adultos, coisa alguma que

feche as suas ideias: nenhum princípio de falsidade que feche o caminho à compreensão da verdade, nem vida de mal que feche o caminho à receção do bem e, por essa via, à receção da sabedoria. Tudo isto torna claro que as criancinhas não entram imediatamente depois da morte num estado angélico, mas são gradualmente conduzidas a ele por meio dos conhecimentos do bem e da verdade, em harmonia com toda a ordem celeste. Pois o Senhor conhece as mais pequenas particularidades da sua natureza e, assim, são conduzidas, de acordo com todos e cada um dos movimentos da sua inclinação, a receber as verdades do bem e os bens da verdade.

337. Foi-me também mostrado como todas as coisas lhes são infundidas por meios deleitosos e agradáveis, adequados ao seu carácter. Foi-me permitido ver crianças vestidas de modo encantador, com grinaldas de flores resplandecentes das mais belas cores celestes entrelaçadas no peito e em redor dos seus braços delicados. Certa vez, vi-as acompanhadas pelas suas responsáveis e por donzelas, num parque belissimamente adornado, não tanto de árvores como de caramanchões e passeios cobertos de loureiro, com caminhos que conduziam ao interior; quando as crianças entraram assim vestidas, as flores sobre a entrada resplandeceram com extrema alegria. Isto indica a natureza dos seus deleites e a maneira como, por coisas agradáveis e deleitosas, são conduzidas aos bens da inocência e da caridade, bens que o Senhor infundia continuamente nesses deleites e prazeres.

338. Foi-me mostrado, por uma forma de comunicação comum na outra vida, quais são as ideias das crianças quando veem objetos

de qualquer espécie. Todos e cada um dos objetos lhes pareciam vivos; assim, em cada mínima ideia do seu pensamento há vida. Percebeu-se que as crianças na terra têm ideias quase iguais quando estão nas suas brincadeiras, pois ainda não possuem, como os adultos, uma reflexão acerca do que é inanimado.

339. Disse-se acima que as crianças têm uma índole celestial ou espiritual. As de índole celestial distinguem-se facilmente das de índole espiritual. O seu pensamento, a sua fala e os seus atos são tão suaves que quase nada neles aparece senão o que flui de um amor do bem dirigido ao Senhor e de um amor pelas outras crianças. Mas as de índole espiritual não são tão suaves; em tudo nelas aparece uma espécie de vibração, como a de asas. A diferença vê-se também no seu desagrado e noutras coisas.

340. Muitos podem supor que, no céu, as criancinhas permanecem criancinhas e continuam assim entre os anjos. Os que não sabem o que é um anjo podem ter visto esta opinião confirmada pelas pinturas e imagens das igrejas, nas quais os anjos são representados como crianças. Mas é inteiramente diferente. A inteligência e a sabedoria são o que constitui um anjo; enquanto as crianças não as possuem, não são anjos, embora estejam com os anjos. Assim que se tornam inteligentes e sábias, tornam-se anjos; e, coisa maravilhosa, já não aparecem então como crianças, mas como adultos, pois já não têm uma índole infantil, mas uma índole angélica mais madura. A inteligência e a sabedoria produzem este efeito. A razão pela qual as crianças parecem mais maduras, como adolescentes e jovens adultos, à medida que são aperfeiçoadas na

inteligência e na sabedoria, é que a inteligência e a sabedoria são o alimento espiritual essencial;[2] assim, as coisas que alimentam as suas mentes alimentam também os seus corpos, por correspondência, pois a forma do corpo é simplesmente a forma externa dos interiores. Mas deve compreender-se que, no céu, as crianças avançam em idade apenas até ao início da idade adulta e nela permanecem por toda a eternidade. Para que eu tivesse a certeza de que assim é, foi-me permitido falar com alguns que tinham sido educados no céu desde crianças e aí tinham crescido; também com alguns enquanto eram crianças e, de novo, com os mesmos depois de se terem tornado jovens adultos. Deles ouvi como a sua vida progredira de uma idade para outra.

341. Que a inocência é um recetáculo de todas as coisas do céu, e que, por isso, a inocência das crianças é uma base para todas as afeições pelo bem e pela verdade, pode ver-se pelo que se mostrou acima (n^{os} 276–283) acerca da inocência dos anjos no céu: a inocência é a disposição para ser conduzido pelo Senhor e não por si mesmo. Por conseguinte, na medida em que o homem está na inocência, está separado do que lhe é próprio; e, na medida em que está separado do que lhe é próprio, está no que é próprio do Senhor. O próprio do Senhor é o que se chama a Sua justiça e o Seu mérito. Mas a inocência das crianças não é a inocência genuína, porque ainda não possui sabedoria. A inocência genuína é sabedoria, pois, na medida em que alguém é sábio, ama ser conduzido pelo Senhor; ou, o que é o mesmo, na medida em que é conduzido pelo Senhor, é sábio.

(2) Por isso, as crianças são conduzidas da inocência externa em que inicialmente se encontram, chamada inocência da infância, para a inocência interna, que é a inocência da sabedoria. Esta inocência é a finalidade que orienta toda a sua instrução e progresso; por conseguinte, quando alcançam a inocência da sabedoria, a inocência da infância, que, entretanto, lhes serviu de base, une-se a elas.

(3) A inocência das crianças foi-me representada como algo de madeira, quase desprovido de vida, que se vivifica à medida que são aperfeiçoadas pelos conhecimentos da verdade e pelas afeições pelo bem. Depois, a inocência genuína foi representada por uma criança belíssima, nua e cheia de vida; pois os verdadeiramente inocentes, que estão no céu mais íntimo e, portanto, mais próximos do Senhor, aparecem sempre aos olhos dos outros anjos como criancinhas, algumas delas nuas. A inocência é representada pela nudez sem vergonha, como se diz do primeiro homem e da sua mulher no Paraíso (Génesis 2:25); por isso, quando o seu estado de inocência pereceu, envergonharam-se da sua nudez e esconderam-se (capítulo 3:7, 10, 11). Numa palavra, quanto mais sábios são os anjos, mais inocentes são; e, quanto mais inocentes, mais parecem a si mesmos criancinhas. É por isso que, na Palavra, a «infância» significa a inocência (ver acima, n.º 278).

342. Falei com os anjos acerca das criancinhas, perguntando se estavam livres dos males, visto que não possuem mal atual como

os adultos; disseram-me que estão igualmente no mal e que, de facto, nada são senão mal.[3] Mas, como todos os anjos, são de tal modo afastadas do mal e mantidas no bem pelo Senhor que lhes parece estarem no bem por si mesmas. Por esta razão, quando as crianças se tornam adultas no céu, para que não tenham a falsa ideia de que o bem nelas procede de si mesmas e não do Senhor, são de tempos a tempos reconduzidas aos males que herdaram e aí deixadas até conhecerem, reconhecerem e acreditarem na verdade da questão.

(2) Houve um, filho de um rei, que morreu na infância e cresceu no céu, e que tinha esta opinião. Foi, por isso, reconduzido à vida de males em que nascera; percebeu então, pela esfera da sua vida, que tinha uma disposição para dominar os outros e que considerava os adultérios sem importância. Herdara estes males dos pais; mas, depois de levado a reconhecer o seu verdadeiro carácter, foi de novo recebido entre os anjos com quem antes estivera associado.

(3) Na outra vida, ninguém sofre castigo pelo mal que herdou, porque não é o seu mal, isto é, não é culpa sua ser assim; só sofre pelo mal atual que é seu, isto é, na medida em que se apropriou do mal herdado pela vida efetivamente vivida. Por conseguinte, quando as crianças que se tornaram adultas são reconduzidas ao estado do seu mal hereditário, não é para sofrerem castigo por ele, mas para aprenderem que, por si mesmas, nada são senão mal; que é pela misericórdia do Senhor que são elevadas ao céu a partir do inferno em que se

encontram; e que é pelo Senhor que estão no céu, não por qualquer mérito próprio. Assim, não se vangloriarão diante dos outros pelo bem que há nelas, pois isso é contrário ao bem do amor mútuo, como é contrário à verdade da fé.

343. Várias vezes, quando um grupo de crianças num estado puramente infantil esteve comigo em coros, ouviam-se como um conjunto terno ainda não ordenado, isto é, que ainda não agia como uma unidade, como fazem mais tarde, quando amadurecem. Para minha surpresa, os espíritos que estavam comigo não conseguiam abster-se de as induzir a falar. Este desejo é inato nos espíritos. Mas reparei, de cada vez, que as crianças resistiam, não querendo falar dessa maneira. Percebi muitas vezes esta recusa e resistência, acompanhadas de uma espécie de indignação; e, quando lhes era dada oportunidade de falar, nada diziam senão: «Não é assim.» Foi-me ensinado que as criancinhas são assim tentadas para se habituarem a resistir e começarem a resistir à falsidade e ao mal; também para aprenderem a não pensar, falar e agir a partir de outro e, por conseguinte, a não se deixarem conduzir por ninguém senão pelo Senhor.

344. Pelo que se disse pode ver-se em que consiste a educação das crianças no céu: conduzi-las, pela compreensão da verdade e pela sabedoria do bem, à vida angélica, que é o amor ao Senhor e o amor mútuo, nos quais há inocência. Mas quão diferente é, em muitos casos, a educação das crianças na terra pode ver-se pelo seguinte exemplo. Encontrava-me numa rua de uma grande cidade e vi meninos a lutar uns com os outros; uma multidão reuniu-se em

redor e observava com muito prazer. Disseram-me que os próprios pais incitavam os meninos a essas lutas. Os espíritos bons e os anjos que viram isto pelos meus olhos ficaram tão revoltados que senti o seu horror, sobretudo por serem os pais a incitar os filhos a tais coisas. Disseram que, deste modo, os pais extinguem, logo na primeira idade, todo o amor mútuo e toda a inocência que as crianças recebem do Senhor, iniciando-as no espírito de ódio e vingança; consequentemente, pelos seus próprios esforços, fecham aos filhos o céu, onde nada há senão amor mútuo. Que os pais que desejam o bem dos seus filhos se guardem, portanto, de tais coisas.

345. Explicar-se-á também a diferença entre os que morrem na infância e os que morrem na idade madura. Os que morrem na idade madura possuem uma base adquirida no mundo terreno e material, que levam consigo. Essa base é a sua memória e a afeição natural corporal que lhe pertence. Permanece fixa e torna-se inativa, mas continua a servir ao seu pensamento, depois da morte, como base última, pois o pensamento influi nela. Por conseguinte, tal como é essa base, e tal como é a correspondência entre as coisas que nela estão e a faculdade racional, assim é o homem depois da morte. Mas as crianças que morrem na infância e são educadas no céu não possuem essa base, porque nada trazem do mundo material e do corpo terreno; possuem, porém, uma base espiritual-natural. Por esta razão, não podem estar em afeições tão grosseiras nem nos pensamentos que delas resultam, pois recebem tudo do céu. Além disso, essas crianças não sabem que nasceram no mundo, mas acreditam que nasceram no céu. Também não conhecem outro nascimento senão o espiritual, que se realiza pelos

conhecimentos do bem e da verdade e pela inteligência e sabedoria, pelas quais o homem é homem; e, como estas procedem do Senhor, acreditam pertencer ao Senhor e amam que assim seja. Contudo, é possível que o estado dos homens que crescem na terra se torne tão perfeito como o das crianças que crescem no céu, desde que afastem os amores corporais e terrenos, que são os amores de si e do mundo, e recebam em seu lugar os amores espirituais.

CAPÍTULO 38

Os Sábios e os Simples no Céu

346. Acredita-se que, no céu, os sábios terão mais glória e preeminência do que os simples, porque em Daniel se diz:

> **Os inteligentes resplandecerão como o fulgor do firmamento, e os que conduzirem muitos à justiça como as estrelas, para todo o sempre (12:3).**

Mas poucos sabem quem se entende pelos «inteligentes» e pelos que «conduzem muitos à justiça». A crença comum é que são os chamados instruídos e eruditos, sobretudo os que ensinaram na Igreja e ultrapassaram os outros em conhecimentos e na pregação, e, mais ainda, aqueles que converteram muitos à fé. No mundo, todos estes são considerados inteligentes; contudo, não são os inteligentes no céu de que se fala nestas palavras, a menos que a sua inteligência seja celeste. Explicar-se-á agora o que esta é.

347. A inteligência celeste é a inteligência interior que nasce do amor à verdade, tendo por finalidade não a glória no mundo nem a glória no céu, mas a própria verdade, que os toca no mais íntimo e com a qual se deleitam no mais íntimo. Os que são tocados pela

própria verdade e nela se deleitam são tocados pela luz do céu e nela se deleitam; e os que são tocados pela luz do céu e nela se deleitam são também tocados pela verdade divina e nela se deleitam, e, na verdade, pelo próprio Senhor. Pois a luz do céu é a verdade divina, e a verdade divina é o Senhor no céu (ver acima, nos 126–140). Esta luz entra apenas nos interiores da mente, pois estes foram formados para a receber e são tocados por ela e nela se deleitam quando entra; tudo o que influi e é recebido do céu contém o deleitoso e o agradável. Daqui nasce a afeição genuína pela verdade, que é a afeição pela verdade por causa da própria verdade. Os que estão nesta afeição, ou, o que é o mesmo, neste amor, estão na inteligência celeste e «resplandecem no céu como o fulgor do firmamento». Resplandecem assim porque é a verdade divina, onde quer que esteja no céu, que dá luz (ver acima, n.º 132); e o «firmamento» do céu significa, por correspondência, a faculdade intelectual, tanto nos anjos como nos homens, que está na luz do céu.

(2) Mas os que amam a verdade tendo por finalidade a glória no mundo ou a glória no céu não podem resplandecer no céu, pois deleitam-se e são tocados pela luz do mundo, não pela própria luz do céu; e a luz do mundo sem a luz do céu é, no céu, apenas densas trevas.[1] Pois o que governa é a glória de si mesmo, por ser a finalidade em vista; quando essa glória é a finalidade, o homem coloca-se em primeiro lugar e considera as verdades que podem servir à sua glória apenas como meios para atingir esse fim e como instrumentos ao seu serviço. Quem ama as verdades divinas em vista da sua própria glória

contempla nelas a si mesmo, e não ao Senhor, desviando assim a visão do seu entendimento e da sua fé do céu para o mundo e do Senhor para si mesmo. Por conseguinte, estas pessoas estão na luz do mundo, não na luz do céu.

(3) Na forma exterior, ou aos olhos dos homens, parecem tão inteligentes e eruditas como as que estão na luz do céu, porque falam de modo semelhante; por vezes, exteriormente, parecem até mais sábias, porque são movidas pelo amor de si e hábeis em imitar as afeições celestes. Mas, na sua forma interior, na qual aparecem diante dos anjos, são inteiramente diferentes. Tudo isto mostra, em certa medida, quem se entende pelos «inteligentes que resplandecerão no céu como o fulgor do firmamento». Explicar-se-á agora quem se entende pelos que «conduzem muitos à justiça» e resplandecerão como as estrelas.

348. Pelos que «conduzem muitos à justiça» entendem-se os sábios; no céu, chamam-se sábios aos que estão no bem, e estão no bem os que aplicam imediatamente à vida as verdades divinas. Pois, assim que a verdade divina passa a fazer parte da vida, torna-se bem, porque passa a pertencer à vontade e ao amor; e tudo o que pertence à vontade e ao amor se chama bem. Por isso, estes são chamados sábios, porque a sabedoria pertence à vida. Mas os que não entregam imediatamente as verdades divinas à vida, mas primeiro à memória, de onde depois as retiram e aplicam à vida, são chamados «inteligentes». A natureza e a grandeza da diferença entre os sábios e os inteligentes nos céus podem ver-se no capítulo

sobre os dois reinos do céu, o celestial e o espiritual (nos 20–28), e no capítulo sobre os três céus (nos 29–40). Os que estão no reino celestial do Senhor e, por conseguinte, no terceiro céu, ou céu mais íntimo, são chamados «justos», porque atribuem toda a justiça ao Senhor e nenhuma a si mesmos. A justiça do Senhor no céu é o bem que procede do Senhor.[2] São estes, pois, os que aqui se entendem pelos que «conduzem à justiça»; são também os que se entendem nas palavras do Senhor:

> **Os justos resplandecerão como o Sol no reino do seu Pai (Mateus 13:43).**

Estes «resplandecem como o Sol» porque estão no amor ao Senhor que procede do Senhor, e é esse amor que o «Sol» significa (ver acima, nos 116–125). A sua luz tem a cor da chama; as ideias do seu pensamento estão assim tingidas de um fulgor flamejante porque recebem o bem do amor diretamente do Senhor como Sol no céu.

349. Todos os que adquiriram inteligência e sabedoria no mundo são recebidos no céu e tornam-se anjos, cada um segundo a qualidade e o grau da sua inteligência e sabedoria. Pois tudo o que o homem adquire no mundo permanece, e ele leva-o consigo depois da morte; é depois aumentado e completado, mas dentro do grau da sua afeição e do seu desejo pela verdade e pelo bem dela, e não para além desse grau. Os que têm pouca afeição e desejo recebem pouco, mas tanto quanto são capazes de receber dentro desse grau; os que têm muita afeição e desejo recebem muito. O próprio grau

da afeição e do desejo é como uma medida que se enche por completo: quem tem uma medida grande recebe mais, e quem tem uma pequena recebe menos. Assim é porque o amor do homem, ao qual pertencem a afeição e o desejo, recebe tudo o que está de acordo consigo; por conseguinte, a receção é medida pelo amor. É isto que significam as palavras do Senhor:

> **Ao que tem será dado, para que tenha em maior abundância (Mateus 13:12; 25:29).**
>
> **Uma boa medida, calcada, sacudida e transbordante, vos será dada no regaço (Lucas 6:38).**

350. São recebidos no céu todos os que amaram a verdade e o bem por causa da verdade e do bem; por isso, os que muito amaram são chamados sábios, e os que pouco amaram são chamados simples. Os sábios no céu estão em muita luz, os simples numa luz menor, cada um segundo o grau do seu amor pelo bem e pela verdade. Amar a verdade e o bem por causa da verdade e do bem é querê-los e praticá-los; pois amam os que querem e praticam, enquanto os que não querem nem praticam não amam. Estes amam também o Senhor e são amados pelo Senhor, porque o bem e a verdade procedem do Senhor. E, como o bem e a verdade procedem do Senhor, o Senhor está no bem e na verdade; está, portanto, nos que recebem o bem e a verdade na sua vida, querendo-os e praticando-os. Além disso, considerado em si mesmo, o homem nada é senão o seu próprio bem e a sua própria verdade, porque o bem pertence à sua vontade e a verdade ao seu entendimento, e o homem é tal como são a sua vontade e o seu

entendimento. É, pois, evidente que o homem é amado pelo Senhor precisamente na medida em que a sua vontade é formada pelo bem e o seu entendimento pela verdade. Ser amado pelo Senhor é também amar o Senhor, pois o amor é recíproco: àquele que é amado, o Senhor dá a capacidade de amar.

351. No mundo, acredita-se que os que possuem muitos conhecimentos, sejam dos ensinamentos da Igreja e da Palavra, sejam das ciências, têm uma visão da verdade mais interior e penetrante do que os outros, isto é, são mais inteligentes e sábios; e eles próprios têm esta opinião de si. Mas explicar-se-á a seguir o que são a verdadeira inteligência e sabedoria e o que são a inteligência e a sabedoria espúrias e falsas.

(2) A verdadeira inteligência e sabedoria consiste em ver e perceber o que é verdadeiro e bom e, por esse meio, o que é falso e mau, distinguindo-os claramente, a partir de uma intuição e perceção interiores. Em cada homem existem faculdades interiores e exteriores: as interiores pertencem ao homem interno ou espiritual, e as exteriores ao homem externo ou natural. Conforme os interiores do homem são formados e unidos aos seus exteriores, assim ele vê e percebe. Os seus interiores só podem ser formados no céu; os seus exteriores são formados no mundo. Quando os interiores são formados no céu, as coisas que contêm influem nos seus exteriores, que procedem do mundo, e formam-nos de modo que correspondam aos interiores, isto é, ajam em unidade com eles; quando isto acontece, o homem vê e percebe a partir do

interior. Os interiores só podem ser formados de uma maneira: voltando-se o homem para o Divino e para o céu, pois, como se disse, os interiores são formados no céu. O homem volta-se para o Divino quando acredita no Divino e acredita que toda a verdade e todo o bem, e, consequentemente, toda a inteligência e sabedoria, procedem do Divino; e acredita no Divino quando está disposto a ser conduzido pelo Divino. É desta maneira, e não de outra, que os interiores do homem são abertos.

(3) O homem que está nessa crença e numa vida de acordo com ela possui a faculdade e a capacidade de compreender e de ser sábio; mas, para se tornar inteligente e sábio, tem de aprender muitas coisas, tanto as que pertencem ao céu como as que pertencem ao mundo: as do céu pela Palavra e pela Igreja, e as do mundo pelas ciências. Na medida em que aprende e aplica à vida, torna-se inteligente e sábio, pois nessa medida são aperfeiçoadas a visão interior do seu entendimento e a afeição interior da sua vontade. Os simples desta classe são aqueles cujos interiores foram abertos, mas não tão enriquecidos por verdades espirituais, morais, civis e naturais. Percebem as verdades quando as ouvem, mas não as veem em si mesmos. Os sábios desta classe são aqueles cujos interiores foram abertos e enriquecidos; estes tanto veem interiormente as verdades como as percebem. Tudo isto torna claro o que são a verdadeira inteligência e a verdadeira sabedoria.

352. A inteligência e a sabedoria espúrias consistem em não ver nem perceber interiormente o que é verdadeiro e bom e, por esse meio, o que é falso e mau, mas apenas em acreditar ser verdadeiro e bom, ou falso e mau, aquilo que os outros dizem sê-lo, e depois confirmá-lo. Como estas pessoas veem a verdade a partir de outra pessoa, e não da própria verdade, podem acolher e acreditar no falso com a mesma facilidade que no verdadeiro, e confirmá-lo até que pareça verdadeiro; pois tudo o que é confirmado adquire a aparência da verdade, e nada há que não possa ser confirmado. Os seus interiores estão abertos apenas por baixo; os exteriores, porém, estão abertos na medida em que se confirmaram nessas ideias. Por esta razão, a luz pela qual veem não é a luz do céu, mas a luz do mundo, chamada luz natural [lumen]; nessa luz, as falsidades podem brilhar como verdades e, depois de confirmadas, podem até parecer resplandecentes, mas não na luz do céu. Desta classe, são menos inteligentes e sábios os que mais fortemente se confirmaram, e mais inteligentes e sábios os que se confirmaram menos fortemente. Tudo isto mostra o que são a inteligência e a sabedoria espúrias.

> (2) Mas não se incluem nesta classe os que, na infância, supuseram verdadeiro o que ouviam dos seus mestres, se, numa idade mais madura, ao pensarem a partir do seu próprio entendimento, deixam de se apegar a isso, anseiam pela verdade e, por esse anseio, a procuram, sendo por ela tocados interiormente quando a encontram. Como são tocados pela verdade por causa da própria verdade, veem-na antes de a confirmarem.[3]

(3) Isto pode ilustrar-se com um exemplo. Houve entre os espíritos uma discussão sobre a razão pela qual os animais nascem com todos os conhecimentos adequados à sua natureza, e o homem não. Disse-se que a razão é que os animais estão na ordem da sua vida, e o homem não; por conseguinte, o homem tem de ser conduzido à ordem pelo que aprende acerca das coisas internas e externas. Mas, se o homem nascesse na ordem da sua vida, que é amar Deus acima de todas as coisas e o próximo como a si mesmo, nasceria na inteligência e na sabedoria e, à medida que adquirisse conhecimentos, chegaria à crença em toda a verdade. Os espíritos bons viram-no imediatamente e perceberam que era verdade, apenas a partir da luz da verdade; mas os espíritos que se tinham confirmado na fé só e, desse modo, afastado o amor e a caridade não conseguiram compreendê-lo, porque a luz da falsidade que tinham confirmado lhes obscurecera a luz da verdade.

353. A falsa inteligência e sabedoria é toda a inteligência e sabedoria separada do reconhecimento do Divino; pois todos os que não reconhecem o Divino, mas a natureza em seu lugar, pensam a partir do sensual corporal e são meramente sensuais, por mais estimados que sejam no mundo pela sua cultura e erudição.[4] Pois a sua erudição não se eleva acima das coisas que lhes aparecem diante dos olhos no mundo; guardam-nas na memória e consideram-nas de modo quase material, embora os mesmos conhecimentos sirvam aos verdadeiramente inteligentes para formar o seu entendimento. Por ciências entendem-se os diversos

géneros de conhecimento experimental, como a física, a astronomia, a química, a mecânica, a geometria, a anatomia, a psicologia, a filosofia, a história dos reinos e do mundo literário, a crítica e as línguas.

(2) Os membros do clero que negam o Divino não elevam os seus pensamentos acima das coisas sensuais do homem externo; consideram as coisas da Palavra do mesmo modo que os outros consideram as ciências, sem as tornarem matéria de pensamento ou de qualquer intuição de uma mente racional esclarecida. A razão é que os seus interiores estão fechados, juntamente com os exteriores mais próximos dos interiores. Estão fechados porque se afastaram do céu e voltaram para trás as faculdades capazes de olhar para o céu, que são, como se disse acima, os interiores da mente humana. Por isso, são incapazes de ver coisa alguma verdadeira ou boa, pois para eles está em densas trevas, enquanto tudo o que é falso e mau está na luz.

(3) Contudo, os homens sensuais podem raciocinar, alguns com mais astúcia e subtileza do que qualquer outro; mas raciocinam a partir das falácias dos sentidos confirmadas pelos seus conhecimentos e, porque são capazes de raciocinar assim, julgam-se mais sábios do que os outros.[5] O fogo que inflama de afeição os seus raciocínios é o fogo do amor de si e do mundo. São estes os que estão na falsa inteligência e sabedoria e a quem o Senhor Se refere em Mateus:

> **Vendo, não veem; ouvindo, não ouvem nem compreendem (13:13–15).**

E ainda:

> **Estas coisas estão escondidas dos inteligentes e sábios e reveladas às criancinhas (11:25, 26).**

354. Foi-me concedido falar com muitos eruditos depois da sua partida do mundo: alguns de grande reputação e célebres no mundo literário pelos seus escritos, e outros menos célebres, embora dotados de profunda sabedoria. Os que no coração tinham negado o Divino, fossem quais fossem as suas declarações, tinham-se tornado tão embrutecidos que mal compreendiam até o que é verdadeiramente civil, e menos ainda o que é espiritual. Percebi e vi também que os interiores das suas mentes estavam tão fechados que pareciam negros — pois, no mundo espiritual, estas coisas tornam-se visíveis — e, por conseguinte, não podiam suportar luz celeste alguma nem admitir influxo algum do céu. A negrura dos seus interiores era mais intensa e extensa nos que se tinham confirmado contra o Divino por meio dos conhecimentos adquiridos. Na outra vida, estes aceitam com deleite toda a falsidade, absorvendo-a como uma esponja absorve água; repelem toda a verdade como uma substância óssea elástica repele o que sobre ela cai. Diz-se, de facto, que os interiores dos que se confirmaram contra o Divino e a favor da natureza se tornam ósseos, e que as suas cabeças, até ao nariz, aparecem endurecidas como ébano, sinal de que já não possuem perceção alguma. Os desta espécie são mergulhados em lodaçais que parecem pântanos; aí são

atormentados pelas fantasias em que as suas falsidades se transformam. O seu fogo infernal é uma cobiça de glória e reputação, que os leva a atacar-se mutuamente e, com ardor infernal, a atormentar os que os rodeiam e não os adoram como divindades; fazem-no uns aos outros, alternadamente. É nisto que se transforma toda a erudição do mundo que não recebeu em si a luz do céu pelo reconhecimento do Divino.

355. Que estas pessoas são assim no mundo espiritual, quando nele entram depois da morte, pode inferir-se apenas disto: todas as coisas da memória natural que estão em conjunção imediata com as coisas dos sentidos corporais — como sucede com os conhecimentos acima mencionados — tornam-se então inativas; só os princípios racionais delas extraídos servem depois ao pensamento e à fala. Pois o homem leva consigo toda a sua memória natural, mas o seu conteúdo já não está então à sua vista nem entra no seu pensamento como quando vivia no mundo. Nada pode retirar dessa memória e trazer à luz espiritual, porque os seus conteúdos não são objetos dessa luz. Mas as coisas da razão e do entendimento que o homem adquiriu pelos conhecimentos enquanto vivia no corpo estão de acordo com a luz do mundo espiritual; por conseguinte, na medida em que o espírito do homem se tornou racional no mundo pelos conhecimentos e pelas ciências, nessa mesma medida é racional depois de se libertar do corpo. Pois o homem é então um espírito, e é o espírito que pensa no corpo.[6]

356. Quanto aos que adquiriram inteligência e sabedoria pelos conhecimentos e pelas ciências, aplicando tudo ao uso da vida,

reconhecendo também o Divino, amando a Palavra e vivendo uma vida moral espiritual, de que se falou acima (n.º 319), as ciências serviram-lhes de meio para se tornarem sábios e também para confirmarem as coisas da fé. Percebi os interiores das suas mentes, que se viam transparentes, iluminados por uma cor branca cintilante, flamejante ou azul, semelhante à dos diamantes, rubis e safiras translúcidos; e isto de acordo com as confirmações em favor do Divino e das verdades divinas extraídas das ciências. Tal é a aparência da verdadeira inteligência e sabedoria quando se apresentam à vista no mundo espiritual. Esta aparência deriva da luz do céu; essa luz é a verdade divina procedente do Senhor, da qual provêm toda a inteligência e sabedoria (ver acima, nos 126–133).

(2) As bases dessa luz, nas quais existem variações semelhantes às das cores, são os interiores da mente; essas variações são produzidas pelas confirmações das verdades divinas por meio das coisas da natureza, isto é, das ciências.[7] Pois a mente interior do homem examina as coisas da memória natural e, como que pelo fogo do amor celeste, sublima as que podem servir de provas, extraindo-as e purificando-as até as tornar ideias espirituais. O homem desconhece isto enquanto vive no corpo, porque então pensa tanto espiritualmente como naturalmente e não tem perceção das coisas que pensa espiritualmente, mas apenas das que pensa naturalmente. Porém, quando entra no mundo espiritual, não tem perceção do que pensava naturalmente no mundo, mas apenas do que pensava espiritualmente. Assim se altera o seu estado.

(3) Tudo isto torna claro que é por meio dos conhecimentos e das ciências que o homem se torna espiritual, e que estes são também meios de se tornar sábio, mas apenas nos que reconheceram o Divino na fé e na vida. Estes são também recebidos no céu antes dos outros e estão entre os que aí ocupam o centro (n.º 43), porque estão na luz mais do que os outros. São estes os inteligentes e sábios no céu, que «resplandecem como o fulgor do firmamento» e «resplandecem como as estrelas»; os simples, por sua vez, são os que reconheceram o Divino, amaram a Palavra e viveram uma vida espiritual e moral, mas cujos interiores da mente não foram tão enriquecidos pelos conhecimentos e pelas ciências. A mente humana é como um solo, que é tal como o torna o cultivo.

Excertos dos Arcanos Celestes Relativos aos Conhecimentos

O homem deve ser plenamente instruído nos conhecimentos, pois, por meio deles, aprende a pensar, depois a compreender o que é verdadeiro e bom e, por fim, a ser sábio (n^{os} 129, 1450, 1451, 1453, 1548, 1802).

Os conhecimentos [scientifica] são as primeiras coisas sobre as quais se constrói e funda a vida civil, moral e espiritual do homem,

e devem ser aprendidos tendo o uso como finalidade (nos 1489, 3310).

Os conhecimentos [cognitiones] abrem o caminho para o homem interno e, depois, unem esse homem ao externo segundo os usos (nos 1563, 1616).

A faculdade racional nasce por meio dos conhecimentos [scientias et cognitiones] (nos 1895, 1900, 3086).

Mas não por meio dos próprios conhecimentos [cognitiones], e sim da afeição pelos usos que deles derivam (n.º 1895).

> (2) Há conhecimentos [scientifica] que dão entrada às verdades divinas e conhecimentos [scientifica] que não dão (n.º 5213).

Os conhecimentos vazios [scientifica] devem ser destruídos (nos 1489, 1492, 1499, 1581).

Os conhecimentos vazios [scientifica] são os que têm por finalidade os amores de si e do mundo, sustentam esses amores e afastam do amor a Deus e do amor para com o próximo; pois tais conhecimentos fecham o homem interno, ao ponto de o homem se tornar incapaz de receber coisa alguma do céu (nos 1563, 1600).

Os conhecimentos [scientifica] são meios de se tornar sábio e meios de se tornar insensato; por eles, o homem interno é aberto ou fechado, e, assim, o racional é enriquecido ou destruído (nos 4156, 8628, 9922).

> (3) O homem interno é aberto e gradualmente aperfeiçoado por meio dos conhecimentos [scientifica] se o homem tem como finalidade um uso bom, especialmente um uso que diz respeito à vida externa (n.º 3086).

Então, os conhecimentos [scientificis] que estão no homem natural são encontrados pelas coisas espirituais e celestes provenientes do homem espiritual, e estas adotam os que são adequados (n.º 1495).

Então, os usos da vida celeste são extraídos pelo Senhor, aperfeiçoados e elevados a partir dos conhecimentos [scientificis] no homem natural, por meio do homem interno (nos 1895, 1896, 1900, 1901, 1902, 5871, 5874, 5901).

Os conhecimentos [scientifica] incongruentes e contrários são, porém, rejeitados para os lados e afastados (nos 5871, 5886, 5889).

> (4) A visão do homem interno extrai dos conhecimentos [scientificis] do homem externo apenas as coisas que estão de acordo com o seu amor (n.º 9394).

Visto pelo homem interno, o que pertence ao amor está no centro e na claridade, enquanto o que não pertence ao amor está nos lados e na obscuridade (nos 6068, 6084).

Os conhecimentos [scientifica] adequados são gradualmente implantados nos amores do homem e como que habitam neles (n.º 6325).

Se o homem nascesse no amor para com o próximo, nasceria na inteligência; mas, como nasce nos amores de si e do mundo, nasce na ignorância total (nos 6323, 6325).

O conhecimento [scientia], a inteligência e a sabedoria são filhos do amor a Deus e do amor para com o próximo (nos 1226, 2049, 2116).

> (5) Uma coisa é ser sábio, outra compreender, outra saber [scire] e outra fazer; contudo, nos que possuem vida espiritual, estas coisas sucedem-se pela sua ordem e existem juntas no fazer ou nos atos (n.º 10331).

Também uma coisa é saber [scire], outra reconhecer e outra ter fé (n.º 896).

> (6) Os conhecimentos [scientifica], que pertencem ao homem externo ou natural, estão na luz do mundo; mas as verdades

que se tornaram verdades da fé e do amor, adquirindo assim vida, estão na luz do céu (n.º 5212).

As verdades que adquiriram vida espiritual são compreendidas por meio de ideias naturais (n.º 5510).

O influxo espiritual procede do homem interno ou espiritual para os conhecimentos [scientifica] que estão no homem externo ou natural (nos 1940, 8005).

Os conhecimentos [scientifica] são recetáculos, como que vasos, para a verdade e o bem que pertencem ao homem interno (nos 1469, 1496, 3068, 5489, 6004, 6023, 6052, 6071, 6077, 7770, 9922).

Os conhecimentos [scientifica] são como espelhos nos quais as verdades e os bens do homem interno aparecem como uma imagem (n.º 5201).

Aí estão juntos como no seu último (nos 5373, 5874, 5886, 5901, 6004, 6023, 6052, 6071).

(7) O influxo não é físico, mas espiritual; isto é, procede do homem interno para o externo, portanto para os conhecimentos do externo, e não do externo para o interno, portanto não dos conhecimentos [scientificis] do externo para

as verdades da fé (nos 3219, 5119, 5259, 5427, 5428, 5478, 6322, 9110).

Deve começar-se pelas verdades da doutrina da Igreja, que procedem da Palavra; essas verdades têm de ser primeiro reconhecidas, e só depois é permitido consultar os conhecimentos [scientifica] (n.º 6047).

Assim, é permitido aos que estão num estado afirmativo quanto às verdades da fé confirmá-las intelectualmente por meio dos conhecimentos [scientifica], mas não aos que estão num estado negativo (nos 2568, 2588, 4760, 6047).

Quem não quiser acreditar nas verdades divinas antes de ser convencido por meio dos conhecimentos [scientificis] nunca acreditará (nos 2094, 2832).

Entrar nas verdades da fé a partir dos conhecimentos [scientificis] é contrário à ordem (n.º 10236).

Os que o fazem tornam-se insensatos quanto às coisas do céu e da Igreja (nos 128, 129, 130).

Caem nas falsidades do mal (nos 232, 233, 6047).

Na outra vida, quando pensam em assuntos espirituais, tornam-se como que embriagados (n.º 1072).

Mais acerca da sua natureza (n.º 196).

Exemplos que mostram que as coisas espirituais não podem ser compreendidas quando se entra nelas por meio dos conhecimentos [scientifica] (nos 233, 2094, 2196, 2203, 2209).

Nas coisas espirituais, muitos eruditos são mais insensatos do que os simples, porque estão num estado negativo, que confirmam por meio dos conhecimentos [scientifica] que têm continuamente e em abundância diante da sua vista (nos 4760, 8629).

> (8) Os que raciocinam a partir dos conhecimentos [scientificis] contra as verdades da fé raciocinam com subtileza, porque partem das falácias dos sentidos, que são cativantes e convincentes, por não poderem ser facilmente dissipadas (n.º 5700).

Quais são as falácias dos sentidos e em que consistem (nos 5084, 5094, 6400, 6948).

Os que não possuem compreensão da verdade, e também os que estão no mal, podem raciocinar acerca das verdades e dos bens da fé, mas não podem compreendê-los (n.º 4214).

A inteligência não consiste apenas em confirmar o dogma, mas em ver se é verdadeiro ou não antes de o confirmar (nos 4741, 6047).

(9) Os conhecimentos [scientiae] de nada servem depois da morte, mas apenas aquilo que o homem, por meio dos conhecimentos [scientias], incorporou no seu entendimento e na sua vida (n.º 2480).

Contudo, todos os conhecimentos [scientifica] permanecem depois da morte, embora inativos (nos 2476–2479, 2481–2486).

(10) Nos maus, os conhecimentos [scientifica] são falsidades, porque estão adaptados aos males; mas, nos bons, os mesmos conhecimentos são verdades, porque são aplicados ao bem (n.º 6917).

Os conhecimentos verdadeiros [scientifica] nos maus não são verdadeiros, por muito que pareçam sê-lo quando proferidos, porque há mal no seu interior (n.º 10331).

(11) Um exemplo do desejo de saber [sciendi] que os espíritos possuem (n.º 1974). Os anjos têm um desejo ilimitado de saber [sciendi] e de se tornarem sábios, pois o conhecimento [scientia], a inteligência e a sabedoria são alimento espiritual (nos 3114, 4459, 4792, 4976, 5147, 5293, 5340, 5342, 5410, 5426, 5576, 5582, 5588, 5655, 6277, 8562, 9003).

O conhecimento [scientia] dos antigos era o conhecimento [scientia] das correspondências e representações, pelo qual alcançavam o conhecimento [cognitionem] das coisas espirituais;

mas esse conhecimento [scientia] está hoje inteiramente perdido (nos 4749, 4844, 4964, 4965).

(12) Para que as verdades espirituais sejam compreendidas, têm de ser conhecidos [scientur] os seguintes princípios universais: (i) Todas as coisas no universo se referem ao bem e à verdade e à sua conjunção, para que sejam alguma coisa; portanto, ao amor e à fé e à sua conjunção. (ii) O homem possui entendimento e vontade; o entendimento é o recetáculo da verdade, e a vontade o do bem; todas as coisas no homem se referem a estes dois e à sua conjunção, tal como todas as coisas se referem à verdade e ao bem e à sua conjunção. (iii) Há um homem interno e um homem externo, tão distintos entre si como o céu e o mundo; contudo, para que o homem seja verdadeiramente homem, têm de formar uma unidade. (iv) O homem interno está na luz do céu, e o homem externo na luz do mundo; a luz do céu é a própria verdade divina, da qual procede toda a inteligência. (v) Entre as coisas do homem interno e as do externo há uma correspondência; por isso, o aspeto diferente que apresentam é tal que só podem ser distinguidas por meio do conhecimento [scientiam] das correspondências. Se estas e muitas outras coisas não forem conhecidas [scientur], só poderão conceber-se e formar-se ideias incongruentes das verdades espirituais e celestes; por conseguinte, sem estes princípios universais, os conhecimentos [scientifica et cognitiones] do homem natural pouco podem servir ao homem racional para a compreensão e

o desenvolvimento. Isto torna claro quão necessários são os conhecimentos [scientifica].

CAPÍTULO 39

Os Ricos e os Pobres no Céu

357. Há diversas opiniões acerca da admissão no céu. Uns consideram que os pobres são recebidos e os ricos não; outros, que ricos e pobres são igualmente recebidos; outros ainda, que os ricos só podem ser recebidos se renunciarem às suas riquezas e se tornarem como os pobres. E encontram-se na Palavra provas em favor de todas estas opiniões. Mas aqueles que, no que respeita ao céu, estabelecem uma distinção entre ricos e pobres não compreendem a Palavra. Nos seus interiores, a Palavra é espiritual, mas na letra é natural; por conseguinte, aqueles que a entendem apenas segundo o sentido literal, e não segundo algum sentido espiritual, enganam-se em muitos aspetos, sobretudo acerca dos ricos e dos pobres. Assim, por exemplo, julgam que é tão difícil um rico entrar no céu como um camelo passar pelo fundo de uma agulha, e que é fácil aos pobres entrar por serem pobres, pois se diz:

> **Bem-aventurados os pobres, porque deles é o reino dos céus (Mateus 5:3; Lucas 6:20, 21).**

Mas aqueles que conhecem alguma coisa do sentido espiritual da Palavra pensam de outro modo: sabem que o céu é para todos os que vivem uma vida de fé e de amor, sejam ricos ou pobres. Quem são, porém, os «ricos» e os «pobres» de que a Palavra fala será explicado adiante. Pelas muitas conversas e pelo convívio que tive com os anjos, foi-me concedido saber com certeza que os ricos entram no céu tão facilmente como os pobres, e que ninguém é excluído do céu por causa da sua riqueza, nem recebido nele por causa da sua pobreza. Há ricos e pobres no céu, e muitos dos ricos encontram-se numa glória e numa felicidade maiores do que as dos pobres.

358. Antes de mais, deve dizer-se que uma pessoa pode adquirir riquezas e acumular bens na medida em que tiver oportunidade, desde que não o faça por astúcia ou fraude; que pode apreciar os prazeres da comida e da bebida, desde que não faça deles a sua vida; que pode ter uma residência palaciana de acordo com a sua condição, conviver com pessoas de condição semelhante, frequentar lugares de diversão e falar dos assuntos do mundo. Não precisa de andar como um devoto, de semblante triste e pesaroso e de cabeça baixa, podendo antes mostrar-se alegre e bem-disposto; nem precisa de dar os seus bens aos pobres, salvo na medida em que a afeição o leve a fazê-lo. Numa palavra, pode viver exteriormente como qualquer pessoa do mundo. Nada disto constitui obstáculo à sua entrada no céu, desde que, no íntimo, pense em Deus como deve e aja com sinceridade e justiça para com o próximo. Pois a pessoa é tal como são a sua afeição e o seu pensamento, ou tal como são o seu amor e a sua fé; e é destes que

todos os seus atos exteriores recebem vida, uma vez que agir é querer e falar é pensar: a ação procede da vontade, e a palavra, do pensamento. Assim, quando a Palavra diz que o homem será julgado segundo os seus atos e recompensado segundo as suas obras, significa que será julgado e recompensado segundo o pensamento e a afeição de que os seus atos procedem, ou que neles estão presentes; pois, sem estes, os atos nada são, e são precisamente tais como eles.[1]

Tudo isto mostra que o exterior da pessoa nada realiza por si, mas apenas o seu interior, de onde o exterior procede. Por exemplo: se alguém age honestamente e se abstém de defraudar apenas por recear as leis e a perda da reputação, e, com esta, da honra ou do lucro, mas, não fosse esse receio, defraudaria os outros sempre que pudesse, os seus atos parecem honestos exteriormente, mas o seu pensamento e a sua vontade são fraudulentos. E, por ser interiormente desonesto e fraudulento, tem em si o inferno. Pelo contrário, aquele que age honestamente e se abstém da fraude por esta ser contrária a Deus e ao próximo não desejaria defraudar ninguém, ainda que pudesse fazê-lo; o seu pensamento e a sua vontade são consciência, e tem em si o céu. Os atos de ambos parecem semelhantes na forma exterior, mas interiormente são inteiramente diferentes.

359. Visto que uma pessoa pode viver exteriormente como as outras, enriquecer, ter uma mesa abundante, habitar uma casa elegante e usar belas roupas de acordo com a sua condição e função, desfrutar de prazeres e satisfações e ocupar-se dos

assuntos do mundo por causa da sua profissão e dos seus negócios, bem como para sustentar a vida da mente e do corpo, desde que interiormente reconheça o Divino e deseje o bem do próximo, é evidente que entrar no caminho do céu não é tão difícil como muitos julgam. A única dificuldade está em conseguir resistir ao amor de si e do mundo e impedir que estes se tornem dominantes, pois deles procedem todos os males.[2] Que isto não é tão difícil como se crê é o que significam estas palavras do Senhor:

> **Aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas; pois o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve (Mateus 11:29, 30).**

O jugo do Senhor é suave e o Seu fardo é leve porque a pessoa é conduzida pelo Senhor, e não por si mesma, precisamente na medida em que resiste aos males que brotam do amor de si e do mundo; e porque então o Senhor resiste a esses males nela e os afasta.

360. Falei, depois da morte, com alguns que, enquanto viviam no mundo, tinham renunciado ao mundo e se entregado a uma vida quase solitária, para que, afastando o pensamento das coisas mundanas, pudessem dedicar-se a meditações piedosas, acreditando que assim entrariam no caminho do céu. Mas, na outra vida, estas pessoas são de índole triste; desprezam os que não são como elas; indignam-se por não terem uma sorte mais feliz do que os outros, julgando tê-la merecido; não se interessam pelos outros e afastam-se dos deveres da caridade, pelos quais se estabelece a

conjunção com o céu. Desejam o céu mais do que os demais; mas, quando são elevadas para junto dos anjos, provocam inquietações que perturbam a felicidade destes, pelo que são afastadas. Uma vez afastadas, retiram-se para lugares desertos, onde levam uma vida semelhante à que tinham no mundo.

(2) O homem só pode ser formado para o céu por intermédio do mundo. No mundo encontram-se os efeitos últimos em que a afeição de cada um tem de se realizar; pois, se a afeição não se manifesta ou não se exterioriza em atos, o que se faz no convívio com os outros, acaba por ser sufocada a tal ponto que a pessoa deixa de ter qualquer consideração pelo próximo e só pensa em si. Tudo isto torna claro que é a vida de caridade para com o próximo — isto é, fazer o que é justo e reto em cada obra e em cada ocupação — que conduz ao céu, e não uma vida de piedade separada da caridade.[3] Daqui resulta que a caridade só pode ser exercida, e a vida de caridade crescer, na medida em que a pessoa participa nas ocupações da vida; e que isso se torna impossível na medida em que delas se afasta.

(3) Falarei agora desta matéria a partir da experiência. Entre aqueles que, no mundo, se dedicaram ao comércio e aos negócios e enriqueceram nessas atividades, há muitos no céu; mas não tantos entre os que ocuparam cargos honrosos e enriqueceram através deles. A razão é que estes últimos, pelos ganhos e pelas honras que lhes advinham da administração da justiça e da equidade, bem como pelos cargos lucrativos e

honrosos que lhes eram concedidos, foram levados a amar-se a si mesmos e ao mundo, desviando assim do céu os seus pensamentos e as suas afeições e voltando-os para si. Pois, na medida em que alguém ama a si mesmo e ao mundo e em tudo olha para si e para o mundo, afasta-se do Divino e separa-se do céu.

361. Quanto à condição dos ricos no céu, vivem com maior esplendor do que os outros. Alguns habitam palácios onde tudo resplandece como se fosse de ouro e de prata. Têm em abundância tudo o que serve aos usos da vida, mas não prendem minimamente o coração a essas coisas: apenas aos usos. Os usos veem-se com nitidez, como se estivessem na luz; o ouro e a prata, porém, veem-se obscuramente, como se, em comparação, estivessem na sombra. Isto acontece porque, quando viviam no mundo, amavam os usos e amavam o ouro e a prata apenas como meios e instrumentos. São os usos que assim resplandecem no céu: o bem do uso como o ouro, e a verdade do uso como a prata.[4] Por isso, a sua riqueza no céu é tal como foram os seus usos no mundo, e assim são também o seu prazer e a sua felicidade.

São bons usos prover-se a si e aos seus do necessário à vida, bem como desejar a riqueza em benefício da pátria e do próximo, a quem um rico pode beneficiar de muitas maneiras mais do que um pobre. Estes são bons usos porque, através deles, a pessoa pode afastar a mente de uma vida ociosa, que é nociva, pois, numa vida assim, os seus pensamentos correm para o mal em virtude do mal que lhe é inerente. Estes usos são bons na medida em que têm

o Divino em si, isto é, na medida em que a pessoa olha para o Divino e para o céu, encontra neles o seu bem e vê na riqueza apenas um bem subordinado.

362. A condição dos ricos que não acreditaram no Divino e expulsaram da mente as coisas do céu e da igreja é, porém, a oposta. Estes encontram-se no inferno, onde há imundície, miséria e indigência; é nisso que se transformam as riquezas amadas como um fim. E não apenas as riquezas, mas também os seus próprios usos, quer estes tenham sido o desejo de viver a seu bel-prazer, entregar-se aos prazeres e poder dedicar a mente mais plena e livremente a práticas vergonhosas, quer tenham sido o desejo de se elevar acima dos outros, a quem desprezavam. Tais riquezas e tais usos, por nada terem de espiritual, mas apenas de terreno, tornam-se imundos. Pois a finalidade espiritual nas riquezas e nos seus usos é como a alma no corpo ou como a luz do céu na terra húmida; e tais riquezas e usos apodrecem, como um corpo sem alma ou como a terra húmida sem a luz do céu. Assim acontece àqueles que as riquezas desviaram e afastaram do céu.

363. A afeição ou o amor dominante de cada pessoa permanece com ela depois da morte e nunca é arrancado, por toda a eternidade, uma vez que o espírito da pessoa é inteiramente tal como é o seu amor. E, coisa que se ignora, o corpo de cada espírito e de cada anjo é a forma exterior do seu amor, correspondendo exatamente à sua forma interior, que é a forma da sua índole e da sua mente. Por isso, a qualidade do seu espírito reconhece-se pelo rosto, pelos movimentos e pela linguagem. Enquanto a pessoa vive

no mundo, também se reconheceria a qualidade do seu espírito, se ela não tivesse aprendido a simular, no rosto, nos movimentos e na linguagem, aquilo que não lhe pertence. Tudo isto mostra que a pessoa permanece eternamente tal como é a sua afeição ou o seu amor dominante.

Foi-me concedido falar com alguns que viveram há mil e setecentos anos e cujas vidas são bem conhecidas pelos escritos desse tempo; verificou-se que ainda os domina o mesmo amor que tinham na terra. Isto torna igualmente claro que o amor das riquezas e dos usos que delas se fazem permanece em cada um por toda a eternidade, sendo exatamente igual ao amor adquirido no mundo. Há, contudo, esta diferença: naqueles que dedicaram as suas riquezas a bons usos, as riquezas transformam-se, no outro mundo, em prazeres correspondentes aos usos realizados; ao passo que, naqueles que as dedicaram a maus usos, as riquezas se transformam em pura imundície, na qual passam a encontrar o mesmo prazer que, no mundo, encontravam nas riquezas aplicadas a maus usos. Encontram então prazer na imundície porque os prazeres imundos e os atos vergonhosos, que tinham constituído os usos a que destinavam as riquezas, assim como a avareza, que é o amor das riquezas sem consideração pelo uso, correspondem à imundície. A imundície espiritual não é outra coisa.

364. Os pobres entram no céu não por causa da sua pobreza, mas por causa da sua vida. A vida de cada um acompanha-o, seja ele rico ou pobre. Não há uma misericórdia especial que favoreça uns em detrimento de outros:[5] quem viveu bem é recebido, e quem

não viveu bem é rejeitado. Além disso, a pobreza pode desviar e afastar a pessoa do céu tanto como a riqueza. Há muitos pobres que não se contentam com a sua sorte, ambicionam muitas coisas e consideram as riquezas bênçãos;[6] quando não as alcançam, ficam muito revoltados e alimentam maus pensamentos acerca da providência Divina. Invejam também os bens dos outros e estão tão dispostos como qualquer pessoa a defraudá-los quando têm oportunidade e a entregar-se a prazeres imundos.

Mas isto não se aplica aos pobres que se contentam com a sua sorte, são cuidadosos e diligentes no trabalho, preferem o labor à ociosidade, agem com sinceridade e fidelidade e, ao mesmo tempo, vivem uma vida cristã. Tenho falado, de tempos a tempos, com camponeses e pessoas do povo que, no mundo, acreditavam em Deus e faziam o que era justo e reto nas suas ocupações. Como tinham afeição pelo conhecimento da verdade, perguntavam acerca da caridade e da fé, tendo ouvido falar muito da fé neste mundo e muito da caridade na outra vida. Foi-lhes, por isso, dito que a caridade compreende tudo o que pertence à vida, e a fé, tudo o que pertence à doutrina; por conseguinte, a caridade é querer e fazer o que é justo e reto em cada obra, e a fé é pensar com justiça e retidão. A fé e a caridade estão unidas como a doutrina e uma vida conforme a ela, ou como o pensamento e a vontade; e a fé torna-se caridade quando a pessoa também quer e faz aquilo que pensa com justiça e retidão, deixando então de ser duas coisas para serem uma só. Compreenderam-no bem e alegraram-se, dizendo que, no mundo, nunca tinham entendido o crer de outro modo senão como viver.

365. Tudo isto torna claro que ricos e pobres entram igualmente no céu, uns tão facilmente como os outros. A crença de que os pobres entram facilmente no céu e os ricos com dificuldade provém de não se compreender a Palavra quando nela se fala de ricos e de pobres. No sentido espiritual da Palavra, os «ricos» são os que possuem abundantes conhecimentos do bem e da verdade, isto é, os que estão dentro da igreja, onde existe a Palavra; e os «pobres» são os que carecem desses conhecimentos, mas os desejam, isto é, os que estão fora da igreja, onde não existe a Palavra.

(2) O rico vestido de púrpura e de linho fino, que foi lançado no inferno, representa a nação judaica, chamada rica porque possuía a Palavra e, por ela, abundantes conhecimentos do bem e da verdade: as «vestes de púrpura» significam os conhecimentos do bem, e as «vestes de linho fino», os conhecimentos da verdade.[7] Mas o pobre que jazia à porta do rico e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da sua mesa, e que foi levado pelos anjos para o céu, representa as nações que não possuíam conhecimentos do bem e da verdade, mas os desejavam (Lucas 16:19–31). Também os ricos convidados para uma grande ceia, que se escusaram a comparecer, representam a nação judaica; e os pobres trazidos em seu lugar representam as nações que estão fora da igreja (Lucas 14:16–24).

(3) O rico de quem o Senhor diz:

> **É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus (Mateus 19:24),**

designa os ricos tanto no sentido natural como no espiritual. No sentido natural, são ricos os que possuem abundantes riquezas e nelas põem o coração; no sentido espiritual, são os que possuem abundantes conhecimentos e erudição, que são riquezas espirituais, e pretendem, por meio deles, introduzir-se nas coisas do céu e da igreja a partir da sua própria inteligência. E, porque isto é contrário à ordem Divina, diz-se que é «mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha»: no sentido espiritual, o «camelo» significa, em geral, a faculdade de conhecer e as coisas conhecidas, e o «fundo de uma agulha» significa a verdade espiritual.[8]

Que seja este o significado do «camelo» e do «fundo de uma agulha» não é atualmente conhecido, porque o conhecimento que ensina o que significam, no sentido espiritual, as coisas ditas no sentido literal da Palavra ainda não foi revelado. Em cada pormenor da Palavra há um sentido espiritual e um sentido natural; pois a Palavra foi constituída inteiramente por correspondências entre coisas naturais e espirituais, a fim de que, através dela, se estabelecesse a conjunção do céu com o mundo, ou dos anjos com os homens, uma vez que a conjunção direta tinha cessado. Torna-se assim claro quem é, em particular, o «rico» de que a Palavra fala.

(4) Que os «ricos» na Palavra significam, no sentido espiritual, os que possuem conhecimentos da verdade e do bem, e que as «riquezas» significam os próprios conhecimentos, que são riquezas espirituais, pode ver-se em várias passagens, como em Isaías 10:12–14; 30:6, 7; 45:3; Jeremias 17:3; 48:7; 50:36, 37; 51:13; Daniel 5:2–4; Ezequiel 26:7, 12; 27:1 até ao fim; Zacarias 9:3, 4; Salmo 45:12; Oseias 12:9; Apocalipse 3:17, 18; Lucas 14:33, e noutros lugares. Do mesmo modo, os «pobres», no sentido espiritual, significam os que não possuem conhecimentos do bem e da verdade, mas os desejam (Mateus 11:5; Lucas 6:20, 21; 14:21; Isaías 14:30; 29:19; 41:17, 18; Sofonias 3:12, 13). Todas estas passagens podem ver-se explicadas segundo o sentido espiritual nos Arcanos Celestes (n.º 10227).

CAPÍTULO 40

Os Casamentos no Céu

366. Como o céu provém do género humano e, por isso, há anjos de ambos os sexos, e como, pela criação, a mulher é para o homem e o homem para a mulher, pertencendo assim um ao outro, e este amor é inato em ambos, segue-se que há casamentos no céu, tal como na terra. Os casamentos no céu, porém, diferem muito dos casamentos na terra. Explicar-se-á, pois, agora, o que são os casamentos no céu, em que diferem dos casamentos na terra e em que se lhes assemelham.

367. O casamento no céu é a conjunção de duas pessoas numa só mente. É necessário explicar primeiro o que é esta conjunção. A mente consiste em duas partes, uma chamada entendimento e a outra vontade. Quando estas duas partes atuam como uma só, constituem uma só mente. No céu, o marido desempenha a parte chamada entendimento, e a esposa, a parte chamada vontade. Quando esta conjunção, que pertence aos interiores da pessoa, desce às partes inferiores pertencentes ao corpo, é percebida e sentida como amor, e este amor é o amor conjugal. Vê-se assim que o amor conjugal tem a sua origem na conjunção de duas

pessoas numa só mente. A isto chama-se coabitação no céu; e as duas pessoas não são chamadas duas, mas uma só. Por isso, no céu, fala-se de um casal não como de dois anjos, mas como de um só.[1]

368. Além disso, esta conjunção do marido e da esposa no mais íntimo das suas mentes procede da própria criação de ambos; pois o homem nasce para ser intelectual, isto é, para pensar a partir do entendimento, enquanto a mulher nasce para ser afetiva, isto é, para pensar a partir da sua vontade. Isto evidencia-se na inclinação ou disposição natural de cada um e também na sua forma: na disposição, porque o homem age a partir da razão e a mulher a partir da afeição; na forma, porque o homem tem um rosto mais áspero e menos belo, uma voz mais grave e um corpo mais rijo, enquanto a mulher tem um rosto mais suave e mais belo, uma voz mais delicada e um corpo mais tenro. Há uma diferença semelhante entre o entendimento e a vontade, ou entre o pensamento e a afeição; assim também entre a verdade e o bem e entre a fé e o amor, pois a verdade e a fé pertencem ao entendimento, e o bem e o amor à vontade. É por isso que, na Palavra, «jovem» ou «homem» significa, no sentido espiritual, o entendimento da verdade, e «virgem» ou «mulher», a afeição pelo bem; que a igreja, pela sua afeição pelo bem e pela verdade, é chamada «mulher» e «virgem»; e que todos os que estão na afeição pelo bem são chamados «virgens», como em Apocalipse 14:4.[2]

369. Todas as pessoas, sejam homens ou mulheres, possuem entendimento e vontade; mas no homem predomina o

entendimento, e na mulher predomina a vontade, sendo o caráter determinado pelo que predomina. Todavia, nos casamentos celestes não há predominância, pois a vontade da esposa é também a vontade do marido, e o entendimento do marido é também o entendimento da esposa, visto que cada um ama querer e pensar como o outro, de modo mútuo e recíproco. Assim se unem num só. Esta conjunção é real, porque a vontade da esposa entra no entendimento do marido, e o entendimento do marido na vontade da esposa, sobretudo quando se olham no rosto. Pois, como já se disse repetidas vezes, nos céus há uma comunicação de pensamentos e de afeições, especialmente entre marido e esposa, porque se amam reciprocamente. Torna-se assim claro em que consiste a conjunção das mentes que constitui o casamento e produz o amor conjugal nos céus: em cada um desejar que aquilo que é seu pertença ao outro, e isto reciprocamente.

370. Os anjos disseram-me que, na medida em que os cônjuges estão assim unidos, se encontram no amor conjugal e, na mesma medida, na inteligência, na sabedoria e na felicidade, porque a verdade Divina e o bem Divino, de que procedem toda a inteligência, sabedoria e felicidade, fluem principalmente para o amor conjugal. Por conseguinte, o amor conjugal, sendo também o casamento do bem e da verdade, é o próprio plano do influxo Divino. Com efeito, este amor, por ser uma conjunção do entendimento e da vontade, é também uma conjunção da verdade e do bem, visto que o entendimento recebe a verdade Divina e é formado de verdades, e a vontade recebe o bem Divino e é formada de bens. Pois aquilo que uma pessoa quer é para ela um bem, e

aquilo que entende é para ela uma verdade; por isso, dizer conjunção do entendimento e da vontade é o mesmo que dizer conjunção da verdade e do bem. É a conjunção da verdade e do bem que constitui o anjo, a sua inteligência, a sua sabedoria e a sua felicidade; pois um anjo é anjo na medida em que, nele, o bem está unido à verdade e a verdade ao bem, ou, o que é o mesmo, na medida em que o amor está unido à fé e a fé ao amor.

371. O Divino que procede do Senhor flui principalmente para o amor conjugal porque este amor desce da conjunção do bem e da verdade; pois, como se disse, é o mesmo dizer conjunção do entendimento e da vontade ou conjunção do bem e da verdade. A conjunção do bem e da verdade tem a sua origem no amor Divino do Senhor por todos os que estão no céu e na terra. Do amor Divino procede o bem Divino, e os anjos e os homens recebem o bem Divino nas verdades Divinas. Como a verdade é o único recetáculo do bem, quem não está nas verdades nada pode receber do Senhor e do céu; por isso, a pessoa está unida ao Senhor e ao céu precisamente na medida em que as verdades nela estão unidas ao bem. Esta é, portanto, a própria origem do amor conjugal, e é por esta razão que esse amor é o próprio plano do influxo Divino. Vê-se assim por que motivo a conjunção do bem e da verdade no céu é chamada casamento celeste, por que o céu é comparado na Palavra a um casamento e chamado casamento, e por que o Senhor é chamado «Noivo» e «Marido», e o céu, bem como a igreja, «noiva» e «esposa».[3]

372. O bem e a verdade unidos num anjo ou num homem não são dois, mas um só, pois o bem é então o bem da verdade, e a verdade é a verdade do bem. Esta conjunção pode comparar-se ao pensar aquilo que se quer e ao querer aquilo que se pensa, quando o pensamento e a vontade constituem um só, isto é, uma só mente. Com efeito, o pensamento dá forma, ou seja, apresenta sob uma forma aquilo que a vontade quer, e a vontade dá-lhe prazer; e é por isso que um casal no céu não é chamado dois anjos, mas um só. É também isto que significam as palavras do Senhor:

> **Não lestes que Aquele que os criou desde o princípio os fez homem e mulher e disse: Por esta razão deixará o homem pai e mãe e unir-se-á à sua mulher, e os dois serão uma só carne? Portanto, já não são dois, mas uma só carne. O que Deus uniu, não o separe o homem. Nem todos podem receber esta palavra, mas apenas aqueles a quem isso é dado (Mateus 19:4–6, 11; Marcos 10:6–9; Génesis 2:24).**

Estas palavras descrevem tanto o casamento celeste em que se encontram os anjos como o casamento do bem e da verdade. «Não separar o homem o que Deus uniu» significa que o bem não deve ser separado da verdade.

373. De tudo isto se torna clara a origem do verdadeiro amor conjugal: forma-se primeiro nas mentes daqueles que estão unidos pelo casamento, e daí desce e se transmite ao corpo, onde é percebido e sentido como amor. Pois tudo o que se sente e percebe no corpo tem a sua origem no espiritual, uma vez que procede do entendimento e da vontade. O entendimento e a vontade constituem o homem espiritual. Tudo o que desce do homem

espiritual ao corpo apresenta-se aí sob outro aspeto, embora seja semelhante e concordante, como a alma e o corpo e como a causa e o efeito; isto pode ver-se pelo que se disse e mostrou nos dois capítulos sobre as correspondências.

374. Ouvi um anjo descrever deste modo o verdadeiro amor conjugal e os seus prazeres celestes: é o Divino do Senhor nos céus, ou seja, o bem Divino e a verdade Divina, de tal maneira unidos em duas pessoas que estas não são como duas, mas como uma só. Disse que, no céu, os dois cônjuges são o amor conjugal, pois cada um é o seu próprio bem e a sua própria verdade, tanto quanto à mente como quanto ao corpo, sendo o corpo uma imagem da mente, por ser formado à sua semelhança. Daqui concluiu que o Divino se representa nos dois que estão no verdadeiro amor conjugal; e, assim como o Divino aí se representa, também o céu, porque todo o céu é o bem Divino e a verdade Divina que procedem do Senhor. É por isso que todas as coisas do céu estão inscritas no amor conjugal, com mais bênçãos e prazeres do que é possível contar. Exprimia esse número por um termo que envolvia miríades de miríades.

Admirava-se de que o homem da igreja nada soubesse disto, visto que a igreja é o céu do Senhor na terra, e o céu é um casamento do bem e da verdade. Disse que o espantava pensar que, dentro da igreja, ainda mais do que fora dela, se cometessem e até se justificassem adultérios. O prazer destes, em si mesmo, não é outra coisa, no sentido espiritual e, consequentemente, no mundo espiritual, senão o prazer do amor da falsidade unida ao

mal; e este prazer é infernal, porque se opõe diretamente ao prazer do céu, que é o prazer do amor da verdade unida ao bem.

375. Todos sabem que dois cônjuges que se amam estão interiormente unidos e que o essencial do casamento é a união das índoles e das mentes. Daqui se pode ver que, tais como são as suas índoles ou mentes essenciais, assim é a sua união e assim é o amor que têm um pelo outro. A mente forma-se unicamente de verdades e de bens, pois todas as coisas do universo se relacionam com o bem e a verdade e com a sua conjunção. Por conseguinte, tais como são as verdades e os bens de que as mentes se formam, assim é exatamente a união das mentes; e a união mais perfeita é, portanto, a das mentes formadas de verdades e bens genuínos. Saiba-se que não há duas coisas que se amem mutuamente mais do que a verdade e o bem; e é desse amor que desce o verdadeiro amor conjugal.[4] A falsidade e o mal também se amam mutuamente, mas este amor transforma-se depois em inferno.

376. Pelo que se disse acerca da origem do amor conjugal, pode concluir-se quem está nesse amor e quem não está: nele se encontram aqueles que estão no bem Divino a partir das verdades Divinas; e o amor conjugal é genuíno precisamente na medida em que são genuínas as verdades com que o bem está unido. E, como todo o bem unido às verdades procede do Senhor, segue-se que ninguém pode estar no verdadeiro amor conjugal se não reconhecer o Senhor e o Seu Divino; pois, sem esse reconhecimento, o Senhor não pode fluir para a pessoa nem unir-se às verdades que nela estão.

377. É, pois, evidente que aqueles que estão em falsidades, especialmente nas falsidades provenientes do mal, não estão no amor conjugal. Além disso, os que estão no mal e nas falsidades que dele procedem têm fechados os interiores da mente; por isso, não pode haver neles uma fonte de amor conjugal. Mas, abaixo desses interiores, no homem externo ou natural separado do interno, pode haver uma conjunção da falsidade e do mal, chamada casamento infernal. Foi-me permitido ver como é esse casamento entre os que estão nas falsidades do mal, chamado casamento infernal. Estas pessoas conversam entre si e unem-se por um desejo lascivo, mas interiormente ardem num ódio mortal umas pelas outras, demasiado intenso para ser descrito.

378. Também não pode existir amor conjugal entre dois cônjuges de religiões diferentes, porque a verdade de um não concorda com o bem do outro; e duas espécies de bem e de verdade dessemelhantes e discordantes não podem fazer de duas mentes uma só. Por conseguinte, o amor entre essas pessoas não tem origem em coisa alguma de espiritual. Se vivem juntas em harmonia, é unicamente por razões naturais.[5] É por isso que, nos céus, só há casamentos entre os que pertencem à mesma sociedade, porque estão num bem e numa verdade semelhantes, e não com os que estão fora dela. Pode ver-se acima (n.º 41 e seguintes) que todos os membros de uma sociedade estão num bem e numa verdade semelhantes e diferem dos que estão fora dela. Isto era representado na nação israelita pela celebração de casamentos dentro das tribos e, em particular, dentro das famílias, e não fora delas.

379. Também não é possível o verdadeiro amor conjugal entre um marido e várias esposas, pois assim se destrói a sua origem espiritual, que é a formação de uma só mente a partir de duas; destrói-se, por conseguinte, a conjunção interior, que é a conjunção do bem e da verdade, de onde provém a própria essência desse amor. O casamento com mais de uma mulher é como um entendimento dividido entre várias vontades; ou como um homem ligado não a uma, mas a várias igrejas, pois a sua fé fica assim tão dispersa que se reduz a nada. Os anjos afirmam que casar com várias mulheres é inteiramente contrário à ordem Divina e que o sabem por várias razões. Uma delas é que, logo que pensam no casamento com mais de uma mulher, se afastam da bem-aventurança interna e da felicidade celeste e se tornam como homens embriagados, porque neles o bem se separa da sua verdade. E, como os interiores da sua mente são levados a tal estado pelo simples pensamento nisso com alguma intenção, veem claramente que o casamento com mais de uma mulher fecharia a sua mente interna e faria com que o casamento fosse substituído pelo amor lascivo, que afasta do céu.[6]

(2) Afirmam ainda que os homens não compreendem isto facilmente, porque poucos se encontram no amor conjugal genuíno; e os que não estão nele nada sabem do prazer interior desse amor, conhecendo apenas o prazer da lascívia, que se transforma em desprazer após um breve período de vida em comum. Pelo contrário, o prazer do verdadeiro amor conjugal não só perdura até à velhice no mundo, como, depois da morte, se torna o prazer do céu e aí se enche de um prazer

interior que se aperfeiçoa cada vez mais, por toda a eternidade. Disseram também que se poderiam enumerar muitos milhares de variedades de bem-aventurança do verdadeiro amor conjugal, sem que uma única fosse conhecida do homem ou pudesse ser compreendida por alguém que não esteja no casamento do bem e da verdade proveniente do Senhor.

380. O amor de dominar um sobre o outro elimina inteiramente o amor conjugal e o seu prazer celeste; pois, como se disse, o amor conjugal e o seu prazer consistem em a vontade de um ser a do outro, de modo mútuo e recíproco. O amor de dominar no casamento destrói isto, visto que aquele que domina quer que só a sua vontade esteja no outro, e que nada da vontade do outro esteja reciprocamente em si. Deste modo, destrói toda a mutualidade e, portanto, toda a partilha do amor e do seu prazer entre ambos. E, no entanto, esta partilha e a conjunção que dela resulta são o próprio prazer interior a que se chama bem-aventurança no casamento. O amor de dominar extingue tão completamente esta bem-aventurança, juntamente com tudo o que há de celeste e de espiritual no amor conjugal, que chega a destruir todo o conhecimento dela; e, se se falasse desse amor, seria tido em tal desprezo que qualquer menção de uma bem-aventurança daí proveniente suscitaria o riso ou a cólera.

(2) Quando um quer ou ama aquilo que o outro quer ou ama, ambos têm liberdade, pois toda a liberdade procede do amor; mas, onde há domínio, ninguém tem liberdade: um é servo, e

o outro, que domina, também é servo, pois é conduzido como um servo pela ânsia de dominar. Tudo isto, porém, ultrapassa inteiramente a compreensão de quem não sabe o que é a liberdade do amor celeste. Ainda assim, pelo que se disse acerca da origem e da essência do amor conjugal, pode ver-se que, na medida em que entra o domínio, as mentes não se unem, mas dividem-se. O domínio subjuga, e uma mente subjugada ou não tem vontade, ou tem uma vontade contrária. Se não tem vontade, também não tem amor; se tem uma vontade contrária, há ódio em lugar de amor.

(3) Os interiores daqueles que vivem num casamento assim estão em conflito e luta mútua, como costuma acontecer entre dois opostos, por mais que os seus exteriores sejam contidos e mantidos em sossego em nome da tranquilidade. O conflito e o antagonismo dos seus interiores revelam-se depois da morte, quando geralmente se encontram e lutam como inimigos, dilacerando-se mutuamente, pois então agem segundo o estado dos seus interiores. Foi-me permitido vê-los frequentemente a lutar e a dilacerarem-se, por vezes com grande espírito de vingança e crueldade. Pois, na outra vida, os interiores de cada um são postos em liberdade; já não os contêm vínculos exteriores nem considerações mundanas, e cada um é então exatamente tal como é interiormente.

381. A alguns é concedida uma semelhança de amor conjugal. Todavia, se não estiverem no amor do bem e da verdade, não há amor conjugal, mas apenas um amor que, por várias razões, se lhe

assemelha: assegurar bons serviços em casa; viver sem preocupações, em paz ou com comodidade; receber cuidados na doença ou na velhice; ou garantir que os filhos que amam sejam bem tratados. Alguns são contidos pelo receio do outro cônjuge, pela perda da reputação ou por outras consequências nocivas; outros, por uma paixão dominante. Além disso, o amor conjugal pode diferir nos dois cônjuges: num pode existir em maior ou menor grau, no outro pouco ou nada; e, em virtude desta diferença, um pode ter por destino o céu e o outro o inferno.

382. [a.] No céu mais íntimo há amor conjugal genuíno, porque os anjos aí estão no casamento do bem e da verdade e também na inocência. Os anjos dos céus inferiores também estão no amor conjugal, mas apenas na medida em que estão na inocência; pois o amor conjugal, considerado em si mesmo, é um estado de inocência. É por isso que os cônjuges que estão no amor conjugal desfrutam juntos de prazeres celestes, que às suas mentes se apresentam quase como brincadeiras de inocência entre crianças pequenas. Tudo deleita as suas mentes, porque o céu, com a sua alegria, flui para cada pormenor das suas vidas. Pela mesma razão, o amor conjugal é representado no céu por objetos de extraordinária beleza. Vi-o representado por uma donzela de beleza indescritível, rodeada por uma nuvem de branco resplandecente. Diz-se que os anjos do céu recebem toda a sua beleza do amor conjugal. As afeições e os pensamentos que procedem desse amor são representados por auras semelhantes a diamantes, com cintilações como de carbúnculos e rubis, acompanhadas por prazeres que afetam os interiores da mente. Numa palavra, o

próprio céu é representado no amor conjugal, porque, nos anjos, o céu é a conjunção do bem e da verdade, e é esta conjunção que constitui o amor conjugal.

382. [b.] Os casamentos no céu diferem dos casamentos na terra porque a procriação de descendentes é outra finalidade dos casamentos na terra, mas não dos casamentos no céu; pois, no céu, a procriação do bem e da verdade ocupa o lugar da procriação de descendentes. A primeira ocupa o lugar da segunda porque o casamento no céu é um casamento do bem e da verdade, como se mostrou; e, uma vez que nesse casamento o bem e a verdade e a sua conjunção são amados acima de tudo, são eles que se propagam pelos casamentos no céu. É por isso que, na Palavra, os nascimentos e as gerações significam nascimentos e gerações espirituais, que são os do bem e da verdade; a mãe e o pai significam a verdade unida ao bem, que é aquilo que procria; os filhos e as filhas significam as verdades e os bens procriados; e os genros e as noras, a conjunção destes, e assim por diante.[7]

Tudo isto torna claro que os casamentos no céu não são como os casamentos na terra. No céu, as uniões matrimoniais são espirituais e não podem, em rigor, chamar-se casamentos, mas conjunções de mentes resultantes da conjunção do bem e da verdade. Na terra, porém, há casamentos, porque estes não são apenas do espírito, mas também da carne. E, como no céu não há casamentos nesse sentido, os cônjuges não são aí chamados marido e esposa; antes, a partir da ideia angélica da união de duas mentes numa só, cada cônjuge designa o outro por um nome que

significa aquilo que lhe é próprio, de modo mútuo e recíproco. Vê-se assim como devem entender-se as palavras do Senhor acerca de casar e de ser dado em casamento (Lucas 20:35, 36).

383. Foi-me também permitido ver como se celebram os casamentos nos céus. Como em toda a parte do céu os semelhantes são unidos e os dessemelhantes separados, cada sociedade celeste é composta por pessoas semelhantes. Os semelhantes são levados para junto dos semelhantes não por si mesmos, mas pelo Senhor (ver acima, n^{os} 41, 43, 44 e seguintes); do mesmo modo, são aproximados os cônjuges cujas mentes podem unir-se numa só. Por conseguinte, desde o primeiro olhar amam-se no mais íntimo, reconhecem-se como cônjuges e unem-se em casamento. É por esta razão que todos os casamentos no céu procedem unicamente do Senhor. Há também festas de casamento, às quais assistem muitas pessoas; mas as festividades diferem de sociedade para sociedade.

384. Os casamentos na terra são santíssimos aos olhos dos anjos do céu, porque são os viveiros do género humano e também dos anjos do céu, visto que o céu provém do género humano, como já se mostrou no respetivo capítulo. Também o são porque têm uma origem espiritual, a saber, o casamento do bem e da verdade, e porque o Divino do Senhor flui especialmente para o amor conjugal. Os adultérios, pelo contrário, são considerados profanos pelos anjos, por serem contrários ao amor conjugal; pois, assim como nos casamentos os anjos veem o casamento do bem e da verdade, que é o céu, nos adultérios veem o casamento da falsidade e do

mal, que é o inferno. Por isso, basta-lhes ouvir mencionar os adultérios para se afastarem. É também por isso que o céu se fecha à pessoa quando ela comete adultério por prazer; e, quando o céu se fecha, a pessoa deixa de reconhecer o Divino e qualquer coisa da fé da igreja.[8]

Foi-me permitido perceber que todos os que estão no inferno são contrários ao amor conjugal pela esfera que dele emanava, semelhante a um esforço incessante para dissolver e violar os casamentos. Isto mostra que o prazer dominante no inferno é o prazer do adultério, e que o prazer do adultério é o prazer de destruir a conjunção do bem e da verdade, conjunção que constitui o céu. Segue-se daqui que o prazer do adultério é um prazer infernal, diretamente oposto ao prazer do casamento, que é um prazer celeste.

385. Havia certos espíritos que, por um hábito adquirido na vida do corpo, me molestavam com particular astúcia, mediante um influxo muito suave e ondulante, semelhante ao influxo habitual dos espíritos bem-intencionados. Eu percebia, porém, que havia neles astúcia e outros males semelhantes, que os impeliam a armar ciladas e a enganar. Por fim, falei com um deles, que, segundo me disseram, fora comandante de um exército quando vivia no mundo. Apercebendo-me de que havia lascívia nas ideias do seu pensamento, falei-lhe do casamento, usando a linguagem espiritual com representações, que exprime plenamente, num instante, tudo o que se quer dizer e muitas outras coisas. Ele disse que, na vida do corpo, não dera importância aos adultérios.

Foi-me, porém, permitido dizer-lhe que os adultérios são abomináveis, embora aos que são como ele não pareçam sê-lo e até pareçam permitidos, por causa dos seus prazeres sedutores e aliciantes. Podia saber que eram abomináveis pelo facto de os casamentos serem os viveiros do género humano e, portanto, também os viveiros do reino celeste; consequentemente, nunca devem ser violados, mas considerados santos. Podia também sabê-lo pelo facto — que devia conhecer, por estar na outra vida e num estado de perceção — de o amor conjugal descer do Senhor através do céu e de, a partir desse amor, como de um progenitor, proceder o amor mútuo, que é o fundamento do céu. E ainda por isto: quando os adúlteros simplesmente se aproximam das sociedades celestes, sentem o seu próprio mau cheiro e precipitam-se dali em direção ao inferno.

Pelo menos, devia ter sabido que violar os casamentos é contrário às leis Divinas e às leis civis de todos os reinos, bem como à luz genuína da razão, porque é contrário à ordem Divina e à humana, para não mencionar outras considerações. Mas respondeu que não pensara assim na vida do corpo. Quis argumentar sobre se as coisas eram realmente assim, mas foi-lhe dito que a verdade não admite tais raciocínios, porque os raciocínios defendem aquilo em que cada um encontra prazer e, portanto, os seus males e as suas falsidades. Devia primeiro refletir sobre o que lhe fora dito, por serem verdades; ou, pelo menos, refletir a partir do princípio bem conhecido no mundo de que ninguém deve fazer a outrem aquilo que não quer que lhe façam a si. Devia, por isso, considerar se não teria ele próprio detestado os adultérios caso alguém tivesse desse

modo seduzido a sua esposa, a quem amara como todos amam no primeiro período do casamento, e se, no seu estado de cólera, se tivesse pronunciado sobre o assunto; e também se, sendo um homem de talento, não se teria então confirmado contra os adultérios mais decididamente do que os outros, chegando a condená-los ao inferno.

386. Foi-me mostrado como os prazeres do amor conjugal avançam em direção ao céu e os prazeres do adultério em direção ao inferno. O avanço dos prazeres do amor conjugal para o céu dá-se através de estados de bem-aventurança e felicidade que aumentam continuamente, até se tornarem inumeráveis e inefáveis. Quanto mais interiormente avançam, mais inumeráveis e inefáveis se tornam, até atingirem os próprios estados de bem-aventurança e felicidade do céu mais íntimo, ou céu da inocência. E isto acontece na mais perfeita liberdade; pois toda a liberdade procede do amor, e a mais perfeita liberdade procede, portanto, do amor conjugal, que é o próprio amor celeste. Pelo contrário, o avanço do adultério é em direção ao inferno e, gradualmente, ao inferno mais profundo, onde só há coisas terríveis e horríveis. Tal é a sorte que espera os adúlteros depois da vida no mundo, entendendo-se aqui por adúlteros os que encontram prazer nos adultérios e nenhum prazer nos casamentos.

CAPÍTULO 41

As Ocupações dos Anjos no Céu

387. É impossível enumerar as ocupações que existem nos céus, e menos ainda descrevê-las em pormenor; pode, no entanto, dizer-se alguma coisa acerca delas de um modo geral. São inumeráveis e variam segundo as funções das sociedades. Cada sociedade tem a sua função própria; pois, assim como as sociedades se distinguem segundo os bens (ver acima, n.º 41), também se distinguem segundo os usos, porque, em todos os habitantes dos céus, os bens são bens em ato, que são os usos. Todos aí realizam um uso, pois o reino do Senhor é um reino de usos.[1]

388. Nos céus, como na terra, há muitas formas de serviço, pois há assuntos eclesiásticos, assuntos civis e assuntos domésticos. Que há assuntos eclesiásticos é evidente pelo que se disse e mostrou acima acerca do culto Divino (nos 221–227); que há assuntos civis, pelo que se disse acerca dos governos no céu (nos 213–220); e que há assuntos domésticos, pelo que se disse acerca das moradas e habitações dos anjos (nos 183–190) e dos casamentos no céu (nos 366–368). Tudo isto mostra que, em cada sociedade celeste, há muitas ocupações e muitos serviços.

389. Todas as coisas nos céus estão organizadas segundo a ordem Divina, que é preservada em toda a parte pelos serviços realizados pelos anjos: as coisas que pertencem ao bem ou uso geral, pelos anjos mais sábios; as que pertencem aos usos particulares, pelos menos sábios; e assim sucessivamente. Estão subordinadas tal como os usos se subordinam na ordem Divina; por esta razão, a cada função está ligada uma dignidade correspondente à dignidade do uso. Todavia, o anjo não reivindica para si essa dignidade, mas atribui toda a dignidade ao uso; e, como o uso é o bem que realiza e todo o bem procede do Senhor, atribui toda a dignidade ao Senhor. Por isso, aquele que pensa primeiro na honra para si e depois no uso, e não primeiro no uso e depois em si, não pode desempenhar função alguma no céu, porque isso é voltar as costas ao Senhor e colocar-se a si em primeiro lugar e ao uso em segundo. Quando se fala do uso, entende-se também o Senhor, porque, como acaba de se dizer, o uso é o bem, e o bem procede do Senhor.

390. Daqui se pode inferir em que consistem as subordinações nos céus: na medida em que alguém ama, estima e honra o uso, ama, estima e honra também a pessoa a quem esse uso está ligado; e a pessoa é amada, estimada e honrada na medida em que atribui o uso ao Senhor e não a si mesma, pois nessa medida é sábia e realiza a partir do bem os usos que desempenha. O amor, a estima e a honra espirituais não são outra coisa senão o amor, a estima e a honra do uso na pessoa, juntamente com a honra prestada à pessoa por causa do uso, e não a honra prestada ao uso por causa da pessoa. É também assim que os homens são considerados

quando se olha para eles a partir da verdade espiritual: vê-se então que um homem é semelhante a outro, quer ocupe uma posição de grande ou de pequena dignidade, sendo a única diferença percetível uma diferença de sabedoria. E a sabedoria é amar o uso, isto é, amar o bem do concidadão, da sociedade, da pátria e da igreja. É isto que constitui o amor ao Senhor, porque todo o bem que é um bem de uso procede do Senhor; e constitui também o amor ao próximo, porque o próximo significa o bem que deve ser amado no concidadão, na sociedade, na pátria e na igreja, e que deve ser realizado em seu benefício.[2]

391. Assim como todas as sociedades nos céus se distinguem segundo os seus bens, conforme se disse acima (n.º 41 e seguintes), também se distinguem segundo os seus usos, sendo os bens, bens em ato, isto é, bens de caridade, que são os usos. Algumas sociedades ocupam-se de cuidar das crianças pequenas; outras, de as ensinar e educar à medida que crescem; outras ainda, de ensinar e educar do mesmo modo os rapazes e as raparigas que adquiriram uma boa índole pela educação no mundo e, por isso, entraram no céu. Há outras sociedades que ensinam as pessoas simples e boas provenientes do mundo cristão e as conduzem pelo caminho do céu; outras ensinam e conduzem de igual modo os vários povos gentios. Há sociedades que defendem das investidas dos espíritos maus os espíritos recém-chegados do mundo; algumas assistem os espíritos que estão na terra inferior; outras assistem os espíritos que estão nos infernos e impedem que se atormentem uns aos outros para além dos limites prescritos; e outras assistem os que estão a ser ressuscitados dos mortos.

Em geral, são enviados anjos de cada sociedade aos homens, para velarem por eles e os afastarem das más afeições e dos pensamentos que delas resultam, e para lhes inspirarem boas afeições, na medida em que as recebam em liberdade. Por meio destas, dirigem também os atos ou as obras dos homens, afastando, tanto quanto possível, as más intenções. Quando os anjos estão com os homens, habitam, por assim dizer, nas suas afeições; estão próximos de uma pessoa precisamente na medida em que ela está no bem a partir das verdades e estão afastados dela na medida em que a sua vida se afasta do bem.[3] Mas todas estas ocupações dos anjos são ocupações do Senhor através dos anjos, pois estes realizam-nas a partir do Senhor, e não de si mesmos. É por isso que, no sentido interno da Palavra, «anjos» não significa anjos, mas algo que pertence ao Senhor; e é pela mesma razão que os anjos são chamados «deuses» na Palavra.[4]

392. Estas ocupações dos anjos são as suas ocupações gerais; mas cada um tem a sua incumbência particular. Com efeito, todo o uso geral é composto de inúmeros usos chamados mediatos, ministeriais e auxiliares, todos e cada um coordenados e subordinados segundo a ordem Divina, e que, em conjunto, constituem e aperfeiçoam o uso geral, que é o bem geral.

393. Ocupam-se dos assuntos eclesiásticos no céu aqueles que, no mundo, amaram a Palavra e nela procuraram avidamente as verdades, não tendo por fim a honra ou o lucro, mas os usos da vida, tanto para si como para os outros. Estes encontram-se no céu na iluminação e na luz da sabedoria, na medida do seu amor e do

seu desejo de uso; e recebem essa luz da sabedoria da Palavra no céu, que não é uma Palavra natural, como no mundo, mas uma Palavra espiritual (ver acima, n.º 259). Exercem o ministério da pregação; e, segundo a ordem Divina, ocupam posições mais elevadas aqueles que, pela iluminação, excedem os outros em sabedoria.

(2) Ocupam-se dos assuntos civis aqueles que, no mundo, amaram a sua pátria e o seu bem geral mais do que o próprio bem e fizeram o que era justo e reto por amor à justiça e à retidão. Na medida em que, pelo ardor desse amor, investigaram as leis da justiça e se tornaram assim inteligentes, têm capacidade para desempenhar essas funções no céu; e desempenham-nas na posição ou no grau correspondente à sua inteligência, sendo esta proporcional ao seu amor pelo uso em benefício do bem geral.

(3) Além disso, há no céu mais funções, serviços e ocupações do que se podem enumerar; em comparação, no mundo há poucos. Mas, por muitos que sejam os que assim se ocupam, todos encontram prazer no seu trabalho e no seu labor por amor ao uso, e nenhum por amor de si ou do lucro. Como lhes é fornecido gratuitamente tudo o que é necessário à vida, não têm amor ao lucro para garantir o sustento: recebem gratuitamente habitação, vestuário e alimento. É, pois, evidente que aqueles que amaram a si mesmos e ao mundo mais do que o uso não têm lugar no céu; pois o amor ou a afeição de cada um permanece com ele depois da vida no

mundo e nunca é extirpado, por toda a eternidade (ver acima, n.º 563).

394. No céu, cada um entra na sua própria ocupação segundo a correspondência; e a correspondência não é com a ocupação, mas com o uso de cada ocupação (ver acima, n.º 112), pois há correspondência de todas as coisas (ver n.º 106). Aquele que, no céu, entra no serviço ou na ocupação correspondente ao seu uso encontra-se numa condição de vida muito semelhante à que tinha no mundo, uma vez que o espiritual e o natural constituem um só pelas correspondências. Há, porém, esta diferença: entra então num prazer interior, porque entra na vida espiritual, que é uma vida interior e, por isso, mais recetiva da bem-aventurança celeste.

CAPÍTULO 42

A Alegria e a Felicidade Celestes

395. Quase ninguém sabe hoje o que é o céu ou o que é a alegria celeste. Os que refletiram sobre estes assuntos formaram deles uma ideia tão geral e tão grosseira que pouco ou nada representa. Pelos espíritos que passaram do mundo para a outra vida, pude conhecer plenamente a ideia que tinham do céu e da alegria celeste; pois, quando são deixados entregues a si mesmos, como estavam no mundo, pensam como então pensavam. Esta ignorância acerca da alegria celeste existe porque aqueles que nela pensaram formaram a sua opinião a partir das alegrias exteriores do homem natural, sem saberem o que é o homem interior e espiritual nem, por conseguinte, qual a natureza do seu prazer e da sua bem-aventurança. Por isso, ainda que os que estão no prazer espiritual ou interior lhes dissessem o que é a alegria celeste, não a compreenderiam, pois isso só poderia entrar numa ideia ainda não reconhecida e, portanto, em nenhuma perceção; ficaria, assim, entre as coisas que o homem natural rejeita.

Todavia, todos podem compreender que, quando uma pessoa deixa o seu homem exterior ou natural, entra no homem interior ou

espiritual e, por conseguinte, podem ver que o prazer celeste é interno e espiritual, e não externo e natural. Sendo interno e espiritual, é mais puro e mais requintado e afeta os interiores da pessoa que pertencem à sua alma ou ao seu espírito. Só por estas considerações, todos podem concluir que o seu prazer será tal como foi anteriormente o prazer do seu espírito e que o prazer do corpo, chamado prazer da carne, em comparação não é celeste. Podem também concluir que tudo o que está no espírito da pessoa quando ela deixa o corpo permanece depois da morte, visto que então vive como homem-espírito.

396. Todos os prazeres procedem do amor, pois aquilo que uma pessoa ama é sentido por ela como agradável. Ninguém encontra prazer noutra fonte. Daqui se segue que, tal como é o amor, assim é o prazer. Os prazeres do corpo ou da carne procedem todos do amor de si e do amor do mundo; são, por conseguinte, cobiças e as suas satisfações. Os prazeres da alma ou do espírito procedem todos do amor ao Senhor e do amor ao próximo; são, por conseguinte, afeições pelo bem e pela verdade e satisfações interiores. Estes amores, com os seus prazeres, fluem do Senhor através do céu por uma via interior, isto é, de cima, e afetam os interiores; os primeiros amores, com os seus prazeres, fluem da carne e do mundo por uma via exterior, isto é, de baixo, e afetam os exteriores.

Por isso, na medida em que os dois amores do céu são recebidos e se fazem sentir, abrem-se os interiores da pessoa, que pertencem à sua alma ou ao seu espírito e que, do mundo, olham para o céu;

ao passo que, na medida em que os dois amores do mundo são recebidos e se fazem sentir, se abrem os seus exteriores, que pertencem ao corpo ou à carne e que se desviam do céu para olhar o mundo. Quando os amores fluem e são recebidos, também fluem os seus prazeres: os prazeres do céu para os interiores, e os prazeres do mundo para os exteriores, pois todo o prazer, como acaba de se dizer, pertence ao amor.

397. O céu está em si mesmo tão cheio de prazeres que, considerado em si, não é outra coisa senão bem-aventurança e prazer. Pois o bem Divino que procede do amor Divino do Senhor é o que constitui o céu, em geral e em particular, em cada um dos seus habitantes; e o amor Divino deseja, desde o mais íntimo e em plenitude, a salvação e a felicidade de todos. Assim, dizer céu ou alegria celeste é dizer a mesma coisa.

398. Os prazeres do céu são inefáveis e inumeráveis; mas aquele que está apenas no prazer do corpo ou da carne não pode conhecer nem crer num só desses inúmeros prazeres, pois os seus interiores, como acaba de se dizer, estão desviados do céu para o mundo, isto é, voltados para trás. Com efeito, aquele que está inteiramente no prazer do corpo ou da carne, ou, o que é o mesmo, no amor de si e do mundo, só sente prazer na honra, no lucro e nos prazeres do corpo e dos sentidos. Estes extinguem e sufocam de tal modo os prazeres interiores que pertencem ao céu que destroem toda a crença neles. Por conseguinte, essa pessoa ficaria muito admirada se lhe dissessem que, postos de lado os prazeres da honra e do lucro, se recebem outros prazeres; e mais ainda se lhe dissessem

que os prazeres do céu que os substituem são inumeráveis e não podem comparar-se aos prazeres do corpo e da carne, que são principalmente os da honra e do lucro. Tudo isto torna claro por que não se sabe o que é a alegria celeste.

399. Pode ver-se quão grande deve ser o prazer do céu pelo facto de o prazer de todos os que nele estão consistir em partilhar com os outros os seus prazeres e as suas bênçãos. Sendo este o caráter de todos os habitantes dos céus, é evidente quão imensurável é o prazer do céu. Mostrou-se acima (n.º 268) que nos céus há uma comunicação de todos com cada um e de cada um com todos. Esta comunicação procede dos dois amores do céu, que são, como se disse, o amor ao Senhor e o amor ao próximo; e partilhar os seus prazeres é a própria natureza destes amores. O amor ao Senhor é assim porque o amor do Senhor é um amor que partilha com todos tudo o que possui, visto que quer a felicidade de todos. Há um amor semelhante em cada um dos que amam o Senhor, porque o Senhor está neles; e daí procede a partilha mútua dos prazeres entre os anjos. O amor ao próximo tem a mesma natureza, como se verá adiante. Tudo isto mostra que é da natureza destes amores partilhar os seus prazeres.

Sucede de outro modo com os amores de si e do mundo. O amor de si tira aos outros e rouba-lhes todo o prazer, dirigindo-o para si, pois só a si deseja o bem; e o amor do mundo quer possuir o que pertence ao próximo. Por isso, estes amores destroem os prazeres dos outros; ou, se há alguma disposição para partilhar, é por causa de si mesmos, e não por causa dos outros. Assim, no que respeita

aos outros, é da natureza destes amores não partilhar, mas tirar, salvo na medida em que os prazeres alheios tenham alguma relação com o próprio interesse. Que os amores de si e do mundo são assim quando dominam, foi-me muitas vezes permitido perceber por experiência viva. Sempre que se aproximavam espíritos que tinham estado nesses amores durante a sua vida como homens no mundo, o meu prazer recuava e desaparecia. Foi-me dito que, só com a aproximação de tais espíritos a uma sociedade celeste, o prazer dos seus membros diminuía na exata medida dessa proximidade; e, coisa admirável, os espíritos maus encontravam então o seu prazer.

Tudo isto revela o estado do espírito de uma pessoa assim enquanto está no corpo, pois é o mesmo que tem depois de separado do corpo: anseia pelos prazeres ou bens de outrem, ou cobiça-os, e encontra prazer na medida em que os obtém. Torna-se assim claro que os amores de si e do mundo tendem a destruir as alegrias do céu e se opõem, portanto, diretamente aos amores celestes, que desejam partilhar.

400. Deve, porém, compreender-se que o prazer daqueles que estão nos amores de si e do mundo, quando se aproximam de uma sociedade celeste, é o prazer da sua cobiça e, portanto, diretamente oposto ao prazer do céu. Entram nesse prazer da sua cobiça por retirarem e dissiparem o prazer celeste naqueles que nele se encontram. Quando o prazer celeste não é retirado nem dissipado, acontece de outro modo: não conseguem então aproximar-se, pois, na medida em que o fazem, atraem sobre si angústia e dor; por essa razão, raramente se atrevem a chegar perto. Também isto me

foi permitido aprender por repetidas experiências, das quais gostaria de acrescentar algumas.

(2) Os espíritos que passam deste mundo para a outra vida desejam, acima de tudo, entrar no céu. Quase todos procuram entrar, supondo que o céu consiste apenas em ser admitido e recebido. Por causa desse desejo, são conduzidos a alguma sociedade do céu mais baixo. Mas, logo que os que estão no amor de si e do mundo se aproximam do primeiro limiar desse céu, começam a sentir-se aflitos e tão atormentados interiormente que sentem em si o inferno, e não o céu. Por isso, precipitam-se dali de cabeça e não descansam até chegarem aos infernos, para junto dos seus semelhantes.

(3) Também tem acontecido frequentemente que esses espíritos desejem saber o que é a alegria celeste e, tendo ouvido que ela se encontra nos interiores dos anjos, queiram participar nela. Isto lhes foi, pois, concedido; porque tudo o que um espírito ainda não situado no céu ou no inferno deseja lhe é concedido, se lhe puder ser útil. Mas, logo que essa alegria lhes era comunicada, começavam a sentir-se tão atormentados que não sabiam como se contorcer ou voltar por causa da dor. Vi-os baixar a cabeça até aos pés, lançarem-se ao chão e aí retorcerem-se em espirais, como serpentes, em consequência da sua agonia interior. Tal era o efeito do prazer celeste sobre aqueles que estão nos prazeres do amor de si e do mundo, porque estes amores se opõem diretamente aos amores celestes; e, quando um oposto atua contra outro,

resulta semelhante dor. Como o prazer celeste entra por uma via interior e flui para o prazer contrário, os interiores que estão nesse prazer contrário são torcidos para trás, isto é, na direção oposta, resultando daí tais tormentos.

(4) São opostos pela razão já indicada: o amor ao Senhor e o amor ao próximo desejam partilhar com os outros tudo o que lhes pertence, pois é nisso que encontram prazer; ao passo que os amores de si e do mundo desejam tirar aos outros o que possuem e apropriar-se disso, encontrando prazer precisamente na medida em que o conseguem. Por aqui se pode também ver o que separa o inferno do céu. Todos os que estão no inferno estiveram, enquanto viviam no mundo, apenas nos prazeres do corpo e da carne provenientes do amor de si e do mundo; todos os que estão nos céus estiveram, enquanto viviam no mundo, nos prazeres da alma e do espírito provenientes do amor ao Senhor e do amor ao próximo. Como estes amores são opostos, os infernos e os céus estão inteiramente separados; e de tal maneira separados que um espírito no inferno nem sequer se atreve a estender um dedo para fora dele ou a levantar o alto da cabeça, pois, se o faz minimamente, é dilacerado pela dor e atormentado. Também isto vi muitas vezes.

401. Aquele que está no amor de si e no amor do mundo sente, enquanto vive no corpo, prazer nesses amores e também nas satisfações particulares que deles derivam. Mas aquele que está no amor a Deus e no amor ao próximo não sente, enquanto vive no

corpo, um prazer distinto nesses amores ou nas boas afeições deles provenientes; sente apenas uma bem-aventurança quase impercetível, porque está escondida nos seus interiores, velada pelos exteriores pertencentes ao corpo e embotada pelas preocupações do mundo. Depois da morte, porém, estes estados alteram-se inteiramente. Os prazeres do amor de si e do mundo transformam-se então em coisas dolorosas e terríveis, porque se transformam naquilo a que se chama fogo infernal e, alternadamente, em coisas impuras e imundas, correspondentes às suas satisfações impuras; e estas, por estranho que pareça, tornam-se então agradáveis para eles.

Mas o prazer obscuro e a bem-aventurança quase impercetível daqueles que no mundo estiveram no amor a Deus e no amor ao próximo transformam-se então no prazer do céu, tornando-se plenamente percetíveis e sensíveis. Pois a bem-aventurança que permanecia escondida e desconhecida nos seus interiores enquanto viviam no mundo é então revelada e trazida a uma sensação evidente, porque tal tinha sido o prazer do seu espírito, e agora estão no espírito.

402. Todos os prazeres do céu se reúnem e estão presentes nos usos, porque os usos são os bens do amor e da caridade em que se encontram os anjos. Por isso, cada um tem prazeres conformes aos seus usos e proporcionais à sua afeição pelo uso. Que todos os prazeres do céu são prazeres do uso pode ver-se por uma comparação com os cinco sentidos corporais do homem. A cada sentido é dado um prazer segundo o seu uso: à visão, à audição,

ao olfato, ao paladar e ao tato, cada qual o seu prazer próprio. À visão, o prazer da beleza e das formas; à audição, o dos sons harmoniosos; ao olfato, o dos aromas agradáveis; ao paladar, o dos sabores delicados. Os usos que os sentidos desempenham individualmente são conhecidos daqueles que os estudam, e mais plenamente dos que conhecem as correspondências.

A visão tem esse prazer em virtude do uso que presta ao entendimento, que é a visão interior; a audição, em virtude do uso que presta tanto ao entendimento como à vontade, por meio da atenção; o olfato, em virtude do uso que presta ao cérebro e também aos pulmões; o paladar, em virtude do uso que presta ao estômago e, assim, a todo o corpo, alimentando-o. O prazer do casamento, que é um prazer do tato mais puro e mais requintado, ultrapassa todos os outros em virtude do seu uso, que é a procriação do género humano e, por ela, dos anjos do céu. Estes prazeres estão nos órgãos dos sentidos por um influxo do céu, onde todo o prazer pertence ao uso e é conforme ao uso.

403. Havia espíritos que, por uma opinião adquirida no mundo, acreditavam que a felicidade celeste consistia numa vida ociosa em que seriam servidos pelos outros. Foi-lhes, porém, dito que a felicidade nunca consiste em abster-se de trabalhar e encontrar satisfação nisso. Tal significaria que cada um desejava para si a felicidade dos outros, e aquilo que todos desejavam ninguém o teria. Essa vida seria ociosa, e não ativa, e entorpeceria todas as forças da vida. Todos deviam saber que, sem atividade da vida, não pode haver felicidade da vida, e que o descanso dessa atividade

deve servir apenas de recreio, para que se possa regressar com maior vigor à atividade da própria vida.

Foi-lhes então mostrado, por muitas provas, que a vida angélica consiste em realizar as boas obras da caridade, que são os usos, e que os anjos encontram toda a sua felicidade no uso, a partir do uso e segundo o uso. Aos que pensavam que a alegria celeste consistia em levar uma vida ociosa e respirar uma alegria eterna na ociosidade foi dada a perceção do que seria tal vida, para que se envergonhassem dessa ideia. Viram que uma vida assim é extremamente triste e que, desaparecendo desse modo toda a alegria, em pouco tempo só sentiriam por ela aversão e desgosto.

404. Havia espíritos que se julgavam mais instruídos do que os outros e diziam ter acreditado, no mundo, que a alegria celeste consistiria unicamente em louvar e glorificar a Deus, e que isso seria uma vida ativa. Foi-lhes, porém, dito que louvar e glorificar a Deus não constitui propriamente uma vida ativa; que Deus não precisa de louvores nem de glorificação, mas quer que realizem usos e, portanto, as boas obras chamadas bens da caridade. Não conseguiam, todavia, associar aos bens da caridade qualquer ideia de alegria celeste, mas apenas de servidão, embora os anjos testemunhassem que essa alegria é inteiramente livre, por proceder de uma afeição interior e estar unida a um prazer inefável.

405. Quase todos os que entram na outra vida pensam que o inferno é igual para todos, e o céu também; no entanto, em ambos

há infinitas variedades e diferenças, e nunca o inferno ou o céu de uma pessoa é inteiramente igual ao de outra, tal como é impossível que um homem, espírito ou anjo seja alguma vez inteiramente igual a outro, mesmo no rosto. Ao meu simples pensamento de que dois pudessem ser exatamente iguais ou idênticos, os anjos manifestaram horror, dizendo que cada coisa se forma da concorrência harmoniosa de muitas coisas e que a unidade é tal como é essa concorrência; que é assim que uma sociedade inteira no céu se torna uma unidade e que todas as sociedades do céu, em conjunto, se tornam uma unidade, e isto apenas pelo Senhor, por meio do amor.[1]

Os usos nos céus apresentam igualmente toda a variedade e diversidade, e nunca o uso de um é inteiramente igual e idêntico ao de outro; por isso, também a felicidade de um não é igual e idêntica à de outro. Além disso, os prazeres de cada uso são inumeráveis, e estes inúmeros prazeres são igualmente variados, mas estão unidos numa ordem tal que se atendem mutuamente, como os usos de cada membro, órgão e víscera do corpo, e ainda mais como os usos de cada vaso e fibra em cada membro, órgão e víscera. Todos e cada um estão de tal modo associados que, no seu próprio bem, atendem ao bem de outro, e assim cada um atende a todos, e todos a cada um. É por esta consideração universal e particular que atuam como um só.

406. Tenho por vezes falado com espíritos recém-chegados do mundo acerca do estado da vida eterna, dizendo-lhes que é importante saber quem é o Senhor do reino e qual a natureza e a

forma do seu governo. Assim como, para os que entram noutro reino no mundo, nada é mais importante do que saber quem é o rei, como é ele e como é o governo, bem como outros pormenores acerca do reino, assim isso é ainda mais importante no reino onde hão de viver por toda a eternidade. Devem, por conseguinte, saber que é o Senhor quem governa o céu e o universo, pois Aquele que governa um governa também o outro; que o reino em que agora se encontram é, portanto, o do Senhor; e que as leis desse reino são verdades eternas, todas assentes na lei de que se deve amar o Senhor acima de tudo e o próximo como a si mesmo. E ainda mais: se quiserem ser como os anjos, devem amar o próximo mais do que a si mesmos.

Ao ouvirem isto, não sabiam responder, porque, embora tivessem ouvido algo semelhante na vida do corpo, não tinham acreditado; admiravam-se de que pudesse haver tal amor no céu e de que alguém pudesse amar o próximo mais do que a si mesmo. Mas foi-lhes dito que todo o bem aumenta imensuravelmente na outra vida; e que, embora na vida do corpo não possam ir além de amar o próximo como a si mesmos, por estarem imersos nas coisas do corpo, quando estas são postas de lado o seu amor se torna mais puro e, por fim, angélico, o que é amar o próximo mais do que a si mesmo. Pois, nos céus, há alegria em fazer bem a outrem, mas não em fazer bem a si mesmo, salvo tendo em vista que esse bem se torne de outro e, assim, por causa de outro. Isto é amar o próximo mais do que a si mesmo.

Foi-lhes dito que a possibilidade de semelhante amor se mostra no mundo no amor conjugal de alguns que aceitaram a morte para proteger o cônjuge de algum mal; no amor dos pais pelos filhos, como quando uma mãe prefere passar fome a ver o filho passar fome; na amizade sincera, em que um amigo se expõe ao perigo por outro; e até na amizade cortês e fingida, que deseja imitar a amizade sincera, oferecendo as melhores coisas àqueles a quem declara desejar o bem e tendo essa boa vontade nos lábios, embora não no coração. Finalmente, mostra-se na própria natureza do amor, cujo prazer é servir os outros, não por causa de si, mas por causa deles. Tudo isto, porém, era incompreensível para aqueles que tinham amado a si mesmos mais do que aos outros e que, na vida do corpo, tinham sido ávidos de lucro, sobretudo para os avarentos.

407. Havia um que, na vida do corpo, exercera poder sobre os outros e conservara na outra vida o desejo de dominar. Foi-lhe, porém, dito que agora se encontrava noutro reino, que é eterno; que o seu domínio na terra tinha acabado; e que estava agora num lugar onde ninguém é estimado senão de acordo com o seu bem e a sua verdade e com a medida da misericórdia do Senhor de que beneficiara em virtude da sua vida no mundo. Foi-lhe também dito que neste reino sucede como na terra, onde os homens são estimados pela sua riqueza e pelo favor de que gozam junto do príncipe: aqui, a riqueza é o bem e a verdade, e o favor do príncipe é a misericórdia concedida pelo Senhor à pessoa segundo a sua vida no mundo. Qualquer desejo de governar de outro modo faria dele

um rebelde, visto estar no reino de outrem. Ao ouvir estas coisas, sentiu vergonha.

408. Falei com espíritos que acreditavam que o céu e a alegria celeste consistiam em serem grandes. Foi-lhes, porém, dito que no céu o menor é o maior, pois é chamado menor aquele que não tem nem deseja ter poder ou sabedoria a partir de si mesmo, mas apenas a partir do Senhor. Aquele que é menor neste sentido tem a maior felicidade e, por ter a maior felicidade, segue-se que é o maior, pois recebe assim do Senhor todo o poder e excede os outros em sabedoria. Que é ser o maior senão ser o mais feliz? Pois ser o mais feliz é o que os poderosos procuram pelo poder e os ricos pelas riquezas. Foi-lhes ainda dito que o céu não consiste no desejo de ser o menor para se tornar o maior, pois isso seria aspirar e ansiar por ser o maior; consiste antes em desejar de coração o bem dos outros mais do que o próprio e em servir os outros tendo em vista a sua felicidade, não com a recompensa por fim, mas por amor.

409. A própria alegria celeste, tal como é na sua essência, não pode ser descrita, porque se encontra no mais íntimo da vida dos anjos e, daí, em tudo o que pertence ao seu pensamento e à sua afeição e, por estes, em cada particularidade da sua linguagem e da sua ação. É como se os interiores estivessem inteiramente abertos e libertos para receber o prazer e a bem-aventurança, que se distribuem até à menor fibra e, assim, por todo o ser. A perceção e a sensação desta alegria são, por isso, tão grandes que ultrapassam qualquer descrição; pois o que parte do mais íntimo flui para cada particularidade que dele deriva, propagando-se com

intensidade crescente em direção aos exteriores. Os espíritos bons que ainda não estão nessa alegria, por ainda não terem sido elevados ao céu, quando recebem de um anjo, pela esfera do seu amor, uma sensação dessa alegria, enchem-se de tal prazer que entram, por assim dizer, num delicioso êxtase. Isto acontece por vezes aos que desejam saber o que é a alegria celeste.

410. Quando certos espíritos desejaram saber o que é a alegria celeste, foi-lhes permitido senti-la até ao ponto de já não a poderem suportar. Todavia, não era a alegria angélica; mal alcançava o grau mais baixo da alegria angélica, como me foi permitido perceber ao participar nela, sendo tão ténue que quase parecia fria. Mesmo assim, chamavam-lhe sumamente celeste, porque para eles era uma alegria íntima. Daqui se tornou evidente não só que há graus nas alegrias do céu, mas também que a alegria mais íntima de um mal alcança a alegria mais exterior ou intermédia de outro; e ainda que, quando alguém recebe a sua própria alegria mais íntima, está na sua alegria celeste e não pode suportar uma alegria ainda mais interior, pois esta se torna dolorosa para ele.

411. Certos espíritos, que não eram maus, mergulharam numa quietude semelhante ao sono e foram elevados ao céu quanto aos interiores das suas mentes; pois, antes de os seus interiores serem abertos, os espíritos podem ser elevados ao céu e instruídos acerca da felicidade dos que aí estão. Vi-os nesse estado de quietude durante cerca de meia hora; depois regressaram aos seus exteriores, em que antes se encontravam, e também à recordação do que tinham visto. Disseram que tinham estado entre os anjos no

céu e ali tinham visto e percebido coisas admiráveis, todas resplandecentes, como se fossem feitas de ouro, prata e pedras preciosas, em formas requintadas e numa variedade maravilhosa. Disseram também que os anjos não se deleitam com as próprias coisas exteriores, mas com aquilo que elas representam, que é Divino, inefável e de infinita sabedoria, e que é nisso que consiste a sua alegria. Acrescentaram inúmeras outras coisas, das quais nem uma décima milésima parte poderia ser descrita na linguagem humana ou entrar em ideias que participassem de algo material.

412. Quase nenhum dos que entram na outra vida sabe o que são a bem-aventurança e a felicidade celestes, porque não sabe o que é a alegria interna e apenas forma a sua perceção dela a partir do contentamento e da alegria corporais e mundanos. Por conseguinte, supõe que aquilo que ignora nada é, quando, na realidade, as alegrias corporais e mundanas nada valem em comparação. Por isso, para que os bem-intencionados que não sabem o que é a alegria celeste a possam conhecer e compreender, são primeiramente conduzidos a cenários paradisíacos que ultrapassam todas as conceções da imaginação. Julgam então ter chegado ao paraíso celeste; mas são instruídos de que isso não é a verdadeira felicidade celeste e é-lhes permitido sentir estados interiores de alegria tão profundos quanto o seu íntimo pode perceber. São depois levados a um estado de paz que chega ao mais íntimo, confessando então que nada disso pode sequer ser expresso ou concebido. Por fim, são conduzidos a um estado de inocência que alcança o seu sentir mais íntimo. Assim lhes é permitido aprender o que é o verdadeiro bem espiritual e celeste.

413. Para que eu pudesse conhecer a natureza do céu e da alegria celeste, o Senhor permitiu-me muitas vezes, e durante longo tempo, perceber os prazeres das alegrias celestes. Mas, embora me tenha sido dado saber por experiência viva o que são, de modo algum consigo descrevê-los. Ainda assim, para que deles se possa formar alguma ideia, direi alguma coisa. A alegria celeste é uma afeição de inúmeros prazeres e alegrias que, em conjunto, apresentam algo de geral; e nesse geral, isto é, nessa afeição geral, há harmonias de inúmeras afeições que chegam à perceção obscuramente, e não de modo distinto, porque a perceção é extremamente geral. Foi-me, contudo, permitido perceber que há nela inúmeras coisas, numa ordem inteiramente indescritível, sendo essas inúmeras coisas tais como as que procedem da ordem do céu. A ordem nas particularidades da afeição, até às mais pequenas, é tal que essas particularidades se apresentam e são percebidas apenas como um todo muito geral, segundo a capacidade de quem as recebe. Numa palavra, cada afeição geral contém infinitas afeições dispostas numa forma da mais perfeita ordem, sem que haja nela coisa alguma que não esteja viva e que não afete todas as outras a partir do mais íntimo, pois as alegrias celestes procedem do mais íntimo.

Percebi também que a alegria e o êxtase vinham como que do coração, difundindo-se com extrema suavidade por todas as fibras mais íntimas e, destas, pelos feixes de fibras, com uma sensação de prazer tão profunda que a fibra parecia não ser senão alegria e êxtase, e tudo o que daí resultava em perceção e sensação parecia igualmente viver de felicidade. Comparada com estas alegrias, a

alegria dos prazeres corporais é como uma poeira grosseira e acre diante de uma aura pura e suavíssima. Notei que, quando desejava transferir todo o meu prazer para outra pessoa, fluía continuamente para o seu lugar um prazer mais interior e mais pleno; e, quanto mais o desejava, mais prazer fluía. Percebia-se que isto vinha do Senhor.

414. Os que estão no céu avançam continuamente para a primavera da vida, e avançam tanto mais para uma primavera mais alegre e feliz quantos mais milhares de anos vivem. E assim sucede por toda a eternidade, com um aumento correspondente ao crescimento e ao grau do seu amor, da sua caridade e da sua fé. As mulheres que morreram velhas e desgastadas pela idade, se viveram na fé no Senhor, na caridade para com o próximo e num feliz amor conjugal com o marido, avançam, com a sucessão dos anos, cada vez mais para a flor da juventude e do início da idade adulta, e para uma beleza que ultrapassa toda a conceção de beleza semelhante vista na terra. São a bondade e a caridade que lhes dão esta forma e assim manifestam a sua própria semelhança, fazendo resplandecer a alegria e a beleza da caridade em cada mínimo pormenor do rosto e tornando-as as próprias formas da caridade.

Alguns que viram isto ficaram maravilhados. A forma da caridade que se vê viva no céu é tal que é a própria caridade que forma e é formada, de maneira que o anjo inteiro é, por assim dizer, caridade, sobretudo o rosto; e isto é claramente visto e sentido. Quando se contempla esta forma, ela é uma beleza inexprimível, que toca com caridade a vida mais íntima da mente. Numa palavra, envelhecer

no céu é rejuvenescer. É em tais formas ou em tais belezas que se tornam, na outra vida, os que viveram no amor ao Senhor e na caridade para com o próximo. Todos os anjos são formas assim, numa variedade sem fim; e é deles que o céu se constitui.

CAPÍTULO 43

A Imensidão do Céu

415. A imensidão do céu do Senhor é evidente por muitas coisas que foram ditas e mostradas nos capítulos anteriores, sobretudo pelo facto de o céu provir do género humano (nos 311–317), tanto dos que nasceram dentro da igreja como dos que nasceram fora dela (nos 318–328). Assim, é composto por todos os que, desde o início desta terra, viveram uma vida boa. Quem conheça alguma coisa das divisões, regiões e reinos da terra poderá concluir quão grande é a multidão de homens que existe no mundo inteiro. Quem fizer o cálculo verificará que morrem diariamente vários milhares de pessoas, isto é, algumas miríades de milhões por ano; e isto desde os tempos mais remotos, decorridos já vários milhares de anos. Todos, depois da morte, passaram para o outro mundo, chamado mundo espiritual, e continuam incessantemente a passar para ele. Mas não se pode dizer quantos deles se tornaram ou se tornam anjos do céu. Foi-me dito que, nos tempos antigos, o número era muito grande, porque então os homens pensavam mais interior e espiritualmente e, por esse pensamento, estavam na afeição celeste; nas épocas seguintes, porém, não eram tantos, porque, com o decorrer do tempo, o homem se tornou mais externo e começou a pensar mais naturalmente e, por esse pensamento, a

estar na afeição terrena. Tudo isto mostra quão grande é o céu, mesmo contando apenas os habitantes desta terra.

416. A imensidão do céu do Senhor mostra-se também pelo facto de todas as crianças, quer tenham nascido dentro da igreja quer fora dela, serem adotadas pelo Senhor e se tornarem anjos; e o seu número corresponde à quarta ou à quinta parte de todo o género humano na terra. Que toda a criança, onde quer que tenha nascido, dentro ou fora da igreja, de pais piedosos ou ímpios, é recebida pelo Senhor quando morre, é criada no céu, ensinada e imbuída de afeições pelo bem e, por meio destas, de conhecimentos da verdade, segundo a ordem Divina, e que, à medida que se aperfeiçoa na inteligência e na sabedoria, é introduzida no céu e se torna anjo, pode ver-se acima (n^{os} 329–345). Por tudo isto se pode formar uma ideia da multidão de anjos do céu provenientes apenas desta origem, desde a primeira criação até ao presente.

417. Pode também ver-se quão imenso é o céu do Senhor pelo facto de todos os planetas visíveis a olho nu no nosso sistema solar serem terras e de, além disso, haver no universo inteiro inúmeras terras, todas cheias de habitantes. Tratei delas em particular numa pequena obra sobre essas terras, da qual citarei a seguinte passagem:

> **Na outra vida, é plenamente conhecido que há muitas terras habitadas por homens, de onde vêm espíritos e anjos; pois a todos os que aí o desejam por amor à verdade e ao uso é permitido falar com espíritos de outras terras, certificando-se assim de que existe**

uma pluralidade de mundos e aprendendo que o género humano não provém apenas de uma terra, mas de inúmeras terras. Falei frequentemente disto com espíritos da nossa terra e foi-me dito que qualquer pessoa inteligente devia saber, a partir de muitas coisas que conhece, que há muitas terras habitadas por homens. Pois pode razoavelmente inferir-se que corpos imensos como os planetas, alguns dos quais excedem esta terra em grandeza, não são massas vazias criadas apenas para serem transportadas pelo espaço, girarem em torno do Sol e brilharem com a sua escassa luz em benefício de uma só terra, mas que devem ter um uso mais importante.

Aquele que acredita, como todos devem acreditar, que o Divino criou o universo sem outro fim senão a existência do género humano e, a partir dele, do céu, pois o género humano é um viveiro do céu, tem necessariamente de acreditar que, onde há uma terra, há homens. Que os planetas visíveis para nós, por se encontrarem dentro dos limites do nosso sistema solar, são terras é evidente por serem corpos de matéria terrestre, o que se reconhece por refletirem a luz do Sol e por, vistos ao telescópio, não parecerem estrelas cintilantes de chama, mas terras com zonas mais escuras. Também o é por, tal como a nossa terra, girarem em torno do Sol e seguirem o percurso do zodíaco, formando assim anos e estações do ano — primavera, verão, outono e inverno —, e por girarem sobre os seus eixos, como a nossa terra, formando dias e momentos do dia — manhã, meio-dia, tarde e noite. Além disso, alguns têm luas, chamadas satélites, que giram em torno da sua terra em períodos determinados, como a Lua em torno da nossa; e o planeta Saturno, por se encontrar a maior distância do Sol, tem também uma grande faixa luminosa que dá muita luz, embora refletida, àquela terra. Quem souber tudo isto e pensar racionalmente poderá alguma vez dizer que os planetas são corpos vazios?

Além disso, disse aos espíritos que o homem poderia acreditar na existência de mais de uma terra no universo pelo facto de o céu estrelado ser tão imenso e de as estrelas nele serem tão numerosas, sendo cada uma, no seu lugar ou no seu sistema, um Sol semelhante ao nosso, embora de grandeza variável. Quem ponderar devidamente este assunto terá de concluir que um conjunto tão

> imenso deve ser um meio para um fim, que é o fim último da criação; e esse fim é um reino celeste no qual o Divino possa habitar com os anjos e os homens. Pois o universo visível, ou o céu iluminado por estrelas tão numerosas, que são outros tantos sóis, é simplesmente um meio para a existência de terras com homens de quem procede o reino celeste. De tudo isto, um homem racional tem necessariamente de concluir que um meio tão imenso para um fim tão grandioso não poderia ter sido providenciado apenas para o género humano de uma única terra. Que seria isso para um Divino que é infinito, para o qual milhares, e mesmo miríades de terras, todas cheias de habitantes, seriam pouco ou quase nada?
>
> Há espíritos cuja única ocupação é adquirir conhecimentos, porque só nisso encontram prazer; por essa razão, é-lhes permitido vaguear e até passar do nosso sistema solar para outros, a fim de adquirirem conhecimentos. Estes espíritos, que são do planeta Mercúrio, disseram-me que há terras com homens não só neste sistema solar, mas também para além dele, no céu estrelado, em número imenso. Calculou-se que, havendo um milhão de terras no universo, trezentos milhões de homens em cada terra e duzentas gerações em seis mil anos, e atribuindo-se a cada homem ou espírito um espaço de três côvados cúbicos, o número total de tantos homens ou espíritos não preencheria o espaço desta terra e pouco mais ocuparia do que o espaço de um dos satélites de um dos planetas: um espaço tão pequeno no universo que é quase invisível, visto que um satélite mal se vê a olho nu. Que é isto para o Criador do universo, a quem nem bastaria que todo o universo estivesse cheio, visto que Ele é infinito? Falei disto com os anjos, e disseram ter uma ideia semelhante da pequenez do género humano em comparação com a infinitude do Criador, embora o seu pensamento parta de estados, e não de espaços; e que, no seu pensamento, terras em tantas miríades quantas se pudessem conceber continuariam a não ser absolutamente nada para o Senhor.

As terras no universo, com os seus habitantes e os espíritos e anjos que delas procedem, são tratadas na obra acima mencionada. O que aí se relata foi-me revelado e mostrado para que se saiba

que o céu do Senhor é imenso e provém inteiramente do género humano; e também que o nosso Senhor é reconhecido em toda a parte como o Deus do céu e da terra.

418. A imensidão do céu do Senhor mostra-se ainda pelo facto de o céu, em todo o seu conjunto, refletir um só Homem e corresponder a todas e a cada uma das coisas no homem, e de esta correspondência nunca poder ficar preenchida. Pois não é apenas uma correspondência com cada membro, órgão e víscera do corpo em geral, mas também com todas e cada uma das pequenas vísceras e dos pequenos órgãos neles contidos, até ao mais ínfimo pormenor, e mesmo com cada vaso e fibra. E não apenas com estes, mas também com as substâncias orgânicas que recebem interiormente o influxo do céu, de onde procedem as atividades interiores do homem que servem às operações da sua mente. Com efeito, tudo o que existe interiormente no homem existe em formas que são substâncias, pois aquilo que não existe numa substância como seu suporte nada é.

Há uma correspondência de todas estas coisas com o céu, como se pode ver no capítulo acerca da correspondência de todas as coisas do céu com todas as coisas do homem (n^{os} 87–102). Esta correspondência nunca pode ficar preenchida, porque, quanto mais numerosas forem as associações angélicas que correspondem a cada membro, mais perfeito se torna o céu. Pois toda a perfeição nos céus aumenta com o aumento do número, porque todos aí têm o mesmo fim e olham unanimemente para esse fim. Esse fim é o bem comum; e, quando ele reina, do bem comum resulta o bem de

cada indivíduo, e do bem de cada indivíduo resulta o bem de toda a comunidade. Assim sucede porque o Senhor volta para Si todos os que estão no céu (ver acima, n.º 123) e, desse modo, faz deles um só em Si. Que a unanimidade e a concórdia de muitos, sobretudo quando têm semelhante origem e são mantidas por semelhante vínculo, produzem perfeição, pode vê-lo claramente qualquer pessoa cuja razão esteja minimamente esclarecida.

419. Foi-me também permitido ver a extensão do céu habitado e a do céu não habitado; e a extensão do céu não habitado mostrou-se tão grande que não poderia ser preenchida por toda a eternidade, ainda que houvesse muitas miríades de terras e em cada uma, uma multidão de homens tão grande como na nossa. Sobre isto, ver também o tratado *As Terras no Universo*, n.º 168.

420. Alguns concluíram que o céu não é imenso, mas tem uma extensão limitada, a partir de certas passagens da Palavra entendidas segundo o sentido da letra. Por exemplo, das passagens em que se diz que só os pobres são recebidos no céu, ou apenas os eleitos, ou apenas os que estão dentro da igreja, e não os de fora, ou apenas aqueles por quem o Senhor intercede; que o céu se fecha quando estiver cheio e que esse momento está predeterminado. Mas essas pessoas ignoram que o céu nunca se fecha, que não há momento predeterminado nem limite de número; que se chamam «eleitos» os que estão numa vida de bem e de verdade;[1] e que se chamam «pobres» os que carecem de conhecimentos do bem e da verdade, mas os desejam, sendo também chamados famintos por causa desse desejo.[2]

Os que, por não compreenderem a Palavra, formaram a ideia de que o céu tem pouca extensão acreditam que ele se encontra num único lugar, onde todos estão reunidos, quando, na realidade, o céu é composto por inúmeras sociedades (ver acima, nos 41–50). Também não têm outra ideia senão a de que o céu é concedido a cada um por misericórdia sem meios e que, portanto, a admissão e a receção se fazem por mero favor. Não compreendem que o Senhor, por misericórdia, conduz todos os que O aceitam; que O aceita aquele que vive segundo as leis da ordem Divina, que são os preceitos do amor e da fé; e que a misericórdia de que se fala consiste em ser assim conduzido pelo Senhor desde a infância até ao último período da vida no mundo e, depois, por toda a eternidade. Saibam, pois, que todo o homem nasce para o céu, que é recebido aquele que recebe em si o céu no mundo e que é excluído aquele que não o recebe.

PARTE DOIS

O Mundo dos Espíritos

CAPÍTULO 44

O Que É o Mundo dos Espíritos?

421. O mundo dos espíritos não é o céu nem o inferno, mas o lugar ou estado intermédio entre ambos; pois é o lugar em que o homem entra primeiro depois da morte e de onde, passado um tempo adequado, é elevado ao céu ou lançado no inferno, segundo a sua vida no mundo.

422. O mundo dos espíritos é um lugar intermédio entre o céu e o inferno e também um estado intermédio do homem depois da morte. Foi-me mostrado não só que é um lugar intermédio, tendo os infernos abaixo e os céus acima, mas também que se encontra num estado intermédio, visto que, enquanto aí permanece, o homem ainda não está no céu nem no inferno. O estado do céu no homem é a conjunção do bem e da verdade nele; e o estado do inferno é a conjunção do mal e da falsidade nele. Sempre que, num homem-espírito, o bem se une à verdade, ele entra no céu, porque essa conjunção, como acaba de se dizer, é o céu nele; mas, sempre que, num homem-espírito, o mal se une à falsidade, ele entra no inferno, porque essa conjunção é o inferno nele. Essa conjunção efetua-se no mundo dos espíritos, estando então o homem num

estado intermédio. É o mesmo dizer conjunção do entendimento e da vontade ou conjunção do bem e da verdade.

423. Diga-se primeiro alguma coisa acerca da conjunção do entendimento e da vontade e de ela ser o mesmo que a conjunção do bem e da verdade, pois é esta a conjunção que se efetua no mundo dos espíritos. O homem tem um entendimento e uma vontade. O entendimento recebe verdades e é formado delas; a vontade recebe bens e é formada deles. Por isso, tudo o que o homem entende e pensa a partir do entendimento chama verdadeiro, e tudo o que quer e pensa a partir da vontade chama bom. A partir do entendimento, o homem pode pensar e, assim, perceber tanto o que é verdadeiro como o que é bom; todavia, só pensa o verdadeiro e o bom a partir da vontade quando os quer e os pratica. Quando os quer e, por os querer, os pratica, estão tanto no entendimento como na vontade e, por conseguinte, no homem.

Pois nem o entendimento só nem a vontade só constituem o homem, mas ambos em conjunto; por isso, tudo o que está em ambos está no homem e torna-se seu. Aquilo que está apenas no entendimento está no homem, mas não verdadeiramente nele: é apenas algo da sua memória, ou um conhecimento nela guardado, sobre o qual pode pensar quando está com outros e fora de si, mas não em si mesmo; isto é, algo sobre o qual pode falar e raciocinar, simulando afeições e gestos que lhe correspondam.

424. Esta capacidade de pensar a partir do entendimento sem pensar ao mesmo tempo a partir da vontade foi providenciada para que o homem possa ser reformado; pois a reforma efetua-se por meio das verdades, e as verdades pertencem ao entendimento, como acaba de se dizer. Quanto à vontade, o homem nasce em todo o mal e, por isso, de si mesmo não deseja o bem a ninguém senão a si; e aquele que só a si deseja o bem deleita-se com as desgraças que acontecem a outrem, sobretudo quando contribuem para o seu próprio proveito. Pois deseja desviar para si os bens de todos os outros, sejam honras ou riquezas, e, na medida em que o consegue, alegra-se interiormente.

Para que esta vontade do homem possa ser corrigida e reformada, é-lhe dada a capacidade de compreender as verdades e de, por meio delas, dominar as afeições do mal que brotam da vontade. É por isso que o homem tem a capacidade de pensar as verdades com o entendimento, de as dizer e de as praticar. Mas, enquanto não chegar a querer as verdades e a praticá-las por si mesmo, isto é, de coração, não é capaz de pensar as verdades a partir da vontade. Quando chega a esse estado, tudo o que pensa a partir do entendimento pertence à sua fé, e tudo o que pensa a partir da vontade pertence ao seu amor; e, por conseguinte, a sua fé e o seu amor, como o seu entendimento e a sua vontade, estão unidos nele.

425. Por isso, na medida em que as verdades do entendimento e os bens da vontade estão unidos, isto é, na medida em que o homem quer as verdades e as pratica a partir da vontade, tem em

si o céu, visto que a conjunção do bem e da verdade, como se disse, é o céu. Pelo contrário, na medida em que as falsidades do entendimento e os males da vontade estão unidos, o homem tem em si o inferno, visto que a conjunção da falsidade e do mal é o inferno. Mas, enquanto as verdades do entendimento e os bens da vontade não estiverem unidos, o homem encontra-se num estado intermédio.

Atualmente, quase todos se encontram num estado em que possuem algum conhecimento das verdades e, a partir desse conhecimento e do entendimento, refletem de algum modo sobre elas, conformando-se com elas muito, pouco ou nada, ou agindo contra elas por amor ao mal e pela falsa crença daí resultante. Para que o homem tenha em si o céu ou o inferno, é, pois, levado primeiro, depois da morte, para o mundo dos espíritos. Aí, naqueles que hão de ser elevados ao céu, unem-se o bem e a verdade; e, naqueles que hão de ser lançados no inferno, unem-se o mal e a falsidade. Pois nem no céu nem no inferno é permitido a alguém ter uma mente dividida, isto é, entender uma coisa e querer outra; cada um tem de entender aquilo que quer e querer aquilo que entende. Assim, no céu, quem quer o bem entende a verdade; no inferno, quem quer o mal entende a falsidade. Por isso, no estado intermédio, são retiradas aos bons as falsidades que possuem e são-lhes dadas verdades que concordam e harmonizam com o seu bem; aos maus, são retiradas as verdades que possuem e são-lhes dadas falsidades que concordam e harmonizam com o seu mal. Vê-se assim o que é o mundo dos espíritos.

426. No mundo dos espíritos há multidões imensas, porque é aí que todos se reúnem primeiro e são examinados e preparados. O tempo da sua permanência nesse mundo não é fixo: alguns apenas entram e são logo levados para o céu ou lançados no inferno; outros permanecem apenas algumas semanas; outros, vários anos, mas não mais de trinta. Estas diferenças no tempo de permanência dependem da correspondência ou da falta de correspondência entre os interiores e os exteriores da pessoa. Explicar-se-á agora como o homem é conduzido nesse mundo de um estado a outro e preparado.

427. Assim que os homens entram, depois da morte, no mundo dos espíritos, o Senhor distingue-os claramente. Os maus são imediatamente ligados à sociedade infernal em que estavam, quanto ao seu amor dominante, enquanto viviam no mundo; os bons são imediatamente ligados à sociedade celeste em que estavam, quanto ao seu amor, à sua caridade e à sua fé, enquanto viviam no mundo. Mas, embora estejam assim separados, todos os que foram amigos e conhecidos na vida do corpo, especialmente esposas e maridos, bem como irmãos e irmãs, encontram-se e conversam sempre que o desejam. Vi um pai falar com seis filhos, que reconheceu, e vi muitos outros com os seus familiares e amigos; mas, tendo índoles diferentes em virtude da vida no mundo, separam-se ao fim de pouco tempo.

Os que passaram do mundo dos espíritos para o céu ou para o inferno, porém, já não se veem nem se reconhecem, a menos que tenham uma índole semelhante proveniente de um amor

semelhante. A razão de se verem no mundo dos espíritos, mas não no céu ou no inferno, é que os habitantes do mundo dos espíritos são conduzidos de um estado a outro, semelhantes aos que experimentaram na vida do corpo. Depois, porém, todos são levados a um estado permanente conforme ao seu amor dominante, e, nesse estado, só se reconhecem pela semelhança do amor; pois então a semelhança une e a dessemelhança separa (ver acima, nos 41–50).

428. Assim como o mundo dos espíritos é no homem um estado intermédio entre o céu e o inferno, é também um lugar intermédio, com os infernos abaixo e os céus acima. Todos os infernos estão fechados para esse mundo, abrindo-se apenas por buracos e fendas semelhantes aos das rochas e por largas aberturas, guardadas de tal modo que ninguém pode sair sem permissão, a qual é concedida em casos de urgente necessidade, de que se falará adiante. O céu também está cercado por todos os lados, e não há passagem aberta para qualquer sociedade celeste senão por um caminho estreito, cuja entrada é igualmente guardada. Estas saídas e entradas são aquilo a que a Palavra chama portas e portões do inferno e do céu.

429. O mundo dos espíritos aparece como um vale entre montanhas e rochedos, com curvas e elevações aqui e ali. As portas e os portões das sociedades celestes só são visíveis aos que estão preparados para o céu; os outros não os conseguem encontrar. De cada sociedade celeste há uma entrada a partir do mundo dos espíritos, aberta por um único caminho que, ao subir, se ramifica em vários. Também as portas e os portões dos infernos só são

visíveis aos que estão prestes a entrar, sendo-lhes então abertos. Quando se abrem, veem-se cavernas sombrias e como que cobertas de fuligem, que descem obliquamente para o abismo, onde há ainda muitas portas. Dessas cavernas exalam cheiros nauseabundos e fétidos, de que os espíritos bons fogem por os abominarem, mas que os espíritos maus procuram por neles se deleitarem.

Pois, assim como cada um se deleitou no mundo com o seu próprio mal, depois da morte deleita-se com o mau cheiro a que esse mal corresponde. Neste aspeto, os maus podem comparar-se a aves e animais vorazes, como corvos, lobos e porcos, que voam ou correm para a carniça ou para os montes de estrume quando lhes sentem o cheiro. Ouvi um espírito gritar alto, como se sofresse um tormento interior, ao ser atingido por um sopro que vinha do céu; mas ficou tranquilo e alegre logo que o alcançou um sopro vindo do inferno.

430. Em cada homem há duas portas: uma conduz ao inferno e está aberta aos males e às suas falsidades; a outra conduz ao céu e está aberta aos bens e às suas verdades. Nos que estão no mal e na sua falsidade, está aberta a porta para o inferno, e só por fendas vindas de cima flui para eles alguma luz do céu, por cujo influxo conseguem pensar, raciocinar e falar. Mas a porta para o céu está aberta nos que estão no bem e na sua verdade. Pois há duas vias que conduzem à mente racional do homem: uma superior ou interna, pela qual entram o bem e a verdade provenientes do Senhor; e outra inferior ou externa, pela qual entram o mal e a falsidade provenientes do inferno. A própria mente racional

encontra-se no ponto intermédio para o qual convergem essas vias. Por conseguinte, na medida em que a luz do céu é admitida, o homem é racional; na medida em que não é admitida, não é racional, por muito racional que a si mesmo pareça.

Isto foi dito para dar a conhecer a natureza da correspondência do homem com o céu e com o inferno. Enquanto a mente racional do homem está a ser formada, corresponde ao mundo dos espíritos; o que está acima dela corresponde ao céu, e o que está abaixo, ao inferno. Nos que se preparam para o céu, abrem-se as regiões acima da mente racional, mas as que estão abaixo fecham-se ao influxo do mal e da falsidade; nos que se preparam para o inferno, abrem-se as regiões abaixo dela, e as de cima fecham-se ao influxo do bem e da verdade. Assim, estes últimos só podem olhar para o que está abaixo deles, isto é, para o inferno; os primeiros só podem olhar para o que está acima deles, isto é, para o céu. Olhar acima de si é olhar para o Senhor, porque Ele é o centro comum para o qual olham todas as coisas do céu; olhar abaixo de si é voltar as costas ao Senhor e olhar para o centro oposto, para o qual olham e tendem todas as coisas do inferno (ver acima, n^{os} 123, 124).

431. Nas páginas anteriores, sempre que se mencionam espíritos, entendem-se os que estão no mundo dos espíritos; quando se mencionam anjos, entendem-se os que estão no céu.

CAPÍTULO 45

Quanto aos Seus Interiores, Todo o Homem é Um Espírito

432. Quem ponderar devidamente este assunto poderá ver que, sendo o corpo material, não é o corpo que pensa, mas a alma, que é espiritual. A alma do homem, sobre cuja imortalidade muitos escreveram, é o seu espírito, pois este é imortal em tudo o que lhe pertence. É também ele que pensa no corpo, porque é espiritual; e o espiritual recebe o espiritual e vive espiritualmente, o que é pensar e querer. Por isso, toda a vida racional que se manifesta no corpo pertence à alma, e nada dela pertence ao corpo. Pois o corpo, como se disse, é material, e o material, que é próprio do corpo, é acrescentado ao espírito e aparentemente quase unido a ele, para que o espírito do homem possa viver e realizar usos no mundo natural, cujas coisas são todas materiais e, em si mesmas, desprovidas de vida. Como só o espiritual vive, e não o material, pode ver-se que tudo o que vive no homem é o seu espírito, e que o corpo apenas o serve, tal como um instrumento serve uma força viva que o move. Diz-se, de facto, que um instrumento age, se move ou golpeia; mas é uma ilusão acreditar que estes são atos do

instrumento, e não daquele que age, move ou golpeia por intermédio dele.

433. Como tudo o que no corpo vive e, a partir dessa vida, age e sente pertence exclusivamente ao espírito, e nada disso ao corpo, segue-se que o espírito é o próprio homem; ou, o que é o mesmo, que o homem, considerado em si mesmo, é um espírito que possui uma forma semelhante. Pois tudo o que vive e sente no homem pertence ao seu espírito, e tudo no homem, da cabeça à planta dos pés, vive e sente. Por conseguinte, quando o corpo se separa do seu espírito, o que se chama morrer, o homem continua a ser homem e a viver. Ouvi do céu que alguns dos que morrem, enquanto jazem no féretro, antes de serem ressuscitados, continuam a pensar, mesmo no seu corpo frio, e não sabem que já não estão vivos, a não ser por não conseguirem mover uma única partícula da matéria pertencente ao corpo.

434. Se o homem não fosse um sujeito substancial capaz de servir de origem e de recetáculo, não poderia pensar nem querer. Aquilo que se supõe existir sem um suporte substancial nada é. Pode ver-se isto pelo facto de o homem não poder ver sem um órgão que seja o suporte da sua visão, nem ouvir sem um órgão que seja o suporte da sua audição. Sem esses órgãos, a visão e a audição nada são e não têm existência. O mesmo se aplica ao pensamento, que é a visão interior, e à perceção, que é a audição interior: se não estivessem em substâncias e não procedessem de substâncias que são formas orgânicas e suportes, não teriam existência alguma.

Tudo isto mostra que o espírito do homem, tal como o seu corpo, tem uma forma, e que essa forma é humana; que, separado do corpo, dispõe de órgãos dos sentidos e de sentidos, como quando estava nele; e que toda a vida do olho e toda a vida do ouvido, numa palavra, toda a vida dos sentidos que o homem possui, não pertence ao corpo, mas ao espírito, que habita nesses órgãos e nos seus mais ínfimos pormenores. É por isso que os espíritos veem, ouvem e sentem como os homens. Mas, quando o espírito se liberta do corpo, estes sentidos exercem-se no mundo espiritual, e não no mundo natural. A sensação natural que o espírito tinha enquanto estava no corpo era-lhe dada pela parte material que lhe fora acrescentada; mas já então tinha também sensações espirituais no pensar e no querer.

435. Tudo isto foi dito para convencer o homem racional de que, considerado em si mesmo, o homem é um espírito, e de que a parte corpórea acrescentada ao espírito para lhe permitir exercer as suas funções no mundo natural e material não é o homem, mas apenas um instrumento do seu espírito. As provas da experiência são, porém, preferíveis, porque há muitos que não compreendem as deduções racionais; e os que se confirmaram na opinião contrária transformam essas deduções em motivos de dúvida, por meio de raciocínios baseados nas ilusões dos sentidos. Os que se confirmaram na opinião contrária costumam pensar que também os animais têm vida e sensações e, por isso, uma parte espiritual semelhante à do homem, e que, no entanto, essa parte morre com o corpo. Mas o espiritual dos animais não é igual ao espiritual do homem; pois o homem possui aquilo que os animais não possuem:

um íntimo em que o Divino flui, elevando o homem até Si e unindo-o assim a Si.

É por isso que o homem, ao contrário dos animais, tem a capacidade de pensar em Deus e nas coisas Divinas do céu e da igreja, e de amar a Deus a partir delas e nelas, unindo-se assim a Ele. E tudo o que pode unir-se ao Divino não pode dissipar-se, ao passo que aquilo que não pode unir-se a Ele se dissipa. O íntimo que o homem possui, ao contrário dos animais, foi tratado acima (n.º 39); repetir-se-á aqui o que então se disse, pois, importa dissipar as ilusões que se formaram na mente de muitos que, por falta de conhecimento e de um intelecto exercitado, não conseguem formar conclusões racionais sobre este assunto. As palavras são estas:

> Mencionarei um certo arcano relativo aos anjos dos três céus, que até agora não ocorreu à mente de ninguém, por não se terem compreendido os graus. Em cada anjo e em cada homem há um grau íntimo ou supremo, ou algo íntimo ou supremo, para onde o Divino do Senhor flui primeiro ou mais diretamente, e a partir do qual dispõe os outros interiores que nele se sucedem segundo os graus da ordem. Este grau íntimo ou supremo pode chamar-se a entrada do Senhor no anjo ou no homem e a Sua própria morada neles. É em virtude deste íntimo ou supremo que o homem é homem e se distingue dos animais, que não o possuem. Daqui resulta que o homem, ao contrário dos animais, pode, quanto a todos os seus interiores que pertencem à mente e à índole, ser elevado pelo Senhor até Si, acreditar no Senhor, ser movido pelo amor ao Senhor e, assim, contemplá-Lo, receber inteligência e sabedoria e falar a partir da razão. É também em virtude disto que vive eternamente. Mas aquilo que o Senhor dispõe e providencia neste íntimo não

chega distintamente à perceção de nenhum anjo, porque está acima do seu pensamento e transcende a sua sabedoria.

436. Que o homem é um espírito quanto aos seus interiores foi-me permitido aprender por uma experiência tão vasta que, para usar uma expressão corrente, encheria volumes se a descrevesse toda. Falei com espíritos como espírito e falei com eles como homem no corpo; e, quando falava com eles como espírito, julgavam que eu próprio era um espírito, numa forma humana como a deles. Eram assim os meus interiores que se apresentavam diante deles, pois, quando falava com eles como espírito, o meu corpo material não era visto.

437. Que o homem é um espírito quanto aos seus interiores pode ver-se pelo facto de, depois da separação do corpo, que ocorre quando morre, continuar a viver como homem, tal como antes. Para que eu me convencesse disto, foi-me permitido falar com quase todas as pessoas que conhecera na vida do corpo: com algumas durante horas, com outras durante semanas e meses e com outras durante anos. Isto aconteceu sobretudo para que eu tivesse a certeza e pudesse testemunhá-lo.

438. Pode acrescentar-se que todo o homem, quanto ao seu espírito, mesmo enquanto vive no corpo, está numa sociedade com espíritos, embora o ignore. Se é bom, está, por intermédio dos espíritos, numa sociedade angélica; se é mau, numa sociedade infernal; e, depois da morte, entra nessa mesma sociedade. Isto tem sido muitas vezes dito e mostrado aos que, depois da morte,

chegam para junto dos espíritos. É certo que, enquanto vive no mundo, o homem não aparece nessa sociedade como espírito, porque então pensa naturalmente. Mas, quando pensa abstraindo do corpo, visto estar então no espírito, aparece por vezes na sua sociedade; e, quando é visto, distingue-se facilmente dos espíritos que aí estão, pois anda a meditar em silêncio, sem olhar para os outros e, aparentemente, sem os ver. Logo que algum espírito lhe fala, desaparece.

439. Para tornar claro que o homem é um espírito quanto aos seus interiores, relatarei, a partir da experiência, o que acontece quando o homem é retirado do corpo e o que significa ser transportado pelo espírito para outro lugar.

440. Quanto a ser retirado do corpo, acontece assim: o homem é levado a um certo estado intermédio entre o sono e a vigília; e, nesse estado, parece-lhe estar plenamente desperto. Todos os sentidos estão tão perfeitamente acordados como na mais completa vigília corporal: não só a visão e a audição, mas, coisa admirável, também o tato, que é então mais apurado do que alguma vez pode ser quando o corpo está desperto. Neste estado, espíritos e anjos foram vistos com toda a nitidez, ouvidos e, coisa admirável, tocados, quase sem intervenção alguma do corpo. Este é o estado a que se chama ser retirado do corpo e não saber se se está no corpo ou fora dele. Só fui admitido neste estado três ou quatro vezes, para que aprendesse o que é e soubesse que espíritos e anjos dispõem de todos os sentidos, e que o homem também dispõe deles quanto ao seu espírito quando é retirado do corpo.

441. Quanto a ser transportado pelo espírito para outro lugar, foi-me mostrado por experiência viva o que é e como se faz, mas apenas duas ou três vezes. Relatarei um único caso. Caminhava pelas ruas de uma cidade e pelos campos, ao mesmo tempo que falava com espíritos, sem ter outra consciência senão a de estar plenamente desperto e de possuir a minha visão habitual. Continuei assim a andar sem me desviar, sempre com visão clara, vendo bosques, rios, palácios, casas, homens e outros objetos. Mas, depois de caminhar deste modo durante algumas horas, vi subitamente com os olhos do corpo e reparei que estava noutro lugar. Muito admirado, percebi que tinha estado no mesmo estado daqueles de quem se diz terem sido levados pelo espírito para outro lugar. Pois, neste estado, não se pensa na distância, mesmo que seja de muitas milhas, nem no tempo, ainda que sejam muitas horas ou dias; também não se sente fadiga. A pessoa é conduzida sem erro por caminhos que desconhece, até ao lugar de destino.

442. Estes dois estados do homem, que são os seus estados quando está nos seus interiores ou, o que é o mesmo, quando está no espírito, são, porém, extraordinários. Mas, por serem estados de que se tem conhecimento na igreja, foram-me mostrados apenas para que eu soubesse o que são. Já falar com espíritos e estar com eles como um deles, mesmo em plena vigília do corpo, é algo que me tem sido concedido há muitos anos.

443. Há outras provas de que o homem é um espírito quanto aos seus interiores no que foi dito e mostrado acima (n^{os} 311–317), onde se explica que o céu e o inferno provêm do género humano.

444. Dizer que o homem é um espírito quanto aos seus interiores significa dizê-lo quanto às coisas que pertencem ao seu pensamento e à sua vontade; pois são estes os próprios interiores que fazem do homem um homem e o tornam tal como é quanto a esses interiores.

CAPÍTULO 46

A Ressurreição do Homem de Entre os Mortos e a Sua Entrada na Vida Eterna

445. Quando o corpo deixa de poder desempenhar no mundo natural as funções corporais que correspondem aos pensamentos e às afeições do espírito, que este recebe do mundo espiritual, diz-se que o homem morre. Isto acontece quando cessam a respiração dos pulmões e os batimentos do coração. Mas o homem não morre: apenas se separa da parte corporal que lhe serviu no mundo, enquanto ele próprio continua a viver. Diz-se que o próprio homem continua a viver porque o homem não é homem em virtude do corpo, mas em virtude do espírito; pois é o espírito que pensa no homem, e é o pensamento unido à afeição que constitui o homem. É, pois, evidente que a morte do homem é apenas a sua passagem de um mundo para outro. Por isso, no sentido interno da Palavra, a «morte» significa a ressurreição e a continuação da vida.[1]

446. Há uma comunicação íntima do espírito com a respiração e com os batimentos do coração: o pensamento do espírito comunica com a respiração, e a sua afeição, que pertence ao amor, com o coração.[2] Por conseguinte, quando estes dois movimentos cessam

no corpo, dá-se imediatamente uma separação. Estes dois movimentos, a respiração dos pulmões e os batimentos do coração, são o próprio vínculo cuja rutura deixa o espírito entregue a si mesmo; e o corpo, então privado da vida do seu espírito, arrefece e começa a decompor-se. Esta comunicação íntima do espírito do homem faz-se com a respiração e com o coração porque deles dependem todos os movimentos vitais, não só em geral, mas em cada particularidade.[3]

447. Depois da separação, o espírito do homem permanece no corpo por pouco tempo, apenas até a ação do coração ter cessado inteiramente. Isto varia segundo a condição da doença que causa a morte: em alguns, o movimento do coração continua durante algum tempo; noutros, durante menos tempo. Assim que esse movimento cessa, o homem é ressuscitado; mas isto é feito unicamente pelo Senhor. A ressuscitação significa a retirada do espírito do corpo e a sua introdução no mundo espiritual; é a isto que vulgarmente se chama ressurreição. O espírito não se separa do corpo antes de cessar o movimento do coração, porque o coração corresponde à afeição do amor, que é a própria vida do homem, visto ser do amor que cada um recebe o calor vital.[4] Por conseguinte, enquanto esta conjunção perdura, perdura a correspondência e, por ela, a vida do espírito no corpo.

448. O modo como se efetua esta ressuscitação foi-me explicado e mostrado por experiência viva. Foi-me concedida a própria experiência para que eu tivesse um conhecimento completo do processo.

449. Quanto aos sentidos do corpo, fui levado a um estado de insensibilidade, quase ao estado de quem está a morrer; mas a vida interior e o pensamento mantiveram-se intactos, para que eu pudesse perceber e conservar na memória o que me acontecia e o que acontece aos que são ressuscitados de entre os mortos. Percebi que a respiração do corpo era quase inteiramente retirada, mas que a respiração interior do espírito continuava, ligada a uma respiração ligeira e silenciosa do corpo. Estabeleceu-se então, primeiro, uma comunicação do pulso do coração com o reino celestial, porque esse reino corresponde ao coração no homem.[5] Viram-se anjos desse reino, alguns à distância e dois sentados perto da minha cabeça. Assim me foi retirada toda a afeição própria, embora o pensamento e a perceção continuassem.

(2) Estive neste estado durante algumas horas. Depois, os espíritos que estavam à minha volta retiraram-se, julgando que eu tinha morrido; e sentiu-se um odor aromático, semelhante ao de um corpo embalsamado. Pois, quando os anjos celestiais estão presentes, tudo o que pertence ao cadáver é percebido como aromático; e, quando os espíritos sentem esse odor, não podem aproximar-se. Deste modo, os espíritos maus são mantidos afastados do espírito do homem enquanto este é introduzido na vida eterna. Os anjos sentados junto da minha cabeça permaneciam em silêncio, limitando-se a comunicar os seus pensamentos com os meus; e, quando os seus pensamentos são recebidos, os anjos sabem que o espírito do homem se encontra num estado em que pode ser retirado do corpo. Esta comunicação dos seus pensamentos

fazia-se olhando para o meu rosto, pois é assim que os pensamentos se comunicam no céu.

(3) Como o meu pensamento e a minha perceção continuavam, para que eu soubesse e recordasse como se efetua a ressuscitação, percebi que os anjos procuravam primeiro averiguar qual era o meu pensamento, se era semelhante ao dos que estão a morrer, que habitualmente pensam na vida eterna; e percebi também que desejavam manter a minha mente nesse pensamento. Depois foi-me dito que o espírito do homem é mantido no seu último pensamento quando o corpo expira, até regressar aos pensamentos que procedem da sua afeição geral ou dominante no mundo. Foi-me especialmente permitido ver e sentir uma espécie de tração e extração dos interiores da minha mente, portanto do meu espírito, para fora do corpo; e foi-me dito que isto procede do Senhor e que é assim que se efetua a ressurreição.

450. Os anjos celestiais que estão com aquele que é ressuscitado não se afastam dele, porque amam todos; mas, quando o espírito chega a um estado em que já não pode permanecer associado aos anjos celestiais, anseia por se afastar deles. Quando isto acontece, vêm anjos do reino espiritual do Senhor, por cujo intermédio lhe é dado o uso da luz; pois, antes disso, nada via, apenas pensava. Foi-me mostrado como isto se faz. Os anjos pareciam desenrolar uma espécie de película do olho esquerdo em direção à raiz do nariz, para que o olho se abrisse e pudesse ver. Isto é apenas uma aparência, mas ao espírito parecia acontecer realmente. Quando

essa película parece ter sido retirada, surge uma leve sensação de luz, ainda muito ténue, como a que se vê através das pálpebras ao começar a despertar do sono. Para mim, essa luz ténue assumiu uma tonalidade celeste, mas foi-me dito depois que a cor varia.

Sente-se então como que algo a ser suavemente desenrolado do rosto e, quando isto termina, desperta o pensamento espiritual. Esta retirada do rosto é também uma aparência, que representa a passagem do espírito do pensamento natural ao pensamento espiritual. Os anjos têm extremo cuidado para que daquele que é ressuscitado só procedam ideias que participem do amor. Dizem-lhe então que é um espírito. Quando já usufrui da luz, os anjos espirituais prestam ao novo espírito todos os serviços que ele possa desejar nesse estado e ensinam-lhe as coisas da outra vida, na medida em que é capaz de as compreender.

Mas, se não deseja ser ensinado, o espírito anseia por se afastar da companhia dos anjos. Todavia, não são os anjos que se retiram: é ele que se separa deles, pois os anjos amam todos e nada desejam tanto como servir, ensinar e conduzir ao céu; nisso consiste o seu maior prazer. Quando o espírito assim se afasta, é recebido por espíritos bons e, enquanto permanece na sua companhia, fazem por ele tudo o que é possível. Mas, se tiver levado no mundo uma vida que o impeça de apreciar a companhia dos bons, anseia por se afastar deles. Esta experiência repete-se até chegar à companhia daqueles que estão em inteira harmonia com a sua vida no mundo. Com estes encontra a sua própria vida

e, surpreendentemente, passa então a levar uma vida semelhante à que levou no mundo.

451. Este estado inicial da vida do homem depois da morte dura apenas alguns dias. Como é depois conduzido de um estado a outro e, finalmente, ao céu ou ao inferno será explicado adiante. Também isto me foi permitido aprender por muita experiência.

452. Falei com alguns no terceiro dia depois da sua morte, quando o processo descrito acima (n^{os} 449, 450) já se tinha completado. Em particular, falei com três que conhecera no mundo, a quem mencionei que se faziam então os preparativos para sepultar os seus corpos; disse: para os sepultar a eles. Ao ouvirem isto, foram tomados de uma espécie de surpresa, dizendo que estavam vivos e que aquilo que se ia sepultar era o que lhes servira no mundo. Depois admiraram-se muito por não terem acreditado numa vida assim depois da morte enquanto viviam no corpo, e sobretudo por quase ninguém dentro da igreja acreditar nela.

Os que no mundo não acreditaram em qualquer vida da alma depois da vida do corpo sentem grande vergonha quando se descobrem vivos. Mas os que se confirmaram nessa descrença procuram associar-se aos seus semelhantes e são separados dos que tiveram fé. Estes são, na sua maioria, ligados a alguma sociedade infernal, porque também negaram o Divino e desprezaram as verdades da igreja; pois, na medida em que

alguém se confirma contra a vida eterna da sua alma, confirma-se também contra tudo o que pertence ao céu e à igreja.

CAPÍTULO 47

Depois da Morte,
o Homem Possui Uma Forma Humana Completa

453. Já se mostrou em vários capítulos anteriores que a forma do espírito do homem é a forma humana, isto é, que o espírito é homem também quanto à forma: sobretudo onde se mostrou que cada anjo possui uma forma humana completa (nos 73–77), que todo o homem é um espírito quanto aos seus interiores (nos 432–444) e que os anjos do céu provêm do género humano (nos 311–317).

(2) Isto pode ver-se ainda mais claramente pelo facto de o homem ser homem em virtude do seu espírito, e não do seu corpo, e de a forma corporal ser acrescentada ao espírito segundo a forma deste, e não o contrário; pois é segundo a sua própria forma que o espírito se reveste de um corpo. Por conseguinte, o espírito do homem atua em cada parte do corpo, até à mais ínfima, de tal maneira que, se alguma parte não é animada pelo espírito, ou se o espírito não atua nela, essa parte não vive. Todos podem reconhecer esta verdade apenas pelo facto de o pensamento e a vontade moverem

todas e cada uma das coisas do corpo com um comando tão completo que tudo concorre para a ação; e aquilo que não concorre não faz parte do corpo, mas é expulso como algo sem vida. Ora, o pensamento e a vontade pertencem não ao corpo, mas ao espírito do homem.

(3) Um espírito liberto do corpo, ou o espírito que está noutro homem, não é visível ao homem na forma humana, porque o órgão da visão corporal, ou o olho, enquanto vê no mundo, é um órgão material; e o material só pode ver o material, ao passo que o espiritual vê o espiritual. Por isso, quando a parte material do olho se obscurece e deixa de cooperar com a espiritual, o olho vê os espíritos na sua própria forma, que é a forma humana: não só os espíritos que estão no mundo espiritual, mas também o espírito de outro homem enquanto ainda está no corpo.

454. A forma do espírito é a forma humana porque o homem é criado, quanto ao seu espírito, segundo a forma do céu; pois todas as coisas do céu e da ordem do céu estão reunidas naquilo que constitui a mente do homem.[1] Daqui procede a sua capacidade de receber inteligência e sabedoria. Dizer capacidade de receber inteligência e sabedoria ou capacidade de receber o céu é dizer a mesma coisa, como se pode ver pelo que se mostrou acerca da luz e do calor do céu (nos 126–140), da forma do céu (nos 200–212), da sabedoria dos anjos (nos 265–275) e nos capítulos que mostram que a forma do céu, no todo e nas suas partes, reflete um só homem

(nos 59–77), e isto em virtude do Humano Divino do Senhor, de onde procedem o céu e a sua forma (nos 78–86).

455. O que acaba de se dizer pode ser compreendido pelo homem racional, pois este pode vê-lo pelo encadeamento das causas e pelas verdades na sua ordem. Mas o homem que não é racional não o compreende, por várias razões, das quais a principal é não desejar compreendê-lo, porque se opõe às falsidades que tomou por verdades. Quem, por esta razão, não quer compreender fechou à sua faculdade racional o caminho para o céu, embora esse caminho ainda possa abrir-se sempre que cesse a resistência da vontade (ver acima, n.º 424). Que o homem pode compreender as verdades e ser racional quando o deseja tornou-se-me claro por muita experiência. Espíritos maus que, no mundo, se tinham tornado irracionais por rejeitarem o Divino e as verdades da igreja e por se confirmarem contra eles foram muitas vezes voltados, pelo poder Divino, para aqueles que estavam na luz da verdade. Compreendiam então todas as coisas como os anjos, reconheciam-nas como verdadeiras e reconheciam também que as compreendiam todas. Mas, logo que regressavam a si mesmos e se voltavam novamente para o amor da sua vontade, deixavam de compreender as verdades e afirmavam o contrário.

(2) Ouvi também certos habitantes do inferno dizerem que sabiam e percebiam ser mau aquilo que faziam e falso aquilo que pensavam, mas que não conseguiam resistir ao prazer do seu amor, isto é, da sua vontade, e que era a sua vontade que levava o pensamento a ver o mal como bem e a falsidade como

verdade. É, pois, evidente que os que estão na falsidade proveniente do mal têm capacidade para compreender e ser racionais, mas não querem; e não querem porque amaram as falsidades mais do que as verdades, por aquelas concordarem com os males em que estão. Amar e querer são a mesma coisa, pois aquilo que uma pessoa quer, ama, e aquilo que ama, quer.

(3) Como o estado dos homens é tal que podem compreender as verdades se o desejarem, foi-me permitido confirmar as verdades espirituais, que são as verdades do céu e da igreja, também por meio de raciocínios. Isto aconteceu para que as falsidades pelas quais a mente racional de muitos foi fechada pudessem ser dissipadas por raciocínios e, assim, talvez se abrisse em alguma medida o olho; pois é permitido a todos os que estão nas verdades confirmar os bens espirituais por meio de raciocínios. Quem poderia alguma vez compreender a Palavra a partir do sentido da sua letra, se não visse, por uma razão esclarecida, as verdades que ela contém? Não é daqui que procedem tantas heresias a partir da mesma Palavra?[2]

456. Que o espírito do homem, depois de liberto do corpo, continua a ser homem e a ter uma forma semelhante foi-me provado pela experiência diária de muitos anos; pois vi esses espíritos e ouvi-os milhares de vezes, e falei com eles acerca do facto de os homens no mundo não acreditarem que eles são homens e de aqueles que acreditam serem considerados simples pelos eruditos. Os espíritos entristecem-se profundamente por tal ignorância continuar a existir no mundo, sobretudo dentro da igreja.

(2) Disseram que esta crença procedera principalmente dos eruditos, que tinham pensado na alma a partir de ideias derivadas dos sentidos corporais. A partir de tais ideias, a única conceção que formaram da alma foi a de ela ser mero pensamento; e este, considerado sem um suporte que o contenha e de onde proceda, é apenas um sopro fugaz de éter puro, que necessariamente se dissipa quando o corpo morre. Mas, como a igreja acredita, pela Palavra, na imortalidade da alma, veem-se obrigados a atribuir-lhe algo de vital, como aquilo que pertence ao pensamento, negando-lhe, porém, tudo o que pertence aos sentidos tal como o homem os possui, até que volte a unir-se ao corpo. Nesta opinião assenta a doutrina da ressurreição, com a crença de que a alma e o corpo voltarão a unir-se no momento do juízo final. Por esta razão, quando alguém pensa na alma segundo esta doutrina e estas conjeturas, não concebe que ela seja um espírito numa forma humana. Além disso, quase ninguém sabe hoje o que é o espiritual, e menos ainda que os seres espirituais, como todos os espíritos e anjos, tenham alguma forma humana.

(3) Por conseguinte, quase todos os que partem deste mundo ficam muito surpreendidos ao descobrirem que estão vivos e são tão humanos como antes, que veem, ouvem e falam e que o seu corpo dispõe do sentido do tato como anteriormente, sem diferença alguma (ver acima, n.º 74). Quando deixam de se admirar de si mesmos, admiram-se de que a igreja nada saiba deste estado dos homens depois da morte e, portanto, nada saiba do céu ou do inferno, quando, na realidade, todos

os que alguma vez viveram no mundo estão na outra vida e vivem como homens. Admiravam-se também de que isto não tivesse sido revelado ao homem por visões, sendo um ponto essencial da fé da igreja. Foi-lhes dito do céu que, embora isso pudesse ter sido feito, pois nada é mais fácil quando é da vontade do Senhor, os que se confirmaram nas falsidades contrárias não acreditariam, mesmo que eles próprios o vissem. Acresce que é perigoso confirmar alguma coisa por visões quando os homens estão nas falsidades, porque primeiro acreditariam e depois negariam, profanando assim a própria verdade; pois acreditar e depois negar é profanar, e os que profanam as verdades são lançados no mais baixo e mais penoso de todos os infernos.[3]

(4) É este perigo que significam as palavras do Senhor:

> **Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes os corações, para que não vejam com os olhos, nem entendam com o coração, nem se convertam e Eu os cure (João 12:40).**

E que os que estão nas falsidades não acreditariam [mesmo que lhes fossem dadas visões] é o que significam estas palavras:

> **Abraão disse ao rico no inferno: Têm Moisés e os Profetas; que os ouçam. Mas ele disse: Não, pai Abraão; se alguém de entre os mortos for ter com eles, converter-se-ão. Abraão, porém, disse-lhe: Se não ouvem Moisés e os Profetas, também não acreditarão, ainda que alguém ressuscite de entre os mortos (Lucas 16:29–31).**

457. Quando o espírito do homem entra pela primeira vez no mundo dos espíritos, o que sucede pouco depois da sua ressuscitação, conforme se descreveu, o seu rosto e o tom da sua voz assemelham-se aos que tinha no mundo, porque então está no estado dos seus exteriores e os seus interiores ainda não foram desvelados. Este é o primeiro estado do homem depois da morte. Mas, posteriormente, o rosto modifica-se e torna-se inteiramente diferente, assemelhando-se à sua afeição ou ao seu amor dominante, segundo o qual tinham sido os interiores da sua mente enquanto estava no mundo e o seu espírito enquanto estava no corpo. Pois o rosto do espírito de uma pessoa difere muito do rosto do seu corpo. O rosto do corpo vem dos pais; o rosto do espírito vem da sua afeição e é uma imagem dela. Quando termina a vida do espírito no corpo, os seus exteriores são postos de lado e os seus interiores revelados, ele entra nessa afeição. Este é o segundo estado do homem.

Vi alguns que tinham acabado de chegar do mundo e reconheci-os pelo rosto e pela fala; mas, vendo-os mais tarde, já não os reconheci. Os que tinham estado em boas afeições apareciam com rostos belos; os que tinham estado em más afeições, com rostos deformados. Pois o espírito do homem, considerado em si mesmo, não é senão a sua afeição, e o rosto é a forma exterior dela. Outra razão por que os rostos se modificam é que, na outra vida, não é permitido a ninguém simular afeições que não são suas, assumindo assim expressões contrárias ao seu amor. Todos na outra vida são conduzidos a um estado em que falam como pensam e manifestam no olhar e nos gestos as inclinações da sua vontade. Por isso, os

rostos de todos se tornam formas e imagens das suas afeições; e, por conseguinte, todos os que se conheceram no mundo se reconhecem no mundo dos espíritos, mas não no céu nem no inferno, como se disse acima (n.º 427).[4]

458. Os rostos dos hipócritas modificam-se mais lentamente do que os dos outros, porque, pela prática, adquiriram o hábito de ordenar os seus interiores de modo a imitar boas afeições; por isso, durante muito tempo, não deixam de parecer belos. Mas, à medida que aquilo que tinham assumido é gradualmente posto de lado e os interiores da mente são levados a concordar com a forma das suas afeições, acabam por se tornar mais deformados do que os outros. Os hipócritas são aqueles que se habituaram a falar como anjos, mas que interiormente reconheceram apenas a natureza, e não o Divino, negando assim o que pertence ao céu e à igreja.

459. Deve saber-se que a forma humana de cada um, depois da morte, é tanto mais bela quanto mais interiormente tiver amado as verdades Divinas e vivido segundo elas. Pois os interiores de cada um abrem-se e formam-se segundo o seu amor e a sua vida; por isso, quanto mais interior é a afeição, mais se assemelha ao céu e, por conseguinte, mais belo é o rosto. É por esta razão que os anjos do céu mais íntimo são os mais belos, pois são formas do amor celestial. Mas aqueles que amaram as verdades Divinas mais exteriormente e, por isso, viveram segundo elas de um modo mais externo são menos belos, porque dos seus rostos só transparecem afeições exteriores; e através destas não resplandece nenhum amor celeste interior, nem, portanto, algo da forma do céu tal como é em

si mesma. Vê-se nesses rostos algo de relativamente obscuro, não vivificado por qualquer luz de vida interior que através deles resplandeça.

Numa palavra, toda a perfeição aumenta em direção aos interiores e diminui em direção aos exteriores; e, tal como a perfeição aumenta e diminui, assim sucede com a beleza. Vi rostos de anjos do terceiro céu de tal fulgor que nenhum pintor, com toda a sua arte, poderia dar às suas cores uma luz que igualasse sequer a milésima parte do brilho e da vida que resplandeciam dos seus semblantes. Mas os rostos dos anjos do céu mais baixo podem, em alguma medida, ser reproduzidos.

460. Para concluir, mencionarei um certo arcano até agora desconhecido de todos: todo o bem e toda a verdade que procedem do Senhor e constituem o céu estão na forma humana, não só no todo e no que há de maior, mas também em cada parte e no que há de menor. Esta forma afeta todos os que recebem do Senhor o bem e a verdade e faz com que cada habitante do céu esteja na forma humana segundo a sua receção do bem e da verdade. É por isso que o céu é semelhante a si mesmo em geral e em particular, e que a forma humana é a forma do todo, de cada sociedade e de cada anjo, como se mostrou nos quatro capítulos que vão dos n.º 59 a 86. Acrescente-se que é também a forma das mais pequenas coisas do pensamento dos anjos derivadas do amor celeste. Nenhum homem, porém, pode compreender facilmente este arcano; os anjos compreendem-no claramente, porque estão na luz do céu.

CAPÍTULO 48

Depois da Morte, o Homem Conserva Todos os Sentidos e Toda a Memória, o Pensamento e a Afeição que Tinha no Mundo, Deixando Apenas o Corpo Terreno

461. Foi-me provado por múltiplas experiências que, quando o homem passa do mundo natural para o espiritual, como acontece quando morre, leva consigo tudo o que possui, isto é, tudo o que lhe pertence como homem, exceto o corpo terreno. Pois, quando entra no mundo espiritual ou na vida depois da morte, encontra-se num corpo como aquele que tinha no mundo, sem diferença aparente, visto que não vê nem sente qualquer diferença. Mas o seu corpo é então espiritual e, portanto, separado ou purificado de tudo o que é terreno; e, quando o espiritual toca ou vê o espiritual, é exatamente como quando o natural toca ou vê o natural. Assim, quando o homem se torna espírito, julga estar no mesmo corpo que tinha no mundo e, por conseguinte, não sabe que morreu.

(2) Além disso, o espírito do homem dispõe de todos os sentidos, exteriores e interiores, de que dispunha no mundo: vê como antes, ouve e fala como antes, cheira e saboreia e,

quando é tocado, sente o toque como antes. Também anseia, deseja, cobiça, pensa, reflete, se comove, ama e quer como antes; e aquele que se deleita no estudo lê e escreve como antes. Numa palavra, quando o homem passa de uma vida para a outra, ou de um mundo para o outro, é como passar de um lugar para outro, levando consigo tudo o que possuía em si como homem. Por isso, não se pode dizer que, pela morte, que é apenas a morte do corpo terreno, o homem tenha perdido algo que verdadeiramente lhe pertença.

(3) Leva também consigo a sua memória natural, conservando tudo o que ouviu, viu, leu, aprendeu ou pensou no mundo, desde a primeira infância até ao fim da vida. Contudo, os objetos naturais contidos na memória, por não poderem ser reproduzidos no mundo espiritual, permanecem em repouso, tal como quando não se pensa neles. Ainda assim, são reproduzidos quando o Senhor assim o quer. Mas desta memória e do seu estado depois da morte se falará mais adiante. O homem sensual considera impossível acreditar que seja este o estado do homem depois da morte, porque não o pode compreender; pois o homem sensual tem necessariamente de pensar de modo natural, mesmo acerca das coisas espirituais. Por isso, nega a existência de tudo o que não se apresenta aos seus sentidos, isto é, de tudo o que não vê com os olhos do corpo e não toca com as mãos, como se diz de Tomé em João 20:25, 27, 29. O que é o homem sensual pode ver-se acima, n.º 267 e respetivas notas.

462. [a.] Há, todavia, uma grande diferença entre a vida do homem no mundo espiritual e a sua vida no mundo natural, tanto no que respeita aos sentidos exteriores e às suas afeições como aos sentidos interiores e às suas afeições. Os que estão no céu têm sentidos mais apurados, isto é, uma visão e uma audição mais penetrantes, e pensam também com maior sabedoria do que quando estavam no mundo. Pois veem à luz do céu, que ultrapassa em muitos graus a luz do mundo (ver acima, n.º 126), e ouvem por meio de uma atmosfera espiritual, que igualmente ultrapassa em muitos graus a atmosfera terrestre (n.º 235). Esta diferença quanto aos sentidos exteriores é semelhante à diferença, no mundo, entre o Sol luminoso e a escuridão das nuvens, ou entre a luz do meio-dia e a sombra do entardecer. Pois a luz do céu, por ser a verdade Divina, permite aos olhos dos anjos perceber e distinguir as coisas mais minúsculas.

(2) Além disso, a sua visão exterior corresponde à visão interior, ou entendimento; pois, nos anjos, uma visão flui de tal modo para a outra que atua em unidade com ela, e é isto que lhes dá tão grande acuidade visual. De igual modo, a sua audição corresponde à sua perceção, que pertence tanto ao entendimento como à vontade; por conseguinte, no tom e nas palavras de quem fala, percebem os mais ínfimos pormenores da sua afeição e do seu pensamento: no tom, o que pertence à afeição; nas palavras, o que pertence ao pensamento (ver acima, n^{os} 234–245). Mas os restantes sentidos dos anjos são menos apurados do que a visão e a audição, porque estas servem a sua inteligência e a sua sabedoria, enquanto os

restantes não o fazem. Se os outros sentidos fossem igualmente apurados, diminuiriam a luz e a alegria da sua sabedoria e deixariam entrar o prazer das satisfações pertencentes aos diversos apetites e ao corpo; e, na medida em que estas prevalecem, obscurecem e enfraquecem o entendimento. Isto acontece no mundo, onde os homens se tornam grosseiros e obtusos quanto às verdades espirituais na medida em que se entregam ao paladar e cedem às seduções do tato.

(3) Pelo que já foi dito e mostrado no capítulo sobre a sabedoria dos anjos do céu (nos 265–275), pode ver-se que também os sentidos interiores dos anjos do céu, que pertencem ao seu pensamento e à sua afeição, são mais apurados e perfeitos do que os que tinham no mundo. Quanto ao estado dos que estão no inferno, comparado com o dos que estão no mundo, há também uma grande diferença: tão grande como é a perfeição e a excelência dos sentidos exteriores e interiores dos anjos no céu, assim é grande a imperfeição dos que estão no inferno. Mas o estado destes será tratado adiante.

462. [b.] Foi-me mostrado de muitas maneiras que, quando o homem deixa o mundo, leva consigo toda a sua memória. Muitas das coisas que vi e ouvi são dignas de menção; relatarei algumas por ordem. Havia alguns que negavam os crimes e as maldades que tinham cometido no mundo. Para que não fossem julgados inocentes, todos os seus atos foram revelados e revistos, por

ordem, a partir da sua memória, desde os primeiros até aos últimos anos; eram sobretudo adultérios e prostituições.

(2) Havia alguns que tinham enganado os outros por artifícios perversos e cometido furtos. Também os seus enganos e furtos foram enumerados em pormenor, muitos dos quais quase ninguém no mundo conhecia além deles próprios. Confessaram esses atos, porque lhes eram claramente apresentados com todos os pensamentos, intenções, prazeres e receios que lhes ocupavam a mente no momento.

(3) Havia outros que tinham aceitado subornos e proferido sentenças venais. Foram igualmente examinados a partir da sua memória, e por ela se reviu tudo o que tinham feito desde o início até ao fim do exercício do seu cargo. Todos os pormenores acerca do que tinham recebido e de quanto, bem como o momento, o seu estado de espírito e a sua intenção, foram trazidos à sua recordação e tornados visivelmente claros, em muitas centenas de casos. Isto aconteceu com vários; e, coisa admirável, em alguns casos os seus livros de apontamentos, onde tinham registado essas coisas, foram abertos e lidos diante deles, página a página.

(4) Outros, que tinham seduzido donzelas para a desonra ou violado a castidade, foram chamados a um juízo semelhante; e os pormenores dos seus crimes foram extraídos da memória e revistos. Apresentavam-se também os próprios rostos das

donzelas e das mulheres como se estivessem presentes, com os lugares, as palavras e as intenções, tão subitamente como quando uma cena surge diante dos olhos; estas apresentações duravam por vezes horas.

(5) Havia um que não dera importância a caluniar os outros. Ouvi as suas calúnias e difamações serem relatadas por ordem, com as próprias palavras, as pessoas de quem se falara e aquelas diante de quem tinham sido proferidas. Tudo era reproduzido e apresentado com inteira vivacidade, embora, enquanto vivera no mundo, tivesse ocultado tudo com o maior cuidado.

(6) Havia um que, sob um pretexto fraudulento, privara um familiar da sua herança; também ele foi convencido da culpa e julgado. E, coisa admirável, as cartas e os documentos que tinham trocado foram lidos na minha presença, tendo sido dito que não faltava uma única palavra.

(7) A mesma pessoa, pouco antes de morrer, tinha também envenenado secretamente o seu vizinho. Isto foi revelado da seguinte maneira. Parecia cavar uma vala sob os seus pés, da qual saiu um homem, como de uma sepultura, gritando-lhe: «Que me fizeste?» Então tudo se revelou: como o envenenador lhe falara amigavelmente e lhe estendera a taça, o que pensara antes e o que acontecera depois. Quando tudo ficou revelado, foi condenado ao inferno.

(8) Numa palavra, a cada espírito mau são tornados claros todos os seus males, maldades, roubos, artifícios e enganos, extraídos da sua própria memória, e a sua culpa fica plenamente estabelecida. Não há lugar para qualquer negação, porque todas as circunstâncias são apresentadas em conjunto. Além disso, pela memória de um homem, quando esta foi vista e examinada pelos anjos, conheci os seus pensamentos durante um mês, dia após dia, e isto sem erro, sendo os pensamentos recordados exatamente como tinham surgido em cada dia.

(9) Por estes exemplos pode ver-se que o homem leva consigo toda a sua memória e que nada pode estar tão oculto no mundo que não seja revelado depois da morte, diante de muitos, segundo as palavras do Senhor:

> **Nada há encoberto que não venha a ser descoberto, nem secreto que não venha a ser conhecido; por isso, o que dissestes nas trevas será ouvido à luz, e o que dissestes ao ouvido será proclamado dos telhados (Lucas 12:2, 3).**

463. Ao revelarem a uma pessoa os seus atos depois da morte, os anjos encarregados de a examinar olham-lhe para o rosto; e o exame estende-se a todo o corpo, começando pelos dedos de cada mão e prosseguindo assim por todo o ser. Como isto me admirava, foi-me dada a razão: assim como todas as coisas do pensamento e da vontade estão inscritas no cérebro, por aí terem os seus princípios, também estão inscritas no corpo inteiro, porque todas as

coisas do pensamento e da vontade se estendem, a partir dos seus princípios, a todas as partes do corpo, onde terminam nas suas manifestações últimas. É por isso que aquilo que se inscreve na memória a partir da vontade e do pensamento que dela resulta não está inscrito apenas no cérebro, mas no homem inteiro, onde existe numa ordem correspondente à ordem das partes do corpo. Tornou-se assim claro que o homem, no seu todo, é tal como é na vontade e no pensamento desta, a ponto de o homem mau ser o seu próprio mal, e o homem bom o seu próprio bem.[1]

Vê-se assim o que significa o livro da vida do homem de que a Palavra fala: tudo o que fez e tudo o que pensou está inscrito no homem inteiro; quando essas coisas são chamadas da memória, parecem ser lidas num livro; e, quando o espírito é visto à luz do céu, aparecem como numa imagem. Acrescentarei a tudo isto algo notável acerca da permanência da memória depois da morte, pelo qual tive a certeza de que não só as coisas gerais, mas também os mais ínfimos pormenores que entraram na memória permanecem e nunca são apagados. Vi ali livros com escritos como no mundo, e foi-me dito que provinham da memória daqueles que os tinham escrito e que não faltava neles uma única palavra que estivesse num livro escrito pela mesma pessoa no mundo. Assim, podiam extrair-se da memória de alguém todos os mais ínfimos pormenores, até aqueles de que se esquecera no mundo.

Foi-me dada a razão: o homem possui uma memória externa e uma interna; a externa pertence ao seu homem natural, e a interna ao seu homem espiritual. Tudo, até ao mais pequeno pormenor,

que uma pessoa pensou, quis, disse, fez ou até ouviu e viu está inscrito na sua memória interna ou espiritual;[2] e o que aí está nunca se apaga, porque está também inscrito no próprio espírito e nos membros do seu corpo, como se disse acima. O espírito é, assim, formado segundo os pensamentos e os atos da sua vontade. Sei que isto parece um paradoxo e que, por isso, é difícil de acreditar; mas é verdadeiro. Ninguém creia, pois, que algo que tenha alguma vez pensado em si mesmo ou feito em segredo possa ficar oculto depois da morte; creia antes que todas e cada uma das coisas ficam então expostas com a clareza do dia.

464. Embora a memória externa ou natural permaneça no homem depois da morte, as coisas meramente naturais que nela estão não são reproduzidas na outra vida, mas apenas as coisas espirituais ligadas às naturais pelas correspondências. Todavia, quando estas se apresentam à vista, surgem exatamente na mesma forma que tinham no mundo natural; pois todas as coisas vistas nos céus têm a mesma aparência que no mundo, embora, na sua essência, não sejam naturais, mas espirituais, como pode ver-se no capítulo sobre as representações e as aparências no céu (n^{os} 170–176).

(2) Mas a memória externa ou natural, quanto às coisas nela derivadas da matéria, do tempo e do espaço e das restantes propriedades da natureza, não serve ao espírito do mesmo modo que lhe servia no mundo. Pois, sempre que no mundo o homem pensa a partir do seu sensual externo, e não simultaneamente do sensual interno ou intelectual, pensa

naturalmente, e não espiritualmente. Mas, na outra vida, quando é um espírito no mundo espiritual, não pensa naturalmente, mas espiritualmente; e pensar espiritualmente é pensar intelectual ou racionalmente. Por esta razão, a memória externa ou natural fica então em repouso quanto aos seus conteúdos materiais, entrando em uso apenas aquilo que a pessoa assimilou no mundo por meio das coisas materiais e tornou racional. A memória externa fica em repouso quanto às coisas materiais porque estas não podem então ser evocadas, visto que os espíritos e os anjos falam a partir das afeições e dos pensamentos próprios das suas mentes; por isso, não podem exprimir o que não concorda com essas afeições e pensamentos, como se pode ver no que foi dito acerca da linguagem dos anjos no céu e da sua linguagem com o homem (n^{os} 234–257).

(3) Por conseguinte, depois da morte, o homem é racional não na medida em que foi versado em línguas e ciências no mundo, mas na medida em que, por meio delas, se tornou racional. Falei com muitos que no mundo eram considerados eruditos por conhecerem línguas antigas, como o hebraico, o grego e o latim, mas que não tinham cultivado a sua faculdade racional pelo que está escrito nessas línguas. Alguns mostravam-se tão simples como os que nada sabiam dessas línguas, e alguns até obtusos, conservando, todavia, a presunção de serem mais sábios do que os outros.

(4) Falei com alguns que, no mundo, tinham acreditado que o homem é sábio na medida do conteúdo da sua memória e que nela tinham acumulado muitas coisas, falando quase só a partir da memória e, portanto, não de si mesmos, mas dos outros. A sua racionalidade em nada tinha sido aperfeiçoada por aquilo que guardavam na memória. Alguns eram obtusos e outros insensatos, sem compreenderem minimamente se uma verdade era verdadeira ou não, e agarravam-se a todas as falsidades apresentadas como verdades pelos que se intitulavam eruditos; pois, por si mesmos, não conseguiam ver se algo era verdadeiro ou não e, por conseguinte, não conseguiam ver racionalmente coisa alguma ao ouvirem os outros.

(5) Falei também com alguns que tinham escrito muito, no mundo, sobre assuntos científicos de toda a espécie, adquirindo assim reputação mundial de erudição. Alguns tinham, de facto, capacidade para raciocinar acerca das verdades, sobre se eram verdadeiras ou não; e alguns, quando se voltavam para os que estavam na luz da verdade, compreendiam em certa medida que as verdades eram verdadeiras, mas continuavam sem desejar compreendê-las. Por isso, quando estavam nas suas próprias falsidades e, assim, em si mesmos, negavam-nas. Alguns não tinham mais sabedoria do que as pessoas comuns sem instrução. Cada um diferia, portanto, do outro segundo o modo como cultivara a faculdade racional por meio dos conhecimentos sobre os quais escrevera ou que reunira.

Mas aqueles que se opunham às verdades da igreja, pensavam a partir de meros conhecimentos e por eles se confirmavam nas falsidades não cultivavam a faculdade racional, mas apenas a capacidade de argumentar, que no mundo se julga ser racionalidade. Esta capacidade, porém, é inteiramente diferente da racionalidade: é a capacidade de provar o que se quiser e, a partir de princípios preconcebidos e de ilusões, ver falsidades, e não verdades. Tais pessoas nunca podem ser levadas a reconhecer as verdades, pois as verdades não podem ver-se a partir das falsidades; mas as falsidades podem ver-se a partir das verdades.

(6) A faculdade racional do homem é como um jardim, um arbustal ou um terreno novo; a memória é o solo; as verdades conhecidas e os conhecimentos são as sementes; a luz e o calor do céu fazem-nos crescer. Sem luz e calor não há germinação; assim sucede com a mente quando não são admitidos a luz do céu, que é a verdade Divina, e o calor do céu, que é o amor Divino: só deles procede a racionalidade. É motivo de grande pesar para os anjos que os eruditos atribuam, na sua maioria, todas as coisas à natureza e tenham assim fechado de tal modo os interiores da mente que não consigam ver qualquer verdade a partir da luz da verdade, que é a luz do céu. Por isso, na outra vida, são privados da capacidade de argumentar, para que não disseminem falsidades entre as pessoas simples e boas nem as desviem; e são enviados para lugares desertos.

465. Um espírito indignava-se por não conseguir recordar muitas coisas que sabia na vida do corpo, lamentando a perda do prazer de que tanto desfrutara. Foi-lhe dito, porém, que nada tinha perdido, que continuava a saber todas e cada uma das coisas que soubera, embora, no mundo onde agora se encontrava, não fosse permitido a ninguém evocar da memória tais coisas; que devia contentar-se por poder agora pensar e falar muito melhor e mais perfeitamente do que antes; e que a sua faculdade racional já não estava, como anteriormente, imersa em coisas grosseiras, obscuras, materiais e corpóreas, sem utilidade no reino onde entrara. Foi-lhe também dito que agora possuía tudo o que contribuía para os usos da vida eterna e que só assim se podia tornar bem-aventurado e feliz. Era, portanto, próprio da ignorância acreditar que, neste reino, a inteligência perece com a retirada ou o repouso das coisas materiais da memória; pois a realidade é que, na medida em que a mente pode ser afastada das coisas dos sentidos pertencentes ao homem externo ou ao corpo, é elevada às coisas espirituais e celestes.

466. O que são estas duas memórias é por vezes apresentado à vista na outra vida, sob formas que não se veem noutros lugares; pois muitas coisas que no homem assumem a forma de ideias são aí apresentadas como objetos da visão. A memória externa apresenta ali o aspeto de uma calosidade, e a interna, o de uma substância medular semelhante à do cérebro humano; por esse aspeto pode conhecer-se a sua natureza. Nos que, na vida do corpo, se dedicaram apenas a cultivar a memória, sem cultivar a faculdade racional, a calosidade aparece dura e interiormente estriada, como

por tendões. Nos que encheram a memória de falsidades, aparece pilosa e áspera, devido à massa confusa de coisas nela contidas. Nos que cultivaram a memória tendo por fim o amor de si e do mundo, aparece aglutinada e ossificada.

Nos que quiseram penetrar nos arcanos Divinos por meio da erudição, sobretudo filosófica, recusando-se a acreditar sem serem convencidos por tais provas, a memória aparece como uma substância escura, de natureza tal que absorve os raios de luz e os transforma em trevas. Nos que praticaram o engano e a hipocrisia, aparece dura e óssea como o ébano, refletindo os raios de luz. Mas, nos que estiveram no bem do amor e nas verdades da fé, não há semelhante aparência calosa, porque a sua memória interior transmite os raios de luz à exterior; e nos objetos ou ideias desta, como na sua base ou no seu terreno, os raios terminam e encontram recetáculos agradáveis. Pois a memória exterior é o último da ordem, onde, quando aí estão os bens e as verdades, as coisas espirituais e celestes encontram suavemente o seu termo e a sua sede.

467. Os homens que vivem no mundo no amor ao Senhor e na caridade para com o próximo têm consigo e em si inteligência e sabedoria angélicas; mas estas estão então guardadas no mais íntimo da memória interior, e eles não têm consciência delas até se despojarem das coisas corpóreas. A memória natural é então adormecida, e despertam para a sua memória interior e, depois, gradualmente, para a própria memória angélica.

468. Dir-se-á também, em poucas palavras, como se pode cultivar a faculdade racional. A faculdade racional genuína consiste em verdades, e não em falsidades; aquilo que consiste em falsidades não é racional. Há três espécies de verdades: civis, morais e espirituais. As verdades civis dizem respeito aos assuntos da justiça e do governo dos reinos e, em geral, ao que neles é justo e equitativo. As verdades morais pertencem aos assuntos da vida de cada um relativos ao convívio e às relações sociais: em geral, à honestidade e à retidão, e, em particular, às virtudes de toda a espécie. As verdades espirituais dizem respeito aos assuntos do céu e da igreja e, em geral, ao bem do amor e à verdade da fé.

(2) Em cada homem há três graus de vida (ver acima, n.º 267). A faculdade racional abre-se até ao primeiro grau pelas verdades civis, até ao segundo pelas verdades morais e até ao terceiro pelas verdades espirituais. Deve, porém, compreender-se que a faculdade racional constituída por estas verdades não se forma nem se abre por a pessoa as conhecer, mas por viver segundo elas; e viver segundo elas significa amá-las a partir de uma afeição espiritual. Amar as verdades a partir de uma afeição espiritual é amar o que é justo e equitativo por ser justo e equitativo, o que é honesto e reto por ser honesto e reto, e o que é bom e verdadeiro por ser bom e verdadeiro. Pelo contrário, viver segundo elas e amá-las a partir de uma afeição corporal é amá-las por causa de si mesmo e da própria reputação, honra ou lucro.

Por conseguinte, na medida em que a pessoa ama estas verdades a partir de uma afeição corporal, não se torna racional, porque não as ama a elas, mas a si mesma; e as verdades são postas ao seu serviço como servos ao serviço do seu senhor. Quando as verdades se tornam servas, não entram na pessoa nem abrem nela qualquer grau de vida, nem sequer o primeiro; limitam-se a permanecer na memória como conhecimentos sob uma forma material e aí unem-se ao amor de si, que é um amor corporal.

(3) Tudo isto mostra como o homem se torna racional: torna-se racional até ao terceiro grau pelo amor espiritual do bem e da verdade que pertencem ao céu e à igreja; até ao segundo grau, pelo amor da honestidade e da retidão; e até ao primeiro, pelo amor da justiça e da equidade. Estes dois últimos amores também se tornam espirituais a partir do amor espiritual do bem e da verdade, porque esse amor flui para eles, une-se a eles e neles forma como que a sua própria semelhança.

469. Os espíritos e os anjos, tal como os homens, possuem memória: tudo o que ouvem, veem, pensam, querem e fazem permanece com eles, e por isso a sua faculdade racional é continuamente cultivada por toda a eternidade. Assim, os espíritos e os anjos, tal como os homens, aperfeiçoam-se na inteligência e na sabedoria por meio dos conhecimentos da verdade e do bem. Que os espíritos e os anjos têm memória foi-me permitido aprender por muita experiência, tendo visto ser evocado das suas memórias, quando estavam com outros espíritos, tudo o que tinham pensado

e feito, tanto em público como em privado. Vi também aqueles que estavam em alguma verdade a partir de um bem simples serem imbuídos de conhecimentos e, por estes, de inteligência, e depois elevados ao céu.

Mas deve compreender-se que não são imbuídos de conhecimentos e, por eles, de inteligência para além do grau de afeição pelo bem e pela verdade que alcançaram no mundo; pois a afeição de cada espírito ou anjo permanece com ele tal como era no mundo e na mesma medida. Essa afeição é depois aperfeiçoada ao ser preenchida, o que prossegue por toda a eternidade. Com efeito, tudo pode ser preenchido por toda a eternidade, porque tudo admite uma variedade infinita e, assim, o enriquecimento por coisas diversas e, por conseguinte, a multiplicação e a frutificação. Não há limite para qualquer bem, porque ele procede do Infinito. Que os espíritos e os anjos se aperfeiçoam incessantemente na inteligência e na sabedoria por meio dos conhecimentos da verdade e do bem pode ver-se acima, nos capítulos sobre a sabedoria dos anjos do céu (n^{os} 265–275), sobre os gentios ou povos fora da igreja no céu (n^{os} 318–328) e sobre as crianças pequenas no céu (n^{os} 329–345). Que isto acontece até ao grau de afeição pelo bem e pela verdade em que estiveram no mundo, e não para além dele, pode ver-se no n.º 349.

CAPÍTULO 49

Depois da Morte, o Homem É Tal Como Foi a Sua Vida no Mundo

470. Todo o cristão sabe, pela Palavra, que a sua própria vida o espera depois da morte; pois nela se diz, em muitas passagens, que o homem será julgado e recompensado segundo os seus atos e as suas obras. E ninguém que pense a partir do bem e da verdade genuína pode deixar de ver que aquele que vive bem vai para o céu e aquele que vive perversamente vai para o inferno. Mas o homem mau não quer acreditar que o seu estado depois da morte seja conforme à sua vida no mundo. Pensa, sobretudo quando está doente, que o céu é concedido a todos por pura misericórdia, seja qual for a vida que tenham levado, e que isso se faz segundo a sua fé, que ele separa da vida.

471. Que o homem será julgado e recompensado segundo os seus atos e as suas obras é declarado em muitas passagens da Palavra, algumas das quais citarei aqui:

> O Filho do homem virá na glória do Seu Pai, com os Seus anjos, e então dará a cada um segundo as suas obras (Mateus 16:27).

Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, pois as suas obras os acompanham (Apocalipse 14:13).

Darei a cada um segundo as suas obras (Apocalipse 2:23).

Vi os mortos, pequenos e grandes, de pé diante de Deus; e abriram-se os livros, e os mortos foram julgados pelas coisas escritas nos livros, segundo as suas obras. O mar entregou os mortos que nele estavam, e a morte e o inferno entregaram os que neles estavam, e cada um foi julgado segundo as suas obras (Apocalipse 20:12, 13).

Eis que venho, e a Minha recompensa está comigo, para dar a cada um segundo as suas obras (Apocalipse 22:12).

Todo aquele que ouve as Minhas palavras e as pratica, compará-lo-ei a um homem prudente; mas todo aquele que ouve as Minhas palavras e não as pratica é comparado a um homem insensato (Mateus 7:24, 26).

Nem todo aquele que Me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade do Meu Pai que está nos céus. Muitos Me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizámos em Teu nome, não expulsámos demónios em Teu nome e não fizemos muitas obras poderosas em Teu nome? Mas então lhes declararei: Não vos conheço; afastai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade (Mateus 7:21–23).

Então começareis a dizer: Comemos e bebemos na Tua presença, e ensinaste nas nossas ruas. Mas Ele dirá: Digo-vos que não vos conheço, vós que praticais a iniquidade (Lucas 13:25–27).

Retribuir-lhes-ei segundo a sua obra e segundo os atos das suas mãos (Jeremias 25:14).

Jeová, cujos olhos estão abertos sobre todos os caminhos dos homens, para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o fruto das suas obras (Jeremias 32:19).

Castigá-lo-ei pelos seus caminhos e retribuir-lhe-ei as suas obras (Oseias 4:9).

> **Jeová faz connosco segundo os nossos caminhos e segundo as nossas obras (Zacarias 1:6).**

Ao anunciar o juízo final, o Senhor enumera apenas obras, ensinando que os que fizeram boas obras entrarão na vida eterna e os que fizeram más obras entrarão na condenação, como em Mateus 25:32–46 e em muitas outras passagens que tratam da salvação e da condenação do homem. É claro que as obras e os atos constituem a vida exterior do homem e que neles se torna evidente a qualidade da sua vida interior.

472. Mas por atos e obras entende-se aqui aquilo que são interiormente, e não a aparência que têm exteriormente. Pois todos sabem que cada ato e cada obra procedem da vontade e do pensamento da pessoa; de outro modo, seriam apenas movimentos como os de um autómato ou de uma figura. Por conseguinte, um ato ou uma obra, considerados em si mesmos, são apenas um efeito que recebe a alma e a vida da vontade e do pensamento, a ponto de não ser outra coisa senão vontade e pensamento em efeito e, assim, vontade e pensamento sob uma forma exterior. Daqui resulta que a qualidade de um ato ou de uma obra é tal como a vontade e o pensamento que os produzem. Se o pensamento e a vontade forem bons, os atos e as obras são bons; se o pensamento e a vontade forem maus, os atos e as obras são maus, embora exteriormente pareçam iguais. Mil homens podem agir do mesmo modo, isto é, realizar atos semelhantes, tão semelhantes na forma exterior que sejam quase indistinguíveis; e, no entanto, cada ato,

considerado em si, é diferente, por proceder de uma vontade diferente.

(2) Por exemplo, ao agir com honestidade e justiça para com outra pessoa, um pode fazê-lo para parecer honesto e justo, tendo em vista a si mesmo e a sua honra; outro, tendo em vista o mundo e o lucro; um terceiro, a recompensa e o mérito; um quarto, a amizade; um quinto, por receio da lei e da perda da reputação ou do emprego; um sexto, para atrair alguém para o seu lado, mesmo estando errado; um sétimo, para enganar; e outros, por outros motivos. Em todos estes casos, embora os atos sejam bons na aparência, porque é bom agir com honestidade e justiça para com outrem, são, todavia, maus, porque não são praticados por consideração pela honestidade e pela justiça e por amor a elas, mas por consideração pelo amor de si e do mundo, que são os amores estimados. A honestidade e a justiça são postas ao serviço desse amor, como servos ao serviço de um senhor, que os despreza e dispensa quando deixam de o servir.

(3) Na forma exterior, agem de modo semelhante os que procedem com honestidade e justiça para com outrem por amarem o que é honesto e justo. Alguns fazem-no a partir da verdade da fé, ou por obediência, porque a Palavra assim o ordena; outros, a partir do bem da fé, ou por consciência, por um motivo religioso; outros, a partir do bem da caridade para com o próximo, porque se deve atender ao bem dele; outros, a partir do bem do amor ao Senhor, porque o bem deve ser

feito por causa do bem, tal como o honesto e o justo devem ser praticados por causa da honestidade e da justiça. Amam-no porque procede do Senhor e porque nele está o Divino que procede do Senhor, sendo, por conseguinte, Divino quando considerado na sua própria essência. Os atos ou as obras destas pessoas são interiormente bons e, por isso, também exteriormente bons. Pois, como se disse, os atos ou as obras têm exatamente a qualidade do pensamento e da vontade de que procedem; sem pensamento e vontade, não são atos nem obras, mas apenas movimentos inanimados. Tudo isto explica o que a Palavra entende por obras e atos.

473. Assim como os atos e as obras procedem da vontade e do pensamento, também procedem do amor e da fé e são, por conseguinte, tais como são o amor e a fé. Pois é o mesmo dizer o amor de uma pessoa ou a sua vontade, e é o mesmo dizer a sua fé ou o seu pensamento confirmado. Aquilo que uma pessoa ama, quer, e aquilo em que acredita, pensa; e, quando ama aquilo em que acredita, também o quer e, tanto quanto possível, o pratica. Todos podem saber que o amor e a fé estão dentro da vontade e do pensamento do homem, e não fora deles, pois é o amor que inflama a vontade e ilumina o pensamento nas coisas da fé. Por isso, só os que podem pensar com sabedoria são esclarecidos e, na medida da sua iluminação, pensam o que é verdadeiro e querem-no, ou, o que é o mesmo, acreditam no verdadeiro e amam-no.[1]

474. Deve, porém, compreender-se que é a vontade que constitui o homem, ao passo que o pensamento só o constitui na

medida em que procede da vontade; e os atos e as obras procedem de ambos. Ou, o que é o mesmo, é o amor que constitui o homem, e a fé só o constitui na medida em que procede do amor; e os atos ou as obras procedem de ambos. Por conseguinte, a vontade ou o amor é o próprio homem, pois tudo o que procede pertence àquilo de que procede. Proceder é ser produzido e apresentado numa forma adequada a ser percebida e vista.[2] Tudo isto torna claro o que é a fé separada do amor: não é fé, mas mero conhecimento, sem vida espiritual. Torna igualmente claro o que é um ato ou uma obra sem amor: não é um ato ou uma obra de vida, mas de morte, que possui uma aparência de vida proveniente de um amor mau e de uma crença no falso. A esta aparência de vida chama-se morte espiritual.

475. Deve ainda compreender-se que nos atos ou nas obras se manifesta o homem inteiro, e que a sua vontade e o seu pensamento, ou o seu amor e a sua fé, que são os seus interiores, não estão completos enquanto não existirem nos atos ou nas obras, que são os seus exteriores. Pois estes são os últimos em que a vontade e o pensamento terminam; sem tais terminações, ficam sem termo e ainda não têm existência, isto é, ainda não estão no homem. Pensar e querer sem fazer, quando há oportunidade, é como uma chama encerrada num recipiente, que se apaga; ou como uma semente lançada na areia, que não cresce e perece com a sua força de germinação. Mas pensar, querer e, a partir daí, fazer é como uma chama que dá calor e luz em redor, ou como uma semente na terra que cresce, torna-se árvore ou flor e continua a viver.

Todos podem saber que querer e não fazer, havendo oportunidade, não é querer; e que amar e não fazer o bem, havendo oportunidade, não é amar, mas apenas pensar que se quer e ama. Este é um pensamento separado, que desaparece e se dissipa. O amor e a vontade constituem a própria alma de um ato ou de uma obra e dão forma ao seu corpo nas coisas honestas e justas que a pessoa faz. Esta é a única origem do corpo espiritual do homem, ou corpo do seu espírito: forma-se exclusivamente daquilo que a pessoa faz a partir do seu amor ou da sua vontade (ver acima, n.º 463). Numa palavra, todas as coisas do homem e do seu espírito estão contidas nos seus atos ou nas suas obras.[3]

476. Tudo isto torna claro qual é a vida que espera o homem depois da morte: é o seu amor e a fé que dele procede, não apenas em potência, mas também em ato; são, portanto, os seus atos ou as suas obras, porque neles estão contidas todas as coisas do seu amor e da sua fé.

477. É o amor dominante do homem que o espera depois da morte, e este nunca se altera, por toda a eternidade. Cada pessoa tem muitos amores, mas todos se relacionam com o seu amor dominante e fazem um só com ele ou, em conjunto, o compõem. Todas as coisas da vontade que harmonizam com o amor dominante são chamadas amores, porque são amadas. Estes amores são interiores e exteriores: alguns estão ligados diretamente, outros mediatamente; alguns estão mais próximos, outros mais afastados; servem de diversas maneiras. Em conjunto, constituem como que

um reino, sendo esta a ordem em que estão dispostos no homem, embora ele nada saiba dessa disposição.

Todavia, alguma coisa dela se lhe manifesta na outra vida, pois a extensão do seu pensamento e da sua afeição faz-se aí segundo a disposição dos seus amores: o pensamento e a afeição estendem-se às sociedades celestes quando o amor dominante é composto pelos amores do céu, e às sociedades infernais quando é composto pelos amores do inferno. Que todo o pensamento e toda a afeição dos espíritos e dos anjos se estendem às sociedades pode ver-se acima, nos capítulos sobre a sabedoria dos anjos do céu e sobre a forma do céu que determina as associações e as comunicações que nele existem.

478. Mas o que foi dito até aqui dirige-se apenas ao pensamento do homem racional. Para que também se apresente à perceção derivada dos sentidos, acrescentarei algumas experiências que o ilustrem e confirmem. Primeiro: depois da morte, o homem é o seu próprio amor ou a sua própria vontade. Segundo: o homem permanece eternamente tal como é a sua vontade ou o seu amor dominante. Terceiro: o homem que tem amor celeste e espiritual vai para o céu, enquanto aquele que tem amor corporal e mundano, sem amor celeste e espiritual, vai para o inferno. Quarto: se a fé não procede do amor celeste, não perdura no homem. Quinto: o que perdura é o amor em ato, isto é, a vida do homem.

479. (i) Depois da morte, o homem é o seu próprio amor ou a sua própria vontade. Isto foi-me provado por múltiplas experiências. Todo o céu está dividido em sociedades segundo as diferenças do bem do amor; e cada espírito que é elevado ao céu e se torna anjo é conduzido à sociedade onde está o seu amor. Quando aí chega, sente-se como em casa, na casa onde nasceu; o anjo percebe-o e associa-se aos que aí são semelhantes a ele. Quando se afasta para outro lugar, sente constantemente uma espécie de resistência e um desejo de regressar aos seus semelhantes e, assim, ao seu amor dominante. É deste modo que se estabelecem as associações no céu; e de modo semelhante no inferno, onde todos se associam segundo amores opostos aos celestes. Mostrou-se acima (n^{os} 41–50 e 200–212) que tanto o céu como o inferno são compostos de sociedades e que todas se distinguem segundo as diferenças do amor.

(2) Que o homem, depois da morte, é o seu próprio amor pode também perceber-se pelo facto de tudo o que não corresponde ao seu amor dominante ser então separado e, por assim dizer, retirado dele. Ao que é bom, tudo o que é discordante ou desarmonioso é separado e como que retirado, sendo ele assim introduzido no seu próprio amor. O mesmo sucede com o espírito mau, com a diferença de que aos maus são retiradas as verdades, e aos bons as falsidades; isto prossegue até cada um se tornar o seu próprio amor. Efetua-se quando o homem-espírito é levado ao terceiro estado, que será descrito adiante. Quando isto se realiza, ele volta constantemente o rosto para

o seu amor e tem-no continuamente diante dos olhos, seja qual for a direção para que se vire (ver acima, nos 123, 124).

(3) Todos os espíritos, desde que sejam mantidos no seu amor dominante, podem ser conduzidos para onde se quiser, sem conseguirem resistir, por mais claramente que vejam o que está a acontecer e por mais que pensem que resistirão. Foi-lhes muitas vezes permitido experimentar se conseguiam fazer alguma coisa contrária ao seu amor dominante, mas em vão. O seu amor é como um laço ou uma corda atada em redor deles, pela qual podem ser conduzidos e da qual não conseguem libertar-se. O mesmo sucede com os homens no mundo, que também são conduzidos pelo seu amor ou por outros através desse amor; mas isto é ainda mais verdadeiro quando se tornam espíritos, porque então não lhes é permitido exibir outro amor nem simular o que não lhes pertence.

(4) Todo o convívio na outra vida prova que o espírito do homem é o seu amor dominante. Pois, na medida em que alguém age ou fala de acordo com o amor de outro, esse outro está claramente presente, com um semblante pleno, alegre e vivo; mas, quando alguém fala ou age contra o amor do outro, o semblante deste começa, nessa mesma medida, a alterar-se, a obscurecer-se e a tornar-se indistinto, até que por fim desaparece inteiramente, como se ali não tivesse estado. Muitas vezes me admirei de como isto podia acontecer, pois nada semelhante ocorre no mundo; mas foi-me dito que o

mesmo sucede com o espírito no homem, que, quando se afasta de outro, deixa de estar no seu campo de visão.

(5) Outra prova de que o espírito é o seu amor dominante está em cada espírito apreender e apropriar-se de tudo o que harmoniza com o seu amor, rejeitando e repudiando tudo o que não harmoniza. O amor de cada um é como madeira esponjosa ou porosa, que absorve os líquidos favoráveis ao seu crescimento e repele os outros. É também como os animais de todas as espécies, que conhecem o alimento que lhes convém, procuram o que concorda com a sua natureza e evitam o que lhe é contrário. Pois todo o amor quer alimentar-se do que lhe pertence: o amor mau, de falsidades; o amor bom, de verdades.

Foi-me por vezes permitido ver certos espíritos simples e bons desejarem instruir os maus nas verdades e nos bens; mas, quando a instrução lhes era oferecida, fugiam para longe e, ao chegarem junto dos seus, agarravam-se com grande prazer às falsidades que concordavam com o seu amor. Vi também espíritos bons conversarem entre si acerca das verdades: os bons que estavam presentes ouviam avidamente a conversa, mas os maus presentes não lhe prestavam atenção, como se não a ouvissem. No mundo dos espíritos veem-se caminhos: uns conduzem ao céu, outros ao inferno, e cada um a uma sociedade particular. Os espíritos bons só seguem os caminhos que conduzem ao céu e à sociedade que aí está no bem do seu amor, e não veem os caminhos que levam a outros lugares. Os

espíritos maus só seguem os caminhos que conduzem ao inferno e à sociedade que aí está no mal do seu amor; não veem os caminhos que conduzem a outros lugares ou, se os veem, não desejam entrar neles.

No mundo espiritual, estes caminhos são aparências reais que correspondem a verdades ou a falsidades; é por isso que os caminhos têm essa significação na Palavra.[4] Por esta prova da experiência torna-se mais certo aquilo que anteriormente se afirmou com fundamento na razão: depois da morte, cada homem é o seu próprio amor e a sua própria vontade. Diz-se a sua própria vontade porque a vontade de cada um é o seu amor.

480. (ii) Depois da morte, o homem permanece eternamente tal como é a sua vontade ou o seu amor dominante. Também isto foi confirmado por abundante experiência. Foi-me permitido falar com alguns que viveram há dois mil anos, cujas vidas estão descritas na história e são, por isso, conhecidas; e verifiquei que continuavam exatamente como eram descritos, isto é, quanto ao amor a partir do qual e segundo o qual as suas vidas se tinham formado. Houve outros, conhecidos da história, que tinham vivido há dezassete séculos, outros há quatro séculos, outros há três, e assim por diante, com quem me foi permitido falar. Verifiquei que neles continuava a dominar a mesma afeição, sem outra diferença além de os prazeres do seu amor se terem transformado em coisas correspondentes.

Os anjos afirmam que a vida do amor dominante de ninguém se altera jamais, por toda a eternidade, visto que cada um é o seu amor; por conseguinte, alterar esse amor num espírito seria retirar-lhe ou extinguir-lhe a vida. A razão é que, depois da morte, o homem já não pode ser reformado pela instrução como no mundo, porque o plano último, composto de conhecimentos e afeições naturais, está então em repouso e, por não ser espiritual, não pode ser aberto (ver acima, n.º 464). Ora, é sobre esse plano que os interiores pertencentes à mente e à índole repousam, como uma casa sobre os seus alicerces. Por isso, tal como foi no mundo a vida do seu amor, assim a pessoa permanece eternamente.

Os anjos admiram-se muito de que o homem não saiba que cada um é tal como é o seu amor dominante e de que muitos acreditem poder ser salvos por misericórdia sem meios ou apenas pela fé, seja qual for a sua vida. Admiram-se também de que não saibam que a misericórdia Divina atua por meios e consiste em o homem ser conduzido pelo Senhor, tanto no mundo como depois, por toda a eternidade; que são conduzidos pela misericórdia Divina os que não vivem nos males; e, finalmente, que a fé é a afeição pela verdade proveniente do amor celeste, que procede do Senhor.

481. (iii) O homem que tem amor celeste e espiritual vai para o céu; aquele que tem amor corporal e mundano, sem amor celeste e espiritual, vai para o inferno. Isto tornou-se-me evidente por todos os que vi serem elevados ao céu ou lançados no inferno. A vida dos que eram elevados ao céu procedera de um amor celeste e espiritual; a dos que eram lançados no inferno, de um amor

corporal e mundano. O amor celeste consiste em amar o que é bom, honesto e justo por ser bom, honesto e justo e em praticá-lo por amor. Os que têm este amor levam uma vida de bondade, honestidade e justiça, que é a vida celeste. Os que amam o bom, o honesto e o justo por si mesmos, e os praticam ou vivem, amam o Senhor acima de tudo, porque estas coisas procedem d'Ele; amam também o próximo, porque é este o próximo que deve ser amado.[5]

O amor corporal, porém, é amar o bom, o honesto e o justo não por si mesmos, mas por causa de si, porque assim se podem obter reputação, honra e lucro. Estes, no que é bom, honesto e justo, não olham para o Senhor nem para o próximo, mas para si mesmos e para o mundo, e encontram prazer na fraude. A bondade, a honestidade e a justiça que brotam da fraude são maldade, desonestidade e injustiça; é isto que tais pessoas amam na sua prática da bondade, da honestidade e da justiça.

(2) Como a vida de cada um é determinada por estas diferentes espécies de amor, assim que os homens entram, depois da morte, no mundo dos espíritos, são examinados para se conhecer a sua qualidade e unidos aos que estão num amor semelhante: os que estão no amor celeste, aos que estão no céu; os que estão no amor corporal, aos que estão no inferno. Depois de passarem pelo primeiro e pelo segundo estado, ficam de tal modo separados que já não se veem nem se reconhecem; pois cada um se torna o seu próprio amor, tanto quanto aos interiores pertencentes à mente como quanto aos exteriores pertencentes ao rosto, ao corpo e à linguagem. Cada

um se torna uma imagem do seu amor, mesmo nos externos. Os que são amores corporais aparecem grosseiros, sombrios, negros e deformados; os que são amores celestes aparecem viçosos, luminosos, claros e belos. Também nas suas mentes e nos seus pensamentos são inteiramente diferentes: os que são amores celestes são inteligentes e sábios; os que são amores corporais são obtusos e como que insensatos.

(3) Quando é permitido contemplar os interiores e os exteriores do pensamento e da afeição dos que estão no amor celeste, os seus interiores aparecem como luz, alguns como uma luz flamejante, e os seus exteriores aparecem em variadas e belas cores, como arco-íris. Mas os interiores dos que estão no amor corporal aparecem como que negros, por estarem fechados; e os interiores de alguns que interiormente estavam no engano maligno aparecem como um fogo sombrio. Os seus exteriores, porém, têm uma cor suja e desagradável à vista. Os interiores e os exteriores da mente e da índole tornam-se visíveis no mundo espiritual sempre que apraz ao Senhor.

(4) Os que estão no amor corporal nada veem à luz do céu: para eles, essa luz é escuridão densa; mas a luz do inferno, semelhante à luz de carvões ardentes, é-lhes uma luz clara. Além disso, à luz do céu, a sua visão interior fica tão obscurecida que enlouquecem. Por isso, fogem dessa luz e escondem-se em antros e cavernas, mais ou menos profundamente segundo as falsidades que neles procedem dos

seus males. Pelo contrário, os que estão no amor celeste, quanto mais interior e profundamente entram na luz do céu, mais claramente veem todas as coisas e mais belas estas lhes parecem, percebendo as verdades com maior inteligência e sabedoria.

(5) Também é inteiramente impossível aos que estão no amor corporal viverem no calor do céu, porque o calor do céu é o amor celeste; podem, porém, viver no calor do inferno, que é o amor de se enfurecerem contra os que não os favorecem. Os prazeres desse amor são o desprezo pelos outros, a inimizade, o ódio e a vingança. Quando estão nesses prazeres, estão na sua vida e não fazem ideia do que é fazer bem aos outros a partir do próprio bem e por causa do próprio bem; só sabem fazer o bem a partir do mal e por causa do mal.

(6) Os que estão no amor corporal não conseguem respirar no céu. Quando algum espírito mau é levado ao céu, respira como alguém que se debate numa luta; ao passo que os que estão no amor celeste têm uma respiração mais livre e uma vida mais plena quanto mais interiormente se encontram no céu. Tudo isto mostra que o céu no homem é o amor celeste e espiritual, porque nesse amor estão inscritas todas as coisas do céu; e que o inferno no homem é o amor corporal e mundano separado do amor celeste e espiritual, porque nesses amores estão inscritas todas as coisas do inferno. É, pois, evidente que entra no céu aquele cujo amor é celeste e

espiritual, e no inferno aquele cujo amor é corporal e mundano, separado do amor celeste e espiritual.

482. (iv) Se a fé não procede do amor celeste, não perdura no homem. Isto tornou-se-me claro por tanta experiência que, se se reunisse tudo o que vi e ouvi a este respeito, se encheria um volume. Posso testemunhar que os que estão no amor corporal e mundano, separado do amor celeste e espiritual, não têm fé alguma nem são capazes de a ter; possuem apenas conhecimento ou uma persuasão de que algo é verdadeiro porque serve o seu amor. Alguns dos que afirmavam ter fé foram conduzidos aos que a tinham; ao comunicarem com eles, perceberam que não tinham fé alguma. Confessaram depois que acreditar simplesmente no que é verdadeiro e acreditar na Palavra não é fé, mas que a fé é amar a verdade a partir do amor celeste, querê-la e praticá-la a partir de uma afeição interior.

Foi-lhes também mostrado que a sua persuasão, a que chamavam fé, era apenas como a luz do inverno, em cuja claridade, por não haver calor, todas as coisas da terra ficam presas pela geada, entorpecidas e sepultadas sob a neve. Por isso, assim que a luz dessa fé de persuasão é tocada neles pelos raios da luz do céu, não só se extingue, como se transforma numa escuridão densa em que ninguém se consegue ver. Ao mesmo tempo, os seus interiores ficam tão obscurecidos que nada conseguem compreender e acabam por enlouquecer devido às falsidades. Por conseguinte, são-lhes retiradas todas as verdades que conheceram pela Palavra e pela doutrina da igreja e a que chamaram verdades da sua fé; em

lugar delas, absorvem todas as falsidades concordantes com o mal da sua vida. Pois todos são deixados descer aos seus amores e às falsidades que com eles concordam. Passam então a odiar e abominar as verdades e, por isso, a rejeitá-las, por serem contrárias às falsidades do mal em que se encontram.

Por toda a minha experiência das coisas do céu e do inferno, posso testemunhar que todos os que, pela sua doutrina, professaram a fé só, tendo levado uma vida má, estão no inferno. Vi muitos milhares deles serem lançados no inferno. A seu respeito, ver o tratado *O Juízo Final* e a *Destruição de Babilónia*.

483. (v) O que perdura é o amor em ato, isto é, a vida do homem. Esta conclusão decorre do que acaba de ser mostrado pela experiência e do que se disse acerca dos atos e das obras. O amor em ato é obra e ato.

484. Deve compreender-se que todas as obras e todos os atos pertencem à vida moral e civil e, por isso, dizem respeito ao que é honesto e reto e ao que é justo e equitativo: o honesto e o reto pertencem à vida moral; o justo e o equitativo, à vida civil. O amor a partir do qual os atos se realizam é celeste ou infernal. As obras e os atos da vida moral e civil, quando realizados a partir do amor celeste, são celestes; pois o que é feito a partir do amor celeste é feito a partir do Senhor, e tudo o que é feito a partir do Senhor é bom. Mas os atos e as obras da vida moral e civil realizados a partir do amor infernal são infernais; pois o que se faz a partir desse amor,

que é o amor de si e do mundo, faz-se a partir do próprio homem. E tudo o que se faz a partir do próprio homem é, em si, mau, porque o homem considerado em si mesmo, isto é, quanto ao que lhe é próprio, não é senão mal.[6]

CAPÍTULO 50

Os Prazeres da Vida de Cada Um Transformam-Se, Depois da Morte, Em Coisas Correspondentes

485. No capítulo anterior mostrou-se que a afeição ou o amor dominante de cada um perdura eternamente. Explicar-se-á agora como os prazeres dessa afeição ou desse amor se transformam em coisas correspondentes. Transformar-se em coisas correspondentes significa transformar-se em coisas espirituais que correspondem às naturais. Que se transformam em coisas espirituais pode ver-se pelo facto de o homem, enquanto está no seu corpo terreno, se encontrar no mundo natural, mas, quando deixa esse corpo, entrar no mundo espiritual e revestir-se de um corpo espiritual. Já se mostrou que os anjos e os homens depois da morte possuem uma forma humana completa e que os corpos de que se revestem são espirituais (nos 73–77 e 453–460); mostrou-se também o que é a correspondência das coisas espirituais com as naturais (nos 87–115).

486. Todos os prazeres de uma pessoa são os prazeres do seu amor dominante, pois só sente como agradável aquilo que ama, sobretudo o que ama acima de tudo. Dizer amor dominante ou

aquilo que é amado acima de tudo é dizer o mesmo. Estes prazeres são diversos. Em geral, há tantos quantos os amores dominantes e, por conseguinte, tantos quantos os homens, espíritos e anjos; pois o amor dominante de ninguém é, em todos os aspetos, igual ao de outro. Por esta razão, ninguém tem um rosto exatamente igual ao de outra pessoa, pois o rosto de cada um é uma imagem da sua mente e, no mundo espiritual, é uma imagem do seu amor dominante.

Em particular, os prazeres de cada um apresentam uma variedade infinita. É impossível que um prazer seja exatamente semelhante ou igual a outro, quer entre os que se sucedem, quer entre os que existem ao mesmo tempo: nenhum é alguma vez igual a outro. Todavia, os prazeres particulares de cada um referem-se ao seu único amor, que é o amor dominante, pois compõem-no e, assim, fazem um só com ele. Do mesmo modo, todos os prazeres em geral se referem a um amor que domina universalmente: no céu, o amor ao Senhor; no inferno, o amor de si.

487. Só pelo conhecimento das correspondências se pode saber em que prazeres espirituais se transformam, depois da morte, os prazeres naturais de cada um e qual a sua natureza. Em geral, esse conhecimento ensina que nada de natural pode existir sem algo de espiritual que lhe corresponda. Em particular, ensina o que corresponde e qual a sua natureza. Por isso, quem possui esse conhecimento pode averiguar e saber qual será o seu próprio estado depois da morte, desde que saiba qual é o seu amor e qual a relação dele com os amores universalmente dominantes acima

mencionados, com os quais todos os amores se relacionam. Mas é impossível aos que estão no amor de si saberem qual é o seu amor dominante, porque amam o que lhes é próprio e chamam bens aos seus males; e às falsidades para as quais se inclinam e pelas quais confirmam os seus males chamam verdades. Ainda assim, se o quisessem, poderiam sabê-lo por outros que são sábios e veem o que eles próprios não veem. Isto, porém, é impossível naqueles que estão tão seduzidos pelo amor de si que desprezam todo o ensinamento dos sábios.

(2) Pelo contrário, os que estão no amor celeste aceitam a instrução e, assim que são levados aos males em que nasceram, veem-nos a partir das verdades, pois as verdades tornam os males manifestos. A partir da verdade que procede do bem, qualquer pessoa pode ver o mal e a sua falsidade; mas, a partir do mal, ninguém pode ver o que é bom e verdadeiro. A razão é que as falsidades do mal são trevas e correspondem às trevas; por conseguinte, os que estão nas falsidades provenientes do mal são como cegos, que não veem as coisas que estão na luz, antes fogem delas como aves noturnas.[1] Mas, como as verdades provenientes do bem são luz e correspondem à luz (ver acima, nos 126–134), os que estão nessas verdades têm visão e olhos abertos e distinguem as coisas que pertencem à luz e à sombra.

(3) Também isto me foi provado pela experiência. Os anjos no céu veem e percebem os males e as falsidades que por vezes surgem em si mesmos, bem como os males e as falsidades dos

espíritos que, no mundo dos espíritos, estão ligados aos infernos, embora esses espíritos não consigam ver os seus próprios males e falsidades. Tais espíritos não compreendem o bem do amor celeste, a consciência, a honestidade e a justiça, salvo na medida em que são praticadas em benefício próprio; nem compreendem o que é ser conduzido pelo Senhor. Dizem que tais coisas não existem e, por isso, não têm valor. Tudo isto foi dito para que o homem se examine e reconheça o seu amor pelos seus prazeres e, assim, na medida em que o possa discernir pelo conhecimento das correspondências, conheça o estado da sua vida depois da morte.

488. Pelo conhecimento das correspondências pode saber-se como os prazeres da vida de cada um se transformam, depois da morte, em coisas correspondentes. Mas, como esse conhecimento ainda não é geralmente conhecido, procurarei esclarecer o assunto com alguns exemplos da experiência. Todos os que estão no mal e se confirmaram nas falsidades contra as verdades da igreja, sobretudo os que rejeitaram a Palavra, fogem da luz do céu e refugiam-se em cavernas cujas entradas parecem densamente escuras, bem como em fendas de rochedos, onde se escondem. Isto acontece porque amaram as falsidades e odiaram as verdades; pois essas cavernas e fendas de rochedos,[2] assim como as trevas, correspondem às falsidades, tal como a luz corresponde às verdades. Deleitam-se em habitar nesses lugares e sentem desprazer em habitar em campo aberto.

(2) Os que se deleitaram em conspirações insidiosas e secretas e em maquinações traiçoeiras fazem o mesmo. Também estão nessas cavernas e frequentam aposentos tão escuros que nem conseguem ver-se uns aos outros; nos cantos, sussurram ao ouvido uns dos outros. É nisto que se transforma o prazer do seu amor. Aqueles que se dedicaram às ciências sem outro fim senão adquirir reputação de eruditos, sem cultivarem a faculdade racional pela erudição, mas deleitando-se nas coisas da memória por orgulho nelas, amam os lugares arenosos, que preferem aos campos e aos jardins, porque os lugares arenosos correspondem a tais estudos.

(3) Os que conhecem bem as doutrinas da sua igreja e das outras, mas não aplicaram esse conhecimento à vida, escolhem lugares pedregosos e habitam entre montes de pedras, evitando os lugares cultivados por lhes serem desagradáveis. Os que atribuíram tudo à natureza, bem como os que atribuíram tudo à sua própria prudência e, por diversos artifícios, ascenderam a honras e adquiriram riquezas, dedicam-se, na outra vida, ao estudo das artes mágicas, que são abusos da ordem Divina, e nelas encontram o principal prazer da sua vida.

(4) Os que adaptaram as verdades Divinas aos seus próprios amores e, assim, as falsificaram amam as coisas urinárias, porque estas correspondem aos prazeres desses amores.[3] Os que foram sordidamente avarentos habitam em celas e amam

a imundície dos porcos e os maus cheiros que exalam dos alimentos não digeridos no estômago.

(5) Os que passaram a vida em meros prazeres, viveram no requinte e satisfizeram o paladar e o estômago, amando essas coisas como o bem supremo que a vida oferece, amam na outra vida as coisas excrementícias e as latrinas, nas quais encontram prazer, porque tais satisfações são imundície espiritual. Fogem dos lugares limpos e livres de sujidade, por lhes serem desagradáveis.

(6) Os que se deleitaram nos adultérios passam o tempo em prostíbulos onde tudo é vil e imundo. Amam esses lugares e fogem dos lares castos, caindo em desfalecimento assim que neles entram. Nada lhes é mais agradável do que desfazer casamentos. Os que alimentaram um espírito de vingança e adquiriram assim uma natureza feroz e cruel amam as matérias cadavéricas e encontram-se em infernos dessa natureza; e assim por diante.

489. Mas os prazeres da vida daqueles que viveram no mundo no amor celeste transformam-se em coisas correspondentes como as que existem nos céus, procedentes do Sol do céu e da sua luz. Essa luz apresenta à vista coisas que guardam o Divino oculto no seu interior. As coisas que aparecem nessa luz afetam os interiores das mentes dos anjos e, ao mesmo tempo, os exteriores pertencentes aos seus corpos. E, como a luz Divina, que é a verdade

Divina procedente do Senhor, flui para as suas mentes abertas pelo amor celeste, apresenta exteriormente coisas que correspondem aos prazeres do seu amor. Já se mostrou, no capítulo sobre as representações e as aparências no céu (nos 170–176) e no capítulo sobre a sabedoria dos anjos (nos 265–275), que as coisas que se apresentam à vista nos céus correspondem aos interiores dos anjos, ou às coisas pertencentes à sua fé e ao seu amor e, assim, à sua inteligência e sabedoria.

(2) Tendo já começado a confirmar este ponto por exemplos da experiência, para esclarecer melhor o que anteriormente se disse a partir das causas das coisas, exporei brevemente alguns pormenores acerca das coisas aprazíveis do céu em que se transformam os prazeres naturais dos que viveram no mundo no amor celeste. Aqueles que amaram as verdades Divinas e a Palavra a partir de uma afeição interior, ou de uma afeição pela própria verdade, habitam na outra vida na luz, em lugares elevados que parecem montanhas, onde estão continuamente na luz do céu. Não sabem o que é uma escuridão semelhante à noite no mundo; vivem também numa temperatura primaveril. Apresentam-se-lhes à vista campos cobertos de cereais e vinhas; nas suas casas, tudo brilha como se fosse de pedras preciosas, e olhar através das janelas é como olhar através de cristal puro. Tais são os prazeres da sua visão; mas essas mesmas coisas são interiormente agradáveis por serem correspondências de coisas Divinas celestes, pois as verdades da Palavra que amaram correspondem a campos de cereais, vinhas, pedras preciosas, janelas e cristais.[4]

(3) Os que aplicaram diretamente à vida as doutrinas da igreja provenientes da Palavra estão no céu mais íntimo e excedem todos os outros nos prazeres da sabedoria. Em cada objeto veem o Divino. Veem, de facto, os objetos com os olhos; mas as coisas Divinas correspondentes fluem imediatamente para as suas mentes e enchem-nas de uma bem-aventurança que afeta todas as suas sensações. Assim, diante dos seus olhos, todas as coisas parecem rir, brincar e viver (ver acima, n.º 270).

(4) Os que amaram os conhecimentos e, por eles, cultivaram a faculdade racional e adquiriram inteligência, reconhecendo ao mesmo tempo o Divino, veem, na outra vida, o seu prazer nos conhecimentos e o seu prazer racional transformarem-se em prazer espiritual, que é o prazer de conhecer o bem e a verdade. Habitam em jardins onde se veem canteiros de flores e relvados belamente dispostos, com fileiras de árvores em redor, caramanchões e passeios, mudando as árvores e as flores de dia para dia. A vista do conjunto proporciona prazer às suas mentes de um modo geral, e as variações nos pormenores renovam continuamente esse prazer. Como tudo aí corresponde a algo de Divino e eles são versados no conhecimento das correspondências, enchem-se constantemente de novos conhecimentos, pelos quais a sua faculdade racional espiritual se aperfeiçoa. Os seus prazeres são assim porque os jardins, os canteiros de flores, os relvados e as árvores correspondem às ciências, aos conhecimentos e à inteligência daí resultante.[5]

(5) Os que atribuíram tudo ao Divino, considerando a natureza relativamente morta e apenas subordinada às coisas espirituais, e se confirmaram nesta perspetiva, estão na luz celeste. Todas as coisas que aparecem diante dos seus olhos são tornadas transparentes por essa luz e, na sua transparência, apresentam inúmeras variações de luz, que a sua visão interna recebe como que diretamente, proporcionando-lhes prazeres interiores. As coisas vistas dentro das suas casas são como que feitas de diamantes, com semelhantes variações de luz. As paredes das suas casas, como já se disse, são como cristal e, portanto, também transparentes; nelas se veem formas aparentemente fluidas, representativas de coisas celestes, igualmente numa variedade incessante. Isto acontece porque tal transparência corresponde ao entendimento quando foi esclarecido pelo Senhor e dele foram retiradas as sombras provenientes da crença nas coisas naturais e do amor por elas. É a respeito destas e de infinitas outras coisas que os que estiveram no céu dizem ter visto o que olho algum jamais viu; e, pela perceção das coisas Divinas que lhes foi comunicada pelos que aí estão, dizem ter ouvido o que ouvido algum jamais ouviu.

(6) Os que não agiram de maneira oculta, mas quiseram que tudo o que pensavam fosse conhecido, tanto quanto a vida civil o permitia, porque todos os seus pensamentos concordavam com a honestidade e a justiça provenientes do Divino, têm no céu rostos cheios de luz. Nessa luz, cada mínima afeição e cada pensamento veem-se no rosto como na sua forma; e, na

linguagem e nos atos, são como imagens das suas afeições. Por isso, são mais amados do que os outros. Enquanto falam, o rosto obscurece-se um pouco; mas, assim que terminam, aquilo que disseram torna-se claramente manifesto de uma só vez no rosto. Como todos os objetos que existem à sua volta correspondem aos seus interiores, assumem uma aparência pela qual os outros podem perceber claramente o que representam e significam. Os espíritos que encontraram prazer nos atos clandestinos, quando os veem à distância, fogem deles e parecem a si mesmos afastar-se a rastejar, como serpentes.

(7) Os que consideraram os adultérios abomináveis e viveram num casto amor conjugal estão, mais do que todos os outros, na ordem e na forma do céu e, por isso, em toda a beleza, permanecendo incessantemente na flor da juventude. Os prazeres do seu amor são inefáveis e aumentam eternamente, pois para esse amor fluem todos os prazeres e todas as alegrias do céu. Esse amor desce da conjunção do Senhor com o céu e com a igreja e, em geral, da conjunção do bem e da verdade, que é o próprio céu em geral e em cada anjo em particular (ver acima, n^{os} 366–386). É impossível descrever em palavras humanas os seus prazeres exteriores. Estas são apenas algumas das coisas que me foram ditas acerca das correspondências dos prazeres daqueles que estão no amor celeste.

490. Tudo isto torna evidente que os prazeres de cada um se transformam, depois da morte, nas suas correspondências, enquanto o próprio amor perdura eternamente. Isto aplica-se ao amor conjugal, ao amor da justiça, da honestidade, da bondade e da verdade, ao amor das ciências e dos conhecimentos, ao amor da inteligência e da sabedoria e aos restantes amores. Destes amores fluem prazeres como ribeiros de uma fonte; e estes permanecem, mas, quando são elevados de prazeres naturais a espirituais, são exaltados a um grau superior.

CAPÍTULO 51

O Primeiro Estado do Homem Depois da Morte

491. Há três estados por que o homem passa depois da morte, antes de entrar no céu ou no inferno. O primeiro é o estado dos seus exteriores, o segundo o dos seus interiores e o terceiro o da sua preparação. O homem passa por estes estados no mundo dos espíritos. Alguns, porém, não passam por eles, sendo, imediatamente depois da morte, elevados ao céu ou lançados no inferno. Os que são imediatamente elevados ao céu são os que foram regenerados no mundo e, assim, preparados para o céu. Aqueles que foram de tal modo regenerados e preparados que apenas precisam de deixar, juntamente com o corpo, as impurezas naturais são logo elevados pelos anjos ao céu. Vi-os serem assim elevados pouco depois da hora da morte.

Pelo contrário, os que foram interiormente perversos, mantendo exteriormente uma aparência de bondade, e que, por meio de artifícios, encheram a medida da sua maldade, usando a bondade como meio de enganar, são imediatamente lançados no inferno. Vi alguns destes serem lançados no inferno logo depois da morte: um dos mais enganadores, de cabeça para baixo e pés para cima;

outros, de outras maneiras. Há alguns que, imediatamente depois da morte, são lançados em cavernas e, assim, separados dos que estão no mundo dos espíritos, sendo alternadamente retirados delas e lá recolocados. São os que agiram perversamente para com o próximo sob pretextos civis. Mas todos estes são poucos em comparação com os que permanecem no mundo dos espíritos, onde são preparados segundo a ordem Divina para o céu ou para o inferno.

492. Quanto ao primeiro estado, que é o estado dos exteriores, é aquele em que o homem entra imediatamente depois da morte. Todo o homem, quanto ao seu espírito, tem exteriores e interiores. Os exteriores do espírito são os meios pelos quais este adapta o corpo do homem no mundo, sobretudo o rosto, a linguagem e os movimentos, ao convívio com os outros; os interiores do espírito são aquilo que pertence à sua própria vontade e ao pensamento que dela procede, e raramente se manifestam no rosto, na linguagem e nos movimentos. Pois o homem está habituado desde a infância a manter uma aparência de amizade, benevolência e sinceridade e a ocultar os pensamentos da sua própria vontade, vivendo assim, pelo hábito, uma vida moral e civil nos externos, seja qual for o seu estado interno. Em consequência deste hábito, o homem mal sabe o que são os seus interiores e pouco pensa neles.

493. O primeiro estado do homem depois da morte assemelha-se ao seu estado no mundo, pois está igualmente nos externos, com um rosto semelhante, uma linguagem semelhante e uma índole

semelhante, portanto, com uma vida moral e civil semelhante. Por isso, só toma consciência de já não estar no mundo ao prestar atenção ao que encontra e por os anjos lhe terem dito, quando foi ressuscitado, que se tornara espírito (n.º 450). Assim, uma vida continua na outra, e a morte é apenas uma passagem.

494. Sendo este o estado do espírito do homem imediatamente após a sua vida no mundo, ele é então reconhecido pelos amigos e por aqueles que conheceu no mundo; pois os espíritos percebem-no não apenas pelo rosto e pela fala, mas também pela esfera da sua vida quando se aproximam. Sempre que alguém, na outra vida, pensa noutra pessoa, traz diante de si, no pensamento, o rosto dela e, ao mesmo tempo, muitas coisas da sua vida; e, quando o faz, a outra pessoa torna-se presente, como se tivesse sido chamada ou se tivesse mandado buscá-la. Assim acontece no mundo espiritual porque aí os pensamentos se comunicam e não há espaço como no mundo natural (ver acima, n^{os} 191–199).

Por isso, logo que entram na outra vida, todos são reconhecidos pelos seus amigos, familiares e pessoas que de algum modo os conheceram; conversam uns com os outros e depois associam-se segundo as suas amizades no mundo. Ouvi muitas vezes que os que tinham chegado do mundo se alegravam por rever os amigos e que estes, por sua vez, se alegravam com a sua chegada. É muito frequente marido e esposa encontrarem-se, felicitarem-se e permanecerem juntos por um tempo maior ou menor, conforme o prazer que tinham em viver juntos no mundo. Mas, se não estavam unidos por um verdadeiro amor conjugal, que é a conjunção das

mentes pelo amor celeste, separam-se depois de permanecerem juntos algum tempo. Ou, se as suas mentes eram discordantes e interiormente hostis, irrompem em inimizade aberta e, por vezes, em combate; todavia, não são separados antes de entrarem no segundo estado, de que se tratará em breve.

495. Como a vida dos espíritos recém-chegados do mundo não difere muito da sua vida no mundo natural, e como nada sabem do estado da vida depois da morte nem do céu e do inferno, além do que aprenderam pelo sentido literal da Palavra e pela pregação baseada nele, ficam inicialmente surpreendidos por se encontrarem num corpo, com todos os sentidos que tinham no mundo, e por verem coisas semelhantes. Tornam-se então ávidos de saber o que é o céu, o que é o inferno e onde se encontram. Por isso, os amigos falam-lhes das condições da vida eterna e levam-nos a vários lugares e a diversas companhias, por vezes a cidades, jardins e parques, mostrando-lhes sobretudo as coisas magníficas que deleitam os externos em que se encontram.

São depois reconduzidos, sucessivamente, às ideias que tinham alimentado na vida do corpo acerca do estado da alma depois da morte e acerca do céu e do inferno, até se indignarem com a sua completa ignorância destas coisas e também com a ignorância da igreja. Quase todos anseiam por saber se chegarão ao céu. A maioria acredita que sim, por ter levado no mundo uma vida moral e civil, sem considerar que maus e bons levam exteriormente uma vida semelhante: ambos fazem bem aos outros, assistem ao culto público, ouvem sermões e rezam. Ignoram inteiramente que os atos

externos e os atos externos de culto nada valem por si, mas apenas os internos de que os externos procedem.

Entre milhares, mal se encontra um que saiba o que são os internos e que é neles que o homem tem de encontrar o céu e a igreja. Sabe-se ainda menos que os atos exteriores são tais como são as intenções e os pensamentos, bem como o amor e a fé neles presentes, de que esses atos brotam. Mesmo quando são instruídos, não compreendem que pensar e querer tenham algum valor, atribuindo-o apenas ao falar e ao agir. Assim são, na sua maioria, os que hoje passam do mundo cristão para a outra vida.

496. São, porém, examinados pelos espíritos bons para se descobrir quem são, e isto de diversas maneiras; pois, neste primeiro estado, os maus, tal como os bons, dizem verdades e praticam bons atos, pela razão acima mencionada: como os bons, viveram moralmente no exterior, visto terem vivido sob governos e sujeitos a leis, adquirindo assim reputação de justiça e honestidade, obtendo favor e, desse modo, alcançando honras e riquezas. Mas os espíritos maus distinguem-se dos bons sobretudo por isto: prestam ávida atenção ao que se diz acerca das coisas externas e pouca atenção ao que se diz acerca das internas, que são as verdades e os bens da igreja e do céu. Ouvem estas coisas, mas sem atenção nem alegria. Os dois grupos distinguem-se também por se voltarem repetidamente para determinadas direções e, quando entregues a si mesmos, seguirem os caminhos que conduzem nessas direções. Pelo voltar-se para certos quadrantes e

pelo seguir de certos caminhos, reconhece-se qual é o amor que os conduz.

497. Todos os espíritos que chegam do mundo estão ligados a alguma sociedade no céu ou no inferno, mas apenas quanto aos seus interiores. Enquanto permanecem nos exteriores, os seus interiores não se manifestam a ninguém, pois os externos cobrem e ocultam os internos, sobretudo naqueles que estão interiormente no mal. Mais tarde, porém, quando entram no segundo estado, os seus males tornam-se manifestos, porque os seus interiores são então abertos e os seus exteriores adormecidos.

498. Este primeiro estado do homem depois da morte dura, para alguns, dias; para outros, meses; e, para outros, um ano. Raramente dura mais de um ano. É mais curto ou mais longo para cada um segundo a concordância ou a discordância entre os seus interiores e os seus exteriores; pois, em todos, os exteriores e os interiores têm de constituir um só e corresponder. No mundo espiritual, não é permitido a ninguém pensar e querer de uma maneira e falar e agir de outra. Todos têm de ser imagens da sua própria afeição ou do seu próprio amor; por isso, têm de ser exteriormente tais como são interiormente. É por esta razão que os exteriores do espírito são primeiro desvelados e ordenados, para que possam servir os interiores como um plano correspondente.

CAPÍTULO 52

O Segundo Estado do Homem Depois da Morte

499. O segundo estado do homem depois da morte chama-se estado dos seus interiores, porque ele é então introduzido nos interiores da sua mente, isto é, da sua vontade e do seu pensamento, enquanto os seus exteriores, em que se encontrava durante o primeiro estado, são adormecidos. Quem refletir sobre a vida, a linguagem e a ação do homem poderá ver que cada pessoa tem exteriores e interiores, isto é, pensamentos e intenções exteriores e interiores. Isto mostra-se pelo facto de, na vida civil, se pensar acerca dos outros segundo o que deles se ouviu e aprendeu por relatos ou conversas, sem, porém, lhes falar de acordo com esse pensamento; e, se forem maus, ainda assim são tratados com cortesia. Vê-se isto especialmente nos dissimulados e nos aduladores, que falam e agem de uma maneira e pensam e querem de outra inteiramente diferente. Vê-se também nos hipócritas, que falam de Deus, do céu, da salvação das almas, das verdades da igreja, do bem da pátria e do próximo como se o fizessem a partir da fé e do amor, embora no coração acreditem de outro modo e amem apenas a si mesmos.

(2) Tudo isto torna claro que há duas espécies de pensamento, uma exterior e outra interior; que há pessoas que falam a partir do pensamento exterior, tendo, porém, outros sentimentos no pensamento interior; e que estas duas espécies se mantêm separadas, porque se impede cuidadosamente que o pensamento interior flua para o exterior e se manifeste de algum modo. Pela criação, o homem foi formado para que o seu pensamento interior e o exterior constituam um só pela correspondência; e, nos que estão no bem, constituem efetivamente um só, pois estes pensam e dizem apenas o que é bom. Mas, nos que estão no mal, o pensamento interior e o exterior não constituem um só, pois pensam o mal e dizem o bem. Neles há uma inversão da ordem, porque o bem está no exterior e o mal no interior; por conseguinte, o mal domina o bem e submete-o a si como um servo, para que lhe sirva de meio de alcançar os seus fins, que são da mesma natureza que o seu amor. Contendo o bem que procuram e praticam semelhante fim, é evidente que esse bem não é bem, mas está infetado pelo mal, por muito bom que pareça na forma exterior àqueles que não conhecem os seus interiores.

(3) Não sucede assim com os que estão no bem. Neles, a ordem não está invertida: o bem flui do pensamento interior para o exterior e, assim, para a palavra e para o ato. Foi nesta ordem que o homem foi criado; e os seus interiores estão nesta ordem no céu e na luz do céu. Como a luz do céu é a verdade Divina que procede do Senhor e, por conseguinte, é o Senhor

no céu (nos 126–140), estas pessoas são conduzidas pelo Senhor. Tudo isto foi dito para dar a conhecer que todo o homem tem pensamento interior e pensamento exterior, e que estes são distintos. O termo pensamento inclui também a vontade, pois o pensamento procede da vontade e é impossível pensar sem querer. Torna-se assim claro o que se entende por estado dos exteriores do homem e por estado dos seus interiores.

500. Quando se mencionam a vontade e o pensamento, a vontade inclui a afeição e o amor, bem como todo o prazer e toda a satisfação que deles brotam, pois todos estes se relacionam com a vontade como com o seu suporte. Aquilo que uma pessoa quer, ama e sente como agradável ou aprazível; inversamente, aquilo que ama e sente como agradável ou aprazível, quer. Por pensamento entende-se então tudo aquilo por que a afeição ou o amor se confirma, pois o pensamento é simplesmente a forma da vontade, ou aquilo mediante o qual o que é querido pode aparecer à luz. Esta forma torna-se manifesta por diversas análises racionais, que têm a sua origem no mundo espiritual e pertencem propriamente ao espírito do homem.

501. Compreenda-se que o homem é inteiramente tal como são os seus interiores, e não tal como são os seus exteriores separados dos interiores. Isto acontece porque os interiores pertencem ao seu espírito, e a vida do espírito é a vida do homem, pois é dela que o corpo vive. Por isso, tal como são os interiores de uma pessoa, assim ela continua a ser por toda a eternidade. Mas, como os

exteriores pertencem ao corpo, são separados depois da morte; e aqueles que permanecem ligados ao espírito são adormecidos, servindo apenas de plano para os interiores, como se mostrou acima ao tratar da memória do homem que permanece depois da morte. Vê-se assim o que pertence ao próprio homem e o que não lhe pertence: no homem mau, nada do que pertence ao pensamento exterior a partir do qual fala, ou à vontade exterior a partir da qual age, é verdadeiramente seu, mas apenas aquilo que pertence ao seu pensamento e à sua vontade interiores.

502. Depois de atravessado o primeiro estado, que é o dos exteriores, tratado no capítulo anterior, o homem-espírito é introduzido no estado dos seus interiores, ou no estado da sua vontade interior e do pensamento desta. É o estado em que se encontrava no mundo quando, entregue a si mesmo, pensava livremente e sem restrições. Desliza para esse estado sem se aperceber, tal como no mundo quando afasta o pensamento mais próximo da fala, isto é, aquele a partir do qual fala, em direção ao pensamento interior, permanecendo neste. Por isso, neste estado dos seus interiores, o homem-espírito está em si mesmo e na sua própria vida; pois pensar livremente a partir da sua própria afeição é a própria vida do homem e é ele próprio.

503. Neste estado, o espírito pensa a partir da sua própria vontade, portanto, da sua própria afeição ou do seu próprio amor. O pensamento e a vontade constituem então um só, de tal maneira que quase lhe parece não pensar, mas apenas querer. O mesmo sucede, aproximadamente, quando fala, com esta diferença: fala

com uma espécie de receio de que os pensamentos da vontade se manifestem a descoberto, pois a vida social no mundo fez desse receio uma parte da sua vontade.

504. Todos os homens, sem exceção, são introduzidos neste estado depois da morte, porque é o estado próprio do seu espírito. O estado anterior é aquele em que o homem se encontrava, quanto ao espírito, quando estava em companhia de outros, e esse não é o seu estado próprio. Muitas coisas mostram que esse estado, o dos exteriores em que o homem entra primeiro depois da morte, conforme se mostrou no capítulo anterior, não é o seu estado próprio. Por exemplo, os espíritos não só pensam, mas também falam a partir da sua afeição, visto que a sua linguagem procede dela, como se disse e mostrou no capítulo sobre a linguagem dos anjos (nos 234–245). Era desta maneira que o homem pensava no mundo quando pensava dentro de si: nessas ocasiões, o seu pensamento não partia das palavras corporais, mas via [mentalmente] as coisas e, num minuto, via mais do que depois conseguiria dizer em meia hora.

Que o estado dos exteriores não é o estado próprio do homem ou do seu espírito é também evidente por, quando está em companhia de outros no mundo, falar segundo as leis da vida moral e civil. Nessas ocasiões, o pensamento interior governa o exterior, como uma pessoa governa outra, para o impedir de ultrapassar os limites do decoro e das boas maneiras. É ainda evidente por, quando pensa dentro de si, refletir sobre como deve falar e agir para agradar e obter amizade, benevolência e favor, e isto por vias

que lhe são alheias, isto é, de modo diferente daquele por que agiria segundo a sua própria vontade. Tudo isto mostra que o estado dos interiores em que o espírito é introduzido é o seu estado próprio, e já o era quando vivia no mundo como homem.

505. Quando o espírito está no estado dos seus interiores, torna-se claramente evidente o que o homem era em si mesmo quando estava no mundo, pois então age a partir do que lhe é próprio. Aquele que no mundo estava interiormente no bem age então racional e sabiamente, e até com maior sabedoria do que no mundo, porque está liberto da ligação ao corpo e, assim, das coisas terrenas que causavam obscuridade e se interpunham como uma nuvem. Mas aquele que estava no mal no mundo age então insensata e loucamente, e até com maior loucura do que no mundo, porque está livre e sem restrições. Enquanto vivia no mundo, tinha exteriormente aparência de sensatez, pois, por meio dos externos, fazia-se passar por uma pessoa racional; mas, quando é despojado dos externos, as suas loucuras revelam-se. Um homem mau que exteriormente assume a aparência de um homem bom pode comparar-se a um recipiente brilhante e polido por fora, tapado com uma tampa, dentro do qual se oculta toda a espécie de imundície, segundo as palavras do Senhor:

> **Sois como sepulcros caiados, que por fora parecem belos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda a impureza (Mateus 23:27).**

506. Todos os que viveram uma vida boa no mundo e agiram segundo a consciência, reconhecendo o Divino e amando as verdades Divinas, sobretudo os que as aplicaram à vida, sentem-se, quando entram no estado dos seus interiores, como alguém que desperta do sono para a plena vigília ou passa das trevas para a luz. Pensam então a partir da luz do céu e, portanto, de uma sabedoria interior; e agem a partir do bem e, portanto, de uma afeição interior. O céu flui para os seus pensamentos e as suas afeições com uma bem-aventurança e um prazer interiores que antes desconheciam, pois têm comunicação com os anjos do céu. Reconhecem então o Senhor e adoram-No a partir da sua própria vida, porque, estando no estado dos interiores, estão na vida que lhes é própria, como se disse acima (n.º 505); e, como a liberdade pertence à afeição interior, reconhecem e adoram então o Senhor em liberdade. Afastam-se assim da santidade externa e entram na santidade interna em que o próprio culto verdadeiramente consiste. Tal é o estado dos que viveram uma vida cristã segundo os mandamentos da Palavra.

(2) Mas o estado dos que viveram uma vida má no mundo, sem consciência, e que, por conseguinte, negaram o Divino, é diretamente oposto. Pois todo aquele que leva uma vida má nega interiormente o Divino, por muito que, no pensamento externo, suponha reconhecer o Senhor e não O negar; pois reconhecer o Divino e levar uma vida má são coisas opostas. Quando estas pessoas entram, na outra vida, no estado dos seus interiores, e se ouve a sua fala e se vê a sua ação, mostram-se insensatas. A partir das suas más cobiças,

irrompem em toda a espécie de abominações: desprezo pelos outros, escárnio e blasfémia, ódio e vingança. Tramam intrigas, alguns com uma astúcia e uma malícia que mal se creria possíveis em qualquer homem. Pois estão então em liberdade para agir em harmonia com os pensamentos da sua vontade, separados das condições exteriores que os continham e refreavam no mundo. Numa palavra, são privados da racionalidade, porque, quando estavam no mundo, a sua razão não tinha sede nos interiores, mas nos exteriores; e, no entanto, julgavam-se mais sábios do que os outros.

(3) Sendo este o seu caráter, durante o segundo estado são reconduzidos, por breves intervalos, ao estado dos exteriores e à recordação dos seus atos quando estavam no estado dos interiores. Alguns sentem então vergonha e confessam ter estado loucos; outros não sentem vergonha; outros ainda enfurecem-se por não lhes ser permitido permanecer no estado dos exteriores. Mas é-lhes mostrado o que seriam se continuassem nesse estado: procurariam alcançar secretamente os mesmos fins maus e, por aparências de bondade, honestidade e justiça, enganariam os simples de coração e de fé e destruir-se-iam inteiramente. Pois os seus exteriores acabariam por arder no mesmo fogo que os interiores, e toda a sua vida seria consumida.

507. Neste segundo estado, os espíritos tornam-se visivelmente aquilo que tinham sido em si mesmos no mundo, manifestando-se agora o que então faziam e diziam em segredo. Já não são contidos

por considerações exteriores; por isso, o que diziam e faziam secretamente dizem-no agora e procuram fazê-lo abertamente, sem o receio da perda da reputação que tinham no mundo. São também conduzidos a muitos estados dos seus males, para que os anjos e os espíritos bons vejam quem são. Assim se revelam as coisas ocultas e se descobrem os segredos, segundo as palavras do Senhor:

> **Nada há encoberto que não venha a ser revelado, nem oculto que não venha a ser conhecido. Tudo o que dissestes nas trevas será ouvido à luz, e o que dissestes ao ouvido nos aposentos interiores será proclamado dos telhados (Lucas 12:2, 3).**

E noutro lugar:

> **Digo-vos que de toda a palavra ociosa que os homens disserem prestarão contas no dia do juízo (Mateus 12:36).**

508. A natureza dos maus neste estado não pode descrever-se em poucas palavras, pois cada um é insensato segundo as suas próprias cobiças, que são diversas. Mencionarei apenas alguns casos particulares, pelos quais se poderão formar conclusões acerca dos restantes. Os que amaram a si mesmos acima de tudo, que nas suas ocupações e funções olharam à própria honra e realizaram usos e neles encontraram prazer não por causa do uso, mas da reputação, para serem por isso considerados mais dignos do que os outros, deixando-se fascinar pela sua reputação honrosa, são neste segundo estado mais obtusos do que os outros. Pois, na medida em

que alguém ama a si mesmo, afasta-se do céu e, na medida em que se afasta do céu, afasta-se da sabedoria.

(2) Mas aqueles que não só estiveram no amor de si, como também foram astutos e, por práticas ardilosas, se elevaram às honras, associam-se aos piores espíritos e aprendem artes mágicas, que são abusos da ordem Divina. Por meio delas atacam e molestam todos os que não os honram, armando ciladas, fomentando o ódio, ardendo de vingança e desejando descarregar a sua fúria sobre todos os que não se lhes submetem. Precipitam-se nestas enormidades na medida em que os seus companheiros diabólicos os favorecem; e, por fim, meditam em como subir ao céu para o destruir ou para aí serem adorados como deuses. A este ponto os leva a sua loucura.

(3) Os papistas deste caráter são mais insensatos do que os restantes, pois alimentam a ideia de que o céu e o inferno estão sujeitos ao seu poder e de que podem perdoar os pecados a seu bel-prazer, atribuindo a si mesmos tudo o que é Divino e chamando-se Cristo. Esta persuasão é neles tal que, onde quer que flua, perturba a mente e produz escuridão, até causar dor. Estas pessoas são quase iguais no primeiro e no segundo estado, mas no segundo estão sem racionalidade. Alguns pormenores acerca das suas loucuras e da sua sorte depois deste estado serão dados no tratado *O Juízo Final* e a *Destruição de Babilónia*.

(4) Os que atribuíram a criação à natureza e, por isso, no coração, ainda que não com os lábios, negaram o Divino e, assim, todas as coisas da igreja e do céu, associam-se aos seus semelhantes neste segundo estado. Chamam deus a quem os exceda em astúcia e adoram-no até com honras Divinas. Vi-os reunidos a adorar um mago, a discutir acerca da natureza e a comportar-se como insensatos, como se fossem animais sob forma humana; entre eles havia alguns que, no mundo, tinham ocupado posições de dignidade e outros que tinham sido considerados eruditos e sábios. O mesmo sucede com outros noutros estados.

(5) Por estes poucos exemplos pode inferir-se como são aqueles cujos interiores da mente estão fechados para o céu, como acontece com todos os que não receberam influxo do céu pelo reconhecimento do Divino e por uma vida de fé. Cada um pode julgar por si como agiria se, sendo assim, fosse deixado livre para agir sem receio da lei nem pela sua vida e sem restrições exteriores, como o receio de prejudicar a reputação ou de perder a honra, o lucro e os prazeres daí resultantes.

(6) Todavia, a loucura destes espíritos é contida pelo Senhor para que não ultrapasse os limites do uso, pois mesmo eles realizam algum uso. Neles, os espíritos bons veem o que é o mal e qual a sua natureza, e o que é o homem quando não é conduzido pelo Senhor. Outro dos seus usos é reunir os espíritos maus semelhantes a eles e separá-los dos bons. Outro ainda consiste em que lhes sejam retiradas as verdades

e os bens que os maus tinham professado e fingido exteriormente, sendo eles introduzidos nos males da sua vida e nas falsidades do seu mal e, assim, preparados para o inferno.

(7) Ninguém entra no inferno antes de estar no seu próprio mal e nas falsidades desse mal, pois aí não é permitido a ninguém ter uma mente dividida, isto é, pensar e dizer uma coisa e querer outra. Cada espírito mau tem aí de pensar o falso a partir do mal e falar a partir da falsidade do mal, em ambos os casos a partir da vontade, portanto, do seu próprio amor essencial e do prazer e da satisfação deste. Fá-lo da mesma maneira que pensava no mundo quando estava no seu espírito, isto é, como pensava em si mesmo a partir da afeição interior. A razão é que a vontade é o próprio homem, e não o pensamento, salvo na medida em que participa da vontade, sendo a vontade a própria natureza ou índole do homem. Por isso, ser o homem introduzido na sua vontade é ser introduzido na sua natureza ou índole e, igualmente, na sua vida. Pois, pela sua vida, o homem adquire uma natureza; e, depois da morte, continua a ser tal como é a natureza que adquiriu pela vida no mundo. Nos maus, essa natureza já não pode ser corrigida nem alterada pelo pensamento ou pela compreensão da verdade.

509. Quando os espíritos maus estão neste segundo estado, por se precipitarem em males de toda a espécie, são sujeitos a castigos frequentes e graves. No mundo dos espíritos há muitas espécies de

castigo e não se faz aceção de pessoas, tenha alguém sido no mundo rei ou servo. Cada mal traz consigo o seu castigo, constituindo ambos uma só coisa; por isso, quem está no mal está também no castigo do mal. No entanto, ninguém no outro mundo sofre castigo pelos males que cometeu neste mundo, mas apenas pelos males que então pratica. Contudo, dizer que os homens sofrem castigo pelos males praticados no mundo ou pelos que praticam na outra vida acaba por ser a mesma coisa, pois, depois da morte, cada um regressa à sua própria vida e, assim, a males semelhantes, continuando a pessoa a ser tal como foi na vida do corpo (nos 470–484).

São castigados porque, neste estado, o medo do castigo é o único meio de dominar os males. A exortação já de nada serve, tal como a instrução, o receio da lei ou da perda da reputação, visto que cada um age então a partir da sua natureza; e esta só pode ser contida e quebrada pelos castigos. Mas os espíritos bons, embora tenham cometido males no mundo, nunca são castigados, porque os seus males não regressam. Aprendi também que os males que cometeram eram de outra espécie ou natureza: não foram praticados deliberadamente contra a verdade, nem a partir de outra maldade de coração além da que receberam por herança dos pais; foram arrastados a eles por um prazer cego quando estavam nos externos separados dos internos.

510. Cada um vai para a sua própria sociedade, aquela em que o seu espírito estava no mundo; pois todo o homem, quanto ao seu espírito, está unido a alguma sociedade, infernal ou celeste: o

homem mau a uma sociedade infernal, e o bom a uma sociedade celeste. É a essa sociedade que é conduzido depois da morte (ver n.º 438). O espírito é levado gradualmente à sua sociedade e, por fim, entra nela. Quando um espírito mau está no estado dos seus interiores, é voltado pouco a pouco para a sua própria sociedade e, finalmente, antes de esse estado terminar, diretamente para ela. Quando o estado termina, ele próprio se lança no inferno onde estão os seus semelhantes.

Este ato de se precipitar apresenta-se à vista como o de alguém que cai de cabeça para baixo, com os pés para cima. A causa desta aparência é que o próprio espírito está numa ordem invertida, por ter amado as coisas infernais e rejeitado as celestes. Neste segundo estado, alguns espíritos maus entram nos infernos e voltam a sair, alternadamente; estes, porém, não parecem cair de cabeça, como os que foram inteiramente devastados. Além disso, quando estão no estado dos exteriores, é-lhes mostrada a própria sociedade em que estiveram, quanto ao espírito, no mundo, para que aprendam que, mesmo na vida do corpo, estavam no inferno; não no mesmo estado dos que estão no próprio inferno, mas no estado dos que estão no mundo dos espíritos. Acerca deste estado, em comparação com o dos habitantes do inferno, dir-se-á mais adiante.

511. Neste segundo estado efetua-se a separação dos espíritos maus dos bons. No primeiro estado estão juntos, pois, enquanto um espírito está nos seus exteriores, é como era no mundo: os maus com os bons e os bons com os maus. Mas sucede de outro modo quando é introduzido nos seus interiores e entregue à sua

própria natureza ou vontade. A separação dos espíritos maus dos bons faz-se por diversos meios; em geral, levando-os às sociedades com que, no primeiro estado, tinham comunicação por meio dos seus bons pensamentos e afeições, isto é, às sociedades que, pelas aparências exteriores, tinham levado a acreditar que não eram maus.

Habitualmente são conduzidos por um amplo circuito, e em toda a parte se torna manifesto aos espíritos bons quem eles realmente são. Ao vê-los, os espíritos bons afastam-se; ao mesmo tempo, os espíritos maus que são conduzidos desviam o rosto dos bons para o quadrante onde se encontra a sociedade infernal em que estão prestes a entrar. Não se mencionarão agora os outros métodos de separação, que são muitos.

CAPÍTULO 53

O Terceiro Estado do Homem Depois da Morte: A Instrução dos Que Entram no Céu

512. O terceiro estado do homem depois da morte, isto é, do seu espírito, é um estado de instrução. Este estado destina-se aos que entram no céu e se tornam anjos. Não se destina aos que entram no inferno, porque estes não podem ser ensinados; por isso, o seu segundo estado é também o terceiro e termina quando se voltam inteiramente para o seu próprio amor e, assim, para a sociedade infernal que está num amor semelhante. Quando isto acontece, querem e pensam a partir desse amor; e, como esse amor é infernal, só querem o mal e só pensam o falso. É nesse pensar e querer que encontram os seus prazeres, porque pertencem ao seu amor; por conseguinte, rejeitam todo o bem e toda a verdade que antes tinham adotado como meios ao serviço do seu amor.

(2) Os espíritos bons, pelo contrário, são conduzidos do segundo ao terceiro estado, que é o da sua preparação para o céu por meio da instrução. Pois só se pode ser preparado para o céu pelos conhecimentos do bem e da verdade, isto é, pela instrução, visto que só sendo ensinado se pode saber o que

são o bem e a verdade espirituais e o que são o mal e a falsidade, seus opostos. No mundo, pode aprender-se o que são o bem e a verdade civis e morais, chamados justiça e honestidade, porque há leis civis que ensinam o que é justo e há convívio com os outros, pelo qual o homem aprende a viver segundo as leis morais, todas relacionadas com a honestidade e a retidão. Mas o bem e a verdade espirituais aprendem-se do céu, e não do mundo. Podem aprender-se pela Palavra e pela doutrina da igreja extraída da Palavra; todavia, se o homem, quanto aos interiores pertencentes à mente, não estiver no céu, o bem e a verdade espirituais não podem fluir para a sua vida. O homem está no céu quando reconhece o Divino e age com justiça e honestidade porque deve fazê-lo, por assim ser ordenado na Palavra. Isto é viver com justiça e honestidade por causa do Divino, e não tendo por fins a si mesmo e o mundo.

(3) Mas ninguém pode agir assim antes de ser ensinado, por exemplo, que há um Deus, um céu e um inferno, uma vida depois da morte; que se deve amar a Deus acima de tudo e o próximo como a si mesmo; e que se deve acreditar no que a Palavra ensina porque a Palavra é Divina. Sem conhecer e reconhecer estas coisas, o homem não consegue pensar espiritualmente; e, se não pensa nelas, não as quer, pois não pode pensar no que não conhece nem querer o que não pensa. Assim, é quando o homem quer estas coisas que o céu flui para a sua vida, isto é, o Senhor através do céu; pois o Senhor flui para a vontade, através dela para o pensamento e, por ambos,

para a vida, e toda a vida do homem procede deles. Tudo isto torna claro que o bem e a verdade espirituais não se aprendem do mundo, mas do céu, e que só pela instrução se pode ser preparado para o céu.

(4) Além disso, na medida em que o Senhor flui para a vida de alguém, instrui-o; pois nessa medida inflama a vontade com o amor de conhecer as verdades e esclarece o pensamento para as conhecer. Na medida em que isto acontece, os interiores do homem abrem-se e neles se implanta o céu. Além disso, o Divino e o celeste fluem para as coisas honestas da vida moral e para as coisas justas da vida civil no homem e tornam-nas espirituais, porque ele as pratica então a partir do Divino, o que é praticá-las por causa do Divino. Pois as coisas honestas e justas da vida moral e civil que o homem pratica a partir dessa origem são os efeitos essenciais da vida espiritual; e o efeito recebe tudo da causa que o produz, visto que, tal como é a causa, assim é o efeito.

513. A instrução é dada pelos anjos de muitas sociedades, sobretudo dos quadrantes norte e sul, porque essas sociedades angélicas estão na inteligência e na sabedoria provenientes do conhecimento do bem e da verdade. Os lugares de instrução situam-se a norte e são diversos, ordenados e distinguidos segundo as espécies e variedades dos bens celestes, para que todos e cada um possam aí ser instruídos de acordo com a sua índole e capacidade de receção. Esses lugares estendem-se em redor por uma grande distância.

Os espíritos bons que hão de ser instruídos são conduzidos pelo Senhor a esses lugares quando completam o segundo estado no mundo dos espíritos. Nem todos, porém, pois alguns foram instruídos no mundo e aí preparados pelo Senhor para o céu, sendo elevados ao céu por outra via: uns imediatamente depois da morte; outros após uma breve permanência junto de espíritos bons, durante a qual lhes são retiradas as coisas mais grosseiras dos pensamentos e das afeições, adquiridas pelas honras e riquezas no mundo, sendo assim purificados. Alguns passam primeiro por devastações, que se efetuam em lugares sob as plantas dos pés, chamados terra inferior, onde alguns sofrem intensamente. São os que se confirmaram em falsidades, mas levaram vidas boas; pois as falsidades, quando confirmadas, aderem com muita força, e, enquanto não forem dissipadas, as verdades não podem ser vistas nem, portanto, aceites. Mas as devastações e o modo como se efetuam foram tratados nos Arcanos Celestes, de onde foram recolhidas as notas abaixo.[1]

514. Todos os que se encontram nos lugares de instrução habitam separados, pois cada um está ligado, quanto aos seus interiores, à sociedade do céu em que está prestes a entrar. Assim, tal como as sociedades do céu se dispõem segundo a forma celeste (ver acima, nos 200–212), também se dispõem os lugares onde se dá a instrução. Por esta razão, quando esses lugares são vistos do céu, vê-se algo semelhante a um céu em forma menor. Estendem-se, em comprimento, de leste a oeste e, em largura, de sul a norte; mas a largura parece menor do que o comprimento.

A disposição geral é a seguinte. À frente estão os que morreram na infância e foram criados no céu até ao início da juventude. Depois de passarem a infância junto daqueles que deles cuidam, são trazidos para aqui pelo Senhor e instruídos. Atrás destes ficam os lugares onde são ensinados os que morreram em idade adulta e, no mundo, tinham uma afeição pela verdade derivada do bem da vida. Mais atrás estão aqueles que, no mundo, pertenciam à religião maometana, viveram uma vida moral e reconheceram um único Divino e o Senhor como o próprio Profeta. Quando se afastam de Maomé, por ele não lhes poder prestar auxílio, aproximam-se do Senhor, adoram-No e reconhecem a Sua Divindade; são então instruídos na religião cristã.

Atrás destes, mais a norte, estão os lugares de instrução dos vários povos gentios que, no mundo, viveram uma vida boa conforme à sua religião e adquiriram assim uma espécie de consciência. Fizeram o que era justo e reto, não tanto por consideração pelas leis do seu governo como pelas leis da religião, que acreditavam dever observar santamente e nunca violar pelos seus atos. Depois de ensinados, todos são facilmente levados a reconhecer o Senhor, porque está impresso nos seus corações que Deus não é invisível, mas visível sob uma forma humana. Estes excedem em número todos os restantes, e os melhores são de África.

515. Mas nem todos são ensinados do mesmo modo, nem pelas mesmas sociedades do céu. Os que foram criados no céu desde a infância, não tendo absorvido falsidades provenientes das

falsidades da religião nem manchado a vida espiritual com as impurezas das honras e riquezas do mundo, recebem instrução dos anjos dos céus interiores. Os que morreram em idade adulta recebem-na sobretudo dos anjos do céu mais baixo, porque estes lhes são mais adequados do que os anjos dos céus interiores, que estão numa sabedoria interior que ainda não podem receber. Os maometanos recebem instrução de anjos que anteriormente pertenceram à mesma religião e se converteram ao cristianismo. Também os gentios são ensinados pelos seus próprios anjos.

516. Todo o ensino aí se faz a partir da doutrina extraída da Palavra, e não da Palavra separada da doutrina. Os cristãos são ensinados a partir da doutrina celeste, que concorda inteiramente com o sentido interno da Palavra. Todos os outros, como os maometanos e os gentios, são ensinados a partir de doutrinas adequadas à sua compreensão, que só diferem da doutrina celeste nisto: a vida espiritual é ensinada por meio da vida moral, em harmonia com os bons preceitos da religião de que tinham derivado a sua vida no mundo.

517. A instrução nos céus difere da instrução na terra por os conhecimentos não serem confiados à memória, mas à vida. Pois a memória dos espíritos está na sua vida: recebem e assimilam tudo o que está em harmonia com a sua vida, e não recebem, muito menos assimilam, o que não está em harmonia com ela. Os espíritos são afeições e, por isso, encontram-se numa forma humana semelhante às suas afeições.

(2) Sendo assim, são constantemente animados por uma afeição pela verdade que visa os usos da vida; pois o Senhor providencia para que cada um ame os usos adequados à sua índole, e esse amor é exaltado pela esperança de se tornar anjo. Como todos os usos do céu se relacionam com o uso geral, que é o bem do reino do Senhor, a pátria no céu, e como todos os usos especiais e particulares devem ser estimados na medida em que atendem mais de perto e mais plenamente a esse uso geral, todos esses usos especiais e particulares, que são inumeráveis, são bons e celestes. Por isso, em cada um, a afeição pela verdade une-se de tal modo à afeição pelo uso que ambas constituem uma só; e, por isso, a verdade fica de tal maneira implantada no uso que as verdades adquiridas são verdades de uso. É assim que os espíritos angélicos são ensinados e preparados para o céu.

(3) A afeição pela verdade adequada ao uso é introduzida por diversos meios, na sua maioria desconhecidos no mundo; sobretudo por representações dos usos, que, no mundo espiritual, se apresentam de mil maneiras e com tais prazeres e satisfações que penetram o espírito desde os interiores da mente até aos exteriores do corpo, afetando assim o seu ser inteiro. Por conseguinte, o espírito torna-se como que o seu próprio uso; e, ao chegar à sua sociedade, para a qual é iniciado pela instrução, está na sua vida por estar no seu uso.[2] De tudo isto se torna claro que não são os conhecimentos, que são verdades externas, que introduzem alguém no céu, mas a

própria vida, que é uma vida de usos implantada por meio dos conhecimentos.

518. Havia espíritos que, por terem refletido sobre isso no mundo, se tinham convencido de que iriam para o céu e seriam recebidos antes dos outros por causa da sua erudição e do seu vasto conhecimento da Palavra e das doutrinas das suas igrejas. Acreditavam que, por isso, eram sábios e correspondiam àqueles de quem se diz:

> **Resplandecerão como o brilho do firmamento e como as estrelas (Daniel 12:3).**

Mas foram examinados para se ver se os seus conhecimentos residiam na memória ou na vida. Os que tinham uma afeição genuína pela verdade, isto é, os que tinham por fim usos separados das coisas do corpo e do mundo, que são essencialmente usos espirituais, foram recebidos no céu depois de instruídos. Foi-lhes então dado saber o que resplandece no céu: a verdade Divina, que é a luz do céu, no uso, que é um plano que recebe os raios dessa luz e os transforma em variados esplendores.

Mas aqueles em quem os conhecimentos residiam apenas na memória, e que a partir deles tinham adquirido a capacidade de argumentar acerca das verdades e de provar aquilo que já tinham aceite como princípios, vendo depois de confirmados esses princípios como verdades, embora fossem falsidades, não estavam em luz celeste alguma. Ainda assim, pela presunção que costuma

acompanhar semelhante inteligência, acreditavam ser mais eruditos do que os outros e que, por isso, entrariam no céu e seriam servidos pelos anjos. Para que fossem libertos dessa fé ilusória, foram elevados ao primeiro céu, ou céu último, a fim de serem introduzidos numa sociedade angélica. Mas, logo no limiar, os seus olhos começaram a obscurecer-se pelo influxo da luz do céu, o entendimento perturbou-se e, por fim, começaram a arfar como se estivessem à beira da morte. Assim que sentiram o calor do céu, que é o amor celeste, começaram a ser atormentados interiormente. Foram, por isso, lançados para baixo e depois ensinados que não são os conhecimentos que fazem o anjo, mas a própria vida, adquirida por meio dos conhecimentos. Pois os conhecimentos, considerados em si mesmos, estão fora do céu; a vida adquirida por meio deles está dentro do céu.

519. Quando os espíritos foram preparados para o céu pela instrução nos lugares acima descritos, o que se efetua em pouco tempo por estarem em ideias espirituais que compreendem muitos pormenores em conjunto, são vestidos com trajes angélicos, na sua maioria de um branco luminoso, como se fossem de linho fino. São assim conduzidos ao caminho que sobe para o céu, entregues aí a anjos guardiões e depois recebidos por outros anjos, que os introduzem em sociedades e nas muitas bem-aventuranças que aí existem. Depois disto, cada um é conduzido pelo Senhor à sua própria sociedade, o que também se faz por diversos caminhos, por vezes por veredas sinuosas. Os caminhos por que são conduzidos não são conhecidos de nenhum anjo, mas apenas do Senhor. Quando chegam à sua sociedade, os seus interiores abrem-se; e,

como estes estão em conformidade com os interiores dos anjos dessa sociedade, são imediatamente reconhecidos e recebidos com alegria.

520. Acrescentarei um facto memorável acerca dos caminhos que conduzem desses lugares ao céu, pelos quais os anjos recém-chegados são introduzidos. Há oito caminhos, dois a partir de cada lugar de instrução: um sobe em direção a leste, o outro a oeste. Os que entram no reino celestial do Senhor são introduzidos pelo caminho oriental; os que entram no reino espiritual, pelo ocidental. Os quatro caminhos que conduzem ao reino celestial do Senhor aparecem adornados de oliveiras e árvores de fruto de várias espécies; os que conduzem ao reino espiritual do Senhor aparecem adornados de videiras e loureiros. Isto procede da correspondência, porque as videiras e os loureiros correspondem à afeição pela verdade e aos seus usos, enquanto as oliveiras e os frutos correspondem à afeição pelo bem e aos seus usos.

CAPÍTULO 54

Ninguém Entra no Céu
Por Uma Misericórdia Que Dispense os Meios

521. Os que não foram instruídos acerca do céu e do caminho que a ele conduz, nem acerca da vida do céu no homem, supõem que ser recebido no céu é uma simples questão de misericórdia, concedida aos que têm fé e por quem o Senhor intercede; supõem, portanto, que se trata de uma admissão por mero favor. Consequentemente, pensam que todos os homens, sem exceção, poderiam ser salvos se assim aprouvesse ao Senhor, e alguns chegam a acreditar que todos os que estão no inferno poderiam ser salvos desse modo. Mas os que assim pensam nada sabem acerca do homem: que ele é tal como é a sua vida, e que a sua vida é tal como é o seu amor, tanto no que respeita aos interiores pertencentes à vontade e ao entendimento como aos exteriores pertencentes ao corpo; e que a sua forma corporal é apenas a forma externa em que os interiores se manifestam em efeito. Por conseguinte, o amor de uma pessoa é o homem inteiro (ver acima, n.º 363). Também não sabem que o corpo não vive por si mesmo, mas pelo seu espírito, e que o espírito do homem é a sua afeição essencial, não sendo o seu corpo espiritual outra coisa senão a sua

afeição em forma humana, forma na qual aparece depois da morte (ver acima, nos 453–460). Enquanto o homem ignorar tudo isto, poderá ser levado a acreditar que a salvação depende apenas do beneplácito divino, a que se chama misericórdia e graça.

522. Mas consideremos primeiro o que é a misericórdia divina. A misericórdia divina é pura misericórdia para com todo o género humano, com vista a salvá-lo; é também incessante para com cada homem e nunca é retirada a ninguém. Assim, é salvo todo aquele que pode ser salvo. Contudo, ninguém pode ser salvo senão por meios divinos, meios que o Senhor revela na Palavra. Os meios divinos são aquilo a que se chama verdades divinas, as quais ensinam como deve o homem viver para ser salvo. Por estas verdades, o Senhor conduz o homem ao céu e implanta nele a vida do céu. É isto que o Senhor faz por todos. Mas a vida do céu não pode ser implantada em ninguém que não se abstenha do mal, porque o mal constitui um obstáculo. Por conseguinte, na medida em que o homem se abstém do mal, é conduzido pelo Senhor, por pura misericórdia e através dos Seus meios divinos, desde a infância até ao fim da vida no mundo e, depois, pela eternidade. É isto que se entende por misericórdia divina. Daqui se torna evidente que a misericórdia do Senhor é pura misericórdia, mas não uma misericórdia que dispense os meios; isto é, não visa salvar todos por mero beneplácito, seja qual for a vida que tenham levado.

523. O Senhor nunca faz coisa alguma contrária à ordem, porque Ele próprio é a Ordem. A verdade divina que procede do Senhor é o que constitui a ordem, e as verdades divinas são as leis da ordem.

É segundo estas leis que o Senhor conduz o homem. Consequentemente, salvar o homem por uma misericórdia que dispensasse os meios seria contrário à ordem divina, e o que é contrário à ordem divina é contrário ao Divino. A ordem divina é o céu no homem, e o homem perverteu-a em si mesmo por uma vida contrária às leis da ordem, que são as verdades divinas. É a esta ordem que o Senhor reconduz o homem, por pura misericórdia e mediante as leis da ordem; e, na medida em que é reconduzido a ela, o homem recebe o céu em si mesmo. Quem recebe o céu em si mesmo entra no céu. Isto mostra, uma vez mais, que a misericórdia divina do Senhor é pura misericórdia, e não uma misericórdia que dispense os meios.[1]

524. Se os homens pudessem ser salvos por uma misericórdia que dispensasse os meios, todos seriam salvos, mesmo os que estão no inferno; na verdade, não haveria inferno, porque o Senhor é a própria misericórdia, o próprio amor e a própria bondade. É, portanto, incompatível com o Seu Divino dizer que Ele pode salvar todos sem recorrer a meios e não os salva. Sabe-se pela Palavra que o Senhor quer a salvação de todos e a condenação de ninguém.

525. A maior parte dos que entram na outra vida vindos do mundo cristão trazem consigo a crença de que podem ser salvos por uma misericórdia que dispense os meios, e imploram essa misericórdia. Mas, quando são examinados, verifica-se que acreditam que entrar no céu consiste simplesmente em ser admitido, e que os admitidos se encontram na alegria celeste. Ignoram por completo o que é o céu e o que é a alegria celeste. Por

isso, é-lhes dito que o Senhor não nega o céu a ninguém e que podem ser admitidos e permanecer nele, se o desejarem. Os que assim o desejaram foram admitidos; mas, logo que chegaram ao primeiro limiar, foram tomados de tal angústia de coração, por uma corrente do calor celeste, que é o amor em que vivem os anjos, e por um influxo da luz celeste, que é a verdade divina, que sentiram em si um tormento infernal em vez da alegria celeste e, aterrados, precipitaram-se dali. Assim aprenderam, por experiência viva, que é impossível conceder o céu a alguém por uma misericórdia que dispense os meios.

526. Conversei por vezes com os anjos a este respeito e disse-lhes que a maior parte dos que, no mundo, vivem no mal, quando falam com outros acerca do céu e da vida eterna, não exprimem outra ideia senão a de que entrar no céu consiste simplesmente em ser admitido por misericórdia apenas. Acreditam nisto sobretudo os que fazem da fé o único meio de salvação. Com efeito, por força dos princípios da sua religião, não têm em conta a vida nem as obras do amor que constituem a vida, nem, portanto, qualquer dos outros meios pelos quais o Senhor implanta o céu no homem e o torna recetivo à alegria celeste. Rejeitando assim toda a mediação efetiva, concluem, como consequência necessária desse princípio, que o homem entra no céu por misericórdia apenas, misericórdia à qual se crê que Deus Pai é movido pela intercessão do Filho.

(2) A tudo isto, os anjos responderam que sabiam que semelhante doutrina decorre necessariamente da suposição de que o homem é salvo pela fé apenas; e que, sendo essa

doutrina o princípio dominante de todas as restantes, e não podendo nela, por não ser verdadeira, influir luz alguma do céu, dela procede a ignorância que hoje prevalece na Igreja acerca do Senhor, do céu, da vida depois da morte, da alegria celeste, da essência do amor e da caridade e, em geral, acerca do bem e da sua conjunção com a verdade; consequentemente, acerca da vida do homem, da sua origem e da sua natureza. Deveria, porém, saber-se que nunca é o pensamento que constitui a vida de alguém, mas a vontade e as obras que dela resultam; e que a vida só procede do pensamento na medida em que este deriva da vontade, assim como só procede da fé na medida em que esta deriva do amor. Os anjos entristecem-se por essas pessoas não saberem que a fé isolada é impossível em quem quer que seja, pois a fé separada da sua origem, que é o amor, não passa de conhecimento e, em alguns, de uma espécie de persuasão com aparência de fé (ver acima, n.º 482). Tal persuasão não está na vida do homem, mas fora dela, visto que está separada do homem se não estiver ligada ao seu amor.

(3) Os anjos disseram ainda que os que se apegam a este princípio acerca do meio essencial de salvação no homem têm necessariamente de acreditar numa misericórdia que dispense os meios. Com efeito, percebem, tanto pela luz natural como pela experiência dos sentidos, que a fé separada não constitui a vida do homem, pois os que levam uma vida má podem pensar e persuadir-se tal como os outros. Daí provém a crença de que tanto os maus como os bons podem ser salvos, desde

que, na hora da morte, falem com confiança acerca da intercessão e da misericórdia concedida por essa intercessão. Os anjos declararam que nunca tinham visto alguém que houvesse levado uma vida má ser recebido no céu por uma misericórdia que dispensasse os meios, fosse qual fosse a confiança ou segurança — que é o que principalmente se entende por fé — que tivesse manifestado nas suas palavras no mundo.

(4) Quando lhes perguntaram se Abraão, Isaac, Jacob, David e os apóstolos não tinham sido recebidos no céu por uma misericórdia que dispensasse os meios, os anjos responderam que nenhum deles fora recebido dessa maneira, mas cada um segundo a sua vida no mundo; que sabiam onde estavam e que ali não eram mais estimados do que os outros. Disseram que estas pessoas são mencionadas com honra na Palavra porque, no sentido interno, por elas se entende o Senhor: por Abraão, Isaac e Jacob, o Senhor quanto ao Divino e ao Humano Divino; por David, o Senhor quanto à realeza divina; e pelos apóstolos, o Senhor quanto às verdades divinas. Disseram também que, quando o homem lê a Palavra, os anjos não têm qualquer perceção desses homens, porque os seus nomes não entram no céu; em vez disso, têm uma perceção do Senhor tal como acaba de ser descrito. Por conseguinte, na Palavra que existe no céu (ver acima, n.º 259) não são mencionados esses nomes, pois essa Palavra é o sentido interno da Palavra que existe no mundo.[2]

527. Posso testemunhar, por muita experiência, que é impossível implantar a vida do céu nos que, no mundo, levaram uma vida oposta à vida do céu. Houve alguns que tinham acreditado que, depois da morte, quando ouvissem as verdades divinas expostas pelos anjos, prontamente as aceitariam e nelas acreditariam, passando, por conseguinte, a viver de outra maneira e podendo assim ser recebidos no céu. Isto foi posto à prova com muitíssimos, embora apenas com os que tinham essa crença, e foi-lhes permitido para lhes ensinar que o arrependimento não é possível depois da morte. Alguns daqueles com quem se fez a experiência compreenderam as verdades e pareceram aceitá-las; mas, logo que se voltaram para a vida do seu amor, rejeitaram-nas e chegaram a falar contra elas. Outros não quiseram ouvi-las e rejeitaram-nas imediatamente. Outros desejaram que lhes fosse retirada a vida de amor que tinham adquirido no mundo e que, em seu lugar, lhes fosse infundida a vida angélica, ou a vida do céu. Também foi permitido que isso se fizesse; mas, logo que lhes foi retirada a vida do seu amor, ficaram prostrados como mortos, sem forças.

Por estas e outras experiências, os bons que eram simples aprenderam que a vida de ninguém pode, por meio algum, ser mudada depois da morte; e que uma vida má não pode de modo algum ser convertida numa vida boa, nem uma vida infernal numa vida angélica. Com efeito, todo o espírito, da cabeça aos pés, é tal como é o seu amor e, portanto, tal como é a sua vida; converter a sua vida no contrário seria destruir inteiramente o espírito. Os anjos declaram que seria mais fácil transformar uma coruja numa pomba, ou um bufo numa ave-do-paraíso, do que transformar um espírito

infernal num anjo do céu. Que o homem permanece depois da morte tal como fora a sua vida no mundo pode ver-se acima, no capítulo correspondente (nos 470–484). De tudo isto resulta que ninguém pode ser recebido no céu por uma misericórdia que dispense os meios.

CAPÍTULO 55

Viver a Vida Que Conduz ao Céu Não É Tão Difícil Como Se Julga

528. Há quem julgue difícil viver a vida que conduz ao céu, a que se chama vida espiritual, por lhe terem dito que o homem deve renunciar ao mundo, despojar-se das cobiças chamadas cobiças do corpo e da carne, e viver espiritualmente. Entendem por isto que devem abandonar as coisas mundanas, que consistem sobretudo em riquezas e honras; que devem entregar-se continuamente à meditação piedosa sobre Deus, a salvação e a vida eterna, e passar a vida em orações e na leitura da Palavra e de livros piedosos. Tal é a sua ideia de renunciar ao mundo e viver no espírito, e não na carne. Mas foi-me dado saber, por muita experiência e pelas conversas com os anjos, que isto não é de modo algum verdade. Aprendi, com efeito, que os que renunciam ao mundo e vivem no espírito desta maneira adquirem uma vida triste, incapaz de receber a alegria celeste, visto que a vida de cada um permanece a mesma depois da morte. Pelo contrário, para receber a vida do céu, o homem tem de viver no mundo, ocupar-se dos seus negócios e atividades e, por meio de uma vida moral e civil, receber aí a vida espiritual. De nenhuma outra maneira pode a vida espiritual formar-

se no homem, nem o seu espírito preparar-se para o céu. Com efeito, viver uma vida interna sem viver ao mesmo tempo uma vida externa é como habitar uma casa sem alicerces, que gradualmente se afunda, abre fendas e se desagrega, ou oscila até cair.

529. Quando a vida do homem é observada e examinada pela compreensão racional, verifica-se que é tríplice: espiritual, moral e civil, sendo estas três vidas distintas entre si. Há homens que vivem uma vida civil, mas ainda não uma vida moral e espiritual; outros vivem uma vida moral, mas ainda não espiritual; e há os que vivem, ao mesmo tempo, uma vida civil, moral e espiritual. Estes vivem a vida do céu; os primeiros, porém, vivem a vida do mundo separada da vida do céu. Isto mostra, antes de mais, que a vida espiritual não é uma vida separada da vida natural, ou da vida do mundo, mas está unida a ela como a alma está unida ao seu corpo; e que, se estivesse separada, seria, como se disse, semelhante a viver numa casa sem alicerces. A vida moral e civil é, com efeito, o plano de ação da vida espiritual, pois querer o bem pertence à vida espiritual, e agir bem à vida moral e civil. Se esta se separar daquela, a vida espiritual consiste apenas em pensamento e palavras, e a vontade, privada de apoio, recua; no entanto, a vontade é a própria parte espiritual do homem.

530. Mostraremos agora que viver a vida que conduz ao céu não é tão difícil como alguns julgam. Quem não pode viver uma vida civil e moral? Todos são iniciados nessa vida desde a infância e aprendem o que ela é vivendo no mundo. Além disso, todos, maus ou bons, vivem essa vida: quem não deseja ser considerado

honesto e quem não deseja ser considerado justo? Quase todos praticam exteriormente a honestidade e a justiça, ao ponto de parecerem honestos e justos de coração, ou de parecerem agir por verdadeira honestidade e justiça. O homem espiritual deve viver de igual modo, e pode fazê-lo tão facilmente como o homem natural, com esta única diferença: o homem espiritual acredita no Divino e age honesta e justamente, não apenas porque agir assim está de acordo com as leis civis e morais, mas também porque está de acordo com as leis divinas. Como o homem espiritual pensa nas coisas divinas em tudo o que faz, tem comunicação com os anjos do céu; e, na medida em que isto acontece, está em conjunção com eles. Abre-se assim o seu homem interno, que, considerado em si mesmo, é o homem espiritual. Quando o homem chega a este estado, é acolhido e conduzido pelo Senhor, embora não tenha consciência disso; e então tudo o que faz de honesto e justo na vida moral e civil é feito por um motivo espiritual. Fazer o que é honesto e justo por um motivo espiritual é fazê-lo pela própria honestidade e justiça, ou fazê-lo de coração.

(2) A sua justiça e honestidade parecem exteriormente exatamente iguais à justiça e honestidade dos homens naturais e até dos homens maus e infernais; mas, na forma interior, são inteiramente diferentes. Os maus agem justa e honestamente apenas por consideração por si mesmos e pelo mundo; por isso, se não temessem as leis e as penas, nem a perda da reputação, das honras, do lucro e da vida, agiriam em tudo desonesta e injustamente. Não temem Deus nem qualquer lei divina e, portanto, não são refreados por qualquer

vínculo interno; consequentemente, aproveitariam todas as ocasiões para defraudar, saquear e espoliar os outros, e fariam isso com prazer. Que interiormente são assim pode ver-se claramente nos que têm esse caráter na outra vida, quando os exteriores de cada um são retirados e se abrem os seus interiores, nos quais acaba por viver eternamente (ver acima, nos 499–511). Como então agem sem restrições externas — que são, como se acaba de dizer, o medo da lei e da perda da reputação, das honras, do lucro e da vida —, agem insensatamente e riem-se da honestidade e da justiça.

(3) Mas os que agiram honesta e justamente por respeito pelas leis divinas, quando os seus exteriores são retirados e ficam entregues aos seus interiores, agem com sabedoria, porque estão em conjunção com os anjos do céu, dos quais lhes é comunicada a sabedoria. De tudo isto se pode agora ver, antes de mais, que, quando o homem interno, isto é, a vontade e o pensamento, está em conjunção com o Divino, a vida civil e moral do homem espiritual pode ser inteiramente semelhante à vida civil e moral do homem natural (ver acima, nos 358–360).

531. Além disso, as leis da vida espiritual, da vida civil e da vida moral estão expostas nos dez mandamentos do Decálogo: nos três primeiros, as leis da vida espiritual; nos quatro seguintes, as leis da vida civil; e nos três últimos, as leis da vida moral. Exteriormente, o homem meramente natural vive segundo os mesmos mandamentos e da mesma maneira que o homem espiritual: adora

igualmente o Divino, vai à igreja, ouve as pregações e assume um semblante devoto; abstém-se de cometer homicídio, adultério e roubo, de prestar falso testemunho e de defraudar os bens dos seus semelhantes. Mas faz tudo isto apenas por consideração por si mesmo e pelo mundo, para manter as aparências. Interiormente, essa pessoa é o exato contrário do que parece exteriormente, pois, no coração, nega o Divino, é hipócrita no culto e, quando está entregue a si mesma e aos seus pensamentos, ri-se das coisas santas da Igreja, julgando que apenas servem para refrear a multidão simples.

(2) Consequentemente, está inteiramente separada do céu e, não sendo um homem espiritual, também não é um homem moral nem civil. Embora se abstenha de cometer homicídio, odeia todos os que se lhe opõem e, por esse ódio, arde em desejos de vingança; cometeria, pois, homicídio se não fosse refreada pelas leis civis e pelos vínculos externos, que teme. E, como o deseja fazer, segue-se que está continuamente a cometer homicídio. Embora não cometa adultério, como o julga permitido, é permanentemente adúltera, pois comete adultério na medida em que tem capacidade para isso e sempre que dispõe de ocasião. Embora não roube, como cobiça os bens alheios e não considera a fraude nem os expedientes perversos contrários ao que é lícito, está continuamente, na intenção, a agir como um ladrão. O mesmo se passa com os mandamentos relativos à vida moral, que proíbem o falso testemunho e a cobiça dos bens alheios. Assim é todo o homem que nega o Divino e não tem uma consciência derivada da religião. Que

assim é torna-se claramente visível nos que têm esse caráter na outra vida, quando os seus exteriores são removidos e são introduzidos nos seus interiores. Estando então separados do céu, agem em unidade com o inferno e, por conseguinte, associam-se aos que nele estão.

(3) Não acontece o mesmo com os que reconheceram o Divino de coração, tiveram em consideração as leis divinas nas ações da sua vida e viveram tão plenamente de acordo com os três primeiros mandamentos do Decálogo como com os restantes. Quando os exteriores destes são removidos e eles são introduzidos nos seus interiores, tornam-se mais sábios do que eram no mundo. Entrar nos seus interiores é como passar das trevas à luz, da ignorância à sabedoria e de uma vida triste a uma vida feliz, porque estão no Divino e, portanto, no céu. Isto foi dito para dar a conhecer o que é uma espécie de homem e o que é a outra, embora ambas tenham vivido a mesma vida externa.

532. Todos podem saber que os pensamentos são conduzidos, ou tendem, segundo as intenções, isto é, nas direções que a pessoa pretende seguir. O pensamento é a visão interna do homem e assemelha-se à visão externa nisto: para qualquer ponto para onde seja dirigido ou orientado, para aí se volta e aí se detém. Por isso, quando a visão interna, ou o pensamento, se volta para o mundo e nele se detém, o pensamento torna-se mundano; quando se volta para o próprio e para a sua honra, torna-se corporal; mas, quando se volta para o céu, torna-se celeste. Do mesmo modo, quando se

volta para o céu, eleva-se; quando se volta para o próprio, é arrastado para baixo, afastando-se do céu, e mergulha no corporal; e, quando se volta para o mundo, também se afasta do céu para baixo e ocupa-se dos objetos que se apresentam à visão natural.

(2) É o amor do homem que constitui a sua intenção e dirige a sua visão interna, ou pensamento, para os seus objetos. Assim, o amor de si fixa-a no próprio e no que lhe pertence; o amor do mundo, nos objetos mundanos; e o amor do céu, nos objetos celestes. Conhecido o amor, pode conhecer-se o estado dos interiores que constituem a mente. Os interiores de quem ama o céu elevam-se para o céu e abrem-se para cima; os interiores de quem ama o mundo ou a si mesmo fecham-se para cima e abrem-se para fora. Daqui se conclui que, quando as regiões superiores da mente se fecham para cima, o homem deixa de poder ver os objetos pertencentes ao céu e à Igreja: esses objetos ficam para ele em densas trevas; e o que está em densas trevas é negado ou não é compreendido. É por isso que os que amam a si mesmos e ao mundo acima de tudo, tendo fechadas as regiões superiores da mente, negam de coração as verdades divinas; e, ainda que digam alguma coisa acerca delas recorrendo à memória, não as compreendem. Além disso, consideram-nas da mesma maneira que consideram as coisas mundanas e corporais. Sendo assim, só conseguem dirigir a mente para aquilo que entra pelos sentidos do corpo e só nisso encontram prazer. Entre essas coisas há muitas que são imundas, obscenas, profanas e perversas, e que não podem ser removidas, porque nessas mentes não é

possível qualquer influxo do céu, visto que, como se acaba de dizer, estão fechadas para cima.

(3) A intenção do homem, pela qual se determina a sua visão interna, ou pensamento, é a sua vontade: aquilo que o homem quer é o que intenta, e aquilo que intenta é o que pensa. Por isso, quando a sua intenção se dirige para o céu, também o seu pensamento se dirige para o céu e, com ele, toda a sua mente, que se encontra assim no céu. A partir do céu, contempla as coisas do mundo abaixo de si, como alguém que olha para baixo do telhado de uma casa. Por conseguinte, o homem cujos interiores da mente estão abertos pode ver os males e as falsidades que existem nele, pois estão abaixo da mente espiritual. Pelo contrário, o homem cujos interiores não estão abertos não consegue ver os seus males e falsidades, porque não está acima deles, mas dentro deles. De tudo isto se pode concluir de onde vem a sabedoria do homem e de onde vem a sua insensatez, bem como aquilo que ele será depois da morte, quando ficar entregue a querer, pensar, agir e falar segundo os seus interiores. Tudo isto foi também dito para esclarecer o que constitui o caráter interior do homem, por muito que exteriormente pareça semelhante aos outros.

533. Que viver a vida do céu não é tão difícil como alguns julgam pode agora ver-se pelo seguinte: quando ao homem se apresenta alguma coisa que ele sabe ser desonesta e injusta, mas para a qual a sua mente se inclina, basta-lhe pensar que não deve fazê-la, porque é contrária aos preceitos divinos. Se o homem se acostumar

a pensar assim e, por essa prática, estabelecer esse hábito de pensamento, entra gradualmente em conjunção com o céu. Na medida em que entra nessa conjunção, abrem-se as regiões superiores da sua mente; na medida em que elas se abrem, vê tudo o que é desonesto e injusto; e, na medida em que vê esses males, eles podem ser dissipados, pois nenhum mal pode ser dissipado antes de ser visto. O homem pode entrar neste estado graças à sua liberdade: quem não pode, pela sua liberdade, pensar assim? E, quando o homem dá o primeiro passo, o Senhor vivifica tudo o que nele é bom e faz com que não apenas reconheça os males como males, mas também se abstenha de os querer e, por fim, se afaste deles. É isto que se entende pelas palavras do Senhor:

> O Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve (Mateus 11:30).

Deve, porém, compreender-se que a dificuldade de pensar assim e de resistir aos males aumenta na medida em que o homem pratica os males por sua vontade. Nessa mesma medida, habitua-se a eles até deixar de os ver; por fim, ama-os e, pelo prazer desse amor, desculpa-os, confirma-os por toda a espécie de falácias e declara-os lícitos e bons. É este o destino dos que, desde a primeira juventude, se entregam aos males sem restrição e também rejeitam de coração as coisas divinas.

534. Uma vez, foram-me representados o caminho que conduz ao céu e o caminho que conduz ao inferno. Havia um caminho largo que seguia para a esquerda, ou para o norte, e viam-se muitos espíritos a percorrê-lo. Mas, ao longe, via-se uma grande pedra no

ponto em que o caminho largo terminava. A partir dessa pedra, o caminho bifurcava-se: um seguia para a esquerda e outro, em direção oposta, para a direita. O caminho da esquerda era estreito, ou apertado, e conduzia através do oeste para o sul, entrando assim na luz do céu; o da direita era largo e espaçoso, e descia obliquamente para o inferno. De início, todos pareciam seguir o mesmo caminho, até chegarem à grande pedra situada no princípio dos dois caminhos. Ao atingirem esse ponto, separavam-se: os bons viravam à esquerda e entravam no caminho apertado que conduzia ao céu; os maus, não vendo a pedra na bifurcação, caíam sobre ela e magoavam-se; depois de se levantarem, corriam pelo caminho largo da direita, que seguia para o inferno.

(2) Foi-me depois explicado o significado de tudo isto. O primeiro caminho, que era largo e no qual muitos, bons e maus, seguiam juntos e conversavam como amigos, porque não havia entre eles diferença visível, representava os que exteriormente vivem de modo igualmente honesto e justo e entre os quais parece não haver diferença. A pedra situada no princípio dos dois caminhos, ou na esquina, sobre a qual os maus caíam e da qual corriam para o caminho que conduzia ao inferno, representava a verdade divina, rejeitada pelos que olham para o inferno; e, no sentido supremo, essa pedra significava o Humano Divino do Senhor. Mas os que reconheciam a verdade divina e também o Divino do Senhor seguiam pelo caminho que conduzia ao céu. Por isto se mostrou, uma vez mais, que, nos exteriores, os maus levam o mesmo género de vida que os bons, ou seguem o mesmo

caminho, uns com tanta facilidade como os outros; e, todavia, os que reconhecem de coração o Divino, sobretudo os que, dentro da Igreja, reconhecem o Divino do Senhor, são conduzidos ao céu, enquanto os que não o reconhecem são conduzidos ao inferno.

(3) Os pensamentos do homem que procedem da sua intenção, ou vontade, são representados na outra vida por caminhos; e os caminhos apresentam-se ali visivelmente em exata conformidade com esses pensamentos da intenção. Cada um caminha segundo os pensamentos que procedem da sua intenção. É por isso que o caráter dos espíritos e os seus pensamentos se conhecem pelos seus caminhos. Isto esclarece também o que significam as palavras do Senhor:

> **Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e amplo o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; porque apertado é o caminho e estreita a porta que conduz à vida, e poucos são os que a encontram (Mateus 7:13, 14).**

O caminho que conduz à vida é apertado, não por ser difícil, mas porque poucos o encontram, como aqui se diz. A pedra vista na esquina, onde terminava o caminho largo e comum e de onde se viam partir dois caminhos em direções opostas, ilustrava o significado destas palavras do Senhor:

> **Não lestes o que está escrito? A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular. Todo aquele que cair sobre essa pedra ficará despedaçado (Lucas 20:17, 18).**

«Pedra» significa a verdade divina, e «a pedra de Israel», o Senhor quanto ao Seu Humano Divino; os «construtores» são os que pertencem à Igreja; a «pedra angular» está onde se encontram os dois caminhos; «cair» e «ficar despedaçado» significam negar e perecer.[1]

535. Foi-me permitido conversar na outra vida com alguns que se tinham afastado dos assuntos mundanos para viverem de maneira piedosa e santa, e também com alguns que se tinham mortificado de diversas formas, julgando que assim renunciavam ao mundo e dominavam as cobiças da carne. Mas, como a maior parte deles adquirira desse modo uma vida triste e se afastara da vida de caridade, que só pode ser vivida no meio do mundo, são incapazes de se associar aos anjos. A vida dos anjos é uma vida de alegria proveniente de um estado de bem-aventurança e consiste em praticar boas ações, que são obras de caridade. Além disso, os que viveram afastados das ocupações mundanas estão inflamados pela ideia do seu próprio mérito, desejam continuamente o céu por causa disso e pensam na alegria celeste como uma recompensa, ignorando inteiramente o que ela é. Quando são admitidos na companhia dos anjos e na sua alegria, que exclui o mérito e consiste em trabalhos ativos, serviços práticos e na bem-aventurança resultante do bem assim realizado, ficam espantados, como quem descobre algo inteiramente estranho à sua crença. E, como não são recetivos a essa alegria, afastam-se e aliam-se a espíritos da sua espécie, que levaram no mundo uma vida semelhante à sua.

(2) Mas os que viveram uma vida exteriormente santa, frequentando continuamente a igreja, orando e afligindo a alma, e ao mesmo tempo pensaram constantemente em si mesmos, em ser estimados e honrados por tudo isso acima dos outros e, por fim, em ser considerados santos depois da morte, não estão no céu na outra vida, porque fizeram tudo isso por si mesmos. E, como contaminaram as verdades divinas com o amor de si em que as mergulharam, alguns são tão insensatos que se julgam deuses; por conseguinte, estão no inferno entre os que lhes são semelhantes. Alguns são astutos e fraudulentos e estão nos infernos dos fraudulentos. São os que, mediante artes e expedientes astuciosos, mantiveram uma conduta piedosa que levou o povo simples a acreditar que possuíam uma santidade divina.

(3) Muitos dos santos católicos romanos têm este caráter. Foi-me permitido conversar com alguns deles, e a sua vida foi então claramente revelada, tal como fora no mundo e tal como era depois. Tudo isto foi dito para dar a conhecer que a vida que conduz ao céu não é uma vida retirada do mundo, mas uma vida no mundo; e que uma vida de piedade separada de uma vida de caridade, que só é possível no mundo, não conduz ao céu. É a vida de caridade que conduz ao céu; e a vida de caridade consiste em agir honesta e justamente em todas as ocupações, em todos os negócios e em todos os trabalhos, por um motivo interior, isto é, celeste. Este motivo está presente nessa vida sempre que o homem age honesta e justamente porque isso está de acordo com as leis divinas. Tal vida não é

difícil. Mas uma vida de piedade separada de uma vida de caridade é difícil; e, tanto quanto se acredita que essa vida conduz ao céu, tanto ela dele afasta.[2]

PARTE TRÊS

O Inferno

CAPÍTULO 56

O Senhor Governa os Infernos

536. Acima, ao tratar do céu, mostrou-se em toda a parte, especialmente nos nos 2–6, que o Deus do céu é o Senhor e, portanto, que todo o governo dos céus é o governo do Senhor. Ora, a relação do céu com o inferno e do inferno com o céu é semelhante à relação entre dois opostos que atuam reciprocamente um contra o outro e de cuja ação e reação resulta um equilíbrio, que dá permanência a todas as coisas abrangidas por essa ação e reação. Assim, para que todas e cada uma das coisas se mantenham em equilíbrio, é necessário que Aquele que governa um governe também o outro. Se o mesmo Senhor não refreasse as insurreições dos infernos e não contivesse as suas insensatezes, o equilíbrio pereceria e, com ele, todas as coisas.

537. Mas primeiro há que dizer alguma coisa acerca desse equilíbrio. Reconhece-se que, quando duas coisas atuam reciprocamente uma contra a outra, e uma reage e resiste tanto quanto a outra age e impele, havendo igual força de ambos os lados, nenhuma produz efeito; ambas podem então ser livremente submetidas à ação de uma terceira. Com efeito, quando a força das duas é neutralizada por uma oposição igual, a força de uma terceira

produz plenamente o seu efeito e age tão facilmente como se não houvesse oposição.

(2) Tal é o equilíbrio entre o céu e o inferno. Não é, porém, um equilíbrio como o que existe entre dois combatentes corporais de força igual: é um equilíbrio espiritual, isto é, um equilíbrio da falsidade contra a verdade e do mal contra o bem. Do inferno exala continuamente a falsidade proveniente do mal, e do céu, a verdade proveniente do bem. É este equilíbrio espiritual que permite ao homem pensar e querer em liberdade, pois tudo o que o homem pensa e quer se refere ou ao mal e à falsidade dele proveniente, ou ao bem e à verdade dele proveniente.

(3) Por conseguinte, quando se encontra nesse equilíbrio, é livre de admitir ou aceitar o mal e a sua falsidade, vindos do inferno, ou de admitir ou aceitar o bem e a sua verdade, vindos do céu. Todo o homem é mantido neste equilíbrio pelo Senhor, porque o Senhor governa tanto o céu como o inferno. Mas por que razão o homem é mantido nesta liberdade por semelhante equilíbrio, e por que razão o mal e a falsidade não lhe são retirados, nem o bem e a verdade implantados nele pelo poder divino, será explicado adiante, no capítulo correspondente.

538. Foi-me muitas vezes concedido perceber a esfera de falsidade proveniente do mal que emana do inferno. Era como um esforço perpétuo para destruir tudo o que é bom e verdadeiro,

acompanhado de ira e de uma espécie de furor por não o conseguir; sobretudo, um esforço para aniquilar e destruir o Divino do Senhor, porque todo o bem e toda a verdade procedem d'Ele. Do céu, porém, percebia-se uma esfera de verdade proveniente do bem, pela qual era refreado o furor do esforço que subia do inferno. Daqui resultava um equilíbrio. Percebia-se que esta esfera vinda do céu procedia unicamente do Senhor, embora parecesse proceder dos anjos do céu. Procede unicamente do Senhor, e não dos anjos, porque cada anjo do céu reconhece que nada do bem e da verdade procede de si mesmo, mas tudo procede do Senhor.

539. No mundo espiritual, a verdade proveniente do bem é a origem de todo o poder, e a falsidade proveniente do mal não tem poder algum. Isto acontece porque o próprio Divino no céu é o bem divino e a verdade divina, e todo o poder pertence ao Divino. A falsidade proveniente do mal é impotente porque a verdade proveniente do bem é a origem de todo o poder, e na falsidade proveniente do mal nada há da verdade proveniente do bem. Consequentemente, no céu há todo o poder, e no inferno nenhum; pois todos os que estão no céu estão nas verdades provenientes do bem, e todos os que estão no inferno estão nas falsidades provenientes do mal. Ninguém é admitido no céu antes de estar nas verdades provenientes do bem, nem ninguém é lançado no inferno antes de estar nas falsidades provenientes do mal. Que assim é pode ver-se nos capítulos que tratam do primeiro, do segundo e do terceiro estados do homem depois da morte (n^{os} 491–520); e que todo o poder pertence à verdade proveniente do bem pode ver-se no capítulo sobre o poder dos anjos do céu (n^{os} 228–233).

540. Tal é, pois, o equilíbrio entre o céu e o inferno. Os que estão no mundo dos espíritos encontram-se nesse equilíbrio, pois o mundo dos espíritos está a meio caminho entre o céu e o inferno. Pela mesma razão, todos os homens no mundo são mantidos num equilíbrio semelhante, visto que são governados pelo Senhor por meio dos espíritos do mundo dos espíritos, como será mostrado adiante, no capítulo correspondente. Tal equilíbrio não seria possível se o Senhor não governasse tanto o céu como o inferno e não regulasse ambos os lados. De outro modo, as falsidades provenientes do mal preponderariam e afetariam os bons que são simples, nas regiões mais exteriores do céu, os quais podem ser pervertidos mais facilmente do que os próprios anjos; assim pereceria o equilíbrio e, com ele, a liberdade nos homens.

541. O inferno, tal como o céu, está dividido em sociedades, e em tantas sociedades quantas existem no céu; pois cada sociedade do céu tem uma sociedade oposta no inferno, para que haja equilíbrio. Mas são os males e as falsidades deles provenientes que distinguem as sociedades no inferno, assim como são os bens e as verdades deles provenientes que distinguem as sociedades no céu. Que a cada bem se opõe um mal e a cada verdade uma falsidade pode saber-se pelo facto de nada poder existir sem relação com o seu oposto, e de a natureza e o grau de qualquer coisa poderem ser conhecidos pelo seu oposto, daí derivando toda a perceção e sensação. Por esta razão, o Senhor providencia continuamente para que cada sociedade do céu tenha o seu oposto numa sociedade do inferno e para que haja equilíbrio entre ambas.

542. Como o inferno está dividido no mesmo número de sociedades que o céu, há tantos infernos quantas são as sociedades do céu. Assim como cada sociedade do céu é um céu em forma menor (ver acima, nos 51–58), cada sociedade do inferno é um inferno em forma menor. Assim como, em geral, há três céus, também, em geral, há três infernos: um inferior, oposto ao céu íntimo, ou terceiro; um intermédio, oposto ao céu médio, ou segundo; e um superior, oposto ao céu exterior, ou primeiro.

543. Explicaremos brevemente como os infernos são governados pelo Senhor. Em geral, são governados por uma emanação geral, a partir dos céus, de bem divino e verdade divina, pela qual é contido e refreado o esforço geral que emana dos infernos; e também por uma emanação particular de cada céu e de cada sociedade do céu. Em particular, os infernos são governados por meio dos anjos, aos quais é concedido olhar para dentro deles e refrear ali as insensatezes e as perturbações. Por vezes, são enviados até eles anjos que, pela sua presença, moderam essas insensatezes e perturbações. Mas, em geral, todos os que estão nos infernos são governados por meio dos seus medos. Alguns são governados por medos adquiridos no mundo e que ainda lhes são inerentes; mas, como esses medos não são suficientes e gradualmente diminuem, são governados pelo medo dos castigos, e é sobretudo por estes que são dissuadidos de fazer o mal. Os castigos no inferno são múltiplos, mais leves ou mais severos segundo os males. Na maior parte dos casos, são colocados à frente dos outros os mais perversos, que se distinguem pela astúcia e pelos artifícios e conseguem manter os restantes em sujeição e servidão por meio

de castigos e do terror daí resultante; mas esses governantes não ousam ultrapassar os limites que lhes são prescritos. Deve compreender-se que o único meio de refrear a violência e o furor dos que estão nos infernos é o medo do castigo. Não há outro.

544. Até agora, acreditou-se no mundo que existe um diabo que preside aos infernos, que foi criado como anjo de luz, mas, tendo-se rebelado, foi lançado no inferno com os seus companheiros. Esta crença prevaleceu porque o Diabo, Satanás e também Lúcifer são mencionados pelo nome na Palavra, e essas passagens foram entendidas segundo o sentido da letra. Mas por «diabo» e «Satanás» entende-se aí o inferno: «diabo» significa o inferno que está atrás, onde habitam os piores, chamados génios maus; «Satanás», o inferno que está à frente, onde habitam os menos perversos, chamados espíritos maus; e «Lúcifer», os que pertencem a Babel, ou Babilónia, e querem estender o seu domínio até ao céu. Que não existe um diabo único ao qual os infernos estejam sujeitos é também evidente pelo facto de todos os que estão nos infernos, tal como todos os que estão nos céus, procederem do género humano (ver n^{os} 311–317); de os que ali chegaram desde o princípio da criação até hoje ascenderem a miríades de miríades; e de cada um deles ser um diabo segundo a sua oposição ao Divino enquanto viveu no mundo (ver acima, n^{os} 311, 312).

CAPÍTULO 57

O Senhor não Lança Ninguém no Inferno: É o Espírito Que Nele Se Precipita

545. Tem prevalecido entre alguns a opinião de que Deus desvia o Seu rosto do homem, o afasta de Si e o lança no inferno, irando-Se com ele por causa do seu mal; alguns acreditam também que Deus castiga o homem e lhe faz mal. Firmam-se nesta opinião pelo sentido da letra da Palavra, onde se dizem tais coisas, sem saberem que o sentido espiritual da Palavra, pelo qual o sentido da letra é esclarecido, é inteiramente diferente; e que, consequentemente, a doutrina genuína da Igreja, que procede do sentido espiritual da Palavra, ensina o contrário: Deus nunca desvia o Seu rosto do homem, nunca o afasta de Si, não lança ninguém no inferno e não Se ira com ninguém.[1] Além disso, toda a pessoa cuja mente está iluminada percebe que isto é verdade quando lê a Palavra, pela simples verdade de que Deus é o próprio bem, o próprio amor e a própria misericórdia; e de que o próprio bem não pode fazer mal a ninguém, nem o próprio amor e a própria misericórdia podem afastar de si o homem, porque isso é contrário à própria essência da misericórdia e do amor e, portanto, ao próprio Divino. Por isso, os que pensam com uma mente iluminada percebem claramente,

quando leem a Palavra, que Deus nunca Se afasta do homem; e, como nunca Se afasta dele, trata-o com bondade, amor e misericórdia, isto é, quer o seu bem, ama-o e tem misericórdia dele. Daqui veem que o sentido da letra da Palavra, no qual se dizem tais coisas, encerra em si um sentido espiritual, e que essas expressões, empregadas no sentido da letra em adaptação à compreensão do homem e segundo as suas primeiras ideias gerais, devem ser explicadas de acordo com o sentido espiritual.

546. Os que são iluminados veem ainda que o bem e o mal são dois opostos e, por isso, se opõem como o céu e o inferno; que todo o bem procede do céu e todo o mal do inferno; e que, sendo o Divino do Senhor o que constitui o céu (nos 7–12), do Senhor só influi no homem o bem, e do inferno só o mal. Assim, o Senhor retira continuamente o homem do mal e conduz o homem ao bem, enquanto o inferno o conduz continuamente ao mal. Se o homem não estivesse entre estes dois, não poderia ter pensamento nem vontade, muito menos liberdade ou escolha; pois possui tudo isto em virtude do equilíbrio entre o bem e o mal. Consequentemente, se o Senhor Se afastasse, deixando o homem entregue apenas ao mal, este deixaria de ser homem. Tudo isto mostra que o Senhor influi com o bem em todos os homens, tanto no mau como no bom; mas com esta diferença: retira continuamente o mau do mal e conduz continuamente o bom ao bem. Esta diferença reside no próprio homem, porque é ele o recetáculo.

547. Daqui resulta que é a partir do inferno que o homem faz o mal e a partir do Senhor que faz o bem. Mas o homem acredita que

tudo o que faz o faz por si mesmo e, em consequência, o mal que pratica adere a ele como seu. Por esta razão, o homem é a causa do seu próprio mal, e de modo algum o Senhor. O mal no homem é o inferno nele, pois é a mesma coisa dizer mal ou inferno. E, sendo o homem a causa do seu próprio mal, é conduzido ao inferno, não pelo Senhor, mas por si mesmo. O Senhor está tão longe de conduzir o homem ao inferno que é Ele quem o liberta do inferno, e fá-lo na medida em que o homem não quer nem ama permanecer no seu próprio mal. Toda a vontade e todo o amor do homem permanecem com ele depois da morte (nos 470–484). Quem quer e ama o mal no mundo quer e ama o mesmo mal na outra vida, mas já não se deixa afastar dele. Por isso, se o homem está no mal, está ligado ao inferno e, quanto ao seu espírito, já lá se encontra; depois da morte, nada deseja tanto como estar onde está o seu mal. Consequentemente, é o homem que se lança no inferno depois da morte, e não o Senhor.

548. Explicaremos também como isto acontece. Quando o homem entra na outra vida, é recebido primeiro por anjos, que lhe prestam todos os bons ofícios, conversam com ele acerca do Senhor, do céu e da vida angélica, e o instruem nas coisas verdadeiras e boas. Mas, se o homem, agora espírito, conhecia essas coisas no mundo e, no coração, as negava ou desprezava, depois de alguma conversa deseja e procura afastar-se desses anjos. Logo que os anjos o percebem, deixam-no. Depois de algum convívio com outros, acaba por se unir aos que estão num mal semelhante ao seu (ver acima, nos 445–452). Quando isto acontece, afasta-se do Senhor e volta o rosto para o inferno ao qual tinha

estado ligado no mundo, onde habitam os que se encontram num semelhante amor do mal. Tudo isto torna claro que o Senhor atrai a Si todos os espíritos por meio dos anjos e do influxo do céu; mas os espíritos que estão no mal resistem inteiramente e, por assim dizer, arrancam-se ao Senhor, sendo atraídos pelo seu próprio mal, portanto pelo inferno, como por uma corda. Como são assim atraídos e, devido ao seu amor do mal, desejam ardentemente seguir nessa direção, é evidente que eles próprios se lançam no inferno por sua livre escolha.

Os homens no mundo, pela ideia que têm do inferno, não conseguem acreditar que assim seja. Na verdade, na outra vida, não é assim que isto aparece aos olhos dos que estão fora do inferno, mas apenas aos dos que nele se lançam, pois estes entram de livre vontade. Os que entram movidos por um amor ardente do mal parecem ser precipitados de cabeça para baixo e pés para cima. É por causa desta aparência que parecem ser lançados no inferno pelo poder divino. Mas disto se falará mais adiante (n.º 574). De tudo isto se pode ver que o Senhor não lança ninguém no inferno: cada um lança-se nele, tanto enquanto vive no mundo como depois da morte, quando entra entre os espíritos.

549. O Senhor, pela Sua essência divina, que é bondade, amor e misericórdia, não pode tratar todos os homens da mesma maneira, porque os males e as suas falsidades o impedem e não só extinguem o Seu influxo divino como o rejeitam. Os males e as suas falsidades são como nuvens negras que se interpõem entre o Sol e o olho, retirando a luz solar e a serenidade da sua claridade; embora

o Sol continue incessantemente a esforçar-se por dissipar as nuvens que se lhe opõem, pois atua por detrás delas, e, entretanto, transmita ao olho do homem alguma luz obscurecida, por diversos caminhos indiretos. O mesmo acontece no mundo espiritual. Ali, o Sol é o Senhor e o amor divino (nos 116–140), e a luz é a verdade divina (nos 126–140); as nuvens negras são as falsidades provenientes do mal, e o olho é o entendimento. Na medida em que alguém nesse mundo está nas falsidades provenientes do mal, é envolvido por uma nuvem dessa natureza, negra e densa segundo o grau do seu mal. Por esta comparação pode ver-se que o Senhor está incessantemente presente junto de todos, mas é recebido de maneiras diversas.

550. Os espíritos maus são severamente castigados no mundo dos espíritos para que, por meio dos castigos, sejam dissuadidos de fazer o mal. Também isto parece proceder do Senhor; e, no entanto, nenhum castigo procede ali do Senhor, mas do próprio mal, pois o mal está de tal modo ligado ao seu castigo que os dois não podem ser separados. A turba infernal nada deseja nem ama tanto como fazer o mal, sobretudo infligir castigos e tormentos aos outros; maltrata e castiga todos os que não estão protegidos pelo Senhor. Por isso, quando alguém pratica o mal de coração mau, rejeitando assim toda a proteção do Senhor, os espíritos infernais precipitam-se sobre ele e castigam-no. Isto pode ser parcialmente ilustrado pelos males e respetivos castigos no mundo, onde também estão ligados. As leis do mundo prescrevem uma pena para cada mal; por conseguinte, quem se precipita no mal precipita-se também na pena desse mal. A única diferença é que, no mundo, o

mal pode ser ocultado, mas na outra vida não. Tudo isto torna claro que o Senhor não faz mal a ninguém e que acontece o mesmo que no mundo, onde não é o rei, nem o juiz, nem a lei que causa o castigo do culpado, porque nenhum deles é a causa do mal no malfeitor.

CAPÍTULO 58

Todos os Que Estão nos Infernos Estão nos Males e nas Falsidades deles Provenientes, Derivados do Amor de Si e do Amor do Mundo

551. Todos os que estão nos infernos estão nos males e nas falsidades deles provenientes, e ninguém ali está nos males e, ao mesmo tempo, nas verdades. No mundo, os homens maus possuem geralmente algum conhecimento das verdades espirituais, que são as verdades da Igreja, por lhes terem sido ensinadas desde a infância e, mais tarde, pela pregação e pela leitura da Palavra; depois, falaram também acerca delas. Alguns chegaram a levar outros a acreditar que eram cristãos de coração, por saberem falar em conformidade com a verdade, com uma afeição fingida, e por saberem agir retamente, como se o fizessem a partir da fé espiritual. Mas aqueles desta classe cujos pensamentos interiores foram hostis a essas verdades, e que só se abstiveram de praticar os males conformes aos seus pensamentos por causa das leis civis ou em atenção à reputação, às honras e ao lucro, são todos maus de coração. Estão nas verdades e nos bens, não quanto ao espírito, mas apenas quanto ao corpo. Consequentemente, quando na outra vida os seus exteriores lhes são retirados e os seus interiores,

pertencentes ao espírito, são revelados, estão inteiramente nos males e nas falsidades, e de modo algum nas verdades e nos bens. Torna-se assim claro que as verdades e os bens residiam apenas na sua memória, como simples conhecimentos, e que daí os retiravam ao falar, revestindo-se de uma aparência de bem, como se procedesse do amor e da fé espirituais. Quando são introduzidos nos seus interiores e, portanto, nos seus males, já não conseguem dizer o que é verdadeiro, mas apenas o que é falso, porque falam a partir dos males. Falar a verdade a partir dos males é então impossível, pois o espírito nada mais é do que o seu próprio mal, e do mal procede o falso. Todo o espírito mau é reduzido a este estado antes de ser lançado no inferno (ver acima, n^{os} 499–512). A isto se chama ser devastado quanto às verdades e aos bens.[1] A devastação consiste simplesmente em ser introduzido nos seus interiores, isto é, naquilo que é próprio do espírito, ou no próprio espírito (ver acima, n.º 425).

552. Quando o homem chega a este estado depois da morte, já não é um homem-espírito, como era no seu primeiro estado, de que se tratou acima (n^{os} 491–498), mas é verdadeiramente um espírito. Com efeito, é verdadeiramente espírito aquele cujo rosto e corpo correspondem aos interiores pertencentes à sua mente, isto é, cuja forma externa é uma imagem ou efígie dos seus interiores. O espírito torna-se assim depois de ter passado pelo primeiro e pelo segundo estados acima descritos. Por conseguinte, ao olhar-se para ele, conhece-se imediatamente o seu caráter, não só pelo rosto e pelo corpo, mas também pela fala e pelos movimentos; e, estando

então em si mesmo, não pode estar senão onde se encontram os seus semelhantes.

(2) No mundo espiritual, há uma comunicação completa das afeições e dos pensamentos que lhes pertencem; por isso, o espírito é conduzido aos seus semelhantes como por si mesmo, visto que isso se faz a partir da sua afeição e do prazer dela resultante. Na verdade, volta-se ele próprio nessa direção, pois assim inspira a sua própria vida, ou respira livremente, o que não pode fazer quando se volta para outro lado. Deve compreender-se que esta comunicação com os outros no mundo espiritual se realiza segundo a orientação do rosto, e que cada um tem constantemente diante do rosto os que estão num amor semelhante ao seu, seja qual for a direção para que vire o corpo (ver acima, n.º 151).

(3) Por isso, todos os espíritos infernais se afastam do Senhor e se voltam para o corpo densamente escuro e para o corpo escuro que ali ocupam o lugar do Sol e da Lua deste mundo, enquanto todos os anjos do céu se voltam para o Senhor como Sol do céu e como Lua do céu (ver acima, n^{os} 123, 143, 144, 151). De tudo isto resulta que todos os que estão nos infernos estão nos males e nas falsidades deles provenientes, e que estão voltados para os seus próprios amores.

553. Todos os espíritos dos infernos, quando vistos em alguma luz do céu, aparecem na forma do seu mal. Cada um ali é uma

imagem do seu mal, visto que os seus interiores e os seus exteriores agem como um só: os interiores tornam-se visíveis nos exteriores, que são o rosto, o corpo, a fala e os movimentos. Assim, o caráter do espírito é conhecido logo que ele é visto. Em geral, os espíritos maus são formas de desprezo pelos outros e de ameaça contra os que não lhes prestam respeito; são formas de ódios de várias espécies e de vinganças de várias espécies. A ferocidade e a crueldade dos seus interiores transparecem nessas formas. Mas, quando os outros os louvam, veneram e adoram, os seus rostos contêm-se e assumem uma expressão de alegria proveniente do prazer.

(2) É impossível descrever em poucas palavras como aparecem todas estas formas, pois nenhuma é igual a outra, embora haja uma semelhança geral entre os que estão no mesmo mal e, portanto, na mesma sociedade infernal. Dessa semelhança, como de um plano de derivação, resulta uma certa parecença entre todos os seus rostos. Em geral, os rostos são horrendos e sem vida, como os dos cadáveres; alguns são negros, outros ígneos como tochas, outros desfigurados por borbulhas, verrugas e úlceras; alguns parecem não ter rosto, mas, em seu lugar, algo de peludo ou ossudo; em alguns, só se veem os dentes. Os corpos são também monstruosos, e a fala é como a fala da ira, do ódio ou da vingança, pois aquilo que cada um diz procede da sua falsidade, enquanto o tom procede do seu mal. Numa palavra, todos são imagens do seu próprio inferno.

(3) Não me foi permitido ver a forma do próprio inferno no seu conjunto. Apenas me foi dito que, assim como o céu inteiro, considerado como um todo, reflete um único homem (nos 59–67), também o inferno inteiro, considerado como um todo, reflete um único diabo e poderia ser representado na imagem de um único diabo (ver acima, n.º 544). Mas foi-me muitas vezes permitido ver as formas de infernos particulares, ou sociedades infernais. Às suas entradas, chamadas portas do inferno, aparece habitualmente um monstro que representa, de maneira geral, a forma dos que estão dentro. As paixões ferozes dos que ali habitam são ao mesmo tempo representadas de maneiras horríveis e hediondas, que me abstenho de descrever.

(4) Deve, porém, compreender-se que é assim que os espíritos infernais aparecem à luz do céu; entre si, aparecem como homens. Isto procede da misericórdia do Senhor, para que não pareçam uns aos outros tão repugnantes como aparecem perante os anjos. Mas esta aparência é uma ilusão: logo que é admitido algum raio de luz do céu, as suas formas humanas parecem transformar-se em formas monstruosas, tais como são em si mesmas, conforme acima se descreveu. Com efeito, à luz do céu tudo aparece tal como é em si mesmo. Por esta razão, fogem da luz do céu e precipitam-se na sua própria luz, semelhante à de carvões acesos e, em certos casos, à do enxofre a arder. Mas também esta luz se transforma em densas trevas quando nela influi alguma luz do céu. É por isso que se diz que os infernos estão em densas trevas e em

escuridão, e que «densas trevas» e «escuridão» significam as falsidades derivadas do mal, tais como existem no inferno.

554. Ao observar estas formas monstruosas dos espíritos nos infernos — que, como disse, são todas formas de desprezo pelos outros e de ameaça contra os que não lhes prestam honra e respeito, bem como formas de ódio e vingança contra os que não os favorecem —, tornou-se evidente que eram, em geral, formas do amor de si e do amor do mundo, e que os males de que elas são as formas específicas têm origem nesses dois amores. Além disso, foi-me dito a partir do céu, e confirmado por muita experiência, que esses dois amores, o amor de si e o amor do mundo, reinam nos infernos e constituem os infernos, assim como o amor ao Senhor e o amor para com o próximo reinam nos céus e constituem os céus; e que os dois amores do inferno e os dois amores do céu são diametralmente opostos entre si.

555. De início, admirava-me que o amor de si e o amor do mundo pudessem ser tão diabólicos e que os que neles se encontram pudessem ter uma aparência tão monstruosa. No mundo, pouco se pensa no amor de si; pensa-se apenas naquele estado de exaltação da mente em questões externas a que se chama altivez, e só este, por ser tão visível, é considerado amor de si. Além disso, quando não se manifesta dessa maneira, o amor de si é considerado no mundo o próprio fogo da vida, que estimula o homem a procurar ocupação e a realizar usos; e julga-se que, se não encontrasse neles honra ou glória, a sua mente ficaria entorpecida. Pergunta-se: quem fez alguma vez uma ação digna, útil e distinta sem procurar

o louvor e a honra dos outros, ou ser por eles estimado e respeitado? E poderá isto proceder de outra origem que não seja o fogo do amor pela glória e pela honra e, consequentemente, por si mesmo? Por esta razão, ignora-se no mundo que o amor de si, considerado em si mesmo, é o amor que reina no inferno e constitui o inferno no homem. Assim sendo, descreverei primeiro o que é o amor de si e mostrarei depois que todos os males e as suas falsidades brotam desse amor como da sua fonte.

556. O amor de si consiste em querer o bem apenas para si mesmo e para os outros só por causa de si, mesmo quando se trata da Igreja, da pátria ou de qualquer sociedade humana. Consiste também em fazer o bem a todos estes unicamente por causa da própria reputação, honra e glória. Se não vir estas coisas nos usos que realiza em benefício dos outros, o homem diz no coração: que me importa isso? Por que hei de fazê-lo? Que ganharei com isso? E, por conseguinte, não o faz. É, pois, evidente que quem está no amor de si não ama a Igreja, a pátria, a sociedade ou qualquer uso, mas apenas a si mesmo. O seu prazer é unicamente o prazer do amor de si; e, como o prazer que procede do amor é o que constitui a vida do homem, a sua vida é uma vida de si mesmo. Uma vida de si mesmo é uma vida procedente do próprio do homem, e o próprio do homem, considerado em si mesmo, nada mais é do que mal. Quem ama a si mesmo ama também os que lhe pertencem: em particular, os seus filhos e netos e, em geral, todos os que formam um só com ele, aos quais chama seus. Amá-los é amar a si mesmo, pois considera-os como estando em si, e a si mesmo como estando

neles. Entre aqueles a quem chama seus contam-se também todos os que o louvam, honram e adulam.

557. Pode ver-se o que é o amor de si comparando-o com o amor celeste. O amor celeste consiste em amar os usos pelos usos, ou os bens pelos bens, que o homem realiza em benefício da Igreja, da pátria, da sociedade humana e do concidadão. Isto é amar Deus e amar o próximo, pois todos os usos e todos os bens procedem de Deus e são o próximo que deve ser amado. Mas quem os ama por causa de si mesmo ama-os apenas como servos, porque lhe são úteis. Consequentemente, quem está no amor de si quer que a Igreja, a pátria, as sociedades humanas e os seus concidadãos o sirvam, e não servi-los a eles, pois coloca-se acima deles e coloca-os abaixo de si. Por isso, na medida em que alguém está no amor de si, separa-se do céu, porque se separa do amor celeste.

558. [a.] Além disso, na medida em que alguém está no amor celeste, que consiste em amar os usos e os bens e em sentir prazer de coração ao realizá-los em benefício da Igreja, da pátria, da sociedade humana e dos seus concidadãos, é conduzido pelo Senhor, porque esse amor é o amor em que o Senhor está e que procede d'Ele. Mas, na medida em que alguém está no amor de si, que consiste em realizar usos e bens por causa de si mesmo, é conduzido por si; e, na medida em que é conduzido por si, não é conduzido pelo Senhor. Daqui se segue também que, quanto mais alguém ama a si mesmo, mais se separa do Divino e, portanto, do céu. Ser conduzido por si mesmo é ser conduzido pelo próprio; e o próprio do homem nada mais é do que mal, pois o mal hereditário

do homem consiste em amar a si mesmo mais do que a Deus, e ao mundo mais do que ao céu.[2] Sempre que o homem olha para si no bem que faz, é introduzido no seu próprio, isto é, nos seus males hereditários: olha então do bem para si e de si para o bem, apresentando assim no seu bem uma imagem de si mesmo, e não uma imagem do Divino. Que assim é foi-me também confirmado pela experiência. Há espíritos maus cujas moradas ficam no quadrante intermédio entre o norte e o oeste, abaixo dos céus, hábeis na arte de introduzir os espíritos bem-dispostos no seu próprio e, desse modo, em males de várias espécies. Fazem-no levando-os a pensar em si mesmos, abertamente, por louvores e honras, ou secretamente, dirigindo as suas afeições para si próprios. Na medida em que o conseguem, desviam do céu os rostos desses espíritos bem-dispostos e, na mesma medida, obscurecem o seu entendimento e fazem surgir os males do seu próprio.

558. [b.] Que o amor de si é o oposto do amor para com o próximo pode ver-se pela origem e pela essência de ambos. O amor do próximo em quem está no amor de si começa em si mesmo, pois afirma que cada um é o seu próprio próximo; e, a partir de si como centro, estende-se a todos os que formam um só com ele, diminuindo segundo o grau da conjunção deles consigo pelo amor. Todos os que ficam fora desse círculo são considerados sem valor; e os que se opõem aos que estão dentro do círculo e aos seus males são considerados inimigos, seja qual for o seu caráter, por mais sábios, íntegros, honestos ou justos que sejam. Mas o amor espiritual para com o próximo começa no Senhor e, a partir d'Ele

como centro, estende-se a todos os que estão em conjunção com Ele pelo amor e pela fé, segundo a qualidade do seu amor e da sua fé.[3] É, pois, evidente que o amor do próximo que começa no homem é o oposto do amor para com o próximo que começa no Senhor; e que o primeiro procede do mal, porque procede do próprio do homem, enquanto o segundo procede do bem, porque procede do Senhor, que é o próprio bem. É também evidente que o amor do próximo que procede do homem e do seu próprio é corporal, enquanto o amor para com o próximo que procede do Senhor é celeste. Numa palavra, no homem em quem prevalece o amor de si, esse amor constitui a cabeça e o amor celeste constitui os pés. É sobre este último que ele se apoia; e, se não o servir, calca-o aos pés. É esta a causa da aparência de que os que são lançados no inferno caem com a cabeça para baixo, voltada para o inferno, e com os pés para cima, voltados para o céu (ver acima, n.º 548).

559. Além disso, o amor de si é tal que, na medida em que se lhe soltam as rédeas, isto é, se removem os vínculos externos — o medo da lei e das suas penas e da perda da reputação, da honra, do lucro, do emprego e da vida —, avança impetuosamente até desejar dominar não apenas o mundo inteiro, mas também o céu inteiro e o próprio Divino, sem conhecer limite nem termo. Esta tendência esconde-se em todos os que estão no amor de si, embora não se manifeste no mundo, onde é contida pelos vínculos mencionados. Todos podem ver exemplos disso nos potentados e reis que não estão sujeitos a tais restrições e vínculos, mas avançam e subjugam províncias e reinos enquanto são bem-sucedidos, aspirando ao poder e à glória sem limites; e, de forma

ainda mais marcante, na Babilónia de hoje, que estendeu o seu domínio ao céu, transferiu para si todo o poder divino do Senhor e cobiça continuamente mais. Que tais homens, quando entram depois da morte na outra vida, são diretamente opostos ao Divino e ao céu e estão do lado do inferno pode ver-se no pequeno tratado *O Juízo Final e a Destruição de Babilónia*.

560. Imagina uma sociedade de tais pessoas, todas amando apenas a si mesmas e amando os outros só na medida em que estes formam um só com elas: verás que o seu amor é exatamente como o amor dos ladrões entre si, que se abraçam e se chamam amigos enquanto agem em conjunto, mas, quando deixam de agir em conjunto e rejeitam a subordinação mútua, se voltam uns contra os outros e se matam. Quando se examinam os seus interiores, ou mentes, vê-se que estão cheios de ódio amargo uns pelos outros e que, no coração, se riem de toda a justiça e honestidade, bem como do Divino, que rejeitam como coisa sem valor. Isto é ainda mais evidente nas sociedades dessa espécie que existem nos infernos e de que se trata adiante.

561. Os interiores pertencentes aos pensamentos e às afeições dos que amam a si mesmos acima de tudo estão voltados para si e para o mundo e, por isso, afastados do Senhor e do céu. Consequentemente, estão dominados por males de toda a espécie, e o Divino não pode influir neles; se influi, é imediatamente submerso em pensamentos de si mesmos, contaminado e misturado com os males que procedem do seu próprio. É por isso que todos eles, na outra vida, olham para trás, afastando-se do

Senhor, e para o corpo densamente escuro que ali ocupa o lugar do Sol do mundo e se encontra diametralmente oposto ao Sol do céu, que é o Senhor (ver acima, n.º 123). «Densas trevas» significam o mal, e o «Sol do mundo», o amor de si.[4]

562. Os males dos que estão no amor de si são, em geral, o desprezo pelos outros, a inveja, a inimizade contra todos os que não os favorecem e a hostilidade daí resultante, os ódios de várias espécies, a vingança, a astúcia, a fraude, a falta de misericórdia e a crueldade. Nas questões religiosas, não há apenas desprezo pelo Divino e pelas coisas divinas, que são as verdades e os bens da Igreja, mas também hostilidade contra eles. Quando o homem se torna espírito, essa hostilidade transforma-se em ódio; então, não só não suporta ouvir mencionar essas verdades e esses bens como arde em ódio contra todos os que reconhecem e adoram o Divino. Conversei uma vez com um espírito que, no mundo, fora um homem de autoridade e amara a si mesmo num grau invulgar. Bastava-lhe ouvir alguém mencionar o Divino, especialmente o Senhor, para ser tão excitado pelo ódio proveniente da ira que ardia em desejos de matar. Quando se soltaram as rédeas do seu amor, quis ser o próprio diabo para, pelo seu amor de si, poder infestar continuamente o céu. Este é também o desejo de alguns da religião papista quando percebem, na outra vida, que o Senhor tem todo o poder e eles nenhum.

563. Vi certos espíritos no quadrante ocidental, para o sul, que diziam ter ocupado posições de grande dignidade no mundo e merecer ser mais estimados do que os outros e governá-los. Os

anjos examinaram o seu caráter interior e verificaram que, nos seus cargos no mundo, não tinham tido em vista os usos, mas a si mesmos, colocando-se assim antes dos usos. Como, porém, desejavam muito e insistiam em ser colocados à frente dos outros, foi-lhes permitido associar-se aos que deliberavam sobre assuntos de grande importância. Verificou-se, contudo, que não eram capazes de pensar no assunto em discussão, de ver as coisas como eram em si mesmas, nem de falar tendo em vista o uso da questão; só conseguiam falar em relação a si mesmos e queriam agir segundo o que lhes agradava, com base no favor. Foram, por isso, dispensados dessa função e deixados à procura de ocupação noutro lugar. Avançaram então mais para o quadrante ocidental, onde foram recebidos aqui e ali; mas em toda a parte lhes diziam que só pensavam em si mesmos e em nenhum assunto que não fosse em relação a si, sendo por isso estúpidos e semelhantes a espíritos meramente sensuais e corporais. Por esta razão, eram mandados embora onde quer que fossem. Algum tempo depois, foram vistos reduzidos à miséria e a pedir esmola. Tornou-se assim claro que os que estão no amor de si, por muito que, pelo fogo desse amor, pareçam falar sabiamente no mundo, falam apenas a partir da memória, e não de qualquer luz racional. Por isso, na outra vida, quando já não lhes é permitido recorrer às coisas da memória natural, são mais estúpidos do que os outros, porque estão separados do Divino.

564. Há duas espécies de domínio: uma procede do amor para com o próximo, a outra do amor de si. Estes dois domínios são, na sua essência, diretamente opostos. Quem governa por amor para

com o próximo quer o bem de todos e nada ama tanto como os usos, isto é, servir os outros, o que consiste em querer o bem dos outros e realizar usos para a Igreja, para a pátria, para a sociedade ou para um concidadão. É este o seu amor e o prazer do seu coração. Além disso, na medida em que é elevado a dignidades acima dos outros, alegra-se, não pelas dignidades, mas pelos usos que então pode realizar em maior abundância e de ordem mais elevada. É este o domínio que existe nos céus.

(2) Mas quem governa pelo amor de si não quer o bem de ninguém senão o seu. Os usos que realiza têm em vista a sua própria honra e glória, que são para ele os únicos usos. Ao servir os outros, pretende ser servido, honrado e autorizado a dominar. Procura dignidades, não pelos bons ofícios que pode prestar à pátria e à Igreja, mas para alcançar preeminência e glória e, assim, o prazer do seu coração.

(3) Além disso, este amor de domínio permanece em cada um depois da vida no mundo. Aos que governaram por amor para com o próximo é confiada autoridade nos céus; mas então não são eles que governam, e sim os usos que amam. Quando os usos governam, é o Senhor que governa. Mas os que governaram enquanto estavam no mundo estão no inferno e são ali escravos vis. Vi os que tinham tido poder no mundo, mas tinham exercido o domínio por amor de si, lançados entre os mais vis, alguns deles entre os que se encontram em lugares de excrementos.

565. Quanto ao amor do mundo, é um amor oposto ao amor celeste em menor grau do que o amor de si, porque os males que encerra são menores. O amor do mundo consiste em desejar apropriar-se, por qualquer artifício, das riquezas dos outros, em colocar o coração nas riquezas e em deixar que o mundo atraia e afaste o homem do amor espiritual, que é o amor para com o próximo, e, portanto, do céu e do Divino. Mas este amor tem muitas formas. Há o amor da riqueza para alcançar honras, quando só estas são amadas. Há o amor das honras e dignidades com vista ao aumento da riqueza. Há o amor da riqueza por causa de diversos usos que proporcionam prazer no mundo. Há o amor da riqueza apenas pela riqueza, que é um amor avarento; e assim por diante. O fim pelo qual se procura a riqueza chama-se o seu uso; e é o fim, ou uso, que dá ao amor a sua qualidade. O amor é tal como é o fim em vista, e todas as outras coisas apenas lhe servem de meios.

CAPÍTULO 59

O Que É o Fogo do Inferno e o Que É o Ranger de Dentes

566. Quase ninguém soube até agora o que são o fogo eterno e o ranger de dentes, mencionados na Palavra a respeito dos que estão no inferno, porque se pensou no conteúdo da Palavra apenas de maneira material e nada se soube acerca do seu sentido espiritual. Assim, alguns entenderam o fogo como fogo material, outros como tormento em geral, outros como remorso de consciência, e outros julgaram que ele é mencionado apenas para infundir terror nos maus. Do mesmo modo, alguns supuseram que o ranger de dentes significa um ranger efetivo, e outros apenas um horror semelhante ao que se sente ao ouvir esse choque dos dentes. Mas quem conhece o significado espiritual da Palavra pode saber o que são o fogo eterno e o ranger de dentes. Cada expressão da Palavra e cada significado das suas expressões contém um significado espiritual, visto que a Palavra, no seu íntimo, é espiritual; e o espiritual só pode ser apresentado ao homem mediante formas naturais de expressão, porque o homem está no mundo natural e pensa a partir das coisas desse mundo. Dir-se-á, pois, agora o que significam o «fogo eterno» e o «ranger de dentes»

em que entram os espíritos dos homens maus depois da morte, ou que os seus espíritos, então no mundo espiritual, experimentam.

567. Há duas origens do calor: uma é o Sol do céu, que é o Senhor, e a outra é o Sol do mundo. O calor que procede do Sol do céu, isto é, do Senhor, é calor espiritual e, na sua essência, é amor (ver acima, nos 126–140). O calor do Sol do mundo é calor natural e, na sua essência, não é amor, mas serve de recetáculo ao calor espiritual, ou amor. É evidente que o amor, na sua essência, é calor, pois é o amor, segundo o seu grau e qualidade, que dá calor à mente e, daí, ao corpo; e o homem experimenta isto tanto no inverno como no verão. O aquecimento do sangue tem a mesma origem. Que o calor natural proveniente do Sol do mundo serve de recetáculo ao calor espiritual vê-se pelo calor do corpo, que é suscitado pelo calor do seu espírito e constitui uma espécie de substituto desse calor no corpo. Isto é particularmente evidente no calor da primavera e do verão nos animais de todas as espécies, que então renovam anualmente os seus amores.

(2) Não é o calor natural que produz este efeito; ele dispõe os seus corpos para receberem o calor que neles influi a partir do mundo espiritual, pois o mundo espiritual influi no natural como a causa no efeito. Quem acredita que o calor natural produz esses amores engana-se muito: o influxo dá-se do mundo espiritual para o mundo natural, e não do mundo natural para o espiritual; e, como todo o amor pertence à própria vida, é espiritual.

(3) Engana-se também quem acredita que alguma coisa surge no mundo natural sem influxo do mundo espiritual, pois o natural só surge e subsiste a partir do espiritual. Além disso, os seres do reino vegetal devem a sua germinação ao influxo do mundo espiritual. O calor natural da primavera e do verão apenas dispõe as sementes nas suas formas naturais, dilatando-as e abrindo-as, para que o influxo do mundo espiritual possa aí agir como causa. Estas coisas são mencionadas para tornar claro que há duas espécies de calor, o espiritual e o natural; que o calor espiritual procede do Sol do céu e o natural do Sol do mundo; e que o influxo e a cooperação daí resultante produzem os efeitos que aparecem diante dos olhos no mundo.[1]

568. O calor espiritual no homem é o calor da sua vida, porque, como acima se disse, é, na sua essência, amor. É este calor que na Palavra se entende por «fogo»: por «fogo celeste», o amor ao Senhor e o amor para com o próximo; por «fogo infernal», o amor de si e o amor do mundo.

569. O fogo, ou amor infernal procede de uma origem semelhante à do fogo, ou amor, celeste: o Sol do céu, ou o Senhor; mas é tornado infernal pelos que o recebem. Todo o influxo do mundo espiritual varia segundo a receção, isto é, segundo as formas nas quais influi, tal como acontece com o calor e a luz do Sol do mundo. O calor desse Sol, influindo nos arbustos e nos canteiros de flores, produz vegetação e faz exalar aromas agradáveis e doces; mas o mesmo calor, influindo em matérias

excrementícias e em decomposição, produz putrefações e faz exalar cheiros fortes e repugnantes. Do mesmo modo, a luz do mesmo Sol produz num objeto cores belas e agradáveis e noutro cores feias e desagradáveis. O mesmo acontece com o calor e a luz do Sol do céu, que é amor. Quando o calor, ou amor desse Sol influi no bem, como acontece nos homens bons e nos anjos, torna o seu bem fecundo; mas, quando influi nos maus, produz o efeito contrário, pois os seus males sufocam-no ou pervertem-no. Do mesmo modo, quando a luz do céu influi nas verdades do bem, comunica inteligência e sabedoria; mas, quando influi nas falsidades do mal, transforma-se em insensatezes e fantasias de várias espécies. Assim, em todos os casos, o resultado depende da receção.

570. Sendo o fogo infernal o amor de si e do mundo, é também toda a cobiça desses amores, pois a cobiça é o amor na sua continuidade: o homem cobiça continuamente aquilo que ama. O fogo infernal é também prazer, visto que o homem, quando obtém aquilo que ama e cobiça, o sente como agradável. O prazer do coração do homem não tem outra origem. O fogo infernal é, portanto, a cobiça e o prazer que brotam desses dois amores como das suas origens. Os males que procedem desses amores são o desprezo pelos outros, a inimizade e a hostilidade contra os que não os favorecem, a inveja, o ódio e a vingança e, daí, a ferocidade e a crueldade. Quanto ao Divino, são a negação e o consequente desprezo, escárnio e difamação das coisas santas da Igreja; depois da morte, quando o homem se torna espírito, esses males transformam-se em ira e ódio contra essas coisas santas (ver acima, n.º 562). E, como esses males exalam continuamente a

destruição e o assassínio daqueles que consideram inimigos, e contra os quais ardem em ódio e vingança, o prazer da sua vida consiste em querer destruir e matar e, na medida em que não conseguem fazê-lo, em querer prejudicar, ferir e exercer crueldade.

(2) É este o significado de «fogo» na Palavra quando se trata dos maus e dos infernos. Citarei aqui algumas passagens como prova:

> Todos são hipócritas e malfeitores, e toda a boca profere loucura. Porque a maldade arde como o fogo: devora os espinheiros e os abrolhos, ateia-se nas moitas dos bosques, e eles sobem em rolos de fumo; o povo tornou-se como alimento para o fogo; ninguém poupa o seu irmão (Isaías 9:17–19).
>
> Mostrarei prodígios nos céus e, na terra, sangue, fogo e colunas de fumo; o Sol converter-se-á em trevas (Joel 2:30, 31).
>
> A terra tornar-se-á pez ardente; nem de noite nem de dia se apagará; o seu fumo subirá para sempre (Isaías 34:9, 10).
>
> Eis que vem o dia, ardente como uma fornalha; todos os soberbos e todos os que praticam a maldade serão palha; e o dia que vem os incendiará (Malaquias 4:1).
>
> Babilónia tornou-se morada de demónios. Gritaram ao ver o fumo do seu incêndio. O seu fumo sobe pelos séculos dos séculos (Apocalipse 18:2, 18; 19:3).
>
> Abriu o poço do abismo, e do poço subiu fumo como o de uma grande fornalha; e o Sol e o ar foram escurecidos pelo fumo do poço (Apocalipse 9:2).
>
> Da boca dos cavalos saíam fogo, fumo e enxofre; por estes foi morta a terça parte dos homens, pelo fogo, pelo fumo e pelo enxofre (Apocalipse 4:17, 18).

Se alguém adorar a besta, beberá do vinho da ira de Deus, misturado com vinho não diluído no cálice da Sua cólera, e será atormentado com fogo e enxofre (Apocalipse 16:9, 10).

O quarto anjo derramou a sua taça sobre o Sol, e foi-lhe dado abrasar os homens com fogo; por isso, os homens foram abrasados por um grande calor (Apocalipse 16:8, 9).

Foram lançados num lago que arde com fogo e enxofre (Apocalipse 19:20; 20:14, 15; 21:8).

Toda a árvore que não dá bom fruto será cortada e lançada ao fogo (Mateus 3:10; Lucas 3:9).

O Filho do Homem enviará os Seus anjos, e eles recolherão do Seu reino todas as coisas que causam tropeço e os que praticam a iniquidade, e lançá-los-ão numa fornalha de fogo (Mateus 13:41, 42, 50).

O Rei dirá aos que estiverem à Sua esquerda: afastai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e para os seus anjos (Mateus 25:41).

Serão enviados para o fogo eterno, para o inferno de fogo, onde o seu verme não morrerá e o fogo não se apagará (Mateus 18:8, 9; Marcos 9:43–49).

O rico, no inferno, disse a Abraão que era atormentado na chama (Lucas 16:24).

Nestas e em muitas outras passagens, «fogo» significa a cobiça pertencente ao amor de si e ao amor do mundo, e o «fumo» que dele procede significa a falsidade proveniente do mal.

571. Como por «fogo infernal» se entende a cobiça de praticar os males provenientes do amor de si e do mundo, e como tal é a cobiça de todos os que estão nos infernos, conforme se mostrou no

capítulo anterior, quando os infernos são abertos aparece fogo com fumo, como o que se vê nos incêndios: um fogo denso nos infernos onde prevalece o amor de si e um fogo flamejante nos infernos onde prevalece o amor do mundo. Mas, quando os infernos estão fechados, essa aparência ígnea não é vista; em seu lugar há uma espécie de obscuridade, como uma condensação de fumo. O fogo continua, porém, a lavrar no interior, como se pode ver pelo calor que deles exala, semelhante ao das ruínas queimadas depois de um incêndio; em alguns lugares, semelhante ao de uma fornalha aquecida, noutros, ao de um banho quente. Quando este calor influi no homem, suscita nele cobiças; nos maus, ódio e vingança; e, nos doentes, delírios. Tal é o fogo, ou o calor, que afeta os que se encontram nos amores acima mencionados, porque, quanto ao seu espírito, estão ligados a esses infernos, mesmo enquanto vivem no corpo. Deve, porém, compreender-se que os que estão nos infernos não estão em fogo: o fogo é uma aparência. Os que ali se encontram não sentem ardor, mas apenas um calor semelhante ao que tinham sentido no mundo. Esta aparência de fogo procede da correspondência, pois o amor corresponde ao fogo, e todas as coisas vistas no mundo espiritual são vistas segundo as correspondências.

572. Deve notar-se que este fogo, ou calor infernal se transforma em frio intenso quando nele influi o calor do céu. Os que nele se encontram tremem então como os que são tomados de calafrios e febre, e sofrem interiormente, porque estão em oposição direta ao Divino. O calor do céu, que é o amor divino, extingue o calor do inferno, que é o amor de si, e, com ele, o fogo da sua vida; esta é

a causa de semelhante frio, do tremor e da aflição daí resultantes. Acompanham-nos densas trevas, um estado de desvario e uma cegueira mútua daí proveniente. Mas isto raramente acontece, e apenas quando é necessário reprimir tumultos que cresceram desmedidamente.

573. Como o fogo infernal significa toda a cobiça de fazer o mal que procede do amor de si, significa também o tormento que existe nos infernos. A cobiça desse amor é a cobiça de prejudicar os que não honram, veneram e adoram o próprio; e, na proporção da ira assim suscitada e do ódio e vingança que dela procedem, existe a cobiça de descarregar sobre eles a fúria. Quando esta cobiça atua em todos os membros de uma sociedade e não é refreada por qualquer vínculo externo, como o medo da lei e da perda da reputação, da honra, do lucro e da vida, cada um, impelido pelo seu próprio mal, precipita-se sobre o outro. Na medida em que prevalece, subjuga os restantes, submete-os ao seu domínio e descarrega com prazer a fúria sobre os que não se submetem. Este prazer está tão intimamente unido ao prazer de dominar que ambos existem na mesma medida, pois o prazer de fazer mal está contido em toda a inimizade, inveja, ódio e vingança, que, como acima se disse, são os males desse amor. Todos os infernos são sociedades desta natureza; por conseguinte, cada um ali traz no coração ódio contra os outros e, pelo ódio, irrompe em crueldade na medida do seu poder. Estas crueldades e os seus tormentos são também significados pelo fogo infernal, visto serem efeitos das cobiças.

574. Mostrou-se acima (n.º 548) que o espírito mau se lança no inferno de livre vontade. Dir-se-á agora, em poucas palavras, como isto acontece, apesar de existirem no inferno tais tormentos. De cada inferno exala uma esfera das cobiças dos que nele estão. Sempre que esta esfera é percebida por alguém que está numa cobiça semelhante, afeta-lhe o coração e enche-o de prazer, pois a cobiça e o seu prazer formam um só, visto que aquilo que alguém cobiça lhe é agradável. Por isso, o espírito volta-se para o inferno e, pelo prazer do coração, deseja ir para lá, pois ainda não sabe que ali existem tais tormentos; embora aquele que o sabe continue a desejar ir. No mundo espiritual, ninguém pode resistir à sua cobiça, porque ela pertence ao seu amor, o amor pertence à sua vontade e a vontade pertence à sua natureza; e ali todos agem a partir da sua natureza.

(2) Quando, portanto, o espírito, por sua vontade e em liberdade, se encaminha para o seu inferno e nele entra, é inicialmente recebido de maneira amigável, o que o leva a acreditar que chegou junto de amigos. Mas isto dura apenas algumas horas. Entretanto, é examinado quanto à sua astúcia e à capacidade dela resultante; feito esse exame, começam a molestá-lo, por diversos métodos e com severidade e veemência cada vez maiores. Fazem-no introduzindo-o mais para o interior e mais profundamente no inferno, pois, quanto mais interior e profundo é o inferno, mais malignos são os espíritos. Depois dessas perseguições, começam a tratá-lo cruelmente por meio de castigos, até que é reduzido à condição de escravo.

(3) Mas ali surgem continuamente movimentos de rebelião, porque cada um deseja ser o maior e arde em ódio contra os outros. Por isso, ocorrem novas insurreições, uma cena dá lugar a outra, e os que foram feitos escravos são libertados para ajudarem algum novo diabo a subjugar os restantes. De novo, os que recusam submeter-se e prestar obediência absoluta são atormentados de diversas maneiras, e assim continuamente. Tais são os tormentos do inferno, chamados fogo do inferno.

575. O ranger de dentes é a contenda e o combate contínuos das falsidades entre si e, consequentemente, dos que estão nas falsidades, acompanhados de desprezo pelos outros, inimizade, escárnio, ridículo e blasfémias. Estes males irrompem em dilacerações de várias espécies, pois cada um combate pela sua própria falsidade e chama-lhe verdade. Estas contendas e combates ouvem-se fora desses infernos como ranger de dentes; e transformam-se também em ranger de dentes quando entre eles influem verdades do céu. Nesses infernos estão todos os que reconheceram a natureza e negaram o Divino; nos mais profundos, os que se confirmaram nessas negações. Como são incapazes de receber qualquer luz do céu e, portanto, de ver interiormente seja o que for em si mesmos, são, na sua maioria, espíritos sensuais e corporais, que nada acreditam senão no que veem com os olhos e tocam com as mãos. Todas as falácias dos sentidos são, por isso, verdades para eles, e é a partir delas que disputam. É por esta razão que as suas contendas se ouvem como ranger de dentes: no mundo espiritual, todas as falsidades produzem um som áspero, e

os dentes correspondem às coisas últimas da natureza e às coisas últimas do homem, que são as sensuais e corporais.[2] Que há ranger de dentes nos infernos pode ver-se em Mateus 8:12; 13:42, 50; 22:13; 24:51; 25:30; e Lucas 13:28.

CAPÍTULO 60

A Malícia e os Artifícios Atrozes dos Espíritos Infernais

576. De que maneira os espíritos são superiores aos homens é algo que pode ver e compreender quem pensa interiormente e conhece alguma coisa do funcionamento da sua própria mente. Na mente, pode considerar, desenvolver e tirar conclusões sobre mais assuntos num único instante do que consegue dizer ou exprimir por escrito em meia hora. Isto mostra a superioridade do homem quando está no seu espírito e, portanto, quando se torna espírito. É o espírito que pensa, e é pelo corpo que o espírito exprime os seus pensamentos na fala ou na escrita. Por conseguinte, quando o homem, depois da morte, se torna anjo, possui uma inteligência e uma sabedoria inefáveis em comparação com a inteligência e a sabedoria que tinha enquanto vivia no mundo. Enquanto vivia no mundo, o seu espírito estava ligado ao corpo e, por isso, no mundo natural; tudo o que pensava espiritualmente fluía, portanto, para ideias naturais, comparativamente gerais, grosseiras e obscuras, incapazes de receber inúmeras coisas pertencentes ao pensamento espiritual, e que envolvem este pensamento nas obscuridades provenientes dos cuidados mundanos. É diferente quando o espírito se liberta do corpo e entra no seu estado espiritual, o que acontece ao passar do mundo natural para o mundo espiritual a que pertence.

Pelo que já foi dito, é evidente que o estado dos seus pensamentos e afeições é então incomensuravelmente superior ao estado anterior. Por isso, os pensamentos dos anjos são inefáveis e inexprimíveis e não podem entrar nos pensamentos naturais do homem. E, todavia, todo o anjo nasceu homem e viveu como homem, parecendo-lhe então não ser mais sábio do que qualquer outro homem semelhante.

577. No mesmo grau em que os anjos têm sabedoria e inteligência, os espíritos infernais têm malícia e astúcia. A situação é a mesma: o espírito do homem, quando liberto do corpo, está no seu bem ou no seu mal — no seu bem, se é espírito angélico; no seu mal, se é espírito infernal. Todo o espírito é o seu próprio bem ou o seu próprio mal, porque é o seu próprio amor, como muitas vezes se disse e mostrou acima. Por isso, assim como o espírito angélico pensa, quer, fala e age a partir do seu bem, o espírito infernal fá-lo a partir do seu mal. Pensar, querer, falar e agir a partir do próprio mal é pensar, querer, falar e agir a partir de todas as coisas contidas nesse mal.

(2) Enquanto o homem vivia no corpo, era diferente: o mal do espírito estava então submetido às restrições que todo o homem sente pela lei, pela esperança de lucro, pela honra, pela reputação e pelo medo de as perder. Assim, o mal do seu espírito não podia irromper e mostrar o que era em si mesmo. Além disso, o mal do espírito do homem estava envolto e velado pela probidade, honestidade, justiça e afeição pela verdade e pelo bem exteriores, que tal homem professa e

simula por causa do mundo. Sob essas aparências, o mal mantinha-se tão escondido e obscurecido que o próprio homem mal sabia que o seu espírito continha tanta malícia e ardil; isto é, que, em si mesmo, era um diabo como aquele em que se torna depois da morte, quando o seu espírito entra em si mesmo e na sua própria natureza.

(3) Manifesta-se então uma malícia que excede tudo o que se pode crer. Há milhares de males que irrompem então do próprio mal, entre os quais alguns que não podem ser descritos pelas palavras de nenhuma língua. Foi-me concedido saber e também perceber, por muita experiência, quais são, visto que o Senhor me concedeu estar no mundo espiritual quanto ao meu espírito e, ao mesmo tempo, no mundo natural quanto ao meu corpo. Posso testemunhar que a sua malícia é tão grande que mal se pode descrever a milésima parte dela; e tão grande que, se o homem não fosse protegido pelo Senhor, nunca poderia ser resgatado do inferno. Junto de cada homem há espíritos do inferno, bem como anjos do céu (ver acima, n^{os} 292, 293). Contudo, o Senhor não pode proteger o homem se este não reconhecer o Divino e não viver uma vida de fé e caridade; de outro modo, o homem afasta-se do Senhor e volta-se para os espíritos infernais, ficando o seu espírito impregnado de uma malícia semelhante à deles.

(4) Não obstante, o Senhor retira continuamente o homem dos males que ele liga a si e, por assim dizer, atrai pela sua associação com os espíritos infernais. Se não é afastado pelos

vínculos internos da consciência, que não recebe quando nega o Divino, é ainda assim afastado por vínculos externos, que são, como acima se disse, os receios relativos à lei e às suas penas, à perda do lucro e à privação da honra e da reputação. Na verdade, tal homem pode ser afastado dos males pelos prazeres do seu amor e pelo medo de perder esses prazeres ou de ser privado deles; mas não pode, por esses meios, ser conduzido aos bens espirituais. Logo que é conduzido a estes, começa a pensar em fingimentos e expedientes, simulando ou contrafazendo o que é bom, honesto e justo, com o propósito de persuadir e, assim, enganar. Esta astúcia junta-se ao mal do seu espírito e dá-lhe forma, tornando o seu mal da mesma natureza que ela.

578. Os piores de todos são os que estiveram nos males provenientes do amor de si e, ao mesmo tempo, interiormente agiram pela fraude. A fraude penetra mais profundamente nos pensamentos e nas intenções do que os outros males, infeta-os com veneno e destrói assim inteiramente a vida espiritual do homem. A maior parte destes espíritos está nos infernos situados atrás das costas e é chamada génios. Ali, comprazem-se em tornar-se invisíveis e em esvoaçar em redor dos outros como fantasmas, infundindo secretamente neles o mal, que espalham como o veneno de uma víbora. São atormentados mais terrivelmente do que os outros. Mas os que não são fraudulentos nem estão tão cheios de ardil maligno, embora se encontrem nos males derivados do amor de si, estão também nos infernos de trás, mas nos menos profundos. Por outro lado, os que estiveram nos males provenientes

do amor do mundo estão nos infernos da frente e são chamados espíritos. Estes não são formas do mal, isto é, do ódio e da vingança, como os que estão nos males provenientes do amor de si; não têm, por isso, tanta malícia e astúcia e, consequentemente, os seus infernos são mais brandos.

579. Foi-me permitido aprender pela experiência que espécie de malícia possuem os chamados génios. Os génios atuam sobre as afeições e nelas influem, e não nos pensamentos. Percebem e farejam as afeições como os cães farejam os animais selvagens na floresta. Quando percebem boas afeições noutro, transformam-nas imediatamente em más afeições, conduzindo-as e desviando-as de maneira extraordinária por meio dos prazeres do outro; fazem-no tão secretamente e com tamanha habilidade maligna que o outro nada sabe disso. Evitam com o maior cuidado que alguma coisa entre no pensamento, pois isso revelá-los-ia. A sua sede no homem fica abaixo da parte posterior da cabeça. No mundo, eram dos que cativavam fraudulentamente as mentes dos outros, conduzindo-os e persuadindo-os pelos prazeres das suas afeições ou cobiças. Mas o Senhor não permite que tais espíritos se aproximem de qualquer homem de cuja reforma haja esperança. Têm a capacidade não só de destruir a consciência, mas também de despertar no homem os males hereditários que de outro modo permanecem ocultos. Por isso, para impedir que o homem seja conduzido a esses males, tais infernos estão inteiramente fechados por providência do Senhor; e, quando um homem desse caráter entra depois da morte na outra vida, é imediatamente lançado no inferno deles. Quando a fraude e

a astúcia desses espíritos são vistas claramente, eles aparecem como víboras.

580. A espécie de malícia que os espíritos infernais possuem torna-se evidente pelas suas artes nefastas, tão numerosas que a sua enumeração encheria um volume e a sua descrição muitos volumes. Estas artes são, na sua maioria, desconhecidas no mundo. Uma espécie diz respeito ao abuso das correspondências; uma segunda, ao abuso dos últimos da ordem divina; uma terceira, à comunicação e ao influxo de pensamentos e afeições, voltando-se para outro, fixando nele o olhar e servindo-se de outros espíritos distintos de si e de espíritos por eles enviados; uma quarta, a operações por meio de fantasias; uma quinta, a uma espécie de projeção de si para fora de si mesmos e à consequente presença noutro lugar que não aquele onde estão corporalmente; uma sexta, a fingimentos, persuasão e mentiras. O espírito do homem mau entra por si mesmo nestas artes quando é liberto do corpo, pois são inerentes à natureza do mal em que então se encontra. Por estas artes, atormentam-se mutuamente nos infernos. Mas, como todas elas, exceto as que se realizam por fingimentos, persuasões e mentiras, são desconhecidas no mundo, não as descreverei aqui em pormenor, tanto porque não seriam compreendidas como porque são demasiado abomináveis para serem relatadas.

581. O Senhor permite os tormentos nos infernos porque de nenhuma outra maneira podem os males ser refreados e dominados. O único meio de refrear e dominar os males e de manter a turba infernal sob controlo é o medo do castigo. Não pode ser

feito de outra maneira: sem o medo do castigo e do tormento, o mal irromperia em loucura e tudo se desagregaria, como um reino na terra onde não houvesse lei nem penas.

CAPÍTULO 61

A Aparência, a Localização e o Número dos Infernos

582. No mundo espiritual, isto é, no mundo onde estão os espíritos e os anjos, aparecem os mesmos objetos que no mundo natural, onde estão os homens. Na aparência externa, não há diferença. Nesse mundo veem-se planícies e montanhas, colinas e rochedos, e vales entre eles; também águas e muitas outras coisas que se veem na terra. Contudo, todas estas coisas têm origem espiritual e, por isso, são vistas pelos olhos dos espíritos e dos anjos, e não pelos olhos dos homens, porque os homens estão no mundo natural. Os seres espirituais veem as coisas de origem espiritual, e os seres naturais, as de origem natural. Consequentemente, o homem não pode de modo algum ver com os seus olhos os objetos do mundo espiritual, a menos que lhe seja permitido estar no espírito, ou depois da morte, quando se torna espírito. Por outro lado, um anjo ou um espírito não pode ver coisa alguma no mundo natural, a menos que esteja junto de um homem a quem seja permitido falar com ele. Os olhos do homem estão adaptados para receber a luz do mundo natural, e os olhos dos anjos e dos espíritos para receber a luz do mundo espiritual, embora, na aparência, sejam exatamente iguais. O homem natural não consegue compreender que o mundo espiritual seja assim, e

muito menos o homem sensual, que só acredita no que vê com os olhos do corpo e toca com as mãos, recebendo-o, portanto, pela vista e pelo tato. Como o seu pensamento procede dessas coisas, é material, e não espiritual. Sendo tal a semelhança entre o mundo espiritual e o natural, o homem, depois da morte, mal consegue acreditar que já não está no mundo onde nasceu e do qual partiu. Por esta razão, a morte é chamada simplesmente passagem de um mundo para outro semelhante. Que os dois mundos são assim semelhantes pode ver-se acima, onde se tratou das representações e aparências no céu (n^{os} 170–176).

583. Os céus encontram-se nas regiões superiores do mundo espiritual, o mundo dos espíritos nas regiões inferiores, e os infernos por baixo de ambos. Os céus só são visíveis aos espíritos do mundo dos espíritos quando a sua visão interior é aberta, embora por vezes os vejam como névoas ou nuvens luminosas. Isto acontece porque os anjos do céu estão num estado interior quanto à inteligência e à sabedoria e, por isso, acima da visão dos que estão no mundo dos espíritos. Os espíritos que habitam nas planícies e nos vales veem-se uns aos outros; mas, quando ali são separados, o que acontece ao serem introduzidos nos seus interiores, os espíritos maus não veem os bons, embora os bons possam ver os maus. Não obstante, os espíritos bons afastam-se dos maus; e, quando os espíritos se afastam, tornam-se invisíveis. Os infernos, porém, não são vistos, porque estão fechados. Só se veem as entradas, chamadas portas, quando são abertas para deixar entrar outros espíritos semelhantes. Todas as portas dos

infernos se abrem a partir do mundo dos espíritos, e nenhuma a partir do céu.

584. Os infernos estão em toda a parte: sob as montanhas, colinas e rochedos, e sob as planícies e os vales. As aberturas, ou portas, dos infernos que estão sob as montanhas, colinas e rochedos aparecem à vista como buracos e fendas nas rochas, alguns extensos e largos, outros apertados e estreitos, e muitos escabrosos. Quando se olha para dentro, todos parecem escuros e sombrios; mas os espíritos infernais que neles se encontram estão numa luminosidade semelhante à que provém de carvões a arder. Os seus olhos estão adaptados à receção dessa luz, porque, enquanto viviam no mundo, se encontravam em densas trevas quanto às verdades divinas, por as negarem, e numa espécie de luz quanto às falsidades, por as afirmarem. Foi assim que a visão dos seus olhos se formou. Pela mesma razão, a luz do céu é para eles densas trevas; por isso, quando saem dos seus antros, nada veem. Tudo isto torna inteiramente claro que o homem entra na luz do céu na exata medida em que reconhece o Divino e estabelece em si as coisas do céu e da Igreja; e entra nas densas trevas do inferno na medida em que nega o Divino e estabelece em si o que é contrário às verdades do céu e da Igreja.

585. As aberturas, ou portas dos infernos que ficam sob as planícies e os vales apresentam aparências diversas. Algumas assemelham-se às que estão sob as montanhas, colinas e rochedos; outras a antros e cavernas; outras a grandes abismos e remoinhos; outras a pântanos; e outras a águas estagnadas. Estão todas

cobertas e só são abertas quando nelas são lançados espíritos maus vindos do mundo dos espíritos. Quando se abrem, delas irrompe algo semelhante ao fogo e ao fumo que se veem no ar quando ardem edifícios, ou a uma chama sem fumo, ou à fuligem que sai de uma chaminé a arder, ou a uma névoa e nuvem espessa. Ouvi dizer que os espíritos infernais não veem nem sentem estas coisas, porque, estando nelas, se encontram como na sua própria atmosfera e, portanto, no prazer da sua vida. Isto acontece porque essas coisas correspondem aos males e às falsidades em que estão: o fogo corresponde ao ódio e à vingança; o fumo e a fuligem, às falsidades deles provenientes; a chama, aos males do amor de si; e a névoa ou nuvem espessa, às falsidades provenientes desse amor.

586. Foi-me também permitido olhar para dentro dos infernos e ver como são interiormente. Quando o Senhor quer, a visão de um espírito ou de um anjo, a partir de cima, pode penetrar nas profundidades mais baixas e examinar a sua natureza, apesar das coberturas. Foi-me permitido observá-los desta maneira. Alguns infernos apareciam como cavernas e antros em rochedos, que se estendiam para o interior e depois desciam para um abismo, oblíqua ou verticalmente. Alguns apareciam como covis e grutas de animais selvagens nas florestas; outros como as cavidades e galerias que se veem nas minas, com cavernas que se estendiam para as regiões inferiores. A maior parte dos infernos é tríplice: o superior parece, por dentro, estar em densas trevas, porque é habitado pelos que estão nas falsidades do mal; os inferiores parecem ígneos, porque são habitados pelos que estão nos próprios males. As densas trevas

correspondem às falsidades do mal, e o fogo aos próprios males. Os que agiram interiormente a partir do mal estão nos infernos mais profundos; os que agiram exteriormente a partir do mal, isto é, a partir das falsidades do mal, estão nos menos profundos.

Alguns infernos apresentam uma aparência semelhante às ruínas de casas e cidades depois de incêndios, nas quais os espíritos infernais habitam e se escondem. Nos infernos mais brandos, há uma aparência de cabanas rudimentares, por vezes contíguas, formando uma cidade com vielas e ruas; dentro das casas, os espíritos infernais entregam-se a querelas, inimizades, lutas e brutalidades incessantes, enquanto nas ruas e vielas se cometem roubos e depredações. Em alguns infernos, não há senão bordéis, repugnantes à vista e cheios de toda a espécie de imundície e excrementos. Há também florestas escuras, onde os espíritos infernais vagueiam como animais selvagens e onde existem igualmente antros subterrâneos para os quais fogem os perseguidos por outros. Há ainda desertos, onde tudo é estéril e arenoso, e onde, em certos lugares, há rochas escarpadas com cavernas e, noutros, cabanas. Para esses lugares desertos são expulsos dos infernos os que sofreram os extremos de todos os castigos, especialmente os que, no mundo, foram mais astutos do que os outros a empreender e a tramar intrigas e fraudes. Tal vida é o seu destino final.

587. Quanto à localização pormenorizada dos infernos, é inteiramente desconhecida até dos anjos do céu; só o Senhor a conhece. Mas a sua localização geral conhece-se pelos quadrantes

em que se encontram. Os infernos, como os céus, distinguem-se pelos seus quadrantes, e no mundo espiritual estes são determinados segundo os amores. No céu, todos os quadrantes têm origem no Senhor como Sol, que é o Oriente; e, sendo os infernos opostos aos céus, os seus quadrantes começam no ponto oposto, isto é, no ocidente. Sobre isto, veja-se o capítulo acerca dos quatro quadrantes no céu (n^{os} 141–153).

(2) Por esta razão, os infernos do quadrante ocidental são os piores e mais horríveis de todos, tornando-se gradualmente piores e mais horríveis à medida que se afastam do oriente. Nos infernos ocidentais estão os que, no mundo, se encontravam no amor de si e, por conseguinte, no desprezo pelos outros e na inimizade contra os que não os favoreciam, bem como no ódio e na vingança contra os que não lhes prestavam respeito e homenagem. Nos infernos mais remotos desse quadrante estão os que tinham pertencido à chamada religião católica e tinham desejado ser adorados como deuses, ardendo, por conseguinte, em ódio e vingança contra todos os que não reconheciam o seu poder sobre as almas dos homens e sobre o céu. Continuam a ter a mesma disposição, isto é, o mesmo ódio e vingança contra os que se lhes opõem, que tinham no mundo. O seu maior prazer é praticar crueldades; mas, na outra vida, esse prazer volta-se contra eles próprios, pois, nos seus infernos, que enchem o quadrante ocidental, cada um se enfurece contra quem quer que diminua o seu poder divino. Mas disto se dirá mais no tratado *O Juízo Final e a Destruição de Babilónia*.

(3) Ninguém, porém, pode saber como estão dispostos os infernos desse quadrante, a não ser que os mais terríveis dessa espécie ficam nos lados voltados para o quadrante setentrional, e os menos terríveis para o meridional. Assim, o caráter terrível dos infernos diminui do norte para o sul e, igualmente, por graus, em direção ao oriente. Para o oriente ficam as moradas dos altivos, que não acreditaram no Divino, mas não estiveram em tanto ódio e vingança, nem em tanta fraude, como os que se encontram mais profundamente no quadrante ocidental.

(4) No quadrante oriental não há atualmente infernos, pois os que lá existiam foram transferidos para a parte da frente do quadrante ocidental. Nos quadrantes setentrional e meridional há muitos infernos; neles estão os que, no mundo, se encontravam no amor do mundo e nos diversos males dele provenientes, como inimizade, hostilidade, furto, roubo, astúcia, avareza e falta de misericórdia. Os piores infernos desta espécie estão no quadrante setentrional, e os mais brandos no meridional. Tornam-se mais terríveis à medida que se aproximam do quadrante ocidental e se afastam do meridional, e menos terríveis em direção ao oriental e ao meridional. Atrás dos infernos do quadrante ocidental, há florestas escuras onde espíritos malignos vagueiam como animais selvagens; o mesmo acontece atrás dos infernos do quadrante setentrional. Mas atrás dos infernos do quadrante meridional há desertos, como os que se acabam de descrever. Eis o que se pode dizer acerca da localização dos infernos.

588. Quanto ao número dos infernos, há tantos quantas são as sociedades angélicas nos céus, pois a cada sociedade celeste corresponde uma sociedade infernal como seu oposto. Que as sociedades celestes são inumeráveis e se distinguem todas segundo os bens do amor, da caridade e da fé pode ver-se no capítulo sobre as sociedades que constituem os céus (nos 41–50) e no capítulo sobre a imensidade do céu (nos 415–420). O mesmo se aplica, portanto, às sociedades infernais, que se distinguem segundo os males opostos a esses bens.

(2) Todo o mal, assim como todo o bem, apresenta uma variedade infinita. Isto ultrapassa a compreensão dos que têm apenas uma ideia simples de cada mal, como o desprezo, a inimizade, o ódio, a vingança, a fraude e outros semelhantes. Saibam, porém, que cada um desses males contém tantas diferenças específicas, e cada uma destas tantas diferenças específicas ou particulares, que um volume não bastaria para as enumerar. Os infernos estão dispostos numa ordem tão distinta, segundo as diferenças de cada mal, que nada poderia estar mais perfeitamente ordenado nem ser mais distinto. É, pois, evidente que os infernos são inumeráveis, próximos ou afastados uns dos outros segundo as diferenças dos males no género, na espécie e no particular.

(3) Há também infernos por baixo de infernos. Alguns comunicam com outros por passagens, e muitos por exalações, em exata conformidade com as afinidades de um género ou espécie de mal com os outros. Foi-me permitido perceber quão

grande é o número dos infernos ao saber que existem infernos sob cada montanha, colina e rochedo, bem como sob cada planície e vale, e que se estendem debaixo deles em comprimento, largura e profundidade. Numa palavra, todo o céu e todo o mundo dos espíritos estão, por assim dizer, escavados por baixo, e sob eles há um inferno contínuo. Eis o que se pode dizer acerca do número dos infernos.

CAPÍTULO 62

O Equilíbrio entre o Céu e o Inferno

589. Para que alguma coisa exista, é necessário um equilíbrio de todas as coisas. Sem equilíbrio não há ação e reação, pois o equilíbrio existe entre duas forças, uma que age e outra que reage; e ao estado de repouso resultante de uma ação e reação iguais chama-se equilíbrio. No mundo natural, há equilíbrio em todas e em cada uma das coisas. Existe de modo geral até na atmosfera, onde as partes inferiores reagem e resistem na proporção em que as superiores agem e pressionam para baixo. Há também, no mundo natural, equilíbrio entre calor e frio, luz e sombra, secura e humidade, sendo a condição intermédia o equilíbrio. Há igualmente equilíbrio em todos os seres dos três reinos da natureza — mineral, vegetal e animal —, pois, sem equilíbrio neles, nada pode surgir e subsistir. Em toda a parte há uma espécie de esforço que age de um lado e reage do outro.

(2) Toda a existência, ou todo o efeito, é produzida em equilíbrio, isto é, por uma força que age e outra que se deixa afetar por essa ação; ou, quando uma força influi pela sua ação, a outra recebe-a e submete-se harmoniosamente. No

mundo natural, aquilo que age e reage chama-se força e também esforço; no mundo espiritual, aquilo que age e reage chama-se vida e vontade. A vida nesse mundo é força viva, e a vontade é esforço vivo; ao próprio equilíbrio chama-se liberdade. Assim, o equilíbrio espiritual, ou liberdade, nasce e permanece no balanço entre o bem que age de um lado e o mal que reage do outro, ou entre o mal que age de um lado e o bem que reage do outro.

(3) Nos bons, o equilíbrio existe entre o bem que age e o mal que reage; nos maus, entre o mal que age e o bem que reage. O equilíbrio espiritual existe entre o bem e o mal porque toda a vida do homem se refere ao bem e ao mal, sendo a vontade o seu recetáculo. Há também um equilíbrio entre a verdade e a falsidade, mas este depende do equilíbrio entre o bem e o mal. O equilíbrio entre a verdade e a falsidade é semelhante ao que existe entre a luz e a sombra: estas só afetam os seres do reino vegetal na medida em que nelas estão o calor e o frio. Que a luz e a sombra não produzem efeito por si mesmas, mas apenas o calor que atua através delas, é evidente pelo facto de a luz e a sombra serem as mesmas no inverno e na primavera. Esta comparação da verdade e da falsidade com a luz e a sombra procede da correspondência, pois a verdade corresponde à luz, a falsidade à sombra e o calor ao bem do amor. Na realidade, a luz espiritual é a verdade, a sombra espiritual é a falsidade e o calor espiritual é o bem do amor (ver o capítulo sobre a luz e o calor no céu, nos 126–140).

590. Há um equilíbrio perpétuo entre o céu e o inferno. Do inferno exala e sobe continuamente um esforço para fazer o mal; do céu exala e desce continuamente um esforço para fazer o bem. Neste equilíbrio encontra-se o mundo dos espíritos, intermédio entre o céu e o inferno (ver acima, nos 421–431). O mundo dos espíritos está neste equilíbrio porque todo o homem, depois da morte, entra primeiro nesse mundo e é ali mantido num estado semelhante àquele em que se encontrava no mundo. Isto seria impossível se ali não houvesse um equilíbrio perfeito, pois é por meio dele que se examina o caráter de cada um, visto que então permanece na mesma liberdade que tinha no mundo. O equilíbrio espiritual é a liberdade no homem e no espírito, como se acaba de dizer (n.º 589). Os anjos reconhecem a natureza da liberdade de cada um por uma comunicação das afeições e dos pensamentos delas provenientes; e ela torna-se visível aos espíritos angélicos pelos caminhos que os espíritos seguem. Os espíritos bons percorrem os caminhos que vão para o céu, e os maus os que vão para o inferno. Os caminhos aparecem efetivamente nesse mundo; por isso, na Palavra, os caminhos significam as verdades que conduzem ao bem ou, no sentido oposto, as falsidades que conduzem ao mal. Pela mesma razão, ir, caminhar e viajar significam na Palavra progressões da vida.[1] Foi-me muitas vezes permitido ver esses caminhos e também espíritos que por eles seguiam e caminhavam livremente, segundo as suas afeições e pensamentos.

591. O mal exala e sobe continuamente do inferno, e o bem exala e desce continuamente do céu, porque cada um está envolvido por

uma esfera espiritual; essa esfera emana e se derrama da vida das afeições e dos pensamentos delas provenientes.[2] Como uma esfera assim emana de cada indivíduo, emana também de cada sociedade celeste e de cada sociedade infernal e, consequentemente, de todas em conjunto, isto é, do céu inteiro e do inferno inteiro. O bem emana do céu porque todos ali estão no bem; e o mal emana do inferno porque todos ali estão no mal. Todo o bem que procede do céu vem do Senhor: os anjos nos céus são todos afastados do seu próprio e mantidos no próprio do Senhor, que é o próprio bem. Mas os espíritos nos infernos estão todos no seu próprio, e o próprio de cada um nada mais é do que mal; por ser apenas mal, é o inferno.[3] É, pois, evidente que o equilíbrio em que os anjos são mantidos nos céus e os espíritos nos infernos não é semelhante ao equilíbrio do mundo dos espíritos. O equilíbrio dos anjos nos céus existe no grau em que quiseram estar no bem, ou viveram no bem no mundo e, portanto, também no grau em que tiveram aversão ao mal. O equilíbrio dos espíritos no inferno existe no grau em que quiseram estar no mal, ou viveram no mal no mundo e, assim, no coração e no espírito se opuseram ao bem.

592. Se o Senhor não governasse tanto os céus como os infernos, não haveria equilíbrio; e, se não houvesse equilíbrio, não haveria céu nem inferno. Todas e cada uma das coisas do universo, tanto no mundo natural como no espiritual, perduram por meio do equilíbrio. Todo o homem racional pode ver que isto é verdade. Se houvesse preponderância de um lado e nenhuma resistência do outro, não pereceriam ambos? Assim aconteceria no mundo espiritual se o bem não reagisse contra o mal e não refreasse

continuamente a sua insurreição. Se isto não fosse feito pelo próprio Divino, tanto o céu como o inferno pereceriam e, com eles, todo o género humano. Diz-se que tem de ser o próprio Divino a fazê-lo porque o próprio de cada um, seja anjo, espírito ou homem, nada mais é do que mal (ver acima, n.º 591). Consequentemente, nem os anjos nem os espíritos podem resistir, por pouco que seja, aos males que continuamente exalam dos infernos, pois, a partir do seu próprio, todos tendem para o inferno. É, portanto, evidente que, se só o Senhor não governasse tanto os céus como os infernos, ninguém poderia jamais ser salvo. Além disso, todos os infernos agem como um só, pois os males nos infernos estão ligados entre si, como os bens nos céus. Só o Divino, que procede unicamente do Senhor, pode resistir a todos os infernos, que são inumeráveis e agem conjuntamente contra o céu e contra todos os que nele estão.

593. O equilíbrio entre os céus e os infernos diminui ou aumenta segundo o número dos que entram no céu e no inferno, que ascende a vários milhares por dia. Só o Senhor, e nenhum anjo, pode saber e perceber isto e regulá-lo e igualá-lo com precisão. O Divino que procede do Senhor é omnipresente e vê em toda a parte se há alguma oscilação; um anjo, porém, só vê o que está perto de si e não tem em si perceção do que se passa sequer na sua própria sociedade.

594. Como todas as coisas são dispostas nos céus e nos infernos para que todos e cada um dos que lá se encontram estejam no seu equilíbrio pode compreender-se, em certa medida, pelo que acima se disse e mostrou acerca dos céus e dos infernos. Todas as

sociedades do céu estão distintamente ordenadas segundo os bens e os seus géneros e variedades; todas as sociedades do inferno, segundo os males e os seus géneros e variedades. Por baixo de cada sociedade do céu há uma sociedade do inferno que lhe corresponde por oposição, e desta correspondência oposta resulta o equilíbrio. Por conseguinte, o Senhor providencia incessantemente para que nenhuma sociedade infernal situada sob uma sociedade celeste adquira preponderância; logo que começa a adquiri-la, é refreada por diversos meios e reduzida à exata medida do equilíbrio. Estes meios são muitos; mencionarei apenas alguns. Uns dizem respeito a uma presença mais forte do Senhor; outros, a uma comunicação e conjunção mais estreitas de uma ou mais sociedades com outras; outros, à expulsão dos espíritos infernais excedentes para desertos; outros, à transferência de certos espíritos de um inferno para outro; outros, à redução à ordem dos que estão nos infernos, também efetuada de diversas maneiras; outros, à ocultação de certos infernos sob coberturas mais densas e espessas e ao seu rebaixamento para profundidades maiores. Há ainda outros meios, além dos empregados nos céus acima dos infernos. Tudo isto foi dito para que se possa perceber, em certa medida, que só o Senhor providencia para que haja em toda a parte equilíbrio entre o bem e o mal e, portanto, entre o céu e o inferno; pois desse equilíbrio depende a segurança de todos os que estão nos céus e de todos os que estão na terra.

595. Deve saber-se que os infernos atacam continuamente o céu e se esforçam por destruí-lo, e que o Senhor protege continuamente os céus, afastando os seus habitantes dos males provenientes do

seu próprio e mantendo-os no bem que procede d'Ele. Foi-me muitas vezes permitido perceber a esfera que emana dos infernos: era inteiramente uma esfera de esforço para destruir o Divino do Senhor e, portanto, o céu. Perceberam-se também, por vezes, as ebulições de alguns infernos, que eram esforços para irromper e destruir. Em contrapartida, os céus nunca atacam os infernos, pois a esfera divina que procede do Senhor é um esforço perpétuo para salvar todos. E, como os que estão nos infernos não podem ser salvos — porque todos ali estão no mal e são contrários ao Divino do Senhor —, as violências nos infernos são dominadas tanto quanto possível e as crueldades são refreadas, para impedir que uns se lancem desmedidamente contra os outros. Também isto se realiza por inúmeras maneiras pelas quais o poder divino se exerce.

596. Os céus dividem-se em dois reinos: o reino celestial e o reino espiritual, de que se tratou acima (n^{os} 20–28). Do mesmo modo, os infernos dividem-se em dois reinos, um oposto ao reino celestial e outro ao reino espiritual. O que é oposto ao reino celestial fica no quadrante ocidental, e os que nele estão são chamados génios; o que é oposto ao reino espiritual fica nos quadrantes setentrional e meridional, e os que nele estão são chamados espíritos. Todos os que estão no reino celestial encontram-se no amor ao Senhor, e todos os que estão nos infernos opostos a esse reino encontram-se no amor de si. Todos os que estão no reino espiritual encontram-se no amor para com o próximo, e todos os que estão nos infernos opostos a esse reino encontram-se no amor do mundo. É, pois, evidente que o amor ao Senhor e o amor de si são opostos; e, do mesmo modo, o amor para com o próximo e o

amor do mundo. O Senhor providencia continuamente para que nada emane dos infernos opostos ao Seu reino celestial em direção aos que estão no reino espiritual; se isso acontecesse, o reino espiritual pereceria, pela razão indicada acima (n^{os} 678, 579). Estes são os dois equilíbrios gerais incessantemente mantidos pelo Senhor.

CAPÍTULO 63

Pelo Equilíbrio entre o Céu e o Inferno, O Homem Está Em Liberdade

597. Descreveu-se agora o equilíbrio entre o céu e o inferno e mostrou-se que é um equilíbrio entre o bem proveniente do céu e o mal proveniente do inferno; que é, portanto, um equilíbrio espiritual, cuja essência é a liberdade. O equilíbrio espiritual é, na sua essência, liberdade porque é um equilíbrio entre o bem e o mal e entre a verdade e a falsidade, que são espirituais. Por isso, poder querer o bem ou o mal, pensar o verdadeiro ou o falso e escolher um de preferência ao outro é a liberdade de que aqui se trata. Esta liberdade é dada pelo Senhor a todos os homens e nunca lhes é retirada. Na verdade, pela sua origem, não pertence ao homem, mas ao Senhor, visto proceder do Senhor. Não obstante, é dada ao homem com a sua vida como se fosse sua; e isto para que o homem tenha a possibilidade de ser reformado e salvo, pois sem liberdade não pode haver reforma nem salvação. Qualquer pessoa, com alguma intuição racional, pode ver que faz parte da liberdade do homem poder pensar errada ou corretamente, sincera ou insinceramente, justa ou injustamente; e também que é livre de falar e agir correta, honesta e justamente, mas não de falar e agir

errada, insincera e injustamente, devido às leis espirituais, morais e civis pelas quais o seu exterior é refreado. É, pois, evidente que é o espírito do homem, que pensa e quer, que está em liberdade, e não o seu exterior, que fala e age, salvo em conformidade com as leis acima mencionadas.

598. O homem não pode ser reformado se não tiver liberdade, porque nasce em males de toda a espécie, e estes têm de ser removidos para que possa ser salvo. Não podem ser removidos se não os vir em si e os reconhecer, deixando depois de os querer e, por fim, passando a ter-lhes aversão. Só então são removidos. Isto não pode acontecer se o homem não estiver no bem, assim como no mal, pois é a partir do bem que pode ver os males; a partir do mal, não pode ver o bem. Os bens espirituais que o homem é capaz de pensar aprende-os desde a infância pela leitura da Palavra e pela pregação; o bem moral e civil aprende-o pela sua vida no mundo. Esta é a primeira razão pela qual o homem deve estar em liberdade.

(2) Outra razão é que nada se torna próprio do homem senão aquilo que é feito a partir de uma afeição do seu amor. As outras coisas podem entrar, mas não vão além do pensamento, sem chegar à vontade; e tudo o que não entra na vontade do homem não se torna seu. O pensamento recebe da memória aquilo que lhe pertence, enquanto a vontade o recebe da própria vida. Só se pode chamar livre ao que procede da vontade ou, o que é o mesmo, da afeição do amor: aquilo que o homem quer ou ama, fá-lo livremente. Consequentemente, a liberdade do homem e a afeição do seu

amor, ou da sua vontade, são um só. É por esta razão que o homem tem liberdade: para que possa ser afetado pela verdade e pelo bem, ou amá-los, e para que assim se tornem como se fossem seus.

(3) Numa palavra, tudo o que não entra na liberdade do homem não tem permanência, porque não pertence ao seu amor ou à sua vontade; e o que não pertence ao amor ou à vontade do homem não pertence ao seu espírito, pois o próprio ser do espírito do homem é amor ou vontade. Diz-se amor ou vontade porque o homem quer aquilo que ama. É por isto que o homem só pode ser reformado em liberdade. Mas pode ver-se mais acerca da liberdade do homem nos *Arcanos Celestes*, nas passagens referidas abaixo.

599. Para que o homem esteja em liberdade e possa ser reformado, está em conjunção, quanto ao seu espírito, tanto com o céu como com o inferno. Junto de cada homem há espíritos do inferno e anjos do céu. É por meio do inferno que o homem está no seu próprio mal, enquanto é por meio dos anjos do céu que está no bem proveniente do Senhor. Assim se encontra em equilíbrio espiritual, isto é, em liberdade. Que os anjos do céu e os espíritos do inferno estão ligados a cada homem pode ver-se no capítulo sobre a conjunção do céu com o género humano (n^{os} 291–302).

600. Deve compreender-se que a conjunção do homem com o céu e com o inferno não é direta, mas mediata, por meio dos

espíritos que estão no mundo dos espíritos. São estes espíritos, e não os do próprio inferno ou do próprio céu, que estão junto do homem. Por meio dos espíritos maus do mundo dos espíritos, o homem está em conjunção com o inferno; por meio dos espíritos bons desse mundo, está em conjunção com o céu. É por isso que o mundo dos espíritos é intermédio entre o céu e o inferno e nele se encontra o próprio equilíbrio. Que o mundo dos espíritos é intermédio entre o céu e o inferno pode ver-se no capítulo sobre esse mundo (n^{os} 421–431); e que aí se encontra o equilíbrio essencial entre o céu e o inferno pode ver-se no capítulo anterior (n^{os} 589–596). De tudo isto resulta a origem da liberdade do homem.

601. Há ainda algo a dizer acerca dos espíritos ligados ao homem. Uma sociedade inteira pode comunicar com outra sociedade, ou com um indivíduo onde quer que ele esteja, por meio de um espírito enviado por essa sociedade. A esse espírito chama-se o sujeito de muitos. O mesmo acontece com a conjunção do homem com as sociedades do céu e com as do inferno, por meio dos espíritos do mundo dos espíritos que lhe estão ligados. Sobre este assunto, vejam-se também os *Arcanos Celestes*, nas passagens referidas abaixo.

602. Por fim, há que dizer alguma coisa acerca da intuição do homem relativa à sua vida depois da morte, que deriva do influxo do céu no homem. Alguns entre as pessoas simples do povo, que tinham vivido no mundo no bem da fé, foram reconduzidos a um estado semelhante àquele em que tinham estado no mundo, o que

pode fazer-se com qualquer pessoa quando o Senhor o concede. Mostrou-se então a opinião que tinham tido acerca do estado do homem depois da morte. Disseram que algumas pessoas inteligentes lhes tinham perguntado no mundo o que pensavam acerca da sua alma depois da vida na terra; responderam que não sabiam o que era a alma. Perguntaram-lhes então o que acreditavam acerca do seu estado depois da morte, e disseram que acreditavam que viveriam como espíritos. Perguntaram-lhes ainda o que entendiam por espírito, e disseram que era um homem. Perguntaram-lhes como o sabiam, e responderam que o sabiam porque assim era. Aqueles homens inteligentes admiraram-se de que os simples tivessem uma fé que eles próprios não tinham. Isto prova que, em todo o homem que está em conjunção com o céu, existe uma intuição acerca da sua vida depois da morte. Esta intuição não tem outra origem senão o influxo do céu, isto é, do Senhor através do céu, por meio dos espíritos do mundo dos espíritos ligados ao homem. Possuem-na os que não extinguiram a sua liberdade de pensar por noções previamente adotadas e confirmadas por diversos argumentos acerca da alma humana, tida como puro pensamento ou como algum princípio vital cuja sede se procura no corpo. Contudo, a alma nada mais é do que a vida do homem, enquanto o espírito é o próprio homem; e o corpo terreno que ele transporta consigo no mundo é apenas um instrumento pelo qual o espírito, que é o próprio homem, pode agir adequadamente no mundo natural.

603. O que nesta obra se disse acerca do céu, do mundo dos espíritos e do inferno será obscuro para os que não têm interesse

em conhecer as verdades espirituais, mas claro para os que têm esse interesse, especialmente para os que possuem afeição pela verdade por causa da própria verdade, isto é, que amam a verdade porque é verdade. Tudo o que então se ama entra com luz no pensamento da mente, sobretudo a verdade que é amada, porque toda a verdade está na luz.

1. Excertos dos Arcanos Celestes Acerca da Liberdade do Homem, do Influxo e dos Espíritos Pelos Quais Se Efetuam as Comunicações

1.1 A Liberdade

Toda a liberdade pertence ao amor ou à afeição, pois o homem faz livremente tudo o que ama (nos 2870, 3158, 8987, 8990, 9585, 9591).

Como a liberdade pertence ao amor, é a vida de cada um (n.º 2873).

Nada parece próprio do homem senão o que procede da liberdade (n.º 2880).

Há uma liberdade celeste e uma liberdade infernal (nos 2870, 2873, 2874, 9589, 9590).

(2) A liberdade celeste pertence ao amor celeste, ou ao amor do bem e da verdade (nos 1947, 2870, 2872).

Como o amor do bem e da verdade procede do Senhor, a própria liberdade consiste em ser conduzido pelo Senhor (nos 892, 905, 2872, 2886, 2890–2892, 9096, 9586, 9587, 9589–9591).

O homem é conduzido pelo Senhor à liberdade celeste por meio da regeneração (nos 2874, 2875, 2882, 2892).

O homem tem de possuir liberdade para ser regenerado (nos 1937, 1947, 2876, 2881, 3145, 3146, 3158, 4031, 8700).

De nenhuma outra maneira o amor do bem e da verdade pode ser implantado no homem e apropriado por ele como se fosse seu (nos 2877, 2879, 2880, 2888).

Nada se une ao homem num estado de coação (nos 2875, 8700).

Se o homem pudesse ser reformado por coação, todos seriam salvos (n.º 2881).

Na reforma, a coação é prejudicial (n.º 4031).

Todo o culto prestado em liberdade é culto; o culto prestado por coação não é culto (nos 1947, 2880, 7349, 10097).

O arrependimento deve realizar-se num estado livre; o arrependimento num estado de coação não tem valor (n.º 8392).

O que são os estados de coação (n.º 8392).

(3) É concedido ao homem agir a partir da liberdade da razão, para que lhe possa ser providenciado o bem; por isso, tem liberdade para pensar e querer até o mal e para o praticar na medida em que as leis não o proíbem (n.º 10777).

O homem é mantido pelo Senhor entre o céu e o inferno e, portanto, em equilíbrio, para que esteja em liberdade com vista à reforma (nos 5982, 6477, 8209, 8987).

O que é implantado em liberdade perdura, mas não o que é implantado sob coação (n.º 9588).

Por esta razão, nunca ninguém é privado da sua liberdade (nos 2876, 2881). O Senhor não constrange ninguém (nos 1937, 1947).

Constranger-se a si mesmo procede da liberdade, mas ser constrangido não (nos 1937, 1947).

O homem deve constranger-se a resistir ao mal (nos 1937, 1947, 7914).

Deve também fazer o bem como se o fizesse por si mesmo e, contudo, reconhecer que procede do Senhor (nos 2883, 2891, 2892, 7914).

O homem possui uma liberdade mais forte nos combates das tentações em que vence, pois então se constrange mais interiormente a resistir, embora pareça o contrário (nos 1937, 1947, 2881).

(4) A liberdade infernal consiste em ser conduzido pelos amores de si e do mundo e pelas suas cobiças (nos 2870, 2873).

Os que estão no inferno não conhecem outra liberdade (n.º 2871).

A liberdade celeste está tão afastada da liberdade infernal como o céu do inferno (nos 2873, 2874).

A liberdade infernal, que consiste em ser conduzido pelos amores de si e do mundo, não é liberdade, mas servidão (nos 2884, 2890).

A servidão consiste em ser conduzido pelo inferno (nos 9586, 9589–9591).

1.2 O Influxo

(5) Todas as coisas que o homem pensa e quer influem nele; demonstrado pela experiência (nos 904, 2886–2888, 4151, 4319, 4320, 5846, 5848, 6189, 6191, 6194, 6197–6199, 6213, 7147, 10219).

A capacidade do homem para prestar atenção aos assuntos, pensar e tirar conclusões analiticamente procede do influxo (nos 4319, 4320, 5288).

O homem não poderia viver um único instante se lhe fosse retirado o influxo do mundo espiritual; demonstrado pela experiência (nos 2887, 5849, 5854, 6321).

A vida que influi do Senhor varia segundo o estado do homem e segundo a receção (nos 2069, 5986, 6472, 7343).

Nos maus, o bem que influi do Senhor é transformado em mal, e a verdade em falsidade; demonstrado pela experiência (nos 3642, 4632).

O bem e a verdade que influem continuamente do Senhor são recebidos na exata medida em que não são impedidos pelo mal e pela falsidade (nos 2411, 3142, 3147, 5828).

(6) Todo o bem influi do Senhor, e todo o mal do inferno (nos 904, 4151).

Hoje, o homem acredita que todas as coisas estão em si e procedem de si, quando, na realidade, influem nele. Poderia sabê-lo pela doutrina da Igreja, que ensina que todo o bem procede de Deus e todo o mal do diabo (nos 4249, 6193, 6206).

Mas, se a crença do homem estivesse de acordo com esta doutrina, não se apropriaria do mal nem faria do bem uma coisa sua (nos 6206, 6324, 6325).

Quão feliz seria o estado do homem se acreditasse que todo o bem influi do Senhor e todo o mal do inferno (n.º 6325).

Os que negam o céu ou nada sabem acerca dele ignoram que existe algum influxo do céu (nos 4322, 5649, 6193, 6479).

O que é o influxo, ilustrado por comparações (nos 6128, 6190, 9407).

(7) Tudo o que pertence à vida influi da primeira fonte da vida, porque dela tem a sua origem, e influi continuamente; assim,

tudo o que pertence à vida procede do Senhor (nos 3001, 3318, 3337, 3338, 3344, 3484, 3619, 3741–3743, 4318–4320, 4417, 4524, 4882, 5847, 5986, 6325, 6468–6470, 6479, 9276, 10196).

O influxo é espiritual, e não físico; isto é, dá-se do mundo espiritual para o natural, e não do natural para o espiritual (nos 3219, 5119, 5259, 5427, 5428, 5477, 6322, 9110).

O influxo dá-se através do homem interno para o externo, ou através do espírito para o corpo, e não inversamente, porque o espírito do homem está no mundo espiritual e o seu corpo no natural (nos 1702, 1707, 1940, 1954, 5119, 5259, 5779, 6322, 9380).

O homem interno está no mundo espiritual e o externo no mundo natural (nos 978, 1015, 3628, 4459, 4523, 4524, 6057, 6309, 9701–9709, 10156, 10472).

Há uma aparência de influxo dos exteriores do homem para os interiores, mas isso é uma ilusão (n.º 3721).

No homem, há influxo nas coisas racionais e, através destas, nos conhecimentos, e não inversamente (nos 1495, 1707, 1940).

Qual é a ordem do influxo (nos 775, 880, 1096, 1495, 7270).

Há um influxo direto do Senhor e também um influxo mediato através do mundo espiritual, ou céu (nos 6063, 6307, 6472, 9682, 9683).

O influxo do Senhor dá-se no bem no homem e, através do bem, na verdade, e não inversamente (nos 5482, 5649, 6027, 8685, 8701, 10153).

O bem dá a capacidade de receber o influxo do Senhor; a verdade sem o bem não a dá (n.º 8321).

Nada do que influi no pensamento é prejudicial, mas apenas o que influi na vontade, pois é isto que o homem se apropria (n.º 6308).

(8) Há um influxo geral (n.º 5850).

É um esforço contínuo para agir segundo a ordem (n.º 6211).

Este influxo dá-se na vida dos animais (n.º 5850).

Também nos seres do reino vegetal (n.º 3648).

É segundo este influxo geral que, no homem, o pensamento passa à fala e a vontade aos atos e movimentos (nos 5862, 5990, 6192, 6211).

1.3 Os Espíritos-Sujeitos

(9) Os espíritos enviados pelas sociedades de espíritos a outras sociedades e a outros espíritos são chamados «sujeitos» (nos 4403, 5856).

As comunicações na outra vida efetuam-se por meio destes espíritos emissários (nos 4403, 5856, 5983).

O espírito enviado para servir de sujeito não pensa por si mesmo, mas a partir daqueles que o enviam (nos 5985–5987).

Diversos pormenores relativos a esses espíritos (nos 5988, 5989).

A Interação da Alma e do Corpo

Emanuel Swedenborg

1769

Tradução inglesa de John Whitehead, 1892

1. As Três Hipóteses acerca da Interação da Alma e do Corpo

1. Acerca da interação entre a alma e o corpo, ou da operação de um no outro e de um com o outro, há três opiniões e tradições, que são hipóteses. A primeira chama-se influxo físico; a segunda, influxo espiritual; e a terceira, harmonia preestabelecida. A primeira, chamada influxo físico, procede das aparências dos sentidos e das falácias delas resultantes, pois parece que os objetos da vista, que afetam os olhos, influem no pensamento e o produzem; do mesmo modo, que a fala, que move os ouvidos, influi na mente e aí introduz ideias; e assim também com os sentidos do olfato, do paladar e do tato. Como os órgãos destes sentidos recebem primeiro as impressões do contato com o mundo, e conforme são afetados parece que a mente pensa e também quer, os antigos filósofos e escolásticos acreditaram, por esta razão, que o influxo passava desses órgãos para a alma; adotaram assim a hipótese do influxo físico, ou natural.

[2] A segunda hipótese, chamada influxo espiritual, e por alguns influxo ocasional, procede da ordem e das suas leis. A alma é uma substância espiritual e, portanto, mais pura, anterior e interior; o corpo é material e, portanto, mais grosseiro, posterior e exterior. É conforme à ordem que o mais puro influa no mais grosseiro, o anterior no posterior e o interior no exterior; assim, o espiritual no material, e não inversamente. Consequentemente, é conforme à

ordem que a mente pensante influa na visão segundo o estado produzido nos olhos pelos objetos, estado que a mente também dispõe à vontade; e, do mesmo modo, que a mente percetiva influa na audição segundo o estado produzido nos ouvidos pela fala.

[3] A terceira hipótese, chamada harmonia preestabelecida, procede das aparências e falácias da razão, visto que a mente, na sua operação, age conjuntamente e ao mesmo tempo que o corpo. Contudo, toda a operação é primeiro sucessiva e só depois simultânea. A operação sucessiva é influxo, e a simultânea é harmonia, como quando a mente pensa e depois fala, ou quer e depois age. É, portanto, uma falácia da razão estabelecer a operação simultânea e excluir a sucessiva. Além destas três opiniões acerca da interação da alma e do corpo, nenhuma quarta é possível: ou a alma opera sobre o corpo, ou o corpo sobre a alma, ou ambos continuamente em conjunto.

2. O Influxo Espiritual e a Ordem da Sua Exposição

2. Como o influxo espiritual procede da ordem e das suas leis, conforme se disse, os sábios do mundo erudito reconheceram-no e aceitaram-no de preferência às outras duas hipóteses. Tudo o que procede da ordem é verdade, e a verdade manifesta-se pela luz nela implantada, mesmo na sombra da razão em que se encontram as hipóteses. Mas há três coisas que envolvem esta hipótese em sombra: a ignorância do que é a alma, do que é o espiritual e do que é o influxo. Estas três coisas têm, portanto, de ser primeiro

esclarecidas antes de a razão ver a própria verdade. A verdade hipotética não é a própria verdade, mas apenas uma conjetura da verdade. É como um quadro na parede visto de noite à luz das estrelas, ao qual a mente atribui formas diversas segundo a sua fantasia. É diferente quando a luz do Sol, depois da aurora, incide sobre ele e dispõe e mostra não só os seus traços gerais, mas também os particulares. Assim, a verdade revela-se a partir da sombra de verdade em que esta hipótese se encontra quando se sabe o que é o espiritual e qual a sua natureza em comparação com o natural; o que é a alma humana e qual a sua natureza; e também a natureza do influxo que flui para a alma e, através dela, para a mente percetiva e pensante e, desta, para o corpo.

[2] Mas estas coisas só podem ser explicadas por alguém a quem o Senhor tenha concedido conviver com os anjos no mundo espiritual e, ao mesmo tempo, com os homens no mundo natural. Como isto me foi concedido, pude descrever tanto o espiritual como o natural e a sua natureza. Fi-lo na obra sobre o *Amor Conjugal*: o espiritual é aí descrito no relato (nos 326–399); a alma humana, no n.º 315; o influxo, no n.º 380 e, mais plenamente, nos nos 415–422. Quem não sabe, ou não pode saber, que o bem do amor e a verdade da fé influem de Deus no homem, que influem na sua alma, são sentidos na sua mente e fluem do seu pensamento para a sua fala e da sua vontade para as suas ações?

[3] Que daí procedem o influxo espiritual, a sua origem e a sua derivação será mostrado pela seguinte ordem:

I. Há dois mundos: o mundo espiritual, onde estão os espíritos e os anjos, e o mundo natural, onde estão os homens.

II. O mundo espiritual surgiu e subsiste a partir do seu próprio Sol, e o mundo natural a partir do seu Sol.

III. O Sol do mundo espiritual é puro amor proveniente de Jeová Deus, que está no seu centro.

IV. Desse Sol procedem calor e luz; o calor que dele procede é, na sua essência, amor, e a luz é, na sua essência, sabedoria.

V. Tanto esse calor como essa luz influem no homem: o calor na sua vontade, onde produz o bem do amor, e a luz no seu entendimento, onde produz a verdade da sabedoria.

VI. Estes dois, calor e luz, ou amor e sabedoria, influem conjuntamente de Deus na alma do homem e, através dela, na sua mente, nas suas afeições e pensamentos, e, a partir destes, nos sentidos, na fala e nas ações do corpo.

VII. O Sol do mundo natural é puro fogo e, por meio desse Sol, o mundo da natureza surgiu e subsiste.

VIII. Por isso, tudo o que procede desse Sol, considerado em si mesmo, está morto.

IX. O espiritual reveste-se do natural, como o homem se reveste de uma veste.

X. As coisas espirituais assim revestidas no homem permitem-lhe viver como homem racional e moral, isto é, como homem espiritualmente natural.

XI. A receção desse influxo depende do estado de amor e sabedoria no homem.

XII. O entendimento do homem pode ser elevado à luz, isto é, à sabedoria em que estão os anjos do céu, segundo o cultivo da sua razão; e a sua vontade pode ser igualmente elevada ao calor, isto é, ao amor, segundo as ações da sua vida. Mas o amor da vontade só é elevado na medida em que o homem quer e faz aquilo que a sabedoria do entendimento ensina.

XIII. Com os animais, passa-se de maneira inteiramente diferente.

XIV. Há três graus no mundo espiritual e três graus no mundo natural, segundo os quais se realiza todo o influxo.

XV. Os fins estão no primeiro grau, as causas no segundo e os efeitos no terceiro.

XVI. Por estas coisas se torna evidente qual é a natureza do influxo espiritual, desde a sua origem até aos seus efeitos.

Cada uma destas proposições será agora brevemente ilustrada.

I. Há Dois Mundos: O Mundo Espiritual, Onde Estão os Espíritos e os Anjos, e o Mundo Natural, Onde Estão os Homens

3. Que existe um mundo espiritual, no qual estão os espíritos e os anjos, distinto do mundo natural em que estão os homens, permaneceu até agora profundamente oculto, mesmo no mundo cristão. A razão é que nenhum anjo desceu para o ensinar de viva voz e nenhum homem subiu para o ver. Para que, pela ignorância desse mundo e pela fé incerta acerca do céu e do inferno dela resultante, o homem não se deixasse iludir ao ponto de se tornar um naturalista ateu, aprouve ao Senhor abrir a visão do meu espírito, elevá-la ao céu, fazê-la também descer ao inferno e mostrar-me a natureza de ambos.

[2] Foi-me assim manifestado que há dois mundos distintos entre si: um em que todas as coisas são espirituais, chamado por isso mundo espiritual, e outro em que todas as coisas são naturais, chamado por isso mundo natural; que os espíritos e os anjos vivem no seu mundo e os homens no deles; e que todo o homem passa pela morte do seu mundo para o outro, onde vive eternamente. É necessário dar primeiro a conhecer ambos os mundos para que o

influxo de que aqui se trata possa ser revelado desde a sua origem. O mundo espiritual influi no mundo natural e põe-no em atividade em todas as suas partes, tanto nos homens como nos animais, constituindo também a atividade vegetativa nas árvores e nas ervas.

II. O Mundo Espiritual Surgiu e Subsiste a Partir do Seu Próprio Sol, e o Mundo Natural a Partir do Seu Sol

4. Há um Sol do mundo espiritual e outro do mundo natural porque esses mundos são inteiramente distintos, e um mundo tem origem no seu Sol. Um mundo em que todas as coisas são espirituais não pode surgir de um Sol do qual todas as coisas são naturais, pois haveria assim influxo físico, o que é contrário à ordem. Que o mundo surgiu do Sol, e não o contrário, é manifesto pelo efeito da causa: o mundo, em todas e cada uma das suas partes, subsiste por meio do Sol; e a subsistência demonstra a existência, pelo que se diz que a subsistência é existência perpétua. Daqui resulta que, se o Sol fosse retirado, o seu mundo cairia no caos, e esse caos no nada.

[2] Posso testemunhar que no mundo espiritual há um Sol diferente do que existe no mundo natural, pois vi-o. Parece ígneo como o nosso Sol, de grandeza quase semelhante, e está tão distante dos anjos como o nosso Sol dos homens. Mas não nasce nem se põe: permanece imóvel a uma altitude intermédia entre o

zénite e o horizonte, de onde os anjos recebem luz perpétua e primavera perpétua.

[3] O homem racional que nada sabe acerca do Sol do mundo espiritual facilmente se engana na sua ideia da criação do universo: quando a considera profundamente, não a concebe senão como proveniente da natureza e, sendo o Sol a origem da natureza, como proveniente do seu Sol enquanto criador. Além disso, ninguém pode compreender o influxo espiritual sem conhecer também a sua origem, pois todo o influxo procede de um Sol: o espiritual, do seu Sol, e o natural, do seu. A visão interna do homem, que é a da sua mente, recebe influxo do Sol espiritual; a sua visão externa, que é a do corpo, recebe influxo do Sol natural. Ambas se unem na operação, do mesmo modo que a alma se une ao corpo.

[4] Daqui se torna evidente em que cegueira, densas trevas e insensatez podem cair os que nada sabem acerca do mundo espiritual e do seu Sol. Em cegueira, porque a mente que depende apenas da visão dos olhos se torna, nos seus raciocínios, semelhante a um morcego que voa de noite de um lado para o outro em direção a um pano suspenso. Em densas trevas, porque a visão da mente, quando a visão dos olhos influi nela a partir de dentro, fica privada de toda a luz espiritual e se torna semelhante a uma coruja. Em insensatez, porque o homem continua a pensar, mas a partir das coisas naturais acerca das espirituais, e não inversamente; pensa, assim, de maneira desvairada, estúpida e insensata.

III. O Sol do Mundo Espiritual É Puro Amor Proveniente de Jeová Deus, Que Está no Seu Centro

5. As coisas espirituais não podem proceder de outra fonte que não seja o amor, e o amor não pode proceder de outra fonte que não seja Jeová Deus, que é o próprio amor. Por isso, o Sol do mundo espiritual, do qual emanam todas as coisas espirituais como da sua fonte, é puro amor proveniente de Jeová Deus, que está no seu centro. Esse Sol não é Deus, mas procede de Deus e é a esfera mais próxima em redor d'Ele, proveniente d'Ele. Por meio desse Sol, o universo foi criado por Jeová Deus; por universo entendem-se todos os mundos no seu conjunto, tão numerosos como as estrelas na extensão do nosso céu.

[2] A criação realizou-se por meio desse Sol, que é puro amor, portanto por Jeová Deus, porque o amor é o próprio ser da vida, e a sabedoria é o existir da vida que dele procede; todas as coisas foram criadas a partir do amor pela sabedoria. É isto que se entende por estas palavras de João:

> **A Palavra estava com Deus, e Deus era a Palavra; todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada foi feito do que foi feito; e o mundo foi feito por Ele (1:1, 3, 10).**

«A Palavra» é aí a verdade divina e, portanto, também a sabedoria divina. Por isso, a Palavra é também aí chamada a luz que ilumina todo o homem (versículo 9), tal como a sabedoria divina o faz pela verdade divina.

[3] Os que fazem derivar a origem dos mundos de outra fonte que não seja o amor divino pela sabedoria divina estão iludidos como pessoas de cérebro perturbado, que veem espectros como homens, fantasmas como luzes e seres imaginários como figuras reais. O universo criado é uma obra encadeada, proveniente do amor pela sabedoria. Verás isto se fores capaz de investigar as ligações das coisas na sua ordem, desde as primeiras até às últimas.

[4] Assim como Deus é um só, também o Sol espiritual é um só. A extensão do espaço não pode ser atribuída às coisas espirituais, que derivam desse Sol; a essência e a existência sem espaço estão em toda a parte nos espaços, sem espaço. Assim, o amor divino estende-se desde o princípio do universo até a todos os seus limites. Que o Divino preenche todas as coisas e, preenchendo-as, as conserva no estado em que foram criadas é algo que a razão vê de longe, e de perto na medida em que conhece a natureza do amor tal como é em si mesmo: a sua conjunção com a sabedoria para a perceção dos fins, o seu influxo na sabedoria para a apresentação das causas e a sua operação pela sabedoria para a produção dos efeitos.

IV. Desse Sol Procedem Calor e Luz; o Calor Que Dele Procede É, aa Sua Essência, Amor, e a Luz É, na Sua Essência, Sabedoria

6. Sabe-se que, na Palavra e, a partir dela, na linguagem comum dos pregadores, o amor divino é expresso pelo fogo, como quando se diz que o fogo celeste enche o coração e acende desejos santos de adorar Deus. A razão é que o fogo corresponde ao amor e, por isso, o significa. Daqui vem que Jeová Deus tenha sido visto como fogo na sarça diante de Moisés e, do mesmo modo, no monte Sinai diante dos filhos de Israel; e que tenha sido ordenado conservar perpetuamente o fogo sobre o altar e acender todas as tardes as luzes do candelabro no tabernáculo. Isto porque o fogo significava o amor.

[2] Que desse fogo procede calor é claramente evidente pelos efeitos do amor: o homem acende-se, aquece e inflama-se à medida que o seu amor se exalta em zelo ou no furor da ira. O calor do sangue, ou calor vital dos homens e dos animais em geral, não tem outra origem senão o amor, que constitui a sua vida. O fogo infernal também não é outra coisa senão o amor oposto ao amor celeste. É por esta razão que o amor divino aparece aos anjos como o Sol do seu mundo, ígneo como o nosso Sol, conforme acima se disse; e que os anjos estão no calor segundo a sua receção do amor proveniente de Jeová Deus através desse Sol.

[3] Daqui se segue que a luz é ali, na sua essência, sabedoria. O amor e a sabedoria são indivisíveis, como o ser e o existir, pois o amor existe pela sabedoria e segundo ela. Isto é muito semelhante ao que acontece no nosso mundo quando, na primavera, o calor se une à luz e produz germinação e, por fim, frutificação. Além disso, todos sabem que o calor espiritual é o amor e a luz espiritual é a sabedoria, pois o homem aquece segundo o seu amor, e o seu entendimento está na luz segundo a sua sabedoria.

[4] Vi muitas vezes essa luz espiritual. Excede imensamente a luz natural em claridade e esplendor, pois é como a própria claridade e o próprio esplendor, e aparece como neve brilhante e deslumbrante, tal como apareceram as vestes do Senhor quando foi transfigurado (Marcos 9:3; Lucas 9:29). Como a luz é a sabedoria, o Senhor chama a Si mesmo:

> **A Luz que ilumina todo o homem (João 1:9).**

E diz noutros lugares que:

> **Ele é a própria Luz (João 3:19; 8:12; 12:35, 36, 46).**

Isto é, que Ele é a própria verdade divina, que é a Palavra, portanto a própria sabedoria.

[5] Acredita-se que a luz natural, que é também a luz racional, procede da luz do nosso mundo; mas procede da luz do Sol do

mundo espiritual. A visão da mente influi na visão dos olhos e, assim, também as luzes, e não inversamente. Se acontecesse o contrário, haveria influxo físico, e não influxo espiritual.

V. Tanto Esse Calor Como Essa Luz Influem no Homem: O Calor na Sua Vontade, Onde Produz o Bem do Amor, e a Luz no Seu Entendimento, Onde Produz a Verdade da Sabedoria

7. Sabe-se que todas as coisas, universalmente, se referem ao bem e à verdade, e que não existe uma única entidade na qual não haja algo que se refira a ambos. É por isso que no homem há dois recetáculos da vida: um, o recetáculo do bem, chamado vontade; outro, o recetáculo da verdade, chamado entendimento. Como o bem pertence ao amor e a verdade à sabedoria, a vontade é o recetáculo do amor, e o entendimento o recetáculo da sabedoria. O bem pertence ao amor porque aquilo que o homem ama é o que quer e, quando o faz, chama-lhe bem. A verdade pertence à sabedoria porque toda a sabedoria procede de verdades; na realidade, o bem que o sábio pensa é verdade, tornando-se bem quando ele o quer e o pratica.

[2] Quem não distingue corretamente estes dois recetáculos da vida, a vontade e o entendimento, nem forma deles uma noção clara, procura em vão conhecer o influxo espiritual. Há influxo na vontade e influxo no entendimento: influxo do bem do amor na vontade do homem e influxo da verdade da sabedoria no seu entendimento. Ambos procedem de Jeová

Deus, imediatamente através do Sol em cujo centro Ele está, e mediatamente através do céu angélico. Estes dois recetáculos, a vontade e o entendimento, são tão distintos como o calor e a luz: a vontade recebe o calor do céu, que é, na sua essência, amor; o entendimento recebe a luz do céu, que é, na sua essência, sabedoria, como acima se disse.

[3] Há um influxo da mente humana na fala e um influxo nas ações. O influxo na fala procede da vontade através do entendimento; o influxo nas ações procede do entendimento através da vontade. Os que só conhecem o influxo no entendimento, e não ao mesmo tempo na vontade, e a partir disso raciocinam e concluem, são como pessoas de um só olho, que veem os objetos apenas de um lado e não também do outro; como os mutilados, que executam desajeitadamente o seu trabalho com uma só mão; ou como os coxos, que se deslocam num só pé com uma muleta. Destas poucas considerações torna-se claro que o calor espiritual influi na vontade do homem e produz o bem do amor, e que a luz espiritual influi no seu entendimento e produz a verdade da sabedoria.

VI. Estes Dois, Calor e Luz, ou Amor e Sabedoria, Influem Conjuntamente de Deus na Alma do Homem e, através dela, na Sua Mente, nas Suas Afeições e Pensamentos, e, a Partir Destes, nos Sentidos, na Fala e nas Ações do Corpo

8. Estes dois, calor e luz, ou amor e sabedoria, influem conjuntamente de Deus na alma do homem e, através dela, na sua mente, nas suas afeições e pensamentos, e, a partir destes, nos sentidos, na fala e nas ações do corpo. O influxo espiritual de que os homens eruditos têm tratado até agora é o influxo da alma no corpo, e não um influxo na alma e, através dela, no corpo. No entanto, sabe-se que todo o bem do amor e toda a verdade da fé influem de Deus no homem e que nada deles procede do homem; e que as coisas que influem de Deus influem diretamente na sua alma e, através da alma, na mente racional e, por esta, nas coisas que constituem o corpo. Quem investigar o influxo espiritual de outra maneira é como quem tapa a nascente de uma fonte e continua a procurar nela águas inesgotáveis; como quem faz derivar a origem de uma árvore da raiz, e não da semente; ou como quem examina os derivados sem o princípio.

[2] A alma não é a vida em si mesma, mas um recetáculo da vida proveniente de Deus, que é a vida em si mesma; e todo o influxo é da vida, portanto de Deus. É isto que significa a passagem:

> **Jeová Deus insuflou nas narinas do homem a alma das vidas, e o homem tornou-se alma viva (Génesis 2:7).**

«Insuflar nas narinas a alma das vidas» significa implantar a perceção do bem e da verdade. E o Senhor diz também de Si mesmo:

> **Assim como o Pai tem vida em Si mesmo, também deu ao Filho ter vida em Si mesmo (João 5:26).**

A «vida em Si mesmo» é Deus; a vida da alma é a vida que influi de Deus.

[3] Ora, como todo o influxo é da vida, e a vida opera pelos seus recetáculos, sendo a alma o mais íntimo, ou primeiro, dos recetáculos no homem, para perceber corretamente esse influxo é necessário começar por Deus, e não por um ponto intermédio. Se se começasse por um ponto intermédio, a doutrina do influxo seria como um carro sem rodas ou um navio sem velas. Por isso, nos artigos anteriores tratou-se do Sol do mundo espiritual, em cujo centro está Jeová Deus (n.º 5), e do influxo, a partir dele, do amor e da sabedoria, portanto da vida (nos 6, 7).

[4] A vida de Deus influi no homem através da alma e, por esta, na mente, isto é, nas suas afeições e pensamentos, e destes nos sentidos, na fala e nas ações do corpo, porque estas coisas pertencem à vida numa ordem sucessiva. A mente está subordinada à alma, e o corpo à mente. A mente tem duas vidas: uma da vontade e outra do entendimento. A vida da vontade é o bem do amor, cujas derivações se chamam afeições; a vida do entendimento é a verdade da sabedoria, cujas derivações se chamam pensamentos. É por ambas em conjunto que a mente vive. Mas os sentidos, a fala e as ações são a vida do corpo; que procedem da alma através da mente resulta da ordem em que estão e, por isso, manifesta-se ao sábio sem investigação.

[5] A alma humana, por ser uma substância espiritual superior, recebe o influxo imediatamente de Deus; a mente humana, por ser uma substância espiritual inferior, recebe-o de Deus mediatamente, através do mundo espiritual; e o corpo, por ser constituído pelas substâncias da natureza, chamadas materiais, recebe-o de Deus mediatamente, através do mundo natural. Que o bem do amor e a verdade da sabedoria influem conjuntamente de Deus na alma do homem, isto é, unidos num só, mas são separados pelo homem no seu percurso e só se unem nos que se deixam conduzir por Deus, ver-se-á nos artigos seguintes.

VII. O Sol do Mundo Natural é Puro Fogo e, Por Meio Desse Sol, o Mundo da Natureza Surgiu e Subsiste

9. A natureza e o seu mundo — isto é, as atmosferas e as terras chamadas planetas, entre as quais se encontra o globo terráqueo em que habitamos, bem como todas e cada uma das coisas que anualmente adornam a sua superfície — subsistem unicamente a partir do Sol, que constitui o seu centro e está em toda a parte presente pelos raios da sua luz e pelas variações do seu calor. Todos o sabem com certeza pela experiência, pelo testemunho dos sentidos e pelos escritos que tratam da maneira como o mundo se tornou habitado. Como a subsistência perpétua dessas coisas procede do Sol, a razão pode concluir com certeza que também dele procede a sua existência; pois subsistir perpetuamente é existir perpetuamente como primeiro existiram. Daqui resulta que o

mundo natural foi criado por Jeová Deus secundariamente, por meio desse Sol.

[2] Mostrou-se anteriormente que existem coisas espirituais e coisas naturais, inteiramente distintas entre si, e que a origem e a conservação das coisas espirituais procedem de um Sol que é puro amor, em cujo centro está o Criador e Fundador do universo, Jeová Deus. Mas que a origem e a conservação das coisas naturais procedem de um Sol que é puro fogo, que este procede do primeiro e que ambos procedem de Deus segue-se por si mesmo, como o posterior procede do anterior e o anterior do primeiro.

[3] Todos os efeitos do Sol da natureza e dos seus mundos mostram claramente que ele é puro fogo: a concentração dos seus raios num foco por instrumentos óticos, da qual resulta fogo que arde com veemência e também chama; a natureza do seu calor, semelhante ao do fogo elementar; a graduação desse calor segundo o ângulo de incidência, de onde procedem as variedades do clima e as quatro estações do ano; além de muitas outras coisas pelas quais a razão, mediante os sentidos do corpo, pode confirmar a verdade de que o Sol do mundo natural é apenas fogo, e fogo na sua própria pureza.

[4] Os que nada sabem acerca da origem das coisas espirituais a partir do seu próprio Sol, mas apenas acerca da origem das coisas naturais a partir do delas, dificilmente evitam confundir as coisas espirituais com as naturais. Pelas falácias dos sentidos e, daí, da

razão, concluem que as coisas espirituais não passam de coisas naturais puras, e que da atividade destas, excitada pela luz e pelo calor, surgem a sabedoria e o amor. Como nada veem com os olhos, nada cheiram com as narinas e nada respiram com o peito senão a natureza, atribuem-lhe também todas as coisas racionais e absorvem assim o naturalismo como a esponja absorve a água. Podem, porém, ser comparados a cocheiros que atrelam os cavalos atrás do carro, e não à frente.

[5] É diferente com os que distinguem as coisas espirituais das naturais e fazem derivar estas daquelas. Estes percebem também que o influxo da alma no corpo é espiritual e que as coisas naturais, pertencentes ao corpo, servem à alma de veículos e meios para produzir os seus efeitos no mundo natural. Se concluíres de outro modo, poderás ser comparado a um caranguejo que, ao andar, auxilia o seu avanço com a cauda e recua os olhos a cada passo; e a tua visão racional poderá ser comparada à visão dos olhos de Argos na parte de trás da cabeça, quando os da frente dormiam. Estas pessoas também se julgam Argos quando raciocinam, pois, dizem: quem não vê que a origem do universo procede da natureza? E que é então Deus senão a extensão mais íntima da natureza? E outras irracionalidades semelhantes, das quais se vangloriam mais do que os sábios das coisas racionais.

VIII. Por Isso, Tudo O Que Procede Desse Sol, Considerado Em Si Mesmo, Está Morto

10. Quem não vê, pela razão do seu entendimento, se este se elevar um pouco acima das coisas sensuais do corpo, que o amor, considerado em si mesmo, está vivo e que a aparência do seu fogo é vida; e, pelo contrário, que o fogo elementar, considerado em si mesmo, está, em comparação, morto? Consequentemente, o Sol do mundo espiritual, por ser puro amor, está vivo; o Sol do mundo natural, por ser puro fogo, está morto; e o mesmo acontece com todas as coisas que deles procedem e existem.

[2] Há duas coisas que produzem todos os efeitos no universo: a Vida e a Natureza. Produzem-nos segundo a ordem quando a vida, a partir de dentro, põe a natureza em atividade. É diferente quando a natureza, a partir de dentro, leva a vida a agir, o que acontece nos que colocam a natureza, morta em si mesma, acima e dentro da vida e que, por isso, procuram unicamente os prazeres dos sentidos e as cobiças da carne, sem cuidarem das coisas espirituais da alma e das coisas verdadeiramente racionais da mente. Devido a essa inversão, são chamados «mortos». Assim são todos os naturalistas ateus no mundo e todos os satanases no inferno.

[3] São também chamados «mortos» na Palavra, como em David:

> **Uniram-se a Baal-Peor e comeram os sacrifícios dos mortos (Salmos 106:28).**
>
> **O inimigo persegue a minha alma; faz-me sentar nas trevas, como os mortos do mundo (Salmos 143:3).**

> Para ouvir o gemido dos presos e abrir aos filhos da morte (Salmos 102:20).

E no Apocalipse:

> Conheço as tuas obras: tens nome de quem vive, mas estás morto. Sê vigilante e fortalece as coisas que restam, prestes a morrer (3:1, 2).

[4] São chamados «mortos» porque a morte espiritual é a condenação, e a condenação é o destino dos que acreditam que a vida procede da natureza e, portanto, que a luz da natureza é a luz da vida, ocultando, sufocando e extinguindo assim toda a ideia de Deus, do céu e da vida eterna. São como as corujas, que veem luz nas trevas e trevas na luz, isto é, falsidades como verdades e males como bens. Como os prazeres do mal são os prazeres dos seus corações, assemelham-se às aves e aos animais que devoram os corpos dos mortos como iguarias e sentem os odores fétidos dos sepulcros como bálsamos. Também não veem outro influxo senão o físico, ou natural; se, apesar disso, afirmam que o influxo é espiritual, não o fazem por qualquer ideia que tenham dele, mas por o terem ouvido da boca de um mestre.

IX. O Espiritual Reveste-Se do Natural, como O Homem Se Reveste de Uma Veste

11. Sabe-se que em toda a operação há um ativo e um passivo, e que nada existe apenas a partir do ativo, nem apenas a partir

do passivo. O mesmo acontece com o espiritual e o natural: o espiritual, por ser uma força viva, é ativo; o natural, por ser uma força morta, é passivo. Daqui resulta que tudo o que existiu neste mundo solar desde o princípio e depois existe a cada instante procede do espiritual através do natural, não só nos seres do reino animal, mas também nos do reino vegetal.

[2] Conhece-se também outra coisa semelhante: em tudo o que é efetuado há um principal e um instrumental, e ambos, quando alguma coisa é feita, aparecem como um só, embora sejam distintamente dois. Por isso, uma das regras da sabedoria é que a causa principal e a causa instrumental constituem em conjunto uma só causa; o mesmo acontece com o espiritual e o natural. Ao produzirem efeitos, aparecem como um só porque o espiritual está dentro do natural como a fibra dentro do músculo e o sangue dentro das artérias, ou como o pensamento dentro da fala e a afeição nos sons; e faz-se sentir por meio do natural. Por estas coisas, embora ainda como através de uma grade, torna-se evidente que o espiritual se reveste do natural, como o homem se reveste de uma veste.

[3] O corpo orgânico de que a alma se reveste é aqui comparado a uma veste porque reveste a alma, e porque a alma também o despe e o abandona como um invólucro quando, pela morte, emigra do mundo natural para o seu próprio mundo espiritual. O corpo envelhece como uma veste, mas a alma não, porque é uma substância espiritual que nada tem em comum com as mudanças

da natureza, que progridem dos seus princípios para os seus fins e terminam periodicamente.

[4] Os que não consideram o corpo como a veste ou cobertura da alma, morto em si mesmo e apenas adaptado a receber as forças vivas que influem de Deus através da alma, não podem deixar de concluir, por falácias, que a alma vive por si e o corpo por si, havendo uma harmonia preestabelecida entre as vidas de ambos; ou ainda que a vida da alma influi na vida do corpo, ou a vida do corpo na vida da alma, concebendo assim o influxo como espiritual ou natural. No entanto, é uma verdade comprovada por tudo o que é criado que o posterior não age por si mesmo, mas a partir do anterior de que procedeu; e que este também não age por si mesmo, mas a partir de algo ainda anterior. Assim, nada age senão a partir do Primeiro, que age por Si mesmo, portanto de Deus. Além disso, há uma só vida, e esta não pode ser criada, mas pode, eminentemente, influir em formas organicamente adaptadas à sua receção. Tais formas são todas e cada uma das coisas no universo criado.

[5] Muitos acreditam que a alma é a vida e que, portanto, o homem, por viver da alma, vive da sua própria vida, isto é, de si mesmo, e não por um influxo da vida proveniente de Deus. Mas estes não podem deixar de atar uma espécie de nó górdio de falácias e nele enredar todos os juízos da sua mente, de onde resultam puras insensatezes nas coisas espirituais; ou de construir um labirinto do qual a mente nunca pode, por qualquer fio da razão, refazer o caminho e libertar-se. Também se deixam efetivamente

descer, por assim dizer, a cavernas debaixo da terra, onde habitam em trevas eternas.

[6] Desta crença procedem inúmeras falácias, cada uma delas horrível: que Deus Se transfundiu e Se transcreveu nos homens, sendo assim cada homem uma espécie de divindade que vive por si mesma e, portanto, faz o bem e é sábia por si; que possui igualmente em si a fé e a caridade, derivando-as de si mesmo, e não de Deus; além de muitas crenças monstruosas semelhantes às que prevalecem nos que estão no inferno e que, no mundo, acreditaram que a natureza vivia ou produzia vida pela sua própria atividade. Quando estes olham para o céu, veem a sua luz como densas trevas. Ouvi uma vez uma voz do céu dizer que, se uma centelha de vida no homem fosse sua, e não de Deus nele, não haveria céu nem coisa alguma nele; daí, não haveria Igreja na terra e, consequentemente, não haveria vida eterna. Pode consultar-se mais sobre este assunto no relato inserido na obra sobre o *Amor Conjugal* (n^{os} 132–136).

X. As Coisas Espirituais assim Revestidas no Homem Permitem-Lhe Viver como Homem Racional e Moral, isto é, Como Homem Espiritualmente Natural

12. Isto segue-se como conclusão do princípio acima estabelecido: a alma reveste-se de um corpo como o homem se reveste de uma veste. A alma influi na mente humana e, através dela, no corpo, transportando consigo a vida que

> recebe continuamente do Senhor e transferindo-a assim mediatamente para o corpo, onde, pela mais estreita união, faz com que o corpo, por assim dizer, viva. Por mil testemunhos da experiência, é evidente que o espiritual unido ao material, como uma força viva a uma força morta, faz com que o homem fale racionalmente e aja moralmente.

[2] Parece que a língua e os lábios falam por uma certa vida que possuem em si mesmos e que os braços e as mãos agem de igual modo; mas é o pensamento, em si mesmo espiritual, que fala, e a vontade, igualmente espiritual, que age, cada um pelos seus órgãos, materiais em si mesmos, porque retirados do mundo natural. Isto torna-se claro como o dia se se atender ao seguinte: retira o pensamento da fala — não fica a boca muda num instante? Retira também a vontade da ação — não ficam as mãos imóveis num instante?

[3] A união das coisas espirituais com as naturais e a aparência de vida daí resultante nas coisas materiais podem comparar-se ao vinho generoso numa esponja limpa, ao mosto doce numa uva, ao suco saboroso numa maçã e ao odor aromático na canela. As fibras que contêm todas estas coisas são matérias que, por si mesmas, não têm sabor nem fragrância, mas os recebem dos fluidos que se encontram nelas e entre elas; se espremeres esses sucos, restam filamentos mortos. Assim são os órgãos próprios do corpo se lhes for retirada a vida.

[4] Que o homem é racional pela união das coisas espirituais com as naturais é evidente pelos processos analíticos do seu pensamento; que é moral, pela honradez da sua conduta e pela graciosidade do seu porte. Possui estas qualidades pela faculdade de receber o influxo do Senhor através do céu angélico, onde está a própria morada da sabedoria e do amor, portanto da racionalidade e da moralidade. Daqui se percebe que o espiritual e o natural, unidos no homem, fazem com que ele viva como homem espiritualmente natural. Vive depois da morte de maneira semelhante e, contudo, diferente, porque a sua alma está então revestida de um corpo substancial, tal como no mundo natural estava revestida de um corpo material.

[5] Muitos acreditam que as perceções e os pensamentos da mente, por serem espirituais, influem nus, e não através de formas organizadas. Mas assim sonham os que não viram os interiores da cabeça, onde as perceções e os pensamentos têm os seus princípios; nem que aí se encontram os cérebros, entretecidos e compostos de substâncias cinzenta e medular, com glândulas, cavidades, septos e as meninges e membranas que os envolvem; nem que o homem pensa e quer de maneira sã ou insana segundo o estado são ou alterado de todas essas coisas. É, por conseguinte, racional e moral segundo a formação orgânica da sua mente. Nada poderia afirmar-se da visão racional do homem, que é o entendimento, sem formas organizadas para receber a luz espiritual, tal como nada poderia afirmar-se da visão natural sem os olhos; e assim nos outros casos.

XI. A Receção desse Influxo Depende do Estado de Amor e Sabedoria no Homem

13. Demonstrou-se acima que o homem não é a vida, mas um órgão recetor da vida proveniente de Deus; que o amor juntamente com a sabedoria é a vida; e que Deus é o próprio amor e a própria sabedoria, portanto a própria vida. Daqui resulta que, na medida em que o homem ama a sabedoria, ou em que nele há sabedoria no seio do amor, é uma imagem de Deus, isto é, um recetáculo da vida proveniente de Deus. Pelo contrário, na medida em que está no amor oposto e, daí, na insensatez, não recebe a vida de Deus, mas do inferno, vida a que se chama morte.

[2] O próprio amor e a própria sabedoria não são a vida, mas o ser da vida; são os prazeres do amor e os agrados da sabedoria, que são afeições, que constituem a vida, pois o ser da vida existe por eles. O influxo da vida proveniente de Deus traz consigo esses prazeres e agrados, tal como o influxo da luz e do calor na primavera nas mentes humanas e também nas aves e animais de todas as espécies, e até nas plantas, que então germinam e se tornam fecundas. Os prazeres do amor e os agrados da sabedoria expandem as mentes e adaptam-nas à receção, como as alegrias e o contentamento expandem o rosto e o adaptam ao influxo da jovialidade da alma.

[3] O homem afetado pelo amor da sabedoria é como o jardim do Éden, no qual há duas árvores: a da vida e a do conhecimento do bem e do mal. A árvore da vida é a receção do amor e da sabedoria provenientes de Deus; a árvore do conhecimento do bem e do mal é a receção deles a partir de si mesmo. Esta última é insensata e, ainda assim, julga-se sábia como Deus; a primeira é verdadeiramente sábia e acredita que ninguém é sábio senão Deus, e que o homem é sábio na medida em que acredita nisso, sendo mais sábio na medida em que sente que o quer. Pode ver-se mais sobre este assunto no relato inserido na obra sobre o *Amor Conjugal* (n^{os} 132–136).

[4] Acrescentarei aqui um arcano do céu que confirma estas coisas. Todos os anjos do céu voltam a fronte para o Senhor como Sol, e todos os anjos do inferno voltam para Ele a parte posterior da cabeça. Estes recebem o influxo nas afeições da sua vontade, que em si mesmas são cobiças, e fazem com que o entendimento as favoreça; aqueles recebem o influxo nas afeições do seu entendimento e fazem com que a vontade as favoreça. Por isso, uns estão na sabedoria e os outros na insensatez: o entendimento humano habita no cérebro, sob a fronte, e a vontade no cerebelo, na parte posterior da cabeça.

[5] Quem não sabe que um homem insensato pelas falsidades favorece as cobiças do seu próprio mal e as confirma por razões do entendimento, enquanto o sábio vê, pelas verdades, a natureza das cobiças da sua vontade e as refreia? O sábio faz isto porque volta o rosto para Deus, isto é, acredita em Deus, e não em si mesmo; o

insensato faz o contrário porque desvia o rosto de Deus, isto é, acredita em si mesmo, e não em Deus. Acreditar em si mesmo é acreditar que ama e é sábio por si, e não por Deus: é isto que significa comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Acreditar em Deus é acreditar que ama e é sábio por Deus, e não por si mesmo: isto é comer da árvore da vida (Apocalipse 2:7).

[6] Por estas coisas, embora ainda apenas como à luz da Lua durante a noite, pode perceber-se que a receção do influxo da vida proveniente de Deus depende do estado de amor e sabedoria no homem. Este influxo pode ainda ser ilustrado pelo influxo da luz e do calor nas plantas, que florescem e dão fruto segundo a estrutura das fibras que as formam, portanto segundo a receção. Pode também ilustrar-se pelo influxo dos raios de luz nas pedras preciosas, que os transformam em cores segundo a disposição das partes que as compõem, também segundo a receção; e igualmente pelas lentes óticas e pelas gotas de chuva, que exibem arco-íris segundo as incidências, as refrações e, portanto, as receções da luz. O mesmo se passa com as mentes humanas quanto à luz espiritual, que procede do Senhor como Sol e influi perpetuamente, mas é recebida de maneiras diversas.

XII. O Entendimento do Homem Pode Ser Elevado à Luz, isto é, à Sabedoria em Que Estão os Anjos do Céu, Segundo o Cultivo da Sua Razão; e a Sua Vontade Pode Ser Igualmente Elevada ao Calor, isto é, ao Amor, Segundo as Ações da Sua Vida. Mas o Amor da Vontade Só É Elevado

na Medida em Que O Homem Quer e Faz Aquilo Que a Sabedoria do Entendimento Ensina

14. O entendimento do homem pode ser elevado à luz, isto é, à sabedoria em que estão os anjos do céu, segundo o cultivo da sua razão; e, do mesmo modo, a sua vontade pode ser elevada ao calor do céu, isto é, ao amor, segundo as ações da sua vida. Mas o amor da vontade só é elevado na medida em que o homem quer e faz aquilo que a sabedoria do entendimento ensina. Por mente humana entendem-se as suas duas faculdades, chamadas entendimento e vontade. O entendimento é o recetáculo da luz do céu, que é, na sua essência, sabedoria; a vontade é o recetáculo do calor do céu, que é, na sua essência, amor, como acima se mostrou. Estes dois, sabedoria e amor, procedem do Senhor como Sol e influem no céu universal e particularmente, de onde os anjos recebem sabedoria e amor; influem também neste mundo universal e particularmente, de onde os homens recebem sabedoria e amor.

[2] Mas ambos procedem unidos do Senhor e igualmente unidos influem nas almas dos anjos e dos homens, sem, contudo, serem recebidos unidos nas suas mentes. A luz que forma o entendimento é aí recebida primeiro, e o amor que constitui a vontade é recebido gradualmente. Também isto pertence à providência, porque todo o homem tem de ser criado de novo, isto é, reformado, e isso realiza-se através do entendimento. Desde a infância, tem de adquirir os conhecimentos da verdade e do bem que lhe ensinarão a viver bem,

isto é, a querer e a agir retamente. Assim, a vontade é formada através do entendimento.

[3] Para este fim, é dada ao homem a faculdade de elevar o seu entendimento quase até à luz em que estão os anjos do céu, para que veja o que deve querer e, daí, fazer, a fim de prosperar no mundo durante algum tempo e ser feliz depois da morte pela eternidade. Torna-se próspero e feliz se adquirir sabedoria e mantiver a sua vontade em obediência a ela; mas torna-se desafortunado e infeliz se submeter o entendimento à obediência da vontade. A razão é que a vontade, desde o nascimento, se inclina para os males, até para os enormes. Se não fosse refreada pelo entendimento, o homem precipitar-se-ia em atrocidades; pela sua natureza selvagem inata, despovoaria e massacraria, por causa de si mesmo, todos os que não o favorecessem e satisfizessem.

[4] Além disso, se o entendimento não pudesse ser aperfeiçoado separadamente e a vontade por meio dele, o homem não seria homem, mas animal. Sem essa separação e sem a elevação do entendimento acima da vontade, não poderia pensar e, a partir do pensamento, falar: apenas poderia exprimir a sua afeição por sons. Não poderia agir pela razão, mas apenas pelo instinto; muito menos poderia conhecer as coisas de Deus e, por meio delas, Deus, entrar assim em conjunção com Ele e viver eternamente. O homem pensa e quer como por si mesmo, e este «como por si mesmo» é a reciprocidade da conjunção; não pode haver conjunção sem reciprocidade, tal como não pode haver conjunção do ativo com o passivo sem reação. Só Deus age; o homem deixa-se mover por

essa ação e reage, segundo toda a aparência, como por si mesmo, embora interiormente o faça a partir de Deus.

[5] Compreendidas corretamente estas coisas, pode ver-se qual é a natureza do amor da vontade do homem quando é elevado por meio do entendimento e qual é quando não é elevado; consequentemente, qual é a natureza do homem. Mas ilustrarei por comparações a natureza do homem cujo amor da vontade não é elevado pelo entendimento. É como uma águia que voa alto e, logo que vê em baixo o alimento que deseja — pintos, cisnes novos ou até cordeiros —, se precipita num instante e os devora. É também como um adúltero que esconde uma prostituta numa cave e ora sobe à parte mais alta da casa e conversa sabiamente sobre a castidade com os que ali habitam, ora se afasta à pressa dos companheiros e vai satisfazer em baixo a sua lascívia com a prostituta.

[6] É ainda como um ladrão numa torre, que finge vigiar, mas, logo que vê em baixo algo para roubar, desce à pressa e se apodera disso. Pode também comparar-se às moscas dos pântanos que voam em coluna sobre a cabeça de um cavalo em corrida, mas que caem quando o cavalo pára e mergulham no seu pântano. Assim é o homem cuja vontade, ou amor, não é elevada pelo entendimento: permanece em baixo, ao pé, mergulhado nas impurezas da natureza e nas cobiças dos sentidos. É inteiramente diferente com os que dominam os atrativos das cobiças da vontade por meio da sabedoria do entendimento. Nestes, o entendimento entra depois

numa aliança conjugal com a vontade, e, portanto, a sabedoria com o amor, e ambos habitam juntos nas alturas, em delícias.

XIII. Com os Animais, Passa-Se de Maneira Inteiramente Diferente

15. Os que julgam apenas pela aparência aos sentidos do corpo concluem que os animais possuem vontade e entendimento como os homens, e que a única diferença é o homem poder falar e, assim, descrever o que pensa e deseja, enquanto os animais só o podem exprimir por sons. Contudo, os animais não têm vontade e entendimento, mas apenas uma imagem de ambos, a que os eruditos chamam um análogo.

[2] O homem é homem porque o seu entendimento pode elevar-se acima dos desejos da sua vontade, conhecê-los e vê-los de cima e também moderá-los; o animal é animal porque os seus desejos o impelem a fazer tudo o que faz. Por isso, o homem é homem na medida em que a sua vontade obedece ao seu entendimento; o animal é animal na medida em que o seu entendimento obedece à sua vontade. Daqui se conclui que o entendimento do homem, porque recebe a luz que influi do céu, a apreende e percebe como sua e, a partir dela, pensa analiticamente com toda a variedade, inteiramente como por si mesmo, está vivo e é, portanto, um verdadeiro entendimento. A vontade do homem, porque recebe o amor que influi do céu e a partir dele age como por si mesma, está

viva e é, portanto, verdadeiramente vontade. Com os animais, passa-se o contrário.

[3] Por isso, os que pensam a partir das cobiças da vontade são comparados a animais e, no mundo espiritual, aparecem à distância como animais; também agem como animais, com a única diferença de que podem agir de outro modo se quiserem. Mas os que refreiam as cobiças da sua vontade por meio do entendimento e, por isso, agem racional e sabiamente, aparecem no mundo espiritual como homens e são anjos do céu.

[4] Numa palavra, a vontade e o entendimento nos animais estão sempre ligados; e, como a vontade é em si mesma cega, por pertencer ao calor, e não à luz, torna também cego o entendimento. Por isso, o animal não conhece nem compreende as suas próprias ações e, contudo, age, pois age a partir de um influxo do mundo espiritual; tal ação é instinto.

[5] Acredita-se que o animal pensa pelo entendimento aquilo que faz, mas não é assim. É impelido a agir apenas pelo amor natural que possui desde a criação, com o auxílio dos sentidos do corpo. O homem pensa e fala unicamente porque o seu entendimento pode separar-se da vontade e elevar-se até à luz do céu; é o entendimento que pensa e o pensamento que fala.

[6] Os animais agem segundo as leis da ordem inscritas na sua natureza, e alguns como que moral e racionalmente, ao contrário

de muitos homens, porque o seu entendimento é uma obediência cega aos desejos da vontade; por isso, não podem pervertê-los por raciocínios depravados, como os homens fazem. Deve observar-se que, por vontade e entendimento dos animais, nas afirmações anteriores, se entende uma imagem e um análogo dessas faculdades. Os análogos recebem esse nome pela aparência.

[7] A vida do animal pode comparar-se à de um sonâmbulo que caminha e age pela vontade enquanto o entendimento está em sono profundo; à de um cego que percorre as ruas guiado por um cão; à de uma pessoa insensata que, pelo costume e pelo hábito daí adquirido, executa o seu trabalho segundo regras; e ainda à de uma pessoa sem memória e, por isso, privada de entendimento, que, contudo, sabe ou aprende a vestir-se, a comer iguarias, a amar o sexo, a percorrer as ruas de casa em casa e a fazer o que apazigua os sentidos e satisfaz a carne, sendo levada pelos seus atrativos e prazeres, embora não pense e, por isso, não possa falar.

[8] Daqui se torna claro quanto se enganam os que acreditam que os animais gozam de racionalidade e só se distinguem dos homens pela figura externa e por não poderem exprimir as coisas racionais que escondem no interior. A partir dessas falácias, muitos concluem até que, se o homem vive depois da morte, também os animais viverão; e, inversamente, que, se os animais não vivem depois da morte, o homem também não viverá. Além destas, há muitas fantasias decorrentes da ignorância acerca da vontade e do entendimento, e também dos graus pelos quais, como por uma escada, a mente humana sobe ao céu.

XIV. Há Três Graus no Mundo Espiritual e Três Graus no Mundo Natural, Segundo os Quais Se Realiza Todo o Influxo

16. Há três graus no mundo espiritual e três graus no mundo natural, até agora desconhecidos, segundo os quais se realiza todo o influxo. Pela investigação das causas a partir dos efeitos, descobre-se que há duas espécies de graus: uma em que se encontram as coisas anteriores e posteriores, outra em que se encontram as maiores e menores. Os graus que distinguem as coisas anteriores e posteriores devem chamar-se graus de altura, e também graus discretos; os graus pelos quais se distinguem as coisas maiores e menores devem chamar-se graus de largura, e também graus contínuos.

[2] Os graus de altura, ou discretos, são como as gerações e composições de uma coisa a partir de outra: por exemplo, de um nervo a partir das suas fibras e de uma fibra a partir das suas fibrilas; ou de um pedaço de madeira, pedra ou metal a partir das suas partes, e de cada parte a partir das suas partículas. Os graus de largura, ou contínuos, são como os aumentos e diminuições do mesmo grau de altura quanto à largura, comprimento, altura e profundidade: volumes maiores e menores de água, ar ou éter, ou massas grandes e pequenas de madeira, pedra ou metal.

[3] Todas e cada uma das coisas em ambos os mundos, o espiritual e o natural, estão, desde a criação, em graus destas duas

espécies. Todo o reino animal deste mundo se encontra nesses graus, tanto no geral como no particular; o mesmo acontece com todo o reino vegetal e todo o reino mineral, bem como com a extensão das atmosferas desde o Sol até à terra.

[4] Há, portanto, três atmosferas discretamente distintas segundo os graus de altura, tanto no mundo espiritual como no natural, porque cada mundo tem o seu Sol. Mas as atmosferas do mundo espiritual, pela sua origem, são substanciais, e as do mundo natural, pela sua origem, são materiais. Como as atmosferas descem das suas origens segundo esses graus e são os recipientes e, por assim dizer, os veículos da luz e do calor, segue-se que há três graus de luz e calor. E, sendo a luz no mundo espiritual, na sua essência, sabedoria, e o calor, na sua essência, amor, conforme se mostrou no artigo correspondente, segue-se também que há três graus de sabedoria e três graus de amor, portanto três graus de vida; pois são graduados pelas coisas através das quais passam.

[5] É por isso que há três céus angélicos: um superior, também chamado terceiro céu, onde estão os anjos do grau mais elevado; um médio, também chamado segundo céu, onde estão os anjos do grau intermédio; e um inferior, também chamado primeiro céu, onde estão os anjos do grau mais baixo. Estes céus distinguem-se também segundo os graus de sabedoria e amor. Os que estão no céu inferior encontram-se no amor de conhecer as verdades e os bens; os do céu médio, no amor de os compreender; e os do céu superior, no amor de ser sábios, isto é, de viver segundo aquilo que conhecem e compreendem.

[6] Como os céus angélicos se distinguem em três graus, também a mente humana se distingue em três graus, porque é uma imagem do céu, isto é, um céu na forma mínima. Daqui vem que o homem possa tornar-se anjo de um desses três céus, segundo a sua receção da sabedoria e do amor provenientes do Senhor: anjo do céu inferior se receber apenas o amor de conhecer as verdades e os bens; anjo do céu médio se receber o amor de os compreender; e anjo do céu superior se receber o amor de ser sábio, isto é, de viver segundo eles. Que a mente humana se distingue em três regiões, segundo os três céus, pode ver-se no relato inserido na obra sobre o *Amor Conjugal* (n.º 270). Daqui resulta que todo o influxo espiritual dirigido ao homem e que nele entra desce do Senhor através destes três graus e é recebido pelo homem segundo o grau de sabedoria e amor em que se encontra.

[7] O conhecimento destes graus é da maior utilidade no presente, pois muitos, por não os conhecerem, permanecem e se fixam no grau mais baixo, no qual estão os sentidos do corpo; e, pela ignorância, que é densas trevas intelectuais, não podem elevar-se à luz espiritual que está acima deles. Por isso, o naturalismo invade-os como que espontaneamente logo que começam qualquer investigação ou indagação acerca da alma e da mente humanas e da sua racionalidade, e mais ainda se indagam acerca do céu e da vida depois da morte. Tornam-se assim comparáveis aos que estão nas praças com telescópios nas mãos, olhando para o céu e proferindo vãs previsões; e aos que tagarelam e raciocinam acerca de todos os objetos que veem e de tudo o que ouvem, sem que nisso haja algo de racional proveniente do

entendimento. Mas tais pessoas são como talhantes que se julgam peritos em anatomia por terem examinado exteriormente as vísceras de bois e ovelhas, mas não interiormente.

[8] É, porém, verdade que pensar a partir do influxo da luz natural, não iluminada pelo influxo da luz espiritual, nada mais é do que sonhar; e falar a partir desse pensamento é dizer disparates. Pode ver-se mais acerca destes graus na obra *O Amor Divino e a Sabedoria Divina* (n^{os} 173–281).

XV. Os Fins Estão no Primeiro Grau, as Causas no Segundo e os Efeitos no Terceiro

17. Quem não vê que o fim não é a causa, mas produz a causa, e que a causa não é o efeito, mas produz o efeito; e que, portanto, são três coisas distintas que se sucedem em ordem? O fim no homem é o amor da sua vontade, pois aquilo que ama é o que se propõe e intenta; a causa nele é a razão do seu entendimento, pois, por meio dela, o fim procura causas mediatas ou eficientes; e o efeito é a operação do corpo a partir delas e segundo elas. Há, assim, três coisas no homem que se sucedem em ordem, tal como os graus de altura se sucedem. Quando estas três coisas aparecem em ato, o fim está interiormente na causa, e o fim, através da causa, está no efeito; por isso, as três coexistem no efeito. É por esta razão que se diz na Palavra que cada um será julgado segundo as suas obras: o fim, ou amor da vontade, e a causa, ou razão do

entendimento, estão juntos nos efeitos, que são as obras do corpo. Nelas se encontra, portanto, a qualidade do homem inteiro.

[2] Os que não sabem estas coisas e não distinguem assim os objetos da razão não podem evitar encerrar as ideias do seu pensamento nos átomos de Epicuro, nas mónadas de Leibniz ou nas substâncias simples de Wolff. Fecham desse modo os seus entendimentos como com um ferrolho, de tal maneira que nem sequer podem pensar racionalmente acerca do influxo espiritual, porque não conseguem pensar em qualquer progressão; pois o autor diz da sua substância simples que, se for dividida, cai no nada. Assim, o entendimento fica imóvel na sua primeira luz, proveniente apenas dos sentidos do corpo, sem avançar um passo. Daí não se conceber senão que o espiritual é um natural subtil, que os animais têm uma faculdade racional como os homens e que a alma é um sopro de vento, como o que se exala do peito quando alguém morre; além de muitas coisas que não pertencem à luz, mas às densas trevas.

[3] Como todas as coisas do mundo espiritual e todas as do mundo natural procedem segundo estes graus, conforme se mostrou no artigo anterior, é evidente que a inteligência consiste propriamente em conhecê-los, distingui-los e vê-los na sua ordem. Por meio destes graus, conhece-se também a natureza de cada homem quando se conhece o seu amor. Como acima se disse, o fim, que pertence à vontade, as causas, que pertencem ao

entendimento, e os efeitos, que pertencem ao corpo, procedem do seu amor como a árvore da semente e o fruto da árvore.

[4] Há três espécies de amor: o amor do céu, o amor do mundo e o amor de si. O amor do céu é espiritual, o amor do mundo é material e o amor de si é corporal. Quando o amor é espiritual, todas as coisas que dele procedem, como formas da sua essência, recebem daí a sua natureza espiritual. Do mesmo modo, se o amor principal é o amor do mundo, ou da riqueza, sendo portanto material, todas as coisas que dele procedem, como derivados do seu princípio, recebem daí a sua natureza material. Igualmente, se o amor principal é o amor de si, ou da preeminência sobre todos os outros, sendo portanto corporal, todas as coisas que dele procedem recebem daí a sua natureza corporal. A razão é que o homem que está neste amor considera apenas a si mesmo e mergulha assim os pensamentos da mente no seu corpo. Por isso, como se acaba de dizer, quem conhece o amor dominante de alguém e, ao mesmo tempo, a progressão dos fins para as causas e das causas para os efeitos, três coisas que se seguem em ordem segundo os graus de altura, conhece o homem inteiro. É assim que os anjos do céu conhecem todos aqueles com quem falam: percebem o seu amor pelo tom da fala, veem a sua imagem no rosto e o seu caráter nos gestos do corpo.

XVI. Por Estas Coisas Se Torna Evidente Qual É a Natureza do Influxo Espiritual, desde a Sua Origem até aos Seus Efeitos

18. Por estas coisas se torna evidente qual é a natureza do influxo espiritual, desde a sua origem até aos seus efeitos. Até agora, o influxo espiritual foi deduzido da alma para o corpo, mas não de Deus para a alma e, assim, para o corpo. Procedeu-se deste modo porque ninguém sabia coisa alguma acerca do mundo espiritual e do Sol que nele existe, do qual todas as coisas espirituais fluem como da sua fonte; e, portanto, nada sabia acerca do influxo das coisas espirituais nas naturais.

[2] Ora, como me foi concedido estar ao mesmo tempo no mundo espiritual e no mundo natural e, assim, ver cada mundo e cada Sol, a minha consciência obriga-me a manifestar estas coisas. De que serve saber, se aquilo que é conhecido de uma pessoa não for também conhecido das outras? Sem isso, que é o saber senão reunir e guardar riquezas num cofre, olhando-as apenas de vez em quando e contando-as, sem pensar em qualquer uso que possam ter? A avareza espiritual não é outra coisa.

[3] Mas, para se conhecer plenamente o que é o influxo espiritual e qual a sua natureza, é necessário saber o que é o espiritual na sua essência, o que é o natural e também o que é a alma humana. Para que este breve tratado não fique, por ignorância dessas coisas, incompleto, importa consultar alguns relatos inseridos na obra sobre o *Amor Conjugal*: acerca do espiritual, o relato dos nos 326–329; acerca da alma humana, o n.º 315; e acerca do influxo das coisas espirituais nas naturais, o n.º 380 e, mais plenamente, os nos 415–422.

3. O Debate entre Aristotélicos, Cartesianos e Leibnizianos

> 19. Acrescentarei a estas coisas o seguinte relato que, depois de as ter escrito, orei ao Senhor para que me fosse permitido conversar com discípulos de Aristóteles e, ao mesmo tempo, com discípulos de Descartes e de Leibniz, a fim de conhecer as opiniões das suas mentes acerca da interação entre a alma e o corpo. Depois da minha oração, apresentaram-se nove homens: três aristotélicos, três cartesianos e três leibnizianos. Colocaram-se à minha volta: os admiradores de Aristóteles à esquerda, os seguidores de Descartes à direita e os partidários de Leibniz atrás. A bastante distância e separados entre si, viam-se três pessoas como que coroadas de louros; por uma perceção que influiu em mim, soube que eram os próprios três grandes mestres. Atrás de Leibniz estava alguém que segurava na mão a aba da sua veste; disseram-me que era Wolff. Ao verem-se, aqueles nove homens começaram por se cumprimentar e conversar num tom cortês.

[2] Mas logo surgiu de baixo um espírito com uma tocha na mão direita, que agitou diante dos seus rostos. Tornaram-se então inimigos, três contra três, e olharam-se com semblante feroz, tomados pelo desejo de disputar e discutir. Os aristotélicos, que eram também escolásticos, começaram então a falar:

— Quem não vê que os objetos entram pelos sentidos na alma, como se entra pelas portas num aposento, e que a alma pensa segundo esse influxo? Quando um enamorado vê uma bela jovem ou a sua noiva, não cintila o seu olho e não transporta para a alma o amor por ela? Quando um avarento vê sacos de dinheiro, não arde por eles com todos os sentidos e não transmite daí esse ardor à alma, excitando a cobiça de os possuir? Quando um soberbo ouve os seus louvores da boca de outro, não apura os ouvidos, e não transmitem estes esses louvores à alma? Não são os sentidos do corpo como átrios exteriores, únicos acessos à alma? Destas coisas e de inúmeras outras semelhantes, quem pode concluir outra coisa senão que o influxo procede da natureza, ou é físico?

[3] A estas afirmações, os seguidores de Descartes, que tinham mantido os dedos sobre a testa e agora os retiravam, responderam:

— Ai de vós, falais pelas aparências! Não sabeis que o olho não ama a jovem ou a noiva por si mesmo, mas a partir da alma? Que os sentidos do corpo também não cobiçam por si os sacos de dinheiro, mas a partir da alma? E que os ouvidos não acolhem de outra maneira os louvores dos aduladores? Não é a perceção que causa a sensação? E a perceção pertence à alma, não aos órgãos. Dizei, se puderdes: que faz a língua e os lábios falarem senão o pensamento? E que faz as mãos trabalhar senão a vontade? O pensamento e a vontade pertencem à alma, não ao corpo. Que faz, pois, o olho ver, os ouvidos ouvir e os restantes órgãos sentir senão a alma? Destas coisas e de inúmeras outras semelhantes, todo aquele cuja sabedoria está acima das coisas sensuais do corpo

conclui que não há influxo do corpo na alma, mas da alma no corpo, ao qual chamamos influxo ocasional e também espiritual.

[4] Depois de os ouvirem, os três homens que estavam atrás das primeiras tríades, os partidários de Leibniz, ergueram a voz:

— Ouvimos os argumentos de ambos os lados e comparámo-los. Percebemos que, em muitos pontos, os últimos são mais fortes do que os primeiros e que, em muitos outros, os primeiros são mais fortes do que os últimos. Por isso, se nos for permitido, resolveremos a disputa.

Perguntando-lhes como, disseram:

— Não há influxo da alma no corpo, nem do corpo na alma, mas uma operação unânime e instantânea de ambos em conjunto, à qual um célebre autor deu o belo nome de harmonia preestabelecida.

[5] Nisto, reapareceu o espírito com a tocha na mão, agora na esquerda, e agitou-a atrás das suas cabeças. As suas ideias sobre tudo se tornaram confusas, e gritaram em conjunto:

— Nem a nossa alma nem o nosso corpo sabem que partido tomar. Decidamos, pois, esta disputa por sorteio, e apoiaremos a opção que sair primeiro.

Tomaram três pedaços de papel e escreveram num «influxo físico», noutro «influxo espiritual» e no terceiro «harmonia preestabelecida». Puseram-nos num chapéu e escolheram um de entre eles para tirar à sorte. Este meteu a mão e pegou no papel em que estava escrito «influxo espiritual». Quando o viram e leram, disseram todos, uns com voz clara e fluente, outros com voz fraca e abafada:

— Apoiemos este, porque saiu primeiro.

[6] Mas então apareceu subitamente um anjo, que disse:

— Não acrediteis que o papel favorável ao influxo espiritual saiu por acaso, mas pela providência. Não vedes a sua verdade porque estais em ideias confusas; porém, a própria verdade apresentou-se à mão daquele que tirou à sorte, para que a apoiásseis.

4. De Filósofo a Teólogo: O Pescador Espiritual

20. Perguntaram-me uma vez como me tornara teólogo depois de ter sido filósofo. Respondi:

— Da mesma maneira que os pescadores foram feitos discípulos e apóstolos pelo Senhor; também eu, desde a primeira juventude, fui um pescador espiritual.

Ao ouvir isto, o meu interlocutor perguntou:

— Que é um pescador espiritual?

Respondi que um pescador, no sentido espiritual da Palavra, significa um homem que investiga e ensina verdades naturais e, depois, verdades espirituais de maneira racional.

[2] À pergunta «Como se demonstra isso?», respondi:

— Por estas passagens da Palavra:

> Então faltarão as águas do mar, e o rio ficará seco e ressequido; por isso, os pescadores lamentar-se-ão, e todos os que lançam anzol ao mar ficarão tristes (Isaías 19:5, 8).

Noutro lugar:

> Junto do rio cujas águas foram curadas, os pescadores estavam desde En-Gedi; ali estendiam as redes; os seus peixes, segundo a sua espécie, eram como os peixes do grande mar, muitíssimo numerosos (Ezequiel 47:9–10).

E noutro lugar:

> Palavra de Jeová: eis que enviarei muitos pescadores, que pescarão os filhos de Israel (Jeremias 16:16).

Daqui resulta por que razão o Senhor escolheu pescadores como discípulos e disse:

> **Vinde após Mim, e farei de vós pescadores de homens (Mateus 4:18–19; Marcos 1:16–17).**

E a Pedro, depois de ter apanhado uma multidão de peixes:

> **Doravante apanharás homens (Lucas 5:9–10).**

[3] Mostrei depois a origem deste significado de pescadores a partir do *Apocalipse Revelado*: «água» significa verdades naturais (n^{os} 50, 932), assim como «rio» (n^{os} 409, 932); «peixes», os que estão nas verdades naturais (n.º 405); e, daí, «pescadores» significa os que investigam e ensinam verdades.

[4] Ao ouvir isto, o meu interlocutor ergueu a voz e disse:

— Agora compreendo por que razão o Senhor chamou e escolheu pescadores para serem Seus discípulos. Por isso, não me admira que também te tenha chamado e escolhido, visto que, como disseste, foste desde a primeira juventude um pescador no sentido espiritual, isto é, um investigador das verdades naturais. Se agora és investigador das verdades espirituais, é porque estas assentam naquelas.

Acrescentou, por ser homem de razão, que só o Senhor sabe quem está apto a receber e a ensinar as coisas da Sua Nova Igreja, seja alguém de entre os dignitários, seja alguém de entre os seus servos. Além disso, que teólogo entre os cristãos não estuda primeiro filosofia na universidade antes de ser investido como teólogo? E de que outra fonte lhe vem a inteligência?

[5] Por fim, disse:

— Já que te tornaste teólogo, explica qual é a tua teologia.

Respondi:

— São dois os seus princípios: Deus é um só, e há conjunção da caridade e da fé.

Ao que replicou:

— Quem o nega?

Respondi:

— A teologia dos nossos dias, quando examinada interiormente.

Notas

Prefácio

[1] A consumação da era é o período final da Igreja (nos 4535, 10622).

[2] As predições do Senhor em Mateus (24 e 25), acerca da consumação da era e da Sua vinda, e da consequente devastação sucessiva da Igreja e do Juízo Final, são explicadas nos prefácios aos capítulos 26–40 do Génesis (nos 3353–3356, 3486–3489, 3650–3655, 3751–3757, 3897–3901, 4056–4060, 4229–4231, 4332–4335, 4422–4424, 4635–4638, 4661–4664, 4807–4810, 4954–4959, 5063–5071).

[3] Tanto no conjunto como nos particulares da Palavra existe um sentido interno ou espiritual (nos 1143, 1984, 2135, 2333, 2395, 2495, 4442, 9048, 9063, 9086).

[4] A Palavra foi escrita unicamente por correspondências e, por essa razão, cada uma e todas as coisas nela contidas têm um significado espiritual (nos 1404, 1408, 1409, 1540, 1619, 1659, 1709, 1783, 2900, 9086).

[5] Na Palavra, o «Sol» significa o Senhor quanto ao amor e, por conseguinte, o amor ao Senhor (nos 1529, 1837, 2441, 2495, 4060, 4696, 7083, 10809).

[6] Na Palavra, a «Lua» significa o Senhor quanto à fé e, por conseguinte, a fé no Senhor (nos 1529, 1530, 2495, 4060, 4696, 7083).

[7] Na Palavra, as «estrelas» significam os conhecimentos do bem e da verdade (nos 2495, 2849, 4697).

[8] As «tribos» significam todas as verdades e todos os bens no seu conjunto, portanto todas as coisas da fé e do amor (nos 3858, 3926, 4060, 6335).

[9] A vinda do Senhor significa a Sua presença na Palavra e a revelação (nos 3900, 4060).

[10] Na Palavra, as nuvens significam a Palavra na letra, ou o sentido da sua letra (nos 4060, 4391, 5922, 6343, 6752, 8106, 8781, 9430, 10551, 10574).

[11] Na Palavra, a «glória» significa a verdade divina tal como existe no céu e no sentido interno da Palavra (nos 4809, 5922, 8267, 8427, 9429, 10574).

[12] Na Palavra, a «glória» significa a verdade divina tal como existe no céu e no sentido interno da Palavra (nos 4809, 5922, 8267, 8427, 9429, 10574).

Capítulo 1

[1] Na outra vida, os cristãos foram examinados quanto à sua ideia de um único Deus, e verificou-se que tinham a ideia de três deuses (nos 2329, 5256, 10736, 10738, 10821). No céu reconhece-se uma Trindade divina no Senhor (nos 14, 15, 1729, 2005, 5256, 9303).

[2] Um Divino que não pode ser percebido por ideia alguma não pode ser recebido pela fé (nos 4733, 5110, 5663, 6982, 6996, 7004, 7211, 9356, 9359, 9972, 10067, 10267).

[3] Todo o céu pertence ao Senhor (nos 2751, 7086). Ele tem todo o poder nos céus e nas terras (nos 1607, 10089, 10827). Como o Senhor governa o céu, governa também tudo o que dele depende, portanto, todas as coisas no mundo (nos 2026, 2027, 4523, 4524). Só o Senhor tem o poder de afastar os infernos, de preservar do mal e de manter no bem, e assim de salvar (n.º 10019).

Capítulo 2

[1] Os anjos do céu reconhecem que todo o bem provém do Senhor e nada deles mesmos, e que o Senhor habita neles naquilo que é Seu e não naquilo que é deles (nos 9338, 10125, 10151, 10157). Por isso, na Palavra, os «anjos» significam algo do Senhor (nos 1925, 2821, 3039, 4085, 8192, 10528). Além disso, os anjos são chamados «deuses» por receberem o Divino do Senhor (nos 4295, 4402, 7268, 7873, 8192, 8301). Também todo o bem que é bem e toda a verdade que é verdade, por conseguinte toda a paz, amor,

caridade e fé, provêm do Senhor (nos 1614, 2016, 2751, 2882, 2883, 2891, 2892, 2904). Assim como toda a sabedoria e inteligência (nos 109, 112, 121, 124).

2 Diz-se que os que estão no céu estão no Senhor (nos 3637, 3638).

3 O bem proveniente do Senhor tem o Senhor interiormente em si, mas o bem proveniente do que é próprio do homem não O tem (nos 1802, 3951, 8480).

Capítulo 3

1 Na Palavra, o «fogo» significa o amor celeste e o amor infernal (nos 934, 4906, 5215). O «fogo santo e celeste» significa o amor divino e toda a afeição que pertence a esse amor (nos 934, 6314, 6832). A «luz» do fogo significa a verdade que procede do bem do amor; e a luz no céu significa a verdade divina (nos 3195, 3485, 3636, 3643, 3993, 4302, 4413, 4415, 9548, 9684).

2 O amor é o fogo da vida, e a própria vida provém efetivamente dele (nos 4906, 5071, 6032, 6314).

3 Amar o Senhor e o próximo é viver segundo os mandamentos do Senhor (nos 10143, 10153, 10310, 10578, 10648).

4 Amar o próximo não é amar a pessoa, mas amar nela aquilo pelo qual ela é o que é, isto é, a sua verdade e o seu bem (nos 5028, 10336). Os que amam a pessoa, e não aquilo nela pelo qual ela é o que é, amam igualmente o mal e o bem (n.º 3820). A caridade é querer as verdades e ser afetado pelas verdades por amor das próprias verdades (nos 3876, 3877). A caridade para com o próximo é fazer o que é bom, justo e reto em cada obra e em cada função (nos 8120–8122).

5 Os anjos são formas de amor e de caridade (nos 3804, 4735, 4797, 4985, 5199, 5530, 9879, 10177).

6 Uma esfera espiritual, que é uma esfera da vida, transborda e emana de cada homem, espírito e anjo, envolvendo-os (nos 4464, 5179, 7454, 8630). Emana da vida da sua afeição e do pensamento que dela resulta (nos 2489, 4464, 6206).

7 Os espíritos e os anjos voltam-se constantemente para os seus amores, e os que estão nos céus voltam-se constantemente para o Senhor (nos 10130, 10189, 10420, 10702). Na outra vida, os quadrantes são, para cada um, conformes à direção do seu rosto e determinados por ela, diferentemente do que acontece no mundo (nos 10130, 10189, 10420, 10702).

8 O amor contém inúmeras coisas e reúne em si tudo o que está em harmonia consigo (nos 2500, 2572, 3078, 3189, 6323, 7490, 7750).

Capítulo 4

1 Existe uma variedade infinita, e em parte alguma há algo igual a outra coisa (nos 7236, 9002). Também nos céus existe uma variedade infinita (nos 684, 690, 3744, 5598, 7236). As variedades no céu são variedades do bem (nos 3744, 4005, 7236, 7833, 7836, 9002). Todas as sociedades nos céus, e todos os anjos numa sociedade, se distinguem assim uns dos outros (nos 690, 3241, 3519, 3804, 3986, 4067, 4149, 4263, 7236, 7833, 7836). Não obstante, todos se tornam um pelo amor proveniente do Senhor (nos 457, 3986).

2 O céu, no seu conjunto, divide-se em dois reinos, um reino celestial e um reino espiritual (nos 3887, 4138). Os anjos do reino celestial recebem o Divino do Senhor na sua faculdade volitiva, portanto mais interiormente do que os anjos espirituais, que o recebem na sua faculdade intelectual (nos 5113, 6367, 8521, 9936, 9995, 10124).

3 Os céus que constituem o reino celestial são chamados superiores, ao passo que os que constituem o reino espiritual são chamados inferiores (n.º 10068).

4 As coisas interiores são representadas pelas coisas superiores, e as coisas superiores significam coisas interiores (nos 2148, 3084, 4599, 5146, 8325).

5 O bem do reino celestial é o bem do amor ao Senhor, e o bem do reino espiritual é o bem da caridade para com o próximo (nos 3691, 6435, 9468, 9680, 9683, 9780).

6 Os anjos celestiais excedem incomensuravelmente em sabedoria os anjos espirituais (nos 2718, 9995). A natureza da distinção entre os anjos celestiais e os anjos espirituais (nos 2088, 2669, 2708, 2715, 3235, 3240, 4788, 7068, 8521, 9277, 10295).

7 Os anjos celestiais não raciocinam acerca das verdades da fé, porque as percebem em si mesmos; mas os anjos espirituais raciocinam acerca delas, perguntando se são verdadeiras ou não (nos 202, 337, 597, 607, 784, 1121, 1384, 1898, 1919, 3246, 4448, 7680, 7877, 8780, 9277, 10786).

8 O influxo do Senhor dirige-se ao bem e, através do bem, à verdade, e não inversamente; portanto, à vontade e, através dela, ao entendimento, e não inversamente (nos 5482, 5649, 6027, 8685, 8701, 10153).

9 A vontade do homem é o próprio ser [esse] da sua vida e o recetáculo do bem do amor, ao passo que o seu entendimento é o existir [existere] da sua vida a partir daquele, e o recetáculo da verdade e do bem da fé (nos 3619, 5002, 9282). Assim, a vida da vontade é a vida principal do homem, e dela procede a vida do entendimento (nos 585, 590, 3619, 7342, 8885, 9282, 10076, 10109, 10110). Tudo o que é recebido pela vontade torna-se vida e é apropriado ao homem (nos 3161, 9386, 9393). O homem é homem a partir da sua vontade e do entendimento que dela procede (nos 8911, 9069, 9071, 10076, 10109, 10110). Além disso, quem quer e entende retamente é amado e estimado pelos outros, ao passo que aquele que entende retamente e não quer retamente é rejeitado e desprezado (nos 8911, 10076). Também depois da morte o homem permanece tal como foram a sua vontade e o entendimento que dela procedia, enquanto as coisas que pertencem ao entendimento, mas não também à vontade, desaparecem então, porque não estão no homem (nos 9069, 9071, 9282, 9386, 10153).

10 Entre os dois reinos há comunicação e conjunção por meio de sociedades angélicas chamadas celestiais-espirituais (nos 4047, 6435, 8796, 8802). O influxo do Senhor através do reino celestial para o espiritual (nos 3969, 6366).

Capítulo 5

1 Todas as coisas da ordem divina estão reunidas no homem, e, pela criação, o homem é a ordem divina em forma (nos 3628, 4219, 4220, 4223, 4523, 4524, 5114, 5168, 6013, 6057, 6605, 6626, 9706, 10156, 10472). No homem, o homem interno foi formado à imagem do céu, e o externo à imagem do mundo; por isso, os antigos chamavam ao homem um microcosmo (nos 3628, 4523, 5115, 6013, 6057, 9279, 9706, 10156, 10472). Assim, quanto aos seus interiores, o homem é, pela criação, um céu na sua menor forma, à imagem do maior; e é também nisso que se torna quando é novamente criado ou regenerado pelo Senhor (nos 911, 1900, 1928, 3624–3631, 3634, 3884, 4041, 4279, 4523, 4524, 4625, 6013, 6057, 9279, 9632).

2 Há três céus: o mais íntimo, o intermédio e o mais exterior, ou terceiro, segundo e primeiro (nos 684, 9594, 10270). Os bens que neles se encontram seguem também uma ordem tríplice (nos 4938, 4939, 9992, 10005, 10017). O bem do céu mais íntimo ou terceiro chama-se celestial; o bem do intermédio ou segundo chama-se espiritual; e o bem do mais exterior ou primeiro, espiritual-natural (nos 4279, 4286, 4938, 4939, 9992, 10005, 10017, 10068).

3 Há no homem tantos graus de vida quantos os céus, e estes abrem-se depois da morte de acordo com a sua vida (nos 3747, 9594). O céu está no homem (n.º 3884). Por isso, quem recebeu o céu em si durante a vida no mundo entra no céu depois da morte (n.º 10717).

4 Os interiores são mais perfeitos porque estão mais próximos do Divino (nos 3405, 5146, 5147). No interno há milhares e milhares de coisas que, no externo, aparecem como uma única coisa geral (n.º 5707). Na medida em que o homem é elevado dos externos para os interiores, entra na luz e, portanto, na inteligência; esta elevação é como sair de uma nuvem para a claridade (nos 4598, 6183, 6313).

5 O influxo do Senhor é direto, a partir de Si mesmo, e também mediato, através de um céu para outro, e de modo semelhante para os interiores do homem (nos 6063, 6307, 6472, 9682, 9683). O influxo direto do Divino proveniente do Senhor (nos 6058, 6474–6478, 8717, 8728). O influxo mediato através do mundo espiritual para o mundo natural (nos 4067, 6982, 6985, 6996).

6 Todas as coisas procedem de coisas anteriores a si mesmas, portanto de um Primeiro, e subsistem de igual modo, porque subsistir é proceder incessantemente; por isso, nada desligado pode existir (nos 3626–3628, 3648, 4523, 4524, 6040, 6056).

7 7 As coisas interiores e exteriores não são contínuas, mas distintas e discretas segundo os graus, e cada grau tem os seus limites (nos 3691, 5114, 5145, 8603, 10099). Uma coisa forma-se a partir de outra, e as coisas assim formadas não são continuamente mais puras ou mais grosseiras (nos 6326, 6465). Enquanto não se perceber a diferença entre o interior e o exterior segundo estes graus, não se poderá compreender claramente nem o homem interno e externo, nem os céus interiores e exteriores (nos 5146, 6465, 10099, 10181).

Capítulo 6

1 Há uma variedade infinita, e nunca uma coisa é idêntica a outra (nos 7236, 9002). Também nos céus há, portanto, uma variedade infinita (nos 684, 690, 3744, 5598, 7236). As variedades nos céus, que são infinitas, são variedades de bem (nos 3744, 4005, 7236, 7833, 7836, 9002). Estas variedades existem por meio das verdades, que são múltiplas e das quais procede o bem de cada um (nos 3470, 3804, 4149, 6917, 7236). É por isso que todas as sociedades nos céus, e todos os anjos de uma sociedade, são distintos entre si (nos 690, 3241, 3519, 3804, 3986, 4067, 4149, 4263, 7236, 7833, 836). Todos, porém, formam uma unidade pelo amor proveniente do Senhor (nos 457, 3986).

[2] Todas as sociedades do céu têm uma posição constante segundo as diferenças do seu estado de vida, portanto segundo as diferenças do amor e da fé (nos 1274, 3638, 3639). Coisas maravilhosas na outra vida, isto é, no mundo espiritual, acerca da distância, da situação, do lugar, do espaço e do tempo (nos 1273–1277).

[3] Toda a liberdade pertence ao amor e à afeição, pois o homem faz livremente aquilo que ama (nos 2870, 3158, 8987, 8990, 9555, 9591). Como a liberdade pertence ao amor, dela procedem a vida e o deleite de cada um (n.º 2873). Nada parece pertencer ao próprio senão o que procede da sua liberdade (n.º 2880). A liberdade mais verdadeira consiste em ser conduzido pelo Senhor, porque assim se é conduzido pelo amor do bem e da verdade (nos 892, 905, 2872, 2886, 2890–2892, 9096, 9586–9591).

[4] Toda a proximidade, parentesco, ligação e, por assim dizer, laço de sangue no céu procede do bem e é conforme às suas concordâncias e diferenças (nos 685, 917, 1394, 2739, 3612, 3815, 4121).

[5] Uma esfera espiritual, que é a esfera da vida, emana de cada homem, espírito e anjo e envolve-os (nos 4464, 5179, 7454, 5630). Procede da vida da sua afeição e do seu pensamento (nos 2459, 4464, 6206). Estas esferas estendem-se longe nas sociedades angélicas, segundo a qualidade e a quantidade do seu bem (nos 6598–6612, 8063, 5794, 5797).

[6] Nos céus, é possível a partilha de todos os bens, porque o amor celeste partilha com outro tudo o que lhe pertence (nos 549, 550, 1390, 1391, 1399, 10130, 10723).

Capítulo 7

[1] Na Palavra, o Senhor é chamado anjo (nos 6280, 6831, 8192, 9303). Uma sociedade angélica inteira é chamada anjo; Miguel e Rafael são sociedades angélicas assim denominadas segundo as suas funções (n.º 8192). As sociedades do céu e os anjos não têm nomes, mas distinguem-se pela qualidade do seu bem e pela ideia desse bem (nos 1705, 1754).

[2] O céu não é concedido por misericórdia sem recurso a meios, mas de acordo com a vida; contudo, tudo o que pertence à vida pela qual o homem é conduzido pelo Senhor ao céu pertence à misericórdia: é isso que se entende por misericórdia (nos 5057, 10659). Se o céu fosse concedido por misericórdia sem recurso a meios, seria concedido a todos (n.º 2401). Acerca de alguns espíritos maus lançados do céu, que acreditavam ser o céu concedido a todos por misericórdia sem recurso a meios (n.º 4226).

[3] O céu está no homem (n.º 3884).

[4] Todo o conjunto resulta da harmonia e do acordo de muitas partes; de outro modo, não tem qualidade (n.º 457). É assim que o céu inteiro forma um todo (n.º 457). E isto porque todos aí têm em vista um único fim, que é o Senhor (n.º 9828).

[5] Se o bem fosse a característica e a essência da Igreja, e não a verdade separada do bem, a Igreja seria uma só (nos 1255, 1316, 2952, 3267, 3445, 3451, 3452). Pelo bem, todas as igrejas formam uma só Igreja diante do Senhor (nos 7396, 9276).

[6] A Igreja está no homem, e não fora dele, e a Igreja em geral é constituída por homens que têm a Igreja em si (nos 3884, 6637).

[7] Um homem que é uma igreja é um céu na forma mais pequena, à imagem do maior, porque os seus interiores, que pertencem à mente, estão dispostos segundo a forma do céu e, consequentemente, para receberem todas as coisas do céu (nos 911, 1900, 1928, 3624–3631, 3634, 3884, 4041, 4279, 4523, 4524, 4625, 6013, 6057, 9279, 9632).

[8] O homem tem um interno e um externo; o seu interno é formado, pela criação, à imagem do céu, e o seu externo à imagem do mundo; por esta razão, os antigos chamavam ao homem um microcosmo (nos 3628, 4523, 4524, 5115, 5368, 6013, 6057, 9279, 9706, 10156, 10472). O homem foi, portanto, criado para que o mundo nele servisse o céu; assim sucede com os bons, mas com os maus dá-se o contrário: neles, o céu serve o mundo (nos 9278, 9283).

[9] O Senhor é a ordem, pois o bem divino e a verdade divina que procedem do Senhor constituem a ordem (nos 1728, 1919, 2011, 2258, 5110, 5703, 8988, 10336, 10619). As verdades divinas são leis da ordem (nos 2447, 7995). Na medida em que o homem vive segundo a ordem, isto é, na medida em que vive no bem segundo as verdades divinas, é homem, e a Igreja e o céu estão nele (nos 4839, 6605, 8513, 8547).

[10] O amor que reina ou domina em cada um está em cada coisa e em todas as coisas da sua vida, portanto em cada coisa e em todas as coisas do seu pensamento e da sua vontade (nos 6159, 7648, 8067, 8853). O homem é tal como é a qualidade dominante da sua vida (nos 987, 1040, 1568, 3570, 6571, 6935, 6938, 8853–8858, 10076, 10109, 10110, 10284). Quando o amor e a fé reinam, estão em todos os particulares da vida do homem, embora ele não o saiba (nos 8854, 8864, 8865).

Capítulo 8

[1] O céu, na sua totalidade, apresenta uma forma semelhante à de um homem; por esta razão, chama-se ao céu o Homem Máximo (nos 2996, 2998, 3624–3649, 3741–3745, 4625).

[2] A vontade do homem é o próprio ser [esse] da sua vida, e o seu entendimento é o existir [existere] da sua vida que daí procede (nos 3619, 5002, 9282). A vida principal do homem é a vida da sua vontade, e dela procede a vida do entendimento (nos 585, 590, 3619, 7342, 8885, 9282, 10076, 10109, 10110). O homem é homem em virtude da sua vontade e do entendimento que dela procede (nos 8911, 9069, 9071, 10076, 10109, 10110).

[3] Na Palavra, a «justiça» é atribuída ao bem, e o «juízo» à verdade; por isso, «praticar a justiça e o juízo» é fazer o que é bom e verdadeiro (nos 2235, 9857).

[4] No sentido supremo, o Senhor é o próximo; por conseguinte, amar o Senhor é amar aquilo que procede d'Ele, isto é, amar o bem e a verdade, porque o Senhor está em tudo o que d'Ele procede (nos 2425, 3419, 6706, 6711, 6819, 6823, 8123). Por isso, todo o bem que procede do Senhor é o próximo, e querer e praticar esse bem é amar o próximo (nos 5028, 10336).

Capítulo 10

[1] «Jerusalém» significa a Igreja (nos 402, 3654, 9166).

[2] A «muralha» significa a verdade que defende contra o ataque das falsidades e dos males (n.º 6419).

[3] «Doze» significa todas as verdades e todos os bens no seu conjunto (nos 577, 2089, 2129, 2130, 3272, 3858, 3913). O mesmo significam «setenta e dois» e «cento e quarenta e quatro», pois este último resulta da multiplicação de doze por si mesmo (n.º 7973). Todos os números na Palavra significam coisas (nos 482, 487, 647, 648, 755, 813, 1963, 1988, 2075, 2252, 3252, 4264, 4495, 5265). Os números multiplicados têm uma significação semelhante à dos números simples de cuja multiplicação resultam (nos 5291, 5335, 5708, 7973).

[4] A «medida», na Palavra, significa a qualidade de uma coisa quanto à verdade e ao bem (nos 3104, 9603).

[5] Acerca do sentido espiritual ou interno da Palavra, ver a explicação de O Cavalo Branco no Apocalipse e o apêndice à Doutrina Celeste.

[6] Enquanto o homem não for elevado acima das conceções sensoriais do homem externo, terá muito pouca sabedoria (n.º 5089). O sábio pensa acima dessas conceções sensoriais (nos 5089, 5094). Quando é elevado acima delas, o homem entra numa luz mais clara e, por fim, na luz celeste (nos 6183, 6313, 6315, 9407, 9730, 9922). Esta elevação e este afastamento eram conhecidos dos antigos (n.º 6313).

[7] Quanto aos seus interiores, o homem é um espírito (n.º 1594). Esse espírito é o próprio homem, e é a partir dele que o corpo vivia (nos 447, 4622, 6054).

[8] Como cada anjo é um recetáculo da ordem divina proveniente do Senhor, tem uma forma humana, perfeita e bela na medida da sua receção (nos 322, 1880, 1881, 3633, 3804, 4622, 4735, 4797, 4985, 5199, 5530, 6054, 9879, 10177, 10594). É por meio da verdade divina que a ordem existe; e o bem divino é a essência da ordem (nos 2451, 3166, 4390, 4409, 5232, 7256, 10122, 10555).

Capítulo 12

[1] Quanto o conhecimento das correspondências excede os outros conhecimentos (n.º 4280). O conhecimento das correspondências era o principal conhecimento dos antigos, mas hoje está inteiramente esquecido (nos 3021, 3419, 4280, 4749, 4844, 4964, 4966, 6004, 7729, 10252). O conhecimento das correspondências floresceu entre as nações orientais e no Egito (5702, 6692, 7097, 7779, 9391, 10407).

[2] A correspondência do coração e dos pulmões com o Homem Máximo, que é o céu, a partir da experiência (nos 3883–3896). O coração corresponde aos que estão no reino celestial, e os pulmões aos que estão no reino espiritual (nos 3885–3887). Há no céu uma pulsação semelhante à do coração e uma respiração semelhante à dos pulmões, mas interiores (nos 3884, 3885, 3887). A pulsação do coração varia aí segundo os estados de amor, e a respiração segundo os estados de caridade e de fé (nos 3886, 3887, 3889). Na Palavra, o «coração» significa a vontade, e «de coração» significa a partir da vontade (nos 2930, 7542, 8910, 9113, 10336). Na Palavra, o «coração» significa também o amor, e «de coração» significa a partir do amor (7542, 9050, 10336).

[3] Na Palavra, o «peito» significa a caridade (nos 3934, 10081, 10087). Os «lombos» e os órgãos da geração significam o amor conjugal (nos 3021, 4280, 4462, 5050–5052). Os «braços» e as «mãos» significam o poder da verdade (nos 878, 3091, 4931–4937, 6947, 7205, 10019). Os «pés» significam o natural (nos 2162, 3147, 3761, 3986, 4280, 4938–4952). O «olho» significa o entendimento (nos 2701, 4403–4421, 4523–4534, 6923, 9051, 10569). As «narinas» significam a perceção (nos 3577, 4624, 4625, 4748, 5621, 8286, 10054, 10292). Os «ouvidos» significam a obediência (nos 2542, 3869, 4523, 4653, 5017, 7216, 8361, 8990, 9311, 9397, 10061). Os «rins» significam o exame e a correção da verdade (nos 5380–5386, 10032).

[4] A correspondência de todos os membros do corpo com o Homem Máximo, ou céu, em geral e em particular, a partir da experiência (nos 3021, 3624–3649, 3741–3750, 3883–3895, 4039–4054, 4218–4228, 4318–4331, 4403–4421, 4523–4533, 4622–4633, 4652–4660, 4791–4805, 4931–4953, 5050–5061, 5171–5189, 5377–5396, 5552–5573, 5711–5727, 10030). O influxo do mundo espiritual no mundo natural, ou do céu no mundo, e o influxo da alma em todas as coisas do corpo, a partir da experiência (nos 6053–6058, 6189–6215, 6307–6326, 6466–6495, 6598–6626). A interação entre a alma e o corpo, a partir da experiência (nos 6053–6058, 6189–6215, 6307–6327, 6466–6495, 6598–6626).

Capítulo 13

[1] Todas as coisas que estão no mundo e nos seus três reinos correspondem às coisas celestes que estão no céu; isto é, as coisas do mundo natural correspondem às do mundo espiritual (nos 1632, 1881, 2758, 2760–2763, 2987–3003, 3213–3227, 3483, 3624–3649, 4044, 4053, 4116, 4366, 4939, 5116, 5377, 5428, 5477, 9280). Pelas correspondências, o mundo natural une-se ao mundo espiritual (n.º 8615). Por esta razão, toda a natureza é um teatro representativo do reino do Senhor (nos 2758, 2999, 3000, 3483, 4938, 4939, 8848, 9280).

[2] Tudo o que, no universo, tanto no céu como no mundo, está de acordo com a ordem se refere ao bem e à verdade (nos 2451, 3166, 4390, 4409, 5232, 7256, 10122), e à conjunção de ambos, para ser alguma coisa (n.º 10555).

[3] Por correspondência, os animais significam afeições: os mansos e úteis, boas afeições; os ferozes e inúteis, más afeições (nos 41, 45, 46, 142, 143, 246, 714, 716, 719, 2179, 2180, 3519, 9280); ilustrado pela experiência do mundo espiritual (nos 3218, 5198, 9090). O influxo do mundo espiritual na vida dos animais (nos 1633, 3646). O gado bovino e as suas crias significam, por correspondência, as afeições da mente natural nos 2180, 2566, 9391, 10132, 10407). O que significam as ovelhas (nos 4169, 4809) e os cordeiros (nos 3994, 10132). Os seres voadores significam coisas intelectuais (nos 40, 745, 776, 778, 866, 988, 991, 5149, 7441), com diferenças segundo os seus géneros e espécies, a partir da experiência no mundo espiritual (n.º 3219).

[4] Por correspondência, um jardim e um paraíso significam inteligência e sabedoria (nos 100, 108); a partir da experiência (n.º 3220). Todas as coisas que têm uma correspondência possuem a mesma significação na Palavra (nos 2896, 2987, 2989, 2990, 2991, 3002, 3225).

[5] As árvores significam perceções e conhecimentos (nos 103, 2163, 2682, 2722, 2972, 7692). Por esta razão, os antigos celebravam o culto divino em bosques, debaixo de árvores, segundo a sua correspondência (nos 2722, 4552). O influxo do céu nos seres do reino vegetal, como nas árvores e nas plantas (n.º 3648).

[6] Por correspondência, os alimentos significam as coisas que nutrem a vida espiritual (nos 3114, 4459, 4792, 4976, 5147, 5293, 5340, 5342, 5410, 5426, 5576, 5582, 5588, 5655, 5915, 6277, 8562, 9003).

[7] O pão significa todo o bem que nutre a vida espiritual do homem (nos 2165, 2177, 3478, 3735, 3813, 4211, 4217, 4735, 4976, 9323, 9545, 10686). Tal era a significação dos pães que estavam sobre a mesa no tabernáculo (nos 3478, 9545). Os sacrifícios, em geral, eram chamados pão (n.º 2165). O pão compreende todos os alimentos (n.º 2165). Significa, portanto, todo o alimento celeste e espiritual (nos 276, 680, 2165, 2177, 3478, 6118, 8410).

[8] Todo o bem recebe o seu deleite e a sua qualidade do uso e segundo o uso; por isso, tal como é o uso, assim é o bem (nos 3049, 4984, 7038). A vida angélica consiste nos bens do amor e da caridade, isto é, em desempenhar usos (n.º 454). O Senhor, e, por conseguinte, os anjos, atende apenas, no homem, aos fins, que são usos (nos 1317, 1645, 5854). O reino do Senhor é um reino de usos, isto é, de fins (nos 454, 696, 1103, 3645, 4054, 7038). Servir o Senhor é desempenhar usos (n.º 7038). Cada coisa e todas as coisas no homem foram formadas para o uso (nos 3626, 4104, 5189, 9297); também a partir do uso, isto é, o uso é anterior às formas orgânicas no homem pelas quais se realiza, porque o uso procede do influxo do Senhor através do céu (nos 4223, 4926). Além disso, os interiores do homem, que constituem a sua mente, quando ele chega à maturidade, formam-se a partir do uso e para o uso (nos 1964, 6815, 9297). Por conseguinte, o homem é tal como são os usos que nele existem (nos 1568, 3570, 4054, 6571, 6935, 6938, 10284). Os usos são os fins em vista dos quais se age (nos 3565, 4054, 4104, 6815). O uso é o primeiro e o último, portanto o todo do homem (n.º 1964).

[9] A Palavra foi inteiramente escrita por correspondências (n.º 8615). Por meio da Palavra, o homem tem conjunção com o céu (nos 2899, 6943, 9396, 9400, 9401, 10375, 10452).

[10] Acerca do sentido espiritual da Palavra, ver a pequena obra sobre O Cavalo Branco referido no Apocalipse.

[11] O ouro significa, por correspondência, o bem celestial (nos 113, 1551, 1552, 5658, 6914, 6917, 9510, 9874, 9881). A prata significa o bem espiritual, isto é, a verdade de origem celestial (nos 1551, 1552, 2954, 5658). O cobre significa o bem natural (nos 425, 1551). O ferro significa a verdade no último grau da ordem (nos 425, 426).

Capítulo 14

[1] O Senhor é visto no céu como Sol e é o Sol do céu (nos 1053, 3636, 3643, 4060). O Senhor é visto como Sol pelos que estão no Seu reino celestial, onde reina o amor a Ele; e como Lua pelos que estão no Seu reino espiritual, onde reinam a caridade para com o próximo e a fé (nos 1521, 1529–1531, 1837, 4696). O Senhor é visto como Sol a uma altura intermédia diante do olho direito, e como Lua diante do olho esquerdo (nos 1053, 1521, 1529–1531, 3636, 3643, 4321, 5097, 7078, 7083, 7173, 7270, 8812, 10809). O Senhor é visto como Sol e como Lua (nos 1531, 7173). O próprio Divino do Senhor está muito acima do Seu Divino no céu (nos 7270, 8760).

[2] O «fogo», na Palavra, significa o amor, tanto no bom como no mau sentido (nos 934, 4906, 5215). O fogo santo ou celeste significa o amor divino (nos 934, 6314, 6832). O fogo infernal significa o amor de si e do mundo, e toda a cobiça desses amores (nos 1861, 5071, 6314, 6832, 7575, 10747). O amor é o fogo da vida, e a própria vida procede realmente dele (nos 4906, 5071, 6032, 6314). A «luz» significa a verdade da fé (nos 3195, 3485, 3636, 3643, 3993, 4302, 4413, 4415, 9548, 9684).

[3] A visão do olho esquerdo corresponde às verdades da fé, e a visão do olho direito aos seus bens (nos 4410, 6923).

[4] As coisas à direita do homem referem-se ao bem de que procede a verdade, e as da esquerda à verdade proveniente do bem (nos 9495, 9604).

[5] As «estrelas» e as «constelações», na Palavra, significam os conhecimentos do bem e da verdade (nos 2495, 2849, 4697).

[6] A natureza e a grandeza do amor divino do Senhor, ilustradas por comparação com o fogo do Sol deste mundo (nos 6834, 6849, 8644). O amor divino do Senhor é amor por todo o género humano, para o salvar (nos 1820, 1865, 2253, 6872). O amor que primeiro procede do fogo do amor do Senhor não entra no céu, mas é visto como faixas radiantes em redor do Sol (n.º 7270). Os anjos são envolvidos por uma ténue nuvem correspondente, para não serem lesados pelo fulgor do amor ardente (n.º 6849).

[7] A presença do Senhor junto dos anjos é proporcional à sua receção do bem do amor e da fé proveniente d'Ele (nos 904, 4198, 4320, 6280, 6832, 7042, 8819, 9680, 9682, 9683, 10106, 10811). O Senhor aparece a cada um segundo aquilo que ele é (nos 1861, 3235, 4198, 4206). Os infernos estão afastados dos céus porque não podem suportar a presença do amor divino proveniente do Senhor (nos 4299, 7519, 7738, 7989, 8137, 8265, 9327). Por esta razão, os infernos estão muito longe dos céus, e este é o «grande abismo» (nos 9346, 10187).

[8] Os anjos não veem o Sol do mundo, mas, no seu lugar, algo escuro atrás, em posição oposta ao Sol do céu, ou Senhor (nos 7078, 9755). No sentido oposto, o Sol significa o amor de si (n.º 2441); e, neste sentido, «adorar o Sol» significa adorar o que é contrário ao amor celeste ou ao Senhor (nos 2441, 10584). Para os que estão nos infernos, o Sol do céu é uma espessa escuridão (n.º 2441).

[9] O Senhor é o centro comum para o qual se voltam todas as coisas do céu (nos 3633, 3641).

Capítulo 15

[1] Toda a luz nos céus procede do Senhor como Sol (nos 1053, 1521, 3195, 3341, 3636, 3643, 4415, 9548, 9684, 10809). A verdade divina que procede do Senhor aparece no céu como luz e fornece toda a luz do céu (nos 3195, 3222, 3223, 5400, 8644, 9399, 9548, 9684).

[2] A luz do céu ilumina tanto a visão como o entendimento dos anjos e dos espíritos (nos 2776, 3138).

[3] A luz no céu está em harmonia com a inteligência e a sabedoria dos anjos (nos 1524, 1529, 1530, 3339). As diferenças de luz nos céus são tantas quantas as sociedades angélicas; e, assim como há nos céus variedades infindáveis de bem e de verdade, também as há de sabedoria e de inteligência (nos 684, 690, 3241, 3744, 3745, 4414, 5598, 7236, 7833, 7836).

[4] Na Palavra, as «vestes» significam verdades, porque as verdades revestem o bem (nos 1073, 2576, 5248, 5319, 5954, 9216, 9952, 10536). As vestes do Senhor na Sua transfiguração significavam a verdade divina procedente do Seu amor divino (nos 9212, 9216).

[5] O homem é racional porque o seu entendimento é iluminado pela luz do céu (nos 1524, 3138, 3167, 4408, 6608, 8707, 9128, 9399, 10569). O entendimento é iluminado porque é um recetáculo da verdade (nos 6222, 6608, 10659). O entendimento é iluminado na medida em que o homem recebe do Senhor a verdade no bem (n.º 3619). O entendimento é tal como são as verdades provenientes do bem pelas quais se forma (n.º 10064). O entendimento recebe luz do céu, como a visão recebe luz do mundo (nos 1524, 5114, 6608, 9128). A luz do céu proveniente do Senhor está sempre presente junto do homem, mas só influi na medida em que o homem está na verdade proveniente do bem (nos 4060, 4214).

[6] Quando o homem é elevado acima do sensual, entra numa luz mais suave e, por fim, na luz celeste (nos 6313, 6315, 9407). Quando o homem é elevado à inteligência, há uma elevação real à luz do céu (n.º 3190). A grandeza da luz percebida quando fui afastado das ideias mundanas (nos 1526, 6608).

[7] Os que estão nos infernos, na sua própria luz, que é semelhante à luz de carvões em brasa, aparecem a si mesmos como homens; mas, à luz do céu, aparecem como monstros (nos 4531, 4533, 4674, 5057, 5058, 6605, 6626).

[8] Há duas fontes de calor e também duas fontes de luz: o Sol do mundo e o Sol do céu (nos 3338, 5215, 7324). O calor proveniente do Senhor como Sol é a afeição do amor (nos 3636, 3643). Por isso, o calor espiritual é, na sua essência, amor (nos 2146, 3338, 3339, 6314).

[9] Há calor nos infernos, mas é impuro (nos 1773, 2757, 3340). O seu odor é semelhante ao do estrume e dos excrementos no mundo e, nos piores infernos, ao odor dos cadáveres (nos 814, 815, 817, 819, 820, 943, 944, 5394).

[10] Há influxo espiritual, mas não físico; isto é, há influxo do mundo espiritual no natural, mas não do mundo natural no espiritual (nos 3219, 5119, 5259, 5427, 5428, 5477, 6322, 9109, 9110, 9111).

[11] As verdades separadas do bem não são, em si mesmas, verdades, porque não têm vida: as verdades recebem toda a sua vida do bem (n.º 9603). Assim, as verdades separadas do bem são como um corpo sem alma (nos 3180, 9154). As verdades separadas do bem não são aceites pelo Senhor (n.º 4368). O que é a verdade separada do bem, isto é, a fé separada do amor; e o que é a verdade proveniente do bem, ou a fé proveniente do amor (nos 1949–1951, 1964, 5830, 5951). É o mesmo dizer verdade ou fé, e bem ou amor, pois a verdade pertence à fé e o bem ao amor (nos 2839, 4352, 4353, 4997, 7178, 7623, 7624, 10367).

[12] Na Sagrada Escritura, «palavra» significa diversas coisas: fala, pensamento da mente, qualquer coisa que realmente exista, também algo e, no sentido supremo, a verdade divina e o Senhor (n.º 9987). A «Palavra» significa a verdade divina (nos 2803, 2894, 4692, 5075, 5272, 9383, 9987). A «Palavra» significa o Senhor (nos 2533, 2859).

[13] A verdade divina que procede do Senhor tem todo o poder (nos 6948, 8200). A verdade proveniente do bem tem todo o poder no céu (nos 3091, 3563, 6344, 6423, 8304, 9643, 10019, 10182). Os anjos são chamados potestades e são potestades pela receção da verdade divina proveniente do Senhor (n.º 9639). Os anjos são recetáculos da verdade divina proveniente do Senhor e, por isso, na Palavra, são por vezes chamados deuses (nos 4295, 4402, 7873, 8192, 8301).

[14] O entendimento é um recetáculo da verdade, e a vontade um recetáculo do bem (nos 3623, 6125, 7503, 9300, 9930). Por isso, todas as coisas no entendimento se referem a verdades, quer sejam realmente verdades, quer o homem acredite que o são; e todas as coisas na vontade se referem, do mesmo modo, a bens (nos 803, 10122).

[15] A verdade divina que procede do Senhor é a única coisa real (nos 6880, 7004, 8200). Por meio da verdade divina, todas as coisas foram criadas e feitas (nos 2803, 2884, 5272, 7678).

[16] [Não existe o n.º 138 no original. — Editor.]

Capítulo 16

[1] No sentido supremo, o Senhor é o oriente [oriens], porque é o Sol do céu, que está sempre a nascer e nunca se põe ((nos 101, 5097, 9668).

[2] No céu, todos se voltam para o Senhor (nos 9828, 10130, 10189, 10420). Contudo, não são os anjos que se voltam para o Senhor: é o Senhor que os volta para Si (n.º 10189). Não são os anjos que estão presentes junto do Senhor, mas o Senhor que está presente junto dos anjos (n.º 9415).

[3] No mundo espiritual, todos se voltam constantemente para os seus amores; os quadrantes aí têm o seu princípio no rosto e são por ele determinados (nos 10130, 10189, 10420, 10702). O rosto é formado em correspondência com os interiores (nos 4791–4805, 5695). Por isso, os interiores transparecem no rosto (nos 3527, 4066, 4796). Nos anjos, o rosto forma uma unidade com os interiores (nos 4796, 4797, 4799, 5695, 8250). O influxo dos interiores no rosto e nos seus músculos (nos 3631, 4800).

[4] A fronte corresponde ao amor celeste; por isso, na Palavra, a «fronte» significa esse amor (n.º 9936). O olho corresponde ao entendimento, porque o entendimento é a visão interna (nos 2701, 4410, 4526, 9051, 10569). Por esta razão, «levantar os olhos» e «ver» significa compreender, perceber e observar (nos 2789, 2829, 3198, 3202, 4083, 4086, 4339, 5684).

[5] Na Palavra, o «oriente» significa o amor claramente percebido (nos 1250, 3708); o «ocidente», o amor obscuramente percebido (nos 3708, 9653); o «sul», um estado de luz, isto é, de sabedoria e de inteligência (nos 1458, 3708, 5672); e o «norte», esse estado na obscuridade (n.º 3708).

6 Na Palavra, o «oriente» significa o amor claramente percebido (nos 1250, 3708); o «ocidente», o amor obscuramente percebido (nos 3708, 9653); o «sul», um estado de luz, isto é, de sabedoria e de inteligência (nos 1458, 3708, 5672); e o «norte», esse estado na obscuridade (n.º 3708).

7 Quem são e como são os que se chamam génios, e quem são e como são os que se chamam espíritos (nos 947, 5035, 5977, 8593, 8622, 8625).

8 Os que estão nos amores de si e do mundo voltam as costas ao Senhor (nos 10130, 10189, 10420, 10702). O amor ao Senhor e a caridade para com o próximo constituem o céu, enquanto o amor de si e o amor do mundo constituem o inferno, porque os dois são opostos (nos 2041, 3610, 4225, 4776, 6210, 7366, 7369, 7490, 8232, 8678, 10455, 10741–10745).

Capítulo 18

1 No céu há um estado correspondente à aurora que precede a manhã, mas nenhum estado correspondente à noite (n.º 6110). A «aurora» significa um estado intermédio entre o último e o primeiro (n.º 10134).

2 No céu ocorrem alternâncias de estado quanto à iluminação e à perceção, semelhantes aos períodos do dia no mundo (nos 5672, 5962, 6110, 8426, 9213, 10605). Na Palavra, «dia» e «ano» significam todos os estados em geral (nos 23, 487, 488, 493, 893, 2788, 3462, 4850, 10656). A «manhã» significa o início de um novo estado e um estado de amor (nos 7218, 8426, 8427, 10114, 10134). A «tarde» significa um estado de declínio da luz e do amor (nos 10134, 10135). A «noite» significa um estado sem amor nem fé (nos 221, 709, 2353, 6000, 6110, 7870, 7947).

3 O próprio [proprium] do homem é amar a si mesmo (nos 694, 731, 4317, 5660). O Senhor não pode estar presente se o próprio do homem não for afastado (nos 1023, 1044). É efetivamente afastado quando alguém é mantido no bem pelo Senhor (nos 9334–9336, 9447, 9452–9454, 9938).

4 Os anjos são aperfeiçoados por toda a eternidade (nos 4803, 6648). Nos céus, um estado nunca é exatamente igual a outro, e daí resulta um processo incessante de aperfeiçoamento (n.º 10200).

Capítulo 18

1 Os tempos, na Palavra, significam estados (nos 2788, 2837, 3254, 3356, 4814, 4901, 4916, 7218, 8070, 10133, 10605). Os anjos pensam sem a ideia de tempo e de espaço (n.º 3404); as razões disso (nos 1274, 1382, 3356, 4882, 4901, 6110, 7218, 7381). O que significa um «ano» na Palavra (nos 487, 488, 493, 893, 2906, 7828, 10209). O que significa um «mês» (n.º 3814). O que significa uma «semana» (nos 2044, 3845). O que significa um «dia» (nos 23, 487, 488, 6110, 7680, 8426, 9213, 10132, 10605). O que significa «hoje» (nos 2838, 3998, 4304, 6165, 6984, 9939). O que significa «amanhã» nos 3998, 10497). O que significa «ontem» (nos 6983, 7114, 7140).

2 Os homens têm uma ideia de eternidade associada ao tempo, mas os anjos têm-na sem o tempo (nos 1382, 3404, 8325).

3 O homem não pensa, como os anjos, sem a ideia de tempo (n.º 3404).

Capítulo 19

1 Todas as coisas visíveis aos anjos são representativas (nos 1971, 3213–3226, 3342, 3457, 3475, 3485, 9481, 9457, 9576, 9577). Os céus estão cheios de representações (nos 1521, 1532, 1619). As representações são tanto mais belas quanto mais interiores são nos céus (n.º 3475). Como aí as representações procedem da luz do céu, são aparências reais (n.º 3485). O influxo divino converte-se em representações nos céus superiores e, a partir destes, também nos inferiores (nos 2179, 3213, 9457, 9481, 9576, 9577). Chamam-se representativas as coisas que aparecem diante dos olhos dos anjos em formas como as que existem na natureza, isto é, no mundo (n.º 9457). As coisas internas convertem-se assim em externas (nos 1632, 2987–3002). O que são as representações nos céus, esclarecido por diversos exemplos (nos 1521, 1532, 1619–1628, 1807, 1973, 1974, 1977, 1980, 1981, 2299, 2601, 2761, 2762, 3217, 3219, 3220, 3348, 3350, 5198, 9090, 10276). Todas as coisas vistas nos céus estão de acordo com as correspondências e chamam-se representações (nos 3213–3226, 3342, 3475, 3485, 9481, 9457, 9576, 9577). Todas as coisas que correspondem também representam e significam aquilo a que correspondem (nos 2896, 2987, 2989–2991, 3002, 3225).

2 Um «jardim» ou «parque» significa inteligência e sabedoria (nos 100, 108, 3220). O que se entende pelo «jardim do Éden» e pelo «jardim de Jeová» (nos 99, 100, 1588). A magnificência das coisas vistas nos parques na outra vida (nos 1122, 1622, 2296, 4528, 4529). As «árvores» significam perceções e conhecimentos, dos quais derivam a sabedoria e a inteligência (nos 103, 2163, 2682, 2722, 2972, 7692). Os «frutos» significam os bens do amor e os bens da caridade (nos 3146, 7690, 9337).

Capítulo 20

[1] Por correspondência, as «vestes», na Palavra, significam verdades (nos 1073, 2576, 5319, 5954, 9212, 9216, 9952, 10536), porque as verdades revestem o bem (n.º 5248). Um «revestimento» significa algo intelectual, porque o intelecto é o recetáculo da verdade (n.º 6378). As «vestes resplandecentes de linho fino» significam as verdades provenientes do Divino (nos 5319, 9469). A «chama» significa o bem espiritual, e a luz que dela procede, a verdade proveniente desse bem (nos 3222, 6832).

[2] Os anjos e os espíritos aparecem vestidos segundo as suas verdades, portanto segundo a sua inteligência (nos 165, 5248, 5954, 9212, 9216, 9814, 9952, 10536). As vestes de alguns anjos são resplandecentes; as de outros, não (n.º 5248).

[3] Na Palavra, o «branco resplandecente» e o «branco» significam a verdade, porque procedem da luz no céu (n.º 3301, 3993, 4007).

[4] As cores no céu são variações da sua luz (nos 1042, 1043, 1053, 1624, 3993, 4530, 4742, 4922). As cores significam diversas coisas pertencentes à inteligência e à sabedoria (nos 4530, 4677, 4922, 9466). As pedras preciosas no Urim e no Tumim significavam, segundo as suas cores, todas as coisas da verdade proveniente do bem nos céus (nos 9865, 9868, 9905). Na medida em que as cores participam do vermelho, significam o bem; na medida em que participam do branco, significam a verdade (n.º 9466).

[5] Todos nos céus mais íntimos são inocências e, por isso, aparecem nus (nos 154, 165, 297, 2736, 3887, 8375, 9960). A inocência apresenta-se no céu como nudez (nos 165, 8375, 9960). Para os inocentes e os castos, a nudez não é motivo de vergonha, porque não contém ofensa (nos 165, 213, 8375).

[6] «Jerusalém» significa uma Igreja na qual existe doutrina genuína (nos 402, 3654, 9166).

Capítulo 21

[1] Os anjos têm cidades, palácios e casas (nos 940–942, 1116, 1626–1631, 4622).

[2] As «casas», com o que contêm, significam as coisas no homem que pertencem à sua mente, portanto os seus interiores (nos 710, 2233, 2331, 2559, 3128, 3538, 4973, 5023, 6639, 6690, 7353, 7848, 7910, 7929, 9150); consequentemente, as coisas relativas ao bem e à verdade (nos 2233, 2331, 2559, 4982, 7848, 7929). Os «aposentos» e os «quartos de dormir» significam aí as coisas interiores (nos 3900, 5694, 7353). O «telhado de uma casa» significa o mais íntimo (nos 3652, 10184). Uma «casa de madeira» significa o que se refere ao bem, e uma «casa de pedra» o que se refere à verdade (n.º 3720).

[3] Um «jardim» ou «parque» significa inteligência e sabedoria (nos 100, 108, 3220). O que se entende pelo «jardim do Éden» e pelo «jardim de Jeová» (nos 99, 100, 1588). A magnificência das coisas vistas nos parques na outra vida (nos 1122, 1622, 2296, 4528, 4529). As «árvores» significam perceções e conhecimentos, dos quais derivam a sabedoria e a inteligência (nos 103, 2163, 2682, 2722, 2972, 7692). Os «frutos» significam os bens do amor e os bens da caridade (nos 3146, 7690, 9337).

[4] 4 No sentido supremo, a «casa de Deus» significa o Humano Divino do Senhor quanto ao bem divino, e o «templo» o mesmo quanto à verdade divina; num sentido relativo, significam o céu e a Igreja quanto ao bem e à verdade (n.º 3720).

[5] «Jerusalém» significa a Igreja em que existe doutrina genuína (nos 402, 3654, 9166). As «portas» significam a introdução na doutrina da Igreja e, pela doutrina, a introdução na Igreja (nos 2943, 4477, 4478). O «fundamento» significa a verdade sobre a qual assentam o céu, a Igreja e a doutrina (n.º 9643).

[6] Na Palavra, o que é interior exprime-se pelo que é mais alto, e o que é mais alto significa o que é interior (nos 2148, 3084, 4599, 5146, 8325). O que é «alto» significa o interno e também o céu (nos 1735, 2148, 4210, 4599, 8153).

[7] No céu veem-se montanhas, colinas, rochas, vales e terras exatamente como no mundo (n.º 10608). Nas montanhas habitam os anjos que estão no bem do amor; nas colinas, os que estão no bem da caridade; nas rochas, os que estão no bem da fé (n.º 10438). Por isso, na Palavra, as «montanhas» significam o bem do amor (nos 795, 4210, 6435, 8327, 8758, 10438, 10608). As «colinas» significam o bem da caridade (nos 6435, 10438). As «rochas» significam o bem e a verdade da fé (nos 8581, 10580). A «pedra», de que a rocha se compõe, significa igualmente a verdade da fé (nos 114, 643, 1298, 3720, 6426, 8609, 10376). É por isso que as «montanhas» significam o céu (nos 8327, 8805, 9420), e o «cume de uma montanha» significa a parte mais elevada do céu (nos 9422, 9434, 10608). É também por isso que os antigos celebravam o seu culto sagrado nas montanhas (nos 796, 2722).

Capítulo 22

[1] Na Palavra, os lugares e os espaços significam estados (nos 2625, 2837, 3356, 3387, 7381, 10580); a partir da experiência (nos 1274, 1277, 1376–1381, 4321, 4882, 10146, 10580). A distância significa a diferença de estado de vida (nos 9104, 9967). No mundo espiritual, os movimentos e as mudanças de lugar são mudanças de estado de vida, porque nelas têm origem (nos 1273–1275, 1377, 3356, 9440). O mesmo se verifica com as viagens (nos 9440, 10734); ilustrado pela experiência (nos 1273–1277, 5605). Por esta razão, «viajar» significa, na Palavra, viver e progredir na vida; e «permanecer como estrangeiro» tem um sentido semelhante (nos 3335, 4554, 4585, 4882, 5493, 5605, 5996, 8345, 8397, 8417, 8420, 8557). Ir com o Senhor significa viver com Ele (n.º 10567).

[2] O homem pode ser conduzido a grande distância quanto ao seu espírito por meio de mudanças de estado, enquanto o corpo permanece no seu lugar; também a partir da experiência (nos 9440, 9967, 10734). O que é ser «conduzido pelo espírito a outro lugar» (n.º 1884).

[3] Os lugares e os espaços apresentam-se à vista segundo os estados dos interiores dos anjos e dos espíritos (nos 5605, 9440, 10146).

[4] Na Palavra, o comprimento significa o bem (nos 1613, 9487). A «largura» significa a verdade (nos 1613, 3433, 3434, 4482, 9487, 10179). A altura significa o bem e a verdade quanto aos seus graus (nos 9489, 9773, 10181).

[5] A conjunção e a presença do Senhor junto dos anjos são conformes à sua receção do amor e da caridade provenientes d'Ele (nos 290, 681, 1954, 2658, 2886, 2888, 2889, 3001, 3741–3743, 4318, 4319, 4524, 7211, 9128).

Capítulo 23

[1] O céu inteiro, quanto a todas as sociedades angélicas, é disposto pelo Senhor segundo a Sua ordem divina, pois é o Divino do Senhor nos anjos que constitui o céu (nos 3038, 7211, 9128, 9338, 10125, 10151, 10157). Acerca da forma celeste (nos 4040–4043, 6607, 9877).

[2] A forma do céu é uma forma segundo a ordem divina (nos 4040–4043, 6607, 9877).

[3] As verdades divinas são as leis da ordem (nos 2447, 7995). O homem é homem na medida em que vive segundo a ordem, isto é, na medida em que está no bem segundo as verdades divinas (nos 4839, 6605, 6626). Todas as coisas da ordem divina estão reunidas no homem, e ele é, pela criação, a ordem divina em forma (nos 4219, 4220, 4222, 4223, 4523, 4524, 5114, 6013, 6057, 6605, 6626, 9706, 10156, 10472). O homem não nasce no bem e na verdade, mas no mal e na falsidade, isto é, no oposto da ordem divina e, consequentemente, na pura ignorância. Por esta razão, tem de nascer de novo, isto é, ser regenerado, o que se realiza por meio das verdades divinas provenientes do Senhor, para poder ser introduzido na ordem (nos 1047, 2307, 2308, 3518, 3812, 8480, 8550, 10283, 10284, 10286, 10731). Quando o Senhor forma novamente o homem, isto é, o regenera, dispõe todas as coisas nele segundo a ordem, o que significa segundo a forma do céu (nos 5700, 6690, 9931, 10303).

[4] Cada um no céu tem uma comunicação de vida, a que se pode chamar a sua extensão às sociedades angélicas em redor, segundo a quantidade e a qualidade do seu bem (nos 8794, 8797). Os pensamentos e as afeições têm tal extensão (nos 2470, 6598–6613). Unem-se e separam-se segundo as afeições dominantes (n.º 4111).

[5] Há uma só Vida, da qual todos vivem, tanto no céu como no mundo (nos 1954, 2021, 2536, 2658, 2886–2889, 3001, 3484, 3742, 5847, 6467). Essa vida procede do Senhor no alto (nos 2886–2889, 3344, 3484, 4319, 4320, 4524, 4882, 5986, 6325, 6468–6470, 9276, 10196). Influi nos anjos, nos espíritos e nos homens de maneira maravilhosa (nos 2886–2889, 3337, 3338, 3484, 3742). O Senhor influi a partir do Seu amor divino, que é tal que deseja que aquilo que Lhe pertence pertença a outro (nos 3472, 4320). Por esta razão, a vida parece estar no homem, e não influir nele (nos 3742, 4320). Acerca da alegria dos anjos por não viverem de si mesmos, mas do Senhor, alegria percebida e confirmada pelo que me disseram (n.º 6469). Os maus não querem convencer-se de que a vida influi (n.º 3743). A vida proveniente do Senhor influi também nos maus (nos 2706, 3743, 4417, 10196). Mas eles convertem o bem em mal e a verdade em falsidade; pois tal como é o homem, assim é a sua receção da vida, com ilustração (nos 4319, 4320, 4417).

[6] O pensamento difunde-se pelas sociedades de espíritos e de anjos em redor (nos 6600–6605). Contudo, não move nem perturba os pensamentos dessas sociedades (nos 6601, 6603).

[7] O bem reconhece a sua verdade, e a verdade o seu bem (nos 2429, 3101, 3102, 3161, 3179, 3180, 4358, 5704, 5835, 9637). Deste modo, o bem e a verdade unem-se (nos 3834, 4096, 4097, 4301, 4345, 4353, 4364, 4368, 5365, 7623–7627, 7752–7762, 8530, 9258, 10555). Isto realiza-se pelo influxo do céu (n.º 9079).

[8] Há influxo direto do Senhor e influxo mediato através do céu (nos 6063, 6307, 6472, 9682, 9683). Há um influxo direto do Senhor nas partes mais ínfimas de todas as coisas (nos 6058, 6474–6478, 8717, 8728). Acerca do influxo mediato do Senhor através dos céus (nos 4067, 6982, 6985, 6996).

Capítulo 24

[1] Os anjos celestiais não pensam nem falam a partir de verdades, como os anjos espirituais, porque recebem do Senhor a perceção de todas as coisas da verdade (nos 202, 597, 607, 784, 1121, 1384, 1398, 1442, 1919, 7680, 7877, 8780, 9277, 10336). Quanto às verdades, os anjos celestiais dizem «Sim, sim» ou «Não, não»; mas os anjos espirituais raciocinam sobre elas, procurando saber se são ou não verdadeiras (nos 2715, 3246, 4448, 9166, 10786, onde se explicam as palavras do Senhor: «Seja o vosso falar: Sim, sim; Não, não; o que vai além disto procede do mal», Mateus 5:37).

[2] Os que estão no reino espiritual estão nas verdades, e os que estão no reino celestial estão no bem (nos 863, 875, 927, 1023, 1043, 1044, 1555, 2256, 4328, 4493, 5113, 9596). O bem do reino espiritual é o bem da caridade para com o próximo, e esse bem, na sua essência, é verdade (nos 8042, 10296).

[3] Na Palavra, a «justiça» diz-se do bem, e o «juízo» da verdade; por isso, «praticar a justiça e o juízo» significa o bem e a verdade (nos 2235, 9857). Os «grandes juízos» significam a lei da ordem divina, e, portanto, as verdades divinas (n.º 7206).

[4] Por «David», nas partes proféticas da Palavra, entende-se o Senhor (nos 1888, 9954).

[5] Na Palavra, «Sião» significa a Igreja e, especificamente, a Igreja celestial (nos 2362, 9055).

[6] Cada homem e cada comunidade, bem como a pátria e a Igreja e, no sentido universal, o reino do Senhor, são o próximo; fazer-lhes bem por amor ao bem, de acordo com o seu estado, é amar o próximo. Isto é, o próximo é o bem deles, que é o bem comum a que se deve atender (nos 6818–6824, 8123). O bem civil, que é a justiça, também é o próximo (nos 2915, 4730, 8120–8123). Por conseguinte, a caridade para com o próximo estende-se a todas e a cada uma das coisas da vida do homem; e amar o bem e fazer o bem por amor ao bem e à verdade, bem como praticar o que é justo por amor ao que é justo, em todas as funções e em todos os trabalhos, é amar o próximo (nos 2417, 8121–8124).

[7] Há duas espécies de domínio: uma procede do amor para com o próximo, e a outra do amor de si (n.º 10814). Do domínio que procede do amor para com o próximo emanam todos os bens e todas as felicidades (nos 10160, 10814). No céu, ninguém deseja governar por amor de si; todos desejam servir, o que significa governar por amor ao próximo; daí provém o seu grande poder (n.º 5732). Do domínio que procede do amor de si influem todos os males (n.º 10038). Quando os amores de si e do mundo começaram a prevalecer, os homens foram obrigados a submeter-se a governos como meio de segurança (nos 7364, 10160, 10814).

Capítulo 26

[1] O entendimento é recetivo à verdade, e a vontade ao bem (nos 3623, 6125, 7503, 9300, 9930). Assim como todas as coisas se referem à verdade e ao bem, também tudo o que pertence à vida do homem se refere ao entendimento e à vontade (nos 803, 10122). Os anjos são aperfeiçoados por toda a eternidade (nos 4803, 6648).

[2] A «pedra» significa a verdade (nos 114, 643, 1298, 3720, 6426, 8609, 10376). A «madeira» significa o bem (nos 643, 3720, 8354). Por esta razão, os povos mais antigos, que estavam no bem celestial, tinham edifícios sagrados de madeira (n.º 3720).

[3] Amar o Senhor e o próximo é viver de acordo com os mandamentos do Senhor (nos 10143, 10153, 10310, 10578, 10645, 10683).

[4] Os sacerdotes representavam o Senhor quanto ao bem divino, e os reis quanto à verdade divina (nos 2015, 6148). Por isso, na Palavra, um «sacerdote» significa os que estão no bem do amor ao Senhor, e o sacerdócio significa esse bem (nos 9806, 9809). Na Palavra, um «rei» significa os que estão na verdade divina, e, por conseguinte, a realeza significa a verdade proveniente do bem (nos 1672, 2015, 2069, 4575, 4581, 4966, 5044).

Capítulo 26

[1] Os anjos são chamados potestades e são potestades pela sua receção da verdade divina proveniente do Senhor (n.º 9639). Os anjos são recetáculos da verdade divina proveniente do Senhor e, por essa razão, são por vezes chamados «deuses» na Palavra (nos 4295, 4402, 7268, 7873, 8192, 8301, 9160).

[2] Um homem ou um anjo é o seu próprio bem e a sua própria verdade, e, portanto, o seu próprio amor e a sua própria fé (nos 10298, 10367). É o seu próprio entendimento e a sua própria vontade, pois daí procede tudo o que pertence à vida; a vida do bem procede da vontade, e a vida da verdade do entendimento (nos 10076, 10177, 10264, 10284).

[3] A correspondência das mãos, dos braços e dos ombros com o Homem Máximo, ou céu (nos 4931–4937). Na Palavra, os «braços» e as «mãos» significam poder (nos 878, 3091, 4932, 4933, 6947, 10019).

[4] Todo o poder no céu é o poder da verdade proveniente do bem, e, portanto, da fé proveniente do amor (nos 3091, 3563, 6423, 8304, 9643, 10019, 10182). Todo o poder procede do Senhor, porque d'Ele procedem toda a verdade da fé e todo o bem do amor (nos 9327, 9410). Este poder é significado pelas chaves dadas a Pedro (n.º 6344). É a verdade divina procedente do Senhor que possui todo o poder (nos 6948, 8200). É este poder do Senhor que se entende por «estar sentado à direita de Jeová» (nos 3387, 4592, 4933, 7518, 7673, 8281, 9133). A mão direita significa poder (n.º 10019).

[5] Os olhos correspondem às verdades provenientes do bem (nos 4403–4421, 4523–4534, 6923).

[6] A falsidade proveniente do mal não possui poder algum, porque a verdade proveniente do bem possui todo o poder (nos 6784, 10481).

Capítulo 27

[1] Nos céus há respiração, mas de uma espécie interior (nos 3884, 3885); segundo a experiência (nos 3884, 3885, 3891, 3893). Aí existem diferentes respirações, que variam segundo os seus estados (nos 1119, 3886, 3887, 3889, 3892, 3893). Os maus são inteiramente incapazes de respirar no céu e sufocam se aí forem (n.º 3894).

[2] As ideias dos anjos, a partir das quais falam, exprimem-se por maravilhosas variações da luz do céu (nos 1646, 3343, 3993).

[3] Os anjos podem exprimir, pela sua fala, num instante, mais do que um homem consegue exprimir pela sua em meia hora; e podem também exprimir coisas que não cabem nas expressões da linguagem humana (nos 1641–1643, 1645, 4609, 7089).

[4] As inúmeras coisas contidas numa só ideia do pensamento (nos 1008, 1869, 4946, 6613–6618). As ideias do pensamento do homem são abertas na outra vida, e a sua natureza é apresentada à vista de modo vivo (nos 1869, 3310, 5510). Qual é a sua aparência (nos 6601, 8885). As ideias dos anjos do céu mais íntimo apresentam uma aparência de luz flamejante (n.º 6615). As ideias dos anjos do céu mais exterior apresentam uma aparência de ténues nuvens brancas (n.º 6614). Uma ideia angélica que foi vista, da qual emanava uma radiação na direção do Senhor (n.º 6620). As ideias do pensamento estendem-se amplamente pelas sociedades de anjos em redor (nos 6598–6613).

[5] [Conforme estas vogais são pronunciadas nas línguas europeias.]

[6] Na linguagem angélica há uma sinfonia com uma cadência harmoniosa (nos 1648, 1649, 7191).

[7] Existe uma linguagem espiritual ou angélica que pertence ao homem, embora ele não o saiba (n.º 4104). As ideias do homem interno são espirituais, mas, durante a sua vida no mundo, o homem percebe-as naturalmente, porque então pensa no natural (nos 10236, 10237, 10551). Depois da morte, o homem entra nas suas ideias interiores (nos 3226, 3342, 3343, 10568, 10604). Essas ideias formam então a sua linguagem (nos 2470–2479).

Capítulo 28

[1] O homem pode falar com espíritos e anjos; e os povos antigos falavam frequentemente com eles (nos 67–69, 784, 1634, 1636, 7802). Nalgumas terras, os anjos e os espíritos aparecem sob forma humana e falam com os habitantes (nos 10751, 10752). Mas, atualmente, nesta terra, é perigoso falar com espíritos, a menos que o homem esteja na verdadeira fé e seja conduzido pelo Senhor (nos 784, 9438, 10751).

[2] A «fronte» corresponde ao amor celeste e, por conseguinte, na Palavra significa esse amor (n.º 9936). O «rosto» corresponde aos interiores do homem, que pertencem ao pensamento e à afeição (nos 1568, 2988, 2989, 3631, 4796, 4797, 4800, 5165, 5168, 5695, 9306). O rosto é formado de modo a corresponder aos interiores (nos 4791–4805, 5695). Por conseguinte, o «rosto», na Palavra, significa os interiores (nos 1999, 2434, 3527, 4066, 4796).

[3] Os espíritos não podem ver, por intermédio do homem, coisa alguma que exista neste mundo solar; mas viram através dos meus olhos; a razão (n.º 1880).

[4] Os espíritos enviados de uma sociedade de espíritos para outras sociedades chamam-se sujeitos (nos 4403, 5856). As comunicações no mundo espiritual realizam-se por meio desses espíritos emissários (nos 4403, 5856, 5983). Um espírito, quando é enviado e serve de sujeito, pensa a partir daqueles que o enviam, e não de si mesmo (nos 5985–5987).

[5] As possessões exteriores ou corporais não são permitidas no tempo presente, como o eram outrora (n.º 1983). Mas, atualmente, as possessões interiores, que pertencem à mente, são permitidas mais do que antigamente (nos 1983, 4793). O homem é interiormente possuído quando tem pensamentos imundos e escandalosos acerca de Deus e do próximo e só é impedido de os dar a conhecer por considerações exteriores: o medo de perder a reputação, a honra e o ganho, o medo da lei e de perder a vida (n.º 5990). Acerca dos espíritos diabólicos que sobretudo possuem os interiores do homem (n.º 4793). Acerca dos espíritos diabólicos que desejam possuir os exteriores do homem, e de como são encerrados no inferno (nos 2752, 5990).

Capítulo 29

[1] Todos os números na Palavra significam coisas (nos 482, 487, 647, 648, 755, 813, 1963, 1988, 2075, 2252, 3252, 4264, 6470, 6175, 9488, 9659, 10217, 10253). Demonstrado a partir do céu (nos 4495, 5265). Os números compostos têm a mesma significação que os números simples de cuja multiplicação resultam (nos 5291, 5335, 5708, 7973). Os povos mais antigos possuíam arcanos celestes expressos em números, formando uma espécie de cálculo dos estados da Igreja (n.º 575).

Capítulo 30

[1] Acerca da sabedoria dos anjos, que é incompreensível e inefável (nos 2795, 2796, 2802, 3314, 3404, 3405, 9094, 9176).

[2] Na medida em que o homem é elevado das coisas exteriores para as interiores, entra na luz, isto é, na inteligência (nos 6183, 6313). Há uma elevação real (nos 7816, 10330). A elevação das coisas exteriores para as interiores é como a elevação para fora de uma névoa, em direção à luz (n.º 4598). Como as coisas exteriores no homem estão mais afastadas do Divino, são relativamente obscuras (n.º 6451) e também relativamente confusas (nos 996, 3855). As coisas interiores são mais perfeitas porque estão mais próximas do Divino (nos 5146, 5147). No interno há milhares e milhares de coisas que no externo aparecem como uma só coisa geral (n.º 5707). Por conseguinte, quanto mais interiores são o pensamento e a perceção, mais claros são (n.º 5920).

[3] O sensual é o mais exterior da vida do homem, aderindo e inerindo à sua parte corporal (nos 5077, 5767, 9212, 9216, 9331, 9730). Chama-se homem sensual àquele que julga todas as coisas e tira todas as suas conclusões a partir dos sentidos corporais, não acreditando em nada senão no que vê com os olhos e toca com as mãos (nos 5094, 7693). Tal homem pensa nos externos, e não interiormente em si mesmo (nos 5089, 5094, 6564, 7693). Os seus interiores estão de tal modo fechados que neles nada vê da verdade espiritual (nos 6564, 6844, 6845). Numa palavra, está numa luz natural grosseira e, por isso, nada percebe do que procede da luz do céu (nos 6201, 6310, 6564, 6598, 6612, 6614, 6622, 6624, 6844, 6845). Interiormente, é contrário às coisas do céu e da Igreja (nos 6201, 6316, 6844, 6845, 6948, 6949). Os eruditos que se confirmaram contra as verdades da Igreja tornam-se assim (n.º 6316). Os homens sensuais são mais astutos e maliciosos do que os outros (nos 7693, 10236). Raciocinam com subtileza e astúcia, mas a partir da memória corporal, na qual situam toda a inteligência (nos 195, 196, 5700, 10236). Raciocinam, porém, a partir das falácias dos sentidos (nos 5084, 6948, 6949, 7693).

[4] Aquilo que governa universalmente ou domina no homem está em cada particularidade da sua vida, e, portanto, em todas e em cada uma das coisas do seu pensamento e da sua afeição (nos 4459, 5949, 6159, 6571, 7648, 8067, 8853–8858). O homem é tal como o seu amor dominante (nos 917, 1040, 8858); ilustrado por exemplos (nos 8854, 8857). Aquilo que governa universalmente constitui a vida do espírito do homem (n.º 7648). É a sua própria vontade, o seu próprio amor e a finalidade da sua vida, pois aquilo que o homem quer, ama-o, e aquilo que ama, tem-no como finalidade (nos 1317, 1568, 1571, 1909, 3796, 5949, 6936). Por conseguinte, o homem é tal como a sua vontade, ou tal como o seu amor dominante, ou tal como a finalidade da sua vida (nos 1568, 1571, 3570, 4054, 6571, 6935, 6938, 8856, 10076, 10109, 10110, 10284).

[5] Os anjos celestiais conhecem inúmeras coisas e são incomensuravelmente mais sábios do que os anjos espirituais (n.º 2718). Os anjos celestiais não pensam nem falam a partir da fé, como os anjos espirituais, pois recebem do Senhor uma perceção de todas as coisas que constituem a fé (nos 202, 597, 607, 784, 1121, 1384, 1442, 1898, 1919, 7680, 7877, 8780, 9277, 10336). Quanto às verdades da fé, dizem apenas «Sim, sim» ou «Não, não», enquanto os anjos espirituais raciocinam sobre se uma coisa é verdadeira (nos 2715, 3246, 4448, 9166, 10786, onde se explicam as palavras do Senhor: «Seja o vosso falar: Sim, sim; Não, não», Mateus 5:37).

[6] Acerca da correspondência do ouvido e da audição (nos 4652–4660). O ouvido corresponde à perceção e à obediência e, por isso, significa-as (nos 2542, 3869, 4653, 5017, 7216, 8361, 9311, 9397, 10061). O ouvido significa a receção das verdades (nos 5471, 5475, 9926). A correspondência do olho e da sua visão (nos 4403–4421, 4523–4534); por ela, a visão do olho significa a inteligência que pertence à fé, e também a fé (nos 2701, 4410, 4526, 6923, 9051, 10569).

[7] Os anjos são aperfeiçoados por toda a eternidade (nos 4803, 6648).

Capítulo 31

[1] A inocência das crianças não é a verdadeira inocência; a verdadeira inocência tem a sua morada na sabedoria (nos 1616, 2305, 2306, 3494, 4563, 4797, 5608, 9301, 10021). O bem da infância não é bem espiritual, mas torna-se tal pela implantação da verdade (n.º 3504). Contudo, o bem da infância é um meio pelo qual se implanta a inteligência (nos 1616, 3183, 9301, 10110). Sem o bem da inocência na infância, o homem seria um homem selvagem (n.º 3494). Tudo o que impregna a mente na infância parece natural (n.º 3494).

[2] Na Palavra, as «criancinhas» significam a inocência (n.º 5608), assim como os «lactentes» (n.º 3183). Um «ancião» significa alguém sábio e, em sentido abstrato, a sabedoria (nos 3183, 6524). O homem foi criado de tal modo que, à medida que se aproxima da velhice, possa tornar-se como uma criancinha, para que a inocência esteja então na sua sabedoria e, nesse estado, passe para o céu e se torne um anjo (nos 3183, 5608).

[3] Todos no céu mais íntimo são inocências (nos 154, 2736, 3887). Por isso, aparecem aos outros como crianças (n.º 154). Estão também nus (nos 165, 8375, 9960). A nudez pertence à inocência (nos 165, 8375). Os espíritos têm o costume de mostrar a inocência despindo as suas vestes e apresentando-se nus (nos 165, 8375, 9960).

4 Todo o bem do amor e toda a verdade da fé, para serem bons e verdadeiros, têm de conter inocência (nos 2526, 2780, 3111, 3994, 6013, 7840, 9262, 10134). A inocência é o essencial do bem e da verdade (nos 2780, 7840). Ninguém é admitido no céu se não possuir algo de inocência (4797).

5 O verdadeiro amor conjugal é inocência (n.º 2736). O amor conjugal consiste em querer o que o outro quer, mútua e reciprocamente (n.º 2731). Os que estão no amor conjugal habitam juntos nos íntimos da vida (n.º 2732). Há uma união das duas mentes e, assim, pelo amor, são um só (nos 10168, 10169). O verdadeiro amor conjugal recebe a sua origem e essência do casamento do bem e da verdade (nos 2728, 2729). Acerca dos espíritos angélicos que, pela ideia da conjunção do bem e da verdade, percebem se existe algo de conjugal (n.º 10756). O amor conjugal é inteiramente semelhante à conjunção do bem e da verdade (nos 1904, 2173, 2508, 2729, 3103, 3132, 3155, 3179, 3180, 4358, 5807, 5835, 9206, 9207, 9495, 9637). Por isso, na Palavra, o «casamento» significa o casamento do bem e da verdade, tal como existe no céu e tal como existirá na Igreja (nos 3132, 4434, 4835).

6 Na Palavra, um «cordeiro» significa a inocência e o seu bem (nos 3994, 10132).

7 O próprio do homem é amar-se mais a si mesmo do que a Deus, amar o mundo mais do que o céu e não ter o próximo em conta em comparação consigo mesmo; é, portanto, o amor de si e do mundo (nos 694, 731, 4317, 5660). Os maus são inteiramente contrários à inocência, ao ponto de não suportarem a sua presença (n.º 2126).

Capítulo 32

1 Por paz, no sentido supremo, entende-se o Senhor, porque a paz procede d'Ele; no sentido interno, entende-se o céu, porque os que aí estão se encontram num estado de paz (nos 3780, 4681). A paz nos céus é o Divino que toca com bem-aventurança, no mais íntimo, tudo o que aí é bom e verdadeiro; esta paz é incompreensível para o homem (nos 92, 3780, 5662, 8455, 8665). A paz divina está no bem, mas não na verdade separada do bem (n.º 8722).

2 Na Palavra, um «odor» significa a perceção do que é agradável ou desagradável, segundo a qualidade do amor e da fé de que se diz ((nos 3577, 4626, 4628, 4748, 5621, 10292). Um «odor de repouso», referido a Jeová, significa uma perceção de paz ((nos 925, 10054). É por isso que o olíbano, o incenso e os aromas nos óleos e unguentos se tornaram representativos ((nos 925, 4748, 5621, 10177).

3 O «sábado» significa, no sentido supremo, a união do Divino mesmo e do Humano Divino no Senhor; no sentido interno, a conjunção do Humano Divino do Senhor com o céu e com a Igreja; em geral, a conjunção do bem e da verdade, e, portanto, o casamento celeste (nos 8495, 10356, 10730). Por isso, o «repouso no dia de sábado» significava o estado dessa união, porque então o Senhor teve repouso e, por esse meio, há paz e salvação nos céus e na terra; num sentido relativo, significava a conjunção do Senhor com o homem, porque então o homem tem paz e salvação (nos 8494, 8510, 10360, 10367, 10370, 10374, 10668, 10730).

4 A conjunção do bem e da verdade no homem que está a ser regenerado realiza-se num estado de paz (nos 3696, 8517).

5 O estado de paz nos céus é como um estado de aurora ou de primavera na terra (nos 1726, 2780, 5662).

6 As cobiças que nascem do amor de si e do mundo retiram inteiramente a paz (nos 3170, 5662). Há quem pense encontrar a paz na inquietação e em coisas contrárias à paz (n.º 5662). A paz só é possível quando as cobiças do mal são afastadas (n.º 5662).

Capítulo 33

1 Junto de cada homem há anjos e espíritos, e por meio deles o homem comunica com o mundo espiritual (nos 697, 2796, 2886, 2887, 4047, 4048, 5846–5866, 5976–5993). O homem não pode viver sem espíritos que o acompanhem (n.º 5993). O homem não é visto pelos espíritos, assim como os espíritos não são vistos pelo homem (n.º 5862). Os espíritos nada podem ver no nosso mundo solar que pertença a qualquer homem, exceto àquele com quem estão a falar (n.º 1880).

2 Toda a liberdade pertence ao amor e à afeição, pois aquilo que o homem ama, fá-lo livremente (nos 2870, 3158, 8987, 8990, 9585, 9591). Como a liberdade pertence ao amor do homem, pertence também à sua vida (n.º 2873). Nada parece ser próprio do homem senão o que procede da liberdade (n.º 2880). O homem tem de possuir liberdade para poder ser reformado (nos 1937, 1947, 2876, 2881, 3145, 3146, 3158, 4031, 8700). De outro modo, nenhum amor do bem e da verdade pode ser implantado no homem e apropriado como se fosse seu (nos 2877, 2879, 2880, 2883, 8700). Nada do que provém da coação se une ao homem (nos 2875, 8700). Se o homem pudesse ser reformado pela coação, todos seriam reformados (n.º 2881). A coação na reforma é prejudicial (n.º 4031). O que são os estados de coação (n.º 8392).

3 A diferença entre os homens e os animais é que os homens podem ser elevados pelo Senhor até Ele, pensar no Divino, amá-lo e, desse modo, unir-se ao Senhor, de onde lhes vem a vida eterna; com os animais sucede de outro modo (nos 4525, 6323, 9231). Os

animais estão na ordem da sua vida e, por isso, nascem nas coisas adequadas à sua natureza; o homem não, pelo que tem de ser conduzido à ordem da sua vida por meios intelectuais (nos 637, 5850, 6323). Segundo o influxo geral, o pensamento do homem passa à fala, e a vontade aos movimentos (nos 5862, 5990, 6192, 6211). O influxo geral do mundo espiritual na vida dos animais (nos 1633, 3646).

4 Existe influxo imediato do Senhor e também influxo mediato através do mundo espiritual (nos 6063, 6307, 6472, 9682, 9683). O influxo imediato do Senhor alcança as menores particularidades de todas as coisas (nos 6058, 6474–6478, 8717, 8728). O Senhor influi nos primeiros e, ao mesmo tempo, nos últimos; de que maneira nos 5147, 5150, 6473, 7004, 7007, 7270). O influxo do Senhor entra no bem do homem e, pelo bem, na verdade, e não o inverso (nos 5482, 5649, 6027, 8685, 8701, 10153). A vida que influi a partir do Senhor varia segundo o estado do homem e segundo a receção (nos 2069, 5986, 6472, 7343). Nos maus, o bem que influi a partir do Senhor transforma-se em mal, e a verdade em falsidade; segundo a experiência (nos 3642, 4632). O bem e a verdade dele proveniente, que continuamente influem do Senhor, são recebidos precisamente na medida em que o mal e a falsidade dele proveniente não lhes põem obstáculos (nos 2411, 3142, 3147, 5828).

5 Os que não têm consciência não sabem o que ela é (nos 7490, 9121). Há quem se ria da consciência ao ouvir o que ela é (n.º 7217). Alguns acreditam que a consciência nada é; outros, que é algo natural, triste e pesaroso, que nasce de causas no corpo ou no mundo; outros ainda, que é algo que o povo recebe da sua religião (nos 206, 831, 950; TCR, n.º 665). Há consciência verdadeira, consciência espúria e consciência falsa (n.º 1033). A dor de consciência é uma ansiedade da mente por causa do que é injusto, insincero ou de algum modo mau, que o homem julga ser contrário a Deus e ao bem do próximo (n.º 7217). Têm consciência os que estão no amor a Deus e na caridade para com o próximo; os que não estão assim não têm consciência (nos 831, 965, 2380, 7490).

Capítulo 34

1 Nada surge de si mesmo, mas do que lhe é anterior, e, portanto, todas as coisas surgem de um Primeiro; subsistem também a partir d'Aquele de quem surgem, e a subsistência é um surgir perpétuo (nos 2886, 2888, 3627, 3628, 3648, 4523, 4524, 6040, 6056). A ordem divina não se detém a meio, mas termina num último, e esse último é o homem; assim, a ordem divina termina no homem (nos 634, 2853, 3632, 5897, 6239, 6451, 6465, 9215, 9216, 9824, 9828, 9836, 9905, 10044, 10329, 10335, 10548). As coisas interiores influem nas exteriores, até ao extremo ou último, em ordem sucessiva, e aí surgem e subsistem (nos 634, 6239, 6465, 9215, 9216). As coisas interiores surgem e subsistem no último em ordem simultânea (nos 5897, 6451, 8603, 10099). Por isso, todas as coisas interiores são mantidas em conexão a partir de um Primeiro por meio de um Último (n.º 9828). Por isso, «o Primeiro e o Último» significam todas e cada uma das coisas, isto é, o todo (nos 10044, 10329, 10335). Consequentemente, nos últimos há força e poder (n.º 9836).

2 A Palavra, no sentido da letra, é natural (n.º 8783), porque o natural é o último em que terminam e sobre o qual repousam as coisas espirituais e celestes, que são interiores, como uma casa sobre os seus alicerces (nos 9430, 9433, 9824, 10044, 10436). Para que a Palavra seja assim, é inteiramente composta de correspondências (nos 1404, 1408, 1409, 1540, 1619, 1659, 1709, 1783, 8615, 10687). Porque a Palavra é assim no sentido da letra, contém o sentido espiritual e celeste (n.º 9407). Está adaptada tanto aos homens como aos anjos (nos 1769–1772, 1887, 2143, 2157, 2275, 2333, 2395, 2540, 2541, 2547, 2553, 7381, 8862, 10322). É ela que faz do céu e da terra uma unidade (nos 2310, 2495, 9212, 9216, 9357, 9396, 10375). A conjunção do Senhor com o homem realiza-se pela Palavra, por meio do sentido interno (n.º 10375). Há conjunção por meio de todas e de cada uma das particularidades da Palavra; por isso, a Palavra é maravilhosa acima de qualquer outro escrito (nos 10632–10634). Desde que a Palavra foi escrita, o Senhor fala com os homens por seu intermédio (n.º 10290). A Igreja onde existe a Palavra e onde por ela se conhece o Senhor, em relação aos que estão fora da Igreja, onde não há Palavra e o Senhor é desconhecido, é como o coração e os pulmões no homem em relação às restantes partes do corpo, que deles vivem como das fontes da sua vida (nos 637, 931, 2054, 2853). Diante do Senhor, a Igreja universal na terra é como um só homem (nos 7396, 9276). Por conseguinte, se nesta terra não houvesse uma Igreja onde existisse a Palavra e onde por ela se conhecesse o Senhor, o género humano aqui pereceria (nos 468, 637, 931, 4545, 10452).

3 Na Palavra, «Egito» e «egípcio» significam o natural e o seu conhecimento (nos 4967, 5079, 5080, 5095, 5160, 5460, 5799, 6015, 6147, 6252, 7355, 7648, 9340, 9391). «Assíria» significa o racional (nos 119, 1186). «Israel» significa o espiritual (nos 5414, 5801, 5803, 5806, 5812, 5817, 5819, 5826, 5833, 5879, 5951, 6426, 6637, 6862, 6868, 7035, 7062, 7198, 7201, 7215, 7223, 7957, 8234, 8805, 9340).

4 A Igreja, em sentido específico, está onde existe a Palavra e onde por ela se conhece o Senhor, portanto onde as verdades divinas são reveladas a partir do céu (nos 3857, 10761). A Igreja do Senhor está com todos os que, em todo o globo, vivem no bem segundo os princípios da sua religião (nos 3263, 6637, 10765). Todos, onde quer que estejam, que vivem no bem segundo os princípios da

sua religião e reconhecem o Divino são aceites pelo Senhor (nos 2589–2604, 2861, 2863, 3263, 4190, 4197, 6700, 9256). E, além destes, todas as crianças, onde quer que nasçam (nos 2289–2309, 4792).

Capítulo 35

1 Os infernos tomados em conjunto, ou os seres infernais tomados em conjunto, são chamados Diabo e Satanás (n.º 694). Os que foram diabos no mundo tornam-se diabos depois da morte (n.º 968).

2 A doutrina da Igreja tem de ser extraída da Palavra (nos 3464, 5402, 6822, 6832, 10763, 10765). Sem doutrina, a Palavra não é compreendida (nos 9025, 9409, 9424, 9430, 10324, 10431, 10582). A verdadeira doutrina é uma lâmpada para os que leem a Palavra (n.º 10400). A doutrina genuína tem de proceder dos que são esclarecidos pelo Senhor (nos 2510, 2516, 2519, 9424, 10105). Os que permanecem no sentido da letra sem doutrina não chegam à compreensão das verdades divinas (nos 9409, 9410, 10582) e são conduzidos a muitos erros (n.º 10431). A diferença entre os que ensinam e aprendem a partir da doutrina da Igreja extraída da Palavra e os que ensinam e aprendem apenas a partir do sentido da letra (n.º 9025).

3 Atualmente, poucos na cristandade acreditam que o homem ressuscita imediatamente depois da morte (prefácio ao Génesis, capítulo 16, e nos 4622, 10758); acredita-se, porém, que ressuscitará no tempo do Juízo Final, quando o mundo visível perecer (n.º 10595). A razão desta crença (nos 10595, 10758). Contudo, o homem ressuscita imediatamente depois da morte e é então homem em todos os aspetos, até nos mais pequenos (nos 4527, 5006, 5078, 8939, 8991, 10594, 10758). A alma que vive depois da morte é o espírito do homem, que no homem é o próprio homem e, na outra vida, tem uma forma humana completa (nos 322, 1880, 1881, 3633, 4622, 4735, 5883, 6054, 6605, 6626, 7021, 10594); segundo a experiência (nos 4527, 5006, 8939); segundo a Palavra (n.º 10597). Explicação do que significam os mortos vistos na cidade santa (Mateus 27:53; n.º 9229). De que maneira o homem é ressuscitado dos mortos, segundo a experiência (nos 168–189). O seu estado depois da ressurreição (nos 317–319, 2119, 5079, 10596). Opiniões falsas acerca da alma e da sua ressurreição (nos 444, 445, 4527, 4622, 4658).

4 No homem, o mundo espiritual e o mundo natural estão unidos (n.º 6057). O interno do homem foi formado à imagem do céu, e o externo à imagem do mundo (nos 3628, 4523, 4524, 6013, 6057, 9706, 10156, 10472).

5 Há no homem tantos graus de vida quantos céus existem, e são abertos depois da morte de acordo com a sua vida (nos 3747, 9594). O céu está no homem (n.º 3884). Os homens que vivem uma vida de amor e caridade possuem em si sabedoria angélica, embora esteja temporariamente oculta; depois da morte, entram nessa sabedoria (n.º 2494). O homem que recebe do Senhor o bem do amor e da fé é chamado anjo na Palavra (n.º 10528).

6 O homem ressuscita apenas quanto ao seu espírito (nos 10593, 10594). Só o Senhor ressuscitou também quanto ao Seu corpo (nos 1729, 2083, 5078, 10825).

Capítulo 36

1 Os gentios são salvos tal como os cristãos (nos 932, 1032, 1059, 2284, 2589, 2590, 3778, 4190, 4197). O destino das nações e dos povos exteriores à Igreja na outra vida (nos 2589–2604). A Igreja está, em sentido específico, onde existe a Palavra e onde por ela se conhece o Senhor (nos 3857, 10761). Contudo, os que nascem onde existe a Palavra e onde o Senhor é conhecido não pertencem por isso à Igreja, mas apenas os que vivem uma vida de caridade e de fé (nos 6637, 10143, 10153, 10578, 10645, 10829). A Igreja do Senhor está com todos os que, no mundo inteiro, vivem no bem segundo a sua religião e reconhecem um Divino; estes são aceites pelo Senhor e entram no céu (nos 2589–2604, 2861, 2863, 3263, 4190, 4197, 6700, 9256).

2 Entre o bem e a verdade há uma espécie de casamento (nos 1904, 2173, 2508). O bem e a verdade estão num esforço perpétuo para se unirem, e o bem anseia pela verdade e pela conjunção com ela (nos 9206, 9207, 9495). Como se realiza a conjunção do bem e da verdade, e em quem (nos 3834, 3843, 4096, 4097, 4301, 4345, 4353, 4364, 4368, 5365, 7623–7627, 9258).

3 A diferença entre o bem em que estão os gentios e aquele em que estão os cristãos (nos 4189, 4197). As verdades entre os gentios (nos 3263, 3778, 4190). Os interiores não podem fechar-se tanto nos gentios como nos cristãos (n.º 9256). Tampouco pode existir uma nuvem tão densa nos gentios que vivem na caridade mútua segundo a sua religião como nos cristãos que vivem sem caridade; as razões (nos 1059, 9256). Os gentios não podem profanar as coisas santas da Igreja como os cristãos, porque as desconhecem (nos 1327, 1328, 2051). Têm medo dos cristãos por causa da sua vida (nos 2596, 2597). Os que viveram bem segundo a sua religião são ensinados pelos anjos, aceitam prontamente as verdades da fé e reconhecem o Senhor (nos 2049, 2595, 2598, 2600, 2601, 2603, 2861, 2863, 3263).

4 A primeira e Antiquíssima Igreja nesta terra foi a descrita nos primeiros capítulos do Génesis; essa Igreja era, acima de todas as outras, celestial (nos 607, 895, 920, 1121–1124, 2896, 4493, 8891, 9942, 10545). Quem são os celestiais no céu (nos 1114–1125). Depois do dilúvio houve diversas Igrejas, chamadas Igrejas antigas (nos 1125–1127, 1327, 10355). Como eram os homens da Igreja

Antiga (nos 609, 895). As Igrejas antigas eram Igrejas representativas (nos 519, 521, 2896). Na Igreja Antiga havia uma Palavra, mas perdeu-se (n.º 2897). A natureza da Igreja Antiga quando começou a declinar (n.º 1128). A diferença entre a Igreja Antiquíssima e a Igreja Antiga (nos 597, 607, 640, 641, 765, 784, 895, 4493). Os estatutos, os juízos e as leis ordenados na Igreja judaica eram, em parte, semelhantes aos da Igreja Antiga (nos 4288, 4449, 10149). O Deus da Igreja Antiquíssima e da Igreja Antiga era o Senhor, e era chamado Jeová (nos 1343, 6846).

Capítulo 37

1 O batismo significa a regeneração pelo Senhor por meio das verdades da fé provenientes da Palavra (nos 4255, 5120, 9088, 10239, 10386–10388, 10392). O batismo é um sinal de que o homem batizado pertence à Igreja em que se reconhece o Senhor, que regenera, e onde existe a Palavra, da qual procedem as verdades da fé por meio das quais se realiza a regeneração (nos 10386–10388). O batismo não confere fé nem salvação, mas testemunha que os que estão a ser regenerados receberão fé e salvação (n.º 10391).

2 O alimento espiritual é o conhecimento, a inteligência e a sabedoria, portanto o bem e a verdade dos quais estes procedem (nos 3114, 4459, 4792, 5147, 5293, 5340, 5342, 5410, 5426, 5576, 5582, 5588, 5655, 8562, 9003). Por isso, no sentido espiritual, tudo o que sai da boca do Senhor é alimento (n.º 681). Como o pão significa todo o alimento em geral, significa todo o bem, celestial e espiritual (nos 276, 680, 2165, 2177, 3478, 6118, 8410); e isto porque estes alimentam a mente, que pertence ao homem interno (nos 4459, 5293, 5576, 6277, 8410).

3 Todos os homens nascem em males de toda a espécie, ao ponto de o que lhes é próprio não ser senão mal (nos 210, 215, 731, 874–876, 987, 1047, 2307, 2308, 3518, 3701, 3812, 8480, 8550, 10283, 10284, 10286, 10731). Por conseguinte, o homem tem de nascer de novo, isto é, ser regenerado (n.º 3701). O mal hereditário do homem consiste em amar-se mais a si mesmo do que a Deus, amar o mundo mais do que o céu e não ter o próximo em conta em comparação consigo mesmo, exceto em função de si, isto é, apenas de si próprio; consiste, portanto, no amor de si e do mundo (nos 694, 731, 4317, 5660). Todos os males procedem do amor de si e do mundo quando estes amores dominam (nos 1307, 1308, 1321, 1594, 1691, 3413, 7255, 7376, 7488, 7490, 8318, 9335, 9348, 10038, 10742). Esses males são o desprezo pelos outros, a inimizade, o ódio, a vingança, a crueldade e o engano (nos 6667, 7370–7374, 9348, 10038, 10742). Desses males procede toda a falsidade (nos 1047, 10283, 10284, 10286). Na medida em que lhes são soltas as rédeas, esses amores precipitam-se desenfreadamente; e o amor de si aspira até ao trono de Deus (nos 7375, 8678).

Capítulo 38

1 A luz do mundo destina-se ao homem externo, e a luz do céu ao homem interno (nos 3222–3224, 3337). A luz do céu influi na luz natural, e, na medida em que o homem natural recebe a luz do céu, torna-se sábio (nos 4302, 4408). As coisas que estão na luz do céu podem ser vistas na luz do céu, mas não na luz do mundo, chamada luz natural (n.º 9755). Por isso, os que estão apenas na luz do mundo não percebem as coisas que estão na luz do céu (n.º 3108). Para os anjos, a luz do mundo é densas trevas (nos 1521, 1783, 1880).

2 O mérito e a justiça do Senhor são o bem que governa no céu (nos 9486, 9983). O «justo» ou «justificado» é aquele a quem são atribuídos o mérito e a justiça do Senhor; é «injusto» aquele que se apega à sua própria justiça e mérito (nos 5069, 9263). A condição, na outra vida, dos que reclamam para si a justiça (nos 942, 2027). Na Palavra, a «justiça» diz-se do bem, e o «juízo» da verdade; por isso, «praticar a justiça e o juízo» é praticar o bem e a verdade (nos 2235, 9857).

3 É próprio do sábio ver e perceber se uma coisa é verdadeira antes de a confirmar, e não apenas confirmar o que os outros dizem (nos 1017, 4741, 7012, 7680, 7950). Só podem ver e perceber se uma coisa é verdadeira antes de a confirmar os que são tocados pela verdade por causa da verdade e da vida (n.º 8521). A luz da confirmação não é luz espiritual, mas natural, e até sensual, que os maus podem possuir (n.º 8780). Todas as coisas, mesmo as falsidades, podem ser confirmadas de modo a parecerem verdades (nos 2477, 2480, 5033, 6865, 8521).

4 O sensual é o mais exterior da vida do homem, aderindo e inerindo à sua parte corporal (nos 5077, 5767, 9212, 9216, 9331, 9730). Chama-se homem sensual àquele que forma todos os seus juízos e conclusões a partir dos sentidos corporais e não acredita em nada senão no que vê com os olhos e toca com as mãos (nos 5094, 7693). Tal homem pensa nas coisas mais exteriores, e não interiormente em si mesmo (nos 5089, 5094, 6564, 7693). Os seus interiores estão de tal modo fechados que nada vê da verdade divina (nos 6564, 6844, 6845). Numa palavra, está numa luz natural grosseira e, por isso, nada percebe do que procede da luz do céu (nos 6201, 6310, 6564, 6598, 6612, 6614, 6622, 6624, 6844, 6845). É, portanto, interiormente contrário a todas as coisas do céu e da Igreja (nos 6201, 6310, 6844, 6845, 6948, 6949). Os eruditos que se confirmaram contra as verdades da Igreja são sensuais (n.º 6316). Descrição do homem sensual (n.º 10236).

[5] Os homens sensuais raciocinam com subtileza e astúcia, pois situam toda a inteligência em falar a partir da memória corporal (nos 195, 196, 5700, 10236). Mas raciocinam a partir das falácias dos sentidos (nos 5084, 6948, 6949, 7693). Os homens sensuais são mais astutos e maliciosos do que os outros nos 7693, 10236). Os antigos chamavam-lhes serpentes da árvore do conhecimento (nos 195–197, 6398, 6949, 10313).

[6] Os conhecimentos pertencem à memória natural que o homem possui enquanto está no corpo nos 5212, 9922). Depois da morte, o homem leva consigo toda a sua memória natural (n.º 2475); segundo a experiência (nos 2481–2486). Mas, por várias razões, já não consegue retirar dela coisa alguma como no mundo (nos 2476, 2477, 2479).

[7] No céu veem-se cores belíssimas (nos 1053, 1624). As cores no céu procedem da luz que aí existe e são modificações ou variações dessa luz (nos 1042, 1043, 1053, 1624, 3993, 4530, 4742, 4922). São, assim, manifestações da verdade proveniente do bem e significam coisas que pertencem à inteligência e à sabedoria (nos 4530, 4677, 4922, 9466).

Capítulo 39

[1] Diz-se frequentemente na Palavra que o homem será julgado e recompensado segundo os seus atos e as suas obras (n.º 3934). Por «atos e obras» entendem-se os atos e as obras na sua forma interna, e não na sua forma externa, pois também os maus realizam boas obras na forma externa, mas só os bons as realizam simultaneamente na forma interna e na externa (nos 3934, 6073). As obras, como todas as atividades, recebem o seu ser e o seu existir [esse et existere], bem como a sua qualidade, dos interiores do homem, que pertencem ao seu pensamento e à sua vontade, visto que deles procedem; por isso, tais como são os interiores, tais são as obras (nos 3934, 8911, 10331). Isto é, tais como são os interiores quanto ao amor e à fé (nos 3934, 6073, 10331, 10332). Assim, as obras contêm o amor e a fé e são o amor e a fé em efeito (n.º 10331). Por conseguinte, ser julgado e recompensado segundo os atos e as obras significa sê-lo segundo o amor e a fé (nos 3147, 3934, 6073, 8911, 10331, 10332). Na medida em que as obras visam a própria pessoa e o mundo, não são boas; são boas na medida em que visam o Senhor e o próximo (n.º 3147).

[2] Todos os males procedem do amor de si e do mundo (nos 1307, 1308, 1321, 1594, 1691, 3413, 7255, 7376, 7488, 7490, 8318, 9335, 9348, 10038, 10742). São eles o desprezo pelos outros, as inimizades, o ódio, a vingança, a crueldade e o engano (nos 6667, 7370–7374, 9348, 10038, 10742). O homem nasce em tais amores, pelo que neles residem os seus males hereditários (nos 694, 4317, 5660).

[3] A caridade para com o próximo consiste em fazer o que é bom, justo e reto em cada obra e em cada ocupação (nos 8120–8122). Assim, a caridade para com o próximo estende-se a todas e a cada uma das coisas que o homem pensa, quer e faz (n.º 8124). Uma vida de piedade separada da vida de caridade de nada serve; juntas, porém, são úteis para tudo (nos 8252, 8253).

[4] Todo o bem recebe o seu prazer do uso e segundo o uso (nos 3049, 4984, 7038), assim como a sua qualidade; por conseguinte, tal como é o uso, tal é o bem (n.º 3049). Toda a felicidade e todo o prazer da vida procedem dos usos (n.º 997). Em geral, a vida é uma vida de usos (n.º 1964). A vida angélica consiste nos bens do amor e da caridade, portanto, na realização de usos (n.º 454). Os fins que o homem tem em vista, que são os usos, são as únicas coisas que o Senhor e, por conseguinte, os anjos consideram (nos 1317, 1645, 5844). O reino do Senhor é um reino de usos (nos 454, 696, 1103, 3645, 4054, 7038). Realizar usos é servir o Senhor (n.º 7038). O caráter de cada um é tal como são os usos que realiza (nos 4054, 6315); ilustração (n.º 7038).

[5] Não pode haver misericórdia sem meios, mas apenas misericórdia através de meios, isto é, para com aqueles que vivem de acordo com os mandamentos do Senhor; a estes o Senhor, pela Sua misericórdia, conduz continuamente no mundo e, depois, por toda a eternidade (nos 8700, 10659).

[6] As dignidades e as riquezas não são bênçãos reais, pelo que são concedidas tanto aos maus como aos bons (nos 8939, 10775, 10776). A verdadeira bênção é receber do Senhor o amor e a fé e, por meio deles, alcançar a conjunção, pois esta é a fonte da felicidade eterna (nos 1420, 1422, 2846, 3017, 3406, 3504, 3514, 3530, 3565, 3584, 4216, 4981, 8939, 10495).

[7] As «vestes» significam verdades e, portanto, conhecimentos (nos 1073, 2576, 5319, 5954, 9212, 9216, 9952, 10536). A «púrpura» significa o bem celestial (n.º 9467). O «linho fino» significa a verdade de origem celestial (nos 5319, 9469, 9744).

[8] O «camelo» significa, na Palavra, a faculdade de conhecer e o conhecimento em geral (nos 3048, 3071, 3143, 3145). O significado de «bordado, trabalho de agulha» e, por conseguinte, de «agulha» (n.º 9688). Entrar nas verdades da fé a partir do conhecimento é contrário à ordem Divina (n.º 10236). Os que o fazem tornam-se insensatos quanto às coisas do céu e da igreja (nos 128–130, 232, 233, 6047). E, na outra vida, quando pensam nas coisas espirituais, tornam-se como que embriagados (n.º 1072). Mais acerca destas pessoas (n.º 196). Exemplos que mostram que, quando se entra nas coisas espirituais através dos conhecimentos, elas não podem ser compreendidas (nos 233, 2094, 2196, 2203, 2209). É permitido entrar, a partir da verdade espiritual, nos conhecimentos que pertencem ao homem natural, mas não o inverso, porque pode haver influxo espiritual no natural, mas não influxo natural no

espiritual (nos 3219, 5119, 5259, 5427, 5428, 5478, 6322, 9110). As verdades da Palavra e da igreja têm primeiro de ser reconhecidas; só depois é permitido considerar os conhecimentos, e não antes (n.º 6047).

Capítulo 40

[1] Atualmente não se sabe o que é o amor conjugal nem de onde procede (n.º 2727). O amor conjugal é querer o que o outro quer, portanto, querer de modo mútuo e recíproco (n.º 2731). Os que estão no amor conjugal habitam juntos no mais íntimo da vida (n.º 2732). É uma união de duas mentes tal que, pelo amor, são uma só (nos 10168, 10169). Pois o amor das mentes, que é o amor espiritual, é uma união (nos 1594, 2057, 3939, 4018, 5807, 6195, 7081–7086, 7501, 10130).

[2] Na Palavra, os «jovens» significam o entendimento da verdade, ou os inteligentes (n.º 7668). Os «homens» têm a mesma significação (nos 158, 265, 749, 915, 1007, 2517, 3134, 3236, 4823, 9007). A «mulher» significa a afeição pelo bem e pela verdade nos 568, 3160, 6014, 7337, 8994), e também a igreja (nos 252, 253, 749, 770); a «esposa» tem a mesma significação (nos 252, 253, 409, 749, 770); a diferença entre ambas (nos 915, 2517, 3236, 4510, 4823). No sentido supremo, «marido e esposa» dizem-se do Senhor e da Sua conjunção com o céu e a igreja (n.º 7022). A «virgem» significa a afeição pelo bem (nos 3067, 3110, 3179, 3189, 6729, 6742), e também a igreja (nos 2362, 3081, 3963, 4638, 6729, 6775, 6788).

[3] A origem, a causa e a essência do verdadeiro amor conjugal são o casamento do bem e da verdade; por isso, ele procede do céu (nos 2728, 2729). Acerca dos espíritos angélicos que percebem se há algo de conjugal a partir da ideia da conjunção do bem e da verdade (n.º 10756). O amor conjugal é, em todos os aspetos, como a conjunção do bem e da verdade (nos 1904, 2173, 2429, 2508, 3101, 3102, 3155, 3179, 3180, 4358, 5807, 5835, 9206, 9495, 9637). Como e em quem se efetua a conjunção do bem e da verdade (nos 3834, 4096, 4097, 4301, 4345, 4353, 4364, 4368, 5365, 7623–7627, 9258). Só os que estão no bem e na verdade provenientes do Senhor sabem o que é o verdadeiro amor conjugal (n.º 10171). Na Palavra, o «casamento» significa o casamento do bem e da verdade (nos 3132, 4434, 4835). O reino do Senhor e o céu estão no verdadeiro amor conjugal (n.º 2737).

[4] Todas as coisas do universo, tanto no céu como no mundo, se relacionam com o bem e a verdade (nos 2452, 3166, 4390, 4409, 5232, 7256, 10122) e com a sua conjunção (n.º 10555). Entre o bem e a verdade há um casamento (nos 1904, 2173, 2508). O bem ama a verdade e, por amor, anseia pela verdade e pela conjunção dela consigo; por isso, ambos estão num esforço perpétuo para se unirem (nos 9206, 9207, 9495). A vida da verdade procede do bem (nos 1589, 1997, 2572, 4070, 4096, 4097, 4736, 4757, 4884, 5147, 9667). A verdade é a forma do bem (nos 3049, 3180, 4574, 9154). A verdade está para o bem como a água para o pão (n.º 4976).

[5] Os casamentos entre pessoas de religiões diferentes não são permitidos, porque nos interiores não pode haver conjunção de um bem e de uma verdade semelhantes (n.º 8998).

[6] Como marido e esposa devem ser um só e viver juntos no mais íntimo da vida, e como juntos constituem um só anjo no céu, o verdadeiro amor conjugal é impossível entre um marido e várias esposas (nos 1907, 2740). Casar simultaneamente com várias esposas é contrário à ordem Divina (n.º 10837). Os que estão no reino celestial do Senhor percebem claramente que só há casamento entre um marido e uma esposa (nos 865, 3246, 9002, 10172), porque os anjos aí estão no casamento do bem e da verdade (n.º 3246). À nação israelita foi permitido casar com várias esposas e acrescentar concubinas às esposas, mas não aos cristãos, porque aquela nação estava em externos separados dos internos, enquanto os cristãos podem entrar nos internos e, portanto, no casamento do bem e da verdade (nos 3246, 4837, 8809).

[7] As conceções, as gravidezes, os nascimentos e as gerações significam os que são espirituais, isto é, os que pertencem ao bem e à verdade, ou ao amor e à fé (nos 613, 1145, 1255, 2020, 2584, 3860, 3868, 4070, 4668, 6239, 8042, 9325, 10249). Por isso, a geração e o nascimento significam a regeneração e o renascimento pela fé e pelo amor (nos 5160, 5598, 9042, 9845). A mãe significa a igreja quanto à verdade e, portanto, a verdade da igreja; o pai, a igreja quanto ao bem e, portanto, o bem da igreja (nos 2691, 2717, 3703, 5581, 8897). Os filhos significam as afeições pela verdade e, portanto, as verdades (nos 489, 491, 533, 2623, 3373, 4257, 8649, 9807). As filhas significam as afeições pelo bem e os bens (nos 489–491, 2362, 3963, 6729, 6775, 6778, 9055). O genro significa a verdade associada à afeição pelo bem (n.º 2389). A nora significa o bem associado à sua verdade (n.º 4843).

[8] Os adultérios são profanos (nos 9961, 10174). O céu está fechado aos adúlteros (n.º 2750). Os que experimentaram prazer nos adultérios não podem entrar no céu (nos 539, 2733, 2747–2749, 2751, 10175). Os adúlteros são impiedosos e desprovidos de religião (nos 824, 2747, 2748). As ideias dos adúlteros são imundas (nos 2747, 2748). Na outra vida, amam a imundície e estão em infernos imundos (nos 2755, 5394, 5722). Na Palavra, os adultérios significam adulterações do bem, e as prostituições, perversões da verdade (nos 2466, 2729, 3399, 4865, 8904, 10648).

Capítulo 41

[1] O reino do Senhor é um reino de usos (nos 454, 696, 1103, 3645, 4054, 7038). Realizar usos é servir o Senhor (n.º 7038). Na outra vida, todos têm de realizar usos (n.º 1103), mesmo os maus e os infernais; de que modo o fazem (n.º 696). Todos são tais como os usos que realizam (nos 4054, 6815); ilustração (n.º 7038). A bem-aventurança angélica consiste nos bens da caridade, isto é, na realização de usos (n.º 454).

[2] Amar o próximo não é amar a pessoa, mas amar aquilo que está nela e que a constitui (nos 5025, 10336). Os que amam a pessoa, e não aquilo que está nela e a constitui, amam igualmente o homem mau e o bom (n.º 3820) e fazem igualmente bem ao mau e ao bom; todavia, fazer bem ao mau é fazer mal ao bom, e isso não é amar o próximo (nos 3820, 6703, 8120). O juiz que pune os maus para que se reformem e não corrompam nem prejudiquem os bons ama o próximo (nos 3820, 8120, 8121). Cada indivíduo e cada comunidade, bem como a pátria e a igreja e, no sentido mais geral, o reino do Senhor, são o próximo; e fazer-lhes bem por amor ao bem, segundo a qualidade do seu estado, é amar o próximo. Isto é, o próximo é o bem deles, pelo qual se deve velar (nos 6818–6824, 8123).

[3] Acerca dos anjos que estão com as crianças pequenas, depois com os rapazes, e assim sucessivamente (n.º 2303). O homem é ressuscitado dos mortos por intermédio dos anjos; experiências (nos 168–189). São enviados anjos aos que estão no inferno para impedir que se atormentem uns aos outros para além da medida (n.º 967). Acerca dos serviços prestados pelos anjos aos homens quando estes entram na outra vida (n.º 2131). Há espíritos e anjos com todos os homens, e o homem é conduzido pelo Senhor por intermédio de espíritos e de anjos (nos 50, 697, 2796, 2887, 2888, 5846–5866, 5976–5993, 6209). Os anjos têm domínio sobre os espíritos maus (n.º 1755).

[4] Na Palavra, os anjos significam algo de Divino proveniente do Senhor (nos 1925, 2821, 3039, 4085, 6280, 8192). Na Palavra, os anjos são chamados «deuses» porque recebem do Senhor a verdade e o bem Divinos (nos 4295, 4402, 8192, 8301).

Capítulo 42

[1] Uma coisa consiste em coisas diversas e recebe assim a sua forma, qualidade e perfeição segundo a qualidade da harmonia e da concorrência entre elas (nos 457, 3241, 8003). Há uma variedade infinita, e nunca uma coisa é igual a outra (nos 7236, 9002). O mesmo sucede nos céus (nos 3744, 4005, 7236, 7833, 7836, 9002). Por conseguinte, todas as sociedades nos céus e todos os anjos de uma sociedade se distinguem entre si, porque estão em bens e usos diferentes (nos 690, 3241, 3519, 3804, 3986, 4067, 4149, 4263, 7236, 7833). O amor Divino do Senhor dispõe todos numa forma celeste e une-os de tal modo que são como um só homem (nos 457, 3986, 5598).

Capítulo 43

[1] São eleitos os que estão numa vida de bem e de verdade (nos 3755, 3900). A eleição e a admissão no céu não provêm da misericórdia, tal como habitualmente se entende esse termo, mas são conformes à vida (nos 5057, 5058). Não há misericórdia do Senhor sem meios, mas apenas através de meios, isto é, para com os que vivem segundo os Seus preceitos; a estes o Senhor, pela Sua misericórdia, conduz continuamente no mundo e, depois, por toda a eternidade (nos 8700, 10659).

[2] Por «pobres», na Palavra, entendem-se os espiritualmente pobres, isto é, os que ignoram a verdade, mas desejam ser ensinados (nos 9209, 9253, 10227). Diz-se que têm fome e sede, o que significa desejar conhecimentos do bem e da verdade, pelos quais se é introduzido na igreja e no céu (no4958, 10227).

Capítulo 46

[1] Na Palavra, a «morte» significa a ressurreição, pois, quando o homem morre, a sua vida continua (nos 3498, 3505, 4618, 4621, 6036, 6221).

[2] O coração corresponde à vontade e, portanto, à afeição que pertence ao amor, enquanto a respiração dos pulmões corresponde ao entendimento e, portanto, ao pensamento (n.º 3888). Daí que o «coração», na Palavra, signifique a vontade e o amor (nos 7542, 9050, 10336). A «alma» significa o entendimento, a fé e a verdade; por isso, «da alma e do coração» significa o que procede do entendimento, da fé e da verdade e o que procede da vontade, do amor e do bem (nos 2930, 9050). A correspondência do coração e dos pulmões com o Homem Máximo, ou céu (nos 3883–3895).

[3] Os batimentos do coração e a respiração dos pulmões reinam em todo o corpo e fluem mutuamente para cada uma das suas partes (nos 3887, 3889, 3890).

[4] O amor é o ser [esse] da vida do homem (n.º 5002). O amor é calor espiritual e, por isso, o próprio princípio vital do homem (nos 1589, 2146, 3338, 4906, 7081–7086, 9954, 10740). A afeição é uma continuação do amor (n.º 3938).

[5] O coração corresponde ao reino celestial do Senhor, e os pulmões ao Seu reino espiritual (nos 3635, 3886, 3887).

Capítulo 47

[1] O homem é o ser no qual se reúnem todas as coisas da ordem Divina, e, pela criação, é a ordem Divina em forma (nos 4219, 4222, 4223, 4523, 4524, 5114, 6013, 6057, 6605, 6626, 9706, 10156, 10472). Na medida em que vive segundo a ordem Divina, é visto na outra vida como um homem completo e belo (nos 4839, 6605, 6626).

[2] As verdades da doutrina da igreja derivadas da Palavra devem ser o ponto de partida e devem primeiro ser reconhecidas; depois é permitido consultar os conhecimentos (n.º 6047). Assim, é permitido aos que estão num estado afirmativo em relação às verdades da fé confirmá-las racionalmente pelos conhecimentos, mas não aos que estão num estado negativo (nos 2568, 2588, 4760, 6047). É conforme à ordem Divina entrar racionalmente, a partir das verdades espirituais, nos conhecimentos, que são verdades naturais, mas não entrar destes naquelas, porque é possível o influxo espiritual nas coisas naturais, mas não o influxo natural ou físico nas coisas espirituais (nos 3219, 5119, 5259, 5427, 5428, 5478, 6322, 9109, 9110).

[3] A profanação é a mistura do bem e do mal e da verdade e da falsidade no homem (n.º 6348). Só podem profanar a verdade e o bem, ou as coisas santas da Palavra e da igreja, os que primeiro as reconhecem, sobretudo os que vivem segundo elas, e depois se afastam da crença e a rejeitam, vivendo para si mesmos e para o mundo (nos 593, 1008, 1010, 1059, 3398, 3399, 3898, 4289, 4601, 10284, 10287). Se, depois de se arrepender de coração, o homem recai nos males anteriores, profana, e o seu estado posterior torna-se então pior do que o anterior (n.º 8394). Os que não reconheceram as coisas santas, e menos ainda os que não têm conhecimento delas, não as podem profanar (nos 1008, 1010, 1059, 9188, 10284). Os gentios que estão fora da igreja e não possuem a Palavra não a podem profanar (nos 1327, 1328, 2051, 2284). Por esta razão, as verdades interiores não foram reveladas aos judeus, pois, se tivessem sido reveladas e reconhecidas, aquele povo tê-las-ia profanado (nos 3398, 4289, 6963). A sorte dos profanadores na outra vida é a pior de todas, porque permanecem não só o bem e a verdade que reconheceram, mas também o seu mal e a sua falsidade; e, como estes se prendem uns aos outros, a vida é dilacerada (nos 571, 582, 6348). Por conseguinte, o Senhor providencia com o maior cuidado para impedir a profanação (nos 2426, 10287).

[4] O rosto é formado de modo a corresponder aos interiores (nos 4791–4805, 5695). A correspondência do rosto e das suas expressões com as afeições da mente (nos 1568, 2988, 2989, 3631, 4796, 4797, 4800, 5165, 5168, 5695, 9306). Nos anjos do céu, o rosto faz um só com os interiores pertencentes à mente (nos 4796–4799, 5695, 8250). Por isso, na Palavra, o rosto significa os interiores pertencentes à mente, isto é, à afeição e ao pensamento (nos 1999, 2434, 3527, 4066, 4796, 5102, 9306, 9546). De que modo o influxo do cérebro no rosto se alterou com o decorrer do tempo, e com ele o próprio rosto quanto à sua correspondência com os interiores (nos 4326, 8250).

Capítulo 48

[1] Um homem, espírito ou anjo bom é o seu próprio bem e a sua própria verdade, isto é, é inteiramente tal como são o seu bem e a sua verdade (nos 10298, 10367). Isto acontece porque o bem constitui a vontade e a verdade o entendimento, e a vontade e o entendimento constituem toda a vida no homem, no espírito ou no anjo (nos 3332, 3623, 6065). É o mesmo dizer que um homem, espírito ou anjo é o seu próprio amor (nos 6872, 10177, 10284).

[2] O homem possui duas memórias, uma exterior e outra interior, ou uma natural e outra espiritual (nos 2469–2494). O homem não sabe que tem uma memória interior (nos 2470, 2471). Quanto a memória interior ultrapassa a exterior (n.º 2473). As coisas contidas na memória exterior estão na luz do mundo, mas as contidas na interior estão na luz do céu (n.º 5212). É a partir da memória interior que o homem pode pensar e falar intelectual e racionalmente (n.º 9394). Todas e cada uma das coisas que uma pessoa pensou, disse e fez, e que viu e ouviu, estão inscritas na memória interior (nos 2474, 7398). Essa memória é o livro da sua vida (nos 2474, 9386, 9841, 10505). Na memória interior estão as verdades que se tornaram verdades da fé e os bens que se tornaram bens do amor (nos 5212, 8067). As coisas que se tornaram hábitos e passaram a fazer parte da vida, desaparecendo assim da memória exterior, estão na memória interior (nos 9394, 9723, 9841). Os espíritos e os anjos falam a partir da memória interior e, por conseguinte, possuem uma língua universal (nos 2472, 2476, 2490, 2493). As línguas do mundo pertencem à memória exterior (nos 2472, 2476).

Capítulo 49

[1] Assim como todas as coisas que existem segundo a ordem no universo se relacionam com o bem e a verdade, assim todas as coisas no homem se relacionam com a vontade e o entendimento (nos 803, 10122), porque a vontade é um recetáculo do bem e o entendimento um recetáculo da verdade (nos 3332, 3623, 5232, 6065, 6125, 7503, 9300, 9995). É o mesmo dizer verdade ou fé, pois a fé pertence à verdade e a verdade à fé; é também o mesmo dizer bem ou amor, pois o amor pertence ao bem e o bem ao amor (nos 4353, 4997, 7179, 10122, 10367). Daqui se segue que o entendimento é um recetáculo da fé, e a vontade um recetáculo do amor nos 7179, 10122, 10367). Como o entendimento do homem pode receber a fé em Deus e a vontade pode receber o amor

a Deus, o homem pode unir-se a Deus pela fé e pelo amor; e aquele que pode unir-se a Deus pelo amor e pela fé nunca pode morrer nos 4525, 6323, 9231).

2 A vontade do homem é o próprio ser [esse] da sua vida, porque é o recetáculo do amor ou do bem; o entendimento é o existir [existere] da vida daí proveniente, porque é o recetáculo da fé ou da verdade (nos 3619, 5002, 9282). Assim, a vida da vontade é a vida principal do homem, e dela procede a vida do entendimento (nos 585, 590, 3619, 7342, 8885, 9282, 10076, 10109, 10110), tal como a luz procede do fogo ou da chama (nos 6032, 6314). Daqui se segue que o homem é homem em virtude da sua vontade e do entendimento que dela procede (nos 8911, 9069, 9071, 10076, 10109, 10110). Cada homem é amado e estimado pelos outros segundo o bem da sua vontade e do entendimento daí proveniente, pois aquele que quer bem e entende bem é amado e estimado; o que entende bem, mas não quer bem é posto de lado e desprezado (nos 8911, 10076). Depois da morte, o homem continua a ser tal como é a sua vontade e o entendimento que dela procede (nos 9069, 9071, 9386, 10153). Por conseguinte, depois da morte, continua a ser tal como é o seu amor e a fé que dele procede; e tudo o que pertence à sua fé, mas não também ao seu amor, desaparece então, porque não está no homem e, portanto, não é do homem (nos 553, 2364, 10153).

3 As coisas interiores fluem sucessivamente para as exteriores, até ao extremo ou último, onde se manifestam e subsistem (nos 634, 6451, 6465, 9215, 9216). Não só fluem, como no último formam o simultâneo; em que ordem (nos 5897, 6451, 8603, 10099). Por isso, todas as coisas interiores se mantêm ligadas e subsistem (n.º 9828). Os atos ou as obras são os últimos que contêm os interiores (n.º 10331). Assim, ser recompensado e julgado segundo os atos e as obras é sê-lo segundo todas as coisas do amor e da fé, ou da vontade e do pensamento, porque estes são os interiores contidos nos atos e nas obras (nos 3147, 3934, 6073, 8911, 10331, 10332).

4 Um «caminho», uma «vereda», uma «estrada», uma «rua» e uma «rua larga» significam verdades que conduzem ao bem ou falsidades que conduzem ao mal (nos 627, 2333, 10422). «Varrer [ou preparar] um caminho» significa preparar para a receção das verdades (n.º 3142). «Dar a conhecer o caminho» significa, quando se refere ao Senhor, instruir nas verdades que conduzem ao bem (n.º 10565).

5 No sentido supremo, o Senhor é o próximo, porque deve ser amado acima de tudo; mas amar o Senhor é amar o que procede d'Ele, porque Ele próprio está em tudo o que d'Ele procede, portanto, é amar o que é bom e verdadeiro (nos 2425, 3419, 6706, 6711, 6819, 6823, 8123). Amar o bem e a verdade que procedem do Senhor é viver segundo o bem e a verdade, e isto é amar o Senhor (nos 10143, 10153, 10310, 10336, 10578, 10645). Cada homem e cada sociedade, bem como a pátria e a igreja e, num sentido universal, o reino do Senhor, são o próximo; e fazer-lhes bem por amor ao bem, segundo o seu estado, é amar o próximo. Isto é, o bem deles, pelo qual se deve velar, é o próximo (nos 6818–6824, 8123). Também o bem moral, que é a honestidade, e o bem civil, que é a justiça, são o próximo; e agir com honestidade e justiça por amor à honestidade e à justiça é amar o próximo (nos 2915, 4730, 8120–8123). Assim, a caridade para com o próximo estende-se a todas as coisas da vida do homem; e amar o próximo é fazer o que é bom e justo e agir honestamente de coração em cada função e em cada obra (nos 2417, 8121, 8124). A doutrina da Igreja Antiga era a doutrina da caridade, e dela tinham a sua sabedoria (nos 2385, 2417, 3419, 3420, 4844, 6628).

6 O próprio do homem consiste em amar-se a si mesmo mais do que a Deus e ao mundo mais do que ao céu, e em ter o próximo por nada em comparação consigo; consiste, portanto, no amor de si e do mundo (nos 694, 731, 4317). O homem nasce neste próprio, que é mal denso (nos 210, 215, 731, 874–876, 987, 1047, 2307, 2308, 3518, 3701, 3812, 8480, 8550, 10283, 10284, 10286, 10732). Do próprio do homem derivam não só todos os males, mas também todas as falsidades (nos 1047, 10283, 10284, 10286). Os males provenientes do próprio do homem são o desprezo pelos outros, a inimizade, o ódio, a vingança, a crueldade e o engano (nos 6667, 7370, 7373, 7374, 9348, 10038, 10742). Na medida em que o próprio do homem domina, o bem do amor e a verdade da fé são rejeitados, sufocados ou pervertidos (nos 2041, 7491, 7492, 7643, 8487, 10455, 10742). O próprio do homem é o inferno nele (nos 694, 8480). O bem que o homem faz a partir do seu próprio não é bem, mas, em si mesmo, mal (n.º 8480).

Capítulo 50

1 Por correspondência, as «trevas» na Palavra significam falsidades, e as «trevas densas», as falsidades do mal (nos 1839, 1860, 7688, 7711). Para os maus, a luz do céu é escuridão densa (nos 1861, 6832, 8197). Diz-se que os habitantes dos infernos estão nas trevas porque estão nas falsidades do mal; acerca deles (nos 3340, 4418, 4531). Na Palavra, os «cegos» significam os que estão nas falsidades e não querem ser ensinados (nos 2383, 6990).

2 Na Palavra, um «buraco» ou uma «fenda de rochedo» significa obscuridade e falsidade da fé (n.º 10582), porque um «rochedo» significa a fé proveniente do Senhor (nos 8581, 10580), e uma «pedra», a verdade da fé (nos 114, 643, 1298, 3720, 6426, 8609, 10376).

3 As impurezas da verdade correspondem à urina (n.º 5390).

[4] Na Palavra, um «campo de cereais» significa um estado de receção e crescimento da verdade a partir do bem (n.º 9294). As «searas» significam a verdade em conceção (n.º 9146). As «vinhas» significam a igreja espiritual e as verdades dessa igreja (nos 1069, 9139). As «pedras preciosas» significam as verdades do céu e da igreja, transparentes a partir do bem (nos 114, 9863, 9865, 9868, 9873, 9905). Uma «janela» significa a faculdade intelectual que pertence à visão interna (nos 655, 658, 3391).

[5] Um «jardim», um «bosque» e um «parque» significam a inteligência (nos 100, 108, 3220). É por isso que os antigos celebravam o culto sagrado nos bosques (nos 2722, 4552). As «flores» e os «canteiros de flores» significam verdades aprendidas e conhecimentos (n.º 9553). As «ervas», os «pastos» e os «relvados» significam verdades aprendidas (n.º 7571). As «árvores» significam perceção e conhecimentos (nos 103, 2163, 2682, 2722, 2972, 7692).

Capítulo 53

[1] As devastações efetuam-se na outra vida, isto é, aqueles que passam do mundo para a outra vida são devastados (nos 698, 7122, 7474, 9763). Os bem-intencionados são devastados quanto às falsidades, e os maus quanto às verdades (nos 7474, 7541, 7542). Os bem-intencionados passam por devastações para também serem despojados das coisas da terra e do mundo que adquiriram enquanto viviam no mundo (nos 7186, 9763). E ainda para que os males e as falsidades sejam afastados, havendo assim lugar para o influxo dos bens e das verdades do céu provenientes do Senhor e capacidade para os receber (nos 7122, 9330). A elevação ao céu é impossível antes de essas coisas serem removidas, porque obstruem as coisas celestes e não harmonizam com elas (nos 6928, 7122, 7186, 7541, 7542, 9763). Os que hão de ser elevados ao céu são assim preparados para ele (nos 4728, 7090). É perigoso entrar no céu antes de estar preparado (nos 537, 538). O estado de iluminação e a alegria dos que saem da devastação e são elevados ao céu, e a sua receção aí (nos 2699, 2701, 2704). A região onde se efetuam essas devastações chama-se terra inferior (nos 4728, 7090). Essa região está sob as plantas dos pés, rodeada pelos infernos; descrição da sua natureza (nos 4940–4951, 7090); pela experiência (n.º 699). Quais são os infernos que mais do que os outros molestam e devastam (nos 7317, 7502, 7545). Os que molestaram e devastaram os bem-intencionados passam depois a receá-los, evitam-nos e afastam-se deles (n.º 7768). Estas molestações e devastações efetuam-se de diferentes modos, segundo a adesão dos males e das falsidades, e duram segundo a sua qualidade e quantidade (nos 1106–1113). Alguns estão inteiramente dispostos a ser devastados (n.º 1107). Alguns são devastados por receios (n.º 4942). Outros, por serem atormentados pelos males que fizeram no mundo e pelas falsidades que nele pensaram, de onde lhes vêm ansiedades e dores de consciência (n.º 1106). Outros, pelo cativeiro espiritual, que é a ignorância e a interceção da verdade, combinadas com o anseio de conhecer as verdades (nos 1109, 2694). Alguns, pelo sono; outros, por um estado intermédio entre a vigília e o sono (n.º 1108). Os que atribuíram mérito às obras parecem a si mesmos estar a cortar lenha (n.º 1110). Outros, de outras maneiras, numa grande variedade (n.º 699).

[2] Todo o bem recebe o seu prazer e a sua qualidade dos usos e segundo os usos; por isso, tal como é o bem, assim é o uso (nos 3049, 4984, 7038). A vida angélica consiste nos bens do amor e da caridade, portanto, em realizar usos (n.º 454). O Senhor e, por conseguinte, os anjos não atendem no homem senão aos fins, que são os usos (nos 1317, 1645, 5854). O reino do Senhor é um reino de usos (nos 454, 696, 1103, 3645, 4054, 7038). Servir o Senhor é realizar usos (n.º 7038). Tal como é o homem, assim são os seus usos (nos 1568, 3570, 4054, 6571, 6935, 6938, 10284).

Capítulo 54

[1] A verdade divina que procede do Senhor é a origem da ordem, e o bem divino é o essencial da ordem (nos 1728, 2258, 8700, 8988). Assim, o Senhor é a ordem (nos 1919, 2011, 5110, 5703, 10336, 10619). As verdades divinas são as leis da ordem (nos 2447, 7995). Todo o céu é disposto pelo Senhor segundo a Sua ordem divina (nos 3038, 7211, 9128, 9338, 10125, 10151, 10157). Por isso, a forma do céu é uma forma conforme à ordem divina (nos 4040–4043, 6607, 9877). Na medida em que o homem vive segundo a ordem, isto é, na medida em que vive no bem segundo as verdades divinas, recebe o céu em si mesmo (n.º 4839). O homem é o ser no qual se reúnem todas as coisas da ordem divina e, pela criação, é a ordem divina em forma, porque é um recetáculo da ordem divina (nos 3628, 4219, 4220, 4223, 4523, 4524, 5214, 6013, 6057, 6605, 6626, 9706, 10156, 10472). O homem não nasce no bem e na verdade, mas no mal e na falsidade; portanto, não nasce na ordem divina, mas no contrário da ordem, e por isso nasce em completa ignorância. É, consequentemente, necessário que nasça de novo, isto é, que seja regenerado, o que é efetuado pelo Senhor mediante as verdades divinas, para que possa ser reconduzido à ordem (nos 1047, 2307, 2308, 3518, 8480, 8550, 10283, 10284, 10286, 10731). Quando o Senhor forma de novo o homem, isto é, o regenera, dispõe nele todas as coisas em harmonia com a ordem, ou seja, na forma do céu (nos 5700, 6690, 9931, 10303). Os males e as falsidades são contrários à ordem; não obstante, os que neles estão são governados pelo Senhor, não segundo a ordem, mas a partir da ordem (nos 4839, 7877, 10777). É impossível que o homem que vive no mal seja salvo apenas pela misericórdia, pois isso seria contrário à ordem divina (n.º 8700).

[2] No sentido interno da Palavra, por Abraão, Isaac e Jacob entende-se o Senhor quanto ao próprio Divino e ao Humano Divino (nos 1893, 4615, 6098, 6185, 6276, 6804, 6847). No céu, Abraão é desconhecido (nos 1834, 1876, 3229). Por David entende-se o Senhor

quanto à realeza divina (nos 1888, 9954). Os doze apóstolos representavam o Senhor quanto a todas as coisas da Igreja, isto é, todas as coisas pertencentes à fé e ao amor (nos 2129, 3354, 3488, 3858, 6397). Pedro representava o Senhor quanto à fé, Tiago quanto à caridade e João quanto às obras da caridade (nos 3750, 10087). Os doze apóstolos sentados em doze tronos e julgando as doze tribos de Israel significavam que o Senhor julgará segundo as verdades e os bens da fé e do amor (nos 2129, 6397). Os nomes de pessoas e de lugares na Palavra não entram no céu, mas são transformados em coisas e estados; e no céu esses nomes nem sequer podem ser pronunciados (nos 1876, 5225, 6516, 10216, 10282, 10432). Além disso, os anjos pensam abstraindo das pessoas (nos 8343, 8985, 9007).

Capítulo 55

1 «Pedra» significa a verdade (nos 114, 643, 1298, 3720, 6426, 8609, 10376). Por esta razão, a lei foi inscrita em tábuas de pedra (n.º 10376). «A pedra de Israel» significa o Senhor quanto à verdade divina e ao Seu Humano Divino (n.º 6426).

2 Uma vida de piedade separada de uma vida de caridade nada aproveita; mas, unida à caridade, é proveitosa para todas as coisas (nos 8252, 8253). A caridade para com o próximo consiste em fazer o que é bom, justo e reto em todos os trabalhos e em todas as ocupações (nos 8120–8122). A caridade para com o próximo abrange todas e cada uma das coisas que o homem pensa, quer e faz (n.º 8124). Uma vida de caridade é uma vida conforme aos mandamentos do Senhor (n.º 3249). Viver segundo os mandamentos do Senhor é amar o Senhor (nos 10143, 10153, 10310, 10578, 10645). A caridade genuína não reclama mérito, porque procede da afeição interior e do prazer que dela resulta (nos 2371, 2380, 2400, 3816, 3887, 6388–6393). O homem permanece depois da morte tal como foi a sua vida de caridade no mundo (n.º 8256). A bem-aventurança celeste influi do Senhor numa vida de caridade (n.º 2363). O mero pensamento não admite ninguém no céu: tem de ser acompanhado pela vontade e pela prática do bem (nos 2401, 3459). Se a prática do bem não estiver unida à vontade do bem e ao pensamento do bem, não há salvação nem conjunção do homem interno com o externo (n.º 3987).

Capítulo 57

1 Na Palavra, a ira e o furor são atribuídos ao Senhor, mas existem no homem; exprime-se assim porque essa é a aparência para o homem quando é castigado e condenado (nos 798, 5798, 6997, 8284, 8483, 8875, 9306, 10431). Também o mal é atribuído ao Senhor, embora d'Ele só proceda o bem (nos 2447, 6071, 6991, 6997, 7533, 7632, 7679, 7926, 8227, 8228, 8632, 9306). Por que razão a Palavra se exprime assim (nos 6071, 6991, 6997, 7632, 7643, 7679, 7710, 7926, 8282, 9010, 9128). O Senhor é pura misericórdia e clemência (nos 6997, 8875).

Capítulo 58

1 Antes de os maus serem lançados no inferno, são devastados das verdades e dos bens; e, quando estes lhes são retirados, são levados por si mesmos para o inferno (nos 6977, 7039, 7795, 8210, 8232, 9330). O Senhor não os devasta: são eles que se devastam a si mesmos (nos 7643, 7926). Todo o mal contém em si o falso; por isso, os que estão no mal estão também na falsidade, embora alguns não o saibam (nos 7577, 8094). Os que estão no mal têm necessariamente de pensar o falso quando pensam por si mesmos (n.º 7437). Todos os que estão no inferno falam falsidades a partir do inferno (nos 1695, 7351, 7352, 7357, 7392, 7689).

2 O próprio do homem, que recebe por herança dos pais, nada mais é do que mal denso (nos 210, 215, 731, 876, 987, 1047, 2307, 2308, 3518, 3701, 3812, 8480, 8550, 10283, 10284, 10286, 10731). O próprio do homem consiste em amar a si mesmo mais do que a Deus e ao mundo mais do que ao céu, e em considerar o próximo como nada em comparação consigo, exceto por causa de si mesmo, isto é, do seu próprio eu; consiste, portanto, no amor de si e do mundo (nos 694, 731, 4317, 5660). Todos os males procedem do amor de si e do amor do mundo quando estes predominam (nos 1307, 1308, 1321, 1594, 1691, 3413, 7255, 7376, 7488, 7489, 8318, 9335, 9348, 10038, 10742). Esses males são o desprezo pelos outros, a inimizade, o ódio, a vingança, a crueldade e a fraude (nos 6667, 7370, 7374, 9348, 10038, 10742). Destes males procede toda a falsidade (nos 1047, 10283, 10284, 10286).

3 Os que não sabem o que é amar o próximo imaginam que todo o homem é o próximo e que se deve fazer o bem a todos os que precisam de ajuda (n.º 6704). Acreditam também que cada um é o seu próprio próximo e que, portanto, o amor para com o próximo começa em si mesmo (n.º 6933). Os que amam a si mesmos acima de tudo, isto é, nos quais prevalece o amor de si, também fazem começar em si mesmos o amor para com o próximo (n.º 6710). Explica-se de que maneira cada um é o seu próprio próximo (nos 6933–6938). Mas os que são cristãos e amam Deus acima de tudo fazem começar o amor para com o próximo no Senhor, porque Ele deve ser amado acima de tudo (nos 6706, 6711, 6819, 6824). As distinções do próximo são tantas quantas as distinções do bem que procede do Senhor; deve fazer-se o bem a cada um com discernimento, segundo a qualidade do seu estado, e isto pertence à prudência cristã (nos 6707, 6709, 6711, 6818). Estas distinções são inumeráveis; por isso, os antigos, que sabiam o que se entende por próximo, distribuíram os exercícios da caridade por classes, designadas por nomes adequados, e assim sabiam em que aspeto cada um era o próximo e de que maneira se devia fazer o bem a cada um com prudência (nos 2417, 6628, 6705,

7259–7262). A doutrina nas igrejas antigas era a doutrina da caridade para com o próximo, e dela procedia a sua sabedoria (nos 2417, 2385, 3419, 3420, 4844, 6628).

4 «O Sol do mundo» significa o amor de si (n.º 2441). Neste sentido, «adorar o Sol» significa adorar as coisas contrárias ao amor celeste e ao Senhor (nos 2441, 10584). «O Sol tornar-se ardente» significa uma cobiça crescente do mal (n.º 8487).

Capítulo 59

1 Há um influxo do mundo espiritual no mundo natural (nos 6053–6058, 6189–6215, 6307–6327, 6466–6495, 6598–6626). Há também um influxo na vida dos animais (n.º 5850) e nos seres do reino vegetal (n.º 3648). Este influxo é um esforço contínuo para agir segundo a ordem divina (n.º 6211, no fim).

2 A correspondência dos dentes (nos 5565–5568). Os que são puramente sensuais e quase nada têm de luz espiritual correspondem aos dentes (n.º 5565). Na Palavra, um dente significa o sensual, que é o último da vida do homem (nos 9052, 9062). O ranger de dentes na outra vida provém dos que acreditam que a natureza é tudo e o Divino nada (n.º 5568).

Capítulo 62

1 Na Palavra, «viajar», tal como «ir», significa a progressão da vida (nos 3335, 4375, 4554, 4585, 4882, 5493, 5605, 5996, 8181, 8345, 8397, 8417, 8420, 8557). «Ir e caminhar com o Senhor» significa receber a vida espiritual e viver com Ele (n.º 10567). «Caminhar» significa viver (nos 519, 1794, 8417, 8420).

2 Uma esfera espiritual, que é uma esfera de vida, emana e se derrama de cada homem, espírito e anjo, envolvendo-o (nos 4464, 5179, 7454, 8630). Emana da vida das suas afeições e pensamentos (nos 2489, 4464, 6206). A qualidade dos espíritos é reconhecida à distância pelas suas esferas (nos 1048, 1053, 1316, 1504). As esferas dos maus são opostas às dos bons (nos 1695, 10187, 10312). Tais esferas estendem-se longe nas sociedades angélicas segundo a qualidade e a quantidade do bem (nos 6598–6613, 8063, 8794, 8797), e nas sociedades infernais segundo a qualidade e a quantidade do mal (n.º 8794).

3 O próprio do homem nada mais é do que mal (nos 210, 215, 731, 874–876, 987, 1047, 2307, 2308, 3518, 3701, 3812, 8480, 8550, 10283, 10284, 10286, 10732). O próprio do homem é o inferno nele (nos 684, 8480).